R
5881


CÆLI ENARRANT GLORIAM DEI. Psalm. 18.7.
VIVIT VT ROS ELO VIV MEV Deut. 32.
SEMEN EST VERBV DEI. Luc. 8.
G. v. Gouwen sculp.



PALAVRA DE DEOS DESATADA

Em Diſcurſos concionatorios

De Doutrinas Euangelicas, Moraes, & Politicas.

PRIMEIRA PARTE

OFFERECIDA

AO GLORIOSO APOSTOLO DO ORIENTE

S. FRANCISCO XAVIER

Por ſeu Author

O P. FRANCISCO DE MATTOS,
da Companhia de JESVS, Meſtre dos
Noviços no Collegio da Bahia.

LISBOA,
POR VALENTIM DA COSTA DESLANDES,
Impreſſor de Sua Mageſtade.

M. DCCIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

PALAVRA DE DEOS

DESATADA

Em Discursos concionatorios

De Doutrinas Euangelicas, Moraes, & Politicas.

PRIMEIRA PARTE





OFFERECIDA

AO GLORIOSO APOSTOLO DO ORIENTE

S. FRANCISCO XAVIER

Por seu Author

O P. FRANCISCO DE MATTOS,
da Companhia de JESVS, Mestre dos
Noviços no Collegio da Bahia.

LISBOA,
POR VALENTIM DA COSTA DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.

M DCCIX.

Com todas as licenças necessarias.



SAGRADO, E APOSTOLICO PRÉGADOR
DA DIVINA PALAVRA
S. FRANCISCO XAVIER.

Dedicamos ao voſſo grande nome
eſte pequeno obſequio.

PREGASTES neſte mundo a Palavra de Deos; & tambem a prégaſtes deſatada. Naõ ſó, porque o voſſo zelo a não ligava com artificio eſtudado, & ornato de mèdidas; mas tambem, porque o Eſpirito Sãto, que por Vós fallava, a dirigia com ſemelhanças de ſemente nos ſeus grãos ſeparada. Annunciando Vós a Palavra de Deos em hũa ſó lingua, a entendião ouvintes de muitas: qual a ſemente de hũa ſó eſpecie concebida em muitas partes da ſeàra. E por iſſo tão deſatada a Palavra de Deos por Vós dita, como a ſemente, que a repreſenta, pelos homens ſemeada; que bem ſe diria então da voſſa ſemeadura o meſmo, que do ſemeador Euangelico nos diz Chriſto. Concebia-ſe a Palavra de Deos no coraçaõ deſtes, & tambem no coraçaõ daquelles, ſeparados huns dos outros: como ſe concebe a ſemente ſemeada

nas diſtancias do meſmo campo, hũas das outras divididas. Prégaſtes tambem a Palavra de Deos ſolta, & livre de todos os grilhões, com que os reſpeitos humanos a poderião prender, & os laços do temor atar. Reprehendeſtes Grandes, arguiſtes pequenos, & intimidaſtes a todos, ſem mais armas, que a Palavra de Deos por Vós prégada. E ainda que jà hoje vos não ouvimos na terra; poderoſo ſois no Ceo, para fazer, que tambem ſe ouça a meſma Palavra de Deos agora eſcrita, & do meſmo modo desligada.



Offerece-a eſte voſſo Devoto

FRANCISCO.

IN.

INTENÇAM DO AVTHOR,

E introducçaõ deſta Obra para os que a lerem.

EM dous ſentidos damos a ler neſtes Diſcurſos a Palavra de Deos deſatada: ou, quando a naõ atamos: ou, quando a ſoltamos. Em hum, quando a naõ atamos, diſtribuindo a ſua doutrina, ſem ligarmos huns diſcurſos com outros: como ataõ as ſyllabas, os que fallão: *oratione ligata.* E em outro, quando a ſoltamos, arguindo,& exhortando com a liberdade do Apoſtolo,& ajuſtados à ſua ſentença: *Verbum Dei non eſt alligatum.* Para naõ diſcorrermos pois a palavra de Deos atada, temos bem fundado motivo nas Eſcrituras,que logo ao principio offerecemos na pintura da eſtampa, & nòs agora explicamos: moſtrando a eſtampa eſcrita o meſmo que a pintada. 2. ad Tim. 2. 9.

Cæli enarrant gloriam Dei,diz David: publicão os Ceos a gloria de Deos. *Admirabilis planè eſt prædicatio, quâ Cæli enarrant gloriam Dei*, commenta Bellarmino: aquella declamaçaõ da gloria de Deos, he prégaçaõ da divina palavra: *Admirabilis prædicatio.* Podemos porèm conſi- Pſal. 18. Bellarmin. hic

derar, que he prégação, ou palavra de Deos là deſatada, aſſim como nòs aqui a deſatamos. Como aquelle altiſſimo Serma, ſe faz là do firma-
Eodem Pſalm. mento: *& opera manuum ejus annuntiat firmamentum:* as Eſtrellas, o Sol, & a Lua ſaõ as lin-
Bellar. min. ib. guas, em que elle prega: *In eo Stellæ, Sol, & Luna gloriam Dei manifeſtam faciunt.* E o fazem cõ as ſuas luzes, que ſão as ſuas palavras, tão deſligadas hũas das outras, quanto os meſmos luminoſos eſtão entre ſi diſtantes. Do meſmo modo, que o Eſpirito Santo deceo ſobre os ſagrados Apoſtolos, quando os enſinou a prégar: com lin-
Actor. Apoſt. 2. 3. guas tambem desligadas: *Apparuerunt diſpertitæ linguæ.*

He verdade, que os noſſos diſcurſos aſſim deſatados, como eſtas linguas, & como aquellas luzes, nem fallão como as linguas do Eſpirito Sãto, nem como as vozes do firmamento. Mas ao menos, bem ſe poderão parecer com as humildes flores do campo tambem entre ſi diverſas, & deſatadas: para delles ſe ir depois colhendo, & compondo hum todo; aſſim como dellas tãbem ſe colhe, & compõem outro. E iſto he, o que nòs jà fizemos; porque grande parte dos diſcurſos deſta Obra jà forão atados em Prégações domeſticas: outros depois de atados para algũas publicas; por não chegarem a ſer ouvidos, os deſatamos aqui eſcritos. E os mais, ſem pri-

primeiro ſerem atados, & ouvidos, nem deixados de ſe ouvir, depois de atados; foraõ com novo eſtudo compoſtos, para de algum modo ſer bem recebido eſte noſſo trabalho: ſe naõ pelo pezo; pelo volume.

Fluat ut ros eloquium meum, cantou Moyſes, quando ſe vio chegado à hora da morte: deſejava, que por ſemelhança com o orvalho foſſe a ſua deprecaçaõ ouvida: a ſua palavra dizendo-ſe: *eloquium meum*, como o orvalho caindo: *fluat ut ros*. Eſte he o literal do texto: & o moral da meſma letra he proprio da palavra de Deos, dizem os ſeus Commentarios: *Aptè verbum Dei hìc comparari*: quando ſe conſidera abrandando, & fertilizando a alma: *animam lenit, humectat, pinguefacit, & fœcundat*. E nòs advertimos, que o orvalho, quando cahe, naõ vem junto, nem ligado: vem no meſmo andar de tudo o que tem curſo ſucceſſivo com hũas partes depois de outras, & entre ſi deſatadas: do meſmo modo, que as gottas do chuveiro, & como os eſtillos do rocio, com os quaes tambem queria Moyſes ſe pareceſſe a ſua Oraçaõ: *Quaſi imber ſuper herbam, & quaſi ſtillæ ſuper gramina*. Nem eſta noſſa accommodaçaõ parecerá violenta na ſemelhança, que lhe damos entre a palavra de Deos, & o orvalho do Ceo: aſſim como Moyſes a naõ conſiderava forçada entre o meſmo

Deut. 32. 2.

Vid. Corn. hi.

Ibid.

orvalho, & a ſua locuçaõ: *ut ros eloquium.* Se nòs attendermos aos deſejos, com que foy ſuſpirada a vinda do Filho de Deos, naõ diziaõ entaõ os Profetas o contrario, do que nòs agora dizemos. Tambem quando lemos em Iſaias:
Iſai 45. 8. *Rorate Cæli deſuper, & nubes pluant juſtum*: orvalho, & palavra vem a ſer o meſmo. Como orvalho, & como chuva, era deſejado o Divino Verbo, & Palavra divina: *Rorate Cæli: nubes pluant.* E aſſim como Moyſes deſejava que as palavras da ſua declamaçaõ lhe cahiſſem da boca: *ut ros, & quaſi imber*; & como nòs entendemos, desligadas; tambem quizemos, que eſtes diſcurſos nos correſſem da penna como orvalho, ou como chuveiro: & do modo, que dizemos, deſatados. Ou aſſim como o que Deos diſſe na ſua divina palavra vinda do Ceo, como orvalho, & como chuveiro: *Rorate Cæli: nubes pluant*: tudo vemos entre ſi diſtinto, & ſeparado; o noſſo eſtudo foy, alludindo àquelle orvalho, ou chuveiro do Ceo, dar a ler a palavra de Deos em aſſumptos diverſos, & argumentos divididos.

Luc. 8. 11. *Semen eſt verbum Dei*: ouvimos dizer a Chriſto: he a palavra de Deos, como ſemente: & nòs tambem havemos de accommodar eſta ſua ſentença ao noſſo aſſumpto. Tambem dizemos, que aſſim como a ſemente cahe deſatada hũa da outra;

outra ; a palavra de Deos cahe do meſmo modo deſatada : a palavra de Deos, na alma ; & a ſemente, na terra. *Aliud cécidit ſecus viam :* Ibid. 5. & ſeqq. *aliud cécidit ſupra petram : aliud cécidit inter ſpinas : & aliud cécidit in terram bonam.* Suppomos ſabida , & muitas vezes moralizada eſta parabola no meſmo ſentido , em que foy propoſta : & deſte nos divertimos nòs agora , ſervindo-nos ſó o desligado da ſemente , para o accommodarmos à palavra de Deos desligada. Nem diſcorremos muito extenſos , moſtrando-a deſatada nos muitos Sermões , que fez Chriſto em toda a ſua vida : em hum ſó, que chamamos o Sermaõ do monte : *Aſcendit in* Matth. 5 1. & 2. *montem, & aperiens os ſuum docebat eos, dicens :* temos a ſemelhança toda do deſatado da palavra de Deos ; aſſim como neſte tratado nòs a annunciamos, & a eſcrevemos deſatada.

Neſte Sermão, pois, prégou Chriſto da pobreza : *Beati pauperes ;* da manſidão : *Beati mites* ; das lagrimas : *Beati, qui lugent* ; do deſejo das virtudes : *Beati, qui eſuriunt , & ſitiunt juſtitiam* ; da compayxão dos pobres : *Beati miſericordes ;* da pureza da alma : *Beati mundo corde*; da paz do animo : *Beati pacifici* ; da paciencia : *Beati, qui perſecutionem patiuntur ;* & do ſofrimento das afrontas : *Beati eſtis , cùm maledixerint vobis.* Logo paſſou a retratar no ſal a ſa- Ibid. à v. 3. uſq. ad v. 11.

be-

bedoria: *Vos eſtis ſal terræ*; na luz, a doutrina:
Ibid. 13. Ibid 14. *Vos eſtis lux mundi*; nas boas obras, o exem-
Ibid. 16. plo: *Ut videant opera veſtra bona*; & na obſer-
Ibid. 18. vancia da ley, a inteireza: *Jota unum non præteribit.* Depois diſcorreo as finezas da carida-
Ibid. 21. de: *Audiſtis, quia dictum eſt: non occîdes, &c.*
Ibid. 27. a fermozura da caſtidade: *Audiſtis, quia dictum eſt: non mœchaberis, &c.* a importancia da
Ibid 33. verdade: *Audiſtis, quia dictum eſt: non perju-*
Ibid. 43. *rabis, &c.* & as medidas da amizade: *Audiſtis, quia dictum eſt: diliges proximum, &c.* Todos eſtes aſſumptos differentes, diverſos, & desligados entre ſi, & todos da palavra de Deos deſatada: no que logo ao principio deſte Sermão foy advertir Cornelio: *Per breves gno-*
Corn. hic. *mas, diſparatas ſine ordine, & nexu certo*: aſſim como nòs ſem liame, nem teçume entre eſtes noſſos diſcurſos.

2 ad Tim. 2 9. *Verbum Dei non eſt alligatum*: prégou S. Paulo: a palavra de Deos, havendo ella de reprehender, ha-ſe de ſoltar; nem o temor, nem o reſpeito a hão de prender. E he o ſegundo ſentido dos dous, que propuzemos no principio deſta Introducção: o primeiro, quando a palavra de Deos ſe não ata; & he o que até aqui diſcorremos: o ſegundo, da palavra de Deos, quando ſe ſolta; & he no que agora fallamos, & em muitos dos diſcurſos deſta Obra imos moſ-

moſtrando. Os diſcurſos, todos entre ſi deſatados; & as materias de muitos, da palavra de Deos não ligada. E iſto meſmo fez tambem Chriſto naquelle Sermão dos ſeus aſſumptos: *ſine ordine, & nexu certo*; elles entre ſi deſatados; & os argumentos de muitos, ſoltos. Prégou alli contra toda a hypocriſia; contra a dos que na eſmola fazem: *ut honorificentur*; Matth. 6. 2. contra a dos que em publico orão: *ut videantur*; & contra a dos que com jejuns ſe attenuão: *ut appareant*. Eſtranhou os ſolicitos cuidados do enthezourar: *Nolite theſaurizare in terra*; as deſordenadas intenções do ver: *Si oculus tuus fuerit nequam, &c.* & os vicioſos actos do ſervir: *Nemo poteſt duobus dominis ſervire*. Condenou o juizo dos homens: *Nolite judicare, &c.* o deſprezo do ſagrado: *Nolite dare ſanctum canibus, &c.* & a doutrina dos profetas fingidos: *Attendite à falſis prophetis, &c.* Ibid. 5. Ibid. 16. Ibid. 19. Ibid. 23. Ibid 24. Matth. 7. 1. Ibid. 6. Ibid. 15.

Huma imitação deſte meſmo zelo ſe verà eſcrita em muitos dos noſſos diſcurſos, para que tambem com o ſentido da palavra de Deos não ligada, ou ſolta, appareça o argumento todo deſta Obra concionatoria: Palavra de Deos deſatada. O fim he ſanto; porque he a gloria, & ſerviço de Deos, que nella intentamos: os meyos para eſte fim tambem

ſaõ

saõ ſantos; porque he a ſua palavra ouvida, & guardada; & ainda que o Author o naõ he, ſupprirà Deos a falta da ſua virtude com as dos Oradores, que a prégarem. *Dominus dabit verbum euangelizantibus, virtute multa.*

Pſal. 67. 12.



TABOA

Dos Diſcurſos deſta Primeira Parte.

Comprehende dez letras do Alfabeto, & naõ tem mais nota, que a dos numeros.

DISCURSOS DA LETRA A.

Amor. HE prova das ſuas finezas a ſua liberalidade. num. 1.

Amantes. Os de mais fino amor, mais attendem ao bem dos amados, que ao ſeu bem. num. 5.

Aviſos. Os que ſaõ conſelhos, ou reprehenſões, tem mais ſeguro ſucceſſo feitos pelo Superior, que mandados fazer por outro. num. 9.

Amor. As ſuas azas ſaõ para trazer à prizão. num. 13.

Adorações. As compradas, ainda ſó por repreſentação, tanto tem de abominação, como de compra. num. 15.

Acções. São menos arriſcadas a ſe viciarem pelas obras das mãos, do que pelos paſſos dos pès. num. 17.

Amor. Tambem o divino faz cegos. num. 18.

Amizade. Na preſente reconciliada não ha de haver lembrança da inimizade paſſada. num. 19.

Afrontas. Quanto eſtas forem mais pezadas, tanto do ſeu perdão leva a balança dos merecimentos mais pezo. num. 21.

Alma.

Alma. *Não ha de andar menos compaſſada que ò corpo; nem tanto como elle.num.22.*
Arte. *Tambem a tem o odio, aſſim como a tem o amor. num.25.*

DISCURSOS DA LETRA B.

Bem. *O Da virtude ha de ſer como o da luz.n.1.*
Batalha. *A dos vicios buſcados he mais perigoſa que a dos que buſcão.num.2.*
Bem. *Nem ſempre he o mais defendido; & muitas vezes he o menos amado.num.5.*
Beneficios. *Ainda quando poſſuidos, ſaõ arriſcados.n.7.*
Bemaventuranças. *Mais ſaõ os que amão as apparentes, do que os amantes das verdadeiras.num.8.*
Balança. *A da conta da vida, aſſim como péza ao eſpirito, péza tambem ao corpo.num.12.*
Bondade. *Na das noſſas obras quer Deos tambem ter parte; aſſim como quer que nòs tambem tenhamos parte na bondade das ſuas.num.14.*
Bonança. *Mais tormentoſa he a do mar das culpas, do que a tempeſtade do mar das ondas. num.17.*
Beneficio. *As mãos de quem o faz, não hão de olhar para as mãos de quem o recebe. num.18.*
Barro. *O de Adam tanto ha de ſer lembrado pelo que foy, como pelo que he, & pelo que ha de ſer. num.19.*
Brado. *Nem por ſer o mayor, mais ouvido.num.21.*

DISCURSOS DA LETRA C.

Caſtigo. *Q Uem já lhe tomou o pezo, não ha de querer que o tomem outros.num.1.*

Colunas. *Tambem arruinão as repreſentadas, aſſim como as verdadeiras.num.2.*
Culpa. *Quem a commetteo, não lhe deſcobrio a ſua fealdade, ſenão depois que cahio.num.7.*
Correcçaõ. *Sendo merecida de muitos, não ſe deixa de dar a todos.num.10.*
Confiança. *A demaſiada de quem confia muito de ſi, quanto mais promette, mais falta.num.11.*
Coraçaõ. *O que he bom, he o mayor bem; & he o mayor mal, o que he mao.num.12.*
Coroa. *Tanto honra, quanto péza; & nem por ſer tão pezada, menos appetecida.num.15.*
Caridade. *Poſto que comece por ſi, não ha de acabar em ſi, ſe he verdadeira caridade.num.16.*
Caſtigos. *Muitos dos que ſaõ das mãos de Deos, parecem huns, & ſaõ outros.num.19.*
Caminho. *Pelo que leva para Deos, não póde ir o que he levado pelo do mundo.num.25.*
Cinzas. *As dos bons, ainda ſaõ vivas depois delles mortos; & as dos maos jà ſaõ mortas, ainda ſendo elles vivos.num.28.*
Cruz. *A que ſe parecer com a de Chriſto, ha de ſuſtentar nos ſeus braços ao que a leva; aſſim como o que a leva, a ſuſtenta nos ſeus.num.32.*
Cautela. *Não ha de ſer hũa ſó, para ſer a neceſſaria. num.36.*
Companhia. *A dor da perdida, he a melhor prova do preço da lograda. num.37.*

DIS-

Deſcanço. NO que for mayor ſe ha de temer o mayor trabalho. num. 1.

Deſejo O bom não cumprido, tanto dãno faz, como o mao executado. num. 4.

Deſprezo. He mais eſtranhado nos que ſaõ de mayor nobreza. num. 6.

Dias. Como ſaõ muitos, & muitas as circunſtancias, que os fazem diverſos; ha dia do juizo, que não he para tão temido, como o juizo do dia: & ha dia do juizo, que nem o juizo, nem o dia devem ſer temidos. num. 7.

Defeitos. O ſeu mayor mal he a ſua repetição, & ſucceſſaõ de huns a outros. num 12.

Dependencia. Quando he demonſtração do amor, he mayor que a fineza da ſua liberalidade. num. 13.

Defenſa. Muito pouca temos contra as noſſas culpas, quando ellas ſe armão contra nòs: & muito menos, quando nos não armamos nòs contra ellas. num. 14.

Deſcanço. Não ſe ha de ter no que ſe obra, ſenão quãdo o que ſe vè já feito, ſe parece com quem o faz. num. 16.

Dias. Melhores ſaõ pelo que nòs lhes damos, do que pelo que elles tem. num. 18.

Deos. Quem melhor o ſerve mais teme deixar de o amar, do que ſer caſtigado, porque o não ama. num. 23.

Dadivas. Primeiro ſe vè o ſeu effeito naquelle que as offerece, do que no outro, que as recebe. num. 25.

Doutrina. Tantos Meſtres tem a que he boa, como a q̃ o não he; & ſaõ mais os diſcipulos deſta, q̃ da outra. n. 27.

Dor. *He a mayor, a que se não sabe qual he num.* 38.
Dividas. *Das que se devem a Deos seguem se muitos bẽs: & não das que se devem aos homens num.* 40.

DISCURSOS DA LETRA E.

Exame. *Tão necessario he, para se fugir do mal; como para se applicar o remedio. num.* 1.
Emenda. *Para ser firme, não basta que o seja dos actos da culpa; se o não for da sua causa. num.* 3.
Espirito. *O que he levantado, não influe em acções baixas: assim como não anima as elevadas, o que he humilde. num.* 5.
Escandalo. *Tanto se ha de zelar, que se não veja; como que não pareça que foy visto. num.* 7.
Ensino. *Mais aproveita o obrado, que o dado. num.* 8.
Esperança. *A da emenda, ainda quando a não ha, se póde fazer: ainda a quem a não tem, se lhe póde dar. num.* 9.
Espirito. *Tambem tem pezo, & balança, em que se péza: & Deos he o Juiz desta balança, & deste pezo. num.* 11.
Exercicio. *O das virtudes não ha de ser hum, & parecer outro. num.* 13.
Enfermidade. *Cura-se com anticipado remedio; & quẽ não quer este remedio, quer a enfermidade, que elle cura. num.* 16.
Escravo. *Não ha quem o não possa ser; nem quem isto mesmo não deva temer. num.* 19.
Edificio. *Assim como ligão no material as pedras, ligão no*

eſpiritual as virtudes. num.20.

Eſmola. *O conſelho de não ſaber a mão eſquerda, quando a faz a mão direita; he de hum ſegredo, que o guarda a ſeu modo aquelle, que não faz a eſmola; & o guarda, como ſe deve guardar, aquelle que a faz. n.23.*

DISCURSOS DA LETRA F.

Fama. *TAmbem a noſſa he neceſſaria para a dos outros. num.1.*

Fortuna. *He mais arriſcada, quando dita, que quando lograda. num.4.*

Falſidade. *Não ſe prova melhor com as teſtemunhas mais falſas; ainda que ſe prove melhor a verdade com as mais verdadeiras. num.6.*

Fama. *Nem por mais illuſtre, menos expoſta a ſer eclipſada. num.7.*

Finezas. *Não ſaõ para menos abominadas as do odio, que para mais celebradas as do amor. num.9.*

Fruto. *Hum ſó foy verdadeiramente bemdito; os malditos ſaõ muitos. num.12.*

Filhos. *São os melhores, os parecidos cõ os melhores pays: aſſim como o melhor exemplo com o melhor exemplar. num.15.*

Fermoſura. *Não he a mayor a de mais agrado; he a de mais duração. num.17.*

Furto. *Mais ſaõ os ladrões do prohibido, que do licito. num.18.*

Fim. *O noſſo melhor, fez Deos: & nòs fazemos o noſſo peyor. num.19.*

DIS-

DISCURSOS DA LETRA G.

Guerra. *Mayor he a do inimigo, que ouve a murmuração; do que a do inimigo murmurador. num. 1.*

Governador. *Ha de ser o seu governo para bem dos que governa. num. 3.*

Graça. *A de Deos he para os que a buscão, de muito preço; & muitas vezes de nenhum para os que ella busca. num 6.*

Gostos. *Não havendo na vida hum só, que seja perfeito; na morte podemos considerar haver muitos. n. 10.*

Guia. *Não póde ser boa, a que não he bem guiada. n. 13.*

Guarda. *De si mesmo tambem cada hum o póde ser; & se o não for, tambem se póde guardar de si mesmo. n. 14.*

Governos. *Os do mundo nem saõ cruz, nem saõ pezo, nem saõ jugo; saõ enganos. num. 15.*

Geraçaõ. *Não está sem ella o peccado; & sem ter raiz a sua arvore, não deixa de ter fruto. num. 17.*

DISCURSOS DA LETRA H.

Honras. *Saõ para mais estimadas as acquiridas, & não as herdadas. num. 1.*

Homem. *Ha de ser mais, & não menos, para ser homem perfeito. num 3.*

Hypocrisia. *Ainda sendo tão grande mal, póde ser causa de muito bem. num. 5.*

Honra. *Fugir della, he ir para ella. num. 7.*

Horas. *Todos temos as nossas; & muitas das que saõ boas, saõ màs; & das que saõ màs, saõ boas; depois dellas passadas. num. 8.*

Herança. *A dos bens temporaes, he o melhor bem, & o peyor mal.num.9.*
Habitos. *Os das virtudes saõ menos pezados que os dos vicios; & os dos vicios mais facilitados que os das virtudes.num.13.*
Hora. *Tambem a tentação tem a sua; como tem a sua a morte.num.16.*
Hospital. *Não he só o dos corpos enfermos, o que se ha de visitar pela caridade dos sãos; tambem deve ser assim visitado o hospital da enfermidade das almas. num.19.*

DISCURSOS DA LETRA I.

Inimigos. *Saõ mais para temidos os encubertos. num.1.*
Justiça. *Da divina sempre se ha de ter todo o temor, ainda que os seus ameaços a não mostrem toda.num.3.*
Injustiça. *Ainda os que a não conhecem, a sentem. n.5.*
Interesse. *Mais appetecido he o dos bens, que o das honras.num.7.*
Inspirações. *Tambem os homens pódem ser authores das suas; assim como das suas o he Deos.num.8.*
Inimigo. *Quanto for mayor o da virtude, tanto melhor a póde elle mesmo julgar.num.9.*
Juizes. *Hão de poder, & temer: não hão de enganar, nem interessar, num.11.*
Inveja. *Tanto póde matar, como morrer.num.13.*
Inimigos. *O mesmo tempo do seu odio, ha de ser o do nosso amor num.15.*

Juſtiça. *He arriſcada a do Julgador, que mais a quer ouvir, do que ver. num.* 18.
Injuria. *Quanto o ſeu perdão lhe tarda, tanto ella mais crece. num.* 20.
Inferno. *Ser a elle condenado, antes do juizo, póde ſer para bem, ou para mal do condenado. num.* 23.
Juizo. *O que cada hum faz de ſi meſmo, acrecenta o temor ao juizo, que Deos delle faz. num.* 26.

DISCURSOS DA LETRA L.

Luminoſos. *OS que melhor luzem em ſi, eſſes attendem mais às luzes dos outros. n.* 1.
Lucro. *Para ſer grande o noſſo, ha de entrar Deos com o ſeu. num.* 3.
Lingua. *Se he mà, ou a havemos de temer, como a morte; ou nos havemos de valer da morte, para a não temer. num* 4.
Livro. *He mudo, que falla, & não ſe ouve. num.* 8.
Letras. *Mais riſco ha com ellas, que ſem ellas. num.* 11.
Liberdade. *Tambem ha tempo, em que atormenta n.* 13.
Louvores. *Antes comprados, que empreſtados. num.* 14.
Liberal. *Não he o mayor o que dà tudo, nem o que dà a todos, nem o que dà ſempre: he o que ſabe dar. n.* 17.
Lagrimas. *Tiraõ hũa viſta, & daõ outra. num.* 20.
Lembrança. *A melhor repreſentaçaõ do Sol; & entaõ a peyor lembrança. num.* 25.

LICENÇAS.

CENSURA DO P. ESTANISLAO de Campos, da Companhia de Jesus, Reytor do Collegio da Bahia.

PADRE PROVINCIAL.

MAnda-me V.R. que lea, & dè meu parecer no livro, que tem por titulo: *Palavra de Deos desatada*: composto pelo Padre Fràcisco de Mattos da nossa Companhia, ao presente Mestre de Noviços neste Collegio da Bahia, & Provincial, que foy nesta Provincia do Brasil. Facil me foy a execuçaõ deste preceito; porque na leytura delle achey tanta suavidade, que se houvesse de dizer, o que o juizo concebe, & admira, naõ só offenderia a modesta humildade do seu Author, mas passaria a ser Panegyrista desta Obra: na qual, os que a lerem, admiraràõ a singularidade do estylo, a naturalidade das Escrituras, & a fecundidade dos Santos Padres, que parece fallàraõ todos só para esta Obra: concordia, que lhes grangeou a agudeza, & profundidade de engenho do seu Author.

thor. Nelle não achey couſa, que offenda a noſſa Santa Fé, & bons coſtumes; antes me parece ſerà a ſua lição proveitoſa aos que ſe quizerem aproveitar da palavra de Deos, que tambem deſatada prende, & converte. Eſte he o meu parecer. Collegio da Bahia 9. de Janeiro de 1707.

Eſtanislao de Campos.

)(

CENSURA DO P. BARTHOLOMEO Leão, da Companhia de Jeſus.

PADRE PROVINCIAL.

COm cuidado, & recreação li por ordem de V.R. a *Palavra de Deos deſatada*, que atou o Padre Meſtre Franciſco de Mattos: & tive muito que aprender della; & o teráõ, os que quizerem ler para bem ſeu tão bem atada, & deſatada Palavra: aſſim na diſpoſição das materias commuas, como na muy ligada eloquencia, & moderno eſtylo dos aſſumptos particulares. Bem moſtra, que vive no Paraiſo da Companhia, (no Noviciado digo, que rege) onde, como abelha meſtra, & argumentoſa, ſó prepàra para Deos colmeas de virtudes religioſas, & colhe flores da eloquencia Chriſtãa, tão primoroſas, que em cada titulo liga muitas primaveras de erudição, ſuavidade, & doutrina. Todo o livro por ſi attrahe ſuave, move douto, & ſuſpende doutrinal. São ſobejos do que jà prégou, & imprimio: & não era bem, que conforme o que Chriſto obrou, deixaſſe hum diſcipulo ſeu, & Meſtre tambem noſſo, perecer os fragmentos do pão da ſua doutrina. Muitos ſe aproveitaráõ em livros eſpeciaes deſtes ſeus fragmentos: &

não

não havião de ficar no escuro do descuido, sendo elles tão doutos, tão estudados, & tão deliciosos. Seria isto hum naufragio da religiosa constância no estudo das boas letras: & hũa perda dos fragmentos da fruta coroada, que tanto gaba nos beiços (differa eu aqui, locução) da sua estimada Esposa o mais santo amante. A qual coroada fruta, aberta pela generosidade de sua indole; em querer franquear a abundancia dos grãos que occulta, nos offerece animados rubîs, lucidos nas cores, suaves ao palato, & frequentes no numero. Taes julgo os assumptos deste livro: & por isso digno da luz publica. Porque nelle não ha cousa contra a Fé, & bons costumes; mas antes ha muito que admirar, q aprender, & que seguir. Este he o meu parecer, *salvo semper meliori judicio.* Collegio da Bahia 24. de Janeiro de 1707.

Bartholomèo Leão.

CEN-

CENSURA DO P. FRANCISCO DE Souſa, da Companhia de Ieſus.

PADRE PROVINCIAL.

POr mandado de V.R. vi eſte livro intitulado: *Palavra de Deos deſatada*: compoſto pelo P. Franciſco de Mattos, Provincial que foy deſta Provincia do Braſil, & actualmente Meſtre de Noviços neſte Collegio da Bahia. Em dous ſentidos, declarados pelo Author na Introducçaõ deſta ſua Obra, dà a ler a Palavra de Deos: a ſaber, quando a naõ ata, diſtribuindo a ſua doutrina ſem ligar huns diſcurſos com outros: & quando a ſólta, exhortando com a generalidade que inſinuou o Apoſtolo, quando diſſe, que naõ he ligada a palavra de Deos. E parece, que com porfiada competencia concorreo a natureza, & concorreo a graça, enriquecendo a taõ inſigne Compoſitor com as prerogativas, de que he dotado, & ſe daõ claramente a conhecer, tanto neſte livro, como em todos os mais, que tem dado à eſtampa. Para conſeguir os tres effeitos, a q̃ diz Caſſiodoro deve propender todo o empenho de hum Orador perfeito, & conſummado; pois, quanto he da ſua parte, ha de mover, ha de enſinar, & ha de recrear os ouvintes. *Iria ſunt, quæ præſtare debet Orator: ut*

Caſſiod. cap. 2. de Arte Rhetor.

ut moveat, doceat, & delectet. Tudo verifica no Author deſte livro a efficacia com q perſuade, a clareza cõ q enſina,& a ſuavidade de eſtylo,cõ q fundado nas ſagradas Eſcrituras,& nas ſentenças dos Santos Padres, faz q todos entendaõ o meſmo q perſuade, & enſina. As palavras de q uſa, ſobre prudentes,& diſcretas,ſaõ taõ proprias,como ſe determinadamente foſſem inſtituidas para os lugares,em q neſta Obra ſe vem eſcritas: ſem exceſſo,nem diminuiçaõ do q ſe poderia deſejar, para ſe perceber à primeira viſta tudo o q nellas pretende ſignificar o Author. Graça tão admiravel he eſta, que lhe chamou Heſio theſouro opulentiſſimo de eloquencia:

Optimus eſt homini linguæ theſaurus,& ingens
Gratia,quæ partis menſurat ſingula verbis.

Heſius apud Plutar. in Lac.

Tudo verà copiado neſte livro,quẽ ler cõ a devida tẽçaõ os diſcurſos de doutrinas Euangelicas, Moraes,& Politicas,de q ſe integra: taõ concernentes para conſeguir o intento de ſe aborrecerẽ os vicios,& de ſe eſtimarẽ os coſtumes ſantos,& virtuoſos;q no meſmo artificio,cõ q dà o Author a ler a palavra divina deſatada, reſplãdece a induſtria,cõ q diſpõem os corações humanos para ſe atarẽ affectuoſamẽte cõ Deos. Por onde me parece eſta liçaõ de grande utilidade para todos os q a verſarem; & por iſſo digniſſima de ſe imprimir. Collegio da Bahia 7. de Fevereiro de 1707.

Franciſco de Souſa. LI=

LICENÇA DO M.R.P.PROVINCIAL Ioaõ Antonio Andreoni.

JOaõ Antonio Andreoni, da Companhia de JESUS, Provincial da Provincia do Braſil, por commiſſaõ eſpecial que tenho do noſſo M. R. P. Miguel Angelo Tamburini, Prepoſito Géral, dou licença para que ſe poſſa imprimir o livro intitulado, *Palavra de Deos deſatada*, compoſto pelo Padre Franciſco de Mattos, da Companhia de JESUS; o qual foy reviſto, & approvado por Religioſos doutos da meſma Cõpanhia por nòs deputados para iſſo. E em teſtemunho de verdade dey eſta ſubſcripta cõ o meu ſinal, & ſellada com o ſello do meu Officio. Bahia aos 7. de Julho de 1707.

Ioaõ Antonio Andreoni.

Do

Do Santo Officio.

VIstas as informações, póde-se imprimir o livro intitulado, *Palavra de Deos deſatada*, de que trata eſta petiçaõ; & impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença que corra, & ſẽ ella naõ correrá. Lisboa 18. de Janeiro de 1709.

Carneiro. Moniz. Monteyro. Ribeyro. Rocha. Fr. Encarnação. Barreto.

Do Ordinario.

PÓde-ſe imprimir o livro de que ſe trata neſta petiçaõ, viſtas as informações; & impreſſo tornará para ſe conferir, & dar licença para correr, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 19. de Janeiro de 1709.

M. Biſpo de Tagaſte.

Do Paço.

APPROVAÇAM.

SENHOR.

POr mandado de V. Mageſtade vi o livro intitulado, *Palavra de Deos deſatada*, compoſto pelo P. M. Franciſco de Mattos, da eſclarecidiſſima, & nunca aſſás louvada Religiaõ da Cõpanhia

panhia de Jeſus, no ſeu Collegio da Bahia; & para naõ ter couſa, que encontre a regalia da Coroa, & Real ſerviço de V. Mageſtade, baſta ſaberſe, q̃ ſahio do ſagrado clauſtro deſta Religiaõ; tudo o q̃ trata, ſaõ huns diſcurſos moraes, & cõcionatorios, eſcritos com grande erudiçaõ, & naõ menos elevado eſpirito, comprovados cõ muitos textos ſagrados, em cuja applicaçaõ, & explicaçaõ bem moſtra o Author o ſeu grande engenho, pois nem falta ao literal delles, quando a materia o pede, nem propõem allegorias improprias, ou com que fiquem as Eſcrituras violentas, & ridiculas; mas antes ſe ajuſta em tudo à doutrina de Sixto Senenſe, que todos os Prégadores devem ter muito na memoria: *Sicut minimè probandi ſunt quidam noſtri ſæculi expoſitores, qui ſpretis myſticis ſenſibus, tamquam fortuitis cogitationibus, & ad arbitrium excogitatis, dormitanti litteræ perpetuò aſſident, & ſolùm mortuis ſyllabis, & dictionibus incumbunt, frigidi ſine ſpiritu exanges, & exanimes; ita graviter damnandi ſunt inepti noſtrorum temporum expoſitores, qui rejecta prorſus litterali expoſitione, tãquam re leviſſimi momenti... in ſingulis Scripturæ locis, coactas quaſdam, & inſulſas allegorias protrahunt, vim inferentes divinæ Scripturæ, & deſtructa hiſtoriæ veritate, ridiculas cogitationes ſuas venditant, tamquam magna, & arcana Eccleſiæ ſacramenta.* E como eſte Author cõ toda

Sixto Senenſ. lib 3. Bibliot. de uſu, & util. hiſt. &c.

toda a formalidade, & com a mayor elegancia assim discorre, & assi me ensina, se lhe deve dar a licença que pede, principalmente para que veja o mundo com admiraçaõ, que os cultores da seara do Euangelho, que V. Magestade manda para as suas Conquistas, estaõ taõ pouco entregues ao ocio, que naõ se contentando com semear a palavra de Deos naquellas terras, a entregaõ ao prelo, que he a embarcaçaõ em que póde passar a todas: admiravel instrumento, com que a voz de hũ só Prégador tem por auditorio todo o mũdo!

Estes, Senhor, saõ os interesses, os cõmercios, & os thesouros, q̃ V. Magestade ha de estimar, & desejar das suas Conquistas; por q̃ quãdo Christo no campo de Ourique fundou este Reyno, declarou logo, q̃ o Reyno era seu, & q̃ era todo para si; cõ q̃ V. Magestade naõ he tanto Rey deste Reyno, como Vice-Rey de Christo, & está obrigado a conservallo, & augmentallo mais para Christo, q̃ para si; isto entenderaõ os potentissimos Reys predecessores de V. Magestade, q̃ metẽdo a espada pelas quatro partes do mũdo, foy para lhe tirar hũa vida, dãdolhe outra; sondàraõ o Oceano para saberem a agua, q̃ lhes era necessaria para o Sacramento do Bautismo; demoliraõ idolos, para levãtarem Cruzes; tiràraõ thesouros, mas para ornar Templos; conquistàraõ Reynos dilatadissimos, sẽ lhes ficarem nas mãos por despojos das vitorias,

mais

mais q as palmas; mas para Chriſto as coroas, nada para ſi,& tudo para Chriſto. Veja-ſe pois por cõta deſte zelo,em V. Mageſtade natural, & hereditario, q para eſte intento ainda nas Conquiſtas ha Prégadores de taõ elevado eſpirito,& q tanto cuidão na converſaõ, & aproveitamento das almas, q aonde não póde chegar a ſua voz, fazẽ q chegue o ſeu ecco neſtes doutiſſimos, & elegantes eſcritos,acerca dos quaes concluo com Plinio Junior,dizendo,q nelles não achei couſa, q naõ foſſe digna de grande louvor,& applauſo: *In quibus cenſoriæ virgulæ nihil laudis, & admirationis omnia digna reperi.* V. Mageſtade mandarà o q for ſervido. Lisboa 16. de Fevereiro de 1709.

Plini. J n in Opuſc.

Hyacintho Roballo Freyre.

QUe ſe poſſa imprimir, viſtas as licenças do S. Officio,& Ordinario,& depois de impreſſo tornarà à Meſa, para ſe conferir,& taxar,& ſem iſſo não correrà. Lisboa 19. de Fevereiro de 1709.

Duque P. Oliveyra. Lacerda. Coſta.

BIBLIOTECA NACIONAL

PALAVRA DE DEOS Desatada.

A.



AMOR.

§. I.

1 HE prova das ſuas fineſzas, a ſua liberalidade: & já o diſſe o Euangeliſta. Querendo moſtrar quanto Deos amou ao mundo, medio pelo muito que lhe deo, o muito, que o amou: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret.* E não ſó porque lhe deo ſeu Filho, apurou Deos eſta ſua fineza: mas tambem, co- Joan. 3. 16.

mo nos faz advertir S. Paulo, porque no Filho lhe deo a sua Imagem: *Imago Dei: Figura substantiæ ejus.* Imagem, ou retrato taõ natural, que a vista do Filho na terra era visaõ do Pay no Ceo: *Qui videt me, videt & Patrem.* Naõ era a visaõ dos Bemaventurados: mas do modo que se póde dizer por semelhança accommodada, tambem era *facie ad faciem.* Da vista do Filho: *A facie Filij*: a vista do Pay: *Ad faciem Patris*: emquãto o Filho he Imagem expressa do Pay: *Figura substantiæ ejus.* E he o que commenta Santo Hilario, quando diz: *Eum, qui videt Filium, videre Patrem; quia Filius est character, & figura Patris.* Na primeyra destas duas finezas, deo-se Deos para ser amado, pelo muito, que nos amou: *Sic dilexit, ut Filium daret.* E na segunda, deose para ser visto, porque no Filho se retratou: *Qui videt me, videt Patrem.* E qual das duas finezas fosse a mayor: se o darse para se amar; se o darse para se ver: poderáõ discorrer os curiosos: *Sic dilexit ut daret. Qui videt me, videt Patrem.*

2. ad Cor. 4. Ad Hebr. 1. 3.

Joan. 14. 9.

S. Hilar. lib. 7. de Trinit.

2 Nós só dizemos, que por naõ ser liberal o nosso amor para com Deos; naõ correspondemos nem a hũa, nem a outra fineza. Nem se vè no muito que lhe damos, o muito que lhe queremos: nem o

muito, que nos tem dado, he por nós muito agradecido. As noſſas obras, como ſaõ frutos do noſſo procedimento, tambem ſe chamaõ filhos: tambẽ, como em filhos noſſos, nos damos nós a ver nellas. E quando naõ ſaõ como devem ſer; naõ ſaõ filhos para darmos a Deos, & dizermos, que o amamos tanto, que lhe damos eſtes filhos, ſendo elles ſuppoſtos, & indignos do ſeu amor; por ſerẽ obras ſem eſpirito, & por iſſo mortas. Por ſerem como o filho daquella mãy, q̃ Salamaõ
3. Reg. 3. 25. mãdava q̃ morreſſe: *Dividite infantem*: & ella, por naõ ſer filho legitimo, nẽ do ſeu amor, conſentia na ſua morte: *Dividatur*. Pelo ſacrificio de qualquer deſtes filhos, ou offerta das obras, que os repreſentaõ, naõ nos ha de dizer Deos: *Quia feciſti hanc rẽ, multiplicabo ſemen tuum, ſicut ſtellas cæli*: como diſſe a Abraham. Eſte Pay ſim amava tanto a Deos, que lhe dava ſeu proprio filho: hũ filho legitimo, & que lhe vivia no coraçam, ainda quando o ſacrificava, & dizia, como podemos conſiderar: *Dividatur*. Se as noſſas obras, ou os filhos nellas repreſentados, foſſem aſſim tam legitimos: ſe foſſem obras animadas com eſpirito tam vivo; por hum deſtes filhos, que deſſemos a Deos, nos daria

Ibid. 26

Gen. 22. 16. & 17.

Gen. 22. elle graça para termos muitos, que lhe dar: *Multiplicabo semẽ tuũ.* E naõ sò muitos em numero; mas todos de esplendor, sem mancha: *Sicut stellas.*

3 Desta sorte deixa, ou naõ deixa de corresponder a fineza do nosso amor à fineza do amor de Deos; em quãto nas nossas obras lhe damos, ou naõ damos filhos dignos do nosso procedimento. E tambem faltamos com a nossa fineza, em quanto estas nossas obras, ou filhos naõ saõ taes, que se agrade Deos de nos ver nellas, como em nossas imagens: assim como se agrada, de que nós o vejamos em seu Filho, imagem sua: Matth. 17. 5. *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui.* E isto he o que nòs fazemos: faltamos com estas finezas. Nem tratámos de que as nossas obras, como imagens nossas, agradem a Deos; nem attendemos aos aggravos, q̃ fazemos a Deos na sua imagem, de que elle tanto se agrada. Descrevendo o Filho de Deos a sua vinda ao mundo, considerouse como imagem do Eterno Padre, que o mandava, para ser muito venerada: *Verebuntur Filium meum.* Matth. 21. 37. E previo juntamente os desacatos, que lhe havião de fazer, olhando já para as atrevidas mãos, que a haviaõ de aggravar: *Apprehensum ejecerũt eum.* Ibid. 39.

4 Esta

4 Eſta foy a inſinuaçaõ por parabola : & na realidade, foy eſta a experiencia : logo hũ diſcipulo affirmou com juramento, que nunca vira tal imagem: Matth. 26.72 *Non novi hominem.* E ficàraõ tam aggravados os olhos da divina imagem, vendoſe negada de viſta por quem tantas vezes a vira ; que quãdo Chriſto lhe poz Luc. 22. 61. os olhos : *Converſus Dominus reſpexit Petrũ*: com os meſmos, diz Santo Agoſtinho, lhe lembrou a offenſa da S. Aug. apud Co n hic. imagem negada: *Oculorũ ſuorũ nutu, ſui lapſûs admonuit.* Paſſadas poucas horas, ſe Saõ Pedro tinha negado haver viſto a ſoberana imagẽ de Deos : *Non novi hominem :* ſeus inimigos a cobrîraõ, para a não verem : *Cœperunt velare faciem ejus.* Marc. 14.65. O diſcipulo correndo-lhe a cortina da negaçaõ : & os inimigos lançando-lhe o vèo do deſprezo. Sendo o divino roſto deſta imagem eſpelho puriſſimo, em que ſe revia o Eterno Pay: *In quo mihi complacui:* Pedro quizera não ſe ter viſto a eſte eſpelho : *Non novi* : & os ſeus inimigos naõ ſe queriaõ ver nelle : *Cœperunt velare.* E ſe as offenſas da ſagrada imagem paraſſem sò nas viſtas de olhos ; naõ ſeria tam aggravada, como chegou a ſer, quando ſe vio affrontada : *Expuerunt in faciem ejus : dabant ei alapas.* Matth. 26.67. Joan. 19. Continuavão no mundo as

offensas de Deos na sua imagem; assim como tinhão começado no Paraiso. Quando a primeyra vez dada ao mũdo em Adam: *Faciamus hominem ad imaginem nostram*: aggravada logo; por querer Adam ser como elle: *Eritis sicut dij.* E depois de dada em seu Filho por amar muito ao mundo: *Sic dilexit, ut Filium daret*: muitas vezes aggravada; por se haver elle feito como nòs: *Caro factum.*

Gen. 1. 26.

Gen. 3. 5.

Joan. 1. 14.

Amantes.

§. II.

OS de mais fino amor, mais attendem ao bem dos amados, que ao seu bem. Elcana, que tanto sentia ver a sua casa sem succesſaõ, como o sentia Anna sua esposa; naõ queria os filhos tanto para si, como para ella. Consolando-a na sua pena pela falta dos filhos verdadeiros, sò a ella, & naõ a si, offerecia os fingidos: *Cur fles? Nũquid nõ ego melior tibi sũ, quam decem filij?* Suppunha valer elle por dez filhos, ou ainda por mais; & o alivio desta suppoſiçaõ sò o queria para a esposa: *Melior tibi sum.* E passando do amor dos homẽs ao de Deos; tambem este fazia que Christo, o melhor, & mayor de todos os amantes, désse todos os seus bens

1. Reg. 1. 8.

por

por ſeus amados ; & mais os quizeſſe para elles , que para ſi. Sabendo que era Senhor de todos : *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus* : todos poz aos pès dos amados diſcipulos , quando mais amoroſo lhos lavou : *Cœpit lavare pedes diſcipulorum.* He o que em ſumma vem a dizer os que diſcorrem eſta poſtura de mãos do todopoderoſo nos pés dos ſeus amados. Advertindo que tinha ſupremo dominio em todas as couſas : *Cùm ſciret ſe eſſe talem , & tantum, ut omnia haberet in ſua poteſtate:* quiz moſtrar, que quanto tinhaõ as mãos , podia dar o amor : *Ut ſtupenda hæc charitatis opera hominibus ante diſceſſum ſuum ederet.*

Joan 13. 3

Ibid. 5.

Corn. cum alijs hic, & in Matth. 11. 27.

6 E do muito, que deo eſte divino amante pelos que amava , naõ podemos nós duvidar. Deo por elles a vida , ſacrificou a honra, & deſprezou as riquezas ; que ſaõ no mundo, onde elle os amou: *Cùm dilexiſſet ſuos , qui erant in mundo* : os mayores , & mais prezados bens. Deo a vida : & para naõ acabar de a dar , ainda hoje , do modo poſſivel ao ſeu amor , a eſtà dando no Sacramento : *Paſſionis ſuæ memoriale perenne.* Sacrificou a hõra : & cõ tal fineza do ſeu amor, que sò admittio o titulo de Rey , quando na Cruz ſe vio coroado de affrontas : *JESUS*

Joan. 13. 1.

S. Thom in opusc

Joan. 19. 19. *Nazarenus Rex.* Despre zou as riquezas: & taõ amante de amados taõ pobres, que nelles sem bens alguns tinha o seu amor os seus thesouros todos: *Ubi thesaurus, ibi cor.* Nem faz contra estas consideraçoẽs, ser tambẽ Judas hum dos que tiveraõ aos seus pés os bens das divinas mãos; para deixar de ser hum dos seus amados, ainda sendo o seu mayor inimigo. Porque hũa cousa he ser amado, & amante juntamente: & outra, sem ser amante, ser amado. Jà o disse Santo Thomàs fallando do amor dos inimigos, & chamando-lhes amigos: *Quòd licèt non essent amici, quasi amantes; erant tamen amici, ut amati:* & Judas, ainda que naõ era amado, & amante; sem ser amante, era amado. Tãto tinha de amor, quãto de amizade: & posto que lhe faltava a amizade de amante, tinha a de amado por força daquelle conselho: *Diligite inimicos vestros.* Ainda na actual trayçaõ de inimigo de Christo, era Christo seu amigo: *Amice, ad quid venisti?* Era como o convidado do Euangelho: inimigo do Rey, por ter entrado na sua mesa, estando fóra da sua graça: *Nõ habẽs vestem nuptialem:* & ainda entaõ o Rey seu amigo: *Amice, quomodò hùc intrasti?*

Matth. 6. 21. S. Thom in Joan. c. 15. Lect. 2. Matth. 5. 44. Matth. 26. 50. Matth. 22. 12. Ibid.

7 Assim quer tudo para o amado, que he ini-

inimigo, o imitador deſte divino amante: ama ao inimigo; & não perde, porque o ama: & o inimigo amado, que naõ ama ao amante, he o que perde. E nos amantes, & amados do mũdo; ainda querendo os amantes os bens todos para os amados; tanto perde muitas vezes o amado, como o amante. O Avarento do Euangelho era hum amãte, que tambem queria todos os ſeus bẽs para a ſua alma, que era o ſeu amado: *Anima, habes multa bona.* E aſſim elle o amante, como a ſua alma, o amado; ambos ſe perdèraõ na meſma noyte: *Hac nocte animam tuam repetunt à te:* ambos juntos ſe perdèraõ. *Repetunt à te:* eiſ-ahi perdido o amante: *Animam tuam:* & eiſ-ahi o amado perdido. O amado deſte Avarẽto naõ podia ſer mayor; pois era ſua alma: *Anima mea.* Nem o amãte podia ſer mais fino; pois todos os ſeus bens queria para o amado: *Habes multa bona.* E tanto ſe perdia eſte amante pelo amado; o Avarento pela alma: como eſte amado fazia perder o amante; a alma ao Avarento. E ſe bem ſe advertio, tres ſortes de amados temos viſto, para os quaes querem os ſeus bens os amãtes mais finos. Hũs, que ſaõ amados, & amantes, ſem ſe perderem; & tal foy Saõ Pedro. Ainda depois de perdi-

Luc. 12. 19.

Ibid. 20.

perdido pela negaçaõ; ſalvo pela penitencia: *Flevit amarè.* Outros, que ſendo amados, naõ ſaõ amantes, & ſe perdem; & tal foy Judas. O meſmo oſculo, que recebido por Chriſto, era prova de amante; dado por Judas, foy perdiçaõ do amado: *Laqueo ſe ſuſpendit.* E outros, que no meſmo tempo de amados ſe perdem a ſi, & fazem perder os amantes; & tal foy a alma do Avarento. Hum perdido por cauſa do outro, & ambos na meſma noyte perdidos: *Hac nocte repetunt à te animam.*

Matth. 26.75.

Matth. 27.5.

8 Os que agorã lerem eſta diviſaõ, vejaõ em que claſſe ſe achaõ das tres aſſim repartidas. E advirtaõ, que de neceſſidade ſe haõ de ver em hũa dellas; por naõ haver outra, onde preſida o amor. Aſſim como por naõ haver mais que dous caminhos para a Eternidade, hum largo, eſtreito outro: *Lata via: arcta via*: neceſſariamente por hum delles vaõ caminhando. Ou por aquelle, que *Ducit ad vitam*: ou pelo outro, que *Ducit ad perditionem.* Se conforme a ley de Deos ſaõ amados, & amaõ a quem os ama; guardaõ aquelle preceyto, que Saõ Jeronymo achou prègado pelo Euangeliſta Saõ Joaõ aos ſeus diſcipulos, paraque ſe amaſſem huns aos outros: *Ut diligatis alterutrum*: & que sò baſtava para

Matth. 7 13. & 14.

Ibid. 14.

Ibid. 13.

1. Joan. 3. 11.

ſe

ſe ſalvarem: *Et hoc ſufficit, quia præceptũ Domini eſt.* Se ſaõ amados de quem ſaõ inimigos, & naõ amaõ aos ſeus amantes; ſalva-ſe o amante do inimigo; & perdeſe o inimigo amado, ſe o naõ ama. Salva-ſe eſte amante, & aquelle amado perdeſe; porque hum, & naõ outro, guarda a ley, que ſalva: *Diliges proximũ, ſicut teipſum.* E ſe ſaõ amados, que ſe perdem pelos amãtes perdidos por elles; o meſmo amor, que os perde, eſſe os condena, por naõ amarem, como devem, a quem os hade condenar, porque o naõ amaõ: *Diliges Deũ tuum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua.*

S. Hieron. lib. 3. in cõment. ad Gal. c. 6.

Matth. 22. 39.

Ibidem 37.

Aviſos.

§. III.

9 OS que ſaõ cõſelhos, ou reprehenſoens, tem mais ſeguro ſucceſſo feitos pelo Superior, q̃ mãdados fazer por outro. Como os primeyros foy a reprehenſaõ, q̃ Chriſto deo a Saulo: aſſim como a ouvio: *Saule, quid me perſequeris?* no meſmo tempo ſe rendeo: *Domine, quid me vis facere?* Como os ſegundos foy o ameaço, que Deos mandou fazer por Jonas a Nineve: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive ſubvertetur.* Antes de lhe chegar, rodeou o Profeta

Act. 9. 4.

Ibid. 6.

Jon. 3. 4.

feta muito caminho, paſſou grandes mares, foy engolido, & vomitado da Balea. E ainda depois de ter prégado em terra; primeiro ouviraõ o ameaço de Deos os vaſſallos do Rey Ni-
Ibid.5. nivita: *Veſtiti ſũt ſaccis à maiore uſque ad minorem*: & depois chegou
Ibid.6. ao Rey: *Et pervênit verbum ad regem.* Os aviſos, que o meſmo Superior faz ao ſubdito, naõ rodeaõ, nem fazem demoras. Como ſaõ de hum Pay, que eſtà em lugar de Deos; obraõ como inſpiraçoens. E os que manda fazer por outro; nem eſte he Pay, & elles correm riſco de ſe devorarem, & chegaõ tarde. Chamo inſpiraçoens aos conſelhos, que o Prelado, como Pay, dà aos ſubditos, como a filhos; porque tambem nos commentos da Sabedoria, & ainda a creada, achamos o meſmo. Tambem eſta Mãy encaminha como filhos aos ſeus Alumnos por inſpiraçoens: *Sapientia filijs ſuis vitam inſpirat*: & Eccli.4. 12.
as ſuas inſpiraçoens, diz Cornelio com o Arabico, ſaõ aviſos, ou correcçoẽs: *Sapientia corrigit filios ſuos.* O ſeu inſpirar, he corrigir: & o enſino com que corrige, he vida que inſpira: *Ipſa nor-* Corn. in Eccli. 4.11.
mam benè vivendi ſuis aſpirat.

10 Por não obrarem como inſpiraçoens, pela falta que podem ter do ſegredo, os aviſos,

que

que ſe mandaõ por delegação; ainda ſaõ mais uteis os proprios: ouvemſe, & naõ ſe deſcobrem. As lagrimas, que Chriſto chorou anũnciando, & prevendo a deſtruiçaõ de Jeruſalem, sò ſe virão cair dos ſeus olhos: *Videns civitatem, flevit ſuper illam.* E as que Micheas havia de chorar pela meſma cauſa, diſſe elle, que os ſeus olhos as haviaõ de fazer atroar: *Plangam, & ululabo: faciam planctum velut draconum.* As lagrimas de Chriſto eraõ de quẽ meſmo ſe dohia da lamẽtavel ruina daquella Cidade. E as de Micheas eram de quem hia mandado a annunciar, & fazer a meſma lamentaçaõ. E bem

Luc. 19.41.

Mich. 1.8.

ſe vè entre hũas, & outras lagrimas, a differença que vay das que cauſa o ſentimẽto proprio, às cauſadas por ſentimento delegado. Para hũ Superior mover com ſuas lagrimas o ſubdito ao q̃ lhe perſuade; baſta que ſe vejaõ cair: *Videns flevit.* E para fazer o meſmo o ſeu delegado, poderà ſer neceſſario que cheguem a ſoar: *Faciam planctũ velut draconum.* As do Superior perſuadem com rhetorica muda, & em ſegredo, acautelando a ſua materia. E as do que for mandado, a faraõ publica, ſe perſuadirem com eſtrondo: *Ululabo.*

11 A cauſa principal do que ponderamos,

mos, he a falta da preſença de quem manda intimar o aviſo, ou fazer a admoeſtaçaõ ao tempo, em que ella ha de obrar. He ir o aviſo na boca de quem o leva; & naõ o dar por ſua boca quem o manda fazer. Para levarem a efficacia ſufficiẽte da parte de Deos, as admoeſtaçoens, que ellẽ mandava fazer por Moyſés a Faraò; diſſe a Moyſés, que eſtaria preſente, quando elle as quizeſſe fazer: *Perge*: *ego ero in ore tuo.* Para o effeito do meu ameaço, naõ faltarei da minha parte com a preſença: *Ego ero.* Dous impedimentos propoz Moyſés a Deos, que poderiaõ malograr o fim dos divinos ameaços: naõ o quererem ouvir: *Non audient vocem meam*: & naõ ſaber elle fallar: *Non ſum eloquens.* E Deos naõ prometteo a ſua preſẽça aos ouvidos de Faraó; ſenão á boca de Moyſés: prometeo-a onde era mais neceſſaria: *Ero in ore.* O bom fim de hum aviſo paternal, tanto depende da boca de quem o dá, como dos ouvidos de quem o ouve. Nem quẽ o dà, ha de ſer mudo: nem quem o ouve, ha de ſer ſurdo. Porèm, ſe o aviſo vay mandado dar por outro; leva o riſco de fazer mudo a quem o ha de dar, & ſurdo a quem o ha de ouvir. De o naõ querer abraçar aquelle, a quẽ ſe manda; ouve-o, como

Exod. 4. 12.

Ibid. 11.

Ibid. 10.

mo ſurdo : & de naõ ſer entaõ ouvido quem o dà; falla, como mudo. Deſte perigo livra o aviſo, ou reprehenſaõ, que o meſmo Prelado dá ao ſubdito. Como falla ao coraçaõ de hũ filho, tem certa aquella obediencia, que ſe deve a hum Pay: *Præbe, fili mi, cor tuum mihi ; & oculi tui vias meas cuſtodient.* Attenda o teu coraçaõ ao q̃ lhe quero dizer, diz o Divino Eſpirito; & logo os teus olhos ouviràõ, & entenderàõ o que devẽ guardar. Parece, que ouvem, & tambem entendem os olhos, quando ſe falla ao coraçaõ: *Præbe cor; oculi cuſtodient.*

Prov 23.26.

12 Eſtas, & outras maravilhas ſaõ as que faz hum aviſo do Prelado, quando da ſua boca paſſa â do ſubdito: *per os, ad os.* Faz, o que fez Eliſeo por ſi meſmo; & naõ pode fazer Giezi mandado por elle na reſurreiçaõ do filho da Sunamites. Chegou Eliſeo a ſua boca â boca do filho morto: *Poſuit os ſuũ ſuper os ejus :* & logo o deo vivo a ſua mãy: *Tolle filium tuum.* E Giezi, q̃ primeiro fora mandado para o reſuſcitar, o deixou morto, aſſim como o tinha achado: *Non ſurrexit puer.* Até os meſmos mortos, podemos cuidar que ouvem, quando os manda levantar o proprio milagroſo: & que ficaõ ſurdos, como dantes, ſe os manda erguer o

4. Reg. 4. 34.

Ibid. 36.

Ibid. 31.

que

que he enviado a fazer o milagre. Hum ſubdito emendado, he hũ filho reſuſcitado: & ſe o Prelado lhe quer dar eſta nova vida, trate elle meſmo com o ſubdito a ſua reſurreiçaõ por conferencia immediata de ambos: *os ad os*: & entaõ o darâ vivo â mãy, que o gerou para Deos; ou ſeja a Religiaõ, ou a Igreja: *Tolle filium tuum.* E porque os Prelados tãbem ſaõ Paſtores; & os ſubditos naõ sò ſaõ filhos, mas tambem ovelhas; eſtas melhor obedecem à propria voz do ſeu Paſtor: *Illum ſequuntur, quia ſciunt vocem ejus*: do q̃ á voz alhea de qualquer outro: *Alienum autem non ſequuntur*, *quia non noverunt vocem alienorum.* A voz do Superior por ſer propria, & conhecida; mais ſeguramente, que a deſconhecida, & alhea, poem a caminho os ſubditos: *Illum ſequuntur.*

Joan. 10. 4.

Ibid. 5.

Amor.

§. IV.

13 AS ſuas azas ſaõ para trazer à prizaõ: mais voa o mayor amante para ſe prender, que para ſe libertar. Iſto ſignificavaõ os Serafins Eſpiritos amantes diante do Trono de Deos: mais ſe detinhaõ, que voavão. Tendo ſeis azas, as quatro eraõ para

ra eſtar: & para voar ſó duas. Eſtavaõ com as q̃
Iſai.6.2. cobriaõ o roſto: *Duabus velabant faciem.*
Eſtavaõ cõ as que co=
Ibid. briam os pès: *Duabus velabãt pedes.* E ſó voavaõ com as duas, que correſpondiaõ ao coraçã̃o: *Duabus volabant.*
Ibid
Só fazião o voo as azas ſignificativas da força do amor, diz hum cõmento: *Hacalarum a=*
Sanch. apud Corn. hic. *gitatione ſignificatur vis amoris ardentiſſimi, & violentiſſimi.* E ainda q̃ o eſtar, & o voar ſaõ acçoens oppoſtas; o amor grande vence eſſas oppoſiçoẽs, & faz q̃ ſe conſintaõ todas. As meſmas azas deſtes Serafins acendião, & refreſcavão os incendios
Idem Sanch. ibid. do amor: *Librant alas, ut incendium amoris, quo vicini Deo quaſi uruntur, alis quaſi flabello refrigerent.* Tanto ſe encontraõ entre ſi o eſtar, & o voar; como o refrigerar, & o abrazar: & com tudo, tem o amor as propriedades de agua: *Rigat quod*
Hymn. Eccleſ. *eſt aridũ*: & juntamente as de fogo: *Fovet quod eſt frigidum.* Se no amante ha affectos, que incendem; tem o amor a virtude da agua, que os tempera: & ſe chegaõ a esfriarſe, tem actividades do fogo, que os inflamma. Modificava o amor os incendios do coração da Magdalena com o rego das lagrimas, que lhe fazia correr dos olhos: *Stabat ad monu-*
Joan. 20.11. *mentum foris plorans.* E acendia o coraçaõ dos

Diſcipulos de Emmaús frio já nas eſperanças da ſua reſurreyçaõ: fazendo, que tantas foſſem entaõ as chãmas, que o abrazaſſem, quãtas as palavras, que Chriſto lhes dizia: *Cor noſtrum ardens erat, dũ loqueretur.* A Magdalena deſafogava com o pranto as ancias do calor: *Ardebat, & plorabat*: contempla Cornelio. E os dous Diſcipulos de Chriſto aſſim como o hiaõ ouvindo, o coraçaõ lhes hia ardendo: *Dum loqueretur, ardens erat.* No primeyro effeyto, tinha o amor agua para refreſcar o coraçaõ abrazado: & no ſegundo, acendia fogo para fazer arder o deſconfiado. E em hum, & outro effeito os voos do amor de Chriſto o levavão a eſtar, ou com a Magdalena junto da ſepultura; ou com os dous Diſcipulos dentro do Caſtello. Em ambos hia o divino amante a prenderſe com os ſeus amados: já em hum lugar, já em outro. Eſtava, onde hum eſtava: *Stabat Maria:* & ficava, onde os outros queriaõ que ficaſſe: *Mane nobiſcum.*

Luc. 24. 32.

Corn. hic.

Joan. 20. 11.

Luc. 24. 29.

14 Eſtas prizoens do amor de Chriſto, quer elle, que as imite o noſſo amor: quer, que ſendo nós amantes ſeus, nos vamos prender com elle aonde póde eſtar prezo. *In carcere eram, & veniſtis ad me*: nos diz eſte Exemplar de amantes, quan-

Matth. 25. 36.

quando nos encomenda tam ſingular fineza. Eu ſou o que eſtou prezo no carcere do neceſſitado, quando vos perſuado a vir prender-vos com elle: *In carcere eram.* E vòs ſois os q̃ vindes à minha prizaõ, quando por meu amor o buſcais na ſua: *Veniſtis ad me.* A pratica do amor aſſim apurado começou a ſer viſta, quando o Filho de Deos encarnou: logo entaõ ſe prendeo, porq̃ amou: naõ teve differença o ſer concebido do ſer prezo: *Ventris ſub arca clauſus eſt.* E para naõ deixarmos duvidoſa eſta conſideraçaõ, confiramos o figurado da Encarnaçaõ com a ſua figura, que foy a luta de Jacob. Aſſim como nella ſe repreſentava o Divino Verbo encarnado; tambem ſe repreſentava prezo. O abraço da luta era a uniaõ da natureza divina cõ a humana; & os braços dos lutadores formavaõ a prizaõ entre ambos: entre Jacob prendendo, & Deos por repreſentaçaõ prendendo-ſe: porque a Jacob, que repreſentava o amado, por quem Deos ſe prẽdia, pedia Deos naquella luta amante repreſentado, que o ſoltaſſe: *Dimitte me.* Para vir a eſta prizaõ ſe apreſſou com paſſos de quem corre: *Exultavit ut gigas ad currendam viam:* & cõ o curſo de quem voa: *Orietur ſol, & ſanitas in pennis ejus.*

Hymn B. Virg.

Ita cõmuniter PP. apud Cornel. in Gen. 32.

Gen. 32. 26.

Pſal. 18. 6. vide Author

Malach 4. 2. vide Interpr.

Correr para a prizão, & voar para o carcere por amor do amado; ſó ſe tem viſto neſte divino amante. E taõ exercitado neſta fineza, que multiplicou mais carceres, para ſe nos dar mais prezo. Huma vez na noſſa humanidade; & outra vez no ſeu Sacramento. E em carceres tam perpetuos; que hum na humanidade ha de durar por ſeculos eternos; depois de durar o outro na Euchariſtia até o fim do mundo: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi.* Matth. 28.20.

Adoraçoens.

§. V.

15 AS compradas, ainda ſó por repreſentaçaõ, tanto tem de abominaçaõ, como de cõpra. Chegaõ a ſer diabolicas: & naõ podião ſer mais execrandas. Em duas occaſioẽs, & ambas no deſerto, aſpirou o demonio a ſer adorado por compra repreſentada. Hũa foy, quando pela adoração, que pedio a Chriſto, lhe offereceo hum mundo apparente: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.* Matth. 4.9. E neſta occaſião naõ teve effeito a ſua compra; porque Chri-

Chriſto naõ conſentio na venda, & lhe reſpõ=
Ibid. 10. deo : *Vade Satana: ſcriptum eſt enim: Dominum Deum adorabis.* A eſcritura porque tu eſtás obrigado a me adorar a mim, impede o cõtrato que me propoens, para eu te adorar a ti: *Scriptum eſt: Deum tuum adorabis.* A outra occaſiaõ de adoraçoens cõpradas pelo demonio tambem ſó em repreſentaçaõ, foy quando elle tentando aos Iſraelitas, que pediſſem a Aram hum Deos, a quem adoraſſem: *Fac nobis Deos,*
Exod. 32. 1. *qui nos præcedant:* fez que temeſſe Aram a ſua furia, & lhes fundiſſe o
Ibid. 4. bezerro de ouro: *Formavit opere fuſorio, & fecit vitulum cõflatilem:* o qual adoràraõ todos, & reconhecéraõ por ſeu Deos: *Adoraverũt,* Ibid. 8. *& dixerunt: Iſti ſunt Dij tui Iſrael.* Naõ carece de authoridade, nem de razão eſta noſſa advertencia. Como o fim Corn. hic. do requerimento daquelle povo foy huma idolatria manifeſta; podemos entender, q̃ o demonio foy o ſeu author. Elle foy o que tentou o povo; elle o que fez temer a Aram; & elle o que aſtuto diſpoz a reſoluçaõ de ſe ajuntar o ouro do uſo, & ornato dos Iſraelitas, para ſer a materia do Idolo, em que havia de ſer adorado. E chamarmos nós a iſto compra do demonio, naõ verdadeyra, mas repreſentada; naõ

he liberdade de juizo. Quem andi tam ſolicito nos ſeus lucros, & com as ſuas aſtucias negocea os ſeus intereſſes; tambem he a gente de compras, & vendas. Trata com Judas a compra, & venda de Joan. 13.2. Chriſto: *Cùm diabolus jã miſiſſet in cor, ut traderet eum Judas:* & na conſideraçaõ da Igreja faz de hum diſcipulo de Chriſto hum mercador abominavel: *Judas mercator peſſimus.* Compra foy logo do demonio por repreſẽtaçam, fazer no deſerto, que do ouro dos Iſraelitas ſahiſſe elle feyto Idolo para ſer adorado. Foy, como ſe podem fazer muitas compras ſemelhantes: de hũa parte o ouro à viſta; & de outra a adoração cõprada. Naõ por contrato manifeſto, ou eſcritura judicial; mas por intelligencia ſecreta, & obrigaçaõ palliada. Nem por ſer aquelle ouro dos meſmos idolatras, & naõ do demonio idolatrado; deixou de parecer compra tacita de idolatria. Aſſim ſe faz elle adorado por gula, quãdo tenta aos que tem por Deos ao ſeu ventre: *Quorum Deus vẽter eſt.* Sendo o demaſiado paſto dos proprios adoradores do ventre; com eſſe meſmo paſto grangea para ſi o demonio as adoraçoens da gula. De maneyra, que os compradores das ſuas adoraçoens, ou ſejaõ deſcu- Ad Philip. 3 19

cubertos, ou ſimulados; tem por exemplar das ſuas compras ao demonio. Se elle quer ſer adorado a pezo de ouro, faz huns idolatras: & ſe tenta com o delicioſo da gula, faz outros. Para os primeyros, Deos no ſeu ouro: *Iſti ſunt Dij tui*: & para os ſegundos, Deos no ſeu ventre: *Quorũ Deus venter eſt.*

16 E que apreſſadamente he, & quer ſer o demonio adorado no mundo, quando elle procura cõprar as ſuas adoraçoens! Bem ſe vio nas ſuas duas compras do deſerto: na q̃ quiz fazer a Chriſto: & na que fez aos Iſraelitas. Na primeyra, queria allí logo as adoraçoens, que comprava: *Hæc omnia tibi dabo*: eis-aqui já o que dou: *ſi cadens adoraveris me*: para vir logo o que peço. E na ſegunda foy com tanta preſſa adorado, que do idolo, onde lhe rendèraõ as ſuas adoraçoens, não appareceo mais que a cabeça; & ainda eſſa imperfeita, como expoem S. Cypriano, & outros: *Conflatum eſt veluti caput.* Naõ ſe eſperou, q̃ ſahiſſe o idolo inteiro: em apparecendo a cabeça, ou meya cabeça: *Veluti caput*: logo o demonio teve o culto de idolatrado: *Hi ſunt Dij tui.* Eſta he tambẽ a attençaõ dos cõpradores de adoraçoens: parecelhes em alguma occaſiaõ, que ficaõ menos adorados, ſe logo S. Cypr. S. Amb. S. Aug. Lactãc. apud Corn. hic.

naõ ajuſtaõ as ſuas cõpras. Naõ cuidaõ tanto das adoraçoẽs de Deos, ainda que eſtas ſe vendaõ; quanto zelaõ as ſuas adoraçoẽs, ſe elles as compraõ. Vendendo Judas a Chriſto, a quem na ſua Payxaõ lhe havião de faltar cõ as devidas adoraçoens; foraõ grandes os vagares. Primeyro fez o preço da venda: *Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam?* Matth. 26. 15. Primeyro determinou o final da entrega: *Quemcumque oſculatus fuero, ipſe eſt, tenete eum.* Ibid. 48. Primeyro guiou aos que haviaõ de fazer a preza: *Ecce Iudas, & cum eo turba multa.* Ibid. 47. E primeyro fingio o dolo da laudaçaõ: *Ave Rabbi.* Ibid. 49. De ſorte, q̃ para comprar o demonio a Chriſto as adoraçoens, que queria para ſi; toda a preſſa: & para ſe vender Chriſto, que na ſua Payxaõ naõ havia de ſer adorado; muito vagar. Sendo o meſmo Senhor o que no deſerto havia de adorar, & na ſua Payxaõ naõ havia de ſer adorado; mais lhe importava ao demonio ſer elle adorado logo na compra que fazia a Chriſto; do que em naõ ſer Chriſto adorado pela venda que delle fazia Judas. Que Deos naõ ſeja adorado por outro em algum tempo, naõ he o cuidado, q̃ mais me importa. Mas ſer eu adorado logo, iſſo he o de que eu sò cuido: *Dabo omnia,*

ſi

si cadens adoraveris.

Acçoens.

§. VI.

17 SAõ menos arriſcadas a ſe viciarem pelas obras das mãos, do que pelos paſſos dos pés: mais vezes eſcorregão os pès, do que ſe poem as mãos no chaõ. Para ſe deſvanecer a eſtatua de Nabuco toda armada dos diverſos metaes, que a compunhaõ; nos pès, & naõ nas mãos eſtava a materia para a ſua ruina. As mãos eraõ de prata, como eraõ tambem os braços: & os pés não erão sò de ferro, porque tinhão hũa parte de barro: *Pars quædam fictilis.* E por elles lhe veyo o eſtrago todo: o meſmo ſoy faltarem os pés, q̃ virem ao chão as mãos. Os mayores do mũdo: aquelles, que aſpiram a levantar eſtatuas da ſua ſoberania, firmemſe mais no andar, que no obrar: vejaõ mais por onde poem os pès, que como movem as mãos; porque os deſmanchos das mãos ſaõ conſequentes aos tropeços dos pès. Se Eva não fora para a arvore prohibida, não lhe colhèra o fruto: os paſſos, que deo para onde ella eſtava, lhe viciàraõ aquellas acçoens da mão, que logo ſe ſeguîraõ: *Tulit, comêdit, deditq; viro ſuo.* Para nam perigarem as boas Dan. 2. 33. Gen. 3. 6.

obras,

obras, eſtà nas mãos o remedio: huma tem maõ na outra. Se hũa faz a eſmola, obra tão meritoria; outra lhe guarda o ſegredo para a não perder por vaidade, & ficar a acçaõ viciada: *Neſciat ſiniſtra tua, quid facit dextera tua.* E para não ſe viciarem os paſſos, naõ eſtà o remedio nos pès: ſe hum delles faltou, faltou tambem o outro. Por iſſo David, quando vio, que vivia ajuſtado com os preceitos da ley de Deos: *In innocẽtia mea ingreſſus ſũ*: advertio, q̃ então punha os pès direito: *Pes meus ſtetit in directo.* Já me não deſviarey da obſervancia dos voſſos preceitos: (entende Bellarmino, que David dizia a Deos) *nõ recedam a recto itinere legis tuæ.* Já agora o meu pè *fixus eſt in rectitudine*: já naõ hey de deſandar o caminho, que vejo he o direito: *Non recedam.* E he o q̃ tambem quiz dizer Elias reprehendendo aos Idolatras de Baal: para os arguir de tranſgreſſores da ley de Deos, lhes entendeo cõ os pès: *Uſquequò claudicatis?* E David conſiderando a ley no coraçaõ do juſto: *Lex Dei ejus in corde ipſius*: diz, q̃ ſe lhe naõ podem torcer os paſſos: *Et non ſupplantabũtur greſſus ejus.* Neſta conſideraçaõ tem o ſeu proprio lugar aquella fraſe cõmua, na qual chamamos quedas a todas as cul-

Matth. 6. 3.

Bellarmin. hic

3. Reg. 18. 21.

Pſal. 36. 31.

Ibid.

culpas: por alluſaõ ao lapſo dos pés, lhes damos eſtes ſignificados. E he a razão; porque antes de qualquer culpa do que ainda a não commetteo, ſe diz delle que eſtá: *Qui ſe exiſtimat ſtare*: & para a naõ commetter ſe lhe faz advertencia, que naõ caya: *Videat, ne cadat.* Accõmodemos agora eſta moralidade à eſtatua de Nabuco: vejamos como o ſeu ſonho, tambem para nòs foy verdadeiro, poſto q̃ em diverſo ſentido. Em quãto naõ faltâraõ os pés à eſtatua; a cabeça, os braços, o peito, & toda ella ſe tinha: *Stabat.* E o meſmo foy faltarẽ os pés, que cair ella toda: *Cécidit.* Em quanto a eſtatua, ou eſtatura, como chama o Divino Eſpoſo a hũa alma Santa: *Statura tua*: naõ fraquea pelos pès, faltandolhe o conhecimento do barro, de q̃ he compoſta: *Pulvis es*: a eſtatua, ou eſtatura: *Stat.* Mas ſe por caſo eſte fundamento de todas as virtudes: a ſaber, a humildade do ſeu barro, faltou: *Nõ ſtetit*: todas ellas ſymbolizadas nos metaes da outra eſtatua: a charidade no ouro da cabeça: *Caput ex auro*: a pureza na prata do peito, & braços: *Pectus, & brachia de argento*: a conſtancia, & a fortaleza no bronze, & ferro do mais reſtante do corpo: *Venter, & femora ex ære: tibiæ ferro.*

1. ad Cor. 10. 12.
Ibid.
Cant. 7. 7.
Gen. 3. 19.
Dan. 2. 23.
Ibid.
Ibid. 32. & 33.

ferreæ: logo cairaõ. Viciado o fundamento, em que todas ſe tinhaõ, fez que deſcahiſſem todas: *Ceciderunt.*

Amor.

§. VII.

18 TAmbem o divino faz cegos: & ſenaõ aos amantes, aos amados. Quer Chriſto render o coraçaõ de Saulo; & para iſſo o cega com celeſtes rayos de luz: *Circumfulſit eum lux de cælo: apertis oculis nihil videbat.* Mas aſſim cego, & rendido, naõ cegou para ſer deſencaminhado. Como aquelle amor he tambẽ luz; o ſeu cegar, he alumiar. E naõ faz iſto o amor humano: os primeiros, a quem cega, ſaõ os amantes. E porque os cega, para que amem, & elle tãbem he cego; o ſeu amar, he cegar. Bem o experimentou Samſaõ cego por amar a Dalila: & amante tam cego, que de todo perdeo os olhos: *Eruerunt oculos ejus.* Saulo, o rendido ao amor divino, & por iſſo o ſeu amado; ainda que entaõ ficou ſem olhos para ver: *Nihil videbat*: teve olhos que abrir: *Apertis oculis.* E Samſaõ, o cego do amor humano, nem olhos lhe ficâraõ, que os quizeſſe abrir, ou com que podeſſe ver: *Eruerunt oculos ejus.* Eſta união de

Act. Apoſt. 9. 3 8.

Judic. 16. 21.

de extremos oppoſtos: ter olhos, que ſe abrão, & que não vejão, he sò para os cegos, que faz o amor divino: para os ſeus amados, & cegos. Vè Chriſto aos dous diſcipulos do ſeu amor, que hião para Emmaús duvidoſos de ſua reſurreição; & querendo tirar deſta duvida aos dous amados, no meſmo tempo os tem cegos: *Oculi illorum tenebantur, ne eum agnoſcerent.* Aſſim como os inflammava no amor: *Cor noſtrum ardens erat*: lhes tirava a viſta: *Tenebantur oculi illorũ.* Quando ſe queria moſtrar reſuſcitado para elles, os quiz cegos para ſi: *Tenebãtur oculi, ne eum agnoſcerent.* E iſto tambem fez, quando pelo meſmo tẽpo quiz livrar a Magdalena da grande pena, que a atormentava na ſua mortal auſencia: tambem a cegou primeiro. E tendo a Chriſto allí preſente, o naõ conhecia: *Vidit Ieſum ſtantem, & non ſciebat, quia Ieſus eſſet.* Darſe Chriſto aqui a ſer viſto de quem tanto amava, & negarſe a ſua viſta; foy unir o ver cõ o cegar: ou foy moſtrar, que tambem faz argumento de ſer muito amado, quem para ver depois, primeiro cega ao meſmo que o ama. Se iſto he fineza, & grande fineza, & a mayor fineza do divino amor; ſaõ tres propoſtas para tres diſcur-

Luc. 24. 16

Ibid. 32.

Joan. 20. 14.

curſos. E ponderando nòs o que Chriſto fez, quando ſe ſacramẽtou, para todos tres temos materia. Deixarſe Chriſto no Sacramento para ficar com os ſeus amados: *Cùm dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo*: ninguem póde duvidar, que foſſe fineza. Muito afina o amor do amado quem auſentãdoſe delle, ainda fica com elle. Ficar Chriſto com os ſeus amados, quando quer unir o amor do principio com o amor do fim: *Cùm dilexiſſet, in finem dilexit*: tambem naõ ſe duvîda, que foſſe fineza grande. Mais que muito moſtra que ama ao amado, quem naõ ama menos no fim, q̃ no principio. E que ſendo fineza muito grande amar Chriſto aos ſeus amados tanto no principio, como no fim: *In finem dilexit*: o deixarſe amando deſſa ſorte atè depois do fim: *Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi*: he ſem duvida fineza ainda mayor. Amar ao amado ainda alèm do ultimo tempo da vida, em que o amou, he igualar a mayor fineza com o mayor amor. E tudo iſto fez Chriſto eſcondendoſe no Sacramento do amor, dos meſmos a quem ama: deixando cegos aos ſeus amados: *Dum viſibile inviſibiliter ſumitur alienâ ſpecie occultatum.*

Joan. 13 1.

Ibid.

Matth. 28.20.

S. Thom in opuſcul. 57.

Ami-

Amizade.

§. VIII.

19 NA preſente reconciliada naõ ha de haver lembrança da inimizade paſſada: a memoria do odio de hontem, faz ſuſpeitoſo o amor de hoje; porque nella torna a reviver a diſcordia, que jà acabou. Hum ſinal da amizade, ou paz recõciliada entre Deos, & os homens, depois de os caſtigar cõ o diluvio, foy o ramo de oliveira, que a pomba trouxe aos que delle livrâraõ na arca: *Portans ramum olivæ in ore ſuo.* E aquelle ramo veyo ſeparado da arvore, que havia ſido a ſumergida no abyſmo daquella divina vingãça, & emprego da indignação de Deos. Não he ſinal de amizade renovada, o que ainda póde lembrar a inimizade antiga: o ramo, que ainda póde trazer á memoria a arvore afogada, & o diluvio, que a afogou; ſe ainda eſtiver à viſta da arvore, donde ſe cortou. Diſte pois, & diſte para ſempre do lugar do caſtigo, o que he ſinal do perdão: *Colũba portans ramum olivæ.* Sinal de paz junto com memorias de diſcordia, he abraço preſente entre lembranças do aggravo paſſado. He, como diz Tertulliano, *Ad pacem accedere, ſine pace:* Tertull. lib. de orat. c. 10.

ce: ad remiſſionem delictorum cum retentione. Na ſagrada Communhaõ do diviniſſimo Sacramento, onde Deos admitte ao homem ao abraço da ſua amizade primeiro perdida pelo peccado: *In me manet, & ego in illo*: reconhecemos iſto meſmo, que ponderamos. Eſtava Deos deſunido do homem por cauſa das ſuas culpas, antes de chegar ao laço deſta uniaõ. E para o reconciliar comſigo por meyo do Sacramento da Euchariſtia, quer que ſejam eſquecidas as ſuas offenſas por meyo de outro Sacramento: por meyo da confiſſaõ, onde ellas ſe examinão, & ſe abſolvem. Amizade de Deos com o homẽ,

Joan. 6. 57.

& lembrança da inimizade do homem com Deos, não convem em hũ Sacramento, que todo he uniaõ de ambos: *In me manet, & ego in illo.* E he o que chegamos a conſiderar, vendo o que Deos diſſe a Saõ Pedro em myſterioſa viſaõ, na qual em ſentido muito recebido lhe fazia preſentes os peccados do mundo, q̃ elle, como Miniſtro do tribunal, onde elles ſe julgaõ, havia de abſolver, & apagar. *Occîde, & manduca:* foy o que Deos então lhe fez entender: & o que commenta Saõ Gregorio. *Macta, & manduca, dicitur; ideſt, a peccato eos, qui vivunt, interfice: & a ſeipſis illos in tua membra converte:* a

Act. Apoſt. 10. 13.

S. Greg. l. 8. Moral. cap. 20 22.

ſa-

ſaber, exprime S. Agoſtinho: *In novâ vitâ ſocietatis Eccleſiæ.* De maneyra, que no Sacramento deſta uniaõ recõciliada, quer Deos eſtar tam eſquecido (do modo, que ſe póde eſquecer) da inimizade com o homem; que sò do muito que padeceo para lhe perdoar as ſuas culpas, deixou lẽbrança: *Paſſionis ſuæ memoriale perenne.* Se da parte do homem, o peccador reconciliado, tam eſquecidas as culpas, que naõ sò acabaõ mortas: *occîde:* mas tambẽ comidas: *manduca:* da parte de Deos, o reconciliador compaſſivo, tam eſquecida a ſua inimizade paſſada; que sò as finezas do ſeu amor faz lembradas: *Paſſionis ſuæ memoriale.*

8. Aug. Serm. 26 de diverſ. cap. 7.

20 Eſta meſma verdade deſcobrimos tambem naquelle preceito de Chriſto, quando nos manda primeiro recõciliar com o proximo offendido, para depois nos reconciliar comſigo: *Vade priùs reconciliari fratri: & tunc veniens offeres munus tuum.* Naõ podes (diz a cada hum de nòs) renovar a amizade com aquelle, a quem tens offendido, ſe te lembras da offenſa que lhe fizeſte: *Si recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adversùm te:* & não tratas da tua reconciliaçaõ com elle. Deves primeiro apagar a lembrança do aggravo, que de ti o deſ-

Matth. 5. 24.

Ibid. 23.

unio: *Vade priùs recõciliari fratri.* Melhor era naõ te lembrar a cauſa da amizade perdida: mas ſe te lembrares della: *Si recordatus fueris*: he neceſſario, que pela reconciliação ella te eſqueça: *Vade reconciliari.* E porq̃ agora no ſacrificio, que me queres offerecer, te vejo deſunido do teu proximo: & em quanto não tornas à ſua amizade, eu te naõ hey de admittir na minha; ambos nos devemos de eſquecer: eu da offenſa, que te ſepara de mim; & tu do aggravo, q̃ te deſune delle. Vay pois recõciliarte com o teu Irmão, para ficar eſquecido o aggravo, de que te lembras: *Si recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adversùm te; vade recõciliari.* E podes então vir a reconciliarte comigo por meyo da offerta, que me deſejas fazer: *Si offers munus tuum ad altare*: porque eu logo me eſquecerey da offenſa, de que agora me lembro, aceytando o que me offereces: *Et tunc offeres munus tuum.* O meſmo he (diz Cornelio) perſeverarmos nós na offenſa do proximo, que ficar Deos de nós offendido. Offẽderſe Deos de nós, quando de nós ſe tem offendido o noſſo proximo, tudo ſuccede no meſmo tempo: tanto dura entaõ hũa offenſa, como outra. *Deus manet nobis offenſus, quamdiù nos in proximi manemus* Corn. hic.

mus offenſa. E por conſequencia, outro tanto tempo perſeveraõ ambas as lembranças: a noſſa, da offenſa do proximo; & a de Deos, da ſua offenſa. O remedio logo he, para haver amizade nova entre todos, eſqueceremſe todos das ſuas offenſas. Entendendo nós, que nos diz Deos, quando nos reconcilia comſigo, que da ſua offenſa jà ſe não lembra: aſſim como nos diz, que reconciliando-nos nós com o noſſo proximo, nos eſqueçamos da noſſa, ſe nos lembrar: *Si recordatus fueris, vade reconciliari.*

Afrontas.

§. IX.

21 QUanto eſtas forem mais pezadas, tãto do ſeu perdaõ leva a balança dos merecimentos mayor pezo. Como tambem ellas vão à balança da conta no dia, em que ſe hão de pezar virtudes, & peccados; o pezo do premio ha de ſer, como tiver ſido o pezo do perdaõ: por huma afronta perdoada neſta vida temporal, hum pezo de gloria eterno: *Æternum gloriæ pondus.* A melhor prova deſta verdade, he o perdaõ dos inimigos de S. Aug.

Chriſto dado na Cruz, & podemos dizer pezado nella, como em balança: *Statêra corporis.* A vingança das afrontas, ou as tomão as mãos, ou a boca: & Chriſto na Cruz, nem obrando attendeo a eſta ſatisfaçaõ. Fallando, pedio o perdaõ para os que lhe tiravão a vida: *Pater, dimitte illis*: eſta era a ſatisfaçaõ, que a boca tomava. E naõ a podiaõ tomar as mãos; porque as tinha encravadas, ſinal de impedidas para a vingança pela liberalidade do perdaõ. Se Deos nos deo hum roſto para ſofrermos afrontas; deo-nos duas mãos, para que ſendo atadas enchamos com ellas a balança dos perdoens. Na Cruz de Chriſto eſtà repreſentada a Cruz da Religiaõ, que he Mãy dos ſeus crucificados. E degenera de ſeu filho o q̃ tem para ſi, que a ama como Mãy, naõ amando aos mais filhos deſſa Mãy, como a ſeus Irmãos. Chriſto na Cruz, aſſim como moſtrou o amor, que tinha a ſua Santiſſima Mãy, dandolhe a Saõ João por ſeu filho: *Ecce filius tuus*: moſtrou tambem o amor, que tinha a Saõ Joaõ, dandoſe a ſi por ſeu Irmaõ, em lhe dar a meſma Mãy: *Ecce mater tua.* Implicava, que Chriſto o Filho da puriſſima Virgem, que morria: & Saõ Joaõ o outro filho da meſma Virgem, que ficava, naõ

Hymn. Eccl.

Luc. 23. 34.

Joan. 19 26.

Ibid. 27.

ſe

ſe viſſem allí amando como Irmãos, quando ambos eſtavaõ allí amando a meſma Mãy. E quanto amor, que agora parece amor de Mãy, à Religiaõ, na balança da Cruz ſe hade ver, que naõ era verdadeiro amor de Mãy; porque naõ tinha ſido verdadeiro amor de Irmãos! Aquella alma, que por ſer Santa, podemos chamar Religioſa, quando conſiderava ao Eſpoſo como Irmão, deſejava-o ver aos peitos da Mãy: *Quis mihi det te fratrem meum ſugentem ubera matris meæ?* Como o bom leyte da Mãy cria o bom amor dos Irmãos; quãdo o amava, como Irmão: *fratrem meum*: naõ era fóra dos braços da Mãy: *ſugentem ubera matris.* Braços tem a Cruz, & tambẽ a Religiaõ nella repreſentada tem braços: & tanto abraça a Cruz aos ſeus crucificados, como a Religiaõ abraça aos ſeus filhos. E ſe os abraçados com a Cruz tem obrigaçaõ de ſofrer afrontas; tambem tem a meſma obrigaçaõ os abraçados com a Religiaõ. E quãdo eſtes crucificados, ou eſtes filhos as naõ perdoaõ; indignos ſaõ daquelles braços, & de ſe verem juntos aos peytos da Mãy: *Sugentes ubera matris.*

Cant. 8. 1.

Alma.

§. X.

22 NAõ ha de andar menos compaſſada com o corpo, nem tanto como elle: ha de andar mais levantada, aſſim como he mais nobre. Bem ſe vé, em que ſentido fallamos: naõ he no material: he no moral. Ainda que a alma, & o corpo ſam dous extremos unidos em hum compoſto: ſe a alma anda no andar do corpo, ſempre fica deſcompoſta. Porque, ou ſe deyxa ir com os commodos do corpo, que he bem grande mal: ou vay rendida a elles, que he mal ainda peyor. Então anda a alma menos compaſſada com o corpo, ou tanto como elle, quando ou anda por debayxo delle, ou com elle emparelhada. Quando ſe rende tanto aos ſeus appetites, que elle lhe fica ſuperior: ou de tal ſorte ſe ajuſta com as ſuas commodidades, q̃ andaõ ambos iguaes: & por iſſo ſatisfeitos ambos. Tanto, como o eſtavaõ a alma, & o corpo daquelle Rico do Euangelho: *Anima mea, comede, bibe, epulare:* Abraça, alma minha, eſtas delicias do corpo: *Anima, epulare, &c.* De dous modos havemos de ir provando eſta doutrina cõ as moralidades, que Luc. 12.19.

nos

nos dà a ſemelhãça do relogio com a alma. Ou pelo que ha na alma por dentro: ou pelo q̃ ſe vè no corpo por fóra: os movimentos do ſeu interior, como rodas: & o andar do ſeu exterior, como maõ. Aſſim como ſe examina o curſo do relogio: ou vendo, como por dentro vaõ as rodas volteãdo; ou como por fóra as vay a mão moſtrando. Com eſta differença porém de relogio a relogio: do relogio da alma, ao relogio, que a repreſenta. No relogio, que repreſenta a alma, ſe primeiro as rodas ſe naõ deſconcertaõ por dentro, a maõ por fóra vay a caminho. E na alma, que he o relogio repreſentado, deſencaminhada primeiro a maõ por fóra, que ſaõ os ſentidos do corpo; deſordenaõ-ſe as rodas por dentro, que ſaõ as moçoens da alma. Por iſſo Chriſto, para que as rodas deſte relogio ſe naõ deſencaminhem por dentro, lhe manda fazer em pedaços a mão de fóra: para que ſe naõ deſcõponha o interior da alma, manda tirar os olhos, cortar as mãos, & os pès ao corpo: *Si oculus ſcandalizat, erue: ſi manus, vel pes ſcandalizat, abſcîde, & projice.* Menor mal he o deſmancho da maõ deſte relogio por fóra, que o deſconcerto das ſuas rodas por dentro. Conſerve a ſua Matth. 18. 8. & 9.

fermoſura a alma; ainda que ſe deſcomponha a do corpo: *Erue oculos; abſcîde manus, & pedes.* Sair condenado aquelle Rico avarento da Parabola: *Hac nocte animam tuam repetunt à te:* depois de attender elle tam advertido aos regalos do corpo para liſongear a alma: *Anima mea, comede, bibe, epulare:* que outra couſa foy alli a condenada, ſenaõ a deſcompoſtura da alma pelas deſordens do corpo? As rodas daquelle relogio interior pelo deſmancho da ſua maõ exterior? Eſte foy hũ daquelles, & como elle ſaõ todos os outros: *Impij, qui in circuitu ambulant.* Aquelles, q̃ quanto ſe deſordenaõ por fóra, tãto deſandaõ por dentro: no meſmo tempo deſencaminhados na alma: *Impij:* porque deſordenado o corpo: *in circuitu.* E he a razão, porque temos dito, que neſte relogio, de q̃ fallamos, primeiro deſãda a maõ por fóra, & depois vaõ arrebatadas as rodas por dentro. Daquelle modo, que David praguejava a muitos: *Deus meus, pone illos, ut rotam: & ſicut ſtipulã ante faciem venti*: Deſandem, Senhor, eſtes, como deſencaixadas rodas: *ut rotam*: & ſe vejaõ ainda como arrebatados do vento: *ſicut ſtipulam ante faciem venti.*

Luc. 12 20.

Pſal. 11. 9.

Pſalm. 82. 14.

23 E naõ he iſto aſſim? Por deſordens do

do corpo, naõ anda a alma deſordenada? Naõ diz outra couſa aquella ſentença: *Corpus, quod corrumpitur, aggravat animam:* o pezo das corrupçoens do corpo he oppreſſaõ da alma. Porque elle primeyro enfermo; a alma enferma depois: o corpo levantado, & a alma abatida: o corpo por cima, & por bayxo a alma: *Corpus aggravat animam.* E tu do iſto, porque a esfera do corpo (que por ſer esfera, tambem he roda) arrebata, & leva comſigo a esfera da alma, roda tambem por ſer esfera. Porque o compoſto humano, que he o levado por eſtas rodas, vay deſencaminhado por ellas; ſe o corpo, & a alma, cada hum na ſua esfera, vaõ entre ſi deſordenados. Porque o corpo, que he o ſegundo movel, leva comſigo arrebatada a alma, que he, & deve ſer o primeiro. No carro de Ezechiel, que levava o ſeu movimento bẽ ordenado, naõ ſe moviaõ as rodas, nem o carro, ſem que primeiro ſe moveſſem os Cherubins: *Cùm ambularent Cherubim, ibant rotæ.* Ezech. 10. 16. Allí havia eſpirito, que era o dos Cherubins: & tambem havia corpo, que era o do carro. Mas o eſpirito era o que movia o corpo: naõ ſe movia o carro, ſem ſe moverẽ os Cherubins. E a alma, poſto que naõ eſpirito

Sap. 9. 15. 1

An-

Angelico, como eraõ os Cherubins: comtudo huma imagem de Deos, & hoje tam immortal, como elles, anda por caminhos deſordenados, ſe primeiro ſe move o carro, q̃ he o corpo, em que ella anda: levando-a entaõ o corpo debayxo; porque lhe paſſa o carro por cima: *Corpus aggravans animam.*

24 Atè aqui o exame da alma pelo que vemos no exterior do corpo: pelo que nos moſtra a maõ do relogio. Examinemos agora o ſeu interior: o ajuſtamẽto das ſuas rodas. E naõ cuidemos, que deixaõ de chegar lá os noſſos olhos; & que por iſſo livra a alma deſte exame: o cõpaſſo das ſuas rodas da agudeza das noſſas viſtas. Se as portas, por onde eſtas entraõ, eſtiveſſem fechadas; aſſim havia de ſer: naõ haviaõ de ſer os olhos os examinadores da alma. Porèm lá dentro chegaõ eſtes, quando ſe lhes abrem as portas para entrar: quando ſe abrem as portas dos ouvidos para a murmuraçaõ que vay de fóra: & quando ſe abre a da boca, para aquella que vem de dentro. E por portas tam abertas como ſe naõ ha de ver a alma toda? Jà Deos veyo a dizer iſto meſmo a Caim, quando lhe vio no roſto a inveja da ſua alma contra Abel. *Cur concidit facies tua?* lhe diſſe: Porque Ge 4.6

que tens eſſe roſto tam carregado? *Nõne, ſi malè egeris, ſtatim in foribus peccatum aderit?* Naõ ſabes tu, que nas portas, por onde entra o peccado, logo ſe vè que elle entra a manchar a alma? Como deixas vir jà aos olhos (commenta Ruperto) o peccado, que eſtàs concebendo no coraçaõ: *Cur dejectis interram oculis parricidium incipis meditari?* Deſta ſorte ſe daõ a ver os interiores da alma, abertas as portas do corpo: abertos os olhos, abertos os ouvidos, & aberta a boca: neſtas portas eſtaõ os peccados, que por ellas entraõ, ou ſaem: *In foribus peccatum adeſt.* E quãto mayor for o peccado, que ſe vir neſtas portas, tanto mais ſe deſcortina tudo o que eſtà dentro de caſa. Entaõ, como já o diſſe Origenes, chamando imagẽs do peccado aos ſinaes que de fóra o repreſentaõ, ainda eſtando dentro: *Univerſa ſpectantiũ multitudo legit in pectore tuo ſignatas imagines peccatorum*: tudo o que eſtá do peito para dentro, ſe eſtà vendo de fóra. Eſtaõ todos vendo, ſe a alma ſe deixa levar arrebatada do corpo: ſe abatida lhe anda debayxo: ou ſe havendo de ir ella ſuperior, vay no ſeu andar, ſeguindo as ſuas deſordens. E ſe a alma faz tudo iſto, & nas portas do corpo eſtaõ os ſinaes diſto tudo:

Ibid. 7.

Rupert. apud Corn. hîc.

Orig. apud Sarch. hîc.

In

In foribus peccatum: naõ ha quem de fóra naõ veja todos os ſeus ſignificados là dentro: *Univerſa multitudo legit in pectore ſignatas imagines peccatorum.*

Arte.

§. XI.

25 TAmbem a tem o odio, aſſim como o amor a tem: & naõ podia faltar a arte de querer mal, havendo a de querer bem. Deſta, no ſentido, em que a enſina o mundo, naõ diremos nós couſa alguma: & ſó diſcorrendo os preceitos de amar a Deos, diremos da ſua arte, o que baſtar para os conferirmos com as regras de odiar aos homens. Os preceitos de Deos, para nós ſabermos amar, ſaõ dous: hum para o amarmos a elle: *Diliges Deum*: & outro para nos amarmos a nós: *Diliges proximũ.* Matth. 22. 37. & 39.

As regras porèm do demonio, que he o author da arte do querer mal, naõ tem numero certo: & por iſſo a ſua arte he tam errada. Huma das principaes deſtas regras, fallando do amor do proximo, (porque no amor de Deos eſte author naõ dá regras) diz, que a averſaõ, que chega até o odio: *excluſivè*: naõ he o odio prohibido: he hũa deſaffeiçaõ, que chega atè aqui, & dahi naõ paſ-

paſſa. De maneira, que eſta chamada deſaffeiçaõ tanto que naõ for odio, não he peccado: ſerà naõ querer bem; mas naõ he querer mal. Se eſta liçaõ he de arte practica, ou eſpeculativa, iſſo diraõ os Meſtres da meſma arte. O que nòs dizemos, he, que elles vão errados: & que quando cuidão, que a averſaõ chega sò a odio: *excluſivè*: poderáõ elles eſtar incluſos no odio; ſe havemos de reconhecer na doutrina Chriſtãa aquella pureza enſinada por ſeu Author. No caminho apertado, que elle diz, nos guia para o Ceo: *Arcta via, quæ ducit ad vitam*: eſtaõ os apertos do amor do proximo. Eſtá hũa ſentença, ǫ condena ao inferno ao que diſſer ao ſeu Irmaõ huma palavra de afronta: *Qui dixerit, fatue, reus erit gehennæ ignis.* Matth. 5. 22. Eſtà mais outra, que faz criminoſo de morte ao que incorrer em ſemelhante averſaõ: *Qui iraſcitur fratri ſuo, homicida eſt.* 1. Joan. 3. 15. Eſtão outros muitos apertos, que obrigaõ a amar aos inimigos: a offerecer huma face à meſma afronta, que ſofrer a outra: & a perder os merecimentos de todas as boas obras, ſe naõ houver eſte amor do proximo: *Si charitatem autem non habuero, nihil mihi prodeſt.* 1. ad Cor. 13. 3. E no caminho largo, que leva para o inferno: *Lata via, quæ ducit ad perditionẽ*: eſtaõ Matth. 7. 13.

Matth 7. 14.

to-

todas as larguezas do odio: eſtão as injurias, eſtaõ as vinganças, eſtão as invejas, eſtão as afrontas: & eſtam todos os mais affectos, ou effeitos do odio, que he a ſua cauſa original: *Odium ſuſcitat rixas.* He iſto verdade? Supponho, que ſe naõ nega. Logo por qual deſtes dous caminhos vaõ os diſcipulos daquella eſcola, quando chegaõ com a ſua averſaõ atè o odio: *excluſivè?* Eſta medida de averſam, ou deſaffeiçaõ atè allì, & dahi para diante naõ, poderà ſair errada. Ou ella he de odio, ou he de amor, ou de amor, & mais de odio no meſmo tempo. Se he de odio, não he de amor: ſe não he de amor, he de odio: ſer de amor, & mais de odio, naõ he poſſivel: q fica logo ſẽdo ſenão de conhecido odio? Façamos outro argumento. Ou eſta medida he apertada, ou larga, ou apertada, & juntamente larga. Se he larga, não he apertada: ſe não he apertada, he larga: apertada, & larga, naõ pòde ſer: logo he aquella medida *Lata, quæ ducit ad perditionem.* Vejamos confirmada eſta verdade naquella hora, em que Judas entregou a Chriſto á prizão. De Judas para Chriſto vinha hũa medida de odio: & de Chriſto para Judas hia huma medida de amor. A medida do amor de Chriſto para Judas,

Prov. 10. 12.

Judas, porque era de verdadeiro amor, naõ excluhia a Judas: naõ era de amor atè chegar ao ſeu inimigo: *excluſivè*: & por iſſo lhe
Matth. 26. 50. chamou amigo: *Amice*. E a medida do odio de Judas para Chriſto, porque era de fino odio, tambem naõ excluhia a Chriſto: naõ era de odio atè chegar a elle: *excluſivè*: & por iſſo o entregou a
Ibid. 48 ſeus inimigos: *Tenete eum*. E iſto porque? Porque aſſim como na arte de amar ao proximo (ſe lhe quizermos dar arte) naõ haverà preceito, que encaminhe ao amãte atè o amado: *excluſivè*: tambem na arte de lhe querer mal, naõ póde haver regra, que guie ao odio-ſo atè o odiado: *excluſivè*. Iſſo parece, q̃ fazia o odio de Judas: parecia, q̃ o levava até a prizaõ de Chriſto: *excluſivè*. O oſculo, com que o ſaudou, moſtrava, que naõ paſſaria dalli o ſeu odio: chegar a abraçar, ſim; mas naõ a prender. E que ſuccedeo? Atè onde o guiou o odio, que o levava? Atè à prizão de Chriſto: *incluſivè*.

26 Outra regra deſta arte de querer mal; diz, que poſto naõ ſeja licito deſejar a morte ao inimigo: vello morto ſem o ter deſejado, he quando muito, não ter pezar da ſua morte. E iſto he liçaõ de querer mal, parecendo que o naõ he: parecendo de querer bem.

bem. Tam ſutil, & tam enganoſo he eſte modo de querer mal. Engana tanto aos eſtudioſos deſta arte a disfarçada cõplacencia de verẽ ao inimigo morto, ainda que ſem o deſejo antecedente da ſua morte; que a ſi meſmo ſe vem a querer mal, quem dà a outro aquella liçaõ de querer bem: a liçaõ, que chamo de querer bem; jà que na ſua arte he liçaõ de naõ querer mal. Como da ſutileza deſta regra ſe ſegue aquella complacencia peccaminoſa, q̃ he hũa tacita approvaçaõ (digamos aſſim) da morte do inimigo morto, a qual naõ póde eſtar ſem gravame da conſciencia; he quererſe hum a ſi meſmo o mal da culpa propria, por enſinar hum bem apparente, que he culpa alhea. E para o Meſtre da arte do querer mal, naõ ſe fazer mal a ſi, quando cuida que faz bem; ha de aprender de outra arte a quererſe bem a ſi, ainda quando a ſi ſe quer mal. Deſta arte he Chriſto o Author; & o Meſtre, que lhe explica as liçoens, he Santo Agoſtinho. *Qui amat animam ſuam, perdet eam: & qui odit animam ſuã in hoc mundo, in vitam æternam cuſtodit eam*: he a lição deſta arte. E Santo Agoſtinho explicando eſta lição, diz: *Qui amat animam ſuã, perdet eam*: he o meſmo, que dizer: *Noli amare, ne perdas.* Naõ

Joan. 12. 25.

S. Aug. tra

ames

ames os máos deſejos da tua alma: *Noli amare*: ſe a naõ queres ver perdida: *Ne perdas. Et qui odit animam ſuam in hoc mundo, in vitam æternam cuſtodit eam*: vem por conſequencia a commentar o meſmo Santo Expoſitor: tem odio aos deſejos deſordenados da tua alma: *Odio habe*: ſe a queres bem guardada: *Ut cuſtodias*. E deſte modo (conclue elle) o amor deſordenado da alma, he para ella ſe perder: *Amor, ut pereat*: & he para ſe naõ perder, o ſeu odio bem ordenado: *Odium, ne pereat*. Por onde, fallando com ella lhe diz: Se amaſte mal; então tiveſte odio: *Si malè amaveris; tunc odiſti*: & ſe tiveſte bem odio; então amaſte: *Et ſi benè oderis; tunc amaſti*. Atè aqui a myſterioſa liçaõ deſta arte de querer mal, para ſe querer bem: tornemos agora à outra arte, que nunca enſina a querer bem na ſua liçaõ do querer mal. E fallando a algum dos ſeus Meſtres, lhe digamos aſſim com Santo Agoſtinho ajuſtados á ſentença de Chriſto. Aquella ſimulada complacẽcia da viſta do inimigo morto, ainda que ſem deſejo da ſua morte, he hum affecto deſordenado da alma. E quem dà eſta liçaõ (& o meſmo dizemos de quem a toma) abraçando a deſordem deſte affecto, poderá ſer de tal modo,

que *Amet animam, ut perdat eam.* E por iſſo melhor fora, naõ ſe amar a ſi: *Non amare:* para tambem a ſi ſe naõ perder: *Ne perderet.* E o que naõ dà eſta liçaõ (& o meſmo dizemos do que a não toma) aborrecendo affecto taõ deſordenado: *Odit animam ſuam, ut cuſtodiat eam.* E por iſſo melhor lhe he eſte odio de ſi: *Odio habere*: para tambem a ſi ſe guardar: *Ut cuſtodiat.* Aſſim ſe fica vendo, como aquelle tal affecto da alma: *Eſt amor, ut pereat*: & aquelle ſeu tal aborrecimento: *Eſt odium, ne pereat.* E ſe lhe póde entaõ dizer: *Si malè amas, tunc odio habes*: *& ſi benè odio habes, tũc amas.* Naõ ſe póde dizer porèm outro tanto ao que dá, ou toma a lição da outra arte do querer mal. A hum deſtes, q̃ *Non odio habent animam ſuam, ut eam cuſtodiant*: mas antes *Eam amant, ut perdant*: lhe devemos dizer: porque enſinaſte, ou ſeguiſte tam errada lição forjada na deſordem do teu máo affecto: *Quia malè amaſti; tunc odiſti: & ſi benè oderas; tunc amares.*

27 Fallemos ainda de outra regra mais da arte do querer mal: & ſerà a ultima do noſſo diſcurſo: mas não he a ultima deſta arte. Dizem os que a guardão (& a ſuppomos bem praticada) que não he neceſſaria a communicação com o inimigo, a quem

a quem jà ſe deo o perdaõ da cauſa da inimizade : da injuria, digamos por exemplo. O perdaõ naõ ſe nega: mas tratar mais com o perdoado, naõ he obrigaçaõ. Viva elle na ſua caſa, diz o que perdoa, & eu na minha; & com eu lhe perdoar, faço o que sò devo fazer : o mais não me convẽ; nẽ he contra a charidade Chriſtãa. Tambem he das bem induſtriadas eſta regra da arte do querer mal, ſatisfazendo-ſe juntamente á obrigaçaõ do querer bem. De maneyra, que eſta regra tira a falla, faz voltar o roſto, deſvia das ſaudaçoens do proximo : & sò porque naõ impede o perdaõ, deixa de ſer odio. Naõ he a concordata deſtes dous extremos tão facil de ſe praticar, como de ſe dizer : eu perdoo a meu inimigo : porèm nem ver, nẽ fallar mais cõ elle quero. Poderà ſer cõveniẽcia : mas q̃ tãbem ſeja inteiro amor do proximo, he, o q̃ ſe duvîda. O q̃ nós devemos crer, he, q̃ ha de ſer cõdenado por Deos o q̃ não foy, & o q̃ naõ veyo a ver o ſeu proximo, ſem a excluſiva de inimigo : *Quia non viſitaſtis : quia non veniſtis.* Matth. 25.43. Eſte amor, antes de ſe aggravar com a injuria do inimigo, conciliava a communicaçaõ da viſta, & da pratica de amigos : eſſa era a principal demonſtraçam da amizade. E ſe depois da in-

juria perdoada falta eſſa communicaçaõ ; a inteireza do verdadeiro amor do proximo tambem falta. Já eſta amizade naõ he a que foy : com huma mão o chamaõ para ella, dandolhe o perdaõ : & cõ outra o afugentam della , negandolhe a communicação. Naõ o admittem ao vinculo de inteiro amigo: hum ſó braço do que perdoa ſuſtenta ao perdoado com alentos de chariſidade : & o outro ainda o deixa caido na froxidão da inimizade. Porque no coraçaõ do que perdoa deſte modo eſtà o amor tam eſcaço ; por iſſo elle nega a falla ao inimigo reconciliado. Se abundando o amor do coraçaõ , abundaõ as palavras na boca : *Ex abundantia cordis , os loquitur* : he prova de q̃ naõ enche a medida toda do perdão , quem naõ quer fallar com o perdoado : não abunda de amor o ſeu coraçaõ; pois a ſua boca não falla. E o meſmo devemos dizer , ſe os ſeus ouvidos não ouvem : ſe elle os não inclina para a conferencia do que o perdoado poderà dizer , & elle ouvir. Digo , ſe elle não inclina os ouvidos : porque he a fraſe commua da Eſcritura, quãdo falla no uzo deſta potencia. *Inclina aurem tuam: inclinate aurem veſtram : inclinavit aurem ſuam: ſi inclinaveris aurem tuã : inclinavi modicùm aurem:* Matth. 12.34.

Eccl.2. 2. Iſai. 55. 3. Pſalm. 114.2 Eccli 6. 34.&51 21 Jerem. 7.24 & 35.15.

rem: nec inclinaverunt aurem ſuam: non inclinaſtis aurem veſtram, &c. E ſe em alguma occaſiaõ podemos uſar deſta fraſe com ſingular propriedade; he, quando ha quem perdoa á offenſa, & quem nella he o perdoado. Se o que a perdoa, o não faz de todo o coração; prova, que lhe não dá o perdaõ inteiro: faltalhe o ouvillo inclinado: *Inclinare aurem ſuam.* E mal ſe póde dizer do que perdoa ſem querer fallar, nem ouvir mais ao perdoado; que elle perdoa com verdadeiro amor do proximo. Perdaõ, que deixa ſurdo, & mudo a quem perdoa, aſſim como elle o eſtava antes de perdoar; naõ he o perdão da doutrina de Chriſto. He perdão daquella eſcola, onde ſe enſina a perdoar de tal ſorte, que havendo de ſer o perdão effeito de hũa amizade milagroſa, pelo que devia ter de reſuſcitada; he hum dos milagres (bem ſe póde dizer aſſim) que a ironia quer accõmodar ao odio, ficando o que perdoa ainda meyo morto, ſem fallar, nẽ ouvir: *Os tacet: auris non inclinat.*

28 Se bem ſe advertio no que ainda agora diſſemos ſobre eſta terceira regra da arte de querer mal, & deixamos já dito ſobre as outras duas regras; acharſeha a razaõ, porque chamo arte a toda

eſta doutrina. Como os ſeus Authores querem admittir averſaõ ſem odio na primeira regra: complacencia do inimigo morto, ſem o ſer da ſua morte, na ſegunda: & perdão da injuria, conſervandoſe os ſinaes de injuriado, na terceira; tudo iſto parecem liçoens artificioſas, & naõ naturaes. E a ley de Deos ha de guardarſe por regras da razão, & naõ por arte: não como nós queremos, ou interpretamos; ſenão como elle mãda. Chriſto no dia do juizo, quando tudo ſe ajuſtar por conta: *Redde rationem*: por pezo: *Pondus, & ſtatêra judicia Domini*: por medida: *Eâdem menſurâ, qua mẽſi fueritis*: não ha de julgar aſſim: não ha de ſer allí bem julgado, mas certamente reprovado o amor do proximo praticado por eſta arte: parecendonos direcçoens para o amarmos, & ſendo deſvios do ſeu amor. Então ſe verá, quantas deſaffeiçoens, ou averſoens, que nos pareciaõ naõ chegar a ſer odios regulados pelas noſſas medidas: lá ſe haõ de ver, que fim chegavaõ, & que ainda paſſavão tomados pelas medidas de Deos. Já David com os olhos em maldade ſemelhante: naquella dos que parecem amigos do ſeu proximo, naõ o ſendo: *Qui loquũtur pacem cũ proximo ſuo, mala autem*

Luc. 16 2. Prov. 16. 11. Luc. 6. 38. Pſalm. 27. 3.

tem in cordibus eorum: podemos dizer por accommodaçaõ, que ao amor do proximo, de que fallamos, chamava elle arte; pois ao de que elle ſe queixa, chama invençaõ: *Secundùm nequitiam adinventionum ipſorum.* Invençaõ, & artificio do outro amor do proximo, que he pelo amor proprio encaminhado. Nem hum, nem outro porèm ſaõ da arte do bem querer: o primeiro he de quem diz paz, & fomenta inquietação: o ſegundo he do que inſtrue nas liçoens do querer mal, practicãdo a do querer bẽ. E de todos diz Bellarmino: *Plurimi ſunt, qui volunt videri benè velle proximo; & tamen ab amore proprio excæcati, malum habent in corde, ideſt, odium.* E mais claro ainda que David, chama o Sabio artificios a eſtas eſpeculaçoens, quando agradece a Deos em nome do ſeu povo a providencia em o livrar dellas: *Nõ in errorẽ induxit nos hominum malæ artis excogitatio.* O qual texto commentado nos dá fundamento, para irmos accõmodando as invençoens, ou artificios deſta arte (& digamos artes) de querer mal; pois jà deixamos advertido, que eram muitas eſtas liçoens. *Malæ artis excogitatio: puta ars ſculptoria, & pictoria pulchrorum idolorum:* aquella mà arte, que faz idolos, pa-

Ibid. 4.

Sap. 14. 4.

Bellar. hic.

Corn. hic cum pluribus

ra serem adorados. E nós podemos accõmodar: aquella arte pessima, que com honestos pretextos, ou cores de tençoens indifferentes facilita as adoraçoẽs de muitos idolos. A arte, q̃ faz aquelles idolos, chamaõ elles: *Malefica*, *maligna*, *dolosa*, *adulterina*, *perniciosa*, *& ad exitium hominũ comparata.* E a arte, q̃ faz adorar a estes idolos já feitos: digaõ os que isto vão lendo, se a podem descrever cõ as mesmas propriedades. Se a arte, ou artificio daquella liçaõ, que desculpa os sacrificios offertados a estes idolos, he invençaõ: *malefica.* Se a arte, ou artificio da outra, que admitte graos de aversaõ, sem serẽ odio, he invençaõ: *maligna.* Se a arte, ou artificio desta, que dessombra as usuras, he invençaõ: *dolosa.* Se a arte, ou artificio daquella, que dissimula as simonias, he invençaõ: *adulterina.* E finalmente, se as muitas artes, ou artificios, que disfarçaõ os contratos illicitos, saõ: *Inventiones perniciosæ, & ad exitium hominum comparatæ.*

PA-

PALAVRA DE DEOS Desatada.

B.

Bem.

§. I.

1  Da virtude, ha de ser como o da luz: por si mesmo dado a ver: & communicado por si mesmo. Ha de ser como a virtude milagrosa da sombra de S. Pedro: sem applicaçaõ alguma de mãos, ou palavras, viase na sua sombra o bem da virtude de Santo, & o bem da saude cõmunicada aos enfermos. Bastava: *Ut, veniente Petro, saltem umbra illius obumbraret quemquam illorum:* para todos ficarem remediados: *Et liberarentur ab infirmitatibus suis.* Tal he o bem da luz: & tal deve ser o bem da virtude: por si

Act. 5. 15.

ſi meſmos viſtos, & ſem cooperaçaõ de fóra communicados. Se a virtude neceſſita de vozes de outros, naõ lhe baſtando ſó a voz do virtuoſo, para ella ſe inculcar; naõ he a mayor virtude. As doBautiſta, o mayor dos nacidos, quando elle quiz dizer, quem era, aos que dellas ſe admiravão; deo-as a conhecer a ſua propria voz: *Ego ſum vox.* Elle era o virtuoſo, & elle meſmo era a voz das ſuas virtudes. *Vox omnium virtutum*: he chamado nas ſagradas letras: ſó com ſe fazer ouvir, ſe dava a ver. Para o terem por Santo, a ſua voz era a ſua definiçaõ: *Sum vox.* Os que querem perſuadir as virtudes aos outros, haõ de fazerſe ouvir pela ſua virtude: ha de dizer a ſua virtude o que elles ſaõ; para ſerem ouvidos. Quando o meſmo Bautiſta quiz, que os ſeus diſcipulos ſoubeſſem de Chriſto ſe elle era o Meſſias: *Tu es, qui venturus es*: a reposta, que elles levàraõ, foy nos milagres ouvidos, & viſtos; & na ſaude por elles communicada: *Renuntiate Joanni, quæ audiſtis, & vidiſtis: cæci vident, claudi ambulant, leproſi mundantur, ſurdi audiunt, mortui reſurgunt.* Já que vós ſois os que duvidais, & naõ ſabeis quem eu ſou; dizey a Joaõ (veyo a reſponder Chriſto) ſe vos parecem virtudes do Meſſias,

Joan. 1 23.

Corn. in Iſai. cap. 40. 3.

Matth. 11. 3.

Ibid. 4. & 5.

sias, as que tanto se fazem ouvir, & ver; & o seu bem tanto se deixa communicar. Assim entendem esta escritura os seus Expositores: S. Hilar. S. Chrysostom S. Cyrill. Theophyl. Euthymius, Rupert. apud Corn. hic. *Joannes mittit discipulos, ac rogat, an sit Christus, qui venturus est; non quòd de eo dubitaret: sed, quòd morti vicinus discipulos de eo dubitantes voluit instrui.* Por isso naõ he para ser admirada aquella virtude, que para ser conhecida, necessita de ser muito apregoada. Sendo de Christo, basta, que outros a digaõ, & naõ elle: *Renuntiate, quæ audistis:* & que sem elle a mandar ver, a vejaõ outros: *& vidistis.* E se ella he, qual era a do Bautista; para se ouvir a que he, basta hũa voz: *Sum vox.* E se for, qual era a de Saõ Pedro; para se ver, como he, basta a sua sombra: *saltem umbra illius.*

§. II.

Batalha.

2 A Dos vicios buscados he mais perigosa, que a dos que buscaõ: mais risco corro eu buscãdo a tentaçaõ, do q̃ buscãdome a tẽtaçaõ a mim. He como a contenda com o inimigo, que eu vou desafiar: muito mais arriscada, q̃ a daquelle, que a mim me desafia. Da primeira, podem ser causa ou a vingança, ou a soberba;

ba; & logo na influencia deſtes motivos leva o perigo certo. Da ſegunda, he a defenſa natural, a que me empenha; & sò lhe póde correſpõder algum riſco contingente. E tal he tambem a luta com os vicios, & peccados: aquella luta, quando Ad Gal. 5.17. *Caro, & Spiritus ſibi invicem adverſantur.* Se nós os buſcamos a elles, queremos o ſeu mal, & imos para o Eccl. 3. 27. noſſo perigo: *Qui amat periculum, in illo peribit.* E ſe elles nos buſcaõ a nós; naõ he certa a ſua vitoria: ſó com lhes fugirmos, os podemos vencer. Conſiderados como Serpentes, que nos vem tragar; livramos do ſeu veneno fugindo da ſua boca, nos diz hũa Eſcritura: *Quaſi à facie colubri, fuge peccata.* Eccl. 21. 2. Em duas lutas, ou deſafios bem celebrados temos as repreſentaçoens deſtas verdades: na luta, ou deſafio do Filiſteo com David: & no deſafio, ou luta da deſcompoſta Egypcia com o caſto Joſeph. O Filiſteo, & a Egypcia buſcâraõ as tentaçoens: hum, a da ſua ſoberba: & outra, a da ſua ſenſualidade. E digo, que as buſcâraõ; porque vejo que cahîraõ: naõ os livrou Deos das ſuas quedas do modo, que nós lhe pedimos nos livre das noſſas: *Ne nos inducas in tentationem*: Matth. 6. 13. naõ nos deixeis ir para a tentação. Ou, como lemos no commento Gre-

Grego : *Ne inferas in tentationem* : & como acrecentaõ os Latinos: *Ne eâ capiamur, & ſuperemur.* Fundamento temos logo para entendermos, que o mayor perigo de cair tentado, he buſcar a tentaçaõ; vẽdo q̃ Chriſto nos naõ enſina a pedirmos a Deos, que a tentaçaõ naõ venha para nós: mas que naõ vamos nós para a tentaçaõ : *Ne inducas : ne inferas in tentationem.* E com eſſe ponto da oraçaõ, que Chriſto nos enſinou, concorda o outro ſeu conſelho, quando nos perſuade o exercicio da oraçaõ : *Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.* Naõ diz : deſvelaivos, para que a tentaçaõ naõ venha para vós; mas para que vós naõ vades para a tentação : não para q̃ vos naõ tentẽ; ſenaõ para q̃ vos não tenteis: *Ne intretis in tentationẽ.* Niſto differem a vinda da tentação, & a ida para a tentação : vir a tentação, he ſer tentado : ir para a tentação, he tentarſe. E tudo ſe deſcobre nas duas lutas do Filiſteo cõ David, & da Egypcia cõ Joſeph, como jà temos propoſto. Tãto o Filiſteo, como a Egypcia ſe rẽdéraõ aos ſeus vicios da ſoberba, & da ſenſualidade; porque ambos ſe tentàraõ na campanha de cada hum daquelles vicios: ambos foraõ para as ſuas tentaçoens : *Intraverunt in tentationem.* E tanto David, co-

Corn. hic.

Marc 14.38.

como Joſeph triunfâraõ dos meſmos vicios; porque David foy o deſafiado pela ſoberba do Filiſteo; & Joſeph o provocado pela ſenſualidade da Egypcia: porque naõ ſe tentâraõ, & ſó foraõ tentados. David pelo Filiſteo, quando dizia aos do exercito de Saul: 1 Reg. 17.10. *Date mihi virum, & ineat mecum ſingulare certamen.* E Joſeph pela Egypcia, quando repetidamente o perſuadia ao peccado: Gen. 39.10. *Per ſingulos dies mulier moleſta erat adoleſcenti; & ille recuſabat ſtuprum.*

3 A razaõ pois, de ſer mayor o perigo de hum combate, que o do outro: de mais me arriſcar eu a cair, quãdo me tento, & vou para a tentaçaõ; do q̃ quando ſou tentado, & a tentaçaõ vem para mim; he muito verdadeira a que agora damos. He porque quando nós nos tentamos, & buſcamos aos vicios, já levamos com-noſco a diſpoſição para ſermos vencidos: pelejamos então contra nós, & ſomos os tentadores de nós meſmos. He ſentença do Apoſtolo Sã Tiago: *Unuſquiſque tentatur à concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus.* Jacob. 1. 14. Cada hum de nós póde então entẽder q̃ he o demonio de ſi meſmo: *A ſua concupiſcentia illectus.* E quãdo os vicios nos tentão, & vem para nós; elles ſaõ os que já vem diſ-

diſpoſtos, para nós os vencermos: trazem comſigo a lembrança da pena, com que haõ de ſer vingados; & o temor do caſtigo nos deſvia da culpa. Rebato eu as forças da tentação, que me incita a tirar a vida do outro; porque vejo, que do meſmo modo me hão de tirar a minha: *Qui acceperit gladium, gladio peribit.* Matth. 26.52. Naõ afronto ao meu proximo, ſe a ira me tenta a cortar pela charidade; porque junto com a tentação, que aſſim me provoca, ouço aquella ſentença: *Qui dixerit fratri ſuo, fatue; reus erit gehennæ ignis.* Matth. 5.22. Tudo iſto ſe vio repreſentado nas duas lutas, ou deſafios do Filiſteo com David, & da Egypcia com Joſeph: em ambos forão vencidos os vicios tentadores; & com elles meſmos vierão diſpoſtos os meyos, por onde os vencérão os que eraõ tentados. Com o Filiſteo veyo a ſua eſpada propria, que foy a arma, com que David lhe cortou a cabeça: *Tulit gladium ejus, & interfecit eum, præciditque caput ejus.* 1.Reg. 17.51. E com a deſcompoſta Egypcia veyo a ouſadia das ſuas proprias mãos, nas quaes deyxãdo-lhe Joſeph a capa, arvorou a bandeira do ſeu triunfo: *Relicto in manu ejus pallio, fugit, & egreſſus eſt foras.* Geneſ. 39.12. Aquella eſpada, que ameaçava a morte a Da-

David, tirou a cabeça dos hombros do Filiſteo: vindo a ſua ponta armada, & diſpoſta contra o que era deſafiado; empregou os fios nas veas do q̃ deſafiou: ao lado do Filiſteo, era para ſua vida: na mão de David foy a ſua morte: *Interfecit eum.* Aquella capa, que ſe diſpunha para prizaõ de Joſeph, o ſoltou das mãos da Egypcia: na occaſiaõ, em que as mãos da provocante para o combate ſe valião de hũa parte da capa para a luta; largando a outra parte da meſma capa as mãos do provocado, eſtendérão glorioſo eſtandarte da vitoria: preza pela mão da tentado ra atè a mão do tẽtado, era tentação: ſolta da mão do tentado na mão da tentadora, foy reſiſtencia: *Relicto pallio, fugit.*

4 Entendaõ agora os combatidos das tentaçoẽs, & os que lutão com os vicios; que para ſe naõ renderem neſtes conflitos a tam fortes contrarios, devem antes ſer deſafiados, que ir deſafiar: mais reſiſtir, que acometer. Aſſim o entendia Saõ Jeronimo, quando naquella ſua profunda ſentença chegou a dizer: *Naõ póde haver mayor tentaçaõ, q̃ naõ ſer tentado.* Olhava para ſi, & para as tentaçoens, que o combatião: & diſtinguia o tentarſe, do ſer tentado: o tentarſe elle; & o ten-

In Vita S. Hieron. apud Ribad.

tentaremno a elle. E como achava ſer mais certa a vitoria, quando o peccado he o que tenta ; reputava por tentação grave , o naõ ſer tentado. Tentarſe hum a ſi meſmo; he ſer elle o tentador : & entam não he tentação o naõ ſer tentado. E o ſer tentado por outro , he vir o tentador a tentar: & então o naõ ſer tentado , he tentaçaõ. He perder a occaſiaõ da coroa ſendo deſafiado para as batalhas das tentaçoens , & para os combates dos vicios. No mayor Tentado , no mayor tentador , & na mayor tentaçaõ veremos expreſſas eſtas conſideraçoens. O mayor Tentado, que foy Chriſto : o mayor tentador , que foy o demonio:& a mayor tentaçaõ , que foy a da converſaõ das pedras em pão: *Dic, ut lapides iſti panes fiant.* E chamo a eſta a mayor tentação das tres , com q̃ o demonio foy ao deſerto tentar a Chriſto; porque eſta era a que mais podia fazer , que elle ſe tentaſſe a ſi meſmo. Eſta tentaçaõ, poſto q̃ toda foy de fóra , & naõ de dentro,como ſente Saõ Gregorio : *Omnis illa tentatio foris , non intùs fuit :* de tal ſorte hia armada , que tambem por dentro atormẽtava a Chriſto : *Eſurijt* : & lhe moſtrava o remedio à viſta : *Dic , ut lapides panes fiant.* As outras duas tentaçoens naõ

Matth. 4.3.

S. Greg. Homil. 16.

Matth. 4.2.

E ator=

atormentavão a natureza, nem eſta neceſſitava de remedio. Perſuadir o demonio a Chriſto o precipicio: *Mitte te deorsùm*: arrojo tam evidente contra a luz da razão; tanto perdia de tentaçaõ, quanto lhe faltava de juizo. Offerecerlhe o mundo apparente: *Hæc omnia tibi dabo*: ſẽdo elle Senhor do verdadeiro, foy tentar, dando ſẽ ter, q̃ dar. E ainda aſſim ſendo a tẽtação do pão, a mayor das tres do deſerto; foy vencido o tentador; porque a tentaçaõ trazia comſigo o argumento, com que a venceo o Tentado. O que o demonio queria, era ver as pedras convertidas em pão: & com o meſmo pão, cõ que o demonio queria tentar a Chriſto, lhe foy rebatida a tentação. O pão para matar a fome, era a tentação do demonio: *Dic, ut lapides iſti panes fiant*: & matar a fome ſem paõ, foy a reſiſtencia de Chriſto: *Non in ſolo pane vivit homo*. O meſmo meyo para tentar q̃ era o paõ; tambem foy meyo para reſiſtir: paõ offerecido pelo demonio, & q̃ havia de fazer Chriſto; a tentação: & pão não tomado por Chriſto, & que o demonio queria ver feito; a reſiſtencia. As pedras na mão do tentador, tanto tinhão de pão contra a fome, como de pedrada contra o Tentado: *Dic, ut lapides panes fiant*. E com

Ibid. 6.

Ibid. 9.

Ibid. 4.

as

as meſmas pedras, ainda nas mãos do demonio, fez o Tentado o tiro contra o tentador: *Non in ſolo pane vivit homo.* Todo eſte partido tem os que ſaõ tentados: & naõ os que ſe tentão: aquelles, a quem as tentaçoens, & os vicios lhe vem de fóra: & naõ os que tem eſtes tentadores de caſa. Os que ſe tentaõ, & ſaõ os tentadores de ſi meſmos, tem de caſa a tentaçaõ; & o perigo de cairem naõ lhes ſae de caſa. E os que ſaõ tentados, & lutam com tentadores de fóra; atè da tentação, que no meſmo tempo he pretexto da fome, & pedrada do tentador, fazẽ pedras para ſe defenderem, quando ſe vem tentados. E quantas vezes caem feridos deſtas pedradas da neceſſidade do paõ, os que rendidos aos ſeus vicios, naõ querem dizer ao tentador, que ſem aquelle paõ bẽ ſe póde viver: *Non in ſolo pane vivit homo?*

Bem.

§. III.

5 NEm ſempre he o mais defendido: & muitas vezes he o menos amado. O reynado que os homens davaõ a Chriſto na Cruz, não tinha de bem mais, que a repreſentação da coroa, & a eſcritura do titulo: *Jeſus Nazarenus Rex.* Joann. 19.19.

Poſto que para Chriſto, o verſe elle coroado entre as afrontas da Cruz era gloria, & honra; no ſentido de Pilatos era ludibrio, & zombaria, diz hum expoſitor deſte texto. *Spiritus Sanctus in gloriam, & honorem Chriſti; Pilatus verò in ludibrium, & jocum, illum titulum appoſuit.* E comtudo, com não ſer eſte reynado mais que de nome; forão muitos os que cõſpirâraõ contra eſſe bem, aſſim apparente, como era: forão todos os que diſſerão: *Noli ſcribere, Rex Judæorum.* Naõ ſe diga deſte homem, que he noſſo Rey: digaſe, que he hum ambicioſo, ou hum indigno de ſer Rey; & dizia, que o era: *Sed quia ipſe dixit: Rex ſum Judæorũ.* E para defender eſte imaginado bem, naõ ſe ouvio mais que a hum ſó; & eſſe foy o meſmo Pilatos, que por zombaria tinha feito eſſa honra a Chriſto, & ainda quiz ſuſtentar a ſua zombaria: *Quod ſcripſi, ſcripſi.* E ſe conſtruirmos com attenção eſtas ſentenças; acharemos, que os da conſpiração contra aquelle bem, pouco ſe diſtinguião de quem lhe fazia a defenſa. Porque ſe aquelles eraõ eſtimulados do odio, que tinhaõ a Chriſto; eſte o foy do meſmo deſprezo, com que o havia nomeado Rey. Taes vem a ſer os bens do mundo: atè os que

Silv. in titul. Cruc. tomo 5. lib. 8. cap. 14. §. 6.

Joan. 19. 21.

Ibid.

Ibid. 22.

de

de bem naõ tem mais que o nome; ſaõ mais perſeguidos, que eſtimados. Hũa coroa, & eſſa de afrontas: hum trono, & eſſe de Cruz, nem vellos eſcritos: *Nõli ſcribere Rex.* E havendo quem ainda aſſim queira ſuſtentar ſemelhãte acclamaçaõ; não paſſarà de ſer parecido com o meſmo, que por ludibrio poz a coroa a Chriſto, & o mandou ſubir ao trono. Serà, como aquelle, que ſe conſiderava glorioſo por ter dado a Chriſto a inveſtidura de Rey deſprezado: *Quod ſcripſi, ſcripſi.*

6 Iſto naõ ſe diz ſó daquelle bem, que apparentemente he bem: do que he bem verdadeyro, tambem ſe póde dizer o meſmo. Tãbem ſaõ mais os que no mundo o perſeguem, & menos os que o amaõ. O bem da luz; & mais ſendo eſta luz o Filho de Deos: *Lux vera, quæ illuminat omnem hominẽ*: foy ainda menos amado, que as trevas: *Dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* E foy tam perſeguida, que naõ deſcansàraõ atè a nam apagarẽ aquelles meſmos, que ella alumiava: *Vita erat lux hominum.* Todos eſtes eclipſes padece o bem, ainda ſendo verdadeiro bem: nem poriſſo o menos perſeguido, & o mais amado. Aos dous lados de Chriſto ſummo bem noſſo eſtavaõ Dimas, & Geſtas:

Joan. 1. 9.

Idem 3. 19.

Idem 1. 4.

ſtas : & ſendo tam pequeno eſte numero , q̃ eſcaſſamente paſſava de unidade; naõ foraõ ambos os que abraçâraõ aquelle bem. Se hum o
Luc.23. 41. defendia : *Hic nihil mali geſſit :* o outro o deſ-
Ibid.39. prezava : *Blasphemabat eum.* Ainda no limitado numero de dous teve que ſeparar a deſaffeiçaõ do bem : *Unus de his blaſphemabat* : & teve que diminuir a defenſa do meſmo bem: *Alter dicens : Hic nihil mali geſſit.* Nem ſe diga , que eſta differença de affectos a reſpeito de tam grande bem, era effeito daquelle tempo , em que Chriſto meſmo quiz eclipſar todo eſſe bem. Porque em outro tempo, em que elle o quiz manifeſtar , obrando milagres , & dizendo maravilhas em preſença de muito numeroſas turbas, quando lançou fóra o demonio mudo; hũa ſó voz ſe ouvio : *Extollens voce quædam* Luc.11. 27. *mulier :* que louvaſſe o bem do milagre , & o bem do milagroſo : *Beatus venter , qui te portavit.* Sendo que foraõ muitos os que entaõ diſſeraõ,que aquellas meſmas maravilhas eraõ obras do poder Ibid 15. diabolico : *In principe dæmoniorum ejicit dæmonia.* He eſte mal hũa ſombra , que acompanha a todo o bem ; & ha de ſer muitas vezes menos amado , & pouco defendido. Ou o ha de louvar , & defender hum ſó , quando ſe achaõ

chaõ dous, q̃ o poſſaõ fazer: *Unus de his.* Ou quãdo o poſſaõ louvar, & defender muitos, o ha de fazer hum ſó: *Quædam mulier.*

Beneficios.

§. IV.

7 AInda, quando poſſuidos, ſaõ arriſcados: não livrão do perigo no meſmo tẽpo da poſſe. Quando S. Pedro, por beneficio da divina Omnipotencia, caminhava a pé ſobre as ondas: *Ambulabat ſuper aquam:* no meſmo tempo ſe via dellas ſumergido: *Cùm cœpiſſet mergi, clamavit.* Bom foy, que viſſe S. Pedro, não ſer o meſmo lograr a fortuna de favorecido, que livrar dos caſos de arriſcado. Pize embora ondas: mas ſaiba, que ainda ellas o podem affogar. E entenda, que de tal ſorte ſão inſeparaveis a poſſe, & o riſco de hũa fortuna; que debayxo dos meſmos pès, que a ſegurão, ſe podem levantar ondas, que a ſoſſobrem: *Ambulabat ſuper aquam: cœpit mergi.* E deſte exemplo devem de aprender os ditoſos do mundo a ſe não fiarem do ſeguro das ſuas felicidades: ao menos aprendão a ſempre temer o ſeu perigo, ainda entendẽdo, q̃llas lhes vierão da maõ de Deos, como veio a S. Pedro o dominio daquelle elemento: *Domine, jube me ad te venire ſuper aquas: veni.* Naõ

Matth. 14. 25.

Ibid 30.

Ibid. 28. & 29.

ha fortuña, ainda das encaminhadas pela maõ de Deos; que lhe naõ poſſaõ temer o ſeu perigo os meſmos afortunados. Eleger Deos a S. Joſeph para Eſpoſo da puriſſima Virgem, foy dita ſua muito ſingular: bem ſe póde dizer, que a naõ podia ter mayor. E comtudo, depois de a ter tam ſegura, por lhe vir da maõ de Deos, naõ livrou daquelle temor bem conhecido por quem lhe diſſe: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* A felicidade, que lograva, era ſer Eſpoſo de tal Eſpoſa: *Cùm eſſet deſponſata Maria Joſeph.* E o temor, que o affligia, lhe veyo da ſua meſma felicidade, & da maõ do ſeu meſmo Author: veyolhe da Encarnaçaõ do Divino Verbo: *Quod in ea natum eſt, de Spiritu Sancto eſt.* E ſe quãdo Deos he o que favorece, levando a hum S. Pedro por meyo das ondas, & dando a hum S. Joſeph ſua propria Mãy por Eſpoſa, ainda ambos temem; como naõ temeràõ os favorecidos dos homẽs? Se Zara tivera capacidade para entender, que quem lhe queria ſegurar o morgado, & parece lho metia nas mãos, eſſe era, o que lhas atava: *Ligavit coccinum*: logo do ventre da mãy, ainda antes de nacer, veria, como andaõ entre ſi ligados os beneficios dos homens, & os ſeus perigos. Logo

Matth. 1. 20.

Ibid. 18.

Ibid. 20

Gen. 38. 27.

go veria como o meſmo liſtaõ, que era diviſa, para elle ſer o ſenhor da caſa; vinha a ſer laço, que lhe embargava o dominio della. E com effeito ſe vio depois, que no meſmo final, & indice do direito da ſua herança, parece lhe pronoſticou o riſco da poſſe, quem lhe havia ligado o braço: *Ligavit coccinum.* Se foy final, como conſidera S. Cyrillo, de ſer primeyro chamado para a Fè o Gentiliſmo, parecendo, que o havia de ſer o Hebraiſmo: *Quòd Phares priùs egreſſus, haud obſcurum ſignum eſt, gentes priùs ad fidem vocandas, quã genus Iſraël:* naõ dizemos ſem fundamento, que preferirſe Phares a Zara, havendo Zara de ſer o preferido; foy ſignificado daquelle final, que lhe ligâraõ no braço: daquella laçada, que no meſmo tempo, em q̃ publicava a preferencia de Zara, a havia de implicar Phares: *Haud obſcurum ſignum eſt.* O que temos diſcorrido ſobre a poſſe dos beneficios da mão de Deos, & da mão dos homens por exemplos ſeparados; na parabola dos talentos temos juntos os meſmos exẽplos. Allí a maõ dos homens enriquece a muitos com cabedaes de talentos: *Homo peregrè proficiſcens, tradidit bona ſua: dedit talenta:* & por alluſaõ a eſtes beneficios humanos, tambem a maõ de Deos

D. Cyril. apud Bened. Ferũ. hic.

Matth. 25. 14. 15.

Deos faz os divinos: S. Chry. S. Greg. S. Thomas. *Quælibet dona Dei*: como diz Cornelio com muitos. E allí a meſma liberalidade de hũa, & outra maõ leva comſigo a obrigaçaõ de ſe dar conta dos talentos recebidos, & o riſco de ſe naõ dar ajuſtada, quando depois ſe pede. Tantos talentos, & tantos beneficios; como tantos riſcos, & perigos para o tempo de ſe dar a conta de todos: para o tempo, em que o Senhor delles, Matth. 25.19. *Venit, & ponit rationem cum ſervis ſuis.*

Bemaventuranças.

§. V.

8 MAis ſaõ os que amão as apparentes, do que os amantes das verdadeiras. Menos os que ſaõ Bemaventurados, do que os que cuidaõ, que o ſaõ. As que fazem Bemaventurados, ſaõ como as oito numeradas por Chriſto, que ſupponho ſabidas: & as que naõ fazem bemaventurados, ſaõ tantas, quantas nós queremos, que ſejaõ, & logo iremos diſcorrendo: & ſenaõ todas; muitas. Chamo Bemaventuranças a todas as venturas, que o mũ-

do

do canoniza por boas: & iſſo he o que diz a etymologia do nome Bemaventurança. Neſta ſe comprehendem os que livraõ de mal aconſelhados: *Beatus vir, qui non abijt in cõſilio impiorum.* Os que vem cumpridos os ſeus deſejos: *Beatus vir, qui implevit deſiderium ſuum.* Os ſabios, os prudentes: *Beatus homo, qui invenit ſapientiam, & qui affluit prudentiâ.* E outros muitos, que por evitar mayor eſcritura, ſuſpende a lembrança. No Ceo deſtes Bemavẽturados, o ſer grande, & mayor que os outros: ſer olhado, & reſpeitado com veneraçaõ, & reverencia, he hũa Bemaventurança. Sobre ella contendèraõ os meſmos Diſcipulos de Chriſto, antes de illuſtrados pelo Eſpirito Santo, que ſó faz verdadeiros Bemaventurados: *Facta eſt contentio inter eos, quis eorũ videretur eſſe maior.* E he tam fallivel eſta Bemaventurança; que não ha grande, que della naõ poſſa deſconfiar; & naõ tema, que ainda venha a diminuir. Bem grandes eraõ os Elefantes, & os Leoẽs: & mais o diluvio os poz no andar dos outros animaes pequenos, & fez caber no eſtreito, & medido eſpaço da arca. Quando iſto experimentaõ os que a natureza fez mayoraes das feras; menos agua baſta, para

Pſal. 1.1

Luc. 22. 24.

Pſalm. 126.5.

Prov. 3.13.

ra fazer encolher, & recolher aos que ſómẽte o ſaõ por fortuna, ou fantaſia entre os homens. Que Potentados póde haver no mundo tam Bemaventurados por ſe verem grandes; que naõ reputem por mayor Bemaventurança viverem ſeguros na mais eſtreita cova; que arriſcados nos ſeus eſpaçoſos Palacios? Que naõ queiraõ antes livrar da morte, fazendoſe pequenos; que morrer ſendo grandes? E que mais reſpeytados ſe conſiderem pelas ſoberbas portadas das torres, em que moraõ; ſe lâ os póde ir affogar o diluvio; do q̃ recolhidos à arca, & reſguardados das ondas em tam eſtreitos agazalhos, & coartados apoſentos, ſem o dilatado lugar, que antes ſe faziaõ a ſi meſmos no campo? Outra Bemaventurança das muitas, que naõ fazem Bemaventurados no mundo, he a abundancia do paõ para a vida. E enleve a tantos eſta Bemaventurança; que atè Jacob a pedia a Deos por ſingular favor da ſua maõ, quãdo proteſtava reconhecello por Senhor: *Si dederit mihi panem ad veſcendum, erit mihi Dominus in Deum.* Gereſ. 28 20. Quer ſer dos Bemaventurados da terra quem por ter paõ: *Si dederit panem:* olha para o Ceo, & para Deos: *Erit Dominus in Deum.* Mas entre todas as Bemaventuran-

turanças deſta Jerarchia, eſta he a de menor duraçaõ: como depende dos frutos da terra, que por natureza ou os deixa de produzir, ou elles ſe corrompẽ depois de produzidos; os ſeus Bemaventurados tem certo o riſco de cairem deſte Ceo tam corruptivel. Das meſmas eſpigas, q̃ trazem o paõ nacido, vio Joſeph interpretando o ſonho de Faraó, que humas comiaõ as outras: *Septem ſpicæ pullulabant plenæ: aliæ quoq̃; totidẽ tenues devorantes priorũ pulchritudinem.* E com tal fome; q̃ ſó aquellas, q̃ a repreſentavaõ, permaneciaõ. Naõ vinha de fóra maõ alguma, que ſegaſſe as mais cheas de trigo: dellas meſmas ſahia a corrupçaõ, que as acabava: *Totidem tenues priorum pulchritudinem devorantes.* Na meſma caſa dos mais abundantes de paõ, lhe póde elle deſapparecer, & deixallos ſem a fortuna deſta ſua Bemaventurança. Muito grande a poderia eſperar aquelle criado de Faraó, que por ſonhos tinha viſto cheyos de pão os ceſtos da caſa: *Vidi quòd tria caniſtra farinæ haberem ſuper caput meũ.* E o pronoſtico deſta ſua fortuna, ou Bemaventurãça ſe decifrou com ſe lhe acabar a vida, quando elle a poderia eſperar muito alimentada no ſonho de tanto paõ. E eſte he outro modo de acabar ſe-

Gen. 41. 5.6.7

Gen. 40 16.

ſemelhante Bemaventurança : faltando o Bemavẽturado ao paõ; & naõ o paõ ao Bemaventurado : deixar de ſe comer o paõ; & naõ deixar de haver paõ para comer. E ſe mais advertirmos, veremos, q̃ o paõ deſte ſonho ainda ſe repreſentava mais ſeguro, que o do ſonho das eſpigas : porque eſte jà ſe via moído : *Caniſtra farinæ* : & o outro ſó apparecia em graõ: *Spicæ pullulabant.* Hum já ſe podia amaſſar; & o outro naõ : ainda poderia ſeccarſe na eſpiga, eſperdiçarſe na eira, & roubarſe no celleiro. E comtudo, parecendo que eſte tal Bemaventurado gozaria do ſeu paõ jà purgado daquelles riſcos ; ainda que o paõ lhe enchia a caſa, elle deixou o paõ, & mais a caſa, & acabou na forca por ſentença de Faraó : *Suſpendit in patibulo.* Ibid. 22.

9 Singular Bemaventurança he tambem a companhia dos Pays : parecendo priſaõ, he liberdade: tanto cativa, quanto agrada. E juſtamente lhe accommodamos o nome de Bemaventurança ; porque tambem conſiſte em ver : ſenaõ a Deos ; aos homens. Poriſſo Abſalam ſentia tanto a auſencia de ſeu Pay David ; que naõ temia arriſcar a vida, ſó por hum inſtante de ſua preſença : *Obſecro, ut videam faciem regis*: dizia elle : ainda que 2. Reg. 14. 32.

lem-

lembrado meu Pay da minha ingratidaõ me dè a morte : *Quòd ſi memor eſt iniquitatis meæ, interficiat me.* Veja-o eu, & tenha da ſua companhia o mais breviſſimo tempo; & morra embora : *Interficiat me.* Bem concluiria eſta razaõ contra o noſſo diſcurſo ; ſe o Prodigo filho tambem de outro Pay tam amante , como David era de Abſalam , naõ quizera antes auſentarſe da ſua companhia , que viver nella: *Peregrè profectus eſt in regionem longinquam.* E com auſencia tam dilatada; que Santo Agoſtinho conſidera como eſquecimento de Deos, q̃ he a mayor diſtancia : & faltando a ſua graça, faz auſentes para nunca mais viſtos *Regio longinqua eſt oblivio Dei reciproca* : acrecenta Cornelio : *Quâ ſcilicèt peccator obliviſcitur Dei , & Deus peccatoris* Se Abſalam ſe conſiderava Bemaventurado , vendo por tam pouco tempo o roſto do Pay : *Videam faciem Regis* : o Prodigo achava a ſua Bemaventurança , carecendo deſſa viſta para ſempre: *Profectus in regionem longinquam.* Se hum quer ſer deſtes Bemavẽturados do ver *facie ad faciem* : o outro ſe contenta com a viſta *in ænigmate.* He a companhia dos Pays, & Parentes hũa uniaõ dobrada : prende com o vinculo do ſangue,& com o laço do amor. E ainda

Ibid. S. Aug. lib. 2. quæſt. Euang. q. 33. apud Corn. hîc.

Luc. 15. 13.

1. ad Cor. 13 12.

Ibid.

ainda assim faz huma Bemaventurança tam arriscada; que em hum abrir, & fechar de olhos tem, & naõ tem Bemaventurados. Se os abre Absalam para ver a seu Pay; logra essa Bemaventurança, & deseja a morte: *Obsecro, ut videam: & interficiat me.* Se os fecha o Prodigo para naõ ver o seu; com essa Bemaventurança chega a pontos de perder a vida: *Fame pereo.* Na Bemaventurãça da cõpanhia de hum Pay, Absalam morto: *Interficiat me.* E na Bemavẽturança da ausencia de outro, morto o Prodigo: *Pereo.* Naõ faz menor coro de Bemaventurados a companhia dos amigos: tambem esta Bemaventurança he tam desejada; que por cuidar David o naõ queriaõ já ver os seus, lhe morria o coraçaõ de pena: *Oblivioni datus sum, tamquam mortuus à corde:* a imaginaçaõ só de esquecido de seus amigos lhe parecia hũa morte. O mesmo he não se lembrarem elles de mim (dizem os que explicaõ a sua dor) que morrer eu por me ver sem elles: *Omnes in corde suo obliti sunt mei; ac si jam mortuus essem.* E o mesmo David, & Jonathas gozâraõ em tal grao esta Bemaventurança; que não só viviaõ juntos, (que he toda a Bẽaventurança dos amigos) mas tambem unidos: *Anima Jonathæ con-*

Luc. 15 17.

Psalm. 30. 13.

Hugo Tirin. in Psal. 30.

1. Reg. 18.

conglutinata eſt anima æ David. Com a preſença de ambos, em tanta gloria ſe viaõ os ſeus olhos, como as ſuas almas: *Conglutinata anima animæ.* Porèm os Bemaventurados deſta união não ſaõ muitos: & ſe diſſermos, que nem ſaõ todos, teremos muito fundamento para o dizer. Como ella depende de hum certo amor, que ou em parte, ou de todo he conveniencia; ſe faltou eſta conveniencia, aquelle amor tambem faltou. Em quanto Judas ſe naõ deixou penetrar da conveniencia do ter, vivia na Bemaventurança de amigo de Chriſto juntamente com os mais diſcipulos, livres já da humilde ſujeição de ſervos: *Jam non dico* Joan. 15.15. *vos ſervos, ſed amicos.* Mas o meſmo foy entender elle, que o divino Meſtre lhe reprovava a ſua conveniencia, condenandolhe o illicito zelo do adquirir; que deixar logo a ſua companhia, & não prezar, como dantes, a ſua amizade. Aſſim como ouvio a repreenſaõ de Chriſto oppoſta à ſua ambiçaõ, quãdo a Magdalena lhe ungio os pés: *Quid mo-* Matth. 26.10. *leſti eſtis huic mulieri:* foy logo tratar da venda de Chriſto: *Tunc abijt u-* Ibid. 34. *nus de duodecim, qui dicebatur Iudas, ad Principes Sacerdotum, &c.* Não temos amigo, por mayor, que nos pareça, que em lhe faltando a

conveniencia da noſſa amizade, eſtime, como eſtimava a noſſa companhia. Que mayor amigo noſſo, que o elemento do fogo: ou em quanto por dentro nos anima, ou em quãto por fóra nos agazalha? Amigo da natureza lhe chamamos: & não póde ſer mayor amigo. Porèm ſe lhe faltamos com a materia, em que elle ſe ſuſtenta, logo ſe vay, & nos deixa. Era grande conveniencia ſua o eſtar com-noſco; porque na noſſa companhia tinha o ſeu ſuſtento. Mas acabarſe eſta ſua conveniencia, & acabar tambem a companhia que elle atè allí tinha, tudo ſe vè no meſmo tempo. Ou nós o havemos de ſuſtentar; ou elle nos ha de deixar. Ou Chriſto ha de deixar eſtar a Judas, como elle quer eſtar, tratando a ſeu modo do ſeu ſuſtento; ou Judas ha de deixar a Chriſto: *Tunc abijt ad Principes Sacerdotum, & ait: Quid vultis mihi dare? &c.*

10 Diſcorramos mais duas deſtas Bemaventuranças, & as q̃ ſe eſtimão por mayores entre todas. A boa ventura dos ricos do mundo, quando elles a lograõ ſem trabalho, he huma deſtas duas Bemaventuraças. E para o ſer; aſſim os havia de ter contentes: haviaõ elles de poſſuir muito; & havialhes de cuſtar pouco. O ter de-

depois de ſuar, naõ he verdadeiro beatificar: hão de poſſuir, & deſcanſar, os que deſejaõ a Bemaventurança do ter. Quem mais abundante de bens, que Salamaõ? Já ſe ſabe a quãtos graos deſta gloria foy elevado: *Salomon in omni gloria ſua.* E querendo Chriſto retratarlhe eſta ſua Bẽaventurança, a deſcreveo diminuida nas flores do campo: moſtrãdo nellas a figura dos verdadeiros Bemaventurados do ter: *Conſiderate lilia agri quomodò creſcunt: non laborant, neque nent.* Poſto que Salamaõ logrou neſte mundo a mayor gloria da abundancia de bens; tende vós os voſſos retratados por eſtas flores, que ſem ſuar, nem trabalhar: *Non laborant, neque nent:* vivem, & avultaõ tanto: *Quomodò creſcunt.* E entaõ a Bemaventurança deſte opulento Rey não ſerà comparavel com a voſſa: *Nec Salomon in gloria ſua.* Eſta foy em ſuſtancia a moralidade da doutrina de Chriſto accommodada ao noſſo intento. Quem deſeja a Bemaventurança do ter; nẽ para iſſo, nẽ por iſſo ſe ha de deſvelar. Aprenda daquellas flores: *Conſiderate lilia:* que tendo tanto de ſeu, que nem Salamão tem tanto: *Nec Salomon in omni gloria ſua:* nem trabalhaõ para ter: *Non laborant:* nem fiaõ para veſtir: *Neque*

Matth. 6. 29.

Ibid. 28.

nent. Por eſta figura pois haõ de ſer repreſentados os que na Bẽaventurança dos bens poſſuidos, quizerem ſer glorioſos. Mas, como no mundo naõ ha deſtes Bẽaventurados; naõ he Bẽaventurança eſta ventura do mundo. Tal era a do meſmo Salamão: tam dependente dos cuidados do ter, que tinha doze Preſidentes da ſua ſuſtentaçaõ: *Habebat duodecim Præfectos, qui præbebant annonam Regi, & domui ejus*: os quaes com ſummo trabalho a adminiſtravaõ todos os mezes, deſvelado cada hum ſobre os emolumentos das ſuas propriedades: *Per ſingulos menſes ſinguli neceſſaria miniſtrabant.* E a verdadeira Bemaventurança naõ conſente eſtas dependencias: os ſeus glorioſos, figurados nas flores do campo, haõ de ter o neceſſario, ſem depender do trabalho: *Non laborant, neque nent.*

3.Reg. 4.7.

Ibid.

11 A outra Bemaventurança das duas mayores, com que acabamos eſte diſcurſo, he a do mando ſobre outros: ou de Rey ſobre Vaſſallos: ou de Prelado ſobre ſubditos: ou de General ſobre ſoldados. E prezou tãto Herodes eſta Bemaventurança, que para naõ cair da ſua gloria, tirou a vida a muitos mil innocentes, temendo que algum delles foſſe o profetizado para a ſua coroa: *Mittens* Matth. 2.16.

tens occîdit omnes pueros à bimatu, & infrà. E fez tanto Abſalam para ſubir a eſta Bemaventurança; que naõ reparou em a roubar a ſeu Pay David: *Toto corde univerſus Iſraël ſequitur Abſalom.* E aſſim o que naõ queria decer deſta Bemaventurança; como o que queria ſubir a ella: tanto Herodes, como Abſalam, nos meſmos paſſos que deram para eſta gloria do mando, a perdèraõ toda. Eſtas duas Bemaventuranças juntas: a das riquezas, & a dos mandos do mundo temos retratadas no ſonho de Nabuco. Vioſe nella opulentiſſimo de bens; porque da arvore, que o repreſentava, comiaõ todos os viventes: *Et ea vescebatur omnis caro.* Vioſe na meſma arvore com tam grande poder; que dominava o mundo todo: *Aſpectus illius erat uſque ad terminos univerſæ terræ.* Vioſe finalmente hum dos Bemaventurados deſtas glorias; porque a arvore ainda que prendia na terra: *Arbor erat in medio terræ:* chegava atè o Ceo: *Proceritas ejus contingens cælum.* E depois que Daniel lhe conſtruhio o ſonho, & nelle vio repreſentada toda a ſua Bemaventurança; do Ceo das riquezas, & do Paraiſo do mando, cahio ſem mais ter, alimentandoſe com o ſuſtento dos brutos: *Fœnum, ut bos,*

2.Reg. 15.13.

Dan. 4. 9.

Ibid. 8. & ulteriùs.

comedes : & ſem mais mandar ; mas antes ſendo mandado : *Ejicient te ab hominibus.* Se bem temos advertido, eſtas duas mayores Bemaventuranças foraõ logradas em hum ſonho: & porque tambem no meſmo foram perdidas ; bem podemos entender, que duraõ tam pouco eſtas glorias, & paſſaõ tam apreſſadas todas as Bẽaventuraças deſte mũdo ; que o meſmo ſonho, que as dà, as tira. Tanto monta o ſeu durar, como o ſeu acabar: ou o ſeu fim he a ſua duraçam. Ainda agora Nabuco arvore tam crecida, que chegou a ſe coroar de eſtrellas: *Magnitudo tua crevit, & pervênit uſq; ad cælum*: & logo taõ caida, q̃ nem as folhas lhe ficâraõ : *Succidite arborem, & excutite folia ejus.* Ventura, da qual ſe póde cair, & tambem caem, os que a ella deſejaõ ſubir ; ainda que ſeja boa ventura, nunca he Bemaventuraça. E tal foy a ſubida do ſoberbo Anjo : quando ſe conſiderava levantado ſobre as esferas celeſtes : *Super aſtra Dei exaltabo ſoliũ meum* : cahio precipitado no inferno: *In profundum laci.* Aquella ventura porèm, que parece queda, & he ſubida ; eſſa fim he Bemaventurança. E tal foy a queda de Saulo : parecia caido para nunca mais ſe levantar, indo para Damaſco :

Iſai. 14. 13.

Ibid. 15.

Cadens

Act. Apoſt. 9. 4. *Cadens in terram*: & cahio para ſubir atè o terceiro Ceo: *Uſque ad tertium cælum.* Aquelles canonizados, que podem cair da ſua gloria; ainda que ſejão venturoſos, naõ ſaõ bemaventurados. E taes ſaõ aquelles, que beatifica o mundo: *Væ, cùm benedixerint vobis homines.* Porèm os Beatificados, que primeiro pareciaõ malditos; eſſes ſaõ verdadeiros Bemaventurados: & taes ſaõ aquelles, que o mundo amaldiçoa: *Beati eſtis, cùm maledixerint vobis homines.*

2 ad Cor. 12. 2.

Matth. 5. 11.

Balança.

§. VI.

12 A Da conta da vida, aſſim como péza ao eſpirito, pèza tambem ao corpo: ou pelo corpo péza ao eſpirito. Eſta balança, que chamamos aqui da conta, he neſte diſcurſo a Cruz de Chriſto. Como o juizo univerſal do mundo ha de ſer á viſta da ſua Cruz, o mais tremendo final daquelle juizo: *Parebit ſignum Filij hominis*: com razão a conſideramos balança da conta, ou do juizo: & mais, quando jà a Igreja reconhece nella repreſentados os inſtru-

Matth. 24. 30.

ſtrumentos da conta, que ſaõ balança, & pezo: *Statêra facta corporis.* Neſta balança pois bem podemos dizer, que foraõ pezados Dimas, & Geſtas; porque ambos foraõ à ſua viſta julgados: hũ, diz Emiſſeno, eſcolhido para o Ceo: *Hũc deputat regno*: & o outro reprovado para o inferno: *Illum relinquit inferno.* E accõmodãdo nós agora a eſte caſo o noſſo aſſumpto, advertimos, que Dimas foy alli da eleiçaõ de Deos; porque pezou mais para elle o bem da alma, ou eſpirito, que o pezo dos tormentos do corpo: porque ſem ceder ao que o corpo lhe pezava aſſim atormentado; admittio, & abraçou o que padecia o corpo, para naõ ficar vencido o eſpirito: *Nos digna factis recipimus.* E Geſtas foy no meſmo tempo da reprovaçaõ divina; porque attendendo mais ao pezo do que ſofria o corpo, do que à importancia da alma, afrontava blaſfemo a quem de tanto pezo o naõ livrava: *Blaſphemabat eum.* De maneira, que tanto em hum, como em outro contendiaõ a alma, & o corpo: o eſpirito, & a carne: daquelle modo, que na balança podemos dizer contendem entre ſi oppoſtos o pezo, & o pezado: o que ſe péza, & o pezo, propendendo cada hum para o pezo, que he ſeu; até que o fiel

Hymn. Eccleſ.

Emiſſ. apud Fulg. Serm. 60.

Luc. 23. 41.

Ibid. 39.

da

da balança dá a ambos o ſeu pezo. E porque Dimas não attendia a aliviarſe do que entaõ lhe pezavaõ os tormẽtos do corpo, & Geſtas ſó a iſſo attendia; deo a cada hum o ſeu pezo o fiel pezador de eſpiritos: *Spirituum ponderator Dominus.* A Dimas: *Deputavit regno*: & a Geſtas: *Reliquit inferno.*

Prov 16.2.

13 E perguntando nós agora; qual ſerá o mayor numero: ſe os imitadores de Dimas, ſe os de Geſtas: ſe os rendidos ao pezo do corpo, ſe os de generoſo eſpirito: póde ſervir de deciſaõ o q̃ ſuccedeo aos muitos mil combatentes do exercito de Gedeaõ, antes de ſerem vencidos os eſquadroẽs de Madian. Os que para matarem a ſede com agua da fonte Harad (diſſe Deos a Gedeaõ) a levarem à boca: *Qui linguâ lambuerint aquas*: eſſes eſcolherás, para ſerem os vencedores: *Separabis eos ſeorſum.* E os outros, que inclinados com o corpo a beberẽ: *Qui curvatis genibus biberint*: eſſes ficaràõ de fóra: *In altera parte erunt.* Aſſim ſe executou o mãdato de Deos, & foy feita a ſeparaçaõ de huns, & outros: & de vinte & dous mil, ſó trezentos foraõ os deſtinados para aquella campanha. Os que depè, & como de caminho: *Manu ad os proiiciente lãbuerant aquas*: foraõ os eſcolhidos. Os ou-

Judic. 7.5.

Ibid. 6.

outros porèm, que pezados, & dobrando o corpo: *Flexo poplite*: refrigeravaõ os ardores da ſede; foraõ os reprovados. Huns, os eſcolhidos; os que naõ cedèraõ ao pezo do corpo: & outros, os reprovados; os que ſe rendéraõ ao ſeu pezo. E foy o que em breve ſentẽça diſcorreo Origenes. *Ille probabilis, ille electus eſt, qui flecti ad neceſſitates corporeas neſcit: qui neque ob peccati ſitim ſternitur pronus.* Pelo pezo dos corpos foy aqui pezada a generoſidade dos animos: & nós dizemos, que tambem pelo meſmo ſe póde pezar a dos eſpiritos. Como eſtes, & tantos em quantidade, como elles, ſaõ os que ſe deixaõ render das commodidades do corpo: os que as abraçaõ: *Curvatis genibus: flexo poplite.* E como aquelles, & tam poucos, como elles, ſaõ os que dos commodos corporaes, ainda ſendo tam neceſſarios, como a agua, para matar a ſede; ſó parece que os tocaõ: *Manu ad os projiciente aquas.* Na Cruz de Chriſto, que imos conſiderando, como balança, & com pezo: *Statêra corporis*: era entaõ o ſeu ſantiſſimo corpo, o que nella todo atormentado graviſſimamente lhe pezava. E tam generoſo moſtrou no ſeu corpo aſſim pezado ao ſeu eſpirito vencedor do ſeu pezo; que nem as mãos ſol-

Orig. homil. 9.

ſoltaria, para levar à boca a agua, de que neceſſitava, ainda que lha offereceſſem os meſmos, que lhe deraõ a beber o fel. He prova do que havia de ſer, o que alli foy, & entaõ ſe vio: mais, q̃ naõ matar a ſede, deixou de fazer Chriſto, por naõ decer da ſua Cruz, nem ſair da ſua balança. Deixou de intereſſar as adoraçoens de Deos, que entaõ lhe offereciaõ, ſe della deceſſe: *Si Filius Dei es: deſcendat de cruce, & credimus ei.* E que bom exemplo eſte para os crucificados na Cruz de Chriſto, como Saõ Paulo: *Confixus cruci*: para naõ decerem della, nem a deixarem, conſiderada, como balança, ſendo juntamente Cruz: *Statêra facta corporis!*

Matth. 27. 40. & 42.

Ad Gal. 2. 19.

Bondade.

§. VII.

14 NA das noſſas obras quer Deos tambem ter parte: aſſim como tambem quer, que nós tenhamos parte na bondade das ſuas. Aſſim como quando fez as primeiras obras da creaçaõ do mundo, todas boas: *Erant valdè bona*: quiz, que em todas lhe cantaſſem para elle a ſua gloria: *Benedicite omnia opera Domini Dño*: & q̃ foſſe noſſo o beneficio de todas: pois em fazendo ao homem, para quem ellas

Geneſ. 1. 31.

Tan. 3. 57.

las eraõ; entaõ deixou de obrar: *Requievit ab univerſo opere.* Deſcobreſe eſta verdade naquella Parabola dos jornaleiros ocioſos, quando depois de reprehendidos: *Quid hîc ſtatis totâ die otioſi*: os mandou para a ſua vinha quem os queria ter occupados: *Ite in vineã meã.* Quero para mim o trabalho das voſſas mãos: já q haveis de obrar cõtra a voſſa ocioſidade, & por iſſo empregar bem o tempo; ſeja tambem minha a voſſa obra: *Ite in vineam meam.* Pudera-os mandar ao trabalho de lavouras proprias dos meſmos operarios: *Ite in vineam veſtram*: Ide trabalhar no que em voſſa caſa vos dá para viver. Mas entaõ, toda a bondade da ſua obra, & o bem da ſua lavoura ſeria delles: & Chriſto, que em repreſentaçaõ era o que os alugava: & a noſſa alma, ou a ſua Igreja era a ſua vinha: *Hinc diſce nos vocatos, ut ſimus operarij in vinea, ideſt, anima, & Eccleſia*: queria tambem para ſi aquella obra. Queria-os para aquella vinha, que em quanto he a noſſa alma, he noſſa, & para elle: & em quanto he a ſua Igreja, he ſua, & para nós: *In vineã meã.* E ainda em outra doutrina, naõ fallando por parabola, mas por conferencia manifeſta, diſſe mais que iſto aos ſagrados Apoſtolos, quando os

Geneſ. 2. 2.

Matth. 20. 6.

Ibid. 7

Corn. hîc.

que=

queria para operarios da ſeara Euangelica.
Matth. 9.38. Quando lhes diſſe: *Rogate Dominum meſſis, ut mittat operarios in meſſem ſuam.* Eſte Senhor da ſeara aqui inſinuado,
Corn. hic. era elle meſmo: *Dominum meſſis ſe tacitè nominat*: eſtes operarios, a quem perſuade vaõ trabalhar na ſua ſeara, eraõ os meſmos Diſcipulos: *Rogate, ut mittat vos, ò Apoſtoli.* E com tanto agrado ſeu queria participar com elles do trabalho daquella cultura; q̃ chegava a querer, que elles lhe pediſſem o que elle queria: *Rogate me Dominum meſſis, ut mittam vos in meſſem meã.* Perſuadirnos Deos a lhe pedirmos a elle, & darnos depois o que nos promette, he argumento grande da ſua liberalidade: he o que ouvimos naquelle *Petite, & accipietis: pulſate, & aperietur vobis.* Joann. 16.24. Matth. 7.7. Mas repartir comſigo daquillo meſmo, que lhe pedimos, & nos perſuade a pedir; paſſa de lanço de liberalidade à fineza de amor: paſſa a ſer aquelle *Rogate me, ut vos mittam in meſſem.* Para eu me ſervir de vòs (vinha a dizer o divino Lavrador) & fazer a minha vontade; quero que ſeja cooperando vòs com a voſſa. Sendo vós mãdados por mim, & querendo vòs ſer por mim mandados; quero, q̃ no beneficio da minha ſeara, tanto bem tenhais vòs, como eu.

Vós,

Vós, em querer o que eu quero; que he o trabalho do voſſo braço: *Operarios in meſſem meam.* E eu, em querer que os trabalhadores, que eu quero, me cheguem a pedir eſte meu querer: *Rogate me, ut vos mittam.* Eſta repartiçaõ da meſma obra entre Chriſto, & os Diſcipulos, he muito mais ſingular, que a outra entre elle, & os trabalhadores da vinha. Huma, que he a da vinha, he repartiçaõ da obra mandada fazer por elle: *Ite in vineam meam.* E a outra, que he a da ſeara, he repartiçaõ da obra pedida por elle, & mandada fazer por nós: *Rogate, ut mittam in meſſem.*

15 Eſta repartiçaõ do amor com tanto bẽ para o amado, como para o amante na couſa repartida; foy com effeito exercitada no tempo das mayores finezas do divino repartidor: no tempo, em que ſe deſpedio dos trabalhadores da ſua ſeara, & lhes lavou os pès: *Cœpit lavare pedes diſcipulorum.* Joan. 13.5. Naõ foy menos boa eſta obra do lavatorio dos pés para os diſcipulos; do que havia ſido a unçaõ da Magdalena para Chriſto. Se deſta obra diſſe Chriſto: *Bonum opus operata eſt in me:* da outra obra bem podiaõ dizer os ſagrados Apoſtolos: *Bonum opus operatus eſt in nos.* Tanto ſe repar- Matth. 26. 10.

tio

tio o bem de hũa obra entre Chriſto, & a Magdalena; como a outra entre os ſeus diſcipulos, & Chriſto. Mas antes bem lhe podemos conſiderar diferença, ſe julgarmos eſta fineza por mayor que a outra. A obra da unçaõ da Magdalena, ſobre querer Judas para ſi o ſeu preço todo, & murmurando de ſe haver dado todo a Chriſto, foy impugnada por eſcrupulos da ambiçaõ: *Ut quid perditio hæc?* E na obra do lavatorio dos pés, o eſcrupulo foy do amor: *Si non lavero te, non habebis partem mecum.* Eſteve o amor tam eſcrupuloſo neſta repartiçaõ; que corria riſco ficarẽ ſem ter parte nella o amante, & o amado: Chriſto, & Pedro. Pedro, por dizer: *Non lavabis mihi pedes:* & Chriſto dizendo: *Si non lavero te, non habebis partem mecum.* Se eſta obra ſe naõ fizer, porq̃ para ella tu naõ queres dar os pès, dando eu para ella as mãos: *Si non lavero te:* nem eu comtigo terey parte nella, nem tu comigo a teràs: *Nõ habebis partem mecum.* Eſte foy o eſcrupulo do amor da parte de Chriſto: & da parte de Pedro tambẽ foy o meſmo. Por naõ ficar elle ſem ter naquella obra parte com Chriſto, cedeo da ſua humildade, & conſentio no lavatorio. Entendendo que a perderia: *Concepit nihil ſe cũ Chriſto*

Ibid. 8.

Joan. 13. 8.

Ibid.

Corn. hic.

ſto commune habiturum: diſſe rendido ao amor do divino Meſtre: *Non tantùm pedes, ſed & caput.* A ſua humilde repugnancia tinha por medida hũa eternidade de tempo: *Non lavabis mihi pedes in æternum.* Mas ſe eu naõ hey de participar comvoſco neſta obra do voſſo amor: *Nihil tecum commune habiturus*: nem por hum ſó inſtante mais quero medir a minha humildade: *Non tantùm pedes*, &c. Todo aquelle tempo era de obras do amor: & mal podia Pedro naquelle tempo, ſendo elle o amado, deixar de ter parte nellas; ſe Chriſto, que era o amante, queria que elle a tiveſſe: ſe depois da obra do lavatorio dos pès ſe havia de ſeguir a obra do Sacramento da Euchariſtia, na qual a haviaõ de ter ambos: *In me manet, & ego in illo.* E foy o que diſſe quem diſcorreo os eſcrupulos do amor entre Chriſto & Pedro naquella obra do lavatorio: diſſe, que naõ teria Pedro parte na obra do Sacramento, ſe a naõ tiveſſe na obra do lavatorio: *Si non lavero te, non dabo tibi partem panis conſecrãdi in corpus meum, non eris particeps mei.* Joan. 6. 57. Tolet. apud Corn. hic.

16 Eſta he a repartiçaõ do bẽ das noſſas obras: & a do ſeu mal, tambem he como ella: tambem nas más obras tem o Demonio parte; porque nós lha damos,

&

& elle a toma. A primeira obra mà, que houve no mundo, foy o peccado de Adam, & naõ o fez cair Eva, ſem que a induziſſe o Demonio: *Serpens decepit me.* Gen. 3. 13. Jà deſde entam veyo ſempre eſta ſerpente mordendo ao homem, & elle concorrendo ſempre para a mordedura; ainda que nem ſempre na meſma materia. Algumas vezes o faz tentando a muitos, como tentou ao Prodigo da Paraboſ- la, quando eſte *Diſſipavit ſubſtantiam ſuã vivendo luxuriosè.* Luc. 15. 13. Fez com que elle pediſſe ao Pay a porçaõ dos bens, que lhe pertencia: *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit:* Ibid. 12. para neſſa meſma porçaõ ter elle tentador a parte, que lhe conſideraõ os que commentaõ aquelle *Adhæſit uni civium regionis illius.* Ibid. 15. Dizem, que eſte era o Demonio: *Civis hic eſt ex numero Dæmonum: adhæſit alicui ad militiã Diaboli pertinenti: civis iſte eſt princeps hujus mundi.* S. Aug. S. Ambroſ. Com. hic. É melhor fora, que eſte tentado deixaſſe ao Demonio a porçaõ dos bens, que levou comſigo: deixaria entaõ de viver com elle: *Adhæſit huic ex numero Dæmonum:* & naõ lhe daria a parte que lhe deo, para a tentaçaõ da vida peccaminoſa: *Vivendo luxuriosè.* Em quanto Joſeph teve mão em parte da capa da Egypcia tentadora, durou a tentaçaõ:

& livrouſe della o tentado, depois que lhe deixou a capa toda: *Relicto pallio.* Se o Prodigo entendêra, que nos bens, com que ſahio da caſa do Pay, levava a materia para a tentaçaõ do Demonio; antes lhos dera todos, que cair tentado por admittir nelles a ſua companhia: *Adhæſit alicui ad militiam Diaboli pertinenti:* naõ os diſſiparia entaõ, *Vivendo luxuriosè.* Repreſentaſe a reſiſtencia, que entaõ teria o Prodigo contra o Demonio, naõ lhe dando a parte, que elle lhe tomou, para o tentar com os ſeus bens; na q̃ Chriſto teve no deſerto cõtra o meſmo Demonio, quando o tentou com todos os do mundo: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me.* Naõ lhe tomou parte alguma delles: todos lhos deixou na maõ, com que os offerecia: *Hæc omnia tibi dabo.* Naõ, porque com eſta noſſa reflexaõ os naõ quizeſſe Chriſto aceitar: mas porque vendo nós ao Demonio offerecerlhe todos, & a Chriſto deixarlhe todos; accommodamos por moralidade repreſentada eſta conſideraçaõ do noſſo diſcurſo. E para a confirmarmos com outra, vemos a Deos pôr na mão do Demonio todos os bẽs de Job, quando nelles o queria tentar: *Ecce, univerſa quæ habet, in manu tua ſunt.* Naõ re-

Gen. 39. 12.

Matth. 4. 9.

Job. 1. 12.

ſer-

ſervou para Job parte delles em caſa: em todos mandou ao Demonio, que meteſſe a maõ: *Univerſa quæ habet, in manu tua.* Aſſim livrará melhor da tua tentaçaõ o meu ſervo Job já que entendes, que na falta dos ſeus bens o ha de vencer a tua tentaçaõ, & me dizes: *Tange cuncta quæ poſſidet, niſi in faciem benedixerit tibi*: ahi os tens todos: naõ o quero ver a elle poſſuidor de huma parte dos que tem, & a ti poſſuidor da outra: *Ecce in manu tua ſunt univerſa.* E q̃ differente foy a ſorte do Prodigo tentado pelo Demonio na parte dos ſeus bens: *Portionem ſubſtantiæ*: dando ainda nella parte ao Demonio, como a ſocio da ſua diſſipaçaõ: *Adhæſit civi, qui eſt princeps hujus mũdi!* E que bem imitaõ eſta ſociedade com o Demonio os repartidores dos ſeus bens com elle: *Vivendo luxurioſé!* Poderáõ elles morrer de fome, como morria o Prodigo: *Fame pereo*, mas naõ deixaráõ de tirar do pouco que tem: *Portionem ſubſtantiæ*: alguma parte, para a dar ao Demonio: *Alicui ex numero Dæmonum.*

Ibid. 11.

Luc. 15 17.

Bonança.

§. VIII.

17 MAis tormentoſa he a do mar das culpas,

do que he a tempeſtade do mar das ondas. Na bonança do mar das culpas: no ſoſſego, com que hum peccador dorme ſobre a enganoſa bonança da ſua conſciencia, naufragaõ todos: naufragaõ, como Jonas dormindo ſobre a ſua deſobediencia: no meſmo tempo, em que elle deſcanſava, foy tirado para o naufragio: *Tulerunt Jonam, & miſerunt in mare.* E da tempeſtade do mar das ondas livrâraõ muitos: livrâraõ, como Saõ Pedro, ainda quando ellas o hiaõ ſumergindo: *Cùm cœpiſſet mergi.* A bonança do mar das culpas ſempre encaminha para o baixo: & a tempeſtade do mar das ondas tambem leva ao porto. Quando ſe conſiderava mais ſoſſegado no mar das delicias da ſua meſa o Rico do Euangelho, convidando a ſua alma ao pacifico gozo de todas: *Comede, bibe, epulare*: entaõ ſe vio naufragado na terra da ſepultura dando a alma, & perdendo a vida: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* E quando as aguas do diluvio mais combatiaõ a arca, & era mayor a inundaçaõ com que lutava: *Multiplicatæ ſunt quæ vehementer inundaverunt*: tãto mais a hiaõ levantando: *Ferebatur ſuper aquas*: & ella chegâdo mais aos montes, onde ſe ſalvou: *Requievit ſuper montes Armeniæ.* Na bonança

Jonæ 1. 15.

Matth. 14. 30.

Luc. 12. 19.

Ibid. 20.

Geneſ. 7 17. & 18.

Idem 8. 4.

do

do mar das culpas, ha tranquillidade de mar morto, ou de mortos; porque a ſua quietaçaõ he a ſua morte: morrem, quando deſcanſaõ, & ſe m ſe ſaber, q̃ morrem. E a tempeſtade do mar das ondas faz aviſo aos que o navegaõ, da morte, que lhes poderà vir: & quanto eſte mar eſtà mais bravo nas ſuas ondas, mais vivamente os deſperta para a prevençaõ da vida. Faz o que ſe ha de ver no dia do juizo: todos os ſinaes portentoſos, que lhe haõ de preceder: *Terræmotus magni: terrores de cælo:* haõ de aviſar do fim do mundo; mas naõ haõ de ſer o ſeu fim: *Nondum ſtatim finis.* E iſto he o que naõ ſe vè na bonança do mar das culpas: o ſeu abonançar he o noſſo morrer; & o ſeu ſoſſego logo he o noſſo fim: *Statim finis.* E ainda mais horrivel fim, que o fim do mundo: porque eſte fim poſto q̃ taõ eſtrondoſo, hade ſer o termo do temporal; & aquelle em tanta bonança o he do eterno: hum ſerà a morte dos noſſos corpos; & o outro he a morte das noſſas almas. Diſcorrendo Saõ Gregorio eſte fim do mundo, diz, que todo o ſeu terror antecedente he para depois vir menos horrivel: *Redemptor noſter perituri mundi perterrentia mala denuntiat; ut eò minùs perturbent venientia.* E por ſeu juſto, &

Luc 21. 11.

Ibid. 9.

S. Greg. Homil. 25. in Euang.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

tremendo juizo naõ dá eſte brado aos q̃ morrem na bonança do mar das culpas, para lhes aliviar o fim: nella os deixa morrer ſem reclamo annunciante da ſua morte: *Statim finis.*

Beneficios.

§. IX.

18 AS mãos de quem o faz naõ haõ de olhar para as mãos de quem o recebe: naõ haõ de ſer liberaes, para ſerem correſpondidas. Fazer bẽ, ſem olhar para quem: como diz a ſentença do vulgo. E mãos com olhos, jà as conſiderãraõ os Cõmentadores daquelle conſelho de Chriſto: *Neſciat ſiniſtra tua quid faciat dextera tua:* Naõ veja huma maõ o que faz a outra. *Si manus tua ſiniſtra oculos haberet, videre non poſſet.* E bem podemos accommodar aqui por exemplo o q̃ Deos fez no Paraiſo. Fez o Ceo, fez a terra, fez o Sol, fez a Lua: creou os animaes, creou as aves, & creou os peixes: & tudo iſto para o homem, ainda antes de haver, nem ver ao homem, para quem era tudo. Primeiro os beneficios: *Creavit Deus cælum, &c.* & depois o homem, para quem elles viriaõ a ſer: *Faciamus hominem, &c.* E he a razaõ; porque dizemos, que as mãos do ma-

Matth. 6. 3.

S. Chryſoſt. Theophyl. apud Corn. hic.

Geneſ. 1. 1.

Ibid. 16.

mayor Bemfeitor naõ haõ de olhar para as maõs do Beneficiado: ha de fazer o bem sò com os olhos no bem, q̃ faz. Aſſim como no que faz a eſmola, naõ ha de ſaber huma maõ, o que faz a outra guardando hum ſegredo: *Neſciat ſiniſtra quid faciat dextera*: no que faz o beneficio tambem ha outro ſegredo, que guardar, & o naõ haõ de ſaber ambas naõ haõ de ſaber aquelle ſegredo, com q̃ huma maõ lava a outra, & ambas o roſto. As maõs do liberal naõ haõ de chegar ás mãos do ſujeito da liberalidade, como que vaõ a lavar, para ſerem lavadas, & elle participar tambem do lavatorio. Sem as ſuas mãos ſerem lavadas, podem ſer limpas, & elle póde apparecer com o roſto muito lavado. Iſto poderemos entender do que aos ſeus diſcipulos diſſe Saõ Paulo Bemfeitor ſeu, inſinuando os beneficios, que elles haviaõ recebido das ſuas mãos: *Vos ſcitis qualiter vobiſcum fuerim ſerviens Domino*: & no meſmo tẽpo moſtrandoas limpas de remuneraçoens: *Argentum, & aurum nullius concupivi.* As mãos ſempre a fazer bem, & a naõ tomar couſa alguma pelo bẽ, depois de feito: mãos canonizadas por dar, & naõ por receber: *Beatius eſt magis dare, quã accipere.* Naõ por-

Act. 20. 18. & 19.

Ibid. 33.

Ibid. 35.

que seja indigno de receber, o que se achou sujeito digno, a quem se dar: mas porq̃ como independentes da gratificaçaõ, as mãos haõ de estar cheas da graça. Ou, como em Deos enchendo-as de beneficios: *Fecit cælum*: ainda antes do ser do homem, para quem eraõ: *Faciamus hominem*. Ou, como em S. Paulo occupando as mãos com o servir: *Qualiter fuerim serviens Domino*: sem olhar para as do gratificar: *Nullius aurum concupiscens*. O q̃ deixamos dito, he considerando nós a Deos como Creador, & ao homem como creatura, fazendo grandes beneficios, como supremo distribuidor dos mayores. E considerado como o mais fino amãte do homem, pois veyo ao mundo dar por elle a vida; diremos tambem o mesmo. Diremos com pia consideraçaõ, que naõ appareceo o divino amante ao seu amado, sem lhe mostrar as mãos cheas das obras do seu amor. Se foy argumento grande de quanto o amou, o Filho, que lhe deo: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium suum daret*: tambem mostrou quanto o amava, o mundo, que para elle fez: *Creavit cælum, terram, &c.* antes de o fazer a elle: *Faciamus hominem*. Tal foy a fidalguia do amor de Jacob: naõ quiz apparecer a Rachel, sem Joan. 3. 16.

ir

ir com as mãos cheas do ſervir por ella a Laban: *Serviam tibi pro Rachel.* Do diſcorrido atè aqui bem ſe infere, que naõ he o mayor beneficio, o que ſó por ſer grande foy pedido: quem o chegou a alcãçar, jà lhe cuſtou o pedir. Naõ he o mayor o que ſó ſem ſer pedido, foy dado: quem o levou, ficou pela merce obrigado. Naõ he o mayor o que ſó he julgado: quem o conſeguio, ficou-o devendo á juſtiça, & naõ á liberalidade. Naõ he o mayor o que ſó he mais applaudido: quem o logrou, tanto teve de invejado. Naõ he o mayor o que ſó foy de mais rendimẽto: quem o poſſuhio, tambem lidou com mais cuidados. Naõ he o mayor o que ſó foy de mais honra: quem a ella ſubio, a mayor queda ſe arriſcou Naõ he o mayor o que ſó veyo de mão mais nobre: quẽ o aceitou, abrio para elle a mais humilde. Naõ he o mayor o que ſó he avultado: quem o acquirio, mais o tomou pelo pezo, que pela honra. Naõ he finalmente o mayor o que ſó foy de mais neceſſidade: quem com elle ſe remediou, ſujeitouſe tambem a mayor dependencia. He pois ſó o mayor beneficio, o que ainda ſendo como qualquer deſtes, o chegou a ſer, antes de ſe pôr olhos naquelle, para quem era: a creaçaõ

Geneſ 29. 18.

çaõ de hum mundo inteiro : *Creavit Deus cælum, & terram, &c.* para quem ainda naõ eſtava no mundo : *Faciamus hominem.*

Barro.

§. X.

19 O De Adam, tanto ha de ſer lembrado pelo que foy, como pelo que he, & pelo que ha de ſer. Se a Igreja nos lembra o pó, que ſomos, & o que havemos de ſer : *Memento, quia pulvis es, & in pulverem revertêris:* bem he, q̃ nos lembremos nós do que fomos antes de ſer barro ; & mais do barro, que depois fomos : antes de Deos fazer a Adam : & depois de Adam feito. Aquelle barro, de que Deos fez a Adam, tinha-o Deos feito de nada : & lembrar a quẽ he barro, que foy nada, he advertirlhe, que naõ ſe deſvaneça do que he, ſe primeiro foy nada. Aquelle barro, quando jà era Adam, tinha-o Deos de barro feito homem : & lembrar a quem ſe vè homem, q̃ primeiro foy barro, he dizerlhe, que olhe para o barro que foy, & naõ ſe eleve tanto por ſer o homem, que he. Aquelle barro, depois de Adam deixar de ſer, chegou a naõ ſer jà o barro, que foy, & voltou ao nada que era : & lembrar a quem jà naõ he,

he, que ſoy barro, & que ſoy nada, he moſtrarlhe como em eſpelho (porque tambem he eſpelho a lembrança) que a ſua aſcendencia, ou ſoy nada antes de ſer barro: ou que depois de ſer barro, ſoy hum pouco mais de nada. Iſto aſſim advertido, lembre a Igreja ao homem o pó, que he, & o pó que hade ſer: *Memẽto, quia pulvis es, & in pulverem revertêris*: & lembremoslhe nós o barro, q̃ ſoy, & o nada, que era antes de ſer barro: *Memento homo, quia fuiſti nihil: quia fuiſti lutum.* A melhor medida de hũa fidalguia, he a que ſe toma pela ſua aſcendencia: quanto a aſcendencia tem mais de nobre, tanto participa a fidalguia de mais nobreza. E lembrarſe hũ filho de Adam, que deſcẽde do nada: *Memento, quia fuiſti nihil*: he chegar a verſe neſte eſpelho, & naõ ſe ver nelle: porque por eſte aſcendente nada tem em ſi que ver: *Fuiſti nihil.* E fica ſendo eſta ſua ſorte ainda de peyor condiçaõ que a do outro, q̃ vendo em hum eſpelho a origem donde nacia: *Conſiderans vultum nativitatis ſuæ in ſpeculo*: depois ſe eſqueceo do que vira: *Statim oblitus eſt qualis fuerit.* E digo, que eſte fica de melhor condiçaõ; porque ao menos vio em ſi que era alguma couſa, pois teve de que ſe eſquecer no que vio:

Jac. 1. 23

Ibid. 24.

vio : *Oblitus qualis fuerit.* Aquelle porèm, q̃ deſcende do nada, naõ tem por eſta parte, que ver no ſeu nacimento, nem de que ſe eſquecer, querendo ver donde naceo ; porque eſte ſeu progenitor (do modo, que ſendo nada, ſe póde chamar principio generante) naõ foy couſa alguma : *Fuit nihil.* Bem vemos que eſte tal filho de Adam poderà ſer hoje huma couſa muito grande na Republica ſecular, & tambem na Eccleſiaſtica, ou na Regular: mas, para que naõ deixe de ſer o muito, que he ; lembreſe do nada, que foy : *Memento, quia fuiſti nihil.* Naõ ſe deſvaneça tanto, que ſe pareça com o ſal : *Si e anuerit* : porque entaõ naõ val nada : *Ad nihilum valet.* Mas antes entaõ ſerà duas vezes nada : nada antes de ſer ; & depois de ter ſido, outra vez nada. O ſal tambem tem ſua aſcendencia : deſcende do criſtalino da agua, & do illuſtre do Sol. E quem, como o ſal, deſcende de progenitores tam puros, como o criſtal da agua, & o eſplendor do Sol: para ſe naõ deſfazer no ſegundo nada : *Ad nihilum valet* : ha de lembrarſe do primeiro de que foy feito : *Memento, quia fuiſti nihil.* Para ſe conſervar na grandeza, a que tem ſubido, mais ha de procurar deſfazer em ſi, do que deſvanecerſe com ella. Ha

de

de imitar o grande Bautiſta. Por mais, que
Joan. 1. 21. desfazia em ſi: *Non ſum Elias: non ſum Propheta*: ſempre era o mayor dos nacidos:
Matth. 11. 11. *Inter natos mulierum non ſurrexit maior.* Elle a querer ſer nada: *Nõ ſum*: & Chriſto a dizer delle, que era mais do que os outros ſaõ: *Non ſurrexit maior.* Para conſervarem pois os filhos de Adam o *ſim*, que ſaõ; lembremſe do *naõ*, que foraõ: *Fuiſti nihil.*

20 Lembremos agora aos que nacendo do barro de Adam, foraõ depois alguma couſa: que ſe naõ eſqueçaõ do barro, que foraõ: *Memento, quia fuiſti lutum.* E naõ ſe faz eſta lembrança aos que imitando a Job a fazem a ſi meſmos, como elle a ſi meſmo a fazia: *Memento, quòd ſicut lutum feceris me.* Job 10. 9. Fallando com Deos, de cujas mãos ſahira feito de barro: *ſicut lutum*: reconhecia ſer aſſim obra do Author, q̃ a fizera: *feceris me.* Aos ſemelhantes a Job naõ fazemos eſta lembrança: porque ſe a ſua humildade lha faz, naõ neceſſitaõ de que lha faça o noſſo zelo. E tãbem excluimos do *Memento* accommodado neſte diſcurſo aquelle, q̃ ſó olha para o barro dos outros, eſquecido do ſeu barro. Aquelle, que là vay deſcobrir nos outros, ainda que naõ ſeja mais que hũa pequena parte do pè de bar-

Dan. 2. 33. 34. & 35. barro : *Quædam pars fictilis*: & com a pedrada, ſem ſe ver maõ : *Lapis ſine manibus*: poẽ por terra a eſtatua de toda a ſua reputaçaõ: *Redacta in favillam.* Excluimos, digo, a eſtes da lembrança, que imos diſcorrendo; porque eſtes lembrados, que foraõ barro, haõ de imitar aos lembrados, que haõ de ſer pó. Fazendo a Igreja a todos eſta lembrança : *Memẽto, quia pulvis es*: elles a naõ fazem huns aos outros : cada hum ſe lembra do ſeu pó, & olha ſó para o ſeu *Memento.* Como o noſſo fim he humilharnos, por havermos ſido barro : aſſim como a Igreja nos humilha ; porque havemos de ſer pó, aos que fazem tiro ao barro dos outros, naõ era bem, que ſó fizeſſemos eſta lembrança por alluſaõ á que faz a Igreja, como Mãy : de mais terror, que o de huma ſimplez lembrança havia de ſer o *Memento* deſtes olhadores para o barro dos outros. Mas no dia ultimo do mundo, aquelle meſmo Juiz, q̃ aos deſcubridores do barro da adultera confundio, & aterrou, moſtrandolhes na terra, onde entaõ eſcreveo, o ſeu barro delles ; (os ſeus peccados todos, entendemos cõ Saõ Jeronymo aquelle *Digito ſcribebat in terra*) os confundirà, & aterrará com outra mais horrivel eſcritu-

Joan. 8. 6.

ra.

ra. Dando a ler a todos
S.Hieron.l.2. contra Pelag. ſeus peccados: *Eorum, qui accuſabant, omnium peccata*: os farà ſair da ſua preſença condena-
Joan.8. 9. dos: *Unus poſt unum.* Deſta ponderaçaõ ſe infere, que tambem ſe toma, & entende por barro de Adam a fraqueza de ſeus filhos: as culpas, em que elles cahîraõ, como fracos. A ſenſualidade de hũs; eſſe he o ſeu barro: a inveja de outros; eſſe he o ſeu barro: & aſſim dos mais peccados (barro todos) que participamos de Adam, o noſſo primeiro barro. Por iſſo os peccados dos accuſadores da adultera, eraõ o ſeu barro delles dado entaõ a ver na terra, onde Chriſto os eſcrevia: o barro da accuſada pela boca delles dito: & o ſeu barro delles pela mão de Deos eſcrito: *Scribebat in terra.* Aſſim andaõ cegos neſte mundo, os que naõ vem o ſeu barro, & ſó tem olhos para ver o barro dos outros: a eſtes he, que fallamos, & a elles ſe dà a ver o barro, que foraõ: *Memento, quia fuiſti lutum.* Accõmodamos aqui por imitaçaõ, o que Chriſto fez, quando abrio os olhos daquelle cego, pondo nelles o barro da ſua aſcendencia: *Linivit lutum ſuper oculos*: que interpretaõ fora o barro, de que Deos, *Sicut figulus, hominem de luto formârat.* Se a eſtes cegos do mundo lhes poem a Igreja na cabe-
Joan.9. 6.
S.Chryſoſt. apud Corn. hic.

ça

ça o pó, que hão de ſer, para os fazer lembrados do ſeu fim: *In pulverem revertêris*: ponhaſe tambem nos ſeus olhos o barro, que foraõ, para que vejaõ qual foy o ſeu principio: *Fuiſti lutum.* He bem, que olhem para o barro de que deſcendem, para ſe naõ adeoſarem tanto com a fortuna, que os levanta; como Adam o primeiro barro quiz ſer: *Sic ut dij.* Genes. 3 5. Deſta ſorte naõ viràõ a cair com a ſua meſma ruina, lembrãdoſe, que vem de dous aſcendentes, dos quaes hum he *nada*, & o outro *barro*: *Memento, quia puiſti nihil: quia fuiſti lutum.*

Brado.

§. XI.

21 NEm por ſer o mayor, mais ouvido: o que ſe dá mais brando, ainda que naõ ſe ouça tanto, eſſe he o que mais obra. O relampago, que ſe naõ ouve, eſſe he o que traz o rayo: & não o trovão, que he o ouvido. O brado mudo da conſciencia, & não o eloquente do Prègador, eſſe he o que mais atemoriza, & por iſſo o que melhor ſe ouve. Quando Chriſto na Cruz já naõ ſe ouvia, porque já eſtava morto; então o reconhecêrão por Filho de Deos, aquel-

aquelles meſmos, que quãdo vivo o não criaõ: Matth. 27.54. *Verè Filius Dei erat iſte.* O que não fizeraõ os brados da ſua doutrina, & as reprehenſoens publicas, com q̃ em vida a todos exhortava ao crerem: Joann. 8.46. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi*: puderaõ fazer as vozes mudas das ſuas virtudes, depois da morte: *Verè Filius Dei erat.* Naõ, porque em vida foſſe menos efficáz a ſua prègaçaõ para converter aos que o ouviaõ: mas porque a obſtinaçaõ de muitos, mais ſe rende ao que elles vem: mais aos ſeus olhos, ſem elles fallarem; do que aos ſeus ouvidos, depois de ouvirem. He verdade que em Chriſto vivo tambem tinhaõ muita virtude, que ver, & q̃ ſem elle fallar os pudera perſuadir. Porèm o que entaõ viaõ os ſeus olhos, não o diziaõ ao coração: ficava viſto de fóra, mas não dito dentrõ: não eraõ olhos de ver naquelle ſẽtido, em que tãbem ha ouvidos de não ouvir. Aſſim como ha ouvidos de ouvir, & ſaõ os daquelle, que faz o que os ſeus ouvidos ouvẽ: Corn. *Ut qui audit, obediat, & opere exequatur*: & por conſequencia o q̃ não faz o que ouve, não tem ouvidos de ouvir; tambem ha olhos de ver, & ſaõ os daquelle, que faz o que os ſeus olhos vem: & os olhos daquelle, que não faz o que os ſeus

olhos vem, não ſaõ olhos de ver. Saõ concluſoẽs tiradas da doutrina de Chriſto, quando diſſe: *Qui habet aures audiendi, audiat.* E a razão fundamental deſtas verdades he a de outra exhortação de Chriſto, quando depois de explicar a parabola da ſeara repreſentando na ſemente a ſua palavra: *Semen eſt verbum Dei*: concluio: *Qui habet aures audiendi, audiat* & moſtrou o fruto da ſua doutrina no coração daquelles: *Qui in corde audientes verbum retinent*: dos que fazem o que ouvem. Agora voltemos ao noſſo diſcurſo, deduzindo deſtas concluſoens a ponderação, que proſeguimos:

Luc.c.8.

Luc.8. 11.

Ibid.15.

moſtrando o fruto da boa doutrina não ſó ſẽ brados, mas ainda ſem vozes do que a enſina. Se os ouvidos, que ouvem, ſaõ aquelles, a quem ouve o coração; fallão-lhe os ouvidos ſem bradarem. E ſe os olhos, que vem, ſaõ aquelles, que o coração vè; tambem lhe fallaõ os olhos ſem darem vozes. Sem darem brados, nem ainda articularem vozes, fallão os ouvidos, & fallão os olhos aos coraçoens ouvintes. E que boa advertẽcia eſta para haver fruto nos que ouvem, naõ havendo brados, nem vozes nos que prégaõ! Vejão-ſe no pulpito Prègadores ſantos, & logo verão convertidos a ouvintes

ce-

cegos, & mais a ſurdos; ſuppondo que os cegos ouvem, & os ſurdos vem. Os ouvidos do cego hão de dizer ao coração a virtude, que elle naõ vio: & os olhos do ſurdo lhe hão de dizer, o que elle não ouvio. E com que vozes hão de fallar então huns, & mais outros: os ouvidos dos cegos, & os olhos dos ſurdos? Com as que dizemos. Com vozes mudas, & ſem brados: ſó porque os ouvidos dos cegos ſaõ ouvidos de ouvir; & os olhos dos ſurdos ſaõ olhos de ver: ſaõ ouvidos, & olhos daquelles, *Qui audiunt, obediunt, & opere exequuntur.* Os cegos, que pedião viſta a Chriſto, hião perſuadidos do q̃ ouvião: & os ſurdos, que lhe pedião falla, hião levados do que vião. Aos cegos guiavão os ſeus ouvidos: & aos ſurdos, os ſeus olhos: & mais nem os ouvidos fallavão para guiar aos cegos, nem fallavão os olhos para encaminhar os ſurdos. A virtude de Chriſto era a que fazia eſtes milagres: fazia, que fallaſſem os ouvidos, & que fallaſſem os olhos. E bem podemos dizer que tambẽ *Hos mutos fecit loqui.* Marc. 7. 37.

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

C.

Caſtigo.

§. I.

QUEM jà lhe tomou o pezo, não ha de querer que o tomem outros: a experiencia do que jà padeceo, o ha de inclinar a naõ ver padecer o meſmo. E naõ o fez aſſim Jonas: jà ſabia q̃ couſa era ſer engolido, quando por caſtigo da ſua deſobediencia o foy da balea; & queria que tãbem o foſſe Ninive, como elle o tinha prègado: *Adhuc quadraginta dies, & Ninive ſubvertetur.* Porque vio paſſados os quarenta dias; & a Ninive ſem o caſtigo intimado; quiz ſer tam zeloſo, q̃ chegou a eſtar irado: Jon. 3. 4.

Aſſi-

Jon.4.1 *Afflictus eſt Jonas afflictione magnâ, & iratus eſt.* Violeimpaciente, paſſou a ſer indiſcreto; & ainda a mais q̃ indiſcreto, & impaciente, dizem muitos. Arriſcaſe a virtude a ſer vicio: o zelo a ſer ira, ſe o zelador não toma por ſi meſmo as medidas do ſeu zelo. Se Jonas olhaſſe para ſi jà perdoado, depois de ter deſobedecido a Deos; não deſejaria ver a Ninive, antes ſubvertida, que perdoada, ainda que o tiveſſe offendido. Iſto foy o q̃ lhe eſtranhou Deos: & ſendo a ſuſtancia da reprehenſão huma pergunta: *Putaſne benè traſceris tu?* não ſatisfez Jonas com repoſta. Não ha zeloſo, que reſponda, quando com as meſmas razoẽs ſe convence o exceſſo do ſeu zelo: quãdo querem ver engolidos aos outros, eſquecendo-ſe do que padecèrão no tempo, em que ſe virão engolidos. Por iſſo o que Jonas dizia, era contra o meſmo, que zelava: queria ver devorada a Ninive, quãdo agradecia a Deos não acabar elle a vida devorado: *De ventre inferi clamavi, & exaudiſti vocem meam.* Se elle tiveſſe ouvido a Parabola do Euangelho, onde aquelle Rico ſepultado no inferno naõ queria que ſeus Irmãos foſſem tambem nelle ſepultados; veria corrigido o ſeu zelo, & a muita razão de o re-

Theodor. Theophyl. Albert. Dionyſ. apud Corn. hic.

Ibid.4.

Jon 2.3

prehender Deos. *Habeo quinque fratres*: dizia elle, vendose submergido no inferno; & quero que os và aconselhar Lazaro: *Ne & ipsi veniant in hunc locum tormentorum.* Quẽ sabe, como eu sey, que cousa he estar devorado no inferno; naõ ha de querer que seus Irmãos sejaõ nelle tragados. E o que dizia, & queria este sepultado no seu inferno, ainda estando nelle; cõ mayor razaõ o devia dizer, & querer Jonas, depois de ter livrado do seu: *De ventre inferi clamavi, & exaudisti vocem meam.*

Luc. 16. 28.

Ibid.

Colunas.

§. II.

2 TAmbem arruinão as representadas, assim como as verdadeiras: tanto opprimem hũas, como outras, depois de caidas. As representadas saõ, os que no mũdo regem governos: saõ os levãtados sobre os assentos superiores do mando. O mesmo he ter mão em hum governo, que sustentar hum edificio. Em Saõ Pedro, como em coluna primeira da fé, assentou Christo o edificio da Igreja, para o sustentar, & ter mão: *Super hanc petram ædificabo*

Matth. 16. 18.

ficabo Eccleſiam. E ſe por caſo as colunas repreſentadas caem; os edificios, que nellas ſe ſuſtentaõ, tambem ſe arruinão. Daõ a ver nas ſuas ruinas, o que ſe vè nas verdadeiras. Moſtraõ o que ſe vio nas colunas do templo da Idolatria, que abalou, & derribou o esforçado Samſaõ: *Concuſſis fortiter columnis, cecidit domus ſuper omnes principes, & cæteram multitudinem, quæ ibi erat.* Arruinados os templos myſticos, ou do eſpirito, ou da politica, porque caîraõ as ſuas colunas; ſobre todos caem as ſuas ruinas: *Super omnes, qui ibi ſunt.* E ainda com ſemelhãça mais funeſta entre humas, & outras colunas: entre as verdadeiras, & as repreſentadas. Naõ ſó ficaõ debaixo dos edificios arruinados, os que dependem da ſua eſtabilidade; mas tambem ſobre as meſmas colunas, que os ſuſtentaõ, cae a fatal oppreſſaõ: *Super omnes.* Se tambem lhe quizermos medir o tempo; acharemos, q̃ os primeiros opprimidos ſaõ as colunas: os mais, depois. Repreſentaõ o que ſe ha de ver nas ultimas ruinas do mundo: primeiro haõ de cair as eſtrellas do Ceo: *Stellæ cadent de cælo*: & depois gemeràõ os que ſe acharem na terra: *Et tunc plangent omnes tribus terræ.* Sempre os mais levantados, primeiro:

Judic. 16.30.

Matth. 24.29.

Ibid.30.

na terra, as colunas no Ceo, as eſtrellas: *Stellæ cadent.*

3 Eſtaõ ſujeitas a eſtas ruinas as colunas deſtes edificios; porque quem as levantou para ſuſtentarem, eſte foy o ſer que lhes deo: terem maõ, para naõ cairem; & em caindo, arruinarem. Adam a primeira deſtas colunas, que teve o mundo, aſſim o experimentou. Em quanto naõ levantou a mão para tomar, & comer do fruto prohibido, ſuſtentouſe a ſi, & ſuſtentava-nos a nós na firmeza daquella graça, que lhe foy dada. E o meſmo foy deixar de ſuſtentar, q̃ cair: paſſou de coluna levantada a ſer pó caido: *In pulverem reverteris.* Elle primeiro, q̃ era a coluna; & depois nós, que nos tinhamos nelle. Quem he coluna para ſuſtentar o edificio, que delle fiáraõ, primeiro ſe ha de ter mão a ſi, para ter mão no edificio. Para que o edificio da Igreja permaneceſſe ſobre os hombros de Saõ Pedro, primeiro Chriſto o fez a elle pedra: *Super hanc petrã ædificabo.* Implicava dar firmeza a eſte edificio, ſe elle naõ tiveſſe em ſi firmeza que dar: ſe elle naõ foſſe pedra: *Super hãc petram.* Ninguem dà o que naõ tem: principalmente para fazer aos outros, qual elle he. Para ver Faraò nos ſeus vaſſallos o eſpirito de Principes por indu-

Geneſ. 3. 19.

duſtrias, & exemplos de Joſeph, primeiro o fez a elle Principe: *Cõſtituit eum Principem, ut erudiret Principes, ſicut ſemetipſum.* Naõ póde levantar colunas, q̃ ſuſtentem edificios, o que naõ he coluna, q̃ edifica. E os que chegaraõ a ter eſte cuidado, não ſó hão de ſer colunas para edificar; mas tambem cõ o ſeu exemplo hão de fazer a outros colunas, que edifiquem. Do meſmo modo que Chriſto, monte de edificaçaõ, diz Santo Ambroſio, nos faz montes ſemelhantes a ſi por imitaçaõ: *Sequere Chriſtum, ut ipſe eſſe mons poſſis: montes enim in circuitu ejus.* E ſe quando os Exemplares edificaõ como montes, fazem q̃ os outros ſejão montes por edificaçaõ: *Ut ipſe eſſe mons poſſis*: quando tambem edificaõ como colunas, podem fazer a outros colunas edificativas por ſemelhança: *Sicut ſemetipſos.*

Pſalm. 104. 21. & 22. Gen. 41. 40.

S. Ambroſ. l. 5 cõm. in Luc. c. 6

4 Eſta he a differença, que ha entre as colunas, que edificaõ por edificio, & as que edificaõ por edificação. As primeiras, baſta que ſuſtentem o edificio: as ſegundas tambem haõ de ſuſtentar as colunas. Como o exemplo he o fundamento dos edificios da edificaçaõ; para as ſuas colunas terem mão nos edificios, haõſe de ter mão humas às outras. Os ſagrados Apoſtolos eraõ as primeiras do-

ze

ze colunas da Igreja: & porque Judas, que era huma das doze, diſcordou da firmeza das outras; não ſe teve a ſi maõ: *Laqueo ſe ſuſpendit.* O eſpirito, que tinha levantado eſtas doze colunas, era o deſprezo dos bens temporaes: o ſeu naõ ter no mundo, era o ter mão no edificio: *Reliquimus omnia.* E cahio Judas, ſendo huma deſtas colunas; porque pela ſua ambiçaõ eſtava desligado do eſpirito das outras: porque eraõ os ſeus cuidados: *Quid vultis mihi dare: conſtituerunt ei triginta argenteos.* Logo em faltando eſta coluna em Judas, levantàraõ os ſagrados Apoſtolos outra em Saõ Mathias: *Dederunt ſortes, & cécidit ſors ſuper Mathiam.* Se do eſpirito das onze ſe deſunio, & cahio hũa; as que perſiſtiaõ no eſpirito, levantàraõ outra a ſi meſmas ſemelhante: *Sicut ſemetipſos.* Deſta ſorte permanece ainda hoje o edificio da Igreja; & as colunas, que o ſuſtentaõ, tambem permanecem. O edificio ſuſtentandoſe nas colunas, & as colunas ſuſtentãdoſe hũas com outras. Aſſim como podemos dizer, que taziaõ por repreſentaçaõ as azas dos dous Cherubins do Templo. Suſtentavão todas o edificio, & todas a ſi meſmas: *Ita ut una ala tangeret parietem domûs; & altera alam tan-*

Matth. 27. 5.

Matth. 19. 27.

Matth. 26. 15.

Act. 1. 26.

2. Paral. 3. 11.

tangeret alterius Cherub. Iſto repreſentavaõ as duas azas de hum Cherubim : & as duas
Ibid. 12 do outro repreſentavão o meſmo: *Cherub alterius ala tangebat parietẽ; & altera ala Cherub alterius contingebat.*

5 E tudo ſe conſidera haver nos edificios myſticos, ou ſymbolicos : naõ ſó colunas, mas tambem paredes, & azas. Das colunas jà o temos nós diſcorrido: jà o moſtramos nos doze diſcipulos de Chriſto ; & por conſequencia, em todos os ſeus imitadores. Das paredes aſſim o quiz dizer Santo Agoſtinho, entendendo, que para as fabricas dos edificios eſpirituaes, tambem ſe conduzẽ pedras dos rochedos : *Quaſi de mõtibus lapides præſcinduntur.* Como conſidera, que tudo o que obrão as mãos em hum edificio material, fabricaõ as virtudes no eſpiritual : *Totum nobis ſpirituali ædificatione completur* : aſſim como para o meſmo, *Quaſi de ſylvis ligna, de montibus lapides præſcinduntur.* E ſaõ eſtas as pedras vivas, das quaes na conſideraçaõ de S. Pedro ſe levantaõ os edificios eſpirituaes: *Tamquam lapides vivi ſuperædificamini domus ſpiritualis.* E finalmente das azas o póde entender a noſſa accommodação fundada em eſcritura,& authoridade. Para David livrar das lanças de ſeus ini-

S Aug. Serm. 256. de Temp.

Idem Serm. 252.

1. Pet. 2. 5.

mi-

migos, deſejava ter azas
Pſal. 54. 7. para voar: *Quis dabit mihi pẽnas ſicut colũbæ, & volabo, & requieſcam?* E o meſmo deſeja todo o que vive ajuſtado, diz Bellarmino, ſuſpirando pela viſaõ
Bellarm. in Pſal. hic. de Deos: *Illa verba ſunt juſti ſuſpirantis ad patriam cæleſtem*: tanto monta deſejar a divina viſta, como voar para ella. Tal ſe conſiderava Santo Agoſtinho, que por ſer acclamado Fenix do amor, juſtamente o podemos conſiderar com azas. *Da*
S. Aug. in Soliloq. *mihi te deſiderare*, dizia elle, *deſiderando quærere, quærendo invenire.* Eiſ-ahi, como todo o que eſtuda para ver a Deos, ha de ter deſejos, q̃ ſejaõ azas: *Quis dabit pennas, & volabo? Verba ſũt juſti ſuſpirantis ad patriam.* As azas deſtes deſejos, ou eſtes deſejos azas, ſaõ as virtudes exercitadas, contempla Saõ Gregorio nos voos daquelles animaes, q̃ elevavaõ a carroça da viſaõ de Ezechiel: *Virtutes ſunt, quæ a terrenis actibus omne pennatum a nimal levant; quia electi amant cæleſtia, & ſperant quæ amant.* E eiſ-ahi, como ſe correſpõdem na ſignificaçaõ o exercicio das virtudes, & o das azas: *Virtutes ſunt, quæ a terrenis animal levant.*
S. Greg. in Hom. Ezech.

6 Sendo pois todos os eſtudioſos da edificaçaõ as pedras vivas, de que ſe compoem os edificios eſpirituaes: *Lapides vivi domus ſpiritua-*

ritualis:& ſendo as ſuas virtudes as azas, que os levantão da terra ao alto deſſes edificios: *Virtutes à terrenis levãt:* entre eſtas pedras, & eſtas azas deve de haver importante connexão. As azas hão de voar junto das pedras do edificio: *Ala tangat parietem*: & tambem entre ſi hão de voar unidas: *Ala contingat alam.* Devem andar inſeparadas as virtudes, da edificação; & humas virtudes das outras: *Alæ tangant parietem domûs, & contingant alas.* As virtudes repreſentadas nas azas ſuſtentando as paredes do edificio: & ſuſtentandoſe entre ſi. Os que ſaõ pedras, que edificão eſtas paredes,& levantão eſtes edificios, tenhão entendido, que hão de faltar as paredes, & ſe hão de arruinar os edificios, ſe lhes cairem as azas: ſenão exercitarem as virtudes. E que o meſmo ſerá parar o exercicio deſtas azas, que ir faltando a união das pedras deſtas paredes, & ultimamente cair o edificio. Aſſim como as virtudes andão entre ſi ligadas; os vicios andão prezos entre ſi. As virtudes, porque ſaõ azas, & humas ſuſtentão as outras; todas levantão para cima: *A' terrenis levant.* Os vicios, porque ſaõ pezos, & huns carregaõ nos outros; todos levão para baixo: *Mergunt in interitum.* Quem agora 1. Tim. 6. 9.

iſto

iſto ler, & ſe achar obrigado a edificar por edificaçaõ; veja ſe tem virtudes, que *A terrenis levant:* ou vicios, que *Mergunt in interitum.* E entaõ entenderà, ſe tem azas, que ſuſtentaõ humas as outras: *Ala alam*: & todas ao edificio: *Alæ parietem domûs.*

Culpas.

§. III.

7 QUem a commetteo, não lhe deſcobrio a ſua fealdade, ſenaõ depois que cahio. Poſto que antes da queda bem via, que o ſeu mal era grande, & muito grande: depois de ter caido, entaõ lhe medio a grandeza toda: então vio, que era ſummo mal. O Filiſteo, com quem David contendeo, era ſingular repreſentativo da ſoberba: antes de ſer derribado, avultava como Gigante; mas não medido: & depois de poſtrado, entaõ lhe contâraõ os covados, & mais os palmos: *Altitudinis ſex cubitorum, & palmi.* 1 Reg. 17 4. Antes de cair, era ſó Filiſteo: & tomouſelhe a medida depois de caido. Iſto meſmo ſuccede ao peccador antes, & depois de cair: antes da culpa, vé que he muito grande o ſeu mal: mas depois que ſe achou a ella rendido, entaõ lhe tomou a altura, & medio a profundidade. Mal tam alto,

to, q̃ chega atè o Ceo: como lemos na confiſſaõ do Prodigo, depois que pela culpa ſe vio caido da graça do Pay: *Peccavi in cælum, & coram te.* E tam profundo mal, que penetra o inferno: como previo Chriſto nos peccados de huma das Cidades, que naõ correſpondèraõ com a penitencia á ſua prègaçaõ: *Uſque infernum deſcendes.* Eſte Gigante pois, qual he o peccado, tanto mayor, que o da contenda de David, quanto vay do inferno atè o Ceo; naõ ſe lhe toma a medida certa, ſenão depois da caida Depois do peccador cair da graça de Deos, então vé, que tem offendido o Ceo: *Peccavi in cælum*: & decido ao inferno: *Uſque in infernum.* Entaõ vè, q̃ tem imitado ao primeiro, que medindo o tamanho da ſoberba, depois de chegar ao mais alto: *Super aſtra Dei exaltabo ſolium meum*: deceo ao baixo: *In profundum laci.* Naõ he ſó a ſoberba de Goliath, & a de Lucifer, a culpa imitada, que depois da queda então ſe lhe mede a grandeza. De todos os mais peccados ſe póde dizer o meſmo, que dizemos da ſoberba: todos, depois da caida, ſe deixaõ medir; ſendo que antes, ſó ſe davaõ a ver. He verdade, que eſtas caidas ſaõ logo conſequencias das culpas: o meſmo he peccar, que cair. Mas, por-

Luc. 15. 18. & 21.

Matth. 11. 23.

Iſai. 14. 13.

Ibid. 15.

porque o eſquecimento da culpa faz naõ advertir na caida por iſſo eſta fica medida, quando he lembrada. Quem olhou para a queda, que deo, logo a medio. Muitas vezes tinha caido Antioco: & tantas eraõ as ſuas quedas, como as ſuas culpas. Profanou o ſagrado de Jeruſalem: roubou o profano: matou grandes, & pequenos: avexou, & ultrajou o ſexo mais fraco: & finalmente idolatrou, & obrigou a idolatrar. E ſendo todas eſtas culpas tam grandes, & naõ menores as ſuas quedas; advertio q̃ caîra, & como tinha caido, quãdo ſe lembrou do que em Jeruſalem tinha feito: *Nunc reminiſcor malorum, quæ feci in Jeruſalem.* Era eſte ſoberbo Rey outro Goliath: & poſto que as ſuas culpas logo em Jeruſalem foraõ quedas; naõ as medio, ſenão quando dellas ſe lembrou: *Nunc reminiſcor malorum*: entaõ vio, quaes tinhaõ ſido as ſuas quedas, olhando para as ſuas culpas: *Nunc reminiſcor malorum, quæ feci.*

1. Machab. 1. 21. & ulteriùs.

1. Machab. 6. 12.

8 Em dous tempos ſe haõ de conſiderar as medidas deſtas quedas: ou quando ſe daõ; ou quando lembraõ: ou quando hum cahio; ou quando ſe conta ter elle caido. E ambos tiveraõ as quedas de Goliath, & Antioco. Caîraõ em hum; & em outro nos conta a Eſcritura,

tura, como elles caîraõ. Neceſſaria ſoy eſta advertencia, para entendermos quanto nos importa o tempo, em que lemos as ſuas quedas. Serve-nos eſta liçaõ de aviſo, para naõ cairmos nós, como caîraõ elles: & naõ he pouco o que intereſſamos, ſendo aſſim aviſados. Advertir, que depois das noſſas quedas nos hão de medir caidos, he ſingular eſtimulo para não cairmos nós, como o Filiſteo cahio. Quem haverà, q̃ por ſe naõ render ao peccado, deixe de empregar toda a ſua conſideração, no que delle viràm a dizer, depois de cair? Que deixe de empenhar todas as attençoens, para que tendo caido, lhe naõ queiraõ medir, & tal vez acrecẽtar a medida da queda? Emquanto ſe via no campo ao Filiſteo ſoberbo, & levantado, naõ ſe ſabia o tamanho da ſua arrogante eſtatura: & depois que cahio, naõ teve palmo o agigantado corpo, que ficaſſe ſem medida: *Sex cubitorum, & palmi.* De hum, & outro modo, ſempre ſoberbo: porèm mais conhecido depois, do que antes: dividido em palmos, depois de caido, ſendo antes hum corpo inteiro ſem medida, quando levantado. O que ſe lhe podia dizer antes, & depois de cair, he o que por accommodada ſemelhança diſſe Deos

a Adam, quando o ſentenciou: quando lhe diſſe o pó, que era antes, & o pó, que havia
Gen.3.9 de ſer depois: *Pulvis es, & in pulverem revertêris.* Pó unido, em quanto vivo, & levantado: *Pulvis es*: & pó deſatado, quando depois morto, & caido: *In pulverem revertêris.* Antes de cair, hum cõpoſto inteiro de barro: *pulvis*: & depois de ter caído, barro já desfeito: *in pulverem* E ninguem póde duvidar, q̃ menos desfaz em mim, quem ſó diz que ſou barro; do que aquelle, que faz em pedaços o barro, q̃ ſou. Iſto vem a ſer o que intereſſamos, quando nos animamos a não cair culpados: ſabemos, que ſe antes ſó diſſerem, que ſomos de barro para cair, & quebrar; menos mal nos faraõ, do que ſe nos medirem as quedas depois de caidos, & contarem os pedaços do barro quebrado. Menos mordidos ſeremos pela queda, que antes podemos dar; do que ficaremos, depois de a termos já dado: do que quando no conceito dos outros naõ ſó ficamos ſẽdo barro; mas eſſe barro moido, & desfeito: *In pulverem reverſi.*

9 Naõ temos menor motivo na lembrãça da queda, q̃ ſe deo, do que na conſideraçaõ das medidas, que ſe tomaõ aos que a deraõ, para temermos o que elles naõ temèraõ.

En-

Entendemos entaõ, q̃ ſe nos naõ doemos, quando caimos; naõ deixarà de nos doer a lembrãça de termos caido. Naõ com a dor, que faz arrependidos: mas com aquella, que faz anguſtiados; & elles ainda ſe deixaõ ficar caidos. O meſmo foy lembrarſe Antioco das culpas, que muitas vezes o fizerão cair: *Reminiſcor malorum, quæ feci*: que cair afflicto, triſte, & deſanimado, como delle diſſeraõ: *Décidit in lectum; incidit in languorem præ triſtitia*: & como elle de ſi meſmo diſſe: *Cóncidi, córrui corde præ ſolicitudine.* A pena, que não teve, quando cahio em vida; quando caminhava para a morte, lhe fez ter a lembrança de haver caido. Reſuſcitavaõ na lembrança as ſuas quedas antigas: *Reminiſcor malorum*: & correſpondiãolhe na morte as que elle de novo experimentava: *Cóncidi, córrui corde.* Vejo que vou caindo, & penando, quando me lẽbro que cahi, & me naõ levantey. Convenciaſe Antioco a ſi meſmo com tantos argumentos, quantas erão as ſuas quedas lembradas, para credito do antigo proverbio: *Conſcientia mille teſtes*: mas ſem arrependimẽto, & ſem paſſar do *Reminiſcor malorum.* Deſtas verdades naõ haverà quem duvide: reſuſcitar a lembrança as quedas jà paſſadas, he ex-

1. Machab. 6. 8.

Ibid. 10.

periencia ſem controverſia. Faz a lembrança, o que ſabemos faz a conciencia: imprimindo ambas na memoria as quedas da culpa, & eſtampando jũtamente as cauſas da pena: *Conſcientia menticulpam, quaſi pœnæ cauſam in memoriam revocat.* O ponto eſtà em ſe levantar deſſa queda aſſim lembrada aquelle, que della ſe naõ levantou, quando a deo. E iſto não fez Antioco: na ſua lembrança lhe reſuſcitáraõ as quedas, que deo: mas aſſim caido acabou. Reconheceoſe culpado: *Cognovi, quia propterea invenerunt me mala iſta:* & ſem ſe levantar de tantas quedas, hia morrendo: *Et ecce pereo.*

Corn. 1. Macchab. 6. 12.

Ib. 13.

Ibid.

Hũ dos bẽs da reſurreiçaõ, he erguerſe da ſepultura o que nella cahio. E o deſgraçado Rey Antioco reſuſcitandolhe a lembrãça as quedas, que dera: *Reminiſcor malorum, quæ feci:* podendo arrependido erguerſe de todas, ſe deixou ficar para ſempre morto: *Mortuus eſt Antiochus.* E poſto que quando cahio em vida, naõ houve quem lhe mediſſe as quedas; quãdo chegou a tempo da morte, todas ſe lhe hiaõ medindo, aſſim como dellas ſe hia lẽbrando. A meſma lembrança dos peccados, que o fizeraõ cair, por tantas quedas, quantas forão as culpas, diſſe elle meſmo naquella hora, que ſe via medir:

Ibid. 16.

Remi-

Reminiſcor malorum , quæ feci.

Correcçaõ.

§. IV.

10 SEndo merecida de muitos, não ſe deixa de dar a todos. He doutrina para os que corrigem, & izentaõ da correcção a huns, comprehendendo nella a outros: para que naõ façaõ privilegiados particulares, ſendo os aviſos communs. Vejaõ o que fez Deos na ſua primeira correcçaõ do Paraiſo: comprehendeo nella a todos os culpados: a Adam, a Eva, & à ſerpente. Nem deixou de reprehender a Adão, que ſe deſculpou com Eva: *Mulier, quam dediſti mihi ſociam, dedit mihi de ligno, & comêdi.* Gen. 3. 12. Nem a Eva, que poz a culpa à ſerpente: *Serpens decepit me, & comêdi.* Ibid. 13. E muito menos á ſerpente, que logo condenou, ſem a ouvir, nem dar tempo para ſe deſculpar: *Quia feciſti hoc, maledictus es inter omnia animantia, & beſtias terræ.* Ibid. 14. Nem lhe valeo a Adam ſer o primeiro homem do mundo: nem a Eva ſer de barro, & ainda mais fraco que elle: nem á ſerpente ſer por natureza como fera, ou como vibora. E iſto he o que devem imitar aquelles, que corrigẽ, como Superiores a ſubditos. Seja a ſua cor-

recçaõ vara direita, ſem a torcer nem a eſtimação dos que ſe reputarem por primeiros nos talentos: nem deſviar a debilidade dos que a tomarem por eſcuſa: & nem divertir o máo natural dos que nelle fundarem o ſeu livramento. E com eſte exemplo da creaçaõ do mundo faz parelha o do ſeu primeiro fim, que já teve no diluvio. Aſſim como eſte foy caſtigo univerſal para todos, os q̃ nelle morrèraõ; foy tambem univerſal oppreſſaõ para todos, os que na arca eſcapáraõ. Com os mortos no diluvio acabou hum mundo: & com os ſalvos na arca começou outro: acabou o mundo culpado, & começou o correcto. E bem ſe vè, que tam geral foy a morte para os que afogou o diluvio; como foy cõmua a oppreſſaõ para os que ſalvou a arca. Nem hum ſó livrou dos que ſe haviaõ de afogar em hum mundo: nem dos que ſe viraõ opprimidos em outro, houve algum, que livraſſe: tam igual ſe houve Deos para huns, como para outros. Faço de hum mũdo dous: hum caſtigado, & correcto outro; porque tambem Saõ Paulo faz dous homens de hum. *Duos homines invicem contrarios*, diz Cornelio nos commentos das ſuas Epiſtolas: hũ homẽ velho, & outro novo. O homẽ velho, homẽ

Corn. in Epiſt. ad Eph. 4. 23. 24.

Ad Eph. 4. 22. mẽ errado: *Veterem hominem, qui corrumpitur.* E o homem novo, homem juſto: *Novum hominem, qui creatus eſt in juſtitia.* E diſtingo o mundo correcto do caſtigado por meyo da reforma, que os fez diverſos: aſſim como S. Paulo moſtra diverſos o homẽ velho, & o homem novo por meyo da renovaçaõ, que os faz diſtintos. Quando diz: *Deponere vos ſecundùm priſtinam converſationem veterem hominem*: commentam muitos: *Cupio, ut deponatis priſtinam peccati conſuetudinem*: & eſte he o homem errado. E quando aconſelha: *Induite novum hominem*: explicaõ os meſmos: *Puritatem, & ſanctimoniam Chriſtianam induamus*: & eſte he o homem juſto. Comprehenda pois a todos a meſma correcçaõ, quando ella he para perſuadir hũa vida nova a todos. Naõ ſe izẽtem, nem os de grandes talentos, como era Noé: nem os de innocencia grande, como era a Pomba: nem os de natural indomito, como era o Leaõ. Se todos vivem dentro da meſma arca, ſofraõ ſobre ſi todos igualmente o pezo da reforma, & o diluvio das ſuas correcçoens. Deixemſe ir para onde os leva a arca: ou ſubaõ com hũas aguas, ou deçaõ com outras, ou lutem com o embate de todas. Iſto dizemos aos ſujei-

Ibid 24.

Ibid. 22.

Corn. hic.

tos à correcçaõ commũa : naõ eſtudem as ſuas izençoens. E ao que for o corrector, dize nos o meſmo, para elle tãbem ſer cõmum para todos : naõ attenda a ter izentos. Faça o que faz Saõ Paulo, quando corrige aos diſcipulos de Galacia: naõ emenda a huns, & deixa a outros por emendar. O *inſenſati, quis vos faſcinavit?* diz a todos. E iſto diz, expoẽ Cornelio : *Ut corrigat:* quãdo os emenda. Nem reſpeita aos eſtimados por homens grandes: nem exclue aos parecidos com as innocentes põbas: nem teme aos de natural, como Leoẽs: a todos igualmente ſujeita à ſua correcçaõ. No meſmo tempo argûe aos inſenſatos, & aos faſcinantes. Aos q̃ certamẽte o eſtavão, por ſe ver nelles o effeito da culpa : *Inſenſati* : & aos que por envejoſos, commentão alguns, poderiaõ ter ſido a cauſa delles o eſtarem : *Quis faſcinavit? Quis vobis invidit Evangelij libertatem?*

Ad Gal 3. 1.

Corn. hic.

Theoph. Anſelm. Corn. hic.

Confiança.

§. V.

11 A Demaſiada de quẽ confia muito de ſi ; quanto mais promette, mais falta. Ninguem mais confiado nas experiencias das ſuas forças, q̃ o fortiſſimo Samſaõ: ſupponho ſabidos os maravi-

ravilhoſos exemplos, que o fizeraõ no mundo nomeado, & temido. Porèm, depois de amar a Dalila, & contender nelle o amor, & o esforço, cedeo o esforço ao amor: cedeo àquelle amor, do qual dizem, que antes quizera Samſaõ a morte, do que a ſua contenda: Corn. hic. *Ferre mortem mallet, quam illam cum Dalila pugnam.* Pedialhe ella importuna, & amada o ſegredo das ſuas forIudic. 16.6. ças: *Dic mihi, obſecro, in quo ſit tua maxima fortitudo.* E tantas vezes confiado nas ſuas repoſtas a quiz agradar, & naõ ſe quiz deſcobrir; atè ꝙ depois de muito tẽpo ſe ter, veyo por fim a cair. Por hũa, dizendo a Dalila, que lhe naõ valeriaõ as ſuas forças, ſe o prendeſſem com ſete fortiſſimas ligaduras: *Si ſeptem nervi-* Ibid. 7. *ceis funibus ligatus fuero.* Por outra, ſe o aTaſſem com cordas novas, & naõ uſadas: *Si* Ibid. 11. *ligatus fuero novis funibus.* Por outra, ſe lhe tiraſſe Dalila huns ſete cabellos da cabeça: *Si* Ibid. 13. *ſeptem crines capitis mei cum licio plexueris.* E poſto que de todos eſtes laços ſahio livre, a ſua confiança o meteo em todos: hia enganãdo a Dalila no meſmo tempo, em que elle ſe metia no ſeu engano. Fazia o que fazem todos os que ſe arriſcaõ: elles meſmos ſe armaõ a ſi os laços, em que caem. Tal foy o ſucceſſo de Samſaõ: cahio

fi-

finalmente revelãdo o ſeu ſegredo a Dalila,& dizendo que todo elle pẽdia dos ſeus ſete cabellos da cabeça : mas que haviaõ de ſer levados à navalha : *Si raſum fuerit caput meum.* E aſſim o fez Dalila : *Vocavit tonſorem, & raſit ſeptem crines ejus : & ſtatim ab eo fortitudo diſceſſit.* De maneira, que livrando Samſaõ dos laços mais fortes : *de funibus* : o ſegurãraõ na prizaõ os mais fracos : *ſeptem crines.* O meſmo foy ficar ſem elles, que poder logo ſer prezo : *Quem cùm apprehendiſſent Philiſthiim, duxerunt Gazam vinctum catenis.* Eſta he a liçaõ do ſagrado Texto : & nella tem muito que ler, & eſtudar os Samſoẽs do eſpirito. Aquelle Samſaõ tãbem era eſpiritual ; porque o eſpirito de Deos havia crecido nelle junto com a idade : *Crevit puer : cœpitque Spiritus Domini eſſe cum eo.* E cõtudo veyo a cair no ultimo dos ſeus meſmos laços, crendo ainda, que tambem o naõ prenderiaõ neſte. Livrarey agora:(diſſe elle muito confiado) *Egrediar*, aſſim como ſempre tenho livrado, *ſicut antea feci.* Mas enganouſe : naõ cuidou que pendia a ſua fortuna de tam poucos fios de cabello, quem a naõ tinha depẽdẽte de fortiſſimos laços de cordas: quem tãtas vezes *Rupit vincula, quaſi fila telarum.* E foy, porque

Ibid. 17.
Ibid. 19.
Ibid. 21.
Judic. 13 24. & 5.
Judic. 16 20.
Ibid. 12

q̃ naõ ſabia, q̃ naquella hora Deos o tinha deixado da ſua maõ: *Neſciens, quòd receſſiſſet ab eo Dominus.* Aſſim havia de cair em algum deſtes laços, ſe elle meſmo os diſpunha, & os metia nas maõs de quem o queria enlaçar nelles. Naõ era poſſivel livrar de prezo, ſe elle meſmo dava as cordas para ſe lhe armarem os laços, & as fiava de quem os queria correr para o enlaçar: *Si ſeptem nerviceis funibus ligatus fuero: ſi ligatus fuero novis funibus.* Se a ſua confiança o enganava, como engana aos Samſoẽs, que o imitaõ: ignorando todos, quãdo he a hora, em que os póde deſemparar Deos: *Neſcientes, quòd recedat ab eis Dominus.*

Coraçaõ.

§. VI.

12 O Que he bõ, he o mayor bem: & he o mayor mal, o que he máo. Aſſim como as boas, & màs linguas, pelas quaes fallaõ os coraçoens, tambem ſaõ o mayor bẽ, ſendo boas: ou ſendo màs, o mayor mal. He o coraçaõ hũ theſouro eſcõdido no homẽ: bẽ ſe deixa entẽder eſta verdade. E tal he eſte theſouro, como ſeu dono, & como ſeu dono, tal he a ſua riqueza, diſſe Chriſto fallando deſte theſouro:

Matth. 12.35. ro: *Bonus homo de bono theſauro profert bona: & malus homo de malo theſauro profert mala.* O ſenhor do theſouro, bom, ou máo: *bonus homo, malus homo:* o theſouro, bom, ou máo: *de bono theſauro, de malo theſauro:* & o que delle ſe tira, bom, ou máo: *profert bona, profert mala.* E nós ajuntamos a eſta ſentença de Chriſto, o q̃ lemos em outra do Eſpirito Sãto: & dizemos, que atè a maõ, que tira deſte theſouro o bom, & o máo, que elle tem, tambem he da meſma ſemelhança. Tambem a lingua do ſenhor do theſouro, que he a maõ, com que delle tira o que tem, he muito mâ, quando tira o que dà morte: & quãdo tira o que dà vida, he muito boa: *Mors, & vita in manu linguæ.* Prov. 18.21 Implicava, que ſendo máo o dono do theſouro; mao o guardado no theſouro; & máo o meſmo theſouro; tambem naõ foſſe mà a maõ, que tira o que he máo do máo theſouro. Tirada a lingua, ou cortada a maõ, com que o ſenhor deſte theſouro tira delle o mal, que tem: *Mors in manu linguæ*: nam haverà quem tema o mal, que faz. Se Judas emmudeceſſe, depois q̃ começou a ter o Demonio no coraçaõ: depois de ver, que naõ entheſourava o valor da precioſa unçam da Magdalena, naõ negociaria

ciaria a venda de Chriſto, que era o que entaõ lhe enriquecia o theſouro. Seria elle máo; o ſeu theſouro máo; & o que nelle tinha, máo: mas por lhe faltar a maõ da lingua, para tirar do ſeu theſouro o mal, que nelle tinha, nam faria o mal, que fez. Naõ contrataria o mal da venda: Matt. 26 15. *Quid vultis mihi dare?* naõ diſſimularia o mal Ib. 48. da traiçaõ: *Quemcumque oſculatus fuero*: & naõ ſeguraria o mal da entrega: *Ipſe eſt, tenete eum.*

13 O coraçaõ tam máo, como o de Judas, iſto he o que faz, ſe tẽ maõ para o fazer: dá mal por bem; aſſim como aquelle coraçaõ fez dar a morte a quẽ lhe tinha feito tanto bem, & naõ lhe poderia fazer mayor mal. E o coraçaõ, que he bõ, por mal dà bem: porque naõ tem maõ para fazer mal; & delle dizemos nós, que he coraçaõ de cera, como era o de David: *Factũ eſt cor meum tamquam cera liqueſcens.* Pſ. 21. 15. Hum coraçaõ, que cedia a todas as pedradas, & não vingava as ſuas feridas: *Non intumuit, neque induruit cor meũ contra perſecutores*: cõmenta Bellarmino. Eſte he o bom coração: o que não rebate os tiros das pedras: *non intumeſcit*: não reſiſte aos golpes das lanças: *non indureſcit.* Aquelle, que ſem deixar de ſer o que he, quer ſer, Bellarm hic.

o que naõ he: ſem deixar de ſer carne, quer ſer de cera. Fineza eſta parecida com a do coraçaõ de Deos, depois de encarnado, & depois de ſacramentado. Depois de encarnado; porque ſem deixar de ſer Deos, quiz ſer Homem, o que antes naõ era: *Verbum caro.* E depois de ſacramentado; porque ſem deixar de ſer carne, quiz ſer paõ, o que naõ era antes: *Caro mea: Hic eſt panis.* Quem ama cõ o que he, ama muito: & quem quer ſer o que naõ he, para tambem amar, ainda ama mais. Hum deſtes amantes ama cõ hum ſó amor: ama com o amor, que tem. E o outro amante ama com dous: nam ſó com o amor, que tẽ; mas quer ter outro amor, para tambẽ com elle amar. O amor, que elle tem, nace do coração, que he ſó de carne: & o amor, q̃ quer ter, nace do coraçam, que tambem he de cera: *Cor tamquàm cera.* Pelo contrario: ſe o coraçaõ he máo, dizemos nós, que he coraçaõ de pedra, como era o de Faraó: *Induratum cor Pharaonis.* Hum coraçaõ tam oppoſto à meſma natureza, que ſendo fonte original da vida, brota venenos de morte. Aquella fonte ſeria a mais abominada, que havendo de dar agua doce, a déſſe amargoſa. Como tambem aquella terra ſeria a mais amaldiçoada, q̃ de-

Joan. 1. 41.

Joan. 6. 56. & 59.

Exod. 7 22.

depois de regada com brandos orvalhos, déſte eſpinhos bravos. E tal he o máo coraçaõ: aſſim coſtuma dar mal por bem ; ou ao bem converter em mal. He como o coraçam do mar , que deſcobrio a conſideraçam de David , quando diſſe : *Non timebimus , dum*
Pſ 45.3 *transferentur montes in cor maris.* Quiz affirmar que os defendidos por Deos nam tinham que temer ; & deſcreveo o mayor temor em hum impoſſivel. Ainda que os montes por ſua natureza immoveis nos atemorizem, parecendonos que ſe deſenterraõ , & precipitaõ no mar: *Et-*
Bellar. hic. *iamſi montes agitentur, & præcipitentur in mare* : nam temos que temer : *non timebimus.* Muito encareceo o Profeta o deſprezo do coraçam do mar ; ſendo que ſó por converter em mal o bem, & no ſeu ſal a doçura dos rios, lhe ſobra muito para nos dar a temer aquelle coraçam, que cõ elle ſe parecer. Digo que ſó por converter no ſal das ſuas aguas a doçura das q̃ lhe mandaõ os rios ; porque ainda nos faz advertir, q̃ temos mais que temer no coração, que for como o ſeu. Temos que temer as tempeſtades desfeitas , em que andão fluctuãdo, os que ſe entregão a hum máo coraçam: aſſim como lidão em

ſuc-

ſucceſſivas tormentas as aguas dos rios, depois de ſe unirem com as ondas do mar. E temos tambem que temer o cativeiro, a que ficão obrigados os que chegaõ a entrar naquelle coração: aſſim como ſe achão para ſempre prezas as aguas dos rios, depois que buſcando o coração do mar, ſe achàrão abraçadas cõ as ſuas aguas. E eſtas ſaõ as razoẽs, porq̃ dizemos devia temer David o coração do mar: & nós ao coração nelle repreſentado: por não nos arriſcarmos nós a perigar neſte, como os rios perigão naquelle. Mas para que de todo não pareça muito encarecido o temor, que elle conſidera na ſua comparação: *Non timebimus, dum transferẽtur montes in cor maris*: dizemos tãbem, que não he para ſe temer o coração do mar, nem o parecido com elle, quando em hum, ou em outro *transferuntur montes*. Tambem então bẽ podemos dizer, que nam tememos: *non timebimus.*

14 Aſſim nos fazẽ diſcorrer os diverſos attractivos de hum coração máo, ainda que parecido cõ o do mar. Quando hum coração máo nos attrahe diſſimulado, parecẽdo q̃ ſe nos deſcobre por imitação ao do mar, quãdo ſe abre para recolher aos rios; então he, que o devemos temer, como

como já ponderamos. Entaõ he, que aquelle ſeu deſcobrir, he malfazer: como he o abrir do coraçaõ do mar. As luzes da prizaõ de Chriſto tambẽ faziam o meſmo: tambem para fazer mal, deſcobriaõ. Como hiaõ guiadas pelo mão coraçam de Judas, iſto deviaõ fazer: ir alumiãdo, & abrindo caminho para prenderẽ a Chriſto. E he o mal, que faz o máo coraçaõ, quando pela boca, que por elle ſe ouve fallar, guia para prender. Por iſſo do mão coraçaõ, que aſſim nos quizer cativar, ſempre nos devemos temer: *Timebimus*. Porèm do coraçam máo, que ſem diſſimulaçoens nos quer enlaçar, naõ temos de que nos temer, nem de que devamos fugir. Como entam já he conhecido, temos valor para o reſiſtirmos. Quaes immoveis montes, como no meyo do coraçam do mar os firmes penhaſcos: *Dum montes in cor maris; non timebimus*. Ainda que os ſeus laços ſejaõ tantos, como as ondas do mar: parecendo que já os laços nos prendem, como já as ondas tiveraõ prezo a Jonas: *Etiamſi agitemur, & præcipitemur in cor maris*: não ha para que temer, ſe nos houvermos, como montes, ou como penhas: *Non timebimus montes*. Puzemos o exemplo em Jonas; porque nelle o poem

Genebr. hic. Genebrardo commentando eſte texto: *Exẽplo Jonæ.* A eſte mõte, ou a eſta penha devorou o coraçam do mar em tormẽta deſcuberta, & naõ em tranquillidade traidora; como recebe, recolhe, & abraça aos rios, quando nelle entraõ. E ſaindo Jonas livre, ficaõ os rios prezos; porque os rios entraõ naquelle coraçaõ attrahidos cõ manſidaõ atraiçoada, & como affeiçoados: & Jonas entrou, quando o mar mais alterado; & elle como dura penha, ou monte firme: *Montes in cor maris: exemplo Jonæ.* E qual ſerà hoje o arrependimento de muito bons coraçoens, por terem entrado em hũ coraçaõ mào (como o do mar) com brãdura de affeiçaõ, & não reſiſtido com dureza de penhas: *Sicut montes in cor maris!*

Coroa.

§. VII.

15 TAnto hõra, quanto péza: & nem por ſer taõ pezada, menos appetecida. Logo em Adaõ começou a prova deſta verdade, quando Deos no Paraiſo lhe deo, & tambem a Eva, o mando, & o governo do mundo: *Dominamini univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram.* Logo junto com a honra do primei- Gen 1. 28.

meiro dominio do mũ=
do lhe poz Deos hum
preceito de morte. Co=
meçando a ſua poſſe
em hũa terra, que não
poderia ſer de mayor
[illegible] gosto para Adam : *In*
15. *Paradiſo voluptatis* : a
ſentença de morte lhe
ficou impoſta no meſ=
mo goſto. Deſte fruto
(lhe diſſe Deos) que
eu não quero que tu
comas , o meſmo ſerà
Ibid. 2. 17 goſtar, que morrer: *In*
quocumque die comede-
ris ex eo, morte morieris.
Tam antigo he como
iſto , o goſto do man-
do , & o pezo do ſeu
goſto. Se o mando he,
como foy aquelle , em
hum Paraiſo de delei-
tes; hum ſó deleite ba-
ſta , para introduzir a
morte neſſe Paraiſo. E
he a razão, porque Da=
vid merece ſer muito
louvado em ſe armar
contra ſeu filho Abſa-
laõ , para que elle lhe
não tiraſſe a coroa ; &
no meſmo tempo or-
denar aos Generaes das
ſuas armas , que a elle
lhe não tiraſſem a vi-
da : *Servate mihi pue-* 2. Reg. 18. 5.
rum Abſalom. Mais
quero ver a meu filho
vivo, do que coroado :
mais ſem o goſto do
governo , que ainda ſó
quando agora elle o
pertende , lhe póde
cauſar a morte ; do q̃
ſem o bem da vida, que
elle tinha mais ſeguro,
quãdo não aſpirava ao
da coroa. Ser Rey Ab-
ſalaõ , he pòr ſobre
ſeus hombros aquelle
pezo do mando , que
tam opprimidos me
traz os meus. E viver

Abſalão ſem reynar, he gozar elle o deſcanço da vida, que eu tinha antes de mandar: por iſſo não ſeja Abſalaõ Rey: mas viva Abſalaõ: *Servate mihi Abſalom.* Nas acclamaçoẽs dos Reys todas as vozes dizem hoje, que vivão, aſſim como antigamẽte diziaõ: *Vivat Rex.* E havemos de ſuppor, para nam ficar condenado applauſo tam recebido, que aquelle *Vivat*, mais he da duraçaõ da vida do coroado, que do pezo da coroa: mais do que deve ſer mais eſtimado, que he o viver, & não o reynar. De outra ſorte approvariamos o que fez Pilatos, que naõ reparãdo em tirar a vida ao Filho de Deos, ſe moſtrou muito empenhado em lhe conſervar a honra de Rey: aquella honra, que para Chriſto tãto tinha de coroa, como de pezo: *Quod ſcripſi, ſcripſi.* E por conſequencia reprovariamos o que fez Deos, quando quiz ſer miſericordioſo para Adam: porque dandolhe novecẽtos annos para viver no mundo; para governar mais tempo no Paraiſo, lhe naõ deo mais hora alguma: logo *Emiſit eum de Paradiſo.* Pondo Deos os olhos de ſua clemẽcia nos dous bens de Adam: no bem da vida, & no bem do mando do Paraiſo: do bem de mayor eſtimaçam lhe deo mais tempo: &

1.Reg. 10.24. 3.R g. 25 34. & 39. 4.Reg. 11.12. 2.Paral. 23.11.

Jo. 19. 22.

Gen. 3. 23.

do

do que deve ſer menos eſtimado, nem mais hũa hora. Adam com mais vida, ſim: alli cõ mais mãdo, naõ: *Emiſit eum.* Naõ ſey, ſe nos ouvidos dos amadores do mando, & honrados da coroa toarà bẽ eſta politica: ſe diràõ, antes menos tempo de vida com algũa parte de mando; que viver toda a vida sem mãdo algum. O que jà cõſta, he que Herodes, tanto que ouvio em ſua caſa fallar em Rey, ſem ſer elle o Rey, de que ſe
Matth. 2. fallava: *Audiens Herodes: ubi eſt, qui natus eſt Rex*: perdeo logo o
Ibid 3. tino: *Turbatus eſt.* Deſentoou lhe de tal ſorte
Caiet. hic. a voz, Rey: *Auditâ nativitate Regis*: como advertio Caietano; que por naõ ſer elle o ſignificado deſta voz: *Erubeſcens alium, quàm ſe, Regem quæri:* como explicou Hugo; a naõ pode ſofrer, ainda durando ella ſó o breviſſimo tempo, em que ſe diſſe: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex?* Hum inſtãte de outro Rey ſó ouvido, & naõ de ſi proprio dito, pezou mais na ſua eſtimaçaõ, que o bem neſte mundo mais eſtimado. Mais que a vida, que logo intẽtou tirar ao Rey nacido: & mais que as vidas de muitos innocẽtes, que por ſeu mandado foraõ mortos: *Mittens occîdit omnes pueros.* Antes todos eſtes ſem vida, do que eu ſem coroa; foy a reſolução, em que o fez brotar a voz ſó ou-

Hugo hic.

Matt. 2. 16.

vida de Rey, que nam foſſe elle: *Ubi eſt, qui natus eſt Rex?* Deos nos livre de fallar em governo em caſa de quem ſó quer governar! de quẽ mais quer para ſi, que para outros a hõra do mando, ainda que tam pezado! Arriſcamonos a que nos tire o bem, que tivermos, chegãdo ſó a ouvir, que lhe ſerà tirado o que tem: *Audiens Herodes: ubi eſt Rex.*

Charidade.

§. VIII.

16 POſto q̃ comece por ſi, naõ ha de acabar em ſi, ſe he verdadeira charidade: começando no amante, ha de acabar no amado. Seria ſó amor de ſi, & naõ do amado, a charidade, q̃ naõ paſſaſſe do amãte. A regra commua: *Charitas incipit a ſeipſa*: aſſim o quer dizer: *Quiſque tenetur poſt Deum, primò ſeipſum, ſecundò proximum diligere.* Diz que começa o amor no amante: *primò ſeipſum*: mas como lhe dà por termo ao proximo: *ſecundò proximum*: tambem diz, q̃ acaba no amado. Nam ha de querer o amante ſó para ſi os bens q̃ elle ama: tambem para o amado ha de querer os meſmos bens. E de tal ſorte, que pareça, que mais os quer para elle, q̃ para ſi; para ſer o mayor amor, eſſa

Th ol. Doct. ajur. com.

eſſa ſua charidade. Naõ tem eſta mayor chari=
Antiph. Apoſt. dade: *Maiorem charitatem non habet*: ſenaõ o amante, q̃ more pelo amado: *Qui animam ſuam ponit pro amicis ſuis.* Os mayores bens do mayor amãte o Filho de Deos, que foraõ a ſua Mageſtade, & a ſua vida, mais os quiz para os q̃ amou, que para ſi: a
Ad Philip. 2. 7. Mageſtade: *Formam ſervi accipiẽs* porq̃ por elles a abateo: & a vi-
Iſai. 54. 7. da: *Oblatus, quia voluit*: porque por elles a deo. Grandes finezas foraõ hum, & outro amor: amar, para ſervir; & para morrer, amar: & deixando de diſcorrer agora o amor, que o levou a morrer; o q̃ o fez ſervir, he o q̃ queremos ponderar. Ainda que ambas as finezas provàraõ o argumẽto propoſto, & moſtràraõ, que o mais fino amante mais quer para o amado que para ſi os ſeus mayores bens; a fineza de dar Chriſto a vida pelos que amou, vio=ſe na hora, em que morreo: & a fineza de abater por elles a Mageſtade, foy viſta em todo o tempo, em que viveo. E eſta differença de tempos: o de toda a vida, ſervo; & o do fim della, morto: faz que ſe diſcorraõ ſeparadas tam ſingulares finezas. Huma, que he a do ſacrificio da vida, enſina, como ſe morre pelo amado. E outra, que he a do ren=

dimento da Mageſtade, moſtra, como ſe ha de abater o amante. Chriſto em toda a ſua vida, poſto que naõ foy ſervo, & quiz moſtrar q̃ o era: *Formã ſervi accipiens*: naõ ſe moſtrou ſervo de ſi meſmo; & dos amados, ſim de ſi meſmo não;; porq̃ pareceria, q̃ ſó a ſi meſmo ſe amava, & naõ aos amados. Como o amar he ſervir, pareceria ſó amãte de ſi, ſe pareceſſe que ſó a ſi meſmo ſervia. Mal póde ſer ſervo do amado, o que he ſervo de ſi: porque entaõ, quanto amor emprega em ſi, tanto ſerviço rouba ao amado. Se naõ póde o meſmo ſervo ſervir a dous ſenhores; menos poderà o meſmo amante amar a dous amados, ſe hum deſſes amados for elle meſmo. Todas as finezas do amor de Chriſto foraõ para os que elle amou: de ſi naõ ſe moſtrava amãte. Naquella ſua mayor fineza, quãdo parece que elle tambem ſe amava a ſi: *In me* Joan. 6. *manet, & ego in illo:* 57. naõ havemos de entẽder aſſim a fineza deſte ſeu amor. Ou nos cõſideremos a nòs nelle: *in me manet*: ou a elle em nòs: *ego in illo*: elle o amante, & nòs os amados; naõ ſe moſtra alli amante de ſi meſmo: ſó amante de nòs, & de nòs amado ſe deixa entender. Por iſſo naõ convem entre ſi, nem ſe aſſentaõ iguaes Mageſtade, & amor:

Non

Non conveniunt in eâdem ſede maieſtas, & amor. Se tiver outro amado, o que for amante da mageſtade; hum deſtes amados, ou a mageſtade, ou o amor, ha de ficar ſem aſſento. Ha de eſtar o amor aſſentado nos diſcipulos de Chriſto, q̃ ſaõ os amados, quando lhes lava os pès: & mageſtade do amante, como naõ taõ amada, ha de eſtar aos ſeus pès ſem aſſento: *Non in eâdem ſede morantur.*

17 Tanto como iſto ſe acredita de mayor amante, o que do modo, que póde ſer, deixa de ſe amar a ſi, por amar ao amado: o que dâ ao amado aſſento, & para ſi toma os pès do amado. Nem faz cõtra eſta politica do amor a regra de haver elle de começar por ſi meſmo: *Incipit à ſe-ipſo.* Cant. 6. 2. Dizerſe primeiro a Eſpoſa do Eſpoſo: *Ego dilecto meo* & depois o Eſpoſo da Eſpoſa: *Dilectus meus mihi:* he moſtrar, que o verdadeiro amor, ainda que começa por ſi, naõ acaba em ſi. Se tem amante, onde começa; tem amado, em que acaba: *Ego dilecto: dilectus mihi.* Se em hum tempo (diſcorre hum Expoſitor) primeiro ſe diz o Eſpoſo da Eſpoſa: *Dilectus meus deſcendit in hortum:* & entaõ: *Priùs te meum, deinde me tuam dixerã:* em outro, primeiro ſe diz a Eſpoſa do Eſpoſo: *Priùs*

Ibid.

Ramir. in Cãt. c. 6. l. 2.

Priùs me tuam, quàm te meum fateor. E ſempre o amor tendo no amante o principio, no amado tem o fim: naõ ſe oppoem a eſta fineza o começar *a ſeipſo.* Nem o preceito de amarmos aos outros, aſſim como nos amamos a nòs: *Diliges proximum, ſicut te ipſum:* implica com o que temos diſcorrido. Porque o deſamor de ſi, de que fallamos, bem póde eſtar com o amor de ſi, a que eſtamos obrigados: naõ ſaõ affectos oppoſtos. Aquelle deſamor, naõ he odio de ſi meſmo nos amantes: he fina eſtimaçaõ dos amados: he naõ deixar Chriſto de ſer amante, & mais Senhor no meſmo tẽpo, em que pelos amados ſe moſtra ſervo: *Formam ſervi accipiens.* Tambem dizendo Saõ Paulo, que o verdadeiro amor naõ buſca para ſi: *Charitas non quærit quæ ſua ſunt*: nam condena a doutrina de começar por ſi meſmo eſſe amor: *Incipit à ſeipſo.* Naõ ſe encontra hũa ſentença com outra ſentença; ainda q̃ hũa diga: *O amor nam ha de buſcar para ſi*: & diga outra *O amor ha de começar por ſi a buſcar.* Huma couſa he buſcar por ſi, & outra couſa he buſcar para ſi: quẽ buſca para ſi, naõ buſca para o amado: & bẽ póde buſcar para o amado, o que por ſi buſca. Como alli tanto intereſſa o amante, como

Matt. 19. 9

Ad Philip. 2. 7.

ad Cor. 5.

mo o amado no meſmo bem que ſe buſca, porque tambem o buſca para o amado, o q̃ o buſca para ſi; naõ repugnaõ entre ſi as duas ſentenças propoſtas. O ſutiliſſimo. Expoſitor das Epiſtolas do Apoſtolo, S. Joaõ Chryſoſtomo, aſſim o dá a entender diſcorrendo a ſua ſentença: *Charitas nõ quærit quæ ſua ſunt.* Nem o amante, nem o amado tem o que ſó he ſeu, quando hum o buſca para outro: a meſma conveniẽcia de ambos, he conveniencia de cada hum. E por iſſo diz hum a outro: *Quod mihi conducit, eſt poſitum in te: quod tibi, in me eſt ſitum.* O q̃ eu quero para mim, cõſidero em vós. *Quod mihi, eſt in te:* & o que quero para vòs, conſidero em mim: *Et quod tibi, in me.* O noſſo amor naõ nos faz buſcar o que he ſó de cada hũ de nòs: *Non quærimus quæ noſtra ſunt.* Iſto meſmo podemos nòs conſiderar, quando lemos aquelle exame de amante, que Chriſto fez a S. Pedro: *Petre, amas me?* Chriſto, que era o amado; & Pedro, que era o amante: *Sic Domine, quia amo te:* ambos tinhaõ o meſmo rebanho: *Paſce oves meas.* O amante, como Paſtor delegado: *paſce oves:* & o amado, como Paſtor proprietario: *meas.* A conveniencia, que tinha hũ, tinha tãbem o outro: *Quod uni conducebat,*

Joan. 21. 15. 16. 17.

Chryſ. in Ep ſt. Pauli hic.

erat

erat in altero. Naõ cuidava cada hum do que sò era seu: *Non quærebat quæ sua erant.*

18 Este lanço de grande amor, he fundamento de outro ainda mayor: naõ he sò querer Christo para si, sendo o amado, o que tambem quer que seja de Pedro sendo o amãte: *Pasce oves meas.* He tambem igualar o amor, do modo, que pòde ser, este amante com aquelle amado: naõ no que saõ, mas no que fazem. O mais fino amor, he o que faz iguaes aos amados, & aos amantes, decendo huns, & subindo outros. Ou querendo, o que he mayor, decer ao lugar do menor, igualandose com elle: ou permittindo q̃ suba o menor ao seu lugar, igualãdo-o comsigo. Dece o Filho de Deos à terra a buscar a Pedro para Pastor da sua Igreja: *Pasce oves meas* & faz, que suba Pedro ao Ceo com o poder de lhe abrir, & fechar as portas: *Tibi dabo claves regni cælorum:* fazendo entaõ o amor amante a Pedro, & a Christo o amado: *Petre, amas me.* Sobe Joaõ o Evangelista ao lado de Christo: *Reclinabuit super pectus*: & dece Christo aos pès de Joaõ: *Cœpit lavare pedes discipulorum*: & faz alli o amor a Christo o amante, & a Joaõ o amado: *Discipulus quem diligebat Iesus.* No primeiro exẽplo, o ama-

Matt. 16 19.

Joan. 21 20.

Idem 13.5.

Idẽ 21.7

amado he o que dece: he o Filho de Deos decendo a buſcar a quem o ama: *amas me:* & o amante he o que ſobe: he Pedro exaltado ao ſupremo poder dalgreja: *Paſce oves meas: tibi dabo claves.* No ſegũdo exemplo, o amado he o q̃ ſobe: he Joaõ elevado ao peito de Chriſto: *ſuper pectus*: & o amante he o que dece: he Chriſto ajoelhado aos pès de Joaõ: *Cœpit lavare pedes.* Naõ havẽdo pois eſte decer, & ſubir entre amados, & amãtes, naõ póde haver amor fino: ſe naõ attenderem huns, & outros a eſta igualdade, deſafinaõ os exceſſos do amor. Os amantes, que naõ quizerem decer, ſeraõ mais amantes de ſi, que dos amados: & os que quizerem que os amados ſubaõ, mais deſejaràõ para elles, q̃ para ſi. O amor dos primeiros, naõ pararà no começar: *a ſeipſo*: & o amor dos ſegũdos, naõ buſcarà ſó, *quæ ſua ſunt.* Huns teraõ amados, que ſejaõ o fim do ſeu amor: & outros teraõ amantes, que ſó o buſcar para os amados ſeja o ſeu fim. Deça pois o amante, para ſubir o amado; & para ſubir o amante, o amado deça: & logo veraõ entre ſi hũa ſemelhança do que vemos entre nós, & Chriſto no diviniſſimo Sacramento, que todo he Sacramento do amor. Quando diz, que cada hum

hum de nós eſtá nelle: *in me manet*: leva-nos elle a ter comſigo; & conſideramos nós, que ſubimos. E conſideramos, que dece elle a eſtar com-noſco, quando diz, que eſtá em cada hum de nòs: *ego in illo.* Neſte ſubir & decer de ambos, ambos ſaõ iguaes no amor de cada hum: *Ille in me, & ego in illo.*

Caſtigos.

§. IX.

19 MUitos dos que ſaõ da maõ de Deos, parecem huns, & ſaõ outros: ou naõ parecendo caſtigos, naõ ſaõ outra couſa. Aſſim o podemos entender, quando vemos a morte levar ao innocente, & ficar com vida o culpado: naõ he o innocẽte, ainda que he o morto, o que vay caſtigado: o culpado, ainda que fica vivo, he o que leva o caſtigo. O Filho de Deos ſofrendo a pena, & afronta dos açoutes, naõ era o culpado, parecendo que o era: os culpados eramos nós, & primeiro que nós o era Adaõ; & mais nẽ Adaõ, nem nós ſe via ſerem os caſtigados. Vindo aquelle caſtigo da maõ de Deos ſobre as culpas dos peccadores, deſcarregavão os açoutes nas coſtas do mayor Innocente: *Supra dorſum meum fabricaverunt peccatores.* Pſ. 128. 3.

Só

Só quem entaõ tinha a fé, que nós hoje temos, podia diſtinguir o innocente do culpado: podia ſaber qual era o caſtigo da maõ de Deos, & ſobre quem cahia aquelle caſtigo. Os mais julgavaõ naquelle tẽpo, como nós hoje julgamos: vemos abreviada a vida dos filhos de muitos pays, & muito eſtendida a dos pays deſſes filhos: & ſendo os caſtigados os pays, parecem os filhos os caſtigados: parecenos ir o açoute ſobre as coſtas dos filhos, q̃ leva a morte; vindo elle ſobre as dos pays, que ficaõ com vida. E quanto tempo ſobreviveraõ os pays aos filhos, tanto fez Deos durar o caſtigo dos vivos, como apreſſar o deſcanço dos mortos. E ſe iſto he, ou naõ he aſſim, batamos nós nas ſepulturas de huns, & outros; & digaõ elles a verdade. Naõ ſejaõ os ſeus oſſos, os que nos ouçaõ a nós: *Oſſa arida audite*: ouçamos nós, & digaõ os oſſos: *Oſſa arida dicite*. Dizey primeiro vós os innocentes: a voſſa apreſſada morte foy caſtigo voſſo, ou de voſſos pays? Ezech. 37. 4.

20 Nós, reſpondem os que mandou matar Herodes, fomos logo laureados de gloria, & noſſos pays ficàram ainda no tormento da ſua pena: a noſſa vida cortada em flor brotou em noſſa Bemavẽturança. Naõ trouxeraõ

raõ os noſſos olhos as lagrimas, que Deos enxuga aos que as choraõ, quando morrem. Eſtas ficàraõ nos olhos dos que choravaõ ſeus filhos: & porque os perdèraõ de viſta, elles meſmos naõ queriam ter alivio nos olhos. O ferro, que nos derramou o ſangue, ſendo inſtrumento da divina Juſtiça, sò foy caſtigo para noſſos pays: para nòs foy miſericordia. Iſto meſmo reſpondẽ os outros innocentes, que na fome de Samaria foram comidos de ſuas proprias mãys: cortando ellas pelas vidas dos filhos, para ſuſtentarem as ſuas. Nòs, que fomos os mortos, os deſpedaçados, os cozidos, & os devorados de noſſas mãys: pareceriamos os caſtigados da maõ de Deos; & naõ noſſas mãys, que ficavaõ vivas, & eraõ as alimentadas Porèm como nòs nam ſabiamos, nem ſe eramos innocẽtes, nem ſe eramos filhos, nem ſe morriamos comidos, & muito menos ſe eraõ noſſas mãys as que nos comião; não padeciamos caſtigados. Noſſas mãys erão as que ſofrião todo o caſtigo, porque tudo iſto ellas ſabião: cada hum dos bocados, que comião do noſſo corpo, era huma lançada na ſua alma. Vivião de nós, morrendo nòs por ellas: cuſtavalhes a noſſa vida o ſuſtẽto da ſua. E que mayor caſtigo, que

que matar a mãy ao filho que vivia della, para viver delle? O que fez a fome em Samaria, fez o cõtagio mortal em muitas Cidades, & em muitos Reynos: & os innocentes, que entaõ morrèraõ, nos reſpondẽ agora o meſmo, que os outros tẽ reſpõdido. Nòs ſomos os que perdemos a luz da vida, os ſepultados nas trevas, depois de feridos da peſte, & apodrecidos os noſſos corpos, ainda antes de enterrados. Mas a falta de capacidade, para conhecermos & ſentirmos eſtes pezares, fez que os naõ toleraſſemos como caſtigos noſſos. Como taes os choràraõ os noſſos progenitores, dos quaes eraõ as culpas, que os provocàraõ. Em nòs, os innocentes, ſó ſe via o açoute da maõ de Deos: os açoutados porèm eraõ elles, pois eraõ os culpados. Nem ſempre o que paga a pena no juizo dos homens, he o caſtigado no tribunal de Deos. Quando o noſſo Redemptor caſtigou os que profanàraõ o ſeu templo com os intereſſes das ſuas mercancias ſó os authores daquellas culpas erão os caſtigados, & não a innocente pomba, & ſimplez ovelha; ainda que tambẽ ſobre ellas deſcarregou o açoute. Como erão incapazes de conhecerem em ſi culpa, & na mão de Deos caſtigo: os que

não ignoravão nẽ hũa, nem outra couſa, eſſes forão os caſtigados. E por iſſo a pena, que cahio ſobre os q̃ tinhão a culpa, eſſa foy o caſtigo: & ainda que cahio ſobre nós, não foy caſtigo noſſo: foy de noſſos pays.

21 Reſpondão agora eſtes à meſma pergunta, que já ouvimos reſpõdida pelos filhos: foſtes vòs, ou forão voſſos filhos os caſtigados? Nós, dizem elles, ainda hoje nos vemos caſtigados, cuidando em vida, que o nam eramos: não porque foſſemos innocentes; mas porque nos viamos de Deos muito favorecidos. Tãto tẽpo de fortuna, tãtos annos de felicidades, tantos dias de goſto: tudo iſto era caſtigo da meſma mão, donde nos vinhão todos eſtes bens. E ſendo a noſſa vida o mayor delles todos, agora ſabemos, que a meſma vida nam era a que parecia: era caſtigo da Juſtiça de Deos, & parecia liberalidade da ſua Providencia. Lá nos diziaõ, que em noſſa vida já tinhamos recebido os noſſos bens: & ſe aquelles bens, & ainda a noſſa vida, que era de todos o mayor, era o ſummo mal, que hoje ſofremos; bẽ podemos conſiderar, que o que nos diziaõ, era termos já em noſſa vida todo o noſſo mal. Decermos nós ao inferno vivos, he ſer hoje o noſſo inferno aquella vida:

vida: aquella vida dos noſſos bens. A diffe=rença ſó, que agora lhe achamos, he ſabermos jà o mal, q̃ nella igno=ravamos. Sò foy dito-ſa vida a pouca, que vi=vèraõ noſſos filhos, muito primeiro q̃ nòs mortos: porque vivè=raõ menos, mais ven=turoſos: & nòs nam; porque vivemos mais. O decreto, & antici=pada ſentença da mor=te daquelles innocen=tes, foy miſericordia de Deos, & naõ caſtigo: & a grande extenſaõ da noſſa vida jà era ca=ſtigo, parecendo miſe=ricordia. A razaõ, por=que a Judas melhor lhe fora naõ ter nacido, he a q̃ agora nos faz crer, que tambem nos fora melhor naõ termos tã=to tempo vivido. Elle, & mais nós; porque naõ teriamos vida pa=ra offendermos a Deos: elle a ſua, ſe a naõ co=meçaſſe; & nòs a noſ=ſa, ſe ella naõ ſe prolõ=gaſſe. E he tambem a razaõ, porque foraõ mais vẽturoſos noſſos filhos, que ſeus pays: elles; porque morrè=raõ mais chegados à=quelle tempo, que ſe=ria o melhor para Ju=das: & nòs; porq̃ paſ=ſamos a morrer mui=to diſtantes daquelle melhor tempo. Se he fortuna naõ começar a viver; tambem morrer pouco depois de come=çar, he ventura: eſſa logràraõ noſſos filhos, & nòs naõ; porque morremos muito de=pois de nacermos. E a

cada hum de nòs melhor fora naõ ter nacimento : ou acabar a vida pouco depois de o ter , fora muito melhor.

22 Temos ouvido a pays, & filhos: paſſemos agora a bater em outras ſepulturas : nas dos ſenhores,& dos eſcravos. Huns, que foraõ os caſtigados ſem o parecerem ; & outros, que o pareciaõ,& o naõ eraõ : & digaõ eſtes primeiro. Eſcravos , dizey-nos o que hoje ſabeis da vida,que tiveſtes : era a que parecia ? Nòs , dizem aquelles , que ſofrèram mais grave caſtigo, do que era a ſua culpa ; a toda a noſſa vida chamavamos caſtigo , & com razaõ. Nòs pagavamos a codenaçaõ cõ que nacemos , de nam termos paõ para comer , ſem o ſuarmos ; & faltava-nos o paõ , nam faltando nós com o ſuor : ou nam correſpondia ao cuſto do ſuor a medida do pão. Nòs eramos os açoutados , os feridos , & por iſſo os Lazaros , que famintos das migalhas da meſa de noſſos ſenhores,nem eſſas mereciamos. Mas viemos a ver , que tudo era merecimento noſſo, cuidando nòs , que era noſſa deſgraça: parecendo entaõ a cada hum de nòs , que erão inſeparaveis o caſtigo, & o cativeiro ; entendemos agora,achandonos no Seyo de Abraham, que já deſſe tempo

po começava a ſer inſeparado o noſſo deſcanço da noſſa liberdade. De noſſos ſenhores não ſabemos, ſe eſtão onde cheguẽ a depender deſtes Lazaros, para alivio das ſuas penas: para algum refrigerio do lugar dos ſeus tormentos. Là ouviamos dizer, que ſe nam podia ſervir a dous ſenhores: porque ou ſe havia de querer mal a hum, ou bem a outro. E ſe diſſermos hoje, que de algũ modo eramos nòs a exceiçaõ deſta regra, nam nos enganaremos. Porque do noſſo meſmo ſerviço ſe ſerviaõ Deos, & mais noſſos ſenhores: elles, os ſenhores noſſos, & tambẽ Deos noſſo Senhor. Deos, porque ſe agradava do ſofrimento, com que ſerviamos: & noſſos ſenhores, pelo q̃ intereſſavaõ no noſſo ſerviço. Naõ duvidamos, que quanto aos noſſos affectos, algumas vezes nam ſeriaõ de amizade de Deos, ſendo de inimizade ſua: porque ſe a elles tiveſſemos odio, nam podiamos ter a Deos amor. Porèm, ſe acaſo elles hoje padecem pelo odio, que tiveraõ aos ſeus eſcravos, & Deos nam condenou aos eſcravos pelo odio, que tiveſſem a ſeus ſenhores; os cõprehendidos na ſentẽça de nam ſe poder ſervir no meſmo tempo a dous ſenhores, foram elles, & nòs nam.

23 Eſta he a repoſta

ſta dos eſcravos: ſuppo-
nhamos já feita a meſ-
ma pergũta aos ſenho-
res, & attendamos à
ſua repoſta. Nòs, eſtaõ
elles dizendo, & lamẽ-
tando: nós, os que em
vida eramos os ſenho-
res, ſomos agora os eſ-
cravos: os que ſẽ cau-
ſa juſta os mandava-
mos carregar de fer-
ros; fizemos cauſa, pa-
ra que de outros fer-
ros mais pezados eſte-
jamos agora opprimi-
dos: nòs agora os cati-
vos, & elles os liber-
tos. Em nòs havia hũ
cativeiro, & em noſſos
eſcravos havia outro:
mas muito diverſos
hoje do que là cuida-
vamos. Nós tinhamos
hum cativeiro activo,
porque eramos os que
os cativavamos: era-
mos os agentes da ſua
eſcravidaõ. Quem ſe
cativa da obrigaçam
de cativar, tambem he
cativo: porque uſa da
liberdade propria, de-
pendendo da ſujeiçam
da alhea. E tal era o
noſſo cativeiro; pois
viviamos prezos do in-
toleravel cuidado de
viver do ſeu. Os noſ-
ſos eſcravos tinhaõ hũ
cativeiro paſſivo; por-
que eraõ os pacientes
do cativeiro, que lhes
davamos: nós os ſe-
nhores do dominio, &
elles os eſcravos do
mando. A eſte cativei-
ro paſſivo chamavam
elles o ſeu inferno; &
nós tinhamos por infer
no noſſo, lidar cõ taes
cativos. Aſſim o dizia-
mos nós, & mais elles:
mas já hoje nem nós
de-

Theoph
S. Chry
Vatab.
S. Hier.
apud
Corn. in
Epiſt ad
Epheſ. 4
8.

devemos dizer iſto, nẽ elles o dizem : jà ſe ſabe hoje quaes eraõ eſtes cativeiros , & aquelles infernos. O noſſo cativeiro, ou inferno já entaõ começava a ſer o cativeiro , & inferno, em que agora vivemos. E o ſeu cativeiro , & o ſeu inferno jà no meſmo tempo os diſpunha para a liberdade, & gloria,que hoje gozaõ. Elles gemiaõ debaixo das noſſas pragas, & nòs provocavamos as ſuas : mas com muita differença. Pelas ſuas eſtava Deos contra nós; & naõ pelas noſſas contra elles. As ſuas eraõ como aquellas, que por mandado de Deos , defendiaõ aos cativos do Egypto, & cahiaõ ſobre Faraò : no meſmo tẽpo eraõ pela liberdade dos opprimidos eſcravos, & contra a tyrannia do ſeu endurecido ſenhor. E as noſſas eraõ como as furias,que ſahiaõ pela boca do obſtinado Rey ; & mais eraõ contra elle , que contra os cativos : ſobre tantas furias ſuas cahiaõ outras tantas pragas do Ceo. E fizeraõ eſtas o que conſeguiram as dos noſſos cativos : aſſim aos do Egypto,como aos noſſos, poz Deos em ſua liberdade ; & aſſim a nòs, como a Faraó cõdenou ao cativeiro, em q̃nós,& elle nos vemos. As oppreſſoẽs dos cativos do Egypto jà fizeraõ pauſa, ha muito tempo : & as de quem

os cativava, ainda hoje duraõ. He verdade, q̃ com diverſa ſorte : as dos cativos jà deixàraõ de atormentar no Egypto : mas naõ de glorificar no Ceo aos que ellas atormentàraõ. E as do ſeu atormentador, naõ ſó duraõ as que padece hoje depois de morto ; mas tambem as que jà padecia em vida. Como ſe ſeguîraõ humas às outras, naõ atormẽtâraõ ſeparadas. Aquelle açoute da mão de Deos levantado contra elle no Egypto, ſempre veyo ſobre as ſuas coſtas até o meter no inferno. E do meſmo modo os açoutes, que em noſſas caſas ſoavaõ ſobre os corpos dos noſſos cativos, ainda hoje fazem ecco nas noſſas almas : reſpondem os noſſos brados aos ſeus. O que nòs dizemos aſſim dos eſcravos, como dos ſenhores, naõ ſe verifica em todos : nem todos os ſenhores eſtaõ em penas, nem todos os eſcravos em gloria. Mas nam duvidem os que iſto ouvem, de que algum dos ſenhores levaſſe, ou ainda leve o meſmo caminho de Faraó, ſe o imitou, ou imitar na tyrannia. Como tambem, de que algum eſcravo tenha ſeguido, ou ainda poſſa ſeguir o caminho dos cativos do Egypto, ſe for ſemelhante a elles no ſofrimento.

24 Jà diſſeraõ todos os perguntados a ver-

verdade, q̃ ſe pertẽdia ſaber : mas ainda ella nos perſuade a mais do que o já ouvido. Ainda ha mais caſtigados da maõ de Deos, ſem elles ſaberem, que o ſaõ. Aquelles, que Deos deixa ir, como vaõ, ſem os deſpertar com algum reclamo, para os tirar do caminho, por onde vaõ a perder ſe, ainda ſaõ os mais caſtigados da divina maõ. Os outros poderàõ ſer os do ſeu menor caſtigo; porque ainda advertidos de algum deſpertador, poderàõ tomar melhor caminho. Eſtes, que dizemos ſaõ os do ſeu caſtigo mayor; ſuppomos, que ſaõ dos já deixados da ſua mão: daquelles, pelos quaes diz o Apoſtolo S. João, já não ha que interceder: *Si peccatum eſt ad mortem, non roget quis.* Ioan. 15. 9. Como eſtes forão os q̃ Deos chamou para a ſua meſa: & porque ſe eſcuſárão: *Habe me excuſatum*: os deixou ſem outra vez os chamar; & com decreto, para nunca mais ſerem chamados: *Non guſtabunt cœnam meam.* Luc. 14. 18. Ibid. 24 E como o caſtigo deſtes foy o da ſizania, que para vir a ſer queimada: *ad comburendum*: a deixàrão ir crecendo, aſſim como hia: *Sinite creſcere.* Matt. 13 30. He eſte o caſtigo mayor da mão de Deos; porque os deixados ir aſſim como vaõ, nam ſentem que vaõ aſſim deixados: tem ſobre ſi a maõ de Deos caſtigando; & elles ſem ſẽtirem

tirem o caſtigo, vaõ vivendo, & vaõ paſſando. E muito mais pezada caſtiga a maõ de Deos, quando o ſeu caſtigo he aſſim inſenſivel; do que quando elle ſe ſente. Mais he a perda total da ſaude no corpo humano, quando ſem ſe ſentir o vay attenuãdo algũa febrinha lenta; do que quando o proſtra alguma enfermidade grave. A febrinha lenta, como nam ſentida, vay matãdo ſẽ remedio: a enfermidade grave, como ſe ſente, buſcaſe-lhe o remedio para naõ matar. Se ao tempo da ſemeadura da ſizania ſe ſentiſſe na ſeara o ſeu ſemeador, teria prompto remedio o ſeu mal: mas como ſe naõ ſentio, o mal creceo: *Cùm creviſſet herba*: & o ſenhor da herdade a cõdenou: *Sinite creſcere ad comburendum.* Ibid. 26

Caminho.

§. X.

25 PElo q̃ leva para Deos, naõ póde ir o que he levado pelo do mũdo. Saõ caminhos deſencontrados, o de Deos, & o do mundo; & nam ſe podẽ encontrar nelles os ſeus caminhantes. Se vay Saõ Paulo para Deos com as coſtas para o mũdo: *Crucifixus ſum mundo*: ha de ir o mundo aſſim deixado, com as coſtas Ad Gal 6. 14.

para

para S. Paulo : *Mihi mundus crucifixus*. Naõ ſe podẽ achar no meſmo caminho, deixando hum ao outro : deixando Paulo ao mundo, & o mundo a Paulo. Boa advertencia eſta, para os que deixaõ ao mundo: ſempre haõ de ir afaſtados hũ do outro ; & hum para o outro voltadas as coſtas. Se o mundo, ainda depois de deixado, for pelo meſmo caminho por onde vay o que o deixou, ſeguindolhe os paſſos ; nam vay eſte livre das ſuas tentaçoens, poſto que o tem deixado. Quando Chriſto em huma occaſiaõ livrou da tentaçaõ do Demonio no deſerto, mandoulhe voltar as coſtas : *Vade retro*. Nam, porque o pudeſſe vencer a ſua tentaçam, ſe o conſentiſſe no meſmo lugar: nam foy iſto para exẽplo, que Chriſto nos quizeſſe deixar entam advertido. He advertencia noſſa, na qual podemos deſcobrir para nós exemplo. Ainda, quando nòs pudermos vencer a tentaçaõ lutando com o tentador : he a melhor reſiſtencia, toda a diſtãcia do lugar, onde elle eſtá tentando. Tentador pelo meſmo caminho, por onde vay o tentado : no meſmo andar do que deixou o mundo, ir tambem o mundo andando, he conſentirſe na occaſiaõ ao tentador, & arriſcarſe nella o tentado. Matt. 4. 10.

Ha

Ha de dar o mundo as coſtas a Paulo, quando elle o deixa: *Mihi mũdus crucifixus* · & ha de mandar Chriſto ao Demonio, que volte as coſtas, quando lhe mãda que o deixe: *Vade retro.* Nem ſe deve deſprezar a cõpanhia do mũdo no caminho dos que o deixàraõ; por ſe dizer, que indo elle crucificado: *Mihi mũdus crucifixus*: aſſim como vay crucificado o que o deixa: *Crucifixus ſum mundo:* nam levam tanta força as ſuas tentaçoens. Nam ſe fiem neſte ſeguro os que deixaõ o mundo: porque ſe elle, aſſim como eſtà crucificado para os que o deixam, eſtiveſſe tambem para elles morto, nam haveria que temer na ſua companhia. Mas elle nam eſtà crucificado para quem o deixa; como quem o deixa póde eſtar crucificado para elle: nam eſtà crucificado, & morto, aſſim como eſtava Saõ Paulo: *Vivo, ego jam non ego.* Eſtá em odio vivo contra os que o deixaõ, ainda que eſteja crucificado: *Odit vos mundus.* E he a razaõ, porque de nenhũ modo ſe ha de ir cõ elle pelo meſmo caminho, ainda que vá crucificado. Como a ſua cruz (diz S. Bernardo fallando em nome de Paulo crucificado) he tudo o que mortifica, & elle aborrece; & iſſo he o que a mim me deleita: *Quæcumque mun-*

Ad Gal. 2 20.

Joan 15 19.

S. Bern. Sc. m 7 in Quadrag.

mundus reputat crucẽ, delicias reputo: & tudo o que deleita ao mundo, & elle ama, isso he para mim a minha cruz: *Et quæ mundus reputat delicias, ego reputo crucem*: nam pódem ir jũtos pelo mesmo caminho dous crucificados taõ oppostos. Sendo o que he cruz para hum: *Quæ mundus reputat crucem*: delicia para o outro: *delicias reputo*: & o que he delicia para este: *Quæ mundus reputat delicias*: cruz para aquelle: *reputo crucem*. Este desencõtro de caminhos, & desencõtro muito necessario confirma a vinda dos Magos do Oriente para Belem, & a sua ida de Belem para o Oriente. No caminho do Oriẽte para Belem encontràraõ ao mundo na Corte de Herodes: encontràraõ com as riquezas, com as honras, com as ambiçoens, & com as tyrannias de Herodes; & he de tudo q̃o mũdo ama, a mayor parte. E para nam encontrarem outra vez ao mesmo mundo na volta de Belem para o Oriente, tomàraõ outro caminho: *Per aliã viam reversi sunt in regionem suam*. Os que jà achàraõ, & entràram em Belẽ casa de Deos, depois de terem encõtrado, & deixado ao mundo na casa de Herodes, nam andaõ mais pelo mesmo caminho. Matt. 2. 12.

Dei-

Deixam o caminho, por onde ſe encontra com o mundo; & vam por outro, onde o nam encontraõ: *per aliam viam.* Ou ſe ha de ir por hum caminho, ou por outro: não ſe póde ir jũtamẽte por ambos. Pelo largo, & he o que guia para caſa de Herodes: *Lata via, quæ ducit ad perditionem:* & pelo eſtreito, & he o que guia para a caſa de Deos: *Arcta via, quæ ducit ad vitam.*

Matt. 7. 13.

Ib. 14.

26 Oh como vay arriſcado aquelle, que no meſmo tempo quer ir por dous caminhos encontrados! O que indo pelo caminho da Ley de Deos, ou pelo caminho de algum ſãto Inſtituto, quer tãbem ir pelo ſeu caminho! Por aquelle caminho, que achou Iſaías, cada hũ de nós quer tomar: *Unuſquiſque in viam ſuam declinavit.* Eſte tal caminhante vay a perderſe em ambos os caminhos: no ſeu, & mais no da Ley de Deos, ou do Inſtituto ſãto. Os paſſos torcidos do ſeu caminho, faràõ torcer os do caminho da Ley, ou os do Inſtituto. Já o grande Elias dizia iſto meſmo, quando bradava aos que no meſmo tempo queriaõ adorar a Deos, & idolatrar a Baal: *Uſquequò claudicatis in duas partes?* Atè quando cõ os meſmos paſſos tropeçando em dous caminhos?

Iſai. 53. 6.

3. Reg. 18. 21.

Naõ

Naõ os reprehendia, porq̃ adoravam a Baal, & louvava, porque adoravaõ a Deos: por humas, & outras adoraçoens os reprehẽdia. Como no meſmo tẽpo hiaõ pelo caminho das adoraçoens, & pelo caminho das idolatrias: tanto dobrando os joelhos diante do idolo, como diante de Deos: por iſſo tropeçavam em ambos os caminhos: *Claudicatis in duas partes.* Deſte meſmo modo tropeça o q̃ he obrigado a andar pelo caminho da Ley de Deos, ſe no meſmo tempo quer ir pelo ſeu caminho. E tambem o que quer ir pelo ſeu caminho, tendo jà entrado pelo caminho do ſeu Inſtituto: *Claudicant in duas partes.* Eſte caminho, que cada hum póde tomar, como ſeu, he muito difficultoſo caminho, porq̃ ſe naõ ſabe qual he. Cuidaõ os ſeus viãdantes, que vaõ bem guiados; & depois de o andarem, entaõ vẽ, que o erràraõ. *Eſt via* (diz o Eſpirito Santo) *quæ videtur homini juſta: noviſſima autem ejus deducunt ad mortem.* Começando a entrar neſte caminho enganados, vaõ continuando cegos, & ſó no fim achaõ, que foram errados: *Noviſſima ejus deducunt ad mortẽ.* Para ſe conhecer porèm eſte caminho, que chamamos noſſo: *in viam ſuam:* olhe cada hum de nós para o ſeu genio, Prov. 14. 12.

genio,ou para a ſua inclinaçaõ; & logo ſaberà qual he o ſeu caminho. Tanto que hum ſouber para onde a ſua propẽſaõ natural o inclina, logo verá para que caminho declina, & eſſe vem a ſer o ſeu caminho. Aſſim coſtumamos andar, nos diz huma eſcritura: *Secũdùm deſideria ſua ambulantes.* O noſſo caminho he o noſſo deſejo: & como eſte nos guia os paſſos, tãbem nos faz o caminho. O ponto eſtà, em ſer o deſejo bom: porque ſe for máo o deſejo, & eſte nos fizer o caminho, mal pòde ir bem guiado, quem vay por hum caminho, que todo he máo deſejo. Neceſſariamẽte ha de tropeçar no ſeu proprio caminho; porque tropeça no ſeu meſmo deſejo. Como eſte vay nos pés, aſſim como ſe forjou no coraçam: *Secũdùm deſideria ambulantes:* hum deſejo deſordenado no coraçaõ, he hum tropeço dos paſſos. Para ſe nam obſervar a Ley de Deos, tanto monta hũ paſſo torcido,como hũ deſejo deſordenado; por ſer o paſſo effeito do deſejo. E cõtar Deos a Job as ſuas paſſadas: *Greſſus meos dinumera-ſti:* foy para lhe numerar pelos paſſos os deſejos: pelos effeitos as cauſas: *Secundùm deſideria cordis.* Se a obſervancia da Ley anda no coraçaõ, que he a fonte original dos deſejos:

Judæ 16. & 18.

Job 14. 16.

Pſ. 36. 31. ſejos: *Lex Dei in corde*: os paſſos vaõ bem encaminhados: *Non ſupplantantur greſſus.* E eſtes ſaõ alguns dos ſinaes, para cada hum de nós conhecer, qual he o ſeu caminho: quaes os ſeus deſejos, ou os ſeus paſſos: *Secundùm deſideria ambulantes.*

Ibid.

27 Para ſe conhecer porèm eſte caminho, ſem recorrer a ſinaes, que o moſtraõ de fóra; baſta ver cada hũ dos que o andaõ, ſe foy o meſmo caminho o que a elle o meteo dentro. Aſſim como ha caminhos, q̃ vaõ ter a eſte, ou àquelle termo, & nelles acabam; tãbem eu poderey ſer hũ deſtes termos, aonde algum caminho venha ter, & acabe, onde eu me acho. E ſe eu me vir dentro em algum mào caminho, ſem ſaber como entrey nelle; eſſe he o meu caminho. Se cuidando eu que vou pelo caminho eſtreito, que leva para a vida eterna, & me achar no caminho largo, que guia para a eterna condenaçam, o caminho, em que me vejo, he o meu caminho: porque os meus caminhos primeiro ſe moſtraõ offerecidos, do que ſejaõ buſcados: porque mais veyo elle para mim, do que eu fuy para elle. Como os caminhos, que levaõ a perder aos ſeus caminhantes, primeiro ſe vem offerecidos, do que buſcados; ſaõ caminhos propriamente

ſeus : ſaõ daquelle a quem elles ſe offerecẽ. Tudo diſſe S. Jeronymo : *Latam viam non quærimus, nec inventione opus eſt : ſponte ſe offert, & errantium eſt via.* Querem ſaber os que vivem neſte mundo, qual he o ſeu caminho ? Vejaõ, ſe o caminho, por onde vaõ, foy neceſsario que elles o buſcaſsem : *Si inventione opus fuit.* Se cada hum delles he o termo, aonde o caminho veyo ter, quando *ſponte ſe obtulit.* Eſte caminho (poderá dizer algum dos que vaõ por elle) bem ſey que ha de ter fim: mas porque eſte fim ſe me repreſenta lá para muito longe, & muito lá para diante ; naõ me aperta o cuidado de ſaír delle, nem me aflige a conta de o ter entrado. Porèm ſe eſſe caminho ſe acabar ainda hoje ? Eſte caminho (dirá outro) tem ſido frequẽtado de muitos, que nelle ſe nam perdèraõ : & eu bem poderey ſer hum deſtes. Porèm ſe eu fôr como hum dos que nelle ſe perdèraõ ? Eſte caminho (entenderàõ os q̃ ſe tem em conta dos bem inſtruidos na Fè) nam he tam pouco ſabido, que ſe eſcondam os ſeus perigos : & o conhecimẽto deſta verdade baſta para livrar delles em todo o tempo. Porèm ſe tendo eu eſte conhecimento, & cõfeſſando eſta verdade, ainda me deixo

S. Hier. in Matt. c. 7.

ir

ir por hum caminho tam arriſcado ? Eſte caminho (diſcorrem muitos) ſó he eſtranhado dos que de qualquer couſa ſe eſcandalizaõ : os mais, q̃ vaõ por elle, paſſaõ a vida contẽtes. Como ſe não achão arguidos de peccados graves, naõ cançaõ com o pezo dos leves. Porèm ſe no fim do caminho eu me vir opprimido dos graves, para os quaes me diſpoz a frequencia dos leves ? Finalmente eſte caminho (dizem todos) naõ he de Anjos, he de homens: & Deos por ſua miſericordia dà a maõ a muitos, para naõ cahirem nelle, & tãbem a mim a poderà dar. Porèm ſe a não der : & eu por ſeus juſtos juizos de tal ſorte cair, q̃ me naõ poſſa levantar ? Conſiderem o que lhes poderà ſuccéder, ſe ſe deixaõ ir pelo ſeu caminho, os que ouvem aquella ſẽtença : *Eſt via, cujus noviſſima deducunt ad mortem.*

Cinzas.

§. XI.

28 AS dos bons ainda ſaõ vivas, depois delles mortos ; & as dos maos jà ſaõ mortas, ainda ſendo elles vivos. Haver nos vivos cinzas, não he novidade: Abraham as achou em ſi meſmo: *Loquar ad Dominum, cùm ſim pulvis, & cinis.* E não ſerà ſynony- Genes. 18.27.

mo forçado, ſe diſſermos que a Igreja nos chama cinza, quando nos lembra que ſomos pò; ſe o pó da cinza, q̃ nos moſtra, he o ſignificativo do pò, q̃ ſomos: *Memento, quia pulvis es.* A differença ſó, que agora nos leva eſte diſcurſo, he a que deſcobrimos entre cinzas mortas, & cinzas vivas. Chamamos cinzas mortas, as q̃ conſideramos nos mortos da alma por auſencia da graça: daquelle modo, que ſaõ mortos, lhe conſideramos cinzas. E aquellas, que ſaõ dos mortos do corpo por auſencia da alma, chamamos cinzas vivas. Ainda vive na ſua cinza, quem dà vida à ſua fama. As cinzas de hũs, dizemos que ſaõ cinzas mortas de vivos; porque ſão de mortos, que vivem: mortos na alma, vivos no corpo. E as cinzas dos outros, ſaõ cinzas vivas de mortos; porque os reconhecemos nas ſuas cinzas vivos: ſenão pela alma, pela virtude. Iſto aſſim advertido, moſtremos agora em hum Pſalmo de David a vida, & a morte de hũas, & outras cinzas; em quanto nos diz, que o Juſto he como a arvore, que em todo o ſeu tempo dà o ſeu fruto: *Iamquam lignum, quod fructum ſuum dabit in tempore ſuo.* Pſalm. 1. 3. E porque o tempo que temos, & Deos nos dà a todos, ou he o da vida temporal, ou o da

vida

vida eterna; em todo eſte tempo ſempre os Juſtos dão o ſeu fruto. No tempo da vida tẽporal, o fruto das ſuas boas obras viſtas: & no tempo da vida eterna, o fruto das meſmas obras lembradas. E he a razaõ, porque nas cinzas dos Juſtos, depois delles mortos, os conſideramos vivos, & chamamos vivas as ſuas cinzas. Naõ poderemos nòs dizer outro tanto dos que naõ ſaõ Juſtos: porque nem no tempo da vida temporal daõ fruto de boas obras: nem na lẽbrança dellas temos fruto, que tirar, depois de jà paſſados elles para a eterna. E por iſſo tãto as cinzas dos mortos por auſencia da graça, como as outras ſuas cinzas por auſencia da alma, ſempre os repreſentaõ mortos: & naõ ſe pódem dizer cinzas vivas. Com eſtas noſſas conſiderações concordaõ as de hum cõmento: & o ſeu ſentido he tambem de outros. No tempo da vida temporal jà o varaõ juſto dà o fruto da eterna: já a ſua vida: *Declarat talem juſtum eſſe beatum, ſpe in hoc ſæculo, re in futuro.* He taõ certo em vir o Juſto com o fruto no ſeu tempo, q até no preſente: *in hoc ſæculo*: já apparece cõ o do futuro em eſperança: *in ſpe.* E he o cõtrario do que ſe ha de dizer do peccador, que nem por eſperanças dà o fruto do ſeu tempo. Bellarmin. hîc

Eſte tal he como o repreſẽtado naquella arvore, q̃ Chriſto amaldiçoou, por naõ dar entaõ fruto : *Jam non*
Marc. 11. 14. *amplius in æternum ex te fructum quiſquã mãducet.* E ainda que era antes do tempo preſẽte, para os dar a arvo-
Ibid. 13. re : *Non erat tempus ficorum* : deve de os dar na eſperança do futuro aquelle, q̃ a arvore repreſenta. Duas ſaõ as ſortes do fruto, que dão os Juſtos: huns, ſão frutos para ſi ; & outros, ſão frutos para nòs. Os ſeus frutos para ſi, ſão os que elles logrão do ſeu merecimento neſta vida, & da ſua gloria na outra. E jà hoje, ainda vivendo neſta, dão, & tem os da outra por eſperança : *in ſpe.* E os ſeus frutos para nòs, ſão os que elles nos deixàrão nas ſuas cinzas : *in re* : lembrados ; & nellas ainda hoje os ſeus exemplos vivos : *Juſti virent, nec unquam virorem ſuum amittent.* Bern. min. hic *Contrà, impii aridi, & ſteriles, nec veſtigium quidem ſui relinquunt* : conclue o commento allegado. E aſſim ha de dar fruto o Juſto em todo o ſeu tempo : ou na eſperança, ou no effeito : *ſpe, & re.* Se os repreſentados naquella arvore cõdenada a naõ dar mais fruto, ao menos ſe vir que os daõ em eſperança, naõ ſeraõ, como ella, amaldiçoados. Ainda entaõ o daraõ no ſeu tempo : & ſenaõ no logrado ; no eſperado. Quem dà eſpe-

eſperanças do fruto, ainda o dà no ſeu tempo: porq̃ tambem eſte he hum dos ſeus tempos para os ſeus frutos. E temamos nòs muito a deſeſperação do noſſo fruto, vendo que Chriſto naõ attendeo á eſperança, que aquella arvore ainda dava do ſeu. Porq̃ por ſeus juſtos juizos tambem nos poderà deixar Deos, por nos ver ſem eſperança algũa de darmos o noſſo: *Non amplius in æternum.*

29 Rigoroſa ſentẽça! mas poſſivel. E para o não ſer, vejamos quaes ſeriaõ as cauſas de jà o ter ſido por algũas vezes; & q̃ meyos, para que o não ſeja em outras, pondo os olhos nos que ſaõ juſtos, & nos que o naõ ſaõ. As cinzas do Juſto ſaõ de arvore, q̃ tem raizes: *Lignum plantatum:* & regadas com as enchentes da divina graça: *ſecus decurſus aquarum.* E qual foy a vida deſta arvore, taes ſaõ as ſuas cinzas, ainda depois de morta. Alli naquellas ſepulturas nos moſtrão hũas cinzas os frutos da penitencia, os frutos da oraçaõ, os frutos da prégaçaõ Euangelica, & os frutos da ſalvação das Almas. Aqui neſtes tumulos eſtamos vendo em muitas cinzas os frutos da vida eremitica, os frutos do eſtudo das ſagradas letras, os frutos da clauſura religioſa: & até nas cinzas, que nos naõ Pſalm. 1. 3.

ficàraõ, porque as conſumîraõ as fogueiras de muitos patibulos, nos repreſenta a lembrança os frutos da Fè viva dos q̃ nellas morrèraõ. Todas eſtas cinzas de tantos mortos, ainda hoje eſtaõ dãdo a ver os frutos das ſuas vidas: os frutos q̃ deraõ: *in tẽpore ſuo.* Naõ fazem porèm iſto meſmo as cinzas dos outros mortos, que ainda naõ ſepultou a morte do corpo: naõ reſuſcitaõ deſtas cinzas frutos alguns do ſeu tempo. Mas antes, porque jà mortos na alma, & no meſmo tempo vivos, os podemos conſiderar tumulos de cinzas mortas. Aquelles tumulos, ou ſepulcros, aos quaes jà diſſe Chriſto o que nòs agora dizemos delles: *Væ vobis: quia ſimiles eſtis ſepulchris dealbatis, quæ à foris parent hominibus ſpecioſa, intus verò plena ſunt oſſibus mortuorum.* Miſeraveis homens: ainda hoje vivos, & no meſmo tempo, dos ſeus proprios oſſos, ou cinzas mortas jà ſepulcros: *ſimiles ſepulchris, quæ plena ſunt oſſibus mortuorum.* Deſtas cinzas naõ reſuſcitaõ os que haõ de ſer julgados por juſtos: *Non reſurgunt impii in judicio juſtorum.* Cinzas jà hoje mortas dos que ainda vivem, naõ promettem juſtos reſuſcitados para quãdo morrerem. Eſta promeſſa ſó fazem as cinzas dos que jà morrèraõ, & ſaõ cin-

Matth. 23.27.

Pſalm. 1.5.

cinzas vivas. Só deſtas cinzas ſe pódem eſperar aquellas reſurreiçõeſ. Como ſão cinzas de juſtos, moſtrão nas pégadas o caminho por onde elles andàraõ: & pégadas, que ſaõ dignas dos olhos de Deos: Ibid.6. *Novit Dominus viam juſtorum.* Mas naõ aſſim as outras cinzas, as quaes naõ ſaõ dos juſtos, ſenaõ daquelles, que *Non reſurgent in judicio juſtorũ.* Daquelles, que naõ deixaõ vivo na lembrança o caminho de ajuſtados paſſos: *Iter impiorum peribit.* Neſtas cinzas, porque ſaõ mortas, naõ ficão pégadas, que encaminhàraõ para a verdadeira vida. Saõ como de pó ſecco, & ſolto, q̃ não exprime eſtas pégadas. Como eſſe pó, diz David, ſaõ os meſmos que o pizão: ſaõ hum pó, que leva o vento: *Impii tamquàm pulvis, quem projicit vẽtus.* Ibid.4. Nem o pó, q̃ elles ſaõ, he pó de juſtos: nem o pó das ſuas cinzas moſtra pégadas ſãtas: o que elles ſaõ, he o que ellas moſtraõ: *pulvis, quem projicit vẽtus*: & tambem o que haõ de ſer no dia do Juizo, como os conſidera Malachias. Hum pó, & cinza, que os juſtos haõ de meter debaixo dos ſeus pés: *Calcabitis impios, cùm fuerint cinis ſub planta pedum veſtrorum.* Malac. 4.3. E he o meſmo (diz Tertulliano) que ſerem os juſtos *ſuperiores improbis*: & os que o naõ Tertul. lib. de reſur. carnis cap. 31. Catul. apud Corn. hic.

ſaõ

ſaõ (commenta outro Expoſitor) hum pó vil, & abatido : *Quid impiis æquè, ac cinere vilius, miſerius, ſqualidius, aridius, ſteriliùs?*

30 E nem conſiderado eſte pó, como pó de cinzas, moſtra o cõtrario : antes as pégadas deſſe pó, ainda que ſaõ de pó ſecco, os deſcobrem mais. Fazem o q̃ fizeraõ aquellas pégadas dos ſacerdotes, & idolatras do deos Bel, ſinaladas nas cinzas, que Daniel fez eſpalhar por todo o pavimento do templo daquelle idolo : *Attulerunt cinerem, & cribravit per totum templum.* Para o culto, que lhe davaõ, os enganava a credibilidade do muito que elle comia; & que era a prova de ſer deos vivo. Aſſim o perſuadia o Rey a Daniel : *Non videtur tibi eſſe Bel vivens Deus? An non vides quanta comedat?* E ſendo os comedores do muito que lhe offertavaõ, os meſmos que o adoravaõ; pelas pégadas das cinzas, q̃ elles pizàraõ, quando furtivamente entràraõ no templo a comer o que lhe tinhaõ offerecido, os deſcobrio Daniel a todos. *Ecce pavimentum* : diſſe o Profeta ao Rey : *animadverte cujus veſtigia ſint hæc.* Alli vos dão a ver as pégadas daquellas cinzas, quaes ſaõ os pés, que por ellas andàraõ. Eſtas pégadas eraõ de caminho, pelo qual ſe hia adorar a hum deos falſo.

Dan. 14. 13.

Ibid. 5.

Ibid. 18

falſo. E bem ſe vio, que eraõ parecidas com os que hiaõ, & andavaõ por aquelle caminho; pois por ellas foraõ conhecidos, & deſcubertos. Taes elles, quaes as ſuas pégadas: ellas expreſſas em cinzas mortas: & elles, os que nellas ſe exprimîraõ vivos. Andem por onde quizerem eſtes vivos, nos quaes cõſideramos jà cinzas mortas: as pégadas das ſuas cinzas os daraõ a conhecer, & os levaráõ deſcubertos ao Tribunal, onde diz Job ſe lãçaõ ellas, & lançàraõ as ſuas para a conta:

Job 13. 27. *Veſtigia pedum meorum conſideraſti.* Bem eſquecidos vivem deſtas cõſiderações, não ſó os q̃ não vem por onde andão; mas tambem os que não olhão para os pés, que os levão. Boas ſaõ as advertencias, de que ſomos pó da terra, & de havermos de ſer pó de cinza, para encaminharmos bem os noſſos paſſos, & não nos temermos das noſſas pégadas. Porèm a reflexão de ſerem os noſſos pés de barro, ainda nos poderà meter mais a caminho: nẽ ſempre he motivo da miſericordia a fraqueza humana. As noſſas pégadas, nem por darem a ver o pó que ſomos, ou o que havemos de ſer; nem por dizerem q̃ ſaõ de barro os pés, que as fazem nos caminhos que andão, tem certa a compayxão de Deos. Neſta

póde

póde ſer, que confiemos ſempre, & nem ſempre nos reſponde aſſim a noſſa cõfiança. Não ſuſpende ſempre Deos o ſeu açoute; mas antes o póde fazer mais pezado, para ficar mais temido: ſe for neceſſario ſer de ferro, não ha de attender a ſermos nós de barro. *Reges eos in virga ferrea*, diſſe o Profeta: *& tamquàm vas figuli confringes eos.* Sendo baſtante para ſe quebrarem vaſos tão fracos qualquer toque da mão de Deos: ſobrando o que ſe parecer com aquelle, que tanto quebrantou a Job: *Manus Domini tetigit me*: he bem entendamos nòs, que não deixará de ſer elle muito carregado: *in virga ferrea*: ſe eſquecidos da vileza do noſſo barro, nos quizermos levantar ſobre pés tão quebradiços: *tãquam vas figuli.* Querendo nòs ſubir a ſer mais do que ſomos, mais nos guião eſſes pés para nos fazer cair, que para nos elevar. Os pés da eſtatua de Nabuco, por não ſerem ſó de barro, mas tambem de ferro: *Quædam pars ferrea, quædam fictilis*: ainda erão mais fortes, do q̃ ſe foſſem formados ſó de barro. E por iſſo podemos entender, que ſobre elles ſe tinha mais, & ſuſtentava melhor a ſoberba, & levantada eſtatua. Mas com tudo, nem ainda aſſim ſe teve muito tẽpo: não foi neceſſaria mão:

Pſalm. 2. 9.

Dan. 2. 33.

Job 19. 21.

Ibid 34 mão: *Abſciſſus lapis ſine manibus:* para cair, & ſe desfazer. Cõ hũa ſó pedra, & eſſa por caſo caida do monte, & que por não levar impulſo algum de mãos: *ſine manibus;* não chegou a fazer inteira pedrada, igualmente ſe desfez o pó de barro, & o ferro em pó; & finalmente a eſtatua toIbid 35 da *redacta in favillam.* Aſſim coſtuma Deos moſtrar no noſſo meſmo pó as pégadas, que fazemos; & que nem reſpeita aos pés mais fortes, nem ſe compadece dos mais fracos; nem cõtra os mais fracos ſe arma com menos mão; nem com a mais pezada contra os mais fortes. Hũas vezes oprimindo com inſtrumento de pezado ferro pés de barro: & outras destazendo com menos que hũa pedrada pés tambem de ferro, reduzindo tudo *in favillam.*

31 Entendão agora os que ſaõ pó morto, ſendo vivos, o fruto, q̃ ainda pódem tirar do ſeu meſmo pó, & lhes pódem dar as ſuas meſmas cinzas. Ainda he tempo, para que de cinzas tão mortas poſſão renaſcer frutos de vida; ſe cada hum deſtes vivos advertir, como eſtá morto. Conſidere-ſe hum tronco ſecco, hum lenho deſanimado, hum deſprezo da divina graça, & hum indigno de pòr Deos nelle os olhos. Veja, que não dá paſſo

ſem

ſem perigoſa queda: que não põem pé ſem torcida pégada: & que ſe hoje ſe levanta de hũa queda, & aſſenta o pé ſeguro, o ſeu levantar póde ſer para multiplicar o cair, & ſeguirſe a hũ paſſo direito a frequencia de muitos deſordenados. Deſapparecendo eſtes, as ſuas pégadas ſempre ficão, para prova de o ter andado: & em quãto por elle anda, não ſó vay tropeçando deſamparado de luz; mas tambem atormentado de pezares. A vontade o cega, a memoria o accuſa, & o entendimẽto o convence: afflicto com os rigores da conta, deſenganado dos reclamos da conſciencia, & inquieto pelos correyos da morte. Cõ o goſto do prato traga amarguras de fel: no alinho das roupas ſente aſperezas de eſpinhos: & antes, & depois do deſcanſo do corpo, o perſeguẽ importunas triſtezas, & inſeparaveis anguſtias. Nem lhe val o muito que póde, ſe he hũ dos grandes do mundo: nẽ o deſculpa o não poder mais, ſe he algum dos pequenos; porque eſta morte dos que ainda vivem, tanto desfaz em cinzas o duro ferro, como em pó o fragil barro. De tudo iſto he a cauſa o peccado mortal, que os mata: aſſim faz em pó, & cinza aos que deſte modo andãdo vivos, ſaõ mortos. E porque na ſua von-

vontade eſtà a ſua reſurreição, deteſtando a culpa, & abraçando a emenda; por iſſo dizemos que ainda deſtas cinzas póde hum peccador renaſcer vivo; & deſte pó ainda tirar fruto *in tempore ſuo*. Póde com hũ acto de penitencia, o que era arvore infructuoſa (mas antes o que nem arvore era; porque a corrupção da culpa o tinha deſpido de ramos, & voltado em madeiro morto) póde, digo, animado pela graça divina radicarſe na amiſade de Deos, reverdecer na emenda da vida, & fructificar no exercicio de boas obras. E verà logo (ſe logo quizer ver) como já não he hũ dos mortos em vida; nẽ por onde vay deixa pégadas, por não andar por cinza, ou pó, em q̃ as deixe para teſtemunhas dos ſeus paſſos. Saberà que hum peccador convertido, he hum morto reſuſcitado com gloria para Deos, agrado para os Anjos, & exemplo para os homẽs. Que não lhe brada a conſciẽcia; que tem paz na alma; que confia no perdão do paſſado; que ſe anîma para a reſiſtencia do futuro; & que vive com goſto do preſente. E por fim de tudo, que logra a fortuna de viandante ſeguro, ſem ſer pó, *quem projicit ventus*: & caminhar já para a Patria dos Bẽaventurados, por ir pelo ſeu caminho: *Beati immaculati in via.* Cruz. Pſalm. 118. 1.

Cruz.

§. XII.

32 AQue ſe parecer com a de Chriſto, ha de ſuſtentar nos ſeus braços ao q̃ a leva: aſſim como o que a leva, a ſuſtenta nos ſeus: ha-de verſe a ella cruzada nelle, & elle cruzado nella. Iſto he o que ſe vio em Chriſto, & na ſua Cruz: ſuſtentàrão-ſe huns braços nos outros braços. Primeiro os de Chriſto ſuſtentando os da Cruz, quãdo elle a levou para o monte, onde morreo: & depois os da Cruz ſuſtentãdo os de Chriſto, quando a Cruz o ſuſpendeo a elle no meſmo monte. Não o fazendo nòs aſſim, nem a noſſa Cruz fica parecida com a de Chriſto, nem nòs com Chriſto parecidos. Com quem nòs então nos parecemos, he com o Cyreneo; porq̃ ſe não crucificou na Cruz q̃ levou. Não porque elle a levaſſe para ſe crucificar nella; mas porq̃ ſendo hũa figura dos que ſeguem a Chriſto com a ſua Cruz, repreſentou alli a hum dos que a tomão, para a levar, & depois a vem a deixar. Quem deixa ao mundo para ſe abraçar com a Cruz de Chriſto repreſentada na Cruz da Religião, ha de crucificarſe nella: ha de paſſar do abraço da entrada naquella vida ao abra-

abraço do ſeu fim com eſta morte. Naõ ſe acredita de mayor amãte da Cruz de Chriſto o que ſó a leva; porq̃ entaõ lhe toma o pezo aliviado. O meſmo Senhor que lha dà: *Tollite jugum meum ſuper vos*: o alivîa delle: *jugum meum ſuave eſt.* Ambos entaõ a vaõ levando; o ſervo no ſeu hombro, & o Senhor no ſeu; parecẽdo Cruz de cada hum. E por iſſo ao meſmo ſervo, a quem diz: *Tollat Crucem ſuam*, diz tambem que he ſuave a ſua Cruz: *jugum meũ ſuave.* Moſtra, que a Cruz, para o ſeguir o ſervo, he a que o Senhor levou, para ſer ſeguido. Conſiderada ſobre o hombro do ſervo, Cruz do ſervo: *Crucem ſuam*; & conſiderada ſobre o hombro do Senhor, Cruz do Senhor: *jugum meum.* O q̃ mais apura o ſeu amor em ſeguir a Chriſto com a ſua Cruz, he o que depois de a ter levado, acaba nella crucificado; porq̃ entaõ naõ tem alivio no ſeu pezo: jà então he Cruz ſó ſua, ſem haver quem a ſuavize. He, como foy para Chriſto a ſua Cruz, quãdo nella crucificado, ſem alivio: *Deus meus, ut quid dereliquiſti me*; & para q̃ a pudeſſe levar aliviado, entaõ hum eſforço do Ceo: *Angelus confortans eum.* E he a razaõ, porque fazẽdo muito, quem ſe abraça cõ a Cruz de Chriſto,

Matth. 11.29.

Idem 16.24.

Idem 27.46.

Luc.22. 43.

quando a toma ſobre ſeus hombros; ainda faz muito mais, quando ſe crucifica, para a Cruz o tomar a elle nos ſeus braços. Sendo grande a fineza de S. Paulo, quando ſe abraçou com a Cruz de Chriſto rendido à ſua
Act 9 6. vontade: *Domine, quid me vis facere*: podemos dizer ſem offenſa deſte ſeu primeiro abraço da Cruz, que foy muito mayor a fineza do ultimo, vendo-ſe nella crucificado: *confixus ſũ cruci.* Do primeiro nã ſe lembrou mais; & do ultimo foraõ muitas as vezes, em que ſe lem-
Ad Gal. 2. 19. brou. *Chriſto confixus ſum Cruci*: eſtou crucificado com Chriſto.
Ibid 6. 14. *Mihi abſit gloriari, niſi in cruce*: toda a minha gloria he, a que tenho na ſua Cruz. *Prædicamus Chriſtum crucifixũ:* 1. ad Cor. 1. 23. naõ ſey prégar, ſenaõ a Chriſto crucificado. *Non judicavi me ſcire* Ibid 2. 2 *aliquid, niſi Ieſum Chriſtum, & hunc crucifixũ:* Chriſto crucificado he a minha ciencia. *Cru-* Ad Gal. 6. 14. *cifixus ſum mundo*: eſtou na Cruz morto para o mundo. *Vivit in me* Ad Gal. 2. 20. *Chriſtus*; & em mim na Cruz morto, eſtà Chriſto vivo. De maneira, que para ſe abraçar cõ a Cruz, hum ſó acto de ſujeiçaõ ao ſeu pezo: *Quid me vis facere.* E para morrer nella abraçado, todas eſtas repetições da ſua morte, até ſe ver nelle hum crucificado vivo, & morto: *vivo ego, jam* Ibid. *non ego.* Hum retrato final-

finalmente de Chriſto na ſua Cruz, aſſim quãdo ſe abraçou com ella, como quando nella morreo abraçado. Para o primeiro abraço, Iſai. 53. 7. hũa ſó vontade: *Oblatus, quia voluit;* & depois nos ſeguintes, & nos ultimos abraços, crucificado no ſacrificio: *crucifixus pro nobis*: crucificado no Sacramento: D. Tho. in Op. *paſſionis ſuæ memoriale*: & crucificado ainda depois da ſua reſurreiçaõ: Zach. 13. 6. *his plagatus ſum.*

33 Aſſim devem fazer todos os amadores da ſua Cruz: de taõ fino amor, quando em vida ſe rendem ao ſeu pezo; que naõ appareçaõ diverſos, quando no fim delle ſe deſcarregaõ. A meſma Cruz ſempre, tanto no principio, como no fim. Tal foy a Cruz de Chriſto tomada aos hombros de S. Paulo, & decida dos meſmos hombros: taõ crucificado antes, como crucificado depois. O ſeu pezo, quando a tomou, era o trabalho de levar o nome de Chriſto por todo o mundo: *Ut portet nomen meum coram gentibus.* Act. 9. 15. E eſte foy o ſeu meſmo pezo, quando acabou a carreira de taõ grande trabalho: *curſum conſummavi*; 2. ad Tim. 4. 7. tambem entaõ eſtava do meſmo modo crucificado: *confixus cruci.* Aquelles pés, que tomàraõ por caminho taõ trabalhoſo; & aquellas mãos, que ſuſtentáraõ nelle Cruz

taõ pezada; no fim do caminho tambem ſe achàraõ encravados na meſma Cruz: ſempre com pezo para os paſſos dos pés, & para as obras das mãos. No principio da ſua carreira; aſſim o advertio Santo Anſelmo, commentando o ſeu: *confixus ſum cruci*: pés, & mãos começou logo a crucificar na Cruz, quando a tomou: *Crux Chriſti ligat manus meas, ne ad illicitũ opus extendantur; & pedes, ne ad malum gradiantur.* E no fim da carreira o veyo elle meſmo a dizer, proteſtando a fidelidade de a haver andado: *curſum conſummavi, fidem ſervavi.* Crucificado entrey na carreira, & crucificado acabey: *conſummavi.* E ainda o diſſe melhor, quando logo ajuntou: *repoſita eſt mihi corona juſtitiæ.* Prova grande, de que eu, aſſim como comecey a minha carreyra crucificado, tambem a acabey com a Cruz de Chriſto abraçado; he a certeza do premio merecido: *corona juſtitiæ.* De dous modos ſe ha de cõſiderar a Cruz de Chriſto: ou como pezo, que carrega: *jugum meum*: ou como balança, que péza: *ſtatera facta corporis.* E porque Paulo depois de tomar nos ſeus braços a Cruz de Chriſto como jugo, nũca ſe aliviou do ſeu pezo; quãdo a meſma Cruz, como balança o tomou a elle

D. Anſelm. in 2. ad Gal. 19. apud Ramir. in Cant.

2. ad Tim. 4. 7.

Ibid. 8.

Matth. 11. 30.

elle nos ſeus, ajuſtou-lhe o pezo do ſeu merecimento: *repoſita eſt corona juſtitiæ.* Eu ſujeito ao pezo deſte jugo, ſou Paulo crucificado: *confixus ſũ cruci.* E pezado neſta balãça, ſou Paulo apremiado: *mihi corona juſtitiæ.*

34 Outra coroa merecem os que ſubiraõ ao abraço da Cruz de Chriſto, a coroa de deſpoſados. *Non niſi crucifixam animã Chriſtus ſibi deſpondet*, diz hum cõmento do texto: *Sub arbore malo ſuſcitavi te.* E porq̃ ſendo Chriſto o eſpoſo, & a alma crucificada com elle a eſpoſa, podemos dizer, que o dia, em que elle ſubio a eſta arvore, foy o dia deſte deſpoſorio: *dies deſponſationis illius*: & tãbem dia da ſua coroaçaõ: *in quo diademate coronatus*: temos fundamento para authorizarmos o noſſo diſcurſo. Para accõmodarmos eſte deſpoſorio de Chriſto cõ a alma na Cruz, a hũ deſpoſorio da meſma Cruz com os que nella ſe crucificaõ. Em hũ deſtes deſpoſorios, Chriſto he o Eſpoſo; & a Eſpoſa, a alma crucificada. E no outro, a Eſpoſa he a Cruz, & o crucificado nella, he o Eſpoſo. Nem he eſta a primeira vez, em que o meſmo amor une diverſos extremos, ou deſpoſados diverſes. Hum meſmo amor, diſſe Chriſto, une o Pay ao Filho: *Tu Pater in me*: & o Filho ao

Ramir. in Cãt. lib. 3. n. 848.

Cant. 3 11.

Ibid.

Ioan. 17. 21.

Pay: *ego in te*: aos homens com=noſco: *ipſi in nobis*, & a mim com
Ibid. 23 elles: *ego in eis*, para todos ſermos hum uni=
Ibid. 22 do: *ut ſint unum, ſicut & nos unum ſumus*. Do meſmo modo fazendo o amor hũa vez a Chriſto o Eſpoſo, & a alma do crucificado a Eſpoſa: outra vez a Cruz a Eſpoſa, & ao crucificado o Eſpoſo; faz deſpoſados a crucificados diverſos em huma ſó Cruz: *ut ſint omnes in una*: a Chriſto com a alma na Cruz, & com a meſma Cruz aos ſeus deſpoſados. E por conſequencia faz tambem, que a coroa de Chriſto deſpoſado na Cruz, ſeja tambem coroa da alma com elle deſpoſada: *crucifixa anima*: & faz que ſe conſidere ao deſpoſado com a Cruz coroado nella: *eodem diademate coronatus*. Aſſim como ſe com=municaõ por amor reciproco os bens dos extremos unidos; tambem por uniaõ mutua ſe participaõ os bens dos extremos deſpoſados. E por iſſo quem deſcobrio o deſpoſorio de Chriſto com a alma na Cruz, & nos deo fundamento para nòs acharmos deſpoſada a Cruz com os ſeus crucificados; fallando cõ cada hum delles, lhe moſtra o ſeu deſpoſorio: *Aſcende crucem, & thalamum invenies*; & tambem o alto lugar, a que ſobe com ella deſpoſado: *Quò altior in cruce locaris, eò dulcior*

Idem Ram. ſupra ex D. Greg.

in

in amplexu collocaris. Eſtaõ emparelhados o ſublime daquelle lugar (a ſua coroa, entendamolo aſſim) & o doce daquelle deſpoſorio: *quò altior, eò dulcior.*

35 Com iſto aſſim ponderado, & naõ menos com authoridade, que com exemplo, & razaõ provado; confirmemos ultimamente o noſſo diſcurſo. Se aquelle que ſe abraça com a Cruz de Chriſto, ſe deſpoſa com ella; a vida deſſe ha de ſer a meſma no principio, & mais no fim, para naõ parecer divorcio tomar nos braços a Cruz de Chriſto, & naõ morrer nos ſeus braços, he moſtrar, q eſtes dous deſpoſados naõ ſaõ a meſma couſa: nem ſe entregou elle à Cruz de Chriſto, nem a Cruz de Chriſto a elle: *ut eſſent unũ.* E os deſpoſados ſaõ dous em hum: *duo in carne una.* Saõ o que Chriſto he no Sacramento, onde tambem ſe deſpoſa com aquelle, que dignamente o recebe: onde ſendo dous, ſaõ por amor hũ do outro; ou eſtà hum no outro: *In me manet, & ego in illo.* No deſpoſorio de Chriſto no Sacramento com a alma digna de o receber: *ſunt duo in carne una*: porque o corpo, que he de Chriſto, he tambem da alma alli eſpoſa ſua. E porque o corpo de hum crucificado, ſendo ſeu, he tãbem da Cruz

Geneſ. 2.24.

Joan. 6. 57.

ſua eſpoſa; tambem elle, & a Cruz ſaõ dous: *in una carne.* Naõ ſe pódem logo ſeparar eſtes dous unidos: o que hũa vez ſe unio com a Cruz de Chriſto pelo abraço de deſpoſado, nunca mais ſe ha de deſunir dos ſeus braços. Ha de moſtrar no fim da vida de deſpoſado o meſmo amor, que manifeſtou no principio. Ha de verſe o meſmo unido, depois de pedidos os braços da Cruz, para nelles imprimir o ſeu amor: Cant. 8. 6. *Pone me ut ſignaculum ſuper brachium tuum.*

Cautela.

§. XIII.

36 NAõ ha de ſer hũa ſó, para ſer a neceſſaria; naõ baſta haver hũa cautela para ſeguro do acautelado. Para elle ter a neceſſaria, ha de ter duas: hũa, que ſeja cautela para livrar do perigo; & outra, que ſeja cautela da meſma cautela, para naõ arriſcar o livramento. Quẽ foge do incẽdio já feito, acautela-ſe com a fugida: & quem ſe naõ chega para a lenha antes do incẽdio ſe fazer, foge da ſua fugida, & acautela-ſe da ſua cautela. Não devem de ſer poucos os incendios, em que muitos ſe abrazàraõ; porq̃ primeiro ſe chegàraõ para a lenha, que para as chamas. E quando ſe quizeraõ valer da fugida, para ſe naõ queimarẽ, que

que era a cautela daquelle tempo, jà naõ livràraõ, porque ſe naõ acautelàraõ antes, afaſtando-ſe da lenha, que havia de ſer a cautela do tempo antecedente. Para hũ depois ſe naõ abrazar, primeiro ha de fugir do fugir, do que fugir do queimar. Naõ baſtou a S. Pedro ir afaſtado do lugar onde negou a Chriſto: Matth. 26.58. *à longè*: para fugir da ſua negaçaõ. Por ventura, que elle o não negaſſe, ſe ainda ſe puzeſſe mais longe deſte longe. Os mais Diſcipulos de Chriſto, que tambem tinhaõ proteſtado a meſma fidelidade de S. Pedro: Ibid. 35 *Similiter & omnes diſcipuli dixerunt*: naõ incorrèraõ, como elle, na meſma negaçaõ; porque ainda diſtavaõ mais do ſeu longe. S. Pedro, de tal ſorte ſe houve antes da ſua negaçaõ; que no meſmo tempo, em que ſe via diſtante do lugar, onde faltou ao ſeu proteſto: *à longè*: hia chegando para elle: *ſequebatur*. E iſto Ibid 58. he o que ſuccede a todos, os que ſó ſe acautelaõ da tentaçaõ, & naõ da ſua cautela: os que divertindo-ſe della, vaõ para ella. Como no tempo, em que ſe querem afaſtar do ſeu perigo, neſſe meſmo ſeguem o caminho, que vay para elle; certamente caem. Eſſa foy a deſgraça de S. Pedro, querer fugir do perigo da negaçaõ: *à longè*: & no meſmo tempo ir

para

para o lugar do perigo: *ſequebatur*. Naõ havia de ir; havia-ſe deixar eſtar: a ſua primeira cautela havia de ſer da ida, antes de chegar á cautela da queda: eralhe neceſſaria hũa cautela da outra. Nem ſe faça pouco caſo deſta moralidade, parecendo q̃ he eſpeculação nova; porque na experiencia, ainda que ſem ſe ſentir, he praxe muito antiga; & eſta melhor entendida, do que póde ſer apontada. A cautela do perigo, he hũa oppoſiçaõ a elle antecedente: & a cautela da cautela, he outra oppoſição ainda primeiro que eſta. E quem ſe fia ſó da cautela do perigo, eſtá mais proximo a perigar, do que o outro, q̃ ſe quiz ſegurar com duas: naõ ſó na cautela do perigo; mas tambem na cautela da ſua cautela. Mais tem o tẽtador que vencer, quãdo acha duas reſiſtencias no tentado, do q̃ quando acha hũa ſó. Se Adam reſiſtira primeiro ao demonio com a cautela da viſta, naõ ſe cativando da fermoſura do pomo: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile*: naõ ſe acharia taõ fraco, para lhe reſiſtir depois com a cautela da maõ, tomãdo a Heva o fruto prohibido, q̃ ella lhe deo, & elle comeo: *Dedit viro ſuo, qui comẽdit.* Naõ diremos cõ certeza ultima, que convencido David deſtas ver-

Geneſ. 3. 6.

Ibid.

verdades, pedia a Deos isto mesmo, que agora aconselhamos: mas sẽ torcermos o seu sentido, podemos accommodar o nosso. *Pone Domine custodiam ori meo, & ostium circumstantiæ labus meis*, dizia elle: Guardaime Senhor nas horas de impaciente, de que se vejaõ desesperações na minha boca: *Serva me, ne quid egrediatur temerè per desperationem ex ore meo*, commenta Genebrardo: & tambem me ajuday, para a enfrear de tal sorte, que de nenhum modo vos offenda: *Et da gratiã, quâ frænem, & domem linguam meam, ne ullo pacto peccem.* E que outra cousa he, querer David hũa guarda para toda a boca: *custodiam ori*: & outra guarda para as partes, de que se compõem a boca: *ostiũ labiis*: senaõ pedir hũa cautela para outra cautela? hũa para a boca inteira, & outra para as partes circunstantes à boca? Isto mesmo, pois, he o que nòs aqui persuadimos, & o que he necessario que façamos: naõ só acautelarmonos do mal todo: *custodiam ori*; mas tãbem das suas circunstãcias: *ostium circumstantiæ.*

Psalm. 140.3.

Genebr hic.

Companhia.

§. XIV.

37 ADor da perdida, he a melhor prova do preço da

da lograda: aſſim como o que mais nos cuſta, he o que mais prezamos. E porque a pena da companhia, que ſe perde, he o mais certo pezo do que val; pezaremos agora a dor da ſua perda: & a memoria ſerà a balança do ſeu pezo. Armo eſta balança na memoria; porque ella he, a que dà eſta pena: & iſto por duas razões, que nos haõ de dar materia para dous diſcurſos. Hũa, porque conſerva a memoria a cõpanhia perdida, & a naõ vem os olhos: outra, porque faz a memoria eſta cõpanhia preſente, & o coraçaõ a chora auſente. De maneira, que ſó eſquecendo o bem da companhia perdida, poderà ter alivio, quem a perde: quanto lembra, tanto fere. Ou aos olhos, porque a naõ vè, & a memoria lha dà a ver. Ou ao coraçaõ, porque a memoria o faz acompanhado, padecendo elle a falta da companhia. O que aſſim advertido, comecemos logo pelo que nos doe, ou nos cuſta a perda de huma boa companhia, quando ella lembra, & ſe naõ vè: quando a dà a ver a memoria, ſem ſer viſta dos olhos. A pena de ſe naõ ver a companhia, que jà ſe vio, he hũa ſemelhança da morte: he para os olhos hũa privaçaõ da vida. Como eſtes vivẽ pelos ſeus actos, aſſim como pelos ſeus vive o

en-

entendimento, morrem elles deixando de ver. Como morreria o entendimento, ſe deixaſſe de entender; ou tambem ſe deixaſſe de ver: porque o ſeu entender he o ſeu ver. Pelo entendimento vem os Bemaventurados a Deos, & vivem eternamente por aquella viſaõ. E morrem eternamente os condenados; porque o ſeu entendimento naõ vive pela viſaõ de Deos. Hũa das bemaventuranças do mundo, he a viſta de hũa boa companhia: tambem os olhos vivẽ por eſta viſaõ. Por iſſo a ſua falta he a ſua morte: porque aquella viſaõ era por ſeu modo a ſua vida. Aſſim como nòs vivemos do noſſo ſuſtento, vivẽ os olhos do ſeu: & porque nòs ficamos mortos, ſe nos falta aquillo, que nos ſuſtenta; os olhos, que vivem do que vem, tãbem ficaõ mortos, ou amortecidos, ſe lhes falta o que os alimẽta. A morte he auſencia da alma: em quanto a alma eſtà preſente, naõ ha morte. E a alma he hum eſpirito, que alẽta o corpo; & em quanto eſte eſpirito ſe naõ auſenta, tem o corpo vida. E tudo iſto por ſua ſemelhança experimẽtaõ os olhos, faltando-lhes a companhia de q̃ viviaõ. Porque eſta os animava, era eſta a ſua alma: & padecem elles a ſua morte, quando ella os naõ anîma. E porque os alẽtos da ſua viſta,

viſta, eraõ os ſeus eſpiritos vitaes; perdida a boa companhia, q̃ era a fonte deſtes alentos, apagaõſe aquelles eſpiritos. Com muito mayor propriedade podemos dizer, que morrẽ os olhos, perdida a cõpanhia de que viviaõ; do que ſe diz, que morre o Sol, quando ſe põem, amortalhando a luz, que he a ſua alma. Porque o Sol no meſmo tẽpo, em q̃ morre neſte hemiſferio, onde ſe põem; vive em outro, onde naſce: naõ ſe ſepàra da ſua alma, q̃ he a ſua luz: morre para nòs, vivendo ainda para ſi. E naõ he eſta a morte dos olhos, ſeparando-ſe delles a cõpanhia, que os animava: ainda que ſaõ dous, o hemiſferio da ſua viſta he hum ſó. E morrendo nelle pela ſeparaçaõ daquella ſua alma, naõ tem no meſmo tempo outro, em que vivaõ, morrem para ſi ſó. Mais ſemelhança tem a ſua morte com a morte da flor, quando murcha; & cõ a morte da arvore, quando ſécca. Ambos eſtes viventes morrem, ſem viverem no meſmo tẽpo: morrem para ſi, & naõ vivem para nòs. Nem faz contra eſte modo de morrer, o modo com que muitos dizem que morrem, quando eſtaõ morrendo por ver, ou por ouvir, o que he do agrado dos ſeus olhos, ou dos ſeus ouvidos. Porq̃ ainda que eſtes, no meſmo

mo tempo em que dizem que eſtaõ morrẽdo, eſtaõ tambem vivendo; o ſeu morrer naõ he como o morrer dos olhos, quando naõ vem o de que vivem. He encarecimento do deſejo do ver: naõ he morrer, porque ſe naõ vè o que ſe deſeja. Mas antes, porque dizem que morrem, quando encarecem o ſeu deſejo; he neceſſario que ſe pareçaõ cõ os olhos, quando amortecẽ por naõ verem o que viaõ.

38 Eſte modo de morrer he o dos que ſe achaõ ſem a boa cõpanhia, que em algum tempo logràraõ: a memoria he a que lhes põem eſta morte diante dos olhos, quando lhes dà a ver aquella perda. No meſmo tẽpo, em que lhes moſtra o bem, de que viviaõ, vem elles lembrado o mal, de que morrem. Quaes ſe achariaõ os mortos de veneno, ſe tornando a viver, viſſẽ juntos na bebida que lhes deraõ, o mal que os matou, & a vida que perdèraõ. Seria entaõ para eſtes mortos a bebida viſta, o que he para os outros a memoria excitada: huns olhando para o ſeu veneno na bebida, & outros vendo o ſeu na memoria. E ſe, ponderados eſtes exemplos, aſſim o ſuppoſto da bebida, que matou com o veneno, como o parecido com o verdadeiro, que mata com a lembrança; diſſeſſemos, q

morre

morre como de veneno, o que morre de auſencia : naõ diriamos contra a ſemelhança da verdade. A preſença do que faz boa cõpanhia, he vida do acompanhado, daquelle modo, que a ſua auſencia he a ſua morte. E como a memoria da companhia perdida debaixo do bẽ que lembra, inculca o mal que mata; faz o q̃ faz o veneno no bom bocado encuberto. He hum bem por fóra cõ hum mal por dentro. Por fóra o bem da cõpanhia lembrado pela memoria; & por dentro o mal da ſua perda acometendo o coraçaõ. Se fizermos queſtão, qual dos privados da viſta padece mais: ſe o que a perdeo depois de a ter; ou o que nunca a teve? Aquelle ſem duvida, & não eſte, he o que mais padece; porque ſe vè privado de hum bem antes logrado. E iſto he dobrado tormento: hũ tormento, por ter perdida a viſta do bem que jà vio; & outro, porque a memoria lhe lembra o meſmo bem, ſem o ver.

39 Não he menor o tormento, que a memoria dà ao coração, quando lhe lembra a cõpanhia perdida, ſem então ſer delle lograda. Se nos pareceo huma morte aquella pena dos olhos, por dar a ver a memoria o que elles não vem; ha de parecernos agora o coração hum ſepulcro; porq̃ a me-

memoria lhe faz preſente a companhia, de que elle não goza. Faz a memoria neſte ſepulcro, o que nos outros faz a letra nelles eſcrita. Nos outros ſepulcros diz a letra, que he o ſeu epitafio: Aqui eſtà quem morreo; & não he aſſim o que diz; porque alli ſó eſtão as ſuas cinzas. E neſte diz a memoria, q̃ lhe ſerve de epitafio: Eiſ-aqui quem ſe auſentou; & não he aſſim o que diz: porque da ſua preſença ſó ſe vè a ſua lembrança. Os epitafios dos outros ſepulcros, ſó dão pena a quem os chega a ler. E o epitafio deſte (a memoria queremos dizer) atormẽta ao meſmo ſepulcro, que he o coração, a quem elle chega a ferir. Os outros ſepulcros ſaõ inſenſiveis; porque não ſentem a pena, que dão as letras nelles abertas. E eſte ſepulcro ſente o tormento, que lhe dà a memoria, como letra nelle gravada; porque todo he ſenſitivo. Para os outros epitafios excitarem a dòr nos que os lem, he neceſſario, que a arte os abra no marmore. E para que a memoria, que he o epitafio deſte ſepulcro, augmente o ſentimento a quem ſó o ſabe ler, que he o coração; a meſma natureza o grava na alma. Ainda que tão fechado he eſte ſepulcro, como o ſaõ os outros; eſtes dão a ver por fóra a

O dor,

dor, q̃ lembra a letra: & aquelle ſofre a dor toda por dentro lembrada pela memoria. Depois de lidos os epitafios dos outros ſepulcros, vão paſſando os que os lèrão, & tambem a ſua pena paſſa. E o epitafio deſte ſepulcro, que he a memoria da boa companhia do coração, nunca ſe acaba de ler: nem o coração o lè, & vay paſſando; porque a pena que lhe fica, depois de o ter lido, o atormenta de aſſento. Aos outros ſepulcros finalmente vão a derramarſe as lagrimas de fóra: & hũa couſa he o ſepulcro, & outra couſa he quem ſobre elle chora. E as lagrimas ſoltas neſte ſepulcro, ſaõ choradas por dentro: & o meſmo coração he o que as chora, & he o ſepulcro.

40 Eſte diſcurſo, que até aqui o tem provado a razão, não faltão Eſcrituras, que o provem cõ exemplos. Os ſeus eſtudioſos bem as poderáõ deſcobrir, vendo nellas a hum Jacob ſem a companhia do ſeu filho Joſeph. A hũa Anna ſem a companhia do ſeu filho Tobias. A huma Agar ſem a companhia do ſeu filho Iſmael. A hum Job ſem a companhia da ſua familia. A hum David ſem a companhia de Jonathas. A hum Prodigo ſem a companhia do Pay. A hũa Magdalena

lena ſem a companhia de Chriſto. Aos ſagrados Apoſtolos ſem a companhia do Divino Meſtre. E mais que todos a Puriſſima Virgem ſem a companhia do Santiſſimo Filho. Como o noſſo aſſumpto he a Palavra de Deos deſatada; aſſim a himos deixando, para quem quizer, a poder atar.



PALAVRA DE DEOS Desatada.

D.

Descanço.

§. I.

1 NO que for mayor, se ha de temer o mayor trabalho. E he o q̃ experimentàraõ Faraò, & Nabuco, depois dos seus sonhos, & dos seus descanços. A Faraò, q̃ sonhando tinha visto a sete espigas de trigo seccas, & fallidas devorar a outras sete cheyas, & fermosas: *Septem spicæ tenues priorũ pulchritudinem devoraverunt*: disse Joseph cõsultado para decifrar o sonho; que depois de sete annos de abundãcia no seu Reyno, se havião de seguir outros sete de fome: *Septem spicæ plenæ, septem uber-* Gen. 41 23 & 24. Ibid. 26. & 27.

ubertatis anni ſunt: & ſeptem ſpicæ tenues, & vento urente percuſſæ, ſeptem anni venturæ ſũt famis. A Nabuco, que em ſonhos vio huma grande, alta, & fermoſa arvore alimentando cõ os ſeus frutos, & recolhendo à ſua ſombra a innumeraveis viventes: & depois a vio mandada cortar, deſpir das folhas, & deſpojar dos frutos; & ultimamẽte a principal parte das ſuas raizes cingida de ferro, lançada no campo, acompanhada de feras, convertida em bruto, & ſuſtentandoſe, como hum delles, do paſto de todos; diſſe Daniel, que o meſmo Nabuco era a arvore do ſeu ſonho em tudo a ella parecido: *Arborem quam vidiſti ſublimem, tu Rex es, qui magnificatus es, & invaluiſti: & magnitudo tua crevit, & pervênit uſque ad Cælum, & poteſtas tua in terminos univerſæ terræ. Ejicient te ab hominibus, & cum beſtiis feriſque erit habitatio tua, & fœnum ut bos comedes.* E quem cuidaria, que quando Faraò, & Nabuco eſtavaõ no ſeu mayor deſcanço da vida, lhes diziaõ ao ouvido taõ lamentaveis infortunios? Que tendo fechados os olhos lhes davaõ a ver taõ grandes calamidades? Vejaõ logo, os que gozaõ as mais deſcançadas fortunas, ſe depois dellas poderáõ vir a padecer iguaes traba-

Dan. 4. 17. & ulteriùs

lhos. E ſe poderáõ dizer, pondo nelles os olhos, o meſmo que dizia David olhando para as ſuas adverſidades: Psalm. 4.9. *In idipſum dormiam, & requieſcam*: o que Genebrardo commenta: Geneb. hîc. *Simul cum eis pacificè dormiam.*

2 A Faraò deſcançando ſobre ſete annos de fartura repreſentados nas primeiras ſete eſpigas, ficàraõ moleſtando os cuidados de outros ſete annos de fome, ſignificados nas outras ſete. Tãtos deſcanços, como tantos trabalhos; & no meſmo tempo de ſoſſego, outro tanto de pena. A qualquer dia dos alegres annos da abundãcia preſente, aſſõbravaõ, & eſcureciaõ as triſtes lembranças dos dias, & lamentaveis annos da fome futura. E ſe nòs podemos dizer, que as luzes ſe comem hũas às outras: *Lumen maius abſorbet lumen minus*: tambem diremos com fundamento, que huns daquelles dias comiaõ aos outros dias: os triſtes dias da fome futura aos dias alegres da abũdancia preſente; quando lembraſſem as ſete eſpigas dos annos da fome: *Septem ſpicæ tenues*: comendo as outras ſete dos annos da fartura: *Priorum pulchritudinem devoraverunt.* Se hũa luz póde comer, & apagar outra luz: *Lumen abſorbet lumen*: muito mais apagaõ, & muito mais

Proloq. Philoſoph.

comem

cõmem hũa triſteza a hũa alegria, hum pezar a hum goſto, & hũ anno de fome a muitos de abundancia: *Spicæ tenues priorum pulchritudinem devoraverunt.* Nem ſeja reparo contra o myſterioſo deſte ſonho, & da ſua interpretaçaõ, ver a hũas eſpigas comer outras. Porq̃ ſe jà vimos a hũa vara comer outras varas: a vara de Aaram as varas dos Egypcios: Exod. 7. 12. *Devoravit virga Aarõ virgas eorum:* porque eſtavaõ cõvertidas em ſerpentes vorazes; as eſpigas deſte ſonho repreſentavão a fome, fera tragadora, & que faz comerẽſe huns aos outros. Mas antes a fome voràz repreſentada a Faraò no deſcanço do ſeu ſomno, deſperta, & faz temer aos que deſcançaõ, como elle, ſobre as felicidades da ſua vida. Faz temer, q̃ do tempo, em que deſcançaõ, ſe levantem para o tempo, em que os devorem. Que do ſomno, como o de Jonas: *Dormiebat ſopore gravi:* paſſem, como elle paſſou, ao devoradouro da Balea: *Præparavit Dominus piſcem grandem, ut deglutiret Jonam.* Jonas a dormir, & a deſcançar: *dormiebat*; & Deos preparando a Balea para o engolir: *ut deglutiret.* Jon. 1. 5. Jon. 2. 1.

3 A Nabuco, no tempo do ſoſſego, & mayor deſcanço do corpo, perturbou grãdemente a repreſenta-

çaõ do ſeu ſonho: ainda dormindo, ſe vio intimidado. *Ego Nabuchodonoſor quietus eram in domo mea, & florens in palatio meo: ſomniũ vidi, quod perterruit me: & cogitationes meæ in ſtrato meo conturbaverunt me.* E depois de explicado o ſonho, ainda mais inquieto; porque na arvore ſonhada ſe vio reprelẽtado. Vio a ſua fortuna: *magnificatus es, & invaluiſti.* Vio a ſua grandeza: *magnitudo tua crevit, & pervênit uſque ad Cælum.* Vio a ſua potencia: *poteſtas tua in terminos univerſæ terræ.* Vio a ſua cahida: *ejicient te ab hominibus.* E vio a ſua ruina: *cum beſtiis feriſque erit habitatio tua, & fœnum ut bos comedes.* Vio-ſe finalmente Nabuco ſoberano, Nabuco feliz, Nabuco poderoſo, Nabuco cahido, & Nabuco caſtigado. Naõ podiaõ mayores perturbações inquietar aquelle deſcanço; nem deixar a Nabuco mais anciado a conſtruiçaõ do ſeu ſonho. E para ſe ver, como ſaõ antigos no mundo eſtes extremos, deſcanço, & trabalho; jà começàraõ em Adam, os que ſe viraõ em Nabuco. Foraõ ambos ſoberanos; porque Adam ſubio a ſer imagem de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem noſtram*; & Nabuco repreſentado na ſua arvore chegou a emparelhar com a eminencia dos Ceos:

Dan. 4. 1. & 2.

Gen. 1. 26.

Magna

Dan. 4. 8. *Magna arbor, & proceritas ejus contingens Cælum.* Foraõ ambos felices; porque Adam logrou o delicioſo agrado, & goſtoſo fruto da melhor arvore do Paraiſo: Geneſ. 3.6. *Bonum ad veſcendum, pulchrum oculis, aſpectuque delectabile:* & Nabuco na ſua arvore gozou outro tanto: Dan. 4. 9. *Folia ejus pulcherrima, & fructus ejus nimius, & eſca univerſorum in ea.* Foraõ ambos poderoſos; porq̃ a Adam diſſe Deos: Geneſ. 1.28. *Dominamini piſcibus maris, & volatilibus Cæli, & univerſis animantibus, quæ movẽtur ſuper terram:* & Nabuco vio na ſua arvore o meſmo: Dan. 4. 9. *Subter eam habitabant animalia & beſtiæ, & in ramis ejus converſabantur volucres Cæli, & ex ea veſcebatur omnis caro.* Foraõ ambos cahidos; porq̃ Adam vio cortadas as ſuas felicidades da terra, brotandolhe depois eſta trabalhos, & eſpinhos: *Maledicta terra in opere tuo: in laboribus comedes ex ea: ſpinas & tribulos germinabit tibi:* Geneſ. 3. 17. & 18. & Nabuco vio na ſua arvore a ſua fortuna arruinada; & diſſipado tudo o que nella havia logrado: *Succidite arborem, excutite folia ejus, & diſpergite fructus ejus.* Dan. 4. 11. Foraõ finalmente ambos com muita ſemelhãça caſtigados; porque Adam na ſua ſentença, & Nabuco na ſua foraõ condenados a ſe ſuſtẽtar como brutos. Adam

a co-

a comer hervas terreſtres: *Comedes herbam terræ*; que dizem eraõ *Viles herbas, quibus bruta æquè, ac homo veſcuntur*; & Nabuco a comer feno: *Fœnũ comedes.* Adam, em pena do ſeu peccado, ficando como hum dos brutos: *Factus eſt quaſi equus*; & Nabuco, por caſtigo do ſeu, viſto tambem como hum delles: *ut bos.* E quando padeceriaõ todos eſtes trabalhos Adam, & Nabuco? Quando nòs o dizemos. Adam acordando do primeiro ſomno, que teve, & formandolhe Deos no tempo deſſe deſcanço a Heva, cauſa das ſuas deſgraças: *Immiſit Dominus ſoporem in Adã; & ædificavit coſtam in mulierem.* E Nabuco depois de acordado do ſeu ſomno, onde Deos lhe repreſentou na arvore ſonhada toda a tragedia das ſuas: *Vidi ſomnium, quod perterruit me: cogitationes meæ conturbaverunt me.*

Geneſ. 3. 18.
Corn. hîc.
Dan. 4. 22.
Ibid.
Gen. 2. 21. & 22.
Dan. 4.

Deſejo.

§. II.

4 O Bom naõ cũprido, tanto dãno faz, como o mao executado: entende-ſe com reſpeito ſempre à couſa deſejada. Faz o bom deſejo não cumprido, ſendo elle da couſa mais neceſſaria, aquelle dãno, que eſtão padecendo todos os condenados no inferno: depois dos bons deſejos

deſejos da eterna ſalvação, foraõ padecer penas eternas. Aquelle Rico do Euangelho, q̃ deſejando ſalvar a ſua alma, pedio para eſſe fim a eleiçaõ dos meyos ao Salvador de todas, naõ podia ter melhor deſejo, quando lhe
Matth. 19.16. diſſe: *Magiſter bone, quid boni faciam, ut habeam vitam æternam?* E reſpondendo Chriſto, que guardaſſe os
Ibid.17 preceitos da ley: *Si vis ad vitam ingredi, ſerva mandata*; & que para ſegurar mais a vida eterna ſe deſpojaſſe
Ibid.21. dos bens temporaes: *Si vis perfectus eſſe, vende quæ habes, & da pauperibus, & habebis theſaurum in Cælo*; não podia ouvir meyos mais proporcionados aos ſeus deſejos. E por ter já applicado o mais neceſſario, que era a obſervancia dos preceitos de Deos, como conſtou da ſua propria confiſſaõ: *Omnia hæc* Ibid.20. *cuſtodivi à juventute mea*: naõ tinha o mais perfeito, para andar o caminho todo: o que ainda lhe faltava, era o deſpojo dos muitos bẽs que tinha: *Erat enim* Ibid.22. *habens multas poſſeſſiones*. Porèm, porque os ſeus deſejos, ainda ſendo muito approvados, naõ haviaõ de vir a ſer cũpridos; nada obrou o ſeguro da ſua ſalvaçaõ dado pelo meſmo Salvador, ſuppondo-ſe nelle amor deſordenado dos bens que tinha; & por inferencia, naõ bem guardada a ley, q̃

pro-

profeſſava. Em ouvindo as condiçõeſ aconſelhadas, para chegar ao fim dos ſeus deſejos, voltou o roſto, & encaminhou os paſſos para o dãno ſem fim da ſua alma: *Cùm audiſſet verbum, abijt triſtis.* Naõ porque tiveſſe força de preceito aquelle conſelho de Chriſto: *Vade, vende quæ habes, & da pauperibus*; mas, porque o voltar do roſto a eſte conſelho: *abijt*: ſupporia nelle ambição peccaminoſa dos bens temporaes, a qual naõ póde eſtar com a inteira obſervancia dos preceitos. E ſenaõ neſte Rico, em muitos outros: o que baſta para ſe ver o mal de hũ bom deſejo, naõ ſendo cumprido. E ainda fallando deſte meſmo, entendeo S. Jeronymo, q̃ naõ amava elle ao proximo, como a ſi meſmo, ſendo eſte hũ dos preceitos da ley; porque para ſoccorrer a neceſſidade alheya, naõ ſe deſpojava das ſuperfluidades proprias. *Si enim, inquit, dilexiſſet proximum ſicut ſeipſum; omnia ſua vendidiſſet, & dediſſet pauperibus.* E Santo Agoſtinho, por entender o meſmo, diz, que a triſteza deſte Rico naõ foy deſagrado do cõſelho de Chriſto: foy mao roſto para o deſpojo das riquezas: *Unde juvenis iſte triſtis diſceſſit, niſi quia magnas habebat divitias?* Seguindo pois nòs a meſma ſuppoſiçaõ,

Ibid.

S. Hier. apud Corn. hic.

S. Aug. ep. 43. ad Paulin. & Teref. apud Corn. hic.

çaõ, bem ſe moſtra a difficultoſa ſalvaçaõ da alma de hum rico, como logo diſſe Chriſto, & notou Cornelio. *Occaſione acceptâ ex triſtitia adoleſcentis divitis, dixit diſcipulis ſuis: Amen dico vobis, quia dives difficilè intrabit in Regnum Cælorum. Et iterùm dico: facilius eſt camelum per foramen acûs tranſire.* Tudo iſto póde ſer conſequencia da triſteza deſte Rico, & tambem das noſſas, ſendo ellas como a ſua: tambem pódem ſer indices certos dos noſſos deſejos errados. Duas ſaõ as triſtezas, que ſeguem aos noſſos deſejos: hũa, por faltar o bem deſejado; outra, por ſobrar o mao deſejo: & tudo ſe vio nos deſejos deſte triſte. Faltoulhe o bem deſejado; porque parou o intento, que teve da ſalvaçaõ. E ſobroulhe o mao deſejo; porque foy por diante o amor dos bens que tinha. E tanto ſobrou a triſteza conſequente a eſte amor, que foy jũtamente com a ſua alma para durar o tempo do ſeu dãno: *abijt triſtis.* Tanto como iſto excede hũa triſteza a outra triſteza: a que reſulta da falta do mal poſſuido, à que cauſa a falta do bem deſejado. Naõ repàra hum peccador ficar triſte, por lhe faltar aquelle mal, ainda que tambem lhe falte eſte bem; porque a triſteza de lhe faltarem os bens da alma, paſſa:

paſſa: & a triſteza de deixar os bens do corpo, vay com elle: *abijt triſtis.*

5 E ainda paſſa a mais a vehemencia de hum mao deſejo, quãdo he cauſa da triſteza: para ſe evitar a alheya, faz padecer a propria. O Rico, de que fallamos, entriſteceo-ſe por amor de ſi meſmo: por haver de deixar os bẽs da vida pelo bem da ſalvaçaõ. E Herodes por naõ deixar ir triſte a filha de Herodias, cauſa do ſeu mal deſejado, que lhe pedia a cabeça do Bautiſta; quiz elle antes ficar triſte: *Contriſtatus eſt Rex: noluit eam contriſtare.* As triſtezas, que alli ſe encontràraõ, & combatèraõ o coraçaõ de Herodes, foraõ duas: hũa, por ſe ver obrigado a guardar a ſua palavra jurada diante dos ſeus convidados: *Contriſtatus propter jusjurandum, & propter ſimul diſcumbentes.* E outra, por haver de deſagradar a quem lhe havia dado o goſto do bayle profano; & queria que o Bautiſta morreſſe: *Noluit eam contriſtare.* Da primeira triſteza explicaõ o texto muitos dos que o diſcorrem: & a ſegunda nos dà a crer o texto ſem mais outra explicaçaõ. Se Herodes naõ cumpriſſe o ſeu juramento, attendia ao grande bem da ſua alma, & ficava triſte quẽ lhe procurava o ſeu mal. E ſe attendeſſe ao bem

Marc. 6. 26.

Simpl. S. Chryſoſt. Euthym. Theophyl. apud Corn. hic.

bem da ſua alma, hia triſte quem lhe pedia a cabeça do Bautiſta; & elle naõ ficava triſte, porque lha naõ dava. Degollando pois ao Bautiſta, por ſe render ao mal dos ſeus deſejos, foy contente a Authora do execrãdo homicidio; & elle ficou o triſte: *contriſtatus eſt.* Os q̃ levados dos ſeus maos deſejos, deixaõ de attender aos bons; vejão, ſe a eſtes exemplos dos dous triſtes, que temos ponderado, ſe poderà ajuntar algũ ſeu exemplo. Se poderáõ ter occaſião, na qual voltando as coſtas a Deos, vaõ buſcar a perdição das ſuas almas, dominados de hũa profunda triſteza: *triſtes.* Ou ſe por agradar aos homens, ſe deixaõ ficar rendidos a outra naõ menos funeſta: *contriſtati.* Se quizerem ſaber para onde vaõ, & como ficão, tomem o deſengano da triſteza, que ou os leva, ou os prende. E entaõ verà cada hum, como de qualquer dos dous modos, ſempre a ſua triſteza he final da ſua perdiçaõ. Aſſim como a primeira couſa, que Deos faz aos que vaõ ao Ceo, he purificallos da triſteza das lagrimas: *Abſterget Deus omnem lacrymã ab oculis eorum* Apoc. 7. 17. : a primeira couſa que faz aos que vaõ ao inferno, he eſcurecerlhes com triſtezas os roſtos. Apontando para huns diz Deos: *Ejiciẽtur in tenebras* Matth. 8. 12. :

bras: mittite eum in tenebras. E de outros temos nòs lido *: Abijt triſtis : contriſtatus eſt.*

Idem 22.13.

Deſprezo.

§. III.

6 HE mais eſtranhado nos q ſaõ de mayor nobreza: ſer hum grande,& deſprezar aos pequenos, he deixar de ſer quem he. *Eum, qui venerit ad me, non ejiciam foras*, diz Chriſto. Ou ſeja grande,ou pequeno, o que me buſcar, a todos hey de admittir : *eum*, como explica Cornelio, *omnis gentis, omnis generis, omnis ætatis.* E dà por razaõ: porque eu ſou mandado do Ceo,para fazer a vontade de meu Eterno Padre: *Quia deſcẽdi de Cælo, ut faciam voluntatem ejus, qui miſit me.* De maneira, que ſendo Chriſto Filho de taõ grande Pay, & vindo de taõ alta caſa, *de Cælo,* diz, que a todos ha de dar nella entrada, ſem exceiçaõ de algum : *non ejiciam eũ, qui venerit :* & que eſſa he a vontade do Pay, q o manda: *ut faciam voluntatem Patris, qui miſit me.* Logo,(infiramos eſta concluſaõ) logo os grandes do mundo : aquelles, que tomaõ as medidas à ſua aſcendẽcia, & a levaõ até às Eſtrellas, devem fazer iſto meſmo : haõ de franquear a ſua preſença a todo o que a buſcar, com indifferente con-

Joan. 6. 37.

Corn. hic.

Ibid 38.

conſentimẽto, ſem admittir mais a huns, q̃ a outros; & dando a entrada ao que vier: *eum, qui venerit.* E he bem, que tendo herdado a mayor fidalguia, naõ moſtrem que della tem degenerado. Naõ lhes negamos, nẽ condenamos o retiro das peſſoas: naõ fazerem vulgares as ſuas preſenças, eſtylo he ſem nota, & praticado. Mas que naõ ſeja tal, que pareçaõ ſacramẽtados do reſpeito. Naõ ouçaõ embora, nem vejaõ ſempre aos pequenos com os olhos, & ouvidos da peſſoa; aſſim como Chriſto no Sacramento aos que chegaõ à ſua meſa, tãbem não vè, nem ouve com os olhos, & ouvidos do corpo. Porèm deixar de os ver, & ouvir com olhos, & ouvidos da clemencia; aſſim como Chriſto ſacramentado os vè, & ouve com os olhos, & ouvidos da miſericordia, & compayxaõ; faz parecer, que naõ ſaõ da nobreza de que ſe prezaõ. Se quando elles morrem, deixaõ aos ſeus deſcendentes muito recomendada a ſua ultima vontade; entẽdaõ, que quando nacèraõ, naõ lhes recomendàraõ menos os ſeus aſcendentes a primeira. E que eſta deve ſer, como foy a primeira de Chriſto, quando naceo: *non ejicere foras eum, qui venerit*: para fazer a vontade do Pay, que o mandava: *ut faciam*

ciam voluntatem Patris, qui misit me. Logo entaõ admittio no lugar onde naceo, tanto a grandes Reys, como a humildes pastores. Hũa coula he, darem estes soberanos vista de si, quando algum pequeno os busca; & outra he, terem elles vista deste pequeno. Dar hum grande vista de si, he apparecer elle: & ter elle vista de hũ pequeno, he ser este visto, ainda que naõ appareça. E se a soberanîa das pessoas lhes dificulta o serem vistas, & por isso naõ admittem a pequenos, & a humildes à sua elevada presença; ao menos, da petiçaõ destes humildes, & pequenos sempre devem de ter vista os grandes. Naõ vaõ dentro ao sagrado do seu respeito, os que nacèraõ pequenos: mas saibaõ estes, que a sua petiçaõ entrou, & foy vista. Assim como David pedia a Deos, que tivesse entrada, & fosse vista a sua: *Intret postulatio mea in conspectu tuo.* Ps. 118. 170.

Dias.

§. IV.

7 COmo saõ muitos, & muitas as circunstãcias, que os fazem diversos; ha dia de juizo, que não he para taõ temido, como o juizo do dia: & ha dia do juizo, que nem o juizo, nem o dia devem ser temidos. Faço distinçaõ entre dia, & jui-

juizo ; para tambem a fazer entre o temor do juizo, & o temor do dia. E he para que ſe naõ tema tanto o dia, como o juizo : mas antes mais o juizo, que o dia : mais o que mais nos convèm ; & o de q̃ mais nos eſquecemos. Dia do juizo, ou he aquelle, em que cada hum de nòs he julgado ; ſe fallamos do juizo particular de cada hum : ou he o dia, em que todos o havemos de ſer ; ſe fallamos do juizo univerſal de todos. E ou o dia do juizo ſeja o deſtinado para cada hum, ou o decretado para todos ; mais he para ſe temer o juizo deſtes dias, que os dias deſte juizo. O temor do dia do juizo, ou he por ſer do ultimo dia da vida ; ſe he temor do dia do juizo de cada hum : ou he por ſer do ultimo dia do mundo ; ſe he o temor do dia do juizo de todos. E o temor de cada hum deſtes dias medido ſó pelos dias, naõ he por iſſo mayor temor. Taõ grande he o temor do dia, em que ſe acabar a vida; como o do dia, em que o mũdo ſe acabar. Hum, & outro temor ſaõ de dias da conta, & de dias, que ſaõ os ultimos ; & por iſſo taõ grande hũ, como outro. O temor porèm do juizo de cada hum deſtes dias : ou o do ultimo dia da vida, ou o do ultimo dia do mundo, he mayor q̃ o temor dos meſmos

dias; porque estes dous juizos saõ as balanças, em que havemos de ser julgados, ou quando morrermos, ou quãdo resuscitarmos. E os dias destes juizos, porque saõ tempos q̃ acabaõ; nem entraõ no pezo da balança, nem na exacçaõ da conta. Se hum S. Jeronymo olhando para o ultimo dia do mundo se enterra em vida, não he tãto por temor do dia do juizo do mundo, como por temer o juizo daquelle dia. A voz daquella trombeta: *Venite ad judicium:* o sepultou em hum deserto. Se hum Santo Hilariaõ chegando ao ultimo dia da sua vida teme a morte; naõ he mais por temor do dia do seu juizo, do que por temor do juizo deste dia. A sahida da sua alma para ir ao juizo da conta: *Egredere anima mea, quid dubitas?* o teve enterrado setenta annos em hũa cova. Os Jeronymos, & os Hilariões considerandose nos ultimos dias, ou o do mundo, ou o da vida, o que mais os faz temer, naõ he o fim de cada hum daquelles dias: he o juizo de cada hum; he ser hum chamado do mundo para o juizo: *Venite ad judicium*: & sair outro da vida para ser julgado: *Egredere anima.*

In ejus vita.

8 Hũa das consideraçõe, que pódem fazer horrivel o dia do juizo, & por isso tambem dia temido; he a

da

dá ſua eſcuridade: hum dia ſem luz algũa, nem a das ſuas primeiras horas: *Sol obſcurabitur*: nem a das ſeguintes: *Luna non dabit lumen ſuum*: *Stellæ cadent de Cælo*: dia finalmente taõ eſcurecido, que ſó de dia terá o nome. Mas ſe Job deſejava, q logo foſſe tenebroſo o primeiro dia da ſua vida: *Dies illa vertatur in tenebras*: naõ he para ſer mais temido o ultimo do mundo, por ſer tenebroſo: naõ he o mayor augmento da pena a falta de luz. Iſto he, eſtando as trevas da parte do dia; & ſendo o dia o tenebroſo: já houve quem aſſim deſejava o primeiro da ſua vida: *Dies illa vertatur in tenebras*. E ſendo os tenebroſos os olhos, & eſtando as trevas da parte da potencia, ainda he menos penoſa eſta negação da luz. Aſſim tinha vivido já muitos dias o cego de nacimento, a quem Chriſto deo viſta, ſem o atormentar de morte tanta duraçaõ de cegueira: *Cæcus à nativitate*. E ſendo a alma a tenebroſa, & os ſeus olhos os cegos, entaõ he, que a cegueira havia de ſer o mayor tormento, & havia de ſer mais ſentida a falta da luz: mas por deſgraça noſſa não he aſſim. Se por caſo o dia naõ tem luz, quando o eſcurece algũa nuvem de pezares: ou por ſentimento de algũa infelicidade trazem os noſſos olhos

amortecida a viſta, entaõ nos choramos feridos de mayor dor; havendo ſer a dor toda, quando a alma anda em trevas deſpida da luz da graça. E iſſo porque? Porque ſó andamos com os olhos nos dias a ver ſe luzẽ; & naõ trazemos as attenções naquelle juizo, donde ſahe a ſentença, que condena a
Matth. 22.13. trevas eternas: *Mittite eum in tenebras.* Porque ſó nos deſvelamos, em que o Sol dos noſſos bons dias *non obſcuretur*: & a Lua das enchentes dos noſſos bẽs *det lumen ſuum.* Outra conſideraçaõ, que nos repreſenta formidavel aquelle dia, he a do horror dos tremendos
Matth. 24.7. gemidos da terra: *terræmotus per loca*: das ruinas das eſferas celeſtes: *virtutes Cælorũ commovebuntur*: & da incomparavel tribulaçaõ daquelle tempo: *tribulatio magna, qualis non fuit ab initio mundi uſque modò, neque fiet.* Porèm toda eſta ſucceſſaõ de eſpantos, & terrores ha de fazer tão abbreviada carreira, que ſe igualarà cõ o relampago do mais arrebatado rayo: *Sicut fulgur exit ab Oriente, & paret uſque ad Occidentem: ita erit advẽtus Filij hominis.* E quãdo as afflicções por muitas, & mayores que ſejaõ, as modifica algum alivio, & pódem parecer nem tantas, nẽ taõ grandes, jà ſe padecem aliviadas. E iſſo

Ibid. 25. Ibid. 21. Ibid. 27.

quer

quer Chriſto fazer na
Ibid. 2. ſua vinda : *breviabuntur dies illi* : para modificar a pena dos eſcolhidos : *propter electos.* Deſte modo pois, a natureza tirada entaõ dos eyxos do ſeu ſoſſego lamentarà menor ſentimento naquelle dia do fim do mundo. S. Paulo conſidera taõ curta a ſua medida, q̃ por hum momento, ou abrir de olhos a tem
1. ad Cor. 15 52. tomado : *in momento, in ictu oculi, in noviſſima tuba.* E o do juizo daquelle dia aſſim ſe ha de medir ? Naõ ha de ſer mais que de hum momento a pena, que nelle for decretada: *Oh momentum, à quo æternitas ?*

9 Tambem naõ he para ſe conſiderar ſem termo o temor do ultimo dia da vida: & iſto, cuſtando ainda mais eſte dia à meſma natureza, que o ultimo dia do mundo. Digo, cuſtando mais eſte dia, q̃ aquelle ; porque ſe no ultimo dia do mundo naõ entraſſe a ſeparaçaõ de almas, & corpos, que he o cuſto todo do ultimo dia da vida, naõ ſeria taõ horrivel aquelle dia. Sentiria a natureza o deſconcerto da harmonia, que hoje a compõem : mas naõ agonizaria de morte, como nòs agonizamos, chegando ao ultimo dia da vida. E cuſtando tanto como iſto eſte dia, naõ he baſtante todo eſte cuſto, para o ſeu temor ſer deſmedido. Temor, q̃

ſe póde perder, quando chega a hora de atemorizar, não he o mayor temor. E ainda digo mais: temor deſafiado, & vencido, naõ he o mais temido. Eſte temor deſafiou Elias: 3 Reg. 19 4. *Petivit animæ ſuæ ut moreretur*: eſte temor Job 10. 19. deſafiou Job: *Utinam fuiſſem de utero translatus ad tumulum*: eſte temor deſafiou Paulo: Ad Philip. 1. 23. *Cupio diſſolvi*: eſte temor deſafiàraõ, & vencèraõ todos os que glorioſamente o deſprezàraõ nos patibulos, em que morrèraõ. Eſte temor finalmente deſprezaõ, & vencem todos os que pela defenſa commua arriſcaõ as ſuas vidas nas campanhas. Naõ he logo para ſe temer com tal exceſſo o ultimo dia da vida, que ſe lhe nãõ ache motivo para modificaçaõ, & limite para termo. Ou eſte temor ſe ha de medir pelo bem, que ſe vay: ou pelo mal, que vem. Ou por ſe acabar a luz daquelle dia: ou por ſe entrar nas trevas da morte. E mayor bem he a luz da alma, que a dos olhos: & mayor mal he a morte eterna, que a tẽporal: & mais os cegos, & mortos pelo peccado, nem fogem deſta cegueira, nem temem aquella morte. Mas antes, jà deſde o Paraiſo começàraõ todos em Adam a cegar pela fermoſura do pomo da culpa: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile*: & tambem a Gen 3. 6

morrer

Ibid.19. morrer por elle: *in pulverem revertêris.*

10 Paſſemos agora ao mayor temor do juizo do dia, deixado jà o menor do dia do juizo: & comecemos pelo juizo do ultimo dia do mundo. Eſte deſcreveo Chriſto até ſe dar a final ſentença de huns, & outros julgados: dos eſcolhidos, Matth. 25.34. quando diz: *Venite benedicti*: & dos reprovaIbid.41. dos, dizendo: *Diſced te maledicti.* E do dia deſte juizo nos naõ dà individuaçaõ algũa: mas antes affirma, que ſó ſeu Eterno Pay ſabe Matth. 24.36. daquelle dia: *De die illa nemo ſcit, niſi ſolus Pater.* E he bom argumento para confirmaçaõ do que ponderamos; ſe diſſermos, que tanto ſegredo do dia do juizo, & taõ pouco do juizo do dia, nos fazem entender, quanto mais deve ſer temido o juizo, que o dia. Porque ſe o temor do dia, & mais do juizo, he para eſtimulo, & deſpertador da ſalvação do mundo; individuar tanto Chriſto o juizo, & taõ pouco o dia, póde parecernos, que foy providencia: ou para naõ temermos tanto o dia como o juizo: ou por nos ſer mais neceſſario hum temor, que outro. Naõ excluimos a conſideraçaõ cõmua, de nos trazer ſuſpenſos a incerteza do dia do juizo, para nos naõ eſquecermos do ſeu temor. Só acrecentamos, que o temor do

ſeu

ſeu juizo nos deſperta mais a ſua lembrança. E eſta póde ſer tãbem a razaõ, porque fallando nòs do juizo do ultimo dia da vida, tambem dizemos, que deve ſer mais temido eſte juizo, que o dia; pois nos fazem temer mais ainda ao meſmo dia as conſiderações, que fazemos do ſeu juizo. Naõ podemos inferir menos, que iſto meſmo, do fatal temor de Balthaſar, quãdo Deos lhe mandou eſcrever a ſentença do ultimo dia da ſua vida: todo foy do juizo daquelle dia: *Appenſus es in ſtatêra,* Dan. 5. 27. *& inventus es minùs habens.* Como em Deos o ſeu julgar, he o ſeu pezar: *Pondus, & ſtatêra judicia Domini:* Prov. 16 11. quando intîma a Balthaſar o decreto da ſua morte, & quer que elle o tema, nam lhe exprime na ſentença o ultimo dia da vida, & ſó lhe manifeſta o juizo daquelle dia: *Appenſus es in ſtatêra.* E he grande dor de coraçaõ, ver quanto ſentimos o fim deſte ultimo dia da vida, eſquecidos do juizo do meſmo dia. Todos os cuidados ſaõ de lograrmos muitos mais: & de ajuſtarmos a cõta, que naquelle ſe nos ha de julgar, nenhum cuidado. Aſſim himos paſſando os dias todos: & o juizo do ultimo paſſa tão fóra da noſſa lembrança, que parece o gaſtou o decurſo dos meſmos dias: tãto mais conſumido pelo tempo,

tempo, quanto os dias saõ mais. Naõ seria impropriedade accõmodarmos ao esquecer deste juizo, o comer do juizo do Sacramento: *Judicium sibi manducat.* O mesmo he naõ se ver por esquecido, que naõ ser visto por comido: tudo he comer metaforico por allusaõ ao verdadeiro. No nosso esquecer, come-se hum juizo; & no comer do Sacramẽto, outro: este sem se ver; & aquelle, porque se naõ vè. Se come este juizo o que naõ distingue a comida vulgar da commua: o paõ ordinario do divino paõ: *Non dijudicans corpus Domini*: tambem come o outro juizo aquelle, que naõ faz lẽbrança particular do juizo do dia ultimo da vida, & a confunde cõ a commua dos outros dias, que não saõ do juizo: *non dijudicans diem judicij.* O juizo q̃ come no paõ do Sacramento, o que indignamente o comeo, he a sua condenaçaõ: *Judicium sibi manducat; id-est, damnationem*, diz hum commento. E naõ he outra cousa a consumida, ou comida pelo esquecimẽto do outro juizo, senaõ *damnationem.*

1. ad Cor. 11 29.

Chrysost ap. Com. Lic.

Ibid.

11 Restanos, para discorrer o dia do juizo, que naõ devemos temer, nem em quanto juizo, nem em quanto dia. Este he o dia do juizo dos homens: aquelle dia, & aquelle jui-

juizo, que S. Paulo tã= bem diz, que naõ teme:
1. ad Cor 4.3 *Mihi pro minimo eſt, ut judicer ab humano die.* Naõ devemos temer eſte dia do juizo em quanto dia; porq̃ nada tem de dia hum dia taõ eſcuro. Como neſte dia julgaõ homens cegos da payxaõ, naõ póde eſte dia ter luz de juizo. E não devemos temer o meſmo dia, em quanto juizo; porque tanta cegueira ha no juizo deſte dia, como no dia deſte juizo. O dia cego; porque he dia, em que ſe julga ſem luz: & o juizo cõ cegueira; porque todo he de trevas eſte juizo. De maneira, que os Miniſtros deſte juizo, ainda quando chegão a ter temor, não ſabem o que hão de temer, nem de que devem fugir. Como ſe vio nos que antes querião que lhes fallaſſe Moyſes, do que Deos; porque mais temião ouvir a Deos, que a Moyſes: *Loquere tu nobis, & audiemus: non loquatur nobis Dominus, ne fortè moriamur.* Exod. 20.19. Fazião o q̃ fez Adam no Paraiſo, depois de aſpirar a ſaber como Deos: *Eritis ſicut dii ſcientes.* Gen.3.5 Não temeo offendello comendo do fruto prohibido: *comêdit;* & temeo ouvillo, fugindo da ſua preſença: *abſcõdit ſe à facie Domini.* Ibid.6. Ibid.8. Que elles não temeſſẽ a Moyſes, como temião a Deos, bem reſolvião: mas não pelo motivo que tomàrão.

Não,

Naõ, porq̃ ainda naõ pudeſſe haver tempo em que o temeſſem: ſenaõ porque como homem de juizo humano, naõ havia de ſer taõ temido o ſeu juizo. Naõ haviaõ de temer tanto o juizo de hum homem: aſſim como S. Paulo naõ temia o juizo de todos: *Pro minimo mihi eſt, ut judicer ab humano die.* Se por iſſo tememos muito o juizo de Deos, por ſer dia ſeu o ſeu juizo: *Dies Domini eſt judicium Domini*: dia de tanta luz, que nada ſe lhe póde eſconder, naõ temos que temer o juizo dos homens, por ſer o ſeu juizo o ſeu dia: *Dies hominum eſt judicium hominum*: dia taõ eſcuro, que tudo ſe lhe póde encobrir. Nem ſe diga, que por eſſa meſma razaõ he para muito mais temido o juizo do dia dos homẽs; porque julgaõ o que naõ vem; & no juizo do dia de Deos, ſó o que ſe vè he o que elle julga. Naõ ſeja eſta a razaõ, porque devemos temer mais o juizo do dia dos homens; porque iſſo meſmo he o que naõ temia S. Paulo, naõ temendo o juizo do dia humano: naõ temia que homens cegos o julgaſſem no dia, em que elles não vião: *Pro minimo eſt, ut judicer ab humano die.* Temamos nòs mais, que elles nos julguem no dia em que vem o que julgão: porque então o juizo deſſe ſeu dia, he

Corn. hic.

he como o juizo do dia de Deos, que julga o que vè; & nòs não podemos dizer: *Pro minimo nobis ſit, ut judicemur à divino die.* Porèm que elles nos julguem cegos, & em hum dia ſem luz; não temos que temer: *pro minimo nobis ſit.* Não julguem logo eſtes cegos no ſeu humano dia ſem luz aos de tanta innocencia, como S. Paulo tão illuſtrado. Entẽdão, que eſtes ſeus julgados zombão do dia do ſeu juizo, ainda que não eſperem delles ter bons dias: ainda que no dia do juizo deſtes cegos ſejão julgados por homens ſem juizo, como elle foy: *Inſanis Paule.* Os julgados pois no dia deſte juizo não deixem de imitar a quem aſſim o deſprezava. Digão cõ elle: *Pro minimo nobis eſt*: ou como diz hum ſynonymo: *Parvi æſtimamus, quòd ab humano die judicemur.*

Act. Apoſt. 26. 24.

Corn. hic.

Defeitos.

§. V.

12 O Seu mayor mal, he a ſua repetição, & ſucceſſaõ de huns a outros. He, porque tornão a vir os que jà tem vindo: & ſenão por individuação dos meſmos; por ſemelhança de todos. A eſta verdade bem podemos accommodar aquella eſcritura: *Quæ futura ſunt, jam fuerunt*: os que

Eccleſ. 3. 15.

que eſtão para ſer, jà tem ſido. Como os ſeus reincidentes fazem ca-
Psal. 11. 9 minho circular: *In circuitu impij ambulant*: os ſeus defeitos tambem andão em roda, & nella ſe vão ſeguindo huns a outros. São ſemelhantes aos defeitos da Lua: no circulo, em que ſempre anda, ſuccedem huns minguantes a outros minguantes: os que jà paſſarão neſta volta do circulo: *quæ jam fuerunt*: tornão a voltar na outra: *futura ſunt*. E ponho o exemplo na Lua; porque fallo agora de culpas, que ſaõ defeitos leves, & não peccados graves. A Lua he hum dos luminoſos do Ceo, que não deixa de luzir, ainda quando apparece diminuta na luz. E iſto he o que ſe vè nos ſujeitos luzidos, quando nelles ſe deſcobrem alguns defeitos: ainda q̃ eſtes ſaõ os minguãtes da ſua luz, não lhe eſcurecem todo o eſplẽdor: ſaõ como ſombras, & não como eclipſes. O dãno mayor, q̃ lhe fazem, he o ſeu ir, & voltar: he a ſucceſſaõ das voltas, que faz a ſua frequencia. E digo, que eſte he o ſeu mayor dãno; porque o mal de cada hum dos ſeus defeitos, he ſó a ſombra de cada hum: & o mal do ſeu circulo, he a ſombra de todos. Se eſta roda paraſſe, & os defeitos não voltaſſem; a ſombra (tomemos por exemplo, de hũa vaidade) tambem pa-

parando se desfaria, & naõ renovaria o seu mal, voltando. Mas como as vaidades que estão para vir de futuro: *quæ futura sunt*: saõ as q̃ já tẽ vindo de preterito: *já fuerunt*: os q̃ se deixão levar deste circulo, saõ como aquelles, a quẽ o desejava David por castigo: *Deus meus pone illos ut rotã.* Não parem, como não pára a roda, cõtinúa hũ commento: *Sicut rota, quæ volvitur, nec consistit in declivi.* Assim andão os elevados pela vaidade: se em hum circulo, dos que faz a roda dos defeitos, os põem no alto do seu desvanecimento; na mesma volta, que dá o circulo, os arrasta a roda por baixo. E se hum conhecimento do nada que saõ, os humilha, & iguala com a terra, deixando passar a roda por cima; outro impulso do muito q̃ cuidão ser, os eleva, & torna a pòr no levantado da roda. Como as vaidades tornão a vir, a mesma volta do circulo, que os tinha levado debaixo, os repõem outra vez no alto: & por isso *in circuitu ambulant.* Nem por ser a alma espirito sem pezo algum, deixa de decer, quando dece a roda dos defeitos, em q̃ anda: a corrupção do corpo, que ella anîma, essa a faz ir abaixo, diz o Espirito Santo: *Corpus, quod corrumpitur, aggravat animã*: & a faz sentir esse pezo,

Psalm. 82. 14.

Chald. apud Genebr. Lic.

Sap 9. 15.

zo, acreſcenta Santo Agoſtinho : *Anima onera patitur, pondera ſuſtinet.* E muito menos por ſer o circulo de defeitos leves, deixa de pezar eſta roda : ſenão nas primeiras voltas, nas ultimas : ſenão quando a frequẽcia vay diſpondo para o pezo ; quando o pezo ſe ſegue logo depois das diſpoſições. E he em ſumma o que enſina Santo Thomàs: cõſiderou tão certo o mal dos graves nas diſpoſições dos leves; que infere a conſequencia do ſeu fim da frequencia do ſeu principio: *Intãtum poteſt peccandi libido creſcere ; quòd ille, qui peccat, finem ſuum conſtituat in peccato veniali.* Tantas voltas póde dar o defeito leve : tantas vezes poderà ir, & voltar, até q̃ moſtre a impenitencia final, que as ſuas raizes prendem na culpa venial : *finem in veniali.*

S. Aug. in Pſal. 102.

S. Tho 1.2. q. 88. art. 3.

Dependencia.

§. VI.

13 QUando he demonſtração do amor, he mayor que a fineza da ſua liberalidade : fallo da dependencia livre, & não da forçada. Mais he então depẽder, por amar ; que amar para deſpender : mais faz hũ amãte, em depender, quando quer, do que em dar, quanto póde. Poderà parecer menos

admittida eſta politica dos que amão, a quem erradamente entender, que o meſmo he abater dependendo pelo amado, que deixar de ſer quem he, o que iſto faz ſendo o amante. Mas não farà eſte juizo, quem pezar bem o amor de Jacob: porq̃ tendo muito, que poder offertar a ſua liberalidade medida pelo amor, não apurou a ſua fineza mais que em depender de Labão, por amar a Rachel: *Serviam tibi pro Rachel.* E no amor de Deos ainda eſtas finezas forão muito mayores: mais em ſe moſtrar dependente, do que ſó em ſer liberal. Na liberalidade do ſeu amor tudo nos deo, em nos dar a ſeu Filho: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret:* não lhe ficou mais que dar; porque no Filho ſe deo a ſi meſmo. E na dependẽcia do ſeu amor ainda nos deo mais; porque no meſmo Filho ainda teve mais que nos dar: deo-nos hum amante dependente; & ainda iſto he dar mais. Quãto nos deo na ſua liberalidade, jà o temos entendido: deo-ſe a ſi todo, & não nos fica mais, para entendermos. E quanto nos chegou a dar neſta dependencia de ſeu Filho, bem o poderemos nòs dizer; mas naõ medir. Toma eſta medida a ſubtileza de Chryſologo vendo a Chriſto depender

Genes. 29. 18.

Joan. 3. 16.

pender de barco, para
Matth. 9.1. paſſar a Judea: *Aſcendens in naviculam, trãſfretavit, & venit in Civitatem*; & faz iſto meſmo, que nòs fazemos. Suſpendelhe o juizo eſta dependencia; & ſó o amor do depẽdente o tira da ſua ſuſpenſaõ. Naõ he eſte aquelle (diz admirado) que ſendo Senhor do mar, o ſujeitou aos
S. Chryſolog. Hom. in Matth. hic Ser. 50. pés de Pedro: *Qui Petri pedibus marinos vortices inclinavit*; para q̃ elle pizaſſe caminho firme por eſtrada fluida: *Ut iter liquidum humanis greſſibus ſolidũ præberet obſequium*? Que poderemos pois dizer, negãdo-ſe Chriſto a ſi meſmo o dominio das ondas, & dependendo de barco, & remos, para neſta occaſiaõ ſe ſervir dellas? *Et quid eſt, quòd ipſe ſibi ſic maris denegat ſervitutem, ut breviſſimi lacûs tranſitum ſub mercede nautica transfretaret*? Naõ ſe admire ninguem deſta dependencia, conclue o Santo: querem ſaber para que ella foy? Para argumento das finezas do ſeu amor: *Ut invitaret amor, attraheret charitas, vinciret affectio.* Para naõ ſó ter amados da ſua liberalidade, mas tambem da ſua dependencia: para amar a Pedro, dandolhe ſobre as aguas dominio liberal: & tambem moſtrar, que por aquelles, a quem amar, tambem, ſe quizer, chegarà a depender. E ain-

da he mais fina a dependencia (acreſcentamos nòs) na noſſa conſideraçaõ, do que na ſuſpenſaõ de Chryſologo. Depender Chriſto de barco, para atraveſſar aquelle lago de aguas, occaſião era de dependencia, ſe para o paſſar, não fizeſſe milagre. E depender, quãdo ſe coſtuma depender: uſar de barco, quãdo he neceſſario o ſeu uſo, foy querer Chriſto valerſe daquella dependencia commua, & não excluirſe della por meyo milagroſo. Porèm querer Chriſto depender, quando não devia ſer dependente, ſó para ſe acreditar amãte; he o que mais admiramos: & eſta fineza fez, & ainda hoje faz eſte amante dependente. Para depẽnder de ſuſtento, quãdo delle naõ depende: *Eſurivi, & dediſtis mihi manducare: ſitivi, & dediſtis mihi bibere.* Matth. 25. 35. Para depender de veſtido, quando delle naõ depende: *Nudus eram, & cooperuiſtis me.* Ibid. 36. Para depender de hoſpitalidade, quando della naõ depende: *Hoſpes eram, & collegiſtis me.* Ibid. 35. Para depender dos alivios de enfermo, & de encarcerado, quando delles naõ depende: *Infirmus eram, & viſitaſtis me: in carcere erã, & veniſtis ad me.* Ibid. 36. Tãto como iſto quer amar dependente ſobre o amar liberal: que não podendo depender, nẽ havendo urgente caſo para

para dependencia; o ſeu amor o faz dependente por todos eſtes modos: como faminto, como ſequioſo, como deſpido, como enfermo, & como encarcerado. E para entendermos, que eſte Divino Amante aſſim depende; diz q̃ jà aſſim dependeo: *Dediſtis, collegiſtis, cooperuiſtis, viſitaſtis, veniſtis.* Quem me lembra o bem que lhe fiz, moſtra o bem de que dependeo, & de q̃ ainda póde depender. A confiſſaõ do bem jà feito, he petiçaõ do q̃ ſe póde fazer: he agradecimento de hum beneficio, & eſperança de outro. Moſtra a dependẽcia q̃ ainda poderà haver o final da q̃ jà houve: *Dediſtis, viſitaſtis, &c.*

Defenſa.

§. VII.

14 MUito pouca temos contra as noſſas culpas, quando ellas ſe armaõ contra nòs: & muito menos, quando nos naõ armamos nòs contra ellas. Chamo às culpas, armas: porque ellas ſaõ as que nos fazem a mayor guerra: ellas ſaõ as que nos atemorizaõ, as que nos derribaõ, & as que nos vencem. E porque as podemos cõſiderar, ou quando ellas nos accuſaõ, ou quando eſtamos em paz cõ ellas: ſendo muito temidas, quando accuſaõ, & ſe armaõ contra nòs; ain-

da saõ mais para se temer, quando nòs as cõsentimos, & ellas se accommodaõ com nosco. As culpas de Herodes, em quanto elle as consentia, naõ o intimidavaõ, porque eraõ armas postas ao seu lado, & estavaõ da sua parte. E essas mesmas culpas arguîdas pelo zelo do Bautista: *Non licet tibi habere uxorem fratris tui*: armavaõse contra elle, & o faziaõ temer: *Herodes metuebat Joannem.* As suas culpas commettidas, davaõlhe animo para reincidir nellas; porq̃ entaõ naõ o accusavaõ, naõ lhe mostravaõ a sua fealdade, não se lhe armavaõ defrõte: mas antes lhe facilitavaõ; & persuadião a sua costumada frequencia, & desordenada inclinação. E as mesmas culpas postas em fronteira contra elle nas vozes de Joaõ: *Nõ licet tibi*: erão armas sem resistencia, que ferião sem rebate: & por isso Herodes as temia: *Metuebat Herodes.* Erão, como a espada de Goliath posta na mão de David, & armada então contra elle: sem se poder defender o Filisteo, com ella lhe cortou David a cabeça: *Tulit gladium, præcidit-que caput ejus.* O que naõ fez David, em quãto a espada esteve ao lado do Gigante; porq̃ então estava a espada da sua parte em tempo, que o fazia arrogãte, & armava de soberba.

Marc. 6 18.

Ibid. 20.

1. Reg. 17 51.

ba. E rendeo-ſe toda eſta ſoberba, & toda eſta arrogancia; quando a eſpada paſſou do lado do Filiſteo para a maõ de David: *Tulit gladium, eduxit eum de vagina ſua, & interfecit eum.*

15 Iſto he o q̃ nos ſuccede, quando as noſſas culpas ſe armaõ cõtra nòs; difficultoſamente nos podemos defender dellas. E ainda he muito menor a noſſa defenſa, quando com ellas nos abraçamos nòs, ou nòs nos armamos (porque tambem as culpas anîmaõ) ſe as temos da noſſa parte. Como então nos não accuſaõ, imo-nos com ellas, & em caſtigo noſſo nos deixa Deos ir, como, & por onde ellas nos levaõ. E he o que Deos nos diz por David: *Dimiſi eos ſecundùm deſideria cordis eorum.* Defendemo-nos entaõ menos dellas, do que quando nos accuſaõ; porque accuſando-nos, põemſe-nos defronte, & as vemos: & deixando-nos ir com ellas, ficaõ da noſſa parte, & naõ as podemos ver. As culpas viſtas, & accuſando-nos já as naõ deſejamos: fazem-nos abrir os olhos, & as podemos então aborrecer. As culpas ſem as vermos, levão-nos cegos, & guiados *ſecundùm deſideria cordis.* E póde ſer, que já então dizendo Deos: *Dimiſi eos:* & ainda dizendo mais: *Ibunt in adinventioni-* Pſal. 80. 13. Ibid.

hus ſuis: irão ſeguindo os caminhos, que lhes fizerão tomar os ſeus deſejos. E he o meſmo, diz Genebrardo, que ir cada hum levado pelos ſeus juizos: *In vanis opinionibus, & ſtudiis.* Hũ deſejo perſuadindo culpas, he hum Meſtre dictando opiniões, & naõ ciencias: mais erros, que verdades. E a quantos terà Deos já deixado ir *in opinionibus ſuis*: ſeguindo as opiniões do ſeu deſejo: *in vanis ſtudiis*! Quantos dizendo antes, que obravaõ com ciencia: *Dicentes ſe eſſe ſapientes*: ſe achàraõ depois ignorantes: *ſtulti facti ſunt*! Nas poſtillas deſte grande Meſtre de eſpirito (do deſejo deſordenado de cada hũ, quero dizer) convencem mais as opiniões, do que argùem os eſcrupulos. E chamolhe Meſtre de eſpirito; porq̃ as ſuas opiniões ſaõ para ſe ſalvar a alma, que duvîda ſe vay bem encaminhada ſeguindo mais eſta opiniaõ, que aquella; & elle faz provaveis as que a meſma alma deſeja. Grande Author! Douto Meſtre! Dictando *de conſcientia*, materia toda de eſpirito; & deixando ir aos que o conſultaõ, *in adinventionibus ſuis*, *in vanis opinionibus*, & *ſtudiis*. Entaõ he, que nòs dizemos, ſe devem temer mais as noſſas culpas, quando por eſtarem ellas da noſſa parte, ficamos tendo eſtes

Geneb. hîc.

Rom. 1. 22.

eſtes Meſtres de cala *ſecundùm deſideria cordis*. E quando ſe nos põem defronte, & jà como poſtas fóra de nòs, as vemos, como
Pſ.50.5 David as via *Peccatum meum contra me eſt ſemper*: os noſſos deſejos naõ enſinaõ, nem dictaõ opiniões. Jà entaõ (porque naõ pódẽ fazer o contrario) nos dão a ver aquella tre-
Sap 5 6 menda ciencia: *Ergo erravimus à via veritatis.*

Deſcanço.

§. VIII.

16 NAõ ſe ha de ter no que ſe obra; ſenão quando o que ſe vè jà feito ſe parece cõ quem o faz: quando hum chega a obrar, como quem he; ou ſe vè a ſi meſmo no que obra. Em quanto os mais levantados, & ſoberanos do mundo não fizerem o que ſe pareça com elles, & diga com a nobreza, & fidalguia de ſuas peſſoas; não deſcancem ſobre o cuidado de elevarem as ſuas acções. Quem ſe cõſidera Sol, & não faz obras parecidas comſigo, não tẽ obrado como quem he: & deve deſvelarſe até que ſe veja o que he, nas obras, que faz. Grãde emblema temos para repreſentaçaõ do q̃ dizemos, vendo a Deos na creaçaõ do mundo ſem levantar a maõ das obras daquelles dias, ſenaõ depois que fez

ao homem, obra a ſi meſmo ſemelhante: Gen. 1. 26. *Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram.* E mais todas as ſuas obras até alli feitas, eraõ dignas do ſeu Author: Ibid. 31. *Erant valdè bona.* Naõ he o meſmo obrar ſempre bem, que deſobrigarſe quem bem obra de obrar cada vez melhor. Naõ apontamos porèm eſte exemplo, porque Deos nos quizeſſe dar eſta regra, para obrarmos por ella: mas porque vendo nòs o que elle fez nas ſuas obras, obremos nòs, quando fizermos as noſſas. Obre cada hum conforme a ſua peſſoa: *ad imaginem ſuam*: & entaõ, porque jà fez o que ſe deve a ſi meſmo, póde deſcançar: *requieſcat.* Todas as obras ſe parecem com ſeus authores, diz hũa das ſẽtenças commuas: & he verdadeira. O retrato de cada hum de nòs, he a noſſa obra: & em quanto naõ chegamos a nos retratar no que obramos, naõ feriemos do trabalho do obrar. Iſto ſe entende, fallando nòs daquelle deſcanço, que he o fim do merecimento: do que procuraõ ter todos os que trabalhaõ. Naõ ſe ha de deſcançar, em quanto a obra naõ diz com o ſeu author: *ad imaginem, & ſimilitudinem.* E fallando agora de outro deſcanço, & naõ jà deſte, que eu meſmo me poſſo julgar, quando me vejo a mim na minha obra; ha-

havemos de praticar outra politica, & com ſua differença. Havemos de olhar para o deſcãço, que os outros nos pódem julgar, cõferindo elles o que fazemos com o q̃ ſomos. Como do primeiro deſcanço eu meſmo ſou o juiz, poderei vir no engano do juizo em cauſas proprias: poderei entender, q̃ já poſſo feriar do que faço, por haver obrado o parecido comigo: & naõ ter ainda igualado a minha obra com a minha ſemelhança. E do ſegundo deſcanço, que ha de ſer o conterido no juizo alheyo, poderei ſer mais, ou menos digno: porque ou qualquer deſaffeiçaõ me poderá fazer indigno delle; ou algũa inclinaçaõ particular fazer delle merecedor: & então o abono das minhas acções tanto perigo corre em hum juizo, como no outro. E que remedio logo, para ſegurar neſtes juizos a eſtimaçaõ das minhas obras, & que me livre do perigo, & cuidado de ſe naõ julgar a minha ſemelhãça com ellas, ou a dellas comigo? Que remedio? Obrar ſẽpre com os olhos no que faço, & no que ſou; para que em todo o juizo ſe veja o que ſou no que faço. Só aſſim poderei obrar deſcançado: & como dizia David, deſcançando ſobre eſſe meſmo trabalhoſo cuidado: *In id-* Pſ. 4. 9.

ipſum

ipſum dormiam, & requieſcam. Quando David fazia em pedaços aos leões, & derribava aos Gigantes, obrava como quem era. Hum leaõ deſpedaçado no campo, era hũa eſtãpa do ſeu braço: & era hũ retrato do ſeu valor, hum Gigante eſtendido na campanha. E não o dava a conhecer hũ Urias morto por ſer
2.Reg. 11.c5. mundano: *Ponite Uriã ex adverſo belli, ubi fortiſſimã eſt prælium: & derelinquite eum, ut percuſſus intereat:* & tãbẽ offendido na propria honra por ſeu goſto no roubo de Berſabè:
Ibid.27 *Introduxit eam in domũ ſuam, & facta eſt ei uxor.*

17 E em que tempo poderia deſcançar David ſobre o credito das ſuas acções; & naõ temer, que as julgaſſẽ a elle deſſemelhantes? No campo matando feras, & na campanha triunfãdo de Filiſteos: ou no ſeu Palacio armando doloſas induſtrias contra a honra, & vida de hũ leal vaſſallo, & de hum valeroſo Soldado dos ſeus exercitos? Havemos de reſpõder, que naquelle, em que obrava, como quem era, batalhando com feras, & com Gigantes: quando mais cãçado na luta de leões, & deſafio de Filiſteos, então mais proprio para ſe retratar ao vivo. E não quando no delicioſo deſcanço da Corte, & braços do ocio: então não era

digno

digno de ſe dar a ver no quadro; porq̃ não dizia o David retratado com o David verdadeiro: o David obrando mais como homem, que como Rey: mais vencido, que vencedor. Neſtas obras porèm tambem elle ſe via copiado a ſi meſmo, quando dizia: *Peccatum meum contra me eſt ſemper*: tenho defronte de mim o mal, que fiz. Para qualquer parte, que volte o roſto, me vejo a mim contra mim: *Peccatum contra me ſemper*. Os que pois aſpiraõ ao deſcanço de hũa vida glorioſa por ſuas obras, confiraõ a David com David. Ao David viſto nos quadros, que o argùem do mal que fez, quando deſcançava delicioſo; com o David retratado nas ſuas acçõẽs, que o ennobrecẽ, quando lidava ſem deſcanço. Aquelles retratos, em que ſe vè accuſado: *Peccatum meũ contra me*: foraõ tirados do ſeu deſcanço. E eſtes, que foraõ tirados do ſeu trabalho, ſaõ os que o repreſentão deſcançando: *In idipſum dormiam, & requieſcã.* Varios ſaõ os trabalhos, que cançàrão a David: & os que ſe entende forão principalmente para ſeus deſcanços, ſaõ os que lhe derão eſtes, ou aquelles inimigos. *Simul cum eis, quãtumvis hoſtibus*, commenta Genebrardo: *pacificè, & quietè dormiam.* E Euthymio

Pſ. 50. 5.

Geneb. in Pſal. ibid.

paſſa

paſſa a comprehender na ſua conſideração tambem aos inimigos da alma. *Dormiam, inquit, in pace, corpore pariter, & animâ* : tão deſcançado na lida cõ hũs, como com outros inimigos : *Viſibilibus corpore, & inviſibilibus animâ.* Se David quando era provocado pelos inimigos da alma, que o fazião olhar para a caſa, que não era ſua, puzeſſe os olhos no que elle era, triunfaria deſſes inimigos, & deſcãçaria ſobre as ſuas meſmas tentações: *in idipſum requieſceret.* Mas porque então deſcançou à viſta das armas de tão fortes inimigos, não obrou como quem era; & por ſuas proprias mãos ſe retratou a ſi armado contra ſi : *Peccatum meum contra me ſemper.* Aſſim como, porq̃ ſe cançou armado cõtra os inimigos do corpo, Leões, & Filiſteos; por iſſo ſe deixou retratado, triunfando de todos: & mereceo deſcançar ſobre tudo iſſo: *in idipſum dormiam.*

Euthy. Monac. in Pſ. 118.

Dias.

§. IX.

18 MElhores ſaõ pelo q̃ nòs lhes damos, do que pelo que elles tem: & nòs os fazemos peyores, do que elles pódem ſer. O que elles tem, he a luz, que participão do Sol: & ainda neſſe ſeu bem, com ſua porção

Matth. 6.34. ção de mal: *Sufficit diei malitia ſua*: & cõ tanto tempo de trevas, como de eſplendor: *Veſpere & manè dies unus.* Geneſ. 1.5. E o que nòs lhes damos, he o luſtre das obras que fazemos: eſte he o que dà aos dias mais, do que elles tem. He o q̃ lemos no glorioſo triunfo de Joſué, quando para deſtruir o exercito dos Gabaonitas, fez mayor aquelle dia, impedindo com a mão de Deos o curſo do Sol: *Stetit Sol in medio Cæli.* Joſue 10.13. & deinceps. Neſta illuſtre empreſa de Joſué acreceo ao dia mayor duração de luz; & foy tão crecido, que nem antes, nem depois daquelle dia houve outro taõ grande: *Non fuit antea, nec poſtea tam lõga dies.* Deo a eſte dia aquella vitoria de Joſué não ſó eſplendor dobrado; mas tambem mais nobre eſplendor. Deolhe eſplendor dobrado; porque o dia antes (& o meſmo ſe ha de dizer do dia depois) não teve mais luz, que a de hum dia; & aquelle dia chegou a luzir por dous. E deolhe mais nobre eſplendor; porque luzio por modo ſobrenatural: ſobre o eſpaço do dia natural teve de mais o eſpaço do dia de milagre Hũa, & outra couſa ſe entende do Texto; & ambas dizem os ſeus commentos. *Stetit Sol ſpatio unius diei*, lemos nòs no Texto: Parou o Sol por eſpaço de hum dia. E porque o eſpaço

espaço deste dia foy duração de tempo, que por milagre acreceo sobre a duração natural; o dia luzio por dous, & foy sobrenatural o tempo que luzio. *Dies unus excrevit ad duos*, diz hum commento: *Fuit dies una duo dies*, diz outro. Ou ainda durou mais que dous; porque alguns o fazem durar trinta & seis horas. E convèm todos, & a razão o mostra, ser obra milagrosa crecer tanto o dia, & suspender o Sol o seu curso natural sem se pòr ao seu tempo: *Sol non festinavit occumbere.*

Tigur. Syr. ap. Corn. hic.

S. Dion. S. just. apud Corn. hic.

19 Todo he luz, & não tem occaso o dia, em que saõ vencidos os formidaveis inimigos da alma. Até as horas da noite deste dia, saõ horas de luz. E bem se lhe poderia accommodar aquella letra: *Lux in tenebris lucet*; & tambem a outra: *Sicut tenebræ ejus, ita & lumen ejus.* O glorioso triunfo de hũa alma contra tão fortes inimigos acrecenta a luz do dia, em que ella os vence: faz que luza mais depois, do q̃ luzia antes. Tẽdo antes doze horas de noite, a graça da alma vitoriosa faz que todas sejão horas de dia: *Lux in ténebris.* E revestindo de luz aquella vitoria ao dia da alma vencedora, faz a mesma graça, que tanto resplandeça o espaço do tempo da noite, como o espaço do tempo

Joan. 1. 5.

Ps. 138. 12.

tempo do dia: *Sicut tenebræ, ita lumen.* Esta he a semelhança, que tem o dia do triunfo de hũa alma, cõ o dia do triunfo de Josué. Aquelle dia de Josué teve mais luz, por milagre: & este dia da alma, chega a luzir mais por graça. Como Deos he o Author de todos os dias; ao dia natural dà tantas horas de noite, como de dia: ao dia porèm de milagre, & ao dia do triunfo da graça, tiralhe as horas da noite. Ha entaõ dia no tẽpo das trevas: *Lux in tenebris*; & saõ as trevas, como he o dia: *Tenebræ, sicut lumen.* Isto assim entendido, & assim accõmodado, vem a ser em substancia o que dizia David fallando com Deos, & considerãdose triunfante das perseguições de seus inimigos: tambem o dia, em que delles triunfava, naõ tinha noite: *Nox, sicut dies illuminabitur*: tãbem as suas horas de trevas eraõ horas de luz: *Sicut tenebræ ejus, ita & lumen ejus.* Moralizamos assim esta accommodaçaõ; porque esta noite, & estas trevas do Profeta, dizem muitos cõ S. Joaõ Chrysostomo, q̃ saõ o representativo das suas tribulações: *Per noctem, & tenebras significari ejus tribulationes.* E que por beneficio da divina graça dizia elle: estas noites saõ para mim dias: *Per gratiam Dei*

Ibid.

Apud Bellarmin hic.

nox ipſa mihi illumina-tio. Vencidos os meus perſeguidores, os que me trazem atribula-do, os meus inimigos; neſtas meſmas trevas ha luz: *Lux in tenebris.* Tanto luzem as noites dos dias, em que Deos me faz aſſim vencedor; como os meſmos dias luzem: *Tenebræ, ſicut lumen.* E jà houve, quẽ no que fez, & no que diſſe, o imitou em hũa noite, como a ſua: tam-bem triunfando nella dos tyrannos, que o atormentavaõ, dizia q̃ aquella ſua noite naõ tinha trevas: *Mea nox obſcurum non habet.* In vita S. Laur.

20 Naõ poderáõ dizer outro tanto dos ſeus dias, os que nelles ſe rendem aos inimi-gos da ſua alma: as horas, que tem de noi-te, naõ luzem; & as q̃ tem de dia, ſaõ horas eſcurecidas: *obſcurum habent.* A hũas trevas ſuccedem outras: ſo-bre a parte tenebroſa, que jà a natureza deo ao dia, a culpa daquel-le dia lhe dà outra. E he a razaõ, porque pode-mos ajuntar ao mal, ou malicia do dia natural, (como Chriſto lhe cõ-ſiderou: *Diei malitia ſua*) outra malicia, ou outro mal, q̃ nòs agora lhe deſcobrimos. A-quelle mal conſidera-do por Chriſto, he no dia preſente o cuidado do neceſſario para o dia futuro. *Sufficit diei malitia ſua*, iſſo quer dizer: *nequaquam ul-terioris diei cura te con-terat*, cõmenta Chry-ſoſto-

S Chryſoſtom. S. Hilar. S Hier. apud Cornel. hic.

ſoſtomo, & com elle outros. E a malicia, ou mal por nòs aqui deſcuberto, he o cuidado do dia, que jà paſſou. Os que paſſáraõ taõ mal o dia, perdendo nelle a luz da graça pela introducçaõ do peccado; acrecentaõ ao mal, que jà o dia tem no cuidado do futuro, o mal, que elles lhe daõ no cuidado do preterito: a hum mao cuidado outro cuidado peyor. Ao cuidado, que poſto que mao, naõ tira a luz do dia, & he ſó hũa prevençaõ anticipada; hum cuidado, que ſuppõem perdido o eſplendor da graça, & ſe emprega na lembrãça das trevas paſſadas. Com o primeiro cuidado, ainda os noſſos dias ſaõ bons: & no conſelho, que Chriſto nos dà, & nelle nos diz, que no dia de hoje nos naõ moleſtemos com a prevençaõ do dia de à manhãa: *Nolite ſolliciti eſſe in craſtinum*; bem ſe vè, que nos quer dar bons dias. E com o ſegundo cuidado: com aquelle, que nos mete no abyſmo, & confuſaõ das culpas paſſadas, ſaõ os noſſos dias ſummamente maos, & todos elles maos dias. Se nòs guardarmos o ſuave cõſelho de Chriſto: *Nolite ſolliciti eſſe in craſtinum*, nunca teremos dias maos. Porque ſe no dia de hoje nos naõ moleſtar o cuidado do dia de à manhãa; tambem no dia de à manhãa, por Matth. 6. 34.

força do meſmo conſelho, nos ha de moleſtar o cuidado do outro dia dèpois do dia de à manhãa: & aſſim ſucceſſivamente todos os noſſos dias iraõ ſendo bons, livrando-ſe cada hum de nòs do cuidado de huns dias para outros. Por iſſo Chriſto no ſeu cõſelho nos diz: Cuiday ſó no dia de hoje na moleſtia neceſſaria deſte dia: *Sufficit diei malitia ſua.* E na moleſtia neceſſaria do dia de à manhãa, elle meſmo cuidarà nella: *Craſtinus dies ſolicitus erit ſibi ipſi.* O voſſo meſmo cuidado de à manhãa, como ſe foſſe ſeu, lhe darà a elle eſſa porçaõ de mao dia, que he a ſua propria malicia: *Solicitus erit ſibi.* E agora pergũtamos nòs: aquelles dias, ſendo nelles vencida hũa alma pelas armas de ſeus inimigos, poderáõ deſte modo ſer bons dias? Algum dia deſtes; ou o preſente, em que ella ſe vè vẽcida; ou o paſſado, em que a vencèraõ; ou o futuro, em que ſe lembrar de taõ maos dias; poderáõ ſer dias, ſenaõ muito maos? Iſto conſiderem os meſmos q̃ vaõ paſſando por eſtes dias. Vejaõ no dia de hoje, ſe lhes diz Chriſto, que naõ cuidem em dias taõ maos: *Nolite ſoliciti eſſe in præſens, aut in craſtinum, aut in præteritum, aut in futurum.*

21 E deſta ſorte damos nòs aos dias da noſſa

noſſa vida o bem, ou o mal, que elles naõ tem: ſaõ dias bons, ſe obramos bem; & ſe obramos mal, ſaõ maos dias. Ou dando aos dias o bem, que naõ tem, quando vencemos a hũ inimigo da noſſa alma: ou, quando nos deixamos vencer delle, dando aos noſſos dias o mal, que naõ tinhaõ. E que eſtando na noſſa maõ o ter eſte bem, ou o naõ ter eſte mal; demos nòs aos noſſos dias mais eſte mal, q̃ aquelle bem! He deſgraça. O bem que o dia tem, (a ſua luz dizemos) eſſe lhe não damos nòs: o Author de todos lho tem jà dado. E o bem que lhe podemos dar a elle, dando-o primeiro a nòs, que he a ſaude da alma, quãdo nos ſaudamos com eſta bõdade de dias; eſte bem, nem nòs o podemos dar aos outros, nem a nòs o queremos dar. Naõ o podemos dar aos outros; porq̃ naõ eſtà na noſſa maõ darmos taõ grande bem: ſó o damos de palavra, & quando muito com o deſejo. E a nòs o naõ queremos dar; porq̃ eſtando na noſſa maõ eſte bem, naõ obraõ eſte bẽ as noſſas mãos: temos maos dias; porque nòs lhes damos o mal, que nelles temos. He verdade, que tambem as noſſas deſgraças fazem aos noſſos dias maos; aſſim como os fazem bons as noſſas fortunas, ſem q̃ eſteja na noſſa maõ, nẽ

o mal de huns dias, nẽ o bem de outros. Mas, por mayor, que ſeja o mal dos dias das noſſas deſgraças da vida, naõ ſaõ comparaveis com o mal dos dias da deſgraça da alma: naõ eſtà na noſſa maõ o fugirmos daquellas, aſſim como eſtà o fugirmos deſta. E quem he (pergunta David) o q̃ na ſua vida quer ter eſtes bons dias: *Quis eſt homo, qui vult vitam: diligit dies videre bonos?* Pſa'm. 33.13. Qual he aquelle (conſtroe Bellarmino) que ſó ama na ſua vida os dias, que ſaõ a Bemaventurança da ſua alma: *Quis eſt, qui verè, & ſeriò vult vitam veram? Quis verè diligit dies beatos?* O verdadeiro amor da vida naõ Bellarmin. Lic. póde eſtar ſem o verdadeiro amor dos dias; porque dos dias, que logramos, ſe compõem os annos que vivemos. E ainda aſſim, duvida o Profeta, haver quem aos ſeus dias tenha verdadeiro amor: *Quis diligit dies bonos?*

22 He taõ bem fũdada a ſua duvida; que vemos a Jacob (aquelle que teve na ſua vida tãtos dias do ſeu amor) lembrado ſó dos dias do ſeu odio, quando diſſe a Faraò, que todos haviaõ ſido pequenos, & maos: *Dies peregrinationis meæ parvi, & mali.* Genes. 47.9. Sendo, que por ſerem pequenos, os havia elle contar por bõs: o mao dia, quanto mais pequeno, melhor. Aſſim como queria Job,

que

que foſſe o dia da ſua morte, que he bẽ mao dia: queria que foſſe taõ pequeno, que ſó duraſſe deſde o ventre donde elle nacèra, atè a ſepultura, onde ſe deſejava: *De utero tranſlatus ad tumulũ.* E neſte bem dos ſeus dias, por ſerem pequenos, jà que eraõ maos, naõ advertio Jacob na repoſta, q̃ deo; ſó entaõ parece q̃ ſe lembrou dos dias da ſua dor, & naõ do amor dos ſeus dias. Só dos dias da auſencia da ſua patria, dos dias de fugido de ſeu irmaõ, dos dias da morte de Rachel, da venda de Joſeph, da ſeparaçaõ de Benjamin, da fome de Canaan, & do deſterro do Egypto: dias todos *Miſeri, laborioſi, ærumnoſi.* E naõ dos dias do amor da eſpoſa, ainda que empregados todos no ſerviço de Labaõ: nem daquelle dia, que poſto que lutando, ſe achou nos braços do Anjo; ou, como dizẽ muitos, nos do meſmo Deos. Deſtes dias, que elle ſempre devia de amar, parece que ſe eſqueceo, quando diſſe, que toda a ſua vida fora de dias pequenos, & maos: *parvi, & mali.* Aſſim nos enganamos com o amor dos noſſos dias: & paſſamos a vida aſſim enganados. Ou naõ ſabendo amar os bons: *Quis diligit dies videre bonos?* Ou aborrecendo os maos, que ſaõ pequenos; ſendo q̃ por ſerem pequenos, naõ ſaõ taõ maos: *par-*

Job 10 19.

Corn. hîc.

vi, & mali. Ou, porq̃ a muitos dias, que saõ muito maos, & taes, como os daquelle Rico da Parabola; a esses amamos, & queremos, que os ame a nossa alma. *Anima mea, habes multa bona posita in annos plurimos*: lhe dizia aquelle enganado com os dias da sua vida. Para todos os teus dias: *in annos plurimos*: tens que comer: *comede, bibe, & epulare.* Sobre o bem, que jà elles tem, por serem dias da vida; tens tu para lhes dar a elles o bem desta abũdancia: *Multa bona in annos plurimos.*

Luc. 12. 19.

Ibid.

Deos.

§. X.

23 QUem melhor o serve, mais teme deixar de o amar, do que ser castigado, porq̃ o naõ ama. Temer o amante a indignaçaõ do amado, se deixar de o amar; he temer a sua vingança, porque lhe falta à fidelidade. E temer o faltar à fidelidade só cõ os olhos na firmeza do amor; he temer o desar de menos amante, por descair da sua fineza: & este temor he mais nobre, q̃ o outro. Neste teme-se por amor; porque se teme o naõ ser amante: & no outro teme-se por medo;

do ; porque se teme o ser caſtigado. Para nòs amarmos a Deos , como elle quer q̃ o amemos : *ſobre todas as couſas* ; tambem o havemos de amar ſobre o meſmo temor,com q̃ o tememos : ha de ſer por eſte modo o noſſo amor ſuperior ao noſſo temor. E ſó ſe darà mayoria entre eſtes dous affectos , quando o noſſo temor for mais de naõ amarmos a Deos , do que de nos caſtigar elle , ſe o naõ amarmos.Só deſta ſorte o amamos ſobre todas as couſas : porque até ſobre aquelle temor o amamos Sendo motivo de o amarmos, o temor da ſua indignaçaõ ; naõ he ſobre tudo o amor que lhe temos : porque entaõ o temor excede ao amor : amamos entaõ a Deos , porque o tememos. E ſe o motivo de o amarmos he o temor de deixarmos de o amar ; entaõ o amamos ſobre tudo , porque o amor ſobreleva ao temor : tememos entaõ a Deos , porq̃ o amamos. Eſte contraponto do temor , he como o do amor : aſſim como o mais fino amor, he o amar ſó por amar; tãbem o temer ſó por temer , he o mais primoroſo temor. Quem ama ſó porq̃ ama , naõ depende para amar da remuneraçaõ do amado , depende ſó de ſi meſmo ; porque para ſer amante, depende ſó do ſeu amor. Do meſ-

mo

mo modo o amante, q̃ teme ſó por temer, naõ attẽde, para ſer temeroſo, ao caſtigo, ſe deixar de temer a quem ama: teme-ſe de ſi meſmo; porque para temer o naõ amar ao amado, olha ſó para o ſeu temor. Teme-ſe mais da ſua infidelidade, do que das penas de infiel; ainda que no meſmo tempo de hũa, & outra couſa tenha temor. Tudo iſto ſe vio, ſem entaõ ſe advertir no q̃ paſſou entre Chriſto, & S. Pedro; dizendo Chriſto: *Antequam gallus cantet, ter me negabis*; & dizendo S. Pedro: *Etiamſi oportuerit me mori tecum, non te negabo.*

Matth. 26.34.

Ibid. 35

24 Via o Divino Meſtre, que o diſcipulo lhe havia de ſer infiel; & aſſim lho profetizava: *me negabis.* Olhava o diſcipulo para a ſua fidelidade, & conſtantemente reſpondia: *non te negabo.* Chriſto, que era o amado, dohiaſe da falta da firmeza em Pedro, affirmãdo o pouco tempo, q̃ faltava, para ſer delle negado: *antequam gallus cantet.* E Pedro, que era o amante, proteſtava, que antes ſacrificaria a vida, do que incorrer na negaçaõ: *etiãſi oportuerit me mori.* De maneira, que eſta amoroſa conferencia toda era ſobre o temor mais primoroſo: ſobre o temor da infidelidade, & naõ ſobre o temor das penas de infiel: com as attenções

no

no temer, porque ſe ama; & naõ no amor, porque ſe teme. Mas cõ eſta differença: Chriſto previa a infidelidade do amante: & Pedro naõ temia faltar à fidelidade do amado. Nẽ o amado, nem o amante olhavaõ para o temor menos nobre: nẽ Chriſto inſinuava a Pedro a ſua indignaçaõ, ſe por timido lhe foſſe infiel: nem Pedro lhe reſpondia temeroſo da indignaçaõ, reforçãdo a ſua fidelidade. Ambos ſe correſpondiaõ com as finezas do melhor temor: Chriſto ſabendo, que Pedro lhe havia de ſer infiel; ainda moſtrando elle, que naõ temia a ſua infidelidade: & Pedro proteſtando, que ſempre lhe havia de ſer fiel; ainda que na aſſeveraçaõ de Chriſto bem poderia temer, que o naõ foſſe: *me negabis: non te negabo.* Neſta fineza do amor, & temor de S. Pedro: neſte mais temeroſo, porque amava, do que amante, porque temia; temos a ſatisfaçaõ, que pede aquelle commum conceito, em q̃ he arguîdo de preſumir mais da ſua fidelidade, do que o moſtrou depois a ſua negaçaõ. Parece que neſtes ſeus dous affectos, amor, & temor, mais influhio a ſua preſumpçaõ, do que a firmeza da ſua promeſſa: *non te negabo.* Aſſim tẽ parecido; mas para mayor abono dos que temem, porque amaõ; di-

dizemos com S. Jeronymo, que a promeſſa do ſeu naõ negar, mais foi vehemencia de fidelidade, do que deſar de preſumpçaõ *De ardore fidei promittebat*, diz o Doutor Maximo: promettia naõ ſer infiel; porque o exceſſo do ſeu amor o animava a fazer o q̃ promettia. O que parece o fazia preſumir naõ ſer falſo, vinha da meſma efficacia de ſer fiel: *de ardore fidei.* E poſto q̃ elle faltou ao que prometteo, porque cõſta, que negou; havemos dizer com Santo Hilario, que o ſeu muito amor o cegou (& naõ he a primeira vez, que o muito amor cega) para naõ ver, & temer, q̃ poderia negar; nem advertir na fraqueza, q̃ lhe previa Chriſto da ſua negaçaõ. *In tantũ & affectu, & charitate Chriſti efferebatur; ut imbecillitatem carnis ſuæ, & fidem verborum Domini non contueretur.* Era taõ grande o ſeu amor, que naõ via na ſua fraqueza poder elle faltar à ſua fidelidade; nem que era infallivel o faltar a ella, pois lho profetizava quem o ſabia: *nec imbecillitatem carnis ſuæ, nec fidem verborum Domini contueretur.* Os que agora cuidamos, que tememos a Deos; tememolo como S. Pedro? He taõ fino o noſſo amor, que nem ainda chegamos a temer o ſermoſlhe infieis? Permitta o meſmo Senhor, q̃ naõ ſeja

S. Hier. apud Corn. hic.

S. Hilar. apud Corn. ibid.

ſeja tal [illegible]ſſo amor, que nem ainda cheguemos a temer a ſua indignação, como a não temia Geſtas na hora do ſeu mayor amor, a quem advertio Dimas:
Luc. 23. 40. *Neque tu times Deum.*

Dadivas.

§. XI.

25 PRimeiro ſe vè o ſeu effeito naquelle, que as offerece, do que no outro, que as recebe: o ſeu effeito he obrigar, ou render: & o ſeu primeiro rẽdido, ou obrigado, he quem as apreſenta, & não quem as leva. Aindaque ambos intereſſaõ: o que as offerece, a ſua conveniencia: & o que as recebe, o ſeu lucro; o intereſſe daquelle obra primeiro, que o intereſſe deſte. Primeiro ſe rende aquelle à conveniencia, que o obriga a offertar; do que ſe rẽda o outro ao lucro, q̃ lhe faz abrir as mãos para recolher. Diz a ſentença vulgar, que as dadivas quebrantão as penhas. Porèm os primeiros quebrantados, não ſaõ os que ſe conſiderão penhas: ſaõ os empenhados: ſaõ os pretendentes, & não os pretendidos. Primeiro que Labão intereſſaſſe os quatorze annos do ſerviço de Jacob pretendente de Rachel, logo Jacob fez o que imos diſcorrendo. Em determinando comſigo eſta pretençaõ, logo ſe obrigou

obrigou ao mando de Labão, & ao amor de Rachel: *Serviam tibi pro Rachel.* Primeiro obrou nelle a ſua conveniencia, ſujeitandoſe a ambos; do q̃ Labão lucraſſe os intereſſes do ſeu ſerviço, & Rachel gozaſſe a ſuavidade da ſua companhia. Quando os dous ſe rendèrão: o pay a aceitar os quatorze annos de ſerviço, que lhe offerecia Jacob: & a filha a recebello por conſorte da vida, que elle lhe ſacrificava; jà Jacob eſtava rendido, & obrigado ao goſto de hum, & outro. Jà então o que aceitárão as mãos de Labão, & de Rachel, tinhão oferecido as mãos de Jacob a Labão: *Serviam tibi*: & a Rachel: *pro Rachel.* Deſte modo enlaça a doçura do dar, & do receber: prendendo a dadiva tanto aos que dão, como aos que recebem: nem huns, nẽ outros ſentem pezo na ſua prizão. Jacob obriga-ſe aos cuſtos do oferecer, Labão às remunerações do aceitar, Rachel às finezas do correſponder; & todos ſatisfeitos: no meſmo tempo rendidos, & goſtoſos. E ſó livrão deſtes laços, ou deſtas tentações (porq̃ o meſmo he offerecer, que tentar) aquelles, q̃ não tirão os olhos do que ſaõ, para os pòr no intereſſe do que lhes offertão. Aquelles, que imitão a Chriſto, quãdo o demonio moſtrãdolhe

Geneſ. 29.18

dolhe os reynos de to=
Matth. 4, 8. do o mundo: *Oſtendit ei omnia regna mundi*: todos lhe offerecia por
Ibid. 9. hũa adoração: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadẽs adoraveris me.* Olhou Chriſto para ſi, & vendo que elle era o que ſó devia ſer adorado, não ſe rendeo ao que o demonio lhe tinha offe=
Ibid 10. recido: *Vade Satana: ſcriptum eſt: Dominum Deum tuum adorabis.* Iſto he o que ha de fazer o tentado com offertas: olhar para ſi, & deſpedir ao tentador: *Vade Satana.*

26 Boa advertencia ſe offerece agora, para diſcorrermos neſte offerecer do demonio, & naquelle não aceitar de Chriſto: em querer o demonio dar: *hæc omnia dabo*; & em não querer Chriſto aceitar: *Vade Satana.* Se em algum tempo o demonio não ſoube tẽtar, foi neſta occaſião: errou os modos de dar, para depois receber. Quem dà, & quem offerece, eſſe he o que ajoelha, eſſe he o que ſe dobra; & não o que aceita, nem o que recebe. E ſe o demonio ſe regulàra por eſte ceremonial do offerecer; elle era o que havia de adorar, quando offerecia. Havia de inclinarſe diante de quem eſperava o que pedia, apontando juntamente para o que lhe dava: *Hæc omnia tibi dabo.* E não deixarſe eſtar muito immovel; & querer que Chriſto foſſe o q

ſe

se dobrasse: *Si cadens adoraveris.* Então he q as dadivas *placant homines, deosque*; quando as divindades do mũdo se vem adoradas, rogadas, & offertadas. Não condenemos porèm de todo ao demonio; ainda nos ha de parecer hũa figura muito viva do tomar sem recolher. Posto que elle não soube dar para receber; porque havia de ajoelhar diante daquelle, a quem chegava a offertar; ainda acertou com os modos daquelle, q̃ se mostra por fóra muito inteiro, & muito recto, como quem se não abate para tomar; & por dentro està todo inclinado a aceitar. No mesmo tempo vendo-se todo penha, sem se torcer: & obedecendo aos toques da dadiva, que o póde quebrantar, ou faz render. E não saõ estes, quando assim chegão a corresponder ao q̃ lhes dão; os que se comprehendem naquella sentença: *Beatius est magis dare, quàm accipere.* Porque esses na ficçaõ deste seu não receber manifesto, não se escusaõ do tomar occulto. E aquella bemaventurança da sentença allegada: *beatius*: de algum modo os suppõem bemaventurados, ainda quando aos que lhes dão, se inclinão rendidos. Se saõ mais bemaventurados os que dãõ: *Beatius est dare*: naõ deixaõ de o parecer os que recebem: o comparativo: *mais,* Act. 20. 35.

mais, não exclue no comparado o *menos*. Mas nem aſſim ſe pódem gloriar eſtes da bẽaventurança do não tomar: não ſaõ elles dos bemaventurados, q̃ não recolhem. Como certamente recebẽ o que lhes dão, poſto q̃ em ſegredo; não gozão a bemaventurança dos bens temporaes, de que aqui fallamos, & dos quaes ſe entende a ſentença referida. Os bemaventurados (ainda de taes bens) ſaõ os que de nenhum modo os tomão: os que na manifeſta limpeza de mãos tem eſte dote da claridade. E não os que as tem dotadas de tal ſubtileza, q̃ no meſmo tempo, em que ſe vem encolhidas, eſtão ellas recolhendo. Eſtas dependencias desluſtrão aquella bemaventurança: ſaõ ſinaes *egeſtatis*, diz Santo Agoſtinho: & tambem *penuriæ*, como diz Caſſiano. Nem cuidem os que daõ aos q̃ tomão, que por iſſo ſaõ elles os bemaventurados, ainda que os outros o não ſejão: *Beatius eſt dare*. Se elles não offertaſſem, nem deſſem jà depois de rendidos ao que intereſſaõ, gozariaõ a bemaventurãça da liberalidade parecida com a de Deos: *Dare eſt divinum: Beatitudinis eſt dare*. Porèm como elles dão dependendo, & ajoelhando: & o ſeu dar he neceſſitar; nem a huns, nem a outros ca-

S. Aug. lib. 3. contra Maxim. cap. 14. Caſſian. lib. 10. de inſt. renunr. cap. 18. & 19.

Corn. hîc.

noniza a ſentença: *Beatius eſt dare, quàm accipere.*

Doutrina.

§. XII.

27 TAntos Meſtres tem a q̃ he boa, como a que o naõ he: & ſaõ mais os diſcipulos deſta, que da outra: mais os da eſcola da mà doutrina, q̃ da boa. Jà ſabemos, q̃ não he de todo nova eſta verdade: mas porque tambem a poderemos ſuppor eſquecida, poremos a novidade na ſua lembrança. Os Meſtres pois da boa doutrina, ſaõ o Prégador, o Cõſelheiro, o Exemplo, o Livro, & a Pintura. E eſtes meſmos ſaõ os Meſtres da mà doutrina: & por ſerem eſtes os que tambem ſaõ os Meſtres da boa, he por iſſo a ſua doutrina peyor. Mais nocivo he o veneno occulto na medicina certa, que na cõtingente: mais o que póde trazer a agua clara, que a turva: & por iſſo mais prejudicial a doutrina mà do Meſtre, que parece bom. O Prégador, quando préga a verdade, he Meſtre da boa doutrina: & não, quando préga a mentira. O Conſelheiro, quando aconſelha o bem, he Meſtre da boa doutrina: & não, quando acõſelha o mal. O exemplo, quando perſuade a virtude, he Meſtre da boa doutrina:

na: & não, quãdo perſuade o vicio. O Livro, quando alenta ao eſpirito, he Meſtre da boa doutrina: & não, quãdo dà forças à carne. A Pintura, quando excita a devação, he Meſtre da boa doutrina: & não, quando repreſenta a profanidade. E para ſe ver, quanto ſeja diminuto o numero dos diſcipulos, quando ſaõ bons os Meſtres: & crecido, quando o não ſaõ; he eſcuſada mais prova, que a da viſta: ou ſeja a noſſa agora preſente; ou a de outros, jà paſſada. Vamos nòs diſto meſmo fazẽdo doutrina; & vão attendendo todos ao q̃ nella dizemos; & no meſmo tempo a vão amando todos. Quem a não ama, naõ a ouça: ou quem a vier ouvir, primeiro a ha de amar. *Ingrediatur ad doctrinam cor tuum; & aures tuæ ad verba ſcientiæ*, diz o Eſpirito Santo: o amor diante: *cor tuum*: & depois a attençaõ: *aures tuæ*. No meſmo tempo, em que a doutrina ſahe pela boca, & vay pelos ouvidos ao coraçaõ; vaõ ouvir a doutrina o coraçaõ, & mais os ouvidos. Aſſim como dos que a enſinaõ ſe diz, q̃ a vaõ fazer; tambem ſe diz, que vaõ a ella, os que a querem ouvir. Na vinda porèm da doutrina para os ouvidos, & para o coração, os primeiros ouvintes ſaõ os ouvidos: *aures ad verba*. E na ida do Prov. 23 12.

coraçaõ, & dos ouvidos para a doutrina, ha de ſer o primeiro ouvinte o coraçaõ: primeiro o que ama: *cor ad doctrinam.* E agora, que ſe naõ ouvem vozes, porque as deſta eſcritura ſaõ mudas; os corações, que ſó entendem eſtas vozes, & amaõ o que ellas dizẽ, ſaõ ſó os ouvintes deſta doutrina: *Ingrediatur cor ad doctrinam.*

Doutrina do Prégador.

§. XIII.

28 ATtendendo pois à verdade do primeiro Meſtre, que he o Prégador; advertimos logo, que para o Prégador ſer verdadeiro Meſtre, naõ baſta, [illegible] os ſeus ouvintes o digaõ; he neceſſario, que elle o ſeja. Aſſim o inferimos nòs do que diſſe Chriſto o mayor Prégador, & o melhor Meſtre do mundo, quando os ſeus diſcipulos o nomeavaõ ſeu Meſtre: *Vos vocatis me Magiſter: & benè dicitis: ſum etenim.* Se me chamais Meſtre, & niſſo vos naõ enganais; naõ ſou Meſtre ſó, porque vòs o dizeis: *dicitis*; ſou Meſtre, porque eu o ſou: *ſum etenim.* E porque eu o ſou, por iſſo vòs dizeis bem: *benè dicitis.* Grande couſa fora, ſe todo o Prégador, que ſe chama Meſtre, foſſe taõ verdadeiro na ſua doutrina; que a concluſão de elle ſer Meſtre Joan. 13. 13.

Meſtre de verdade ſe tiraſſe do bem, que dizem delle : *benè dicitis.* E a concluſaõ de elles dizerem bem, ſe inferiſſe de elle ſer o que dizem : *ſum etenim.* Fora taõ grande couſa, que ſeria hũa imitaçaõ da doutrina de Chriſto, a doutrina deſte Prégador. Chriſto naõ ſó era verdadeiro Meſtre, porque enſinava doutrina verdadeira ; mas tambem, porque elle era a meſma verdade, que enſinava: *Ego ſum veritas.* E o meſmo ſe diria daquelle Prégador, que foſſe Meſtre de boa doutrina, porque os ouvintes o diziaõ, & porque elle o era. Eſte tal Prégador, & tal Meſtre como eſte, bem ſe podia chamar a meſma verdade. Naõ a ſumma ; porque eſta he ſó de Deos : mas no genero da verdade, a meſma q̃ a de Deos. Prégue eſte Prégador a verdade, como a prégou Chriſto : ſeja elle, como era Chriſto, Prégador inteiro, & naõ meyo Prégador ; (aquelle, q̃ ſó prega para ſer ouvido, & naõ para converter aos ouvintes) & naõ duvidaremos dizer, q̃ elle he a meſma verdade, que prega. Que ſe poſſaõ dizer meyos, & naõ inteiros Prégadores : & meyos Meſtres, & naõ inteiros, os que aſſim prégaõ ; he conſideraçaõ fundada no que diſſe David, & cõfirmada com hũ Texto dos Euangelhos.

Joan. 14. 6.

Pſ.11.2. David dizia: *Diminutæ ſunt veritates a filiis hominum:* ha homens que naõ fallaõ a verdade inteira. No Euangelho de S. Joaõ lemos: Joan. 1. 17. *Gratia, & veritas per Jeſum Chriſtum facta eſt:* Chriſto enſinou a verdade, & ſantificou com a graça aos que enſinou. De hũa, & outra eſcritura ſe colhe o que temos dito. A verdade inteira he a que encaminha para os effeitos da graça: & os effeitos da graça ſaõ o termo, para onde guia a verdade inteira. Por iſſo hũa, & outra couſa *Per Chriſtum facta eſt:* aſſim como ſe chamou verdade: *Ego ſum veritas*: tambem ſe chamou caminho: Idem 14.6. *& via.* A ſua doutrina era inteiramente verdadeira: era enſino para a ſantidade: *veritas, & gratia:* enſinava, & encaminhava: *veritas, & via.* E o Prégador, ou o Meſtre, que diminue a verdade da doutrina: que ſó a diz, & a naõ faz: que ſó he declamador da verdade, & naõ guia dos ouvintes, eſtes naõ ſaõ inteiros Prégadores, nẽ Meſtres inteiros; porque as ſuas verdades tãbem naõ ſaõ inteiras: *diminutæ ſunt.* Quaes forem elles, taes ficaráõ ſendo os ſeus ouvintes: ouviráõ eſtes enſinar os preceitos da ley de Deos, ouviráõ perſuadir o exercicio das virtudes, ouviráõ deſcrever a fealdade dos peccados: mas de tudo

tudo o que ouvirem, tomarão só ametade; porque tambem de tudo isto só ametade tinhão os que o dizião. Porque a observancia dos preceitos era só dita, & não guardada; persuadião-se as virtudes, & naõ se exercitavão: afeavaõ-se os peccados, & não se fugiaõ. E finalmente, porque as verdades estavaõ diminutas nos que as dizião, naõ se achavaõ inteiras nos que as ouviaõ: *Diminutæ veritates à filiis hominum.* Pergunta aqui Santo Agostinho, como se mostrou a verdade por Christo: *Quomodo exhibita est veritas?* E responde: *Quia factum est, quod promissũ est*: Porque se comprio o prometido. *Ipsa lex, cùm impleta est per Christũ, gratia, & veritas facta est.* E se nòs fizermos agora a mesma pergũta por diverso termo: *Quomodò non exhibita est veritas?* bem responderemos, se dissermos: *Quia factum non est, quod dictum est*: porque a verdade só soy dita, & não feita: soy meya verdade, & não verdade inteira: *Diminuta veritas à filiis hominum.*

S. Aug. lib. 17. contra Faust.

Doutrina do Cõselheiro.

§. XIV.

29 DO outro Mestre, que he o Conselheiro, havemos de advertir, q̃ os seus discipulos não saõ só os que lhe ouvem os

conſelhos: porque eſſes ſaõ os aconſelhados. São principalmẽte aquelles, a quem os Conſelheiros enſinão a aconſelhar. Aſſim como os diſcipulos da Medicina, não ſão os q̃ ella cura: ſaõ os que os Meſtres deſta ciencia enſinão a curar. E ſe he grande o mal, que o mao Conſelheiro faz aos ſeus aconſelhados; não he inferior o q̃ faz aos ſeus enſinados: aos q̃ lhe tomão a lição de Cõſelheiros. Suppoſta pois eſta verdade, dizemos, q̃ aquella regra, ou ſentẽça: *Non eſt diſcipulus ſuper Magiſtrũ*, não tẽ ſẽpre lugar neſta eſcola, onde os Meſtres maos Conſelheiros enſinão a dar maos conſelhos: porque os diſcipulos de ſua doutrina pódem muitas vezes ſer peyores que os ſeus Meſtres. O melhor Meſtre em todos os geraes de ciẽcias, & principalmente da Aſcetica, he aquelle, q̃ mais enſina obrando, que dizendo: o que faz o que enſina, & naõ o que ſó enſina como ſe faz. E ſendo o meſmo demonio o que deo a Heva a primeira lição, & o primeiro conſelho para fazer mal; Heva a tomou melhor, do que o demonio lha deo. O demonio ſó lhe enſinou, & aconſelhou a ſer divindade: *Eritis ſicut dii*, ſe comeſſe do fruto prohibido. E eſta lição, ainda que o demonio fallava ſó com Heva, tambem era para Adam:

Matth. 10.24.

Gen. 3. 5. & deinceps.

Adam: *Eritis ſicut dii*: ambos ſereis deoſes, fazendo vòs o que eu vos aconſelho. E chamo liçaõ a eſte conſelho do demonio; porq̃ aſſim a chamou jà S. Bernardo: *Adam guſtavit in malum ſuum de ligno vetito, edoctus ab eo, qui ſuggerendo ait: quare præcepit, &c.* A doçura deſte bocado, dizia o demonio, he fazer deoſes aos que o comem; & iſto he o q̃ Deos naõ quer q̃ vòs ſejais: *Scit Deus, quòd in quocumque die comederitis ex eo, eritis ſicut dii*; naõ he, porque comendo eſte fruto, morrais vòs logo, & mais Adam: *Nequaquam morte moriemini.* E naõ paſſou o demonio deſte mao conſelho, para os fazer deoſes: ſó os enſinou, como poderiaõ ſer divindades: *Edoctus ab eo, qui ſuggerendo, &c.* Porèm Heva, quando voltou a Adam, melhor (ou peyor) o aconſelhou a elle, do que o demonio a tinha aconſelhado. Naõ lhe diſſe, como ſe faria Deos; fez logo tudo o que o demonio lhe havia dito para o ſer. Tomou o pomo: *tulit*, comeo delle: *cõêdit*, & o deu a comer a Adam: *dedit viro ſuo, qui comêdit.* Sendo tão grande Meſtre deſta maldade o demonio; Heva a ſua diſcipula, foy mayor meſtra que elle. O demonio ſó diſſe: *In quocumque die cõederitis, &c.* E Heva logo poz tudo por obra:

S. Bern. lib. de vita ſolitar.

bra: *tulit: comêdit, &c.*

30 Iſto que o demonio fez enganando, ſendo o peyor Conſelheiro do mundo; fazem tambem os bons Conſelheiros, mas não enganando, como elle; tambem quando aconſelhão o exercicio das virtudes, encaminhaõ a ſer deoſes, & deoſes ficaõ os que ouvem os ſeus conſelhos. A palavra de Deos, qual he todo o bom conſelho, & toda a boa doutrina, he como ſemente: *Semen eſt verbum Dei.* E aſſim como a ſemente da planta produz planta, a ſemente da flor produz flor, & a ſemẽte do fruto produz fruto; a palavra de Deos, por ſer tambem ſemente, produz ſemelhanças de Deos: & o que a ouve, fica *ſicut Deus.* A terra, q̃ abraça o bom conſelho, como palavra de Deos, & tãbem como ſemente, ha de produzir o que ſe contèm na virtude da ſemente, & na ſantidade da palavra. E aindaque, para eſte argumento concluir, baſtava ſó a razão, em q̃ elle ſe funda: baſtava a ſemelhança que tem a palavra de Deos, em quanto ſemente, para produzir ſemelhantes a Deos, aſſim como as mais ſementes produzem os ſemelhantes de tudo o que ſaõ ſementes. Temos outra demonſtraçaõ, da qual Chriſto he o Author, & tambem prova o q̃ nòs jà temos provado.

Luc. 8. 11.

Quan-

Quando Chriſto quiz moſtrar, que elle era Deos em occaſiaõ, que o naõ criaõ muitos, tomou por meyo a ſua palavra, como operativa de deoſes do meſmo modo, que nòs aqui a conſideramos. Allegou o Pſalmo de David, onde ſe vem os homens feitos deoſes, porque Deos o diſſe: Pſ.81.6 *Ego dixi: Dii eſtis.* E deduzindo deſte texto o ſeu argumento, provou que elle era Deos, por ſer Filho de quem ſó com a ſua palavra fazia Deoſes. Joan.10 35. *Si illos dixit Deos, ad quos ſermo Dei factus eſt*: Se Deos faz Deoſes ſó com a ſua palavra: eu, que ſou ſeu Filho mandado por elle Ibid.36. ao mundo: *Quem Pater ſanctificavit, & miſit in mundum;* naõ ſou Deos? *Vos dicitis: quia blaſphemas: quia dixi, Filius Dei ſum?* Eſte foy entaõ o argumento de Chriſto; & agora com Santo Agoſtinho, & Beda, he o noſſo argumento. *Si illos dixit Deos, ad quos ſermo Dei factus eſt; quantò magis ego, qui non ſermonis Dei particeps, ſed ipſe Dei ſermo ſũ.* Naõ ſe póde negar, que ſou Deos; pois ſou a ſua meſma palavra, q̃ faz Deoſes: *Ego dixi: Dii eſtis.* Deſte modo obraõ as palavras do bom, & do mao Conſelheiro, ainda quando hũas, & mais outras ſaõ conſelhos, que encaminhaõ para Deos. As do mao Conſelheiro, como foraõ

S. Aug. Beda, apud Corn. hic.

raõ no Paraiſo as do demonio, levaõ para o demonio no meſmo tempo, em que guiaõ para Deos: *Eritis ſicut dii.* Condenàraõſe os ſeus primeiros aconſelhados; & nòs todos fomos nelles condenados; porque o Conſelheiro, que os encaminhava a ſerem ſemelhantes a Deos, os diſpunha a ficarem pelo peccado a elle ſemelhantes. Aſſim como no Juſto ſe imprime a imagem de Deos: *Dei inciditur imago*; no peccador ſe introduz a do demonio: *Hanc peccatum delet, & radit, ut dæmonij effigies inducatur.* E as palavras do bom Conſelheiro, parecidas cõ as de Deos, guiaõ para elle; porq̃ a virtude [illegible]iva, que tem de myſterioſa ſemente, faz Deoſes aos que as ouvem: *Beati, qui audiunt verbum Dei.* Entra no coraçaõ de hum deſtes o bom conſelho; ou ſeja para elle aconſelhar a outros, ou para ſer elle o aconſelhado; & cada hum delles fica ſendo hum como Deos: *Illos dixit Deos, ad quos ſermo Dei factus eſt.* Se David conſideraſſe a differença dos bons, & maos Conſelheiros, vendo aos bons por meyo da palavra de Deos, fazer Deoſes por ſemelhança; & aos maos com as palavras enganadoras do demonio por meyo do peccado fazer ſeus ſemelhantes; praguejaria tam-

Luc. 11. 28.

Guevar. in Matt. cap 1. obſerv. 12 n 17. pag. 905 ex Tert. & Orig.

tambem ſ[illegible]es, aſſim como praguejou aos fabricadores das imagens idolatradas, quando advertio na differença dos cultores de Deos, & da idolatria. Pſ. 134. 18. Tambem diria: *Similes illis fiant, qui faciunt ea.* Jà que eſtes Conſelheiros fazẽ aos ſeus aconſelhados ſemelhãtes ao demonio; quaes ficaõ eſtes aconſelhados, taes ſejaõ aquelles Conſelheiros: *Similes illis fiant.* E ſe eſtas pragas cahiſſem ſobre os taes praguejados; ſobre aquelles fabricadores, & ſobre eſtes Conſelheiros; ſeriaõ eſtes mais terrivelmẽte caſtigados, que aquelles. Os fabricãtes das imagens idolatradas, ſendo a ellas ſemelhantes, ſó ficariaõ ſemelhantes a hũas eſtatuas mortas: *Simulacra gentium argentum & aurum, opera manuum hominum.* Ibid 15. E os authores de maos conſelhos, fazendo aos ſeus aconſelhados ſemelhantes ao demonio, os fariaõ imagens vivas a ſi ſemelhantes: *ſimiles ſibi*; porq̃ tambem elles pelo ſeu peccado ficavaõ ſemelhãtes aos demonios: *Similes illis, qui faciunt ea.*

Doutrina do Exẽplo.

§. XV.

31 O Exemplo, q̃ dizemos ſer tambem Meſtre da boa doutrina, ha de conſiderarſe diſtincto do Exemplar: aſſim como pode-

podemos conſiderar a virtude diſtincta do virtuoſo. E para fazermos eſta preciſaõ, nos dà fundamento S. Pedro em hũa ſua Epiſtola, onde vemos a Chriſto Exemplar divino deixarnos o ſeu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut ſequamini veſtigia ejus*: & tambem nos confirma eſte penſamento o Euangelho de S. João, quando nelle nos diz o meſmo Senhor: *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita & vos faciatis*. Neſtas duas eſcrituras temos o exẽplo de Chriſto deixado, & dado; & por conſequencia o temos tambem diſtincto, repreſẽtando-ſe em hum conceito o Exemplar, & em outro o Exemplo: o Exemplar auſente, & o Exemplo preſente. Onde eſtà eſte exemplo: de que modo eſtà: & o que faz onde eſtà; he o que agora entramos a dizer, diſcorrendo a doutrina, q̃ elle nos dà. O exemplo q̃ Chriſto nos deixou, & deo (& o meſmo ſe ha de entender dos mais exemplos deixados, & dados pelos ſeus Exẽplares) eſtà em quem o toma; & naquelle a quem ſe deixa. Eſtà no que o ſegue: *Relinquẽs exemplum, ut ſequamini*: & no que o quer imitar: *Exemplum dedi, ut faciatis*. Só eſtes o tem, & ſó nelles eſtà: como ſe vio nos dous crucificados junto a Chriſto

1. Petr. 2. 21.

Joan 13 15.

Chriſto no Calvario. Era entaõ o tempo, & occaſiaõ de diſpor de ſeus bẽs o divino Teſtador, pois era a hora em que morria; & ſó hum, & naõ o outro, quiz ſer lembrado no ſeu teſtamento: *Memento mei*; & deſejou herdar algum dos bens da ſua Coroa: *Dum veneris in Regnum tuũ.* O outro porèm, que naõ quiz ſer legatario, nem deſejou ſer herdeiro, naõ ficou nomeado no teſtamento: naõ ouvio dizer: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Cõſidero na morte de Chriſto eſta celebridade de teſtamento; porque jà S. Fulgencio a contemplou: *Chriſti teſtamentum calamo Crucis conſcriptũ:*

Luc. 23. 42.

Ibid. 43.

S. Fulg. Ser. 60.

vendo a Chriſto, como nota Euſebio Emiſſeno, deixar a hũ dos dous ladrões herdado, & deſherdado outro: *Hunc deputat Regno, illũ relinquit inferno.* Eſta meſma diverſidade de ſortes, q̃ ambos tiveraõ, em ſer hũ, & naõ o outro, herdeiro daquelle ſũmo bem; foy tãbem a de ſe achar ſó em Dimas, & naõ em Geſtas a imitaçaõ do raro exemplo da paciencia de Chriſto, outro bem tambem grande. Porque Dimas quiz ſer herdeiro daquelle bem, veyo a acharſe na poſſe delle: *Eris in Paradiſo.* Naõ porèm Geſtas, q̃ ſó queria verſe livre do ſeu tormento: *Si tu es Chriſtus, ſalvũ fac tetemipſũ, & nos.* E tãbẽ, por q̃

Ibid. 39.

porq̃ Dimas imitou a paciencia de Chriſto, confeſſando ſer juſto o ſeu caſtigo; ſó nelle eſteve, & ſó elle tomou aquelle exemplo, que entaõ Chriſto nos dava, & deixava, quando morria: *Nos juſtè, nam digna factis recipimus.* Ibid. 41 Naõ aſſim Geſtas: naõ eſteve nelle, nem elle tomou o meſmo exẽplo, que a elle o dava, & tambem o deixava Chriſto; porque impaciente, & ſem ſofrimento o blasfemava: *Blaſphemabat eum.* Ibid. 39 E eis=aqui onde eſtão os bons exemplos, que ſe daõ, & ſe deixaõ: eſtaõ naquelle que os toma, ou porque os ſegue: *Exemplum ut ſequamini*, ou porque os imita: *exemplum ut faciatis.*

32 O [illegible] como elles eſtaõ, he maravilhoſo: he por hũa ſemelhança da aſſiſtencia de Chriſto no Sacramento. Nos exemplos ſe deixaõ como ſacramentados os Exemplares; porque nelles eſtaõ como eſcondidos, & occultos. E aquelles que tomaõ os exemplos depois de deixados, & dados, obrão, como ſe obraſſẽ os ſeus Exemplares auſentes; porque os tem em ſi preſentes. Naõ por preſença real, como eſtà Chriſto no Sacramento; mas por hũa moral preſença com ſemelhanças da real. Por iſſo, quando ſeguimos a hum deſtes exemplos (ſupponhamos hũ exẽplo de Chriſto) fa-

fazemos: e que elle nos manda, que façamos, quando o ſacramentamos: tãbem obramos
Luc. 22. 19. *in ejus commemorationẽ.* Lembramo-nos do Exemplar: & como ſe elle meſmo obraſſe, obra em nòs o ſeu exemplo. E bem poderemos entender, que elle meſmo nos approva eſta conſideraçaõ; pois nos faz crer, que a eſmola, que fazemos ao pobre, a fazemos a elle, porque ſe deixou repreſẽtado no pobre: *Quidquid illis feciſtis, mihi feciſtis.* Tambem eſta ſua preſença no pobre naõ he real: porque no pobre naõ eſtà Chriſto reproduzido, como eſtà no Sacramento: eſtà ſó moralmente repreſentado; como nòs dizemos, que eſtà no exemplo. E que vem a fazer aquelle, q̃ depois de ter em ſi eſte exemplo, o deſpreza no que faz? Que vem a fazer o que depois de ſeguir a Chriſto no ſeu exemplo deixado; & depois de o querer imitar no ſeu exemplo dado, deixa de o ſeguir, & deixa de o imitar? Faz o que faz o outro, que recebe a Chriſto no Sacramẽto, & depois o offende: tambem elle o aggrava no ſeu exemplo, aſſim como eſte o aggrava no Sacramento. Se eſtes ſaõ irreverentes do Sacramento; aquelles o ſaõ do exemplo: huns na ſua preſença real, & outros na moral. E aos que o aggravaõ na preſença

Matth. 25. 40.

moral do ſeu exemplo, bem podemos ſuppor que diz : aſſim como entendemos , que eſtà dizendo aos que o offendem na ſua preſença repreſentada nos pobres: todo o deſprezo do meu exemplo,& do pobre : *quidquid iſtis facitis* ; tambem a mim o fazeis : *mihi facitis*. Eſte he o modo, com q̃ o exemplo eſtà nos que o tomaõ , & o ſeguem, quando ſe dà, ou ſe deixa. E o q̃ faz eſtando nelles , he enſinar a ſeguir, & a imitar : *Exemplum relinquens , ut ſequamini : exemplum dedi, ut faciatis*. Iſto fazem todos os bons exemplos : tambem enſinaõ,como enſinavaõ os ſeus Exemplares. Dizẽdo Chriſto aos ſeus diſcipulos , a quem deixava o ſeu exemplo , que fizeſſem o que elle fazia : *Quemadmodum ego feci , ita & vos faciatis* : quiz dizerlhes,que enſinaſſẽ a todos, aſſim como elle os tinha enſinado: *Euntes , docete omnes ſervare omnia, quæcumque mãdavi vobis*. Matth. 28.19. & 20. Vòs, a quem deixo o meu exemplo, enſinai o que eu voſſo Exemplar vos tenho enſinado. E advertì , que eu ſempre hey de eſtar com-voſco : *& ego vobiſcũ ſum omnibus diebus*. Ibid. No Sacramento(explicamos, & accõmodamos nòs) com preſença real : & no exemplo com a moral. Taõ Meſtre, em quanto eſtou no meu Sacramento, como no meu

meu exemplo. No Sacramento, enſinando eu meſmo, que ſou o Exemplar: & em vòs, que ſois os meus diſcipulos, enſinãdo o meu exẽplo. Para iſſo eſtou, & eſtarey comvoſco todos os dias: *omnibus diebus uſque ad conſummationem ſæculi.*

33 Reſta o enſino dos maos exemplos: & com dizermos, que em tudo ſaõ o contrario dos bons; fica logo entendido o dãno, que fazem Meſtres taõ maos. Tambem os ſeus Exemplares deixaõ os exemplos, para ſe ſeguirem; & os daõ, para ſe tomarem. Tambem os ſeus exemplos eſtaõ naquelles a quem os deixaõ; & nos que prõptamente os tomaõ. Tambem eſtaõ por ſeu modo ſacramentados; os Exemplares auſentes, & os exẽplos preſentes. E tambem onde eſtaõ, enſinaõ; & em quanto houver mundo, tem quem lhes tome as lições. Como tãta efficacia tem os bõs exemplos, como tem os maos; & eſtes algũas vezes mais, quando ſaõ maos, parecendo bons; por iſſo os ſeus Magiſterios ſaõ na ſemelhança taõ correſpondidos. Deixaõſe os maos exemplos, para ſe ſeguirem; & ſaõ ſeguidos, como ſe deixaõ. Porque o Exemplar que o deixou, errava o caminho do ſeu bem; o ſeu exemplo deixado tambem fez errar o caminho a quẽ

o ſeguio. Ambos ſaõ aquelles cegos da Parabola do Euangelho: o que ſegue, & o que he ſeguido, ambos cahem no caminho, que levaõ: *Si cæcus cæco ducatum præſtet, ambo in foveam cadunt.* Matth. 15.14. Tomo eſta ſemelhãça dos dous cegos, para a accommodar ao Exemplar, & ao que ſegue o ſeu exemplo; porq̃ tanto a hum lhe falta a luz para encaminhar bem; como ao outro, para ſer bem encaminhado: ao Exemplar, porque ſó ama a ſua cegueira; & ao que lhe ſegue o exemplo, porq̃ ſó ama a ſua. Como ambos obraõ mal, cada hum delles naõ póde ver a luz: *Qui malè agit, odit lucem.* Joan. 3. 20. E eſta força de ſeguir o mao exemplo ao Exemplar, que o deixou, naõ leva comſigo fazendo que ſe negue a ſi o que vay levado: naõ neceſſita daquella condiçaõ: *Abneget ſemetipſum, ut ſequatur:* Matth. 16.24. antes, quem houver de ſeguir o mao exemplo, naõ ſe ha de negar. Naõ lhe ha de cuſtar tanto aquelle ſeguimento, que lhe faça amargoſa a parte, q̃ lhe offerece de ſuave, chamandolhe jugo. No attractivo do mao exemplo, naõ ha, nem ſe falla em *jugum meũ.* Matth. 11. 30. Tomaõ-ſe tambem os maos exemplos, quando ſe dão; & ainda ſem ſe perſuadirem, para ſe tomarem. O primeiro mao exẽplo de

de matar hum irmaõ a outro, foy o que deo Caim: & ſem elle querer perſuadir eſte exemplo, temeo, que houveſſe quem o tomaſſe: *Omnis, qui invenerit me, occîdet me.* Temendo que o mataſſem, naõ queria ter dado o exemplo de matar. E ainda S. Ambroſio diſcorre mais ſobre eſte exemplo: diz, que ſem haver entaõ de quem Caim ſe temeſſe, naõ tinha elle fundamento para temer que o mataſſem: *A quo timebat occidi, qui ſolos parentes habebat in terris?* Mas por iſſo meſmo temia, podemos nòs reſponder: porque ſem elle dar aquelle exemplo para matar: nem haver quẽ o tomaſſe, porque nẽ Adam, nem Heva o haviaõ de tomar; baſtava ſer mao exemplo, para ſe temer como tomado, naõ ſẽdo elle, para matar, entaõ dado: *Omnis, qui invenerit me, occîdet me.* E ainda mais que iſto, he poſſivel tomarſe o mao exemplo, quãdo ſe naõ dà: baſta naõ ſe tomar o bom, para o mao ficar tomado: para ſer mao exemplar, quem naõ tomou o bom exemplo. Baſtou q̃ aquelle acredor do que lhe devião a elle, naõ tomaſſe o bom exemplo de ſe lhe ter perdoado o que elle devia; para ſer condenado por mao Exemplar. Se eu te perdoey toda a minha divida, lhe diſſe o ſeu acre-

Cen. 4. 14.

S. Amb. lib. 2. de Cain & Abel.

Matth. 18. 32. acredor: *Omne debitũ dimiſi tibi*: aſſim como eu me compadeci de ti meu devedor, naõ eras obrigado a te compadecer do teu: *Nonne ergo oportuit & te miſereri conſervi tui, ſicut & ego tui miſertus ſũ?* Pois quem naõ toma eſte bom exemplo, q̃ eu lhe eſtou dando, ſeja caſtigado por tomar o ſeu cõtrario, que lhe naõ dou: *Iratus dominus ejus tradidit eum tortoribus, &c.* Eſtas ſaõ as razões, porque dizemos, que os maos exemplos eſtaõ nos q̃ os tomaõ, & naquelles a quem ſe deixaõ. E q̃ neſtes eſtejaõ por ſeu modo ſacramental, & tambem enſinando, onde eſtaõ; não ſe poderà duvidar no ſentido em que imos diſcorrẽdo. Sacramento, he o meſmo, que ſegredo: & eſte nas cauſas naturaes ſe chama qualidade occulta. E he tão occulta, & taõ ſecreta a attracçaõ de hũ mao exemplo, que traz a ſi ſem o ſentirem os que por elle vaõ levados: & o ſeu enſino he tão diſarçado, que ſem elle ſer ouvido, tẽ diſcipulos ouvintes. O ſegredo, com que o mao exemplo attrahe, mais eſtà no attrahido, do que nelle: mais no que ſe deixa levar do mao exemplo, do que no mao exemplo, que o leva. Aſſim o devemos entender daquella ſentença do Apoſtolo Sãtiago: *Unuſquiſque tentatur a concupiſcentia ſua* Ibi l. 33. Ibi l. 34. Jac. 1. 14.

ſua abſtractus, & illectus. Do interior do meſmo tentado, & naõ do exterior do exemplo, que he o tentador, vem a força attractiva da tentaçaõ: o tentado pelo mao exemplo, he o que por ſi meſmo vay para elle: *à concupiſcentia ſua abſtractus.* E eſte he o ſegredo occulto (& por iſſo he o modo de ſacramẽto) com que o exemplo, parecendo que elle he o que leva comſigo a quem o ſegue; eſte he, o que pela ſua meſma inclinaçaõ ſe deixa levar, & ir para o exemplo *à concupiſcentia ſua illectus.* Semelhante he tambem ao ſegredo da attracção do exemplo, o ſegredo do ſeu enſino: tambem parecendo, que como Meſtre dà as ſuas liçõeſ aos ouvidos; os olhos ſaõ os que as ouvem: mais nos olhos, do que no exemplo, eſtà o enſino deſte Meſtre. E eſta he a razaõ, porque Chriſto manda tirar os olhos, quãdo os cega algum eſcandalo, que he o meſmo que algum mao exemplo: naõ condena ao eſcandalo, ſenaõ ao eſcãdalizado. Naõ diz, que ſe tire o mao exemplo, onde parece eſtar o enſino da ſua imitaçaõ: diz, que ſe tirẽ os olhos, que ſaõ os q̃ de ſua natureza lhe vaõ a tomar as liçõeſ: *Si oculus ſcandalizat, erue eum.* Como o mao exemplo naõ falla aos ouvidos, ſenaõ aos olhos; Matth. 18. 9.

lhos; elles ſaõ os diſcipulos daquelle Meſtre: & não tanto em tirar o Meſtre, como em retirar os diſcipulos, conſiſte o remedio deſte mao enſino: *Erue eum.*

Doutrina do Livro.

§. XVI.

34 NAõ he o Livro menos Meſtre, que o Exemplo: antes por enſinar com letras, he mais propriamente Meſtre, & a ſua doutrina mais authorizada. Iſto ſe entende, ſendo a doutrina boa, & o Livro, que a enſina, eſpiritual: & naõ ſendo profano o Livro, & a doutrina tal como elle. A differença que ha entre a doutrina do Exemplo, & a do Livro (ainda q̃ tanto attrahe hũa, como a outra) he, que a do Exemplo entra pelos olhos abertos; & a do Livro pelos ouvidos fechados. Como eſte Meſtre he mudo, naõ ſe dà a ouvir por vozes articuladas, baſtão ſó as eſcritas. Ambos ſaõ eſpelhos, em que ſe vẽ os que ſe chegaõ para o Exemplo, & chegaõ para ſi o Livro. Mas os que ſe vem no eſpelho do bom exemplo, logo ſe eſquecem do que devem ſer, ſe aquelle eſpelho os accuſa do que ſaõ. He doutrina do Apoſtolo Sãtiago fallando do que ſe vio ao eſpelho, & naõ ſe lembrou mais do que em ſi vio:

Jac. 1. 24. vio : *Conſideravit ſe, & abiit, & ſtatim oblitus eſt qualis fuerit.* E naõ he iſto o que ſuccede aos que ſe vem ao eſpelho do bom Livro: ainda depois delle fechado, eſtà lembrando a quem o leo, o q̃ deve fazer, depois de o ter lido. Como a ſua liçaõ para ſer ouvida, naõ neceſſita nem de vozes pronunciadas, nem de ouvidos abertos; o Livro, que hontem a deo, ainda hoje falla: & ainda hoje o ouve, quẽ o leo hontem. He como o bom habito da virtude; ou como o mao do vicio: o bom, ou o mao acto já paſſáraõ; & o habito mao, ou bom, ſempre ficaõ. Hum, & outro habito ſaõ como reliquias dos ſeus actos: porque tem a ſua meſma virtude, o que he bom; & o ſeu meſmo vicio, o que he mao. E taes ſaõ as liçõens do bom, ou mao Livro: do eſpiritual, & do profano. Hũa liçaõ he reliquia da virtude; porq̃ ſempre a eſtà lẽbrando: aſſim como conſiderou David a lẽbrança dos louvores de Deos, quando diſſe: *Reliquiæ cogitationis diẽ feſtum agent tibi.* Falla dos Bemaventurados, & diz, que ainda hoje ſe lembraõ de louvar a Deos no Ceo, aſſim como o louvàraõ na terra. *Reliquiæ cogitationum,* (commenta Bellarmino) *ideſt, perpetua memoria, quam in ipſis relinquet cogitatio, in æter-*

Pſalm. 75. 11.

Bellarmin. hic

æternum tibi cantabit, & jubilabit. Outra liçaõ he reliquia do peccado; aſſim como ſaõ as ſuas diſpoſições na conſideração de Santo Thomàs: *Remanent diſpoſitiones ex præcedentibus actibus cauſatæ, quæ dicũtur reliquiæ peccati.* Oh quanto mal tẽ feito eſtas reliquias da liçaõ dos livros profanos! Depois de lidos deixaõ na lembrança dos que os leraõ taõ vivas as ſuas lições, q̃ como ſe foſſem ſementes, fructificão para o demonio. E ſe não, diga-o a perdição de muitos, & (por deſgraça) de mais q̃ muitos, aos quaes as lições da carne abrirão as portas da ſua condenação. E para não trazermos de muito longe exemplos do q̃ diſcorremos da doutrina deſtes livros; melhor, & de mais perto os pódem ver em ſi aquelles, que ainda hoje ſe empregão nas ſuas lições. As ſuas lembranças penetrando o ſeu interior, não prendem nelle, & fructificaõ para ella? Os que ſe recreàraõ lendo o fabuloſo das novellas, o repreſentado das comedias, & o nocivo do que ſe eſcreveo, & do que depois ſe reſpondeo, não ſe achão enganados, enredados, & tentados? Aquelles, q̃ da liçaõ eſpiritual tiraõ as ſuas converſões; ſaõ os q̃ das reliquias, que della trouxerão, & lhes ficáraõ no ſacrario

S. Tho. 3. part. q. 86. art 5.

da

da memoria, *dies festos agunt Deo.* E aquelles, que da lição profana trazem lembrados os estimulos, que os precipitão, saõ os que nos seus corações os adorão, como *reliquiæ peccati.*

35 Digo que estes estimulos os precipitão, & que como a reliquias do peccado os adorão; porque hũa, & outra cousa podemos descobrir naquellas tentações do demonio, quando no deserto quiz elle em hũa, que Christo se precipitasse: *Mitte te deorsum*: & quando em outra quiz que o adorasse: *Si cadens adoraveris me.* Nestas tentações assim o Tentado, como o tentador allegarão o que se lia em diversos livros: hum para tentar, & outro para resistir à tentação. O tẽtador valẽdo-se da boa lição das Escrituras; porque tambem com as lições santas sabe elle armar fortes tentações. E o Tentado rebatendo as suas tentações com as Escrituras de outros livros; porq̃ na lição dos livros sagrados tem certas as mayores resistencias os que são tentados. Querem saber agora os estudiosos de lições profanas, quem he o que nellas lhes falla? He o demonio: & tãbem o faz então, como se os tentasse em deserto; pois lhes falla na solidão, & retiro do apoento, onde as estão lendo:

Matth. 4.6.

Ibid. 9.

lendo: & tão sós elles, & mais o demonio, q̃ nem o demonio se vè, nem o Livro se ouve. E não he o demonio o que os precipita a elles: mas o que diz, que elles mesmos se precipitem: *Mitte te deorsum.* Tentou alli o demonio a Christo, como o livro profano tenta a quem o lè: só dizẽdo, & não obrando. Não te atemorize (supponhão, que lhe diz) o q̃ ahi lès nesse livro: ainda que faças o q̃ leste, não serás logo por isso perdido. Attende ao q̃ te assegura outra lição: Anjos tem Deos, Psal. 90. 11. *Qui in manibus tollent te, ne fortè offendas ad lapidem pedem tuum.* Como poderás perigar, ainda que te deixes cair, se tens quem te dè a mão, *in manibus tollent*: & tu não pódes tropeçar nem com hum pé: *ad lapidem pedem tuum?* Assim persuade o demonio o precipicio: *Mitte te deorsum*: quando parece que o desvia: *In manibus tollent, ne offendas ad lapidem pedẽ.* E no exercicio destas liçoens ainda com singular propriedade, elle mesmo he o Anjo, q̃ sustentando com as suas mãos o livro profano nas mãos do que o lè, *in manibus eum tollit.* Elle he o que elevandolhe, ou arrebatãdolhe as attençoens do espirito com a enganosa suspensão de taes liçoens, subindo então a alma, para cair preci-

precipitada, lhe deixa o corpo ſeguro: *Ne offendas ad lapidem pedem.* Eſta he a queda, ou o precipicio dos elevados neſtas lições por inſtigação do demonio: quanto os eleva na lição, em que os tenta, tanto os vay levando para os fazer cair tentados. E não ſaõ menos execrandas as adorações, que lhe fazem os curioſos deſtes livros: tambem no tempo, em q̃ os lem, o adorão: *Cadunt, eum adorantes*; & depois de lidos venerão as ſuas lições, como reliquias, que lhes ficàrão do peccado de as lerẽ: *Remanent reliquiæ peccati.* Nem ſe eſtranhe a fraſe, com que explicamos eſte abatimento de ſemelhantes adoradores: não he encarecimento livre, chamarmos adoraçaõ à curioſidade deſtas lições. Porque, ſe chega a ſer adorado como Deos o vẽtre dos muito comedores: *Quorũ Deus venter eſt:* os livros, que nòs dizemos os come tambem quẽ os lè (& com mais goſto os profanos) tambem então por ſeu modo ſe adorão. E ainda ſe abatem mais, que a adorar ao demonio, os cultores deſtas adorações: abatemſe tanto, que elle os chega a meter debaixo dos pés, & andar por cima delles: *Incurvare, ut tranſeamus*: he o que tambem lhes diz o demonio por inſtigação ſemelhante

Ad Philip. 3. 19

Iſai. 51. 23.

lhante à outra ſua tentação do deſerto: *Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me*: tãbem neſta, aſſim como na outra, o que o demonio quer, he ver a hũa alma proſtrada, & cõ os bens temporaes abraçada: *incurvare*. E poſto que na conſideração de S. Gregorio, o meſmo he appetecermos nòs eſtes bens, que fazermos em nòs caminho para o demonio: *Nos viam malignis in nobis ſpiritibus damus, cùm terrena concupiſcimus, & ad temporalia appetenda curvamur*: com tudo o ſeu caminho mais proprio, he o que lhe fazemos, quando elle paſſa por cima de nòs, depois de rendidos às noſſas appetencias immundas. E deſtas ſaõ muitas, as q̃ em nòs excitão as lições profanas: he hũa eſtrada de deſordenados appetites o livro deſtas lições. Eſte paſſar torpe do demonio, diz o meſmo grande Gregorio, he o noſſo deſejar inhoneſto: *Eorum tranſire, eſt immunda illa deſideria ſpargere*. Na lição do livro profano vay o demonio excitando os noſſos maos deſejos; & delles lhe imos nòs fazẽdo o caminho: então he, que *curvamur, ut ille tranſeat*. E não he aſſim, quando as lições ſaõ de livros de eſpirito: como então os deſejos ſão dos bens eternos, eſtamos direitos, & não nos incurvamos:

S. Greg. hom 31. in Euag.

S Greg. ibid. mos: *Stat anima, cùm ſuperna deſiderat; & nequaquã flectimur ad ima.* Concluamos por fim eſta doutrina do Livro com a meſma concluſaõ da doutrina de S.Gregorio.Os que agora a ouvîrão,ou lèrão, vejão ſe convèm aos filhos da doutrina Chriſtãa as lições daquelles livros, em que o demonio lhes diz, q̃ ſe precipitem: *Mitte te deorſum.*E nos quaes não ſatisfeito de os deſejar cahidos, ainda os quer ver por elle meſmo pizados: *Incurvare, ut tranſeamus.* Cubraõ o roſto cõ a cortina do mayor pejo, os que tem paſſado o tẽpo neſtas lições,& por iſſo fizerão até agora caminho ao demonio por cima de ſi meſmos. *Pudeat ergo dorſa mentium aſcendentibus adverſarijs præbere.* S. Greg. ibid.

Doutrina da Pintura

§. XVII.

36 O Ultimo deſtes Meſtres da boa, ou da mà doutrina, que he a Pintura, ouvintes tem da ſua Rhetorica, aindaq̃ muda. E accommodamoslhe o exercicio deſta arte; porque a explicação deſte Meſtre he por figuras: nellas falla, nellas repreſenta, & nellas perſuade. Os que olhão para o ſagrado retrato, (ſupponhamos de hum Sãto penitente) & ſe inclinão ao exemplo da ſua

ſua vida, lição ouvem da ſua virtude, & della aprendem a imitação. Fazem elles, & faz a Pintura, o que jà conſiderou S. Baſilio, & nòs agora conſideramos. Aſſim como os pintores (diz o Santo) para copiarem hũa imagem por outra, não tirão os olhos da que he o exemplar: *Sicut pictores, quando imaginẽ ex imagine pingunt, identidem ad exemplar reſpiciunt*: os que empregaõ a viſta em ſantas imagens, por ellas, como por exemplares, tiraõ para ſi as copias: *Sanctorũ vitas, velut ſimulacra quædam reſpiciunt, illorumque bona opera per imitationem ſua faciũt.* Deſte modo a Pintura, que he o exemplar, he o Meſtre, que dicta como ſe ha de fazer a copia: nòs, que imos obrando a copia, ſomos os diſcipulos do exemplar: & a direcção de hũa pintura para outra, he a liçaõ deſta arte myſtica da Pintura. Tudo iſto ſe vio em S. Paulo: *Ad Chriſti vitam, velut ſimulacrum reſpiciendo, illiuſque opera per imitationem ſua faciendo.* Olhava Paulo para Chriſto na ſua Cruz; & crucificava-ſe elle na ſua: *Confixus ſum Cruci.* Punha os olhos nas chagas do corpo de Chriſto, & abria as meſmas chagas no ſeu: *Stigmata Domini Jeſu in corpore meo porto.* Via a Chriſto crucificado prégando ao mũ-

S. Baſil. epiſt. ad Greg. Thol.

Ad Gal. 2.19.

Ad Gal. 6.17.

do

do o amor, & preço da nossa redempçaõ; & assim mesmo prégava elle a Christo: *Prædicamus Christum crucifixum.* De maneira, que como destro pintor, por aquella divina imagem tirava para si a copia: *Imaginem ex imagine pingebat.* E cõ tanta propriedade, que bem se póde dizer, que entaõ vivia nelle Christo, como em sua imagem viva: *Vivit in me Christus.* Fazia por imitaçaõ o q̃ elle por ensino aconselhava aos seus discipulos, que fizessem: assim como elle imitava aquelle divino exemplar, queria que os discipulos o imitassem: *Estote imitatores Dei.* E se bem se advertio no primor desta pintura de Paulo, por industria do seu amor sahio elle taõ bem copiado: se não amára tanto, naõ pintára taõ bem. *Cor suũ dabit in similitudinem picturæ*, diz o Espirito Santo do Mestre desta arte: para pintar bem, ha de amar muito. Ha de empregar o coraçaõ todo na pintura, quem a quer fazer: & tãbem deve fazer o mesmo, quem a quizer copiar: *Cor suum dabit.* Nem faz outra cousa o melhor copiador, & da melhor imagem: o divino Esposo, retratando a Esposa Santa. No mesmo tempo (supponho visto o retrato) vay amando, & retratando: os olhos na pintura, & o coraçaõ no

1. ad Cor. 1. 23.

Eccli. 38. 28.

Ad Gal. 2. 20.

Ad Ephes. 5. 1.

pintado. Quando digo na pintura; entendo o quadro, que de fóra repreſenta a Eſpoſa, & he de florente palma: Cant. 7.7. *Statura tua aſſimilata eſt palmæ.* E quando digo no pintado; entendo as ſuas perfeições, que por dentro a ſantificaõ toda: Cant. 4.7. *Tota pulchra es amica mea.* O pintado, o interior, de alma ſãtiſſima: *tota pulchra:* a pintura, o exterior, de viſtoſa palma: *ſtatura aſſimilata palmæ.* E iſto faz tambem o Eſpoſo, quando ſe retrata a ſi na Eſpoſa: amando, & retratando juntamente. Retrata-ſe no interior, & por dentro, de hum modo: no exterior, & por fóra, de outro. Por dentro, no coraçaõ: Cant. 8.6. *Pone me, ut ſignaculum ſuper cor tuũ.* E por fóra, no braço: *ut ſignaculum ſuper brachium tuum.* Ibi. E ſe houvermos de fazer a accommodaçaõ toda, diremos: por dentro, retratando-ſe, como exemplar, no coraçaõ: *ſuper cor*; & por fóra, como copia, no braço: *ſuper brachium.* E eſta he a direcçaõ, que nos dictaõ as ſagradas imagens dos Santos nos ſeus retratos, para lhes tirarmos as copias. Quando os queremos retratar; amando, & retratando no meſmo tempo: olhando para as ſuas imagens, & amando as ſuas virtudes: os olhos nas ſuas figuras, & o coraçaõ nas ſuas vidas figuradas. O exemplar interior

rior de cada hum, hũa alma juſta: & a ſua copia exterior, hũa ſemelhança de florida palma: *Juſtus ut palma florebit.* Pſalm. 91. 13.

37 Temos viſto a boa doutrina das pinturas ſantas; & moſtrado, como ſaõ Meſtres, como enſinaõ, & como ſe daõ, & tomaõ as ſuas lições. E entrãdo agora na mà doutrina das pinturas oppoſtas: das pinturas (tomemos por exemplo) dos idolos animados deſte mundo, ſabemos todos, que andaõ elles retratados nos quadros; porque aſſim andaõ nos corações. Da materia deſta mà doutrina ninguẽ duvîda: porque ſendo de idolos adorados nas pinturas, jà ſe entende, qual ella póde ſer. Os ſeus diſcipulos porèm, pede o noſſo diſcurſo, que ſejão reconhecidos; & que digamos logo, que ſaõ taes, como o Meſtre: cegos todos. O Meſtre, a ſaber, a pintura, cego; porque tendo olhos, não vè: & cegos os diſcipulos, a ſaber, os devotos deſta pintura; porque naõ vem, tendo olhos. E podendo nòs deſculpar de algũ modo as quedas daquelles cegos do Euangelho, guiado hum por outro: *Si cæcus cæco ducatum præſtet*: pois neceſſariamẽte ambos haviaõ de cair, ſe eraõ cegos ambos: *Ambo in foveã cadunt*: naõ tem deſculpa algũa de cahirem Matth. 5. 14.

tantas vezes os cegos, de que fallamos; porque todos elles tem olhos, & ainda assim cahem cegos. Se algum delles pedisse a Christo milagrosa vista no mesmo tẽpo, em q̃ conservava a sua cegueira: no mesmo tempo, em que cegava, porq̃ queria; era impossivel o milagre do outro cego, que quando quiz ver, naõ queria juntamente ser cego. E para haver milagre, haõ de concorrer duas vontades: à vontade do milagroso ha de corresponder a vontade do sujeito do milagre: *Si vis, volo.* Matth. 8 2. & 3. Taõ cegos saõ como isto, os discipulos da mà doutrina da pintura: cegos, porque querem; & cegos no mesmo tẽpo, em que estaõ vendo por quem cegão. E todo este mal lhes vem da ociosidade daquelle tempo: esta he a que os leva a tomar as lições daquella doutrina: *Multam malitiam docuit otiositas.* Eccli. 33. 29. Succede a estes cegos, o que no Paraiso succedeo aos primeiros cegos do mundo, começando o mal da ociosidade por Heva: *Mulier corpore & oculis vaga incontinenter deambulabat.* Ruper. lib. 3. de Trin. cap. 2. E se Adam não cegou pela pintura de algum idolo da sua natureza; cegou pela primeira figura de todos os da sua descẽdencia: ou pelo primeiro de todos estes idolos, como consta da sua mesma confissaõ: *Mu-*

Gen. 3. *Mulier, quam dediſti mihi ſociam, dedit mihi de ligno, & comêdi.* Da cegueira de Heva, que primeiro cegou tentada pelo demonio, bem podemos dizer, começou a cauſa pelo ſeu retrato, ou copia repreſentada na Serpẽte. Dizendo S. Cyrillo, q̃ naõ foy Serpente verdadeira, & animada, mas apparente, aquella, pela qual fallou o demonio a Heva: *Non fuiſſe ſerpentem animatum, ſed ſpeciem, & ſimulacrum ſerpentis, ſub quo dæmon allocutus eſt mulierem*: fundamento nos dà, para accommodarmos aos idolos retratados, o que elle conſiderou neſta imagem do demonio, ou propriamẽte deſte idolo. Saõ eſtes taes retratos, hũas imagens do demonio diſſimulado: *Species, & ſimulacra ſerpentis*: nas quaes elle falla, quando tenta com ellas: *ſub quibus dæmon alloquitur mulierem.* E diſcorrendo nòs por outros cõmentos deſta tentaçaõ do Paraiſo, acharemos o que ſe diz dos tentados nas imagens deſtes idolos. Acharemos q̃ os ſeus retratos ſaõ o repreſẽtativo das occaſiões do ſeu peccado: das occaſiões, que ſe coſtumaõ dizer, tidas da ſua maõ. Como nella andaõ os idolos viſtos, & adorados: aſſim como na Serpente andava aquella imagem do demonio à viſta de Heva; hoje a elles, &

S. Cyril. ab Eugubin. l. 3. adver. Julian.

Procop. apud Bened. Ferdin in Gen. cap. 3. ſect. 1.

entaõ a ella, *Obvia erat, & ad manum occaſio tentandi.* Acharemos que os meſmos retratos, como familiares de caſa, fallaõ, & reſpondem, recreando a quem os entende: como entre ſi ſe entẽdiaõ Heva, & mais a Serpente: *Heva ad ſui recreationem cum illo diſcurrere cœpit.* Vejaõ pois os eſtudioſos deſtas doutrinas pintadas, que nellas chegaõ a deſcobrir (& tal vez naõ ſerà iſto o q̃ mais ſintaõ) as ſuas meſmas vidas, & tambem as ſuas almas. Bem dà a ſaber a todos, que tem da ſua maõ o idolo, quem naõ tira da maõ o retrato: & que taõ proxima eſtà a occaſiaõ viva, como moſtra eſtar à pintada: *Obvia, & ad manum occaſio tentandi.* Vejaõ quãto lhes doerà na hora da morte a lembrança das viſtas deſtas pinturas, quando puzerem os olhos nas imagens dos Santos, para ſe valerem dos ſeus merecimẽtos. Ah quãto tomàraõ entaõ naõ terem logrado as recreações das ſuas conferencias domeſticas, ainda que mudas, entre ſi, & a Serpẽte, ou imagem do demonio, *ad ſui recreationem cum illo diſcurrendo.*

Manſ. Bibliot. Moral. tract 4. de occaſ. peccand. diſcurſ. 12.

Dor.

§. XVIII.

38 HE a mayor, a que ſe naõ ſabe

ſabe qual he: a que ſó ſe ſente, & naõ ſe mede. Fallo da medida, q ſe toma por comparaçaõ: quando naõ póde haver hũa dor, que ſe compare com outra. Aſſim o entendemos nòs ouvindo ao Profeta, que para ſignificar o ſentimento de Jeruſalem deſtruida, deixou a ſua dor em pergunta ſem repoſta: *Videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus*: digaõ os que me vem, ſe póde haver dor comparavel com a minha? E diſcorrendo agora pelas dores mais ſingulares, para vermos ſe entre ellas encontramos cõ algũa ſemelhãte à de Jeruſalẽ, comecemos pela dor da mãy de Tobias na auſencia de ſeu filho chorada com lagrimas ſem remedio: *irremediabilibus lacrymis*. Parece, que por eſta dor bem ſe póde medir a que he mayor: bem ſe póde cõparar eſta dor com a dor de Jeruſalẽ. Dor ſem remedio: que mayor dor póde ſer? Mas naõ he eſta dor taõ grande, como parece; porque jà ſe ſabe que dor he: jà entaõ ſe vio, que a naõ remediavaõ lagrimas. A meſma falta de remedio neſta dor chorada, a moſtrou definida: quem diſſe que a naõ apagava o choro, jà lhe medio o tamanho. E iſto naõ tem a dor, q ſe naõ ſabe qual he: aquella dor, que nem por ſemelhança de outra dor ſe chega a

Thren 1. 12.

Tob. 10. 4.

medir, como he a dor de Jeruſalem: *dolor ſicut dolor meus.* Outra dor, & grande dor, foy a de Jacob pela morte, que ſuppunha de ſeu filho Joſeph: dor taõ profunda, que levava ao pay a eſtar no inferno com o filho: Geneſ. 37.35. *Deſcendam ad filium meum lugens in infernũ.* Hũa dor taõ extenſa, q̃ de extremo a extremo tem o principio neſta vida, & acaba na outra: *in infernum*: he muito grande dor. Cõtudo, nem por iſſo ſe ha de julgar pela mayor, ainda que tão extenſa, & taõ profunda. Como jà tem termos certos: deſta vida dos viventes até a outra dos mortos: *deſcendã in infernum*: jà ſe ſabe que dor he: a ſua extenſaõ conhecida, he a ſua medida certa. E para ſer a mayor dor, naõ havia de haver outra ſemelhante: naõ havia de haver outra, que ſe lhe comparaſſe, como a naõ ha para comparaçaõ da dor de Jeruſalem: *dolor, ſicut dolor meus.* Outra dor, & a que ſe poderia parecer com a mayor, por ſer tambem dor, que ſe naõ póde dizer qual he; he a dor muda, ou a que faz mudos: tambem eſta dor ſó ſe ſente, & naõ ſe explica. Porèm, ainda aſſim vay muita differença de dor a dor: da dor, que ſe naõ póde dizer qual he, à dor, que ſe naõ ſabe dizer o que he. Hũa naõ ſe póde dizer

dizer qual he, por falta de vozes, que a dem a conhecer : & outra naõ ſe póde ſaber o q̃ he, por falta de outra, com que ſe poſſa comparar. A dor, que faz mudos, ainda que naõ he explicada, jà he medida : mede-ſe pela mudez. E a que deixa deſimpedidas as vozes, para por ellas ſe poder explicar, & ſó por falta de outra ſemelhante ſe naõ dà a ver, naõ ſe póde medir. E por eſta razaõ, nem a dor muda he como a dor de Jeruſalem : *dolor, ſicut dolor meus.*

39 Outra dor, & reconhecida nas Eſcrituras por exceſſiva dor, he a da ſoledade : & ſuppondo os argumẽtos, que nas Orações Euangelicas provaõ eſte aſſumpto, & o accommodão à puriſſima Virgem no triduo da morte de ſeu bemdito Filho ; dizemos coherentes ao noſſo diſcurſo, que a medida da grande dor daquella ſoledade, ſó a tomou ajuſtada a lamentação de Jeruſalem : *Videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus.* Aquella grandiſſima dor não ſe ha de reputar pela mayor, conſiderando-ſe, como he : mas entendendo-ſe, que outra ſemelhãte naõ a póde haver. Eſta he a mayor dor : a que não ſe lhe acha ſemelhante : a que, para ſe ſaber qual he, tem por ſua medida a meſma falta da medida. Todos dizem, que a ſo-

ſoledade de Maria Sãtiſſima foy a mayor dor: mas naõ daõ a razão toda, em quanto não dizem, que he a mayor dor, por não ſer comparavel com dor algũa. Todos dizem quem Deos he: dizem que he omnipotente, que he infinito, que he eterno, que he immenſo, que he incomprehẽſivel, que he immortal, que he incorporeo, que he immutavel, & que elle ſó he o que he: Exod. 3. 14. *Ego ſum, qui ſum.* E em quanto não dizem, que não ha outro Deos ſemelhante, não lhe dão a ſua definição mayor: não moſtrão o ſeu mayor ſer. O meſmo argumento accõmodamos à ſoledade de Maria Santiſſima repreſentada na ſentidiſſima Jeruſalem. Digão daquella dor tudo o que jà dizem, & ainda puderem dizer: tudo damos por bem dito, & bem provado. Se a não derem a conhecer por incomparavel com toda a dor, nunca diraõ o que aquella dor he. Hão de pòr em queſtão, ſe póde haver outra dòr ſemelhante: & hão de ſuſpender a reſoluçaõ: não ſe ha de dar repoſta àquella pergunta. Aſſim como ſe propõem: *Quis ſicut Deus?* & não ſe ſatisfaz à propoſta, por não haver outro Deos: tambem, por não haver outra dor, que ſeja como a de Jeruſalem, não ſe póde ſatisfazer a quem a quer conhecer:

Prolog. 1. cer: *Quis dolor, ſicut dolor meus?* He a dor o indice do amor: *Pulſus amoris, dolor*: porque quem mais ama, mais ſe doe: *Quantus amor, tantus dolor.* E então ſe não ſabe qual he o amor, quando por lhe faltar o ſeu pulſo, não ſe ſabe qual he a dor. Quem acha que eſtà bem medido o mayor amor, quando elle obriga ao amãte a morrer pelo amado: *Qui animam ſuam ponit pro amicis ſuis*: bem póde conſiderar, que eſſa medida do mayor amor ainda não eſtà tomada pelo ſeu pulſo, que he a mayor dor. Por ſe não ſaber qual he a mayor dor, então ſe ſabe melhor, qual he o mayor amor. De hũa, & outra fineza: tanto de hum affecto, como do outro, ſe ha de perguntar, & não reſponder: *Videte, ſi eſt amor, ſicut amor meus? Videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus?*

Corn. in Thre. 1. 12.

Joan. 15. 13.

Dividas.

§. XIX.

40 DAs q̃ ſe devẽ a Deos, ſeguemſe muitos bens; & não das que ſe devem aos homens. Pelas dividas de Deos entendo aqui as ſuas offenſas: & eſtas, ou perdoadas, ou caſtigadas, ſempre ſaõ para ſua grande gloria. Perdoadas, ſaõ objecto da ſua Miſericordia: & caſtigadas, da ſua Juſtiça.

ça. E ſeria Deos louvado com dous attributos menos, ſe ao ſeu tribunal não foſſem hũas culpas para perdão, & outras para caſtigo. E por dividas dos homẽs conſideraõ tudo aquillo, de que huns ſaõ devedores aos outros: aſſim dos bens da honra, como dos bẽs da fazenda. E mais certas ſaõ nelles as vinganças, que os perdões: mais as injuſtiças, que as clemencias, quando ſaõ acredores das ſuas dividas. Deixãdo pois de diſcorrer as dividas dos homens, porque a viſta, & a experiencia as dão a ver, como as devemos ſuppor; ſeja a preſente materia das dividas de Deos, q̃ nos dão muito que ponderar. E ainda deſtas havemos de ſeparar as perdoadas das caſtigadas: & moſtrar, como dellas reſulta para Deos mais gloria, do que ſe não houveſſẽ taes dividas. *O felix culpa, quæ talem, ac tantum meruit habere Redemptorem!* In benedict. cer. Sab. Sanct. diz eſta pia declamação do primeiro peccado dos homens. Sendo culpa, foy ditoſa, porque foy remida: & não teria o mundo eſte bem da Redempção, ſenão houveſſe o mal daquella culpa. Nem na hora da morte do ſeu Redemptor teria elle a grande gloria de perdoar, ſe Dimas não tiveſſe culpas, de que ſe arrepender. E ainda hoje, quanto os devedores de Deos ſaõ mayores;

vores, tanto elle mais glorioſo (depois de perdoadas) como imos ſuppondo. Mais com a penitẽcia de hum peccador: *Super uno peccatore pœnitentiam agente*, do que com as virtudes de muitos juſtos: *quàm ſuper nonaginta novem juſtis, qui non indigent pœnitentiâ.* Se os peccados da Magdalena, a não fizerão a Deos tão devedora, não amaria ella tãto a Deos: tanto chegou a amar, quanto tinha chegado a dever: *Remittuntur ei peccata multa, quoniã dilexit multum.* Para ſer o mayor Prégador do ſeu nome: *Ut portet nomen meum*: buſcou Deos ao mayor inimigo do meſmo nome: *Hic habet poteſtatem à Principibus Sacerdotum alligandi omnes, qui invocant nomen tuum.* E não ſeria tão ſingular eſta eleição de Deos, ſe primeiro que eſte ſeu eſcolhido foſſe Meſtre para dar diſcipulos à ſua Igreja: *Vas mihi iſte, ut portet nomen meum coram gentibus*, não tiveſſe ſido perſeguidor dos meſmos diſcipulos: *Spirans minarũ, & cædis in diſcipulos Domini.* Tanto, como iſto, ſe empenhou o Acredor divino das dividas deſte peccador tão grande. De tal devedor à gloria do meu nome, he mayor gloria minha (diz Chriſto) que eſte ſeja o meu honorificador: *Mihi iſte.*

Luc. 15. 7.

Luc. 7. 47.

Act. Apoſt. 9. 15.

Ibid. 14.

Ib d. 15.

Ibid 1.

41 Se Deos não tiveſſe

tiveſſe outros muitos devedores, como Saulo: & todos foſſem tão juſtos, como o Bautiſta; não lhe entoarião no Ceo os louvores, q̃ eternamente lhe canta o Coro dos Penitẽtes. Não ſe adorarião nos ſeus ſagrados altares, os que para ſatisfazerẽ por ſuas dividas, ſe enterrarão vivos nos deſertos, & morrerão deſterrados. Não luſtrarião, como hoje, muitas virtudes, ſe não houveſſem as dividas de peccadores, q̃ lhes precedeſſem. Como ſe humilharião cõfuſos diante de Deos, os que ſe não conheceſſẽ culpados? Quãtos rios de lagrimas deixariaõ de correr dos olhos de ſemelhantes devedores? Que diminuto nos graos ſeria o temor de Deos, naõ ſe lhe devendo as dividas de noſſas culpas? Qual havia de ſer a dor dos peccados, o ſeu arrepẽdimento, & o propoſito da ſua emenda, ſe todos eſtes actos naõ ſahiſſem do coração aſſim devedor? Diria então David, ſe não tiveſſe à viſta dos ſeus olhos as dividas dos ſeus peccados: *Peccatum meum contra me eſt ſemper*; que não tinha roſto para no mundo ſer viſto: *Confuſio faciei meæ cooperuit me?* Diria, que as horas deſtinadas para o deſcanço humano, neſſas chorava elle as dividas de peccador: *Lacrymis meis ſtratũ meũ rigabo?* Pſ. 50. 5. Pſal. 43. 16. Pſ. 6. 7.

Diria,

Diria, que para ſe não endividar cõ mais culpas, o crucificaſſe Deos no temor de todas: Pſ. 118. 120. *Confige timore tuo carnes meas?* Diria, que o pezar de dever tanto a Deos, como ſe lhe não coubeſſe no coração, o fazia tambem preſente aos olhos: Pſal. 37. 18. *Dolor meus in conſpectu meo?* Pois ſeguindo os exemplos deſte devedor a Deos, já forão, & ainda ſaõ, & hão de ſer innumeraveis os imitadores deſtas ſuas virtudes, renacendo o eſplendor de todas das ſombras das ſuas culpas, confeſſadas, choradas, & caſtigadas. E primeiro que das dividas de David, & das noſſas dividas; logo da primeira de Adam naceo o exercicio de outras virtudes. Se para ſatisfação da ſua divida não viera ao mundo o Filho de Deos a dar por nòs a vida; ſerião muito menos, & não tão affectuoſos os actos da noſſa devaçaõ. Faltariaõ as adorações às ſagradas imagens de Chriſto na Cruz, moſtrando aquellas chagas, que elle diz ſaõ ſinaes de ter ſatisfeito o que naquella divida do Paraiſo ficàraõ devendo os ingratos ao ſeu amor: *His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me.* Zach. 13. 6. E por conſequencia faltaria tambem a lembrança das finezas do meſmo Senhor no Sacramento, onde eſtà depoſitado tudo o que elle padeceo,

deceo, para nos defendividar a nòs: *Paſſionis ſuæ memoriale perenne.* S. Thom. uſc.

42 Eſte Sacramento Santiſſimo,& os outros, que Chriſto nos deixou, para não perigarem as noſſas almas no mar de noſſas culpas; todos ſaõ, para com elles ſe apagarem os proceſſos das noſſas dividas. Se as não contrahiſſemos, o ſupremo Acredor dos beneficios q̃ lhe deviamos, naõ abriria eſtes theſouros da ſua miſericordia, para livrarmos de dividas de tanto pezo, por cuſtos do ſeu coraçaõ: *De latere Chriſti Sacramenta.* E naõ foi outro o ſeu eſpecial cuidado, logo quando nos enſinou a orar diante de ſeu Eterno Pay: tratou logo do remedio das noſſas dividas: *Pater, dimitte nobis debita noſtra.* Matth. 6.12. E ſeria fruſtrada eſta petiçaõ em nòs, & em Deos naõ lhe correſponderia a gloria do ſeu deſpacho, ſe lhe naõ foſſemos devedores: haviamos nòs de ter dividas, para Deos dar o perdaõ. Nem de outra ſorte ſe verifica o fim da ſua vinda ao mundo, ſe nelle naõ houveſſem os devedores, que vinha buſcar: *Veni vocare peccatores.* Matth. 9. 13. E ſe attendermos à excluſiva: *Non veni vocare juſtos*: que ſe explica: *Non tam juſtos, quàm peccatores ad pœnitentiam*: podemos piamente conſiderar, que às noſſas dividas Tolet. ann. 63. apud Corn. hic. S. Aug. & commun. PP.

de-

devemos eſta noſſa vocaçaõ : mais eſpecialmente buſcados, quando mais devedores. Mas naõ, para por eſta, & as mais razões, que deixamos ponderadas, nos empenharmos com eſtas dividas : naõ para as repetirmos ; mas para de todo as naõ fazermos. Exemplo temos em Santo Agoſtinho, hum deſtes grandes devedores : inſtantemente pedia a Deos, depois de ſe ver deſendividado, que o naõ deixaſſe chegar outra vez a deverlhe : *Da mihi, mala mea redempta non iterare.* S. Aug. in Soliloq.



PALAVRA DE DEOS Desatada.

E.

Exame.

§. I.

1 TAõ neceſſario he, para ſe fugir do mal, como para ſe applicar o remedio: tanto para ſe evitar o erro, como para ſe naõ errar a cura. Iſto ſe experimenta nos cuidados de ſe naõ julgar ſó pelo que ſe ouve; ſenaõ pelo que ſe vè: o exame dos olhos he para ſe remediar o dãno do julgado pelos ouvidos. Mas, porque a juſtiça tanto riſco corre com a prova do que ſe ouvio, como do q̃ ſe vio; por iſſo com tanta attençaõ ſe devem examinar os que viraõ, como os q̃ ouviraõ. Em ambas as provas ha mal,

mal, de que ſe deve fugir: na prova do que entrou pelos ouvidos, o dãno de ſe faltar à inteira juſtiça: & na prova do que examinàraõ os olhos, a falta do remedio juſtificado. O que nos ouvidos de Joſué era eſtrondo de armas: *Ululatus pugnæ auditur in caſtris*: nos de Moyſes era muſica: *vocem cantantiũ ego audio*: & na verſaõ Chaldaica: *Vocem ludentium.* Hum meſmo rumor, & na meſma diſtancia, taõ differentemente ouvido. E iſto póde tambem ſucceder a hum Julgador, ainda ſendo taõ ajuſtado, como Joſué, & taõ Sãto, como Moyſes. Tãbem poderà julgar, que ſaõ virtudes os crimes do culpado; & vicios as virtudes do innocẽte. Tudo eſtà no tom do que ſe diz: no eſtrondo, ou brandura de vozes, com que ſe falla aos ouvidos. Se o que he paz, & quietação, for dito com eſtrepito de argumentos, para prova de que he perturbaçaõ; as acções pacificas ſe ouviràõ como tumultos: *Ululatus pugnæ auditur.* Ouvirſeha, o que ſe diſſe da manſidaõ de Chriſto: era manſuetiſſimo Cordeiro: *Mitis ſum,* & ouvio-ſe dizer delle: *Commovet populum.* E ſe o que he deſconcerto de coſtumes, for aos ouvidos entoada conſonancia de razões, parecendo que he exercicio de virtudes; ouvir-

Exod. 32.17.

Ibid. 18.

Matth. 11. 29.

Luc. 23. 5.

seha o que he mao rumor, como harmonia bem ordenada: *Vocem cantantium.* Soarà nos ouvidos, o que he desmanchada vida, como se fosse aquelle suave estrondo de obras virtuosas, que se considera em hũa alma santa: Cant.6. 9. *Terribilis, ut castrorum acies ordinata:* que na exposiçaõ de alguns contèm muitas virtudes: Beda in Cant.6. *Universam virtutum aciem in se habet instructam.* Tudo isto se vio no que depois achou Moyses decendo do monte: vio-se, q o rumor ouvido de lõge, era de festivo applauso nas adoraçõe Exod. 32.19. do idolo: *Cùm appropinquasset ad castra, vidit vitulum, & choros.* O que era uniforme agrado, parecia à Josué batalha de combatentes: *Ululatus pugnæ.* E o que era dissonãcia de idolatrias, parecia a Moyses harmonia de musica: *Vocem cantantium*, ou *vocem ludentium.* A Josué pareciaõ Soldados em campanha, os que estavaõ no campo pacificos. E a Moyses, os que eraõ idolatras tumultuosos, pareciaõ compassados musicos. Para se evitar pois o mal destes juizos, he muito necessario o exacto exame do que se ouve: sẽ muito apurado exame do que se diz aos ouvidos, naõ se póde julgar cõ acerto; & arrisca-se a justiça: será tal vez cõdenado por *ululatus pugnæ*, o q era *acies virtutum.*

2 O

2 O meſmo exame ſe neceſſario, para ſe acertar com o remedio deſte mal: para ſe julgar com juſtiça, ainda o que ſe vè com os olhos. Julgàraõ os Moabitas, que viaõ hũ mar de ſangue derramado: *Sanguis gladij eſt*: ſendo agua ferida da reverberaçaõ do Sol, o que eſtavaõ vẽdo: *Viderunt aquas rubras quaſi ſanguinem.* E o cego, a quem Chriſto deo viſta milagroſa, diſſe, que via homens, como arvores; & que as arvores andavaõ, como homens: *Video homines velut arbores ambulantes.* Se todos eſtes olhos foſſem a juizo, como teſtimunhas de viſta, naõ podiaõ depor mais enganados, eſtando todos abertos. E ſendo elles os que provaõ contra os enganos, que depõem os ouvidos; tanto dãno faz hum depoimento, como o outro, ſe os naõ apura exactiſſimo exame. Eſta he a razaõ, porque ſe faz incuravel o mal de muitas enfermidades: porque taõ nocivo he o remedio que ſe applica, como o mal que ſe cura. Porque havendo dizer os olhos a verdade, q̃ viraõ, & naõ ouviraõ os ouvidos; tanto ſe enganaõ huns, como outros. E por iſſo todo o Julgador naõ deve applicar menos attenções ao que dizem as teſtimunhas de viſta, do que ao juramento das de ouvida; ſe

4 Reg 3. 23.

Ibid. 22.

Marc. 8. 24.

naõ quizer arriſcarſe, ſendo a verdade dos autos taõ clara como agua, a dar ſentença de ſangue: *Sanguis gladii eſt.* Nem a condenar o reo, como malfeitor de eſtradas, porque as teſtimunhas dizem q̃ o viraõ ir; ſe ellas tiveraõ para ſi ſerem homens, as que eraõ arvores: *Homines velut arbores:* ou as arvores, que ſe naõ movem de hum lugar, lhes parecèraõ homens, q̃ hiaõ, & vinhaõ: *Arbores ambulantes.*

Emenda.

§. II.

3 PAra ſer firme, naõ baſta que o ſeja dos actos da culpa, ſe o naõ for da ſua cauſa. Naõ baſta cortar o arbuſto, para naõ vir ſegunda vez: he neceſſario arrancarlhe as raizes. O remedio, que Chriſto deo para naõ continuar o eſcandalo das obras, & o tropeço dos paſſos: *Si manus tua, vel pes tuus ſcandalizat te:* naõ foy, que ſe prendeſſem as mãos, & encaminhaſſẽ os pés: foy, que aſſim as mãos, como os pés ſe cortaſſem, & lançaſſem fóra: *Abſcide, & projice.* E para não haver eſcandalo na viſta: *Si oculus tuus ſcandalizat te:* não acõſelhou, que ſe fechaſſem os olhos; ſenão que foſſẽ tirados, & tambem lãçados fóra: *Erue, & projice.* As mãos prezas,

Matth. 18. 8.

Ibid.

Ibid. 9.

zas, ainda ſe pódem ſoltar: os pés encaminhados, ainda ſe pódem torcer: & os olhos fechados, ainda ſe pódem abrir. Nem faz contra eſta doutrina o impoſſivel, que logo ſe offerece ao diſcurſo, conſiderado eſte conſelho ao pé da letra: haverẽ de cortarſe as mãos, & os pés, & ainda ficarem pés para andar, & mãos para obrar: haverem de arrancarſe os olhos, & ainda ficarem olhos para ver. Como eſta myſterioſa lição he hũa metafora chriſtãa, na qual ſe perſuade, que por não ſe render hũa alma ao peccado: *quodvis dãnum priùs ſubeundum*: como commenta hum Expoſitor ſeguindo o ſentido de muitos; naõ nos acõſelha Chriſto aquelle impoſſivel. Não quer que as mãos, & os pés ſe dividão do corpo, ſenão do ſujeito: nem que os olhos ſe tirem do roſto, ſenaõ do objecto: & por iſſo diz: *Projice abs te*; & não: *à corpore*. Huma couſa he o meu corpo, & outra couſa ſou eu: o meu corpo he huma parte, de que eu me componho; & eu ſou o compoſto todo. Da parte, que he o corpo, não ſe pódem ſeparar mãos, pés, & olhos, & ainda deſſes membros ter o corpo o ſeu uſo: poder ainda obrar, ainda andar, & ainda ver. E do todo, que ſou eu, pódem tirarſe os vicios deſtes uſos, & ainda ficar

S. Chryſoſt. S. Aug. S. Hilar. S. Hier. apud Cor in Matth. c. 5. 30.

car eu todo por virtude do cõſelho de Chriſto. Aſſim como S. Paulo, por viver nelle Chriſto : *Vivit in me*
Ad Gal. 2. 20. *Chriſtus* : todo elle vivia, & naõ vivia elle
Ibid. todo: *Vivo ego, jam non ego*: parecia hum ſem vida : *non vivo*: & ainda vivia: *vivo ego*. Quãdo eu tiro as mãos da obra illicita, ſou hum ſem mãos para aquella obra : *Abſcido manus, & projicio à me*. Quando tiro os pés do caminho eſcandaloſo, ſou hum ſem pés para aquelle caminho : *Abſcido pedes, & projicio à me*. E quando tiro os olhos do objecto prohibido, ſou hum ſem olhos para aquelle objecto : *eruo eos, & projicio à me*. E em todos eſtes caſos nunca o corpo fica ſem mãos, ſem pés, & ſem olhos; porque guardo o conſelho de Chriſto, q̃ naõ me manda ſeparar eſtes membros do corpo, ſenaõ de mim : *projice abs te*. Do meſmo modo, que ao Rico da Parabola Euangelica naõ ſe lhe pede a alma ſeparada do corpo : pede-ſe a elle todo a entrega da alma : *Repetunt animam à te*. Luc. 12. 20. Quãdo parece hũ ſem corpo, porque ſó ſe lhe pede a alma; naõ ao corpo, mas a elle ſe pede : *repetunt à te*.

4 E por conſequencia do que temos dito, aindaque Chriſto naõ diſſe da lingua, o que das mãos, pés, & olhos deixou dito; bem po-

demos

demos accommodar a eſte membro do corpo o ſeu meſmo conſelho: *Si lingua tua ſcandalizat te, abſcide eam, & projice abs te.* Naõ para ſer tirada donde vive; mas donde fere: naõ para ſer cortada da boca; mas para naõ pòr boca que corte. E digo, que bem podemos accommodar à lingua a doutrina, q̃ Chriſto deo às mãos, aos pés, & aos olhos; porque ſe o eſcandalo he o motivo de ſe cortarem os outros membros; a lingua até a ſi meſma eſcandaliza, ou ſe mata a ſi meſma. Como he o membro, que corta, quando chega a ferir a outros, a ſi ſe fere primeiro. Seguindo pois eſta accõmodaçaõ do conſelho de Chriſto: *Si lingua tua ſcandalizat te, projice abs te*: ſe eu fico ſendo hum ſem mãos, porque as tiro do q̃ naõ devo obrar; hum ſem pés, porque os tiro por onde naõ devo ir; hũ ſem olhos, porque os tiro do que naõ devo ver; tãbem venho a ficar hũ ſem lingua, porque a tiro donde a naõ devo pòr. Aſſim como ſou hum ſem mãos, & hum ſem pés, ſe tiro as mãos do que naõ devo fazer, & os pês por onde naõ devo ir. E eſte he o ſentido do *erue, abſcide, projice abs te.* Eſta he a cauſa que ſe deve tirar, para ficarem tirados os effeitos. Quem deſte modo ſe corta a ſi as mãos, pés, & lingua, &

tira

tira os olhos, fica emẽdado de todo nos effeitos do eſcandalo; porque lhe tem tirado as ſuas cauſas. E naõ ſendo aſſim a emenda: ſendo ſó de algum deſtes effeitos, ou por algum tempo, poderà ficar melhorado do ſeu mal, mas naõ de todo curado. Ficarà (advertencia he eſta jà feita:) ficarà, digo, como Saul, com o remedio applicado ao mal, q̃ o atormentava, & naõ ſe via livre delle de todo; mas ſó ſe aliviava em parte: *Levius habebat.* Como o mal era diabolico: *Spiritus malus arripiebat Saul*: & o remedio era a ſuavidade do inſtrumento: *David tollebat citharam, & percutiebat manu ſuâ*, naõ ficava Saul ſaõ de todo. Quando muito: *refocillabatur, & levius habebat*: tinha algum alivio, & naõ todo o ſoſſego. A cura era ſó para os effeitos, & naõ tirava a cauſa. Se foſſe por hũa vez fóra o mao eſpirito, que era a cauſa do que padecia Saul, ceſſariaõ todos os effeitos, ſem ſer mais neceſſaria a cithara de David. Hum mao eſpirito, hũa cauſa de muitas reincidẽcias na culpa, que neceſſita do deſpertador horrivel da ultima conta intimado por aquella tremenda trombeta: *Surgite mortui, venite ad judicium*; naõ ſe emenda, & lança fóra, ſoando aos ouvidos ſó a repre-

2. Reg. 16. 23.

Vide Corn. hîc.

Ibid.

henſaõ

henſaõ branda, que he hum leve remedio para alivio dos effeitos. Naõ deixa taõ grave mal de atormẽtar muitas vezes a Saul: *Arripiebat Saul*: ſendo a ſua cura a ſuavidade de hũ inſtrumento, & doçura das ſuas vozes: *David tollebat citharã.*

Eſpirito.

§. III.

5 O Que he levãtado naõ influe em acções baixas: aſſim como naõ anima as elevadas, o que he humilde, & raſteiro. Podemos retratar eſta verdade nos irmãos de Joſeph vendo-ſe em hum dos ſeus dous ſonhos, como eſtrellas; & no outro, como manipulos. Em quanto eſtrellas, naõ invejàraõ ao irmaõ a fortuna, que lhe previaõ, poſtoque entaõ ſonhada: *Vidi quaſi ſtellas undecim adorare me.* Toda a ſua inveja: *Cauſa invidiæ, & odii:* mais ſe deo a ver nelles, em quanto como manipulos lhe ouviraõ a meſma fortuna por ſonhos repreſentada: *Putabam manipulos veſtros adorare manipulum meum.* Affectos de inveja, & de odio, naõ ſaõ de altos, & generoſos eſpiritos: naõ ſaõ de quem he levantada eſtrella. Só o pódem ſer de quem naceo humilde planta, & he enfeixado manipulo. A razaõ deſta diffe-

Gen. 37 9.

Ibid. 8.

Ibid 7.

rença,

rença, he muito antiga, porque jà começou no Paraiſo: he porque em ſe vendo levantados da fortuna, os que nacèraõ ſem ella, logo imitaõ aos manipulos do ſonho de Joſeph. Aſſim como foraõ viſtos em poſtura levantada, & diſpoſta para ſe poderem inclinar a outro manipulo, como
Ibid. elles: *Vidi conſurgere manipulum meum, & ſtare; veſtroſque manipulos circumſtantes adorare manipulum meum:* os que applicavaõ a ſi o ſonho, naõ puderaõ ſofrer eſta adoraçaõ.
Ibid. 8. *Numquid Rex noſter eris?* lhe reſpondèraõ os irmãos com aquelle deſprezo, de que eraõ cauſa a inveja, & o odio: *cauſa invidiæ, & odii.* Filhos de Adam verdadeiros: o meſmo foi verſe homem em pé, & homem alto, o que antes era barro do chaõ, & deitado: *Faciamus hominem*: que logo cuidar, poderia ſer Deos: *Eritis ſicut dii*: que aſpirar logo a ſer adorado, quem havia nacido do barro abatido. Taes os irmãos de Joſeph repreſentados nos ſeus manipulos: ou taes os manipulos do ſonho de Joſeph, que repreſentavaõ a ſeus irmãos. Ainda agora manipulos no chaõ expoſtos a ſerem pizados; & logo em ſe vendo erguidos, & poſtos em pé: *circumſtantes*: muito direitos, & repugnantes a ſe dobrarem, & ſujeitarem:

Gen 1. 26.

Gen. 3. 5.

Num-

Gen 37. 8. *Numquid ſubjiciemur?* Se os manipulos (fallemos agora de outros, & não dos irmãos de Joſeph, repreſentados no ſeu ſonho: fallemos daquelles manipulos, aos quaes accõmodamos a meſma repreſẽtaçaõ dos q̃ Joſeph ſonhou.) Se eſtes manipulos, digo, nacèraõ de raſteiras hervas; & foy como hum ſonho veremſe altos, & levantados: ou eraõ taes, que nem por ſonhos lhes vinha eſta poſtura, ou eſte poſto; porque hão de invejar a de outro manipulo, como elles, vendo-o adorado? Não nacèrão da terra, como elles nacèraõ, aquellas arvores, que Joatham introduzio na ſua parabola do reynado de Abimelech; & com tudo buſcàraõ entre ſi hũa, à qual todas ſe inclinaſſem ſujeitas: *Ierunt ligna, ut ungerent ſuper ſe regem?* Não he logo contra o ſeu ſer, o adorar: & muito menos adorar a outro, q̃ naceo, como elles; quãdo no reynado das arvores não reparàraõ as mais levantadas rẽder adorações ao eſpinheiro, que de todas era a mais abatida: *Dixerunt omnia ligna ad rhamnum: veni, & impera ſuper nos.* Neſtas adorações nem deixão de ſer manipulos os que adoraõ; nem mais que manipulos os adorados: nem huns decem do que erão, nem outros ſobem do que ſaõ. Judic. 9 8. Ibid. 14.

Todos

Todos ficão sendo os mesmos que forão: feixes da eyra, ainda q̃ huns mais levantados que outros: *Manipulos adorare manipulum.*

6 Mas sofre tão mal a inveja estas mayorias, que attendendo nòs ao que commenta Abulense sobre o motivo dos invejosos de Joseph: *Loquebantur iracundi, quasi eũ mentiri, & confingere somnia:* ainda se póde dizer mais. Póde dizerse, que sendo aquella fortuna de Joseph não só sonho, mas tambem mentira; ainda seus irmãos tiverão que invejar. Se a mayorîa futura de Joseph só fosse sonhada, seria hũa só vez mentida: teria só a mentira do sonho, & não a do conto. E que sendo mentida segunda vez, porque aquelles invejosos tinhão para si, q̃ Joseph mentia a mentira: *Eum mentiri, & confingere somnia:* ainda o invejassem, perseguissem, & vendessem; ficamos dizendo, que não pode chegar a mais esta payxão humana. Ficamos vendo, que para haver invejosos, não só basta que a fortuna do invejado seja sonho; mas basta só que o cõto do mesmo sonho seja mentira: *Mentiri somnia.* Não basta porèm, nem a mentira do sonho, nem a mentira do seu conto, nem ambas as mentiras juntas, para que a inveja corte pelo invejado, quando o in-

Abul. apud Aloys. Alv. de Joseph illust. hic.

o invejoſo ſe conſidera ennobrecido: quando os irmãos de Joſeph no ſegundo ſonho ſe vem eſtrellas : *quaſi ſtellas.* Ainda luzindo ſó na boca dos que ſonhão , ou na boca dos que mentem,os que no mundo ſaõ ſeus imitadores ; a inveja tapa a boca aos invejoſos , ſe ha quem os reconheça illuſtres. Na conſideração de Abulenſe tão mentido era o ſonho dos manipulos, como o ſonho das eſtrellas para os irmãos de Joſeph : *Dicentes , eum mentiri ſomnia.* E com tudo , ſó os ouvimos invejoſos, quando manipulos ; & não quando eſtrellas: quando levantados na eyra , & não quando luminoſos no Ceo. Bem ſabemos que ambos os ſonhos erão a cauſa de ſer invejado Joſeph : *Cauſa ſomniorum,atque ſermonum , invidiæ , & odii fomitẽ miniſtravit.* Mas ſem que iſto foſſe myſterio , porque certamente foy caſo ; dà cõ tudo baſtante fundamento para a moralidade, que diſcorremos, & accommodamos ao venenoſo influxo da inveja.Se deixa de matar , he quando ſe engrandece ao invejoſo , ainda que lhe mintão, quando o levantaõ : quando lhe dizem que ſaõ eſtrellas.E bem puderaõ os irmãos de Joſeph , que naõ ignoravaõ a ſua innocencia , jà que elle os reconhecia eſtrellas , venerar-

Gen. 37 8.

lhe

lhe elles a virtude : & mais quando ainda nos meſmos ſonhos ella reſplãdecia,& nos ſeus contos ſe diviſava. No ſonho dos manipulos taõ humilde Joſeph, q̃ ainda entre as ſuas adorações ſe nomeava manipulo , & naõ negava o que era : *manipulum meum.* E o Author das ſuas illuſtrações advertio com muito engenho, que no meſmo ſonho , em que elle ſe via adorado , & ſonhava eſtar trabalhando : *Putabam nos ligare manipulos in agro* : tãbem elle beneficiava o ſeu manipulo. *Etiam ſe ligantem videt manipulũ ſuum :* diz eſte commento; & acreſcenta : *non otioſum ſe ſomniat, etiam adoratum.* E no ſonho das eſtrellas foy taõ honrador de ſeus irmãos, que naõ ſe nomeou adorado : *adorare me*, ſem que os confeſſaſſe luzidos : *ſtellas undecim* : naõ deixava de hõrar a ſeus irmãos, quando ſe honrava a ſi. He verdade , que ſem elle ſaber da ſua honra, ainda quando a dizia , fallava na ſua adoraçaõ ; mas como innocente , ignorava o luſtre proprio de adorado. E por iſſo meſmo hum retrato de Moyſes , quando vinha do monte com as taboas da ley , que eraõ para honrar a Deos. Naõ ſabia que no meſmo tempo,em que elle tratava da honra de Deos, eſtava illuſtrado com honra ſua propria :

Ibid.7.

A'oyſ. Alv.in illuſtr. Joſeph hic.

Igno-

Ignorabat quòd cornuta eſſet facies ſua. Moyſes, que vinha de pòr os olhos nos eſplendores divinos, naõ advertio nos ſeus eſplendores. Joſeph, que naõ ſabia qual era o ſeu luzimẽto, olhava para o de ſeus irmãos: *ſtellas undecim.*

Eſcandalo.

§. IV.

7 TAnto ſe ha de zelar, que ſe naõ veja; como q̃ naõ pareça, que foy viſto: ſe fez mal, quando ſe deo, ainda o pódem fazer os ſinaes de ſe ter dado. Por iſſo quem chegou a eſcandalizar com a ſua vida, de tal ſorte a ha de regular depois de emendada, que ſe naõ veja quanto foy perdida. Aquelle enfermo, a quem Chriſto deo a ſaude, & mãdou que levantado da cama levaſſe comſigo o leyto da ſua enfermidade: *Tolle grabatũ tuum, & ambula:* he figura de hum peccador enfermo do mal da culpa, & della emẽdado: & por iſſo commentaõ eſte texto: *Surge à torpore, & ignavia, in quibus priùs jacebas; & in bonis operibus proficere ſtude.* E o q̃ Chriſto mandou fazer a eſte enfermo, depois de lhe reſtituir a ſaude, he o que agora ſe aconſelha aos outros taõ enfermos, como elle, que eſcandalizàraõ com a ſua vida, & recuperà-

Joan. 5. 8.

Beda apud Corn. hic.

raõ a graça perdida pela emenda. Naõ haõ de ser mais vistos com final algum da enfermidade passada : até o mesmo lugar, onde enfermàraõ, ha de desapparecer : *Tolle grabatũ tuum, & ambula.* O escandalo tem rosto, & costas : rosto, quando se dà a ver ; & costas, quando naõ apparece. Em quanto o enfermo da culpa se naõ levanta do lugar, & enfermidade em que cahio, o escandalo està com o rosto para nòs. E quãdo se levantou, & deixando o lugar da culpa, mudou de vida, o escandalo deo-nos as costas. Desappareceo o escandalo, & o seu lugar tambem desappareceo. A frase, com que nos explicamos, naõ he nova nas escrituras : naõ haver escandalo, quando o peccado desapparece, jà no q̃ disse Natham a David, o podemos ler : *Transtulit Deus peccatum tuũ* : o teu escandalo foy cõ o teu peccado. E desapparecer o peccado junto com o lugar do escandalo, tambem com David o podemos considerar : *Vidi impium quæsivi eum, & non est inventus locus est* : ainda agora vi ao peccador ; & logo nem o lugar do seu peccado, & por consequencia do seu escandalo, pude tornar a ver E hũa cousa, & mais outra : desapparecer o escandalo com o peccado, & o lugar do peccado com o es-

2. Reg. 12. 13.

Psal. 36 35 & 36.

o eſcandalo, eſtamos nòs vendo no conſelho de Chriſto dado ao peccador naquelle enfermo. Tira da viſta do mundo o lugar do teu peccado: *Tolle grabatum tuum*: & comtigo, & mais com elle, và tambem o teu eſcandalo: *& ambula*. Deſte modo o eſcandalo, que ſe naõ vè, he eſcandalo, que ſe vay: entaõ he que o eſcandalo volta as coſtas; porque entaõ o eſcandaloſo dà volta à vida. E ſe por caſo elle tornou ao lugar, que tinha deixado, tornou tambem a vir com elle o meſmo eſcandalo. Nem imos cõtra a verdade, quando parece que damos pés ao eſcandalo, para ir; ſe nos eſtà parecendo dizer Chriſto, que elle os tem para vir: *Væ illi, per quem ſcandalũ venit*. Aſſim como elle vay com os pés de quem o dà; tambem cõ os meſmos pés vem, & he outra vez dado. E proſeguindo nòs eſta fórma de metafora chriſtãa, & pela ſua materia, metafora tambem Euangelica, havemos de conſiderar no eſcãdalo naõ ſó roſto, mas tãbem pés: roſto, para ſe ver, & voltar; & pés, para ir, & vir. Mãdar Chriſto tirar os olhos, quando elles eſcandalizaõ: *Si oculus ſcandalizat, erue*: naõ he, para nòs os tirarmos do noſſo roſto: he, para ſe tirarem ao roſto do eſcandalo. Como o roſto do eſcan-

Matth. 8.7.

Ibi l. 9.

dalo, he o do eſcandaloſo; naõ eſcandalizãdo elle com os olhos, fica ſem olhos o eſcãdalo: *erue oculos.* E mãdar tambem Chriſto cortar os pés, quando elles eſcandalizaõ: *Si pes ſcandalizat, abſcide eum:* naõ he para nòs cortarmos os noſſos pés: he, para ſe cortarem os do eſcandalo. Como os pés do eſcãdalo ſaõ os do eſcandaloſo; naõ eſcandalizando elle com os ſeus pés, fica ſem pés o eſcandalo: *abſcide pedes.*

Ibid. 8.

Enſino.

§. V.

8 MAis aproveita o obrado, que o dado: ou mais o feito, que o dito. Enſino dado, ou dito, he o que formaõ as vozes: & enſino feito, ou obrado, he o que daõ as mãos. He como o conſelho de boca, que ſó encaminha dizendo: & como o conſelho de mãos, q̃ faz o meſmo obrando: *Operata eſt conſilio manuum ſuarum.* Ou tambem como a medicina receitada, & applicada: a receitada, he medicina de palavras; & a applicada, he medicina de obras: hũa ſó inculca o remedio, ouvida: & a outra o moſtra, viſta. Quando perguntàraõ a Chriſto, quem era o noſſo proximo: *Quis eſt meus proximus;* naõ o moſtrou com a definiçaõ de palavras, ſenão

Prov. 11. 13.

Luc. 10. 29.

ſenaõ de obras : não diſſe como havia de ſer, moſtrou qual era. Porque introduzindo na repoſta a dous homens : hum compadecido de outro ; naõ diſſe que o compadecido era aquelle, que vendo ao outro enfermo lhe aconſelhava os remedios, & como os havia de applicar, buſcando quem delle tiveſſe cuidado. Mas que era aquelle, que movido de natural cõpayxão : *miſericordiâ motus*, com as ſuas proprias mãos lhe atou as feridas : *alligavit vulnera ejus*, & as fomentou com oleo medicinal : *infundens oleum*, & depois o levou aonde eſtiveſſe recolhido : *duxit in ſtabulum*, & alli lhe aſſiſtio : *curam ejus egit* ; pagou a ſua hoſpitalidade : *protulit duos denarios ; dedit ſtabulario ;* & por fim pedio a eſte, que ſuppriſſe por elle a ſua aſſiſtencia : *curam illius habe :* & que ſe obrigava ao cuſto de todo aquelle trabalho : *& quodcumque ſupererogaveris, ego cùm rediero, reddam tibi.* Eſte diſſe Chriſto que era o verdadeiro proximo ; porque com as mãos, cuidados, paſſadas, deſvelos, & deſpezas procurou a ſaude daquelle enfermo. E não diſſe que o ſeria qualquer outro, que ſó de boca, & boas palavras lhe receitaſſe os medicamentos. Quiz Chriſto, diz Cornelio, que no

Ibid. 33.

Ibid. 34.

Ibid. 35

Ibid.

exemplo dado, & naõ no deſcrito ſe viſſe quẽ era o verdadeiro proximo: *Non ſpeculando in lege, ſed opere ipſum præſtando.* Enſinar (fallamos do enſino das virtudes) tambem he dar liçaõ para emendar vicios: hum vicio lançado fóra por hũa virtude, he effeito da liçaõ que ſe deo, para com a medicina das virtudes ſe curarem as chagas dos vicios. E eſtas lições mais aproveitaõ obradas, que dictadas; mais viſtas no exemplo, que eſcritas na poſtilla. A caridade com o enfermo, não a enſina melhor, quem ſó diz, como ſe lhe haõ de atar as feridas; mas quem com effeito lhas ata: *alligavit vulnera.* A humildade, & a mandaõ, naõ as enſina melhor, quem ſó diz, como eſtas virtudes ſe haõ de exercitar; mas quem por exercicio he manſo, & humilde: *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis.* O zelo de ſalvar almas, naõ o enſina melhor, quem ſó diz como ſe ha de buſcar a ovelha amontada; mas quem a buſca, & a traz: *Qui vadit ad illam, & imponit in humeros ſuos.* Nẽ o que ſó diz, que ſe ha de acender a candea, & varrer a caſa, para ſe achar a drachma perdida; mas o que varre a caſa, & acende a candea: *Accendit lucernam, everrit domum, quærit.* A doutrina Euangelica,

Corn. hic.

Matth. 11. 29.

Luc 15. 4. & 5.

Ibid. 8.

gelica, naõ a enſina melhor, quem ſó diz como ſe ha de ſemear a ſemente da palavra de Deos; mas quem a
Luc. 8. 5. ſemea: *exijt qui ſeminat.* A paz da vida religioſa, naõ a enſina melhor quem ſó diz como eſta vida ha de ſer; mas quem vive, como ſe ha
1. ad Cor. 9 22. de viver: *omnibus omnia factus.* E finalmente o bem de todas as virtudes, naõ o enſina melhor quem ſó diz: fazey, como eu digo;
Joan. 13. 15. mas o que diz: fazey o que eu faço: *Quemadmodum ego feci.*

Eſperança.

§. VI.

9 A Da emenda, ainda quãdo a naõ ha, ſe póde fazer: ainda a quem a naõ tem, ſe lhe póde dar. O peccador emẽdado he hum enfermo convalecido, ou hum morto reſuſcitado: & em quanto eſte enfermo, ou eſte morto (o privado da graça pelo peccado quero dizer) tiver olhos para ſe lhe poderem aclarar as viſtas; mãos, para ſe lhe poderem ajuſtar as obras; & pés, para ſe lhe poderem encaminhar os paſſos; naõ ſe ha de perder, mas antes ſe lhe ha de fazer a eſperança de ſer reſtituido à ſaude, & vida perdidas. Como os olhos, mãos, & pés ſaõ as principaes officinas da culpa: & por iſſo como a taes as manda

Christo desarmar: *Si oculus, manus, pes scandalizant; erue, abscide, projice:* da esperança do bem, que por ellas se perdeo, & ainda póde ser recuperada, he agora o nosso intento. E com a advertencia, que temos dito: ainda que naõ haja esta esperança; fazendo-a, ou dando-a, que vem a ser o mesmo. Até de hum tronco secco, de que jà naõ ha que esperar, se póde ter esperança de ainda poder fructificar. He sentença de Job: Job 14. 7. *Lignum habet spem, si præcisum fuerit.* Assim como o vaõ decotando, revive elle: *virescit*, & os seus ramos renacem: *& rami ejus pullulant.* E quem lhe applicou esse remedio, esse lhe fez, & deo a esperança. Se do tronco assim curado se póde dizer: *lignum habet spẽ*; de quem o curou, justamente se dirà: *spem ligno fecit.* Isto foy o q̃ se vio na cura daquelle que naceo cego: nem seus pays, nem elle esperavaõ jà a vista dos olhos; nem consta, q̃ a pedissem a Christo. Muito por caso: *Præteriens Jesus vidit hominem cæcum à nativitate*; & compadecido do mal da sua cegueira, lhe fazia a esperança da vista, assim como lhe hia dispondo a cura: *Expuit in terram, fecit lutum, linivit super oculos ejus*: & jà confiado o cego de lograr hum bem, que nunca tivera, foy a fazer o lavatorio, Joan. 9. 1. & ulteriùs.

torio inculcado pelo divino Medico,& voltou vendo: *abijt, lavit, & venit videns.* Se o que póde curar aos cegos, que eſte repreſenta, applica os remedios da cura; elle lhes fará a eſperança da viſta, ainda que delles jà naõ procurada. Comece pela unçaõ dos olhos compoſta daquelle pó receitado na noſſa lembrança: *Memento, quia pulvis es:* & logo irà deſcobrindo o remedio que lemos no commento da Eſcritura gloſada: *Ecce collirium, quo ungitur genus humanum: quod ex luto factum ſit, ut ſuperbia, quæ illud excæcavit, curetur.* Façalhes daquelle barro a eſperança da viſta: *ex luto faciat, ut curentur.* Mas ſem paſſar da amargura deſta lembrança a todos commua: *pulvis es:* a qualquer outro particular, que lhes poſſa moſtrar a cauſa das ſuas cegueiras: ſem dizer a eſtes cegos, como Chriſto naõ diſſe ao ſeu: *Jam ampliùs noli peccare.* Lembrados elles, que ſaõ de barro, q̃ quebra; he eſcuſado botarlhes em roſto, como quebràraõ: he fazerlhes a face vermelha no meſmo tempo, que lhes querem deſaggravar os olhos. Imite quẽ curar eſtas cegueiras, o que fez Tobias, quando curou a do pay. Poſtoque a unçaõ dos olhos era de fel: *De felle piſcis linivit oculos patris,* o roſto foy acari-

Gloſ interl. hic.

Tob. 11. 13.

riciado com oſculos:
Ibid.11. *Oſculatus eſt eũ.* Aſſim hia fazendo Tobias nos olhos do pay a eſperança da viſta: com o fel nos olhos: *de felle,* & com o oſculo no roſto: *oſculatus.* Naõ menos afortunados ſaõ os enfermos de obras deſordenadas, & por iſſo neceſſitados de remedio para as mãos. Tambem o que lhes fizer a cura, no meſmo tempo lhes irà fazendo a eſperança. E he o que Chriſto fez curando
Matth. 12.10. aquelle enfermo: *Manum habens aridam.* Ainda que eſte jà vivia deſeſperado de remedio, o meſmo foy mãdarlhe Chriſto eſten-
Ibid.13. der a maõ: *extende manum tuam:* que elle eſperar, & recuperar ella a ſaude. *reſtituta eſt ſanitati.* E ſe foy cõ tanta preſſa, que começando hũa meſma acçaõ a ſer de maõ tolhida, acabou ſendo de maõ cõ ſaude recuperada: *extendit, reſtituta eſt ſanitati:* poderemos conſiderar, q̃ a eſperança do fim da mà obra, & do principio da boa, naõ ha de ſer de emenda dilatada. Ha de chamar Chriſto a Mattheos, que na meſa dos ſeus lucros naõ eſperava viver delles deſintereſſado: *hominem ſedentem in telonio;* Matth. 9.9. & logo a primeira voz de quem o queria curar o levou comſigo emendado: *ſecutus eſt eum.* Ibid. A eſperança he hũa medida de tempo com dous extremos: hum da parte de quem eſ-

eſpera: outro da parte do bem eſperado ; & tanto eſta medida ſe eſtende, quanto o bem eſperado tarda. Mas quando a eſperança he da emenda, ou da cura de algũa enfermidade: quẽ faz eſta eſperãça ao enfermo , como Chriſto fez ao da mão tolhida; tão depreſſa lhe ajunta os dous extremos da eſperança : *reſtituta eſt manus ſanitati* , como lhe faz abbreviada a extenſaõ do tempo : *extende manũ.* O ſucceſſo eſtà em haver medico, que ponha os olhos neſtes enfermos ; porque então a ſua viſta de olhos : *vidit hominem ſedentem in telonio* : logo he cura effectiva dos illicitos intereſſes das mãos : *ſecutus eſt eum.*

10 Tambem quãdo a enfermidade for de pés entorpecidos , por ſer de paſſos deſencaminhados ; a cura ha de ſer a meſma : tãbem , para deſte mal haver emenda , não ſe ha de deſeſperar do remedio , ou deixar de ſe lhe fazer a eſperança. Eſta ſe fez àquella arvore da Parabola jà por tres annos ſem fruto , com lhe darem mais hum anno de eſpera : *Dimitte illam & hoc anno*; & com lhe chegarem nova terra aos pés : *uſque dum fodiam circa illam.* Aſſim lhe faziaõ a eſperança de vir carregada de fruto: *& ſi quidem fecerit fructum* , poſto que tambem com ſentença para ſer cortada, quando a no- Luc. 13. 8. Ibid. 9.

a novidade não correſpondeſſe ao beneficio: *ſin autem, ſuccîdes eam.* E deſte modo ſe ha de attender à cura do enfermo eſteril de emenda, porque deſencaminhado nos paſſos: tãbem deve ſer guiado por caminhos novos, & levado por terra ainda por elle não pizada; paraque com eſte beneficio applicado aos pés, venha a arvore cõ os frutos da emenda: *ſi quidem fecerit fructum.* Nem ſe dirà, que iſto não he fazer a eſperança deſſes frutos, ſe ella ha de ſer como a da arvore trazida por exemplo: pois para eſta ſe lhe dava ſó hum anno de mais tempo; & a eſperança ſempre ha de ir por diante, ſe he verdadeira eſperança. Não ſe impugnarà, digo, o noſſo diſcurſo com eſte argumento; porque hũa couſa he a eſpera, & outra couſa he a eſperança: a eſpera acaba-ſe com o tempo, que ſe lhe dà; & a eſperança com o fim, q̃ ſe deſeja. E iſto meſmo ſe vio na arvore allegada: a eſpera foy de hum anno: *hoc anno,* & a eſperança paſſou de anno. Depois da ſua eſpera: *dimitte hoc anno,* a eſperança ainda olhava para o futuro, ſem limitação de tempo: *ſin autem, in futurum ſuccîdes eam*: o tempo da eſpera com medida certa: *hoc anno*; & o da eſperança ſem medida conſignada: *in futurũ.* Depois de Lazaro morto,

to, & ainda tendo jà quatro dias de ſepultado, & por iſſo não haver mais eſpera da ſua vida em toda a Bethania; a eſperança das irmãas ainda vivia: & não ſó a que tiverão de que elle não morreria, ſe Chriſto eſtiveſſe preſente: *Si fuiſſes hîc, frater meus non fuiſſet mortuus*; mas tambem a q̃ tinhão de que havia de viver, quando jà na ſua preſença virão a Chriſto mandar ſuſpender a campa da ſepultura: *Tollite lapidem*. Eſta he a verdadeira eſperança; a que dura mais, que a eſpera; & a que ha de ter quem houver de curar as enfermidades, de que fallamos: os vicios de olhos cegos, as obras de mãos tolhidas, & os paſſos de pés deſencaminhados: a todos eſtes enfermos ha de fazer a eſperança da ſaude perdida, ainda que elles a não eſperem. Nẽ nos olhos, nem nas mãos, nem nos pés a poderia eſperar o filho da Sunamites; porque todas eſtas partes do corpo eſtavão jà ſem vida. E Eliſeo a todas a foy dando, fazendo primeiro a eſperança da mãy para as ver animadas todas. Ajuntou os ſeus olhos com os olhos do morto: *Poſuit oculos ſuos ſuper oculos ejus*; & ſobre as mãos do meſmo morto as ſuas mãos: *& manus ſuas ſuper manus ejus*. E porque todo ſe accommodou ao corpo todo do defunto:

Joan. 11. 21.

Ibid. 39

4 Reg. 4 34.

Ibid 35. funto : *incubuit ſuper puerum*, tambem podemos dizer: *poſuit pedes ſuos ſuper pedes ejus.* Os que cõmentão por allegoria, & retratão por Eliſeo, reſuſcitando a eſte morto para a vida temporal, ao Filho de Deos encarnãdo para reſuſcitar a Adam da morte eterna; iſto meſmo dizem: *Repræſentat hoc factũ Filij Dei Incarnationem, in qua ipſe carnem noſtram induit, & quaſi manus manibus, pedes pedibus accommodavit.* Fação os medicos deſtes olhos, deſtas mãos, & deſtes pés o meſmo que fez Eliſeo reſuſcitando a hum morto; & o que tambem fez o Filho de Deos para reſuſcitar a todos: accõmodem olhos a olhos, mãos a mãos, & pés a pés. Cõ a luz dos ſeus olhos acautelados, & modeſtos dem viſta aos olhos cegos: *oculos oculis*; com as ſuas obras bem ordenadas reſtituão a ſaude às mãos tolhidas: *manus manibus*; & cõ os paſſos direitos da ſua vida, encaminhem os pés deſencaminhados: *pedes pedibus.* Seja o ſeu bom exemplo a melhor unção para os olhos dos que o virem; a melhor ſaude para as mãos, q̃ o imitarem; & a melhor emenda para os pés, q̃ o obedecerem. E ſe pela primeira applicação deſtes remedios não ceder logo o mal à cura, repitão a ſegunda, & repitão muitas:

Cornel. hîc cum S. Aug. Ser. 11. de verb. Apoſt.

tas : não deſconfiem logo da ſua eſperança. Fação o que fez Eliſeo: duas vezes *incubuit ſuper puerum*, ſem deſiſtir da cura. E ſe da primeira o deixou ainda morto, da ſegunda o deo à mãy reſuſcitado: Ibid.36. *tolle filium tuum.* E fação o que fez o Filho de Deos; tambem duas vezes, & muitas vezes: *quaſi accõmodavit oculos oculis, manus manibus, pedes pedibus.* Hũa vez na ſua Encarnação: *in qua carnem noſtram induit.* A ſegunda, & as outras muitas no Sacramento, quando nos dà a comer o ſeu corpo: Joan. 6. 57. *Qui manducat meã carnem, in eo maneo*, tãbem então todo eſtà em nòs: *quaſi ſe nobis accommodat.*

Eſpirito.

§. VII.

11 TAmbem tẽ pezo, & balança, em que ſe péza: & Deos he o Juiz deſta balança, & deſte pezo: *Pondus, & ſtatêra, judicia Domini.* Prov. 16.11. E como Deos quãdo julga eſpiritos, então os péza; tanto monta o ſeu juizo, como o ſeu pezo. E ainda ſendo ſó eſpirito, ſem parte algũa de corpo, não deixaria de ter pezo, o q̃ foſſe àquella balança. Taes erão os Eſpiritos Angelicos; & não tendo couſa algũa de corporeos, por elles começou eſte pezo: as primeiras culpas, que

ſe

se pezàrão na balança da conta, forão de Anjos. E se os Espiritos puramente Espiritos, & juntamente Angelicos forão pezados; como o não hão de ser, os que andão revestidos de corpo, & não saõ Anjos? Ainda quãdo as culpas de hum destes Espiritos só saõ vaidades, que por serem ar, parecem espirito; tambem tem pezo. Espirito era o primeiro Anjo, que Deos julgou: & tendo a sua culpa tanto de ar, quãto de espirito vão, pois chegou a dizer: *Ascendam super altitudinem nubium*; pezou tãto na balança da conta, que como se fosse carregado corpo, deceo ao mais profundo da terra: *ad infernum in profundum lacu.* Esta he a natureza dos peccados da vaidade, & dos espiritos vãos: ainda, quando levão ao alto, na balança da conta são fumos, que pezão para baixo. São, como o peccado daquelle Rey, que vendo-se sem nada nesta balança: *Inventus minus habens;* não se achou nella sem pezo: *Appensus es.* Assim o considerão os q̃ lhe discorrem o seu fatal succesſo: *In statêra Dei cum omni sua gloria appensus, inventus est levis, & vanus.* Tãto como isto pezão as vaidades, ou espiritos vãos: o seu bem he mal: & o seu nada he pezo. E deste bem, que tanto maligna; & nada, que

Ibid. 15.

Dan. 5. 27.

Ibid.

Cornel.

Isai. 14. 14.

que tanto péza ; naõ livraõ, nem ainda os q̃ vivẽ chegados a Deos : jà o vimos nos Anjos, decendo *in profundum laci.* Nem faz contra eſta ponderaçaõ a apparencia de hũa vaidade avaliada por culpa leve ; porque na balança da conta naõ he o mayor pezo, o q̃ mais avulta , ſenaõ o q̃ mais faz decer a balança : com apparẽcias de menos corpo póde na vaidade haver mais pezo. A Serpente deixou cõ vida a Adam: & Caim naõ deixou vivo a Abel ; & parecendo menos vencido Adam da Serpente, que Abel de Caim ; foy o ſucceſſo contrario : muito mais pezou o mal , que a Serpente fez a Adam , do que pezou o que Caim fez a Abel. Porque Abel morreo no corpo , & Adam na alma : em Abel morreo hum ſó homem ; & em Adam morrèràõ todos. E qual havia ſido a culpa de Adam ? A meſma que imos diſcorrendo : vaidade cõ pezo. Vendo-ſe , q̃ era mais que os brutos , o levou a ſua vaidade, ou vaõ eſpirito , a querer ſer como Deos : *Eritis ſicut dii* , & cair deſfeito em pó : *in pulverem revertêris.* Gen. 3. 5 & 19.

12 Ainda eſte eſpirito pezado : a vaidade digo , que faz pezar para baixo; he mayor mal , do q̃ temos dito. Naõ ſó levanta primeiro , para fazer cair depois : faz cair ,

assim como começa a levantar. He começar logo a fazer mal : os outros venenos matão por graos: este sem fazer pausas, mata. Do primeiro espirito, que por desvanecido se levantou tanto, que subio até o Firmamẽto: Isai. 14. 13. *Super astra Dei exaltabo solium meum*, disse Christo, que o via cair, como hum relampago: Luc. 10. 18. *Videbam Satanam sicut fulgur de Cælo cadẽtem.* O relampago he hũa luz, que no mesmo tempo em que he, acaba: o mesmo he luzir, que perecer; ou o espirar, he luzir. Isto foy o que aconteceo àquelle espirito vão: o mesmo foy subir, que decer: na breve duração de hum relampago tudo isto se vio junto: subida, culpa, queda, & castigo: *sicut fulgur cadentem.* Não ha cousa mais parecida cõ hũa vaidade, que sendo ar, tem pezo, do que o relampago, que passa taõ depressa como ella, & traz comsigo o pezo do rayo. Hũa vãa estimaçaõ propria, & hũ desprezo da alhea, que pela imaginaçaõ passaõ como relampagos, là vaõ cair na balança da conta, como pezos. Na balança do Espirito, até o nada tem conta: naõ vay a ella nada, que naõ péze. O q̃ hum por desvanecido desfaz nos talentos do outro, entendendo que lhe naõ fazia nada; esse nada do outro na balança da conta pezou contra

contra elle. E a confuſaõ daquelle, que nas ſuas conſiderações o reduzio a eſtimarſe por hũ nada; eſte ſeu nada naquella balança pezou para elle. E quãtos muitos teremos nòs perdidos por eſtes nadas; quanto eſpiritos por eſte ar? Diga-o todo aquelle, a quem jà ferio eſte ar taõ pezado, como rayo: *ſicut fulgur cadens.*

Exercicio.

§. VIII.

13 O das virtudes naõ ha de ſer hum, & parecer outro: & ſe luzio em algum outro tempo, naõ ha de deixar de luzir neſte: ſempre hum, & em todo o tempo o meſmo. Digo luzir; porq̃ a virtude, o que tem de fermoſura, iſſo tem de luz: & tanto virà a luzir, quanto ſe exercitar. Comecemos pelo melhor de todos os exercicios do eſpirito, que he a oraçaõ; & advirtamos logo, que aſſim como he luz, he tambem alma. Que a oraçaõ ſeja luz, aſſim o deo a entender Chriſto, quando diſſe aos ſeus diſcipulos, que para naõ tropeçarem cegos nas tentações, ſe valeſſem da oraçaõ, como de luz, para lhes abrir os olhos: *Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.* Matth. 26.41. E S. Gregorio chamando obras aos actos das virtudes, tãbem lhes cha-

S. Greg. mou luzes : *per bona opera lucis exempla mõſtramus.* E que tambem ſeja alma a oraçaõ, he experiencia da viſta : alli eſtà o Sol, que como alma original de todos os Aſtros, os faz viver pela ſua luz ; & ahi eſtaõ as luzes artificiaes, que quando as vemos apagadas, porque lhes falta a alma, as chamamos mortas. Acertadamente pois começamos pela oraçaõ o diſcurſo das virtudes exercitadas ; ou a conſideremos como luz, ou como alma. Imitamos agora no q̃ podemos ao que fez Deos na creaçaõ do mundo : a luz foy a ſua primeira obra : *Fiat lux*, & depois ſe ſeguio a perfeiçaõ de todas as outras : *cuncta, quæ fecerat, erant valde bona.* E jà iſto foy advertencia de Santo Ambroſio, quando ponderou eſta ordem das obras de Deos naquelles dias. *Unde mundi ornatus, niſi à luce exordium ſumeret?* diſſe com ſingular reflexaõ. Que melhor obra, para ſer a primeira das mãos de Deos, q̃ a luz, ou alma de todas ? Naõ porque as mais obras das ſuas mãos deixaſſem de ſer perfeitas, & perfeitiſſimas ; aindaque a luz não foſſe a primeira, ou foſſem obras ſem aquella alma. Mas para entendermos nòs, pondo os olhos neſte exemplo de Deos; que a oração ha de ſer o noſſo primeiro exercicio

Genes. 1. 3. Ibid. 31. S. Amb. lib. 1. Hexam. cap. 9.

cio nas obras do eſpiri-
to, por ſer a luz de to-
das. *Unde debemus exor-
dium ſumere, niſi à luce?*
He verdade, que iſto ſe
entende, ſendo a ora-
çaõ luz: porque ſe for
eſcuridade, & na hora
da oraçaõ naõ luzir a
oraçaõ da hora; to-
das as mais obras do
eſpirito, que ſe forem
ſeguindo a eſſa oraçaõ
ſem luz, todas haõ de
ſer, como foy a oraçaõ.
Todas por falta da luz
haõ de ſer tenebroſas:
aſſim como antes que
houveſſe luz, todas as
obras, que Deos tinha
para fazer, eſtavaõ ſe-
pultadas nas trevas:
Genes. 1. 2. *Tenebræ erant ſuper fa-
ciem abyſſi.* Seja a ora-
çaõ luz, a cujos rayos
ſe examinem, & com
elles ſe animem todas
as outras obras do eſ-
pirito: *fiat lux:* & lo-
go todas ſeraõ obras
muito luzidas, & ani-
madas: *Erunt valdè bo-
na.* Naõ ſeja a oraçaõ
taõ tenebroſa, que cui-
de o que a tem, ainda-
que và orar ao Tẽplo,
que he mais perfeito q̃
os outros: *Non ſum ſic-* Luc. 18.
ut cæteri. Porque então 11.
não elle aſſim cego cõ
as trevas da ſua eſtima-
çaõ; mas o outro, por
humilde, na ſua oraçaõ
mais alumiado, ſerà o
juſto diante de Deos:
Juſtificatus ab illo. Ibid. 14.

14 Aſſim como a
oraçaõ de hum deſtes
parecia hũa, & era ou-
tra: & nada lhe luzia
aquelle exercicio, por-
que tanto em hum tẽ-
po, como no outro, era
tenebroſo; tambem o

ſacrificio da Miſſa (outro exercicio eſpiritual) póde no conceito do celebrante parecer hũ, & diante de Deos ſer outro. Se lhe naõ precederem as diſpoſições, com que ſe deve offerecer a Deos ſacrificio taõ ſagrado, a oferta ha de ſer mandada deixar: *Relinque munus*; & quem a for fazer, ha de ſer mandado ir: *vade priùs*. O ſacrificio deſeſtimado de Deos: *relinque*; & o Sacerdote deſpedido da ſua preſença: *vade*. E naõ ſerà novo em Deos o deſagrado deſte ſacrificio; nem em nòs a pena deſte deſagrado. Jà hum Profeta vio a Deos naõ querer ſacrificios: *Sacrificium, & oblationem noluiſti*. E o outro vio a noſſa pena, olhando para as noſſas oblações: *Sacrificia eorum, quaſi panis lugentium*. E porque o primeiro Profeta falla dos ſacrificios, que ſó eraõ finaes da ſatisfaçaõ do peccado; bem accommodamos com o commento de Bellarmino, & de outros a noſſa conſideraçaõ. Bem dizemos, que os ſacrificios, q̃ Deos naõ quer, ſaõ aquelles, que ſó parecem que o ſaõ; os q̃ ſaõ finaes ſem ſignificado. Porque ſe David fallando em nome de Chriſto com o Eterno Padre, via que jà Deos naõ aceitava os ſacrificios, que haviaõ ſido figura: *expiationis peccati*; pois em Chriſto era jà vindo o ſeu figurado;

Matth. 5.24.

Pſ. 39.7

Oſeæ 9. 4.

razão; com muito mayor razaõ podemos entender nòs, que não aceita Deos aquelles ſacrificios, que nem ainda o ſaõ por figura. Os outros ſacrificios, em algum tempo os quiz Deos: *Voluit Deus ſacrificia, & oblationes pro peccato ad ſignificãdam*; poſtoque naõ *ad faciendam expiationem*. Eſtes porèm, que feitos por alguns celebrantes, ſó por fóra parecem ſacrificios; nẽ como finaes de ſacrificios os quer Deos: *ſacrificium, & oblationem non vult*. E porque o ſegundo Profeta falla dos que mais ao demonio, do q̃ a Deos, offertavaõ os ſeus ſacrificios: *non Deo, ſed idolis*; por iſſo dizemos, que póde haver hoje ſacrificio, naõ para alimento da alma, mas para paõ de lagrimas: *panis lugentium*.

Bellarmin. hic.

Cornel. hic cum S. Hier. & alijs.

15 Pela meſma deſgraça poderà tambem paſſar o Officio Divino: tambem eſte ſanto exercicio poderà parecer que Deos o eſtà ouvindo; & poderà ſer, que nem olhe para quem o eſtà rezando. Até o Author dos Pſalmos do meſmo Officio entendeo hũa vez, que Deos eſtava dormindo, quando elle os eſtava cantando: *Exurge, quare obdormis Domine?* E ſe Deos póde dormir, quãdo os Pſalmos ſaõ cantados; que farà, quando elles nem ainda forem bem pronunciados, ou chegarem

Pſal 43. 23.

rem a ſer dormidos? Muitas ſaõ as oraçõeſ, nas quaes entaõ ſe falla com Deos invocado como Senhor: *Quæſumus Domine: oramus te Domine: præſta nobis Domine, &c.* E certamente podemos ſuppor, que no meſmo tẽpo lhe dizemos com
P. 87.3. David: *Intret in conſpectu tuo Domine oratio mea.* Mas porque nem todos os que dizem a
Matth. 7.21. Deos: *Domine, Domine*; ſenaõ os que fazẽ a ſua vontade: *ſed qui faciunt voluntatem Patris*, ſaõ os que entraõ das portas do Ceo para dentro: *Intrabunt in Regnum Cælorum*, poderáõ as noſſas orações, poderà o noſſo *Domine*, ficar das portas do Ceo para fóra. E naõ ſerà o primeiro *Domine*, que batendo àquellas portas: *Domine, Domine, aperi nobis*, as ache fechadas: *clauſa eſt janua.* Naõ ſingularizamos mais exercicios do eſpirito; porque ſe os ſeus exercitantes apurarem o primeiro, que he luz: ſe a oraçaõ luzir ſempre, todos os mais tãbem luziráõ. Como luz, & obra vem a ſer a meſma couſa; & naõ ſe diſtingue a obra do exercicio: em todo o tempo ſeraõ viſtas nas noſſas mãos tantas obras, como luzes: *Lucernæ ardentes in manibus.*

Matth. 25.11. Ibid. 10. Luc. 12. 35.1

En-

Enfermidade.

§. IX.

16 CUra-ſe com anticipado remedio; & quem não quer eſte remedio, quer a enfermidade, que elle cura. O remedio anticipado, he o que Chriſto deo ao enfermo da piſcina, quando o curou da ſua paralyſia; diſſelhe: Ahi tens ſaude, & não faças mais peccado: *Ecce ſanus factus es: jam noli peccare.* Quem adoeceo em caſtigo do peccado q̃ fez; ſe o não fizera, não adoecèra. *Ob animi peccatũ Deus corpus flagellat*, diſſe S. Joaõ Chryſoſtomo: he para haver enfermidade no corpo, o mal da alma. Nem eſta razaõ parecerà eſcura a quem conſiderar a uniaõ entre alma, & corpo; & o dãno, que a ſi meſmos ſe fazem ambos, quando o mal da culpa fere a hum, depois de ter ferido o outro. Aſſim como he para bem deſtes dous unidos, haver nelles virtude; tãbem he para ſeu mal, haver peccado. E para ſe communicar hũa enfermidade, ainda ſendo eſpiritual, de extremo a extremo; não he neceſſaria uniaõ tão intima; baſta, como baſtou, a do amor entre S. Paulo, & os ſeus diſcipulos, para adoecer o Meſtre, aſſim como elles adoeciaõ: *Quis infirmatur, & ego non*

Joan. 5. 14.

S. Chryſoſtom. apud Corn. hic.

2. ad Cor. 11. 29.

non infirmor? Logo, ſe nos extremos ſó unidos por amor, ainda ha enfermidade communicada; por boa conſequẽcia a naõ podemos negar ao corpo, & alma por mayor uniaõ unidos. Por iſſo aquelle conſelho de Chriſto dado ao Paralytico, foy muito acertado conſelho: para q̃ não adoeceſſe no corpo, não adoecer na alma: *noli peccare.* E uſando nòs agora da meſma receita de Chriſto, mudadas ſó na ſua conſtruiçaõ as palavras do fim para o principio: naõ faças mais peccado, & ahi tens a ſaude: bem puderamos dizer aos paralyticos, como elle, que para naõ adoecerem na alma, naõ adoeceſſem no corpo: *jam noli peccare.* Confeſſamos, que nem ſempre a enfermidade do corpo he por contagio da enfermidade da alma: como foy a de Job, unicamente para coroa da ſua paciencia: & foy tambem a do cego de nacimento, que cuidàraõ algũs a contrahîra por peccados ſeus, ou dos pays: *Quis peccavit, hic, aut parẽtes ejus?* Joan. 9. 2. & a milagroſa ſaude dos ſeus olhos, ſó foy, para mayor gloria de Deos: *ut manifeſtentur opera Dei in illo.* Ibid. 3. Com tudo, como nòs naõ temos neſte mundo hoſpitaes para ſemelhantes enfermos, por ſerem poucos os parecidos com Job: & porque naõ ſaõ vulgares os

os exemplos milagroſos da ſaude de novo dada aos que ſem culpa a perdèraõ; fica ſendo univerſal aquella receita de Chriſto, então aconſelhada a hum enfermo, para por ella ſe curarem todos. E he confirmaçaõ deſte exemplo, o que nelle acreſcẽtou o divino Medico: *Jam noli peccare; ne deterius tibi aliquid contingat.* E foy o meſmo, que dizerlhe: (lemos em hũa interpretaçaõ) foge do peccado, porque naõ te ſobrevenha ſegunda enfermidade, ainda mayor que a primeira: *Ne quid deterius tibi contingat, quàm à principio.* De maneira, que aquelle naõ querer peccar, he remedio anticipado para muitas, & naõ ſó para algũas enfermidades: he para todas as contingentes: *ne quid contingat;* & ainda para todas as mayores: *ne quid deterius.*

Joan. 5. 14.

Syr. ib.

17 Quanto eſte remedio tem de anticipado, tanto lhe havemos de conſiderar de preſervativo: tanto monta naõ querer peccar, como por preſervação naõ querer adoecer. E eſta verdade jà vem provada do Paraiſo. Jà Adam, o primeiro homem, & o primeiro enfermo de corpo, & alma: do corpo, porque desfeito em pó; & da alma, porque deſtituida da graça: ſenão chegàra a peccar, não viria a adoecer. Porque aſſim como poderia

não

não morrer, pois podia não peccar; tambem poderia não adoecer, que he menos, do que o poder não morrer. O que posto, havemos de armar hũa serie particular de descendentes de Adam, sem por isso os excluirmos da sua universal. Nesta todos se cõprehendem; porque exceptuada a purissima Mãy de Deos, contrahem todos no peccado original a enfermidade, de q̃ adoecem, & morrem todos. E a outra he só daquelles, que por naõ quererem peccar, tambem naõ querem adoecer: toda he dos preservados da enfermidade, quando os consideramos aborrecedores do peccado: *jam noli peccare.* Em quanto Adam naõ peccou, naõ adoeceo, preservãdo-se nesse tempo da enfermidade, de que depois morreo. E na sua maõ esteve esta preservaçaõ, assim como està na maõ de seus descendẽtes a sua imitaçaõ: nelle, em quãto naõ quiz o peccado; & nelles, em quanto o naõ querem. E esta circunstãcia faz taõ singular aquella preservaçaõ, que nos obriga a ter pena de naõ se lhe dar toda a estimaçaõ. Estãdo no nosso naõ querer peccar, o nosso naõ adoecer; por taõ pouco custo naõ se interessar bẽ taõ precioso. Aonde se vendèra taõ barata a preservaçaõ das enfermidades, que a naõ com-

compraſſemos por todo o preço? O bem de hũa preſervaçaõ he o que aperfeiçoa os mayores bens: a preſervaçaõ da culpa original, ao incomparavel bem da maternidade da Mãy de Deos; & a preſervação do peccado actual, ao bem do mayor dos nacidos entre os homens. Nem aquella maternidade ſeria tão elevada: nem eſte nacimento taõ levantado, ſe a Mãy de Deos naõ foſſe preſervada da culpa, & o Bautiſta preſervado por ſantificação da graça. Por eſta meſma razaõ havemos de aconſelhar a preſervaçaõ da enfermidade, depois de reconhecida a ſuperior elevaçaõ das outras duas preſervações Naõ ſeriaõ tambem de tanta eſtimaçaõ todos os bens temporaes, ſe a preſervaçaõ da enfermidade naõ déſſe mayor valor a todos eſtes bens: ſe os naõ fizeſſe mais precioſos o naõ adoecer, por naõ querer peccar: ſe o caſto, & impolluto Joſeph naõ fugiſſe do mal da alma, em naõ querer aquelle mal do corpo: *noli peccare.*

18 He tão grande eſta preſervação, que ſe a quizermos comparar com as outras duas, havemos de achar fundamẽto para muito particular gloria dos ſeus preſervados. As outras duas preſervações, a da Mãy de Deos, & a do Bautiſta, forão graças

ças da liberalidade divina: quiz Deos fazer eſtas duas preſervações. E a preſervação da enfermidade no ſentido, em que imos fallando, he acto da vôtade humana: he não querer o homem os effeitos daquella enfermidade, fugindo da ſua cauſa: he naõ querer Joſeph o querer da Gitana: *noli peccare*. E ſe paſſarmos deſtas preſervações, que Deos quiz, às que os homẽs pódem querer; ainda eſta de naõ quererem a enfermidade, por naõ quererem o peccado, he mais ſingular que todas as q̃ elles pódem querer, querendo a virtude. He verdade, q̃ tãto o querer a virtude, como o não querer o peccado, ſaõ actos livres da vontade: & por iſſo tão meritorios ſaõ huns, como ſaõ os outros. E por conſequencia, tanto foge da enfermidade que imos diſcorrendo, o q̃ quer a virtude, como o que não quer o peccado. Mas, porque parece menos cuſtoſo o acto de não querer o peccado, do que o acto de querer a virtude; temos fundamento para condenar aos que por falta de hum não querer, chegão a enfermar. O ſeguimento de Chriſto tambem era (& ainda he) ſeguro meyo para ſe convalecer: *Virtus de illo exibat, & ſanabat omnes.* Baſtava ſó tocarlhe hũ enfermo o veſtido, para livrar

Luc. 6. 19.

livrar da enfermidade: Matth. 9.21. *Si tetigero tantùm veſtimentum ejus, ſalva ero.* Era porèm neceſſario a todos o trabalho do ſeguir, & a diligencia do tocar, para ſe convalecer. E aos preſervados, de que fallamos, para não adoecerem, baſta hum não querer: *noli peccare.* O querer do ſeguimento de Chriſto, para ſe não adoecer, cuſta o deixar de ſer: Matth. 16.24. *Abneget ſemetipſum*, & cuſta o crucificar: *Tollat Crucem ſuam.* E para algũs deſtes preſervados não enfermarem, baſta ſó o não querer: *Noli peccare.* Tanto cuſta, como iſto, aquelle Ibid. *venire poſt me*; & tão pouco eſte *noli peccare.* A melhor ſaude, & a que ſó he perfeita ſaude, he a noſſa ſalvação: para ſe conſeguir porèm eſte bem da gloria, conquiſta-ſe o Ceo com as armas das virtudes: *Regnum Cælorum vim* Matth. 11 12. *patitur, & violenti rapiunt illud.* E para ſe ir a lograr a meſma ſaude, livrando por iſſo de toda a enfermidade, não he neceſſario aquelle violentar: baſta ſó eſte não querer: *noli peccare.* O mais ſeguro não adoecer na alma, he o amar a Deos: quem mais o ama, menos deſcae da valentia de ſeu amante. Mas obriga a tão eſte amar, que chega a fazer morrer: *Maiorem hac dile-* Joan. 15 *ctionem nemo habet, quã* 13. *ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis.* E

todo

todo eſte ſeguro de não adoecer, que tem o mayor amar, logrão os preſervados da enfermidade ſó com o ſeu não querer: *noli peccare.* Admittindo S. Jeronymo a eſcuſa ao q̃ diz, que naõ póde jejuar, nem deſpojarſe dos ſeus bens: *Non poſſum jejunare, & res totas vendere, & pauperibus erogare*: duvidalhe a deſculpa de naõ poder amar aos inimigos: *Numquid poteſt dicere: non poßum diligere?* Tambem nòs, ſe ouviſſemos a algum repugnante do amor dos inimigos, a deſculpa de os naõ poder amar; com mayor razaõ lhe duvidariamos a eſcuſa de naõ poder naõ peccar, para naõ adoecer. Mais, he o querer hum bem ao inimigo, do que o naõ querer mal a ſi: logo, porque tu naõ pódes querer aquelle bem ao outro, ficas livre (lhe perguntariamos) de naõ poderes não querer eſte mal a ti? *Nũquid non poteſt noli peccare?*

S. Hier. lib. 1. com. in cap. 5. Matth.

Eſcravo.

§. X.

19 NAõ ha quẽ o naõ poſſa ſer; nem quem iſto meſmo naõ deva temer. Fallo da eſcravidaõ eſpiritual: porque a eſta ſe ſujeitaõ os q̃ ſe conſiderão ſer dos mais levantados eſpiritos, & da liberdade mais elevada.

elevada. A noſſa meſma alma, que he huma das mayores nobrezas do mundo : imagem de Deos, toda eſpirito, liberta toda, & jà hoje eterna ; tambem pelo peccado ſe faz eſcrava
2. Petr. 2. 19. do meſmo peccado. *A quo quis ſuperatus eſt, hujus & ſervus eſt*, diſſe S. Pedro : Todos ſaõ eſcravos daquelle, a quem ſe rendèrão. E como os que offendem a Deos, ſe rendem ao peccado ; todos eſtes por iſſo ſaõ ſeus eſcravos. Nem por ſer a noſſa alma eſpirito nobiliſſimo, & ſenhora da ſua liberdade, livra deſta ſervidão, havendo nella peccado. E foy eſta a razão, com que Chriſto convenceo aos que tinhão para ſi, que a nobreza do ſeu nacimento os livrava de todo o abatido ſerviço. *Semen Abrahæ ſumus, & nemini ſervivimus unquam :* Nòs deſcendemos do alto ſangue de Abraham, & até agora não fomos eſcravos de ninguem : *nemini ſervivimus*. Como, ſe por nacer Joſeph liberto em Canaan, viveſſe ſeguro de não ir eſcravo vendido para o Egypto. Ou, ſe por ſer Jacob tão nobre como Abraham, ficaſſe livre de ſervir a Labão. Não devião ſaber eſtes, ou ſe o ſabião, não advertîrão, ꝙ tanto o odio, como o amor, tem igual poder para cativar : tanto o odio dos irmãos de Joſeph, co-

Joan. 8. 33.

mo o amor de Jacob a Rachel. Mas não forão eſtes os exemplos, com que Chriſto convenceo aos nobres deſcẽdentes de Abraham: de outra aſcendencia delles meſmos lhes fez o argumento, dizendo, que não obſtante a ſua elevada nobreza, erão elles eſcravos do ſeu peccado. *Omnis, qui facit peccatum, ſervus eſt peccati.* Peccar, & ſervir, ſaõ extremos correlativos: & em havẽdo peccado, ha de haver eſcravidaõ. Nem he eſte ſó o mal de hũa alma, ſendo aſſim eſcrava; ainda he mal muito mayor, ſaberem todos, que ella aſſim anda ſervindo; & que o peccado he o ſenhor, a quem ſerve. Como pelos ſenhores ſe vem em conhecimento dos ſervos: do meſmo modo, que os ſervos ſaõ ſinaes para ſe conhecerem os ſenhores; viſtos os peccados, que ſaõ os ſenhores da alma, porque *ab illis ſuperata eſt*; tambem ſe fica vendo, que a alma então he eſcrava: *eorum ancilla eſt.* Supponhamos em hũa alma hum peccado ſeu, o mais occulto: ſupponhamos lhe o odio a algum dos ſeus proximos. Se por caſo em algum final exterior, ainda que leve, ſe deſcobrio eſte deſamor dos homens, logo ficou deſcuberto o deſamor de Deos. Saõ dous extremos, que devem andar ligados: o amor de Deos, & o amor do pro-

Ibid 34.

proximo: & vendo-ſe, que falta hum, o outro tambem falta. Peyor he ainda o argumento, que depois deſte ſe ſegue: peyor he entenderſe então, que a alma a ſi meſma ſe tẽ odio, por ſer então eſcrava do peccado. *Nemo poteſt duobus dominis ſervire*: he hũa das profundas ſentenças de Chriſto; porque ou ha de ter odio a hum, ou amar a outro: *aut enim unum odio habet: aut alterum diligit.* E porq̃ a alma foy creada para ſenhora dominãte das acções do homem: & o peccado tãbem quer ſer ſenhor deſtas acções, ſopeando a alma; quando a alma ſe rẽde ao peccado, elle fica ſẽdo deſtes dous ſenhores o amado: *alterum diligit*: & ella, o outro ſenhor dos meſmos dous, fica ſendo de ſi meſma a odiada: *unum odio habet.* E bem ſe póde dizer então da alma, que tem tãto odio a ſi, como he obrigada a ter amor a Deos; porque ſe tem odio a ſi meſma *ex tota anima.* E digo, toda, por duas razões: primeira, porque lhe não fica parte, pois he eſpirito; para que nella ſe ame no meſmo tempo, em que ſe tem odio: & ſegunda, porque como eſcrava do peccado, q̃ a rendeo, tambem o fica ſendo dos mais peccados, que com aquelle fazem a cadea, que a prendem toda. E chamolhe cadea; porque

Matth. 6.24.

Ibid.

este nome lhe convèm por outras duas razões: primeira, porque he prizão de escrava: segunda, porque antes desta nossa consideração, já na intelligencia de outros, os peccados fazem cadeas: *Ligantur pœnâ, qui ligati fuerunt culpâ.* O nexo dos peccados entre si he semelhante ao dos fuzîs de hũa cadea: he como a ligadura, que entre si tẽ as virtudes. A caridade he paciẽte, a paciencia he humilde, a humildade he mãsa, a mansidão he sujeita, & a sujeição he obediente, &c. Do mesmo modo: o odio he iracundo, a iracundia he vingativa, a vingança he superbosa, a soberba he murmuradora, & a murmuração he cruel, &c. S. Jeronymo por hũa destas cadeas deo a ver a outra: pela das virtudes a dos peccados. *Omnes virtutes ita cohærent, ut qui unâ caruerit, omnibus careat.* S. Hier. in Ep. E quem carece de todas as virtudes, por cõsequencia ha de ser abundante de todos os peccados. He a alma escrava do peccado, ou não? Não arrasta grilhões de muitos peccados, depois de rendida a elles? Respondão os que entendem bem aquella proposição: *A quo quis superatus est, hujus & servus est;* & vejão o que por elles responde o mesmo S. Jeronymo: *Unusquisque ei subjacet passioni, à qua vincitur:* De tãtos Idem lib. 1. contra Jovin.

Gl. I. in Matth. 22. 3.

pec=

peccados nos deixamos prender, a quantos nos queremos ſujeitar. E bem explicada eſta ſẽtença, em cada peccado vencedor: *ei ſubjacet paſſioni*: deſcobre hũ laço (& bem podemos nòs dizer hum fuzil de cadea) para a alma vẽcida: *à qua vincitur.*

Edificio.

§. XI.

20 ASſim como ligaõ no material as pedras, ligão no eſpiritual as virtudes. Jà o diſſe Santo Agoſtinho: *Quidquid in templis manufactis agitur, totum nobis ſpirituali ædificatione completur.* E ſe fallarmos de algũas virtudes obrigadas por votos, ainda eſtas com mais propriedade fazẽ edificio; porque ſaõ as virtudes, que ligaõ. Edificio eſpiritual he a Igreja fundada por Chriſto: *Super hanc petram ædificabo Eccleſiã meã.* Matth. 16.18. E aſſim Pedro, ſua primeira pedra, como os mais ſeus ſucceſſores, que ſaõ pedras, que lhe ſuccedèraõ, & vaõ ſuccedendo, todos ligaõ, & vaõ ligando neſte edificio: a todos ſe diſſe, & vay dizendo: *Quodcumque ligaveris, erit ligatum.* Ibid. 19. Sẽpre porèm ligando de dous modos: ligando por edificio, & ligando por edificaçaõ. Ligãdo por edificio, como pedras, no conſelho de S. Pedro: *Tamquàm lapides* 1. Petr. 2.5.

S Aug. Serm. 252. de Temp.

pides vivi superædificamini domus spiritualis. E edificando por edificaçaõ com virtudes, na conſideraçaõ de Sãto Thomàs: *Ordinata congregatio virtutũ per quamdam ſimilitudinem ædificio comparatur.* As pedras da Igreja, ſuſtẽtando-ſe hũas nas outras, ſuſtentaõ todas o edificio: *tamquàm lapides vivi ſuperædificamini.* E as virtudes trãſcendendo hũas por outras: *ordinata virtutum congregatio*: ſuſtentaõ todas a edificaçaõ: *ædificio comparantur.* Digo, tranſcendẽdo hũas por outras; porque as perfeitas virtudes andaõ ſempre ligadas: quem tem hũa, tem todas, ſe ſaõ virtudes perfeitas. E ſe ſaõ virtudes, que ligaõ: ſe ſaõ votos, como ſaõ a pobreza, a caſtidade, & a obediencia, ainda ligaõ melhor, ainda fazem melhor edificio, & daõ mayor edificaçaõ. A pobreza na decẽcia, & limpeza do veſtido exterior do virtuoſo pobre, apparece caſtidade: & no contentamento do q̃ lhe daõ para ſeu uſo, reluz obediencia. A caſtidade na imitaçaõ dos exẽplos, que encaminhaõ ao virtuoſo caſto, dà-ſe a ver obediencia: & no humilde ſofrimento da falta do neceſſario, julga-ſe pobreza. A obediencia na cega aceitaçaõ dos inçommodos da vida, que abraça o virtuoſo obediente, moſtra q̃ he pobreza:

S. Thomas.

&

& na incorrupçaõ da ſua vontade, ſem a viciarem actos contrarios, dà a entender, q̃ he caſtidade. E aſſim colligadas eſtas virtudes, tem-ſe maõ hũa a outra, & todas tẽ maõ no edificio: *Ordinata illarum congregatio ædificio comparatur.*

21 Com hũa advertencia porèm taõ neceſſaria para o edificio, como para a edificaçaõ. Nunca haõ de deixar de ligar os que edificaõ, para permanecer ſempre ou a edificação, ou o edificio. Exemplo temos no q̃ fez Chriſto, quando faltou, & deixou de ligar a primeira pedra S.Pedro pela ſua negaçaõ: *Non novi illum.* Luc.22. 57. Pondo logo os olhos nelle: *Reſpexit Petrũ:* & elle chorando logo a ſua culpa: *Flevit amarè:* o tornou a ligar de novo, & permaneceo o edificio da Igreja, como até agora, & como ſempre ha de permanecer: *Portæ inferi non prævalebunt.* E iſto meſmo fizeraõ os ſagrados Apoſtolos, Pedras todos do meſmo edificio, quando delle ſe desligou Judas. Logo no lugar donde cahio eſta pedra, puzerão elles outra: donde havia ſahido Judas, entrou Mathias: *Cecidit ſors ſuper Mathiam.* E he o que tambem devem fazer os que edificaõ por edificaçaõ, conſervando virtudes perfeitas; porque ſó aſſim as terão ligadas:

Ibid. 61. & 62.

Matth. 16.18.

Act. 1. 26.

levantando a que deſcahio: & renovando a que ſe deslustrou. Virtudes podemos dizer, que exercitou aquelle convidado da Parabola do banquete, q̃ repreſẽtava a meſa de Deos. Na falta que tinha do veſtido, bem moſtrava
Matth. 22.12. a ſua pobreza: *Non habens veſtem nuptialem:* & na attençaõ, que deo à voz do Rey intimada pelos ſeus ſervos, que o chamàrão, imitou aos chamados de Deos:
Ibid. 9. *Quoſcumque inveneritis, vocate ad nuptias.* Virtudes podemos dizer, q̃ ſe virão nas cinco Virgens imprudentes da outra Parabola do Euangelho. Erão caſtas:
Idem 25.2.& ulteriùs *quinque virgines:* forão diligentes: *ſurrexerunt*: moſtràrão devação: *ornaverunt lampades ſuas:* & quizerão entrar cõ as prudentes: *Domine, Domine, aperi nobis.* Virtudes podemos dizer, q̃ teve o Cyreneo, quando levou a Cruz de Chriſto em ſeu ſeguimento. Teve obediencia, teve caridade, teve compayxão, & teve paciencia: *Hunc angariaverunt, ut tolleret Crucem ejus.* Idem 27.32. Mas, porq̃ todas eſtas virtudes erão imperfeitas virtudes, nem ligavão, nem edificavão: nem os ſeus virtuoſos podião fazer edificio, nem dar edificação. Por iſſo o convidado foy lançado fóra da meſa, as Virgens ficàrão fóra das vodas, & o Cyreneo fóra dos braços da Cruz de Chriſto.

Chriſto. Para darmos agora a razão de não ligarem eſtas virtudes por imperfeitas, havemos diſcorrer a conſideração de S. Gregorio, quando diz que as virtudes ſaõ azas, porq̃ levantão da terra: *A terrenis actibus levant.*

S. Greg. hom. 4. & 5. in Ezech.

22 E mal podião eſtes virtuoſos edificar com virtudes, q̃ foſſem azas, ſendo as ſuas virtudes tão arraſtadas, & ſem aquelles voos, com que Santo Agoſtinho diz, que ſe levanta hũa alma, quando a não detem prizões da terra. *Mundata anima ab affectibus terræ, tamquam extenſis pẽnis, & liberatis alis volat.* Como havião de levantar da terra ao convidado as ſuas virtudes, ſe ellas o prendèrão de pés, & mãos: *Ligatis pedibus, & manibus;* & o não puderão ſuſpẽder, para que não cahiſſe no profundo da meſma terra: *in tenebras exteriores?* Como haviaõ de ir voando as Virgẽs, para entrarem nas vodas do Eſpoſo, ſe não puderão chegar mais, q̃ até baterem à porta para entrar; & ainda aſſim muito tarde: *noviſſimè veniunt?* Como havião de voar as virtudes do Cyreneo, ſe tudo o que fez para aliviar a Chriſto o pezo da ſua Cruz, foy violẽtado, & forçado: *angariaverunt?* Virtudes, q̃ não levantão da terra, não ſaõ materiaes, que façaõ edificio eſpiritual, que todo he levantado.

S. Aug.

Matth. 22. 13.

Matth. 25. 11.

tado. Saõ como os materiaes da torre de Babel, quando depois da confuſaõ das linguas, q̃ impedia aos trabalhadores a continuaçaõ do edificio, ficavaõ embaixo na terra, & naõ ſubiaõ, nem chegavaõ a ligar na torre. Em quãto os fabricadores ſe entendèraõ, hiaõ levados os materiaes, q̃ ſe pediaõ; & ſubindo todos, a obra hia voãdo. Mas depois que os ſeus authores nem ainda ſe ouviaõ hũs aos outros: Genef. 11.7. *Ut non audiat unuſquiſque vocem proximi ſui*, por naõ ſubirem entaõ os materiaes a ligar no edificio, a torre naõ Ibid.8. creceo mais: *ceſſaverũt ædificare.* Nem conſideradas as moralidades, que deſcobrimos nas duas Parabolas do convidado, & Virgens: nẽ tomado em ſẽtido myſtico o caminho do Cyreneo com a Cruz de Chriſto em ſeu ſeguimento, deixaõ de fazer exemplo accommodado às virtudes, que por imperfeitas nem fazem edificio, nem edificaõ. He verdade, que todos eſtes virtuoſos levavão os olhos em Deos, ſe attendermos ao q̃ faziaõ: o convidado entrou na ſua meſa, as Virgẽs querião entrar no Ceo, & o Cyreneo hia ſeguindo a Chriſto abraçado com a ſua Cruz. Mas não baſta obrar com os olhos em Deos, ſe no q̃ ſe obra, as mãos não cõcordão cõ os olhos: ſe as virtudes no exercicio não

dizem

dizem com as virtudes da intenção. Tambem ſe nós accõmodarmos à fabrica daquella torre a ſua conſideração aſcetica, acharemos incoherencia muito ſemelhante: acharemos no meſmo tẽpo mãos ſacrificadas à obra, & o edificio parado: *ceſſaverunt ædificare*; & mais os ſeus fabricadores tambem trabalhavão com os olhos no Ceo, até onde querião chegar com a torre: *cujus culmen pertingat ad Cælum.* Ibid 4.

Eſmola.

§. XII.

23 O Conſelho de não ſaber a mão eſquerda, quãdo a faz a mão direita: *Neſciat ſiniſtra tua, quid faciat dextera tua*; he de hum ſegredo, que o guarda a ſeu modo aquelle, que não faz a eſmola: & o guarda, como ſe deve guardar, aquelle que a faz. Digo que o primeiro guarda eſte ſegredo a ſeu modo; não porque elle o quer aſſim guardar; mas porque o vemos aſſim por elle guardado. E digo q̃ o ſegundo guarda o meſmo ſegredo, como ſe deve guardar; porque ſegue aquelle conſelho de Chriſto, como ſe deve ſeguir. A guarda deſte ſegredo no que não faz a eſmola, he cautela do ſegredo, que alli não ha: ſe a ſua mão direita não chegou a fazer eſmola, Matth. 6.3.

a eſ-

a eſquerda não teve de que guardar ſegredo. E então, porq̃ não houve eſmola feita, nẽ ſe diz: *quid facit dextera*: nem ſe póde dizer: *neſciat ſiniſtra*. A guarda porèm do meſmo ſegredo no que faz a eſmola, he cautela do ſegredo, que na verdade ha: ſe na ſua mão direita houve eſmola, que elle fez, teve a eſquerda ſegredo que guardar. E então he, que certamẽte *neſcit ſiniſtra, quid facit dextera*. De maneira, q̃ a mão eſquerda de ambos, os que de hum, ou outro modo guardaõ eſte ſegredo, naõ ſabe o q̃ faz a maõ direita; mas com eſta differença: que a maõ eſquerda do primeiro naõ ſabe o que naõ ha para ſe ſaber: não ſabe, ſe na mão direita ha eſmola: & a mão eſquerda do ſegundo, havẽdo eſmola na mão direita, ella o não ſabe. Hum delles não tem na ſua mão eſquerda ſegredo da eſmola; porque na direita não ha eſmola para o ſegredo. E o outro, porque na ſua mão direita ha eſmola para o ſegredo, a eſquerda tẽ ſegredo da eſmola. Eſta he a noſſa conſideração; & ainda que eſpeculativa, bem póde ter lugar entre as q̃ ſe diſcorrem (& tambem ſão eſpeculações) ſobre o meſmo texto: *Neſciat ſiniſtra tua, quid faciat dextera tua*. Nem importa tão pouco a reflexão, q̃ agora nos dà a materia para eſte diſcurſo;

curſo; que naõ ſirva de deſpertador aos avarẽtos da eſmola, para advertirem neſtes ſegredos da maõ eſquerda. No juizo do ultimo dia do mundo ha de conſtar por ſentẽça do ſupremo Juiz, quanto péza eſte ſegredo da maõ eſquerda, havẽdo, ou naõ havẽdo na maõ direita eſmola. Os cõdenados naquelle juizo, haõ de ſer aquelles, cujas mãos eſquerdas naõ ſouberaõ das eſmolas das ſuas mãos direitas; porque eſtas as naõ fizeraõ. Haõ de ſer dos que naõ deraõ eſmola aos famintos: *Non dediſtis manducare*: dos q̃ naõ derão eſmola aos ſequioſos: *non dediſtis potum*: & dos q̃ naõ deraõ eſmola aos deſpidos: *non cooperuiſtis*. E os approvados no meſmo tribunal, hão de ſer aquelles, cujas mãos eſquerdas tambem naõ ſouberaõ das eſmolas das mãos direitas, ainda fazendo ellas eſmolas. Fazendo eſmola aos famintos, aos ſequioſos, & aos deſpidos: *Dediſtis manducare: dediſtis bibere: cooperuiſtis*. Tudo iſto haõ de vir a dizer naquelle dia os meſmos reprovados, & os meſmos eſcolhidos: haõ de dizer entaõ de ſi meſmos, o que nòs jà agora dizemos delles. Huns haõ de dizer, que naõ ſouberaõ das eſmolas, que naõ fizeraõ: & outros, que naõ ſouberaõ das que fizeraõ. Que tãto montarà, como dizer cada hũ, que naõ

Matth. 25. 42. & 43.

Ibid 35. & 36.

naõ ſoube a ſua maõ eſquerda da eſmola, que naõ fez, ou ſim fez a direita. Os reprovados diraõ: Nòs naõ ſoubemos, que naõ tinhamos dado eſmola: *Quando vidimus eſurientem, aut ſitientem, aut nudũ, & non miniſtravimus?* E os eſcolhidos tambem diraõ o meſmo: Nós naõ ſoubemos, que ſim tinhamos dado eſmola: *Quando vidimus eſuriẽtem, & pavimus: ſitiẽtem, & dedimus potum: nudum, & cooperuimus?* A maõ eſquerda de cada hũ deſtes naõ ſabia das eſmolas da ſua maõ direita; mas com a differença, que jà temos moſtrado. A maõ eſquerda deſte naõ ſabia da eſmola da ſua maõ direita; porque na ſua maõ direita naõ havia eſmola, de que ſoubeſſe a eſquerda: *Neſciebat ſiniſtra, quod dextera faciebat.* E a maõ eſquerda do outro tãbem naõ ſabia da eſmola da ſua maõ direita, havendo nella eſmola, que ſim poderia ſaber, & naõ ſabia della: *Neſciebat ſiniſtra, quod faciebat dextera.*

Ibid. 44.

Ibid. 37. & 38.

24 Olhem agora os que léraõ eſtas verdades, para as ſuas mãos eſquerda, & direita; & vejaõ, ſe na direita ha eſmola, de que guarde ſegredo a eſquerda: ou ſe não tem a eſquerda de q̃ guardar ſegredo, por não haver eſmola na direita. E digo que olhẽ eſtes para as ſuas mãos eſquerda, & direita, chamando ao não ſaber,

saber, não olhar; porq̃ hũa das especulações do texto, que aqui discorremos, nos encaminha a fazer este synonymo na sua constituição. *Si per impossibile sinistra manus tua oculos haberet, videre tamen non posset, quid dextera tua faciat boni, qualesque, & quantas eroget eleemosynas.* Supponhamos o impossivel de ter a mão esquerda olhos: nesta suppoſição não olha a mão esquerda para as esmolas da mão direita: *qualesque, & quantas eroget eleemosynas.* Este he o commento, & interpretação hyperbolica, à qual nos accommodamos, dizendo outra vez o q̃ jà temos dito. Dizẽdo, que não guarda a mão esquerda o segredo daquelle cõselho: *Nesciat sinistra, quid faciat dextera*; por não haver na direita esmola, em que pòr os olhos: porque então, se na direita não ha esmolas para ver, mal pódem os olhos da mão esquerda olhar para as suas esmolas: *Videre non potest, quid dextera faciat boni.* E guarda a mão esquerda o mesmo segredo aconselhado, não olhando para as esmolas da mão direita, se nella ha esmolas para ver: se a direita faz esmolas, que pódem ser vistas, & a esquerda as não vè, bẽ se lhe diz então, que guarda o segredo daquelle conselho, em quanto persuade, que ainda havẽdo esmolas, que

S. Chrysostom. Theoph. apud Cornel. hic.

que ſe pódem ver, não vejão os olhos eſſas eſmolas: *quales, & quãtas eleemoſynas.* Neſte ſentido do ſegredo inſinuado aos olhos da mão eſquerda, vem a darſe de conſelho a eſta mão, que ſeja cega: *ſi oculos haberet, videre non poſſet.* E para ſe ajuſtar a eſte conſelho a mão eſquerda, ſuppondo ter ella olhos; ha de haver eſmolas na mão direita, para as quaes ella poſſa não olhar. Cegar, he hũa privação do que ha para ſe ver: não ſe diz cego, o que não vè o inviſivel. Não ſe vendo logo eſmolas na mão direita, não ſe póde dizer cega a eſquerda. Faça a direita eſmolas: & ſe as não vir a eſquerda, então ſe dirà eſta mão cega. Quando Chriſto nos manda cegar naquelle ſeu conſelho: *Si oculus ſcandalizat, erue eum*: ſuppõem objecto de eſcandalo para os olhos; & então nos manda, que não olhemos: *erue oculum.* E accommodando nòs o noſſo diſcurſo a eſte exemplo dos olhos do roſto cegos, havendo nelles eſcandalo: diremos tambem, que ſe os olhos da mão eſquerda olhando para as eſmolas da mão direita, contra o conſelho de Chriſto deſſem eſte eſcandalo, juſtamente ſerião mandados tirar: *Si oculi ſcandalizant, erue eos.* Matth. 18.9.

PA-

PALAVRA DE DEOS Defatada.

F.

Fama.

§. I.

1 TAmbem a noſſa he para os outros, ainda que para nòs he a noſſa vida. Matth. 11.29. *Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde*: foy o meſmo que dizer Chriſto: Naõ ſejaõ ſó para mim, mas tambem ſejaõ para vòs as minhas virtudes. A minha humildade, & mãſidaõ ſendo luſtre para mim, ſejaõ luzes para vòs: ſejaõ luzes, q̃ vos encaminhẽ a vòs, & me illuſtrẽ a mim. Eſta noſſa conſideraçaõ confirma o devotiſſimo Climaco, quando falla ſingularmente da manſidaõ, & humildade de Chriſto. Dizendo, que a humildade he como Sol, & a

manſidaõ como auro-
S.Clim. grad.24. ra : *Solem matutina lux auroræ præcurrit : humilitatem manſuetudo præcedit* : vem a dizer, que na luz deſtas virtudes , como em eſpelho, em q̃ nos vemos ; tomemos para nòs o q̃ nellas nos diz Chriſto : *Lucem Chriſtum audiamus.* Sigamos o exemplar deſta luz , q̃ no meſmo tempo he luminoſo em ſi, & ſerve de luz aos outros. Ou ſeja a luz da ſua manſidaõ: *Diſcite à me, quia mitis*; ou ſeja a luz da ſua humildade : *Diſcite à me, quia humilis :* ſempre olhando nòs para ella, entendamos, que ella falla com-noſco : *Lucem Chriſtum audiamus.* O eſpelho, que tambem por ſeu modo falla , ſerve de moſtrar aos que nelle ſe vem , como ſe haõ de compor. E iſſo meſmo faz a boa fama · he luz, que enſina aos que vem o ſujeito bem opinado , como o haõ de imitar. Por iſſo todas as virtudes ſe chamaõ luzes : *Lucernæ ardentes* , & juntamente obras : *in manibus.* Luzes , para illuſtrarem aos ſeus authores : *Luceat lux veſtra :* & obras, para guiarem aos ſeus imitadores : *ut videant opera veſtra.* E he o que outra vez cõfirma Climaco, fazendo nova reflexaõ ſobre o conſelho de Chriſto: *diſcite à me.* Guiay-vos, diz, pela minha luz, & pela minha obra : *Diſcite à mea illuſtratione,*

Luc 12. 35.

Matth. 5. 16.

Ibid.

S.Clim. & ai 25.

&

& operatione. Deſta verdade finalmẽte ninguem duvîda: hũa virtude viſta, he hum eſpelho ſem cortina; & quanto a virtude he mais illuſtre, o eſpelho he mais claro; & a fama he melhor guia. O que importa, he a attençaõ de tres circunſtãcias taõ neceſſarias à boa opiniaõ; que em faltando qualquer dellas, falta o que temos diſcorrido. Aprendey *ab illuſtratione, & operatione.*

2 A primeira circunſtancia, he a experiencia: para hũa virtude ſe eſcurecer, naõ he neceſſario que ſeja perdida: baſta que ſe veja aſſombrada. Aſſim como o eſpelho para naõ ſervir, baſta eſtar baſejado, ainda q̃ naõ quebrado. Se a virtude a eclipſou hũa leve ſõbra, & ao eſpelho qualquer véo de humidade; jà hũa, & outra luz deixa embaraçada a imitaçaõ: a virtude, por eſtar como amortecida; & o eſpelho, por ficar como cego. E iſto meſmo ſuccede à fama, ſe a cobrio algũ nublado: ainda q̃ ſeja taõ criſtallina, como a agua pura, ſe paſſou por algũa nuvem, logo ficou entre ſõbras: ficou, como a conſidera David: *Tenebroſa aqua in nubibus aëris.* Palm. 17.12. A ſegunda circunſtancia, he texto: para a fama ainda nos accidentes ſer boa, naõ ſe ha de publicar nem por muitas, nem por hũa ſó

lingua mà. Chriſto naõ quiz ſer louvado nem de hũ ſó, nem de muitos demonios. *Obmutesce:* diſſe ao Eſpirito da Synagoga, ainda publicando elle, quem era Chriſto: *Jeſu Nazarene: ſcio quis ſis, Sanctus Dei.* Mais louvado fico eu, callando tu; cõmentaõ com Chryſoſtomo: *Laus mea ſit ſilentium tuum.* E a muitos demonios, que lançava dos corpos: *Dæmonia multa ejiciebat:* naõ conſentia, que fallaſſem: *non ſinebat ea loqui;* poſto que o reconheciaõ por quem era: *quoniam ſciebant eum.* A terceira circũſtancia he doutrina: para ǫ a opiniaõ propria ſeja regra da alhea, naõ ha de ſer engrandecida, ſem ſer amada. Reputaçaõ dada ſó de boca, & naõ de coraçaõ; nem de ſi meſmo a quer Deos ouvir. Naõ attende aos elogios daquelles, que o honraõ ſó fallando: *Labijs me honorant;* & naõ amando: *cor autem eorum longè eſt à me.*

Marc. 1. 25.

Ibid. 24.

Marc. 7. 6.

Ibid.

Scholiaſt. apud Chryſ. hic.

Mat. 9. 34.

Ibid.

Vide Corn. hic.

3 De maneira, que a fama ſem algũa deſtas circunſtancias naõ he neceſſaria para bem dos que a ouvem. Pouco póde ſervir de eſtimulo da virtude, a fama de algũ modo manchada; aquella, que poſtoque ſeja luz, a eſcurecem algũas ſombras. E menos ſerve a fama, que anda por linguas taõ indignas, ǫ parece que profanaõ ao meſmo bom nome, que

que louvaõ. E muito menos ſervirà a fama, que ſó he dita, & naõ amada: a opiniaõ, que nem do coraçaõ vem à boca, nem paſſa da boca ao coraçaõ. Aquella fama unicamente he a neceſſaria a todos, que ſe parecer cõ a de Chriſto, quando elle meſmo a zelou muito, por ſer ſua. Quando Chriſto, porque ſeus inimigos queriaõ que deixaſſem de o louvar os ſeus diſcipulos na entrada de Jeruſalem, lhes affirmou, que ſe elles o naõ louvaſſem, as pedras o louvariaõ: *Si hi tacuerint, lapides clamabunt.* Luc. 19. 40. A voz dos louvores de Chriſto naquella occaſiaõ, era de todas as ſuas virtudes: *Super omnibus, quas viderãt, virtutibus.* Ibid 37. Virtudes deſaſſõbradas, por boas linguas acclamadas, & de todos amadas. E quando a fama he de ſemelhantes virtudes, he taõ devida ao virtuoſo; que até Chriſto naõ quiz, que lha negaſſem. E he taõ neceſſaria aos imitadores deſſas virtudes; que ſe deixarem de ſer acclamados por homens: *ſi hi tacuerint*, os haõ de acclamar as pedras: *lapides clamabunt.*

Fortuna.

§. II.

4 HE mais arriſcada quando dita, que quando lograda: quando ſe lo-

gra, provoca a inveja pelos olhos; & quando se diz, pelos ouvidos. E o invejoso mais sofre ver o bem alheyo possuido, que ouvillo declamado. Possuido, fazlhe a guerra callando; & declamado, a faz provocando. Naõ hia custando a Joseph menos que a vida, & a bom livrar lhe custou a liberdade, a sua fortuna sendo sò sonhada, quando a contou aos irmãos: *Vidi vestros manipulos circumstantes adorare manipulũ meũ. Vidi quasi stellas undecim adorare me.* Primeiro intentàraõ darlhe a morte: *Ecce somniator venit: venite, occidamus eum.* E depois o vendèraõ para o Egypto: *Vendiderunt eum Ismaelitis.* Fallar em ser adorado, ainda que por sonhos, & ainda que diante de irmãos, he ser alvo das lanças da inveja: *Invidebant igitur fratres.* E quando depois os mesmos o viraõ com o governo do Egypto, naõ se vio nelles mais inveja da mesma fortuna, q̃ antes lhe haviaõ invejado, quando lha ouviraõ. Bem se deixa aqui ver, como foy diversa a fortuna ouvida, da fortuna vista. Quando ouvida, tudo eraõ invejas das adorações sonhadas. E depois, quãdo vista, os mesmos seus invejosos foraõ seus adoradores: reprimio a dependencia as armas da inveja. E a razaõ de taõ grande dif-

Gen. 37 7. & 9.

Ibid. 19 & 20.

Ibid. 28

Ibid. 11.

fe-

ferença he, a que jà temos tocado, & com muito fundamento. A fortuna ouvida faz aos invejoſos guerra activa, como a faz fallando; obriga-os a ſair a campo provocados. O meſmo foy ouvirem os Apoſtolos, quãdo ainda naõ eſtavaõ ſantificados em graça, que Diogo, & Joaõ queriaõ os dous primeiros lugares do valimento de Chriſto: *Dic, ut ſedeant hi duo filii mei, unus ad dexteram tuã, & unus ad ſiniſtram in Regno tuo*; que ſahirẽ contra elles armados de indignaçaõ: *Audiẽtes indignati ſũt de duobus fratribus*. E o que tambem confirma eſta noſſa conſideraçaõ he a de Cornelio, que entre os que diſcorrem, quando, & como foy ouvida a cobiça dos dous irmãos, acrecenta, que em ſendo ſuſpeitada dos outros: *Adde ipſos odoratos fuiſſe cupiditatem duorum*. Tanto como iſto faz invejoſos a fortuna ouvida: ou nos irmãos de Joſeph por ſonhos, ou nos do Apoſtolado por ſuſpeitas. A fortuna porèm ſó viſta naõ he aſſim: como ſe naõ ouve, faz ſó a guerra paſſiva: faz invejoſos ſofredores, & naõ provocados. E vay tanta differença de guerra a guerra, quanta ſe vio nos irmãos de Joſeph, ouvindolhe dizer a ſua fortuna ſonhada em Canaan; & vẽdolha os meſmos depois poſſui-

Matth. 20. 21.

Ibid. 14.

Cornel. hic.

da no Egypto. Quando a ouvîraõ, naõ o podiaõ ver: *occidamus eum*; & quando a viraõ, com ſummo goſto lhe ouviaõ repetir: *Ego ſum Joſeph: ego ſum Joſeph frater veſter.* E nem ainda de lhes lembrar a venda da ſua liberdade: *quem vendidiſtis in Ægyptum*, ſe moleſtavaõ de o ouvir. De maneira q̃ aquella guerra, que primeiro fizeraõ a Joſeph os ouvidos de ſeus irmãos, quãdo lhes diſſe a ſua fortuna por ſonhos, teve depois fim, quando a fortuna já lograda ſe lhes deo a ver aos olhos. Cedeo entaõ a inveja as ſuas armas ao amor de irmãos; & fizeraõ pazes os ſeus olhos cõ os ſeus ouvidos. Já agora, lhes diſſe Joſeph, me eſtais vendo, & ouvindo ſem contradiçaõ do que vedes, & do que ouvis: *En oculi veſtri vident, quod os meum loquatur ad vos.*

Gen 45 3. & 4.

Ibid. 4.

Ibid. 12

5 E naõ he para tanto reparo, fazer eſta guerra a fortuna ouvida; como nos obriga a reparar, que ſem ſaber Joſeph que couſa era ſer afortunado, foſſe taõ perſeguido. Nos Apoſtolos havia capacidade, para que a ſua mayoria fizeſſe a huns invejoſos dos outros. Sabiaõ, que couſa era fortuna; & por natureza haviaõ de aſpirar todos à que foſſe mayor. Mas em Joſeph menino innocente, que ignorava eſtas mayorias,

rias, provocar hum ſonho da ſua fortuna a inveja de ſeus irmãos; foy invejar contra a natureza: & por ſer inveja de irmãos, contra o natural. Fez mais a fortuna de Joſeph innocente dita, provocãdo contra elle as armas da inveja, do que fez a grande ſoberba de Goliath deſafiando os eſquadrões de Saul. O Filiſteo ſabia o que tinha nas ſuas forças, para contender em campanha com os exercitos de Iſrael: & o innocente Joſeph contando os ſeus ſonhos, não preſumio de ſi merecimẽtos de afortunado, paraque o combateſſem as invejas de ſeus irmãos. He tão provocadora de inimigos a fortuna, quando dita, q̃ niſſo faz que emparelhem os meninos com os gigantes; & os innocentes com os culpados. Naõ lhe valeo a Joſeph, ſer como aquelle innocente, que Chriſto apontava para exemplar de afortunados no Reyno do Ceo: *Niſi efficiamini ſicut parvulus iſte, non intrabitis in Regnum Cælorum*: Quem nos pontos de ſubir, os naõ ignorar, como eſte innocente, aſſim pequeno, naõ terà no meu Reyno os aſſentos dos grandes. Porque ſendo Joſeph hum dos innocentes, de que Chriſto fallava: daquelles, diz Origenes: *Qui extollen tias non patiuntur*; naõ foy entaõ dos afortunados

Matth. 18. 3.

Origen. apud Cornelic.

nados do ſeu Reyno. A ſua fortuna dita, ſem elle a querer dizer, o trouxe debaixo das armas da morte: *occidamus eum*; & das lanças da inveja: *invidebant ei fratres.* Outro innocente, como Joſeph, q̃ foy David, tambem teve a meſma fortuna: tambem lhe naõ fez tanto mal viſta, como ouvida. Quando a levava a todos patente na cabeça do Filiſteo degollado, naõ ſe armou contra elle a inveja de Saul. Mas quãdo depois ſe ouvio cãtada no dia do ſeu triunfo: *Præcinebant dicentes: David percuſſit decem millia*, armouſe Saul de lanças contra David: *Putans eum configere cum pariete.* A liçaõ pois, que haõ de tomar do que tem aqui lido os mimoſos da fortuna, he, que a fiem mais dos olhos, q̃ dos ouvidos. Ande à viſta de todos a cabeça cortada aos gigantes: *Caput Philiſthæi in manu.* Mas de nenhum modo ſe ouçaõ nos ouvidos dos invejoſos: *Dicentes: Percuſſit David decem millia.*

1 Reg. 17. 57.

1 Reg. 18. 7.

Ibid. 11

Falſidade.

§. III.

6 NAõ ſe prova melhor com as teſtemunhas mais falſas; ainda q̃ melhor ſe prove a verdade cõ as mais verdadeiras. Quando ſe buſcavaõ teſtemunhas falſas cõtra

tra Chriſto, & naõ ſe achavaõ: *Quærebant falſum teſtimonium contra Jeſum, & non invenerunt*: ainda Judas poderia ſer chamado a juizo, para dar contra elle o teſtemunho falſo, que buſcavaõ. Quẽ havia ſido falſo huma vez, tambem o ſeria outra: depois da primeira falſidade taõ ſacrilega, naõ eraõ impoſſiveis outras taõ execrandas como ella. Porèm nòs vemos, que o naõ chamàraõ os Juizes, nem o inculcàraõ os accuſadores. E naõ ſeria, que por ſer Judas taõ falſo na venda do ſeu meſmo Meſtre, naõ ſe chamàra para tambem o ſer no proceſſo da ſua morte; porque para provar eſta falſidade, naõ convinha que a depuzeſſe o author abominavel da outra: quem foy falſo para vender a Chriſto, tambem o ſerà para elle naõ morrer. Mas, ainda q̃ naõ foſſe eſte o motivo de naõ ſer elle chamado para jurar cõtra Chriſto; nòs com tudo bem o podemos aſſim conſiderar por accommodaçaõ applicada ao noſſo diſcurſo. Bẽ podemos inferir do que entaõ ſó foy caſo, o que agora diſcorremos, como ſe toſſe myſterio. Digamos pois, q̃ nem por ſer hũa teſtemunha taõ falſa, como Judas, & a mais capaz para jurar falſo, he por iſſo a mais concludente para provar a falſidade.

Matth. 26. 59. & 60.

dade. A razaõ eſtà clara; porque para a teſtemunha falſa provar melhor o ſeu dito, a ſua falſidade ha de ter apparencias de verdade. E naõ poderia Judas parecer verdadeiro no juramento contra Chriſto, ſe na ſua venda jà tinha ſido falſo. Ha de fazer quem quizer enganar como falſo, o q̃ fez o demonio no Paraiſo, quando enganou como tentador: fallou ſem faltar à verdade de Deos, no meſmo tempo em que diſpunha a ſua falſidade. Primeiro deo por verdadeiro o preceito divino, para elles naõ comerem do fruto vedado: *Præcepit vobis Deus, ut non comederêtis de omni ligno Paradiſi:* & entaõ ſe introduzio mentiroſo, dandolhes hum ſeguro da vida, ainda que delle comeſſem: *Nequaquam moriemini.* E Santo Agoſtinho deſcobre neſta meſma tẽtaçaõ outra falſidade reveſtida de outra verdade. Naõ duvideis comer do fruto deſta arvore, lhes dizia; porque ainda que he certa a ſua prohibiçaõ: *Ne comedas:* bem podeis comer. E entaõ vereis, depois de comeres, q̃ a pena intimada naõ he de morte: *Nequaquam moriemini.* Mas antes: *Eritis ſcientes:* entendereis, que neſte preceito ha algũ myſterio, que agora ſe vos eſconde, & logo o ſabereis: *Sub hoc præcepto aliquid myſterij latet,*

Gen. 3. 1.

Ibid. 4.

Gen 2. 17.

Gen. 3. 5.

S. Aug. lib. 11. de Gen. ad lit. c. 3. ap. Corn. hic.

tet, quod necdum ſcitis, & ſcietis, cùm comedéritis. A verdade, que naõ negava o tentador, era a do preceito impoſto: *ut non comedérétis.* A falſidade, que ſe encobria na tẽtaçaõ, era a do myſterio ignorado: *ſcietis, cum comedéritis.* Eſcuſado era enſinarmos nòs neſta liçaõ de enganar com a falſidade encuberta, como a devem encaminhar os imitadores deſte exemplar do Paraiſo. Porque detrahir, quãdo louvaõ; vingar, quando zelaõ; & dizer entre dous actos de virtude, muitos, que o naõ ſaõ; mais he nelles natureza, que artificio. Fallaõ com tal myſterio, que ſó ſe vẽ a ſaber, quãdo já o louvor, que era detracçaõ, & a vingança, que era zelo, ſe deſcobrem conhecidas falſidades: quando depois do fruto comido, haviaõ de ver Adam, & Heva, q̃ era veneno mortal o q̃ tinhaõ tragado: & que era tentaçaõ, o que parecia myſterio: *ſcietis, cùm comedéritis.*

Fama.

§. IV.

7 NEm por mais illuſtre, menos expoſta a ſer eclipſada. Que couſa mais pura, que agua da fõte? Que criſtal mais limpo de manchas? E com tudo, porq̃ a falta da agua, que no deſerto mataſſe a ſede aos Iſraelitas,

raelitas, os teve inquietos, diſcordes, ou murmuradores: *Ut Deus populo murmuranti ob ſitim daret aquam*: o nome, que iſto fizeſſe lembrado, ficou na agua impoſto: *Aqua contradictionis*. Eſte, & outros ſaõ os reparos, em que nos faz advertir a impoſtura deſte nome: ſer a contradição, ou murmuração do povo ſequioſo; & deixarſe lembrada naquella agua: & ſer mais a agua, que a penha, q̃ a deo, o padrão deſta lembrãça. Ficar aquella agua, & hũa agua milagroſa, que era para matar a ſede ao povo de Deos, com a impoſtura das contradições do meſmo povo; he para a tomarmos por exemplo, ou figura de emblema, que repreſenta o que dizemos. Que moſtra, como para ſe eclipſar o bom nome, baſta que as ſõbras lhe venhaõ de fóra: baſtaõ as contradições dos outros, para o chamarem a elle, o das contradições, & o dos tumultos. Eſcurecer ao eſplendor da ſua virtude, aquelle, que deſfaz no ſeu proprio procedimento: aquelle diſcipulo de Chriſto, que hoje o vende: *Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam*: ſendo hontem hũ dos luminoſos do mũdo, eſcolhido por elle meſmo: *Vos eſtis lux mundi*: he haver eclipſe no hemiſferio proprio: he aſſombrar a luz

Corn. hîc.

Num. 20. 13.

Matth. 26. 15.

Matth. 5. 14.

luz o meſmo ſujeito luzido, quando elle, porque quer, deixa de luzir. E ſemelhantes eclipſes não ſe vem ſó nos circulos dos annos: em todas as horas do dia póde haver eſtes eclipſados. Porèm, que desluſtrem o bom nome grangeado por luzidos procedimentos, as ſombras dos q̃ não luzem: a boa fama propria, pela mà vida alhea, he eclipſarſe a luz no lugar proximo com as ſombras do diſtante: o bom nome de huns com as manchas de outros. Pois deſtes eclipſados não faltão exemplares em todos os tempos; porq̃ em todos ha deſtas ſõbras. E digo exemplares; porque aos de mais nobres procedimentos fazem ellas a oppoſição, ſem que elles a ſi meſmos a fação. O ſeu exemplo nunca deixa de luzir: como nem as ſombras dos que aſſim não luzem, de os deſluſtrar. Elles ſaõ a agua criſtallina; & os ſeus oppoſtos as ſombras, que a eſcurecem: elles parecidos com a luz, q̃ de ſua natureza não pede ſer eclipſada; & os ſeus oppoſtos, as nuvens, que ſe lhes atraveſſão; porque o ſeu natural, iſſo he o que pede. O motivo de ſe impor à agua aquelle nome eſcandaloſo, que querião ficaſſe para ſua lembrança; mais proprio ſeria para ſe accõmodar o meſmo nome à penha, donde a agua brotou:

brotou: mais firme ficava eſte nome gravado na pedra, que dito ſobre a agua: a pedra fica, & a agua paſſa. Mas como aquelle mao nome (nome de murmuração) havia de ficar para memoria de todos; na agua, que o havia de levar por onde ella correſſe, hia mais bem encommendado. E por ſer agua, a que o levava, & que de ſua natureza por onde corre, murmura; nella ficou bem poſto. Fazia aquella agua, & ainda agora fará, ſe ainda hoje correr, aquillo meſmo que faz a fama. Aſſim como eſta voa, & leva o bom, ou mao nome, q̃ lhe puzerão, nas azas; aquella agua hia publicando pelos circulos do ſeu caminho o mao nome daquelle eſcandalo: *Aqua contradictionis.* E a penha não faria iſto, ainda que nella ſe abriſſe eſcrita eſta murmuração: era neceſſario, que a foſſem ao deſerto ler, para ella ſe publicar. E quem quer dar a ſaber o deſluſtre da boa opinião, não eſpera q̃ o vão ouvir a ſua caſa: rodea elle meſmo toda a praça, como aquella agua voltaria por muito campo; & vay dizendo do ſujeito bem opinado, o que aquella agua hia divulgando dos murmuradores do deſerto: Eu ſou a agua do ſeu eſcandalo: *Aqua contradictionis: aqua populi murmurantis.*

8 O que até aqui temos

temos dito, & diremos ainda, he ſó accommodação: he como hũa figura do figurado, que diſcorremos: a fama de huns manchada cõ as maculas de outros; quando os que não tẽ bom nome, querem fazer ſeus ſemelhantes aos que o tem. E os de melhor opinião, que ſe viſſem retratados neſta agua, ſem duvida approvarião a pintura, & renovarião a ſua queixa: aſſim como os de menos, ou nenhũa culpa repetiriaõ a ſua, ſe no innocente ſangue de Abel quizeſſemos repreſentar hũa innocencia queixoſa: *Vox ſanguinis clamat.* Tal podemos conſiderar eſta agua com a impoſtura de contradição: tambem fallando, como fallava aquelle ſangue do irmão ſeu cõtrario. Eu (ſupponhamos diz aquella agua) nacendo pura, não livrey de ſer mal opinada: ſendo eſpelho por natureza, não faltou quem me bafejaſſe, & eſcureceſſe o criſtal, que ella me deo. Ainda que David tambem já vio agua eſcurecida: *Tenebroſa aqua:* logo diſſe, que as nuvens a aſſombrarão: *in nubibus aëris.* Mas o meu nome: agua de contradição: faz ſer o nome meu, & não diz, que a contradição he de outros: *aqua contradictionis.* He neceſſario leſſe toda hũa hiſtoria, para ſe dar a cõtradição aos ſeus Authores; & eu ficar limpa:

G n.4. 10.

Pſal. 17. 12.

Ibid.

pa: *aqua*. E não he ainda ſó eſta a deſgraça, que eſcurece a boa opinião de muitos: não he ſó a impoſtura do nome, que os deſluſtra. São mais as que deſcobrimos com outras reflexões ſobre a meſma agua. Vermos nòs, que não ſó a agua, que alli brotou; mas tambem a outra, que ao depois correo, toda ficou aſſim deſluſtrada com o nome daquella contradição; he offerecerſe à noſſa viſta por repreſentação, o que por ſemelhança ſuccede à illuſtre fama, ſe acaſo a começàrão a eſcurecer algũas ſombras. Aindaque depois ſe deſembarace dellas, & torne a luzir, como dantes, ſempre nos olhos da inveja, ou na boca da murmuração ficou agua de eſcandalo: *aqua contradictionis*. Nẽ baſtou, que eſta agua mataſſe a ſede a tantos ſequioſos, para deixar de ſer tão mal nomeada. Mais merecia ella o nome do bem, que lhes fez; do que do mal, q̃ elles fizerão. Porèm eſſa he muitas vezes a ſorte dos bem procedidos, ainda para com os ſeus obrigados: não ha beneficios, que os ſatisfação: nem agua, que lhes mate a ſede. Os beneficios a correr perennemente, & elles a dizer mal da agua: *aqua contradictionis*.

Finezas.

§. V.

9 NAõ ſaõ para menos abominadas as do odio, q̃ para mais celebradas as do amor. O coração, que he a officina de hũas, & outras, tanto conſente, que o odio forje nelle as ſuas, como que apure as ſuas o amor. E iſto meſmo fazem os olhos, que ſaõ as portas, por onde ſaindo ellas do coração, ſe deixão ver todas. Tanto olhão bem, como mal; & por iſſo nòs tão expoſtos andamos a ſermos viſtos com maos, como com bons olhos. As mayores finezas do amor, forão as de Deos para com os homens: não tẽ iguaes. Tanto os amou: *Sic dilexit*, que lhes deo ſeu proprio Filho: *ut Filium ſuum daret.* E tanto os amou o meſmo Filho de Deos, q̃ elle tambem ſe lhes quiz dar: *Oblatus, quia voluit.* E ſe advertirmos no que Deos quiz dar por amor, acharemos, que do modo, que ſe póde dizer, iſſo meſmo derão os homens por odio. Não foy ſó Deos, o que por amor não perdoou ao Filho, quãdo o deo para morrer por nòs: *Proprio Filio ſuo non pepercit.* Nem foy ſó o Filho de Deos, o que tambem por amor ſe deo a ſi meſmo, quando ſe ſacrificou a eſſa morte: *Oblatus eſt,* Joan. 3. 16. Iſai. 53. 7. Ad Roman. 8. 32.

quia ipſe voluit. Outros mais forão, os que derão o meſmo, & para o meſmo ſacrificio, tanto por odio do Pay, como do Filho: *Oderunt me, & Patrem meum.* Judas o deo, & lhe não perdoou: *Quemcumque oſculatus fuero, ipſe eſt, tenete eum.* Pilatos o deo, & o entregou: *Tradidit eum voluntati eorum.* Tambem o derão todos aquelles, que dizião: *Crucifige: crucifigatur: reus eſt mortis.* E perguntemos nòs agora: deo aqui mais o amor, do que deo o odio? Não foy o crucificado por odio, o meſmo ſacrificado por amor? Apura mais hũ coração as ſuas finezas, quando quer bẽ; do que refina as ſuas averſões, quando quer mal? O mayor amor (diz a ſua definição cõpoſta do q̃ diſſe Chriſto, & do que mais ſe lhe ajunta) he aquelle, que obriga a dar a vida por ſeus inimigos: *Maiorem charitatẽ nemõ habet, ut animã ſuã ponat quis pro amicis ſuis.* He tão ſó eſte o amor mayor, que ſó em Chriſto morrendo por noſſo amor, & nos amantes, que por ſeu amor morrèrão, ſe tem viſto eſta fineza. E aſſim ſe entende a ſentença propria de Chriſto: *Maiorem hac dilectionem nemo habet.* Mayor amor que eſte meu aos homens; & que o ſemelhante, q̃ eu quero me tenhão elles a mim: *nemo habet.* He ver-

Joan. 15. 24.

Matth. 26. 48.

Luc. 23. 25.

Joan. 19. 6. Matth. 27. 23. & 26. 66.

Ex Antiph. Apoſt. ad Veſp.

Joan. 15. 13.

Ibid.

verdade, que morrer Chriſto por ſeus inimigos, ainda foy mayor amor; mas neſta conſideração, ainda eſtes inimigos ſe chamaõ amigos, diz Cornelio: *Amici hîc vocãtur, non qui diligunt, ſed qui diliguntur; quales poſſunt eſſe etiam inimici.* E o meſmo diz Santo Thomàs: Aindaque eſtes naõ ſaõ amigos, que amaõ; ſaõ amigos, porque ſaõ amados: *Licèt non ſint amici amantes; ſunt amici amati.* Morrer pois por amar, & ſó por amar, querer morrer, he fineza ſem igual: he o mayor amor, o q̃ faz amar por amar, & querer a morte ſò por querer. E por outra definiçaõ parecida com eſta, podemos nòs tambem deſcrever o mayor odio: aquelle odio, que poz a Chriſto na Cruz, & foy até agora o odio mayor: *Maius odiũ nemo habet, ut animam ſuam ponat quis pro inimicis ſuis.* Com huma differença entre definiçaõ, & definiçaõ: por naõ ſer eſte *pro* da definiçaõ do odio, como o *pro* da definiçaõ do amor. Eſte *pro* da definiçaõ do odio diz ordem, & averſaõ ao inimigo, a quem ſe tem odio: he o meſmo que perderſe hum a ſi, por querer mal ao outro: define-ſe entaõ o morrer pelo querer mal. E iſto naõ tem o *pro* da definiçaõ do morrer por querer bem: porque ſó diz ordem, &

Cornel. hîc.

S. Tho. in Joan. cap. 15. lect. 2.

affeiçaõ a quem ſe ama: tanto monta, como padecer hum o mal proprio, querendo o bem alheyo. Cõ outra differença mais entre as meſmas definições: por ſer ainda mayor o odio aſſim definido. E ſenaõ, comparado o odio cõ o amor; comparada hũa definiçaõ com outra. A medida do amor na ſua definiçaõ, ſó ſe toma pela vida, que ſe dà por amar ao amigo: *animam ſuam*: quer dizer a ſua vida. E a medida do odio na definiçaõ, que lhe accommodamos, toma-ſe pela alma, que ſe perde por querer mal ao inimigo: iſſo quer dizer na ſua definiçaõ: *animam ſuam*. E mais he dar a alma por odio, que dar a vida por amor. E ſe entendermos, que a parte da definiçaõ do odio: *animam ſuam*: tambem quer dizer a ſua vida; porque tambem póde fazer perder a vida o grande odio; ainda fica mais encarecido o refinado das ſuas finezas. Como o amor mais fino, & o mais bem ordenado (porque deſte he, que fallamos) ſó obriga a dar a vida pelo amado: & o mayor odio naõ ſó faz perder a alma, mas tambem poderà fazer perder a vida por vingança do odiado; bem ſe dà a ver a differença de hũ, & outro affecto nas ſuas definições. Hum, ſó empenha a dar por amor dos amigos a vida:

da: *Vitam ſuam ponat quis pro amicis*; & o outro póde obrigar a dar por odio dos inimigos tambem a vida, alem de fazer dar a alma: *Animam ſuam ponat quis pro inimicis.* Naõ ſe duvîda tãbem que o amor humano, illicito, & peccaminoſo, faça perder a alma; mas eſſe naõ he o amor daquella definiçaõ: *Maiorem charitatẽ nemo habet.* E o odio da definiçaõ, que lhe damos, ſem attendermos à perda da vida, de que tambem póde ſer cauſa, jà he o mayor odio, por fazer perder a alma: *Maius odium nemo habet, &c.*

10 E naõ he ſó eſta a razaõ das mayorias deſtas finezas do odio: naõ he ſó, porq̃ ſendo o mayor odio, faz perder a alma: he tãbem pelo muito empenho, que ſe faz, para haver mayor amor; & para haver mayor odio, naõ ſe fazer empenho taõ grãde. Para haver mayor amor: (& ainda para haver amor, ſem que ſeja o que empenha a morrer pelos amigos) ſaõ neceſſarios para o amãte preceitos, que mandem: *Diliges proximum, ſicut te ipſum*; Prégadores, que aconſelhem: *Diligite alterutrum*; ameaços que intimem: *Qui iraſcitur fratri ſuo, reus erit judicio*; razões que provem: *Si charitatem non habuero, nihil ſum*; & exemplos, que perſuadaõ: *Quemadmodũ*

Matth. 22 39.

S. Hier. lib. 3. in com ad Gal. c 6.

Matth. 5. 22.

1. ad Cor. 13 2.

Joan. 13 15.

ego feci, ita & vos faciatis. E para haver o mayor odio, tudo iſto ſe eſcuſa: mata Caim a ſeu irmaõ Abel ſem o obrigar algũa ley, nẽ mandar algum conſelheiro, nem intimidar algum ameaço, nem provar algũa razão, nẽ encaminhar algum exemplo. Baſtou ſó a võtade rendida a hũ affecto invejoſo, que foy o motivo do odioſo; & eſte a cauſa do fratricidio eſcandaloſo. Tãto como iſto afinou Caim o motivo da morte, que deo a Abel. Olhou Deos mais para Abel, que para Caim; & não foy neceſſario mais: *Ad munera illius non reſpexit.* E aſſim como ſeria o mayor amor, amar quãto podia ſer, ſem precederem a eſſe amor preceitos, cõſelhos, ameaços, provas, & exẽplos; bem ſe reconhece a differença do mayor odio; pois ſem eſtes eſtimulos chega a ſer cõparavel do modo, que temos dito, com a mayoria deſſe amor. E tomando mais outras medidas a eſta comparaçaõ, ſupponhamos que ſe faz eſta pergunta: ſupponhamos, que ſe pergunta ao mayor author do odio (ao demonio entendo) *quid mali faciam, ut habeam mortem æternam?* aſſim como ſe perguntou ao Author do mayor amor: *Quid boni faciã, ut habeam vitam æternam?* Sem duvida, que ſeria a repoſta da pergunta,

Gen. 4. 5.

Matth. 19. 16.

gunta, que ſuppomos: *Odio habebis proximum*; aſſim como ſabemos, q̃ foy a repoſta da per-
Ibid. 9. gunta, que ſe fez: *Diluges proximum*. Vamos ſuppondo mais, para julgarmos eſtas medidas, & para lhes darmos a differença jà ponderada. Supponhamos, que por ſemelhança accommodada diz o que propoz a primeira pergunta, o meſmo q̃ diſſe o da ſegũda: iſſo faço eu jà ha muito tempo: por natureza tenho eu eſſes odioſos affectos: *hoc cuſtodivi à juventute mea*. Se para eu me condenar, ha de ſer o meu odio deſſes quilates; jà o meu coraçaõ tem ſido a pedra de toque, onde elles ſe tem afinado. E teria o demonio mais que reſponder à pergunta, que imos ſuppondo? Diria, ou acrecentaria mais a ſua repoſta; aſſim como Chriſto diſſe, & acrecentou a ſua: *Si vis perfectus eſſe, vade, vende quæ habes, & da pauperibus*? Póde parecernos que naõ; porque ao grande amor da primeira repoſta de Chriſto faltava o que aconſelhou na ſegunda, para ſer mayor amor: faltavalhe para a obſervancia do ſaber amar, aconſelhar a perfeiçaõ de ſe deſpojar do ter: *Si vis perfectus eſſe, vade, vende*. E ao fino, ou refinado daquelle odio, nada parece lhe faltava para ſer o odio mayor. Toda a malicia dos mais peccados, que
Ibid. 21.

o de-

o demonio acrecentaſſe ao odio aconſelhado, faria mayor peccador; mas naõ mayor odio. E o deſpojo dos bens ao que conſultou os meyos para ſe ſalvar, fazia crecer mais o amor: *Si vis perfectus eſſe, &c.*

11 Reſpondamos agora a outra pergunta, que tambem ſe ſupõem a nòs propoſta; & naõ menos importante, que as repoſtas das outras duas. Depois de provado o diſcurſo, & tomadas aſſim as medidas às finezas do odio; que vem a intereſſar os que as ignoravaõ, & jà hoje as reconhecem? Muito, ſe deve reſponder: & primeiro que tudo, he a conſideraçaõ do riſco de ſalvar a alma o exercitado neſtas finezas do odio. Se o mayor amor he o que a ſalva; o mayor odio certamente he o que a condena. E ſe o amar a Deos, & ao proximo, he o mayor amor; naõ amar a Deos, nem ao proximo, he o mayor odio. Deſtas verdades naõ pódem duvidar, nem ainda aquelles, a quem ellas amargaõ. Vejaõ pois os que as eſtaõ lendo, para onde os encaminhaõ as finezas das ſuas averſões: o dilatado tempo, que tem corrido, ſem a reconciliaçaõ chriſtãa cõ os ſeus odiados; & como concordaõ a continuaçaõ do ſeu odio com a frequencia dos Sacramentos, ou rece-

ben-

bendo-os, ou adminiſtrando-os. O tẽpo em que haõ de ir à balãça da cõta o ſer Chriſtaõ, & o ter odio, jà vẽ chegando. E entaõ ſe ha de ver cõdenado aquelle, q̃ no meſmo tẽpo, em q̃ dava o oſculo a Chriſto, parecendo hum dos Chriſtãos mais leaes, era o ſeu inimigo mayor Oh quãto péza, & como dece a balança aõde entra o abraço, q̃ juntamẽte cõſigo leva o odio! Oh como paſſarà por aquelle fiel da balança mais afinado ainda que as mayores finezas do odio! Aquella ſubtileza, com que alguns deſcobrem aggravos onde os não ha; & fiaõ taõ delgado o ſeu reſpeito, que qualquer leve ar o quebra; fineza he dos affectos odioſos muito apuraada. Mas ainda com ſer taõ fino, & fragil o fio que agora ata, & prende a leve falta de hũa veneraçaõ, que ſe nos negou, com a ſatisfaçaõ odioſa, que logo tomou a noſſa vingança; fica ſendo laço fortiſſimo, que naõ deixa ir ao tribunal do juizo hum extremo ſem outro: a falta do reſpeito, que foy o motivo da vingança, ſem a ſatisfaçaõ, que por ella tomou o odio. Iſto he o que faz advertir a conſideraçaõ das ſuas finezas: temermos nòs, quanto engroſſaõ naquelle tribunal os fios, de que depende a noſſa conta nelle pezada. Hũ fio, a fineza do odio:

outro

outro fio, a fineza da conta. E aindaque taõ delgado ſe fia hum fio, como o outro: o do odio em vida; & o da conta depois da morte: ambos avultaõ là taõ groſſos, que de hũ naõ ſe deſataõ odio, & vingança; & do outro naõ ſe ſoltaõ conta, & caſtigo. Queira Deos, que do primeiro fio poſſamos dizer: *Anima noſtra ſicut paſſer erepta eſt*: & do ſegundo: *Laqueus contritus eſt, & nos liberati ſumus.*

Pſalm. 123. 7.

Ibid.

Fruto.

§. VI.

12 HUm ſó foy verdadeiramente bemdito: *Benedictus fructus*: os maldi-

Luc. 1. 42.

tos ſaõ muitos: ſaõ todas as obras daquelles, que pragueja Jeremias: *Maledictus, qui facit opus Dei fraudulenter.* E ſemelhantes ſaõ eſtes à figueira, que Chriſto amaldiçoou; porque havendo de ter fruto, naõ lhe achou mais que folhas: *Nihil invenit, niſi folia tantũ.* E dar ſó folhas a arvore, que ha de dar fruto: *Facit opus fraudulenter*; & he por iſſo amaldiçoada: *Nunquã ex te fructus naſcatur in ſempiternum.* He a Religiaõ hũ ſegundo Paraiſo da terra: & pódem temer ſemelhante maldiçaõ as arvores, q̃ nelle naõ daõ o fruto *juxta genus ſuum*; cada hũa como ſe eſpera da ſua virtude propria. Ou dar

Jrem. 48. 10.

Matth. 21. 19.

Ibi l.

Gen 1. 11.

dar fruto, ou ſeccar para ſempre: *Arefacta*
Matth. 21. 19. *eſt ficulnea.* Terrivel ſentença! E póde ſer, q̃ ainda ſe naõ tenhaõ conſideradas todas as razões do ſeu terror: todas as circunſtancias, que a fazem aſſim tremenda. Naõ fallo em ſer amaldiçoada aquella figueira, por faltar com o fruto, ſendo, que naõ era tẽpo de o dar:
Marc. 11. 13. *Non erat tempus ficorũ*: porque jà ſe tem feito eſte reparo, & eſtà muitas vezes ponderado. Por outras reflexões, em que iremos advertindo, he para ſer muito temido todo o caſtigo ſemelhante ao deſta arvore: *Nunquàm ex te, &c.* Havemos de ſuppor (& eſta he a primeira reflexaõ) que aquella figueira em todos os annos antecedẽtes tinha vindo com o ſeu fruto no ſeu tempo. Pois porque falta aqui com elle, & a primeira vez, que faltou, amaldiçoada logo: *Nũquam ex te fructus naſcatur?* Haverà quem deſcubra o fundamento deſta condenaçaõ? O Juiz recto: a falta do fruto hũa; & por iſſo ſecca para ſempre: *Arefacta in ſempiternum?* Oh que grande advertencia eſta, para naõ faltarmos neſta hora à noſſa obrigaçaõ; ainda q̃ até aqui a tenhamos feito. Advertencia outra vez grande; porque naõ ſabemos qual ſerà a noſſa ultima falta: nẽ ſe algũa, q̃ nos parece

ſer

ſer a primeira, ſeja eſſa a ultima. Cuidaria Oza, ou alguns dos que o viraõ morto, por haver tocado na Arca do Teſtamento, quando a quiz ſuſtentar, para naõ cair: *Mortuus eſt juxta arcam*: cuidaria, digo, que aquella acçaõ no juizo dos homens boa, ſeria no Tribunal de Deos condenada por mà, & tãbem a ultima da vida de Oza? Se nòs a examinarmos, ha de parecernos, que era reverente culto do ſagrado da Arca, para que ſe naõ viſſe cahida, & por terra arraſtada. E examinada por Deos eſta q̃ nòs imaginariamos reverencia, foy condenada temeridade: *Iratus Dominus contra Oza, percuſſit eum ſuper temeritate.* E ſe neſte acto aſſim deſculpado foy culpa, & a ultima culpa de Oza, ſendo acto unico em toda a ſua vida; quem haverà, que naõ tema acabar a ſua em hũa obra, que ſeja a ultima, errando elle muitas, & nenhũa dellas com deſculpa? Para naõ ſer pois taõ repentino, & taõ horrivel o fim da noſſa vida; naõ nos fiemos na deſculpa do tempo: naõ cuidemos, que póde haver tempo, em q̃ naõ poſſamos cõmetter culpa. A figueira amaldiçoada por Chriſto acabou a ſua vida em hum tempo, que naõ tinha fruto; depois de o ter dado em todo o mais tempo.

2. Reg. 6. 7.

Ibid.

Quem

Quem até agora tem dado o ſeu fruto, ſegundo a ſua virtude: *juxta genus ſuum*: advirta, que ſe o naõ der depois deſte agora, poderà ſeccarſelhe a virtude, para jà mais naõ dar outro: *Nunquàm ex te fructus naſcatur in ſempiternum.* Oza morto por decreto de Deos chegou ao fim dos ſeus annos em hũ inſtante de tẽpo, pouco depois de ter feito em outro o que mais parecia reverencia, que temeridade. Quem vive ſervindo a Deos, & por iſſo a elle mais chegado, como Oza eſtava da Arca; entenda, que nem aſſim tem ſeguro o merecimento do ſeu ſerviço: poderà neſte tempo parecer aos homens virtuoſo; & neſſe meſmo, ou pouco depois provocar a indignaçaõ de Deos por eſtar culpado: *Iratus Dominus ſuper temeritate.*

13 Tal ſe poderà achar aquelle Religioſo, como tãbem ſe vio aquella arvore, (& eſta he outra nova advertencia) por ella naõ dar a algum faminto de eſpirito o ſuſtento da alma. Aſſim como a figueira naõ deo naquelle tempo o do corpo a Chriſto, que entaõ delle neceſſitava. *Eſurijt, & videns ſici arborem venit ad eum, & nihil invenit.* Os q tem fome da virtude; & ſaõ aquelles, *qui eſuriunt juſtitiam, ideſt, complexionem omnium vir-*

Matth. 21. 18. & 19.

Idem ſ. 6. Corn. hic.

virtutum : dependem do zelo de quem a enſina, & a diſtribue por todos os que a buſcaõ. E ſe o Prégador, ou o Confeſſor, que ſaõ o repreſentado das arvores fructiferas, naõ mataõ a fome aos que lhes pedem o ſeu fruto : o Prégador tendo ſó folhas, & o Confeſſor naõ ouvindo em todo o tempo aos penitentes, com bem fundado argumento pódem temer hũa maldiçaõ, como aquella : *Nunquàm ex te fructus naſcatur.* A virtude deſtas arvores : *juxta genus ſuum* : he prégar hum a palavra de Deos deſpida de enfeites para os ouvidos ; & ter o outro promptamẽte deſpertos os ouvidos para admittir à confiſſaõ aos que querem purificar as ſuas almas. Mas ſe na primeira deſtas duas arvores naõ ſe acharem mais que ornatos de folhas : *niſi folia tantùm* ; & a ſegunda diſſer em algũa occaſiaõ, que naõ eſtà em tempo para dar o ſeu fruto, porq̃ entaõ naõ póde ouvir confiſſões : *non eſt tempus ficorum* : hña, & mais outra pódem ſeccar : *arefacta eſt* ; & ſobre ambas póde cair a praga do Profeta : *Maledictus, qui facit opus Dei fraudulenter.* No dia do Juizo ha de comprehender a ſentença de fogo: *Ite in ignem æternum*, aos que por naõ darem o paõ ao faminto, tambem o naõ deram a Chriſto

Matth. 25 41.

Chriſto nelle repre-
Ibid. 42. ſentado : *Eſurivi, & non dediſtis mihi manducare.* E naõ iria Chriſto fóra deſte ſentido, ſe entaõ explicaſſe mais a ſua ſentença. Se diſſeſſe, que tãbem a incorreriaõ todos aquelles, que aos famintos da virtude naõ deraõ o fruto eſpiritual, quando lho pediraõ os que delle neceſſitavaõ. E mais havendo de ſer a pena daquelles ſentenceados tormento de fogo : *in ignem ;* & jà elle nos deixar eſcrito por outra ſentença ſua, que a arvore, que
Matth. 7. 19. naõ der o ſeu fruto, *in ignem mittatur.* Nem poderáõ allegar aquelles a ignorãcia, ou deſculpa dos que faltàraõ com o ſuſtento aos mendigantes do paõ, dizendo : *Quando te vidimus eſurientem, & non pavimus te.* Porque tambem Chriſto os cõvencerà a elles, como ha de convencer aos outros : tambem dirà, que aſſim como elle naõ neceſſitava do paõ da meſa dos q o negàraõ, tambem naõ dependia deſte fruto, cõ que outros faltàraõ. Mas que aſſim como elle ſe repreſentava faminto do paõ, no pobre, que o pedia; tambem eſtava repreſentado nos dependentes do paſto do eſpirito, quãdo o buſcavaõ : ou ouvindo ao Prégador, ou querendo que o Confeſſor os ouviſſe. Do meſmo modo ſe tinha chegado a elles famin-
Matth. 25. 41.

to: *eſurivit*: & nada do fruto, que delles eſperava, havia achado: *& nihil invenit*. E ainda Chriſto poderia dizer mais: poderia dizer, ſegundo a intelligencia dos que diſcorrem eſte texto; q̃ elle meſmo tivera a fome dos frutos daquellas arvores: *Eſurijt Chriſtus, ut oſtenderet famem ſpiritualẽ ſalutis peccatorum*. Nẽ pareça violenta eſta noſſa accommodaçaõ, ſabendo nòs, que naquelle dia ſe ha de ver a arvore da Cruz de Chriſto: *Parebit ſignũ Filij hominis*; & nòs a podemos cõſiderar julgadora entaõ *contra omnes ejus oſores*: *& ad condemnationem impiorum*, como a conſideraõ muitos. Appare-

S. Hier. S. Chry. S. Hilar. Bed. Abul. apud Corn. hic.

Matth. 24. 30.

Corn. hic.

cerà a arvore daquelles meſmos frutos, q̃ naõ deraõ as arvores obrigadas ao darem. Aquella arvore do fruto da Prégaçaõ, q̃ em toda a ſua vida deo Chriſto, & ſó quando ella lhe faltou, deixou de dar. E arvore tambem do fruto da Confiſſaõ, que ainda na hora da morte deo, ouvindo ao contrito, & arrependido Ladraõ: *Memento mei*, & o abſolveo logo de todos os ſeus peccados: *Hodie mecũ eris in Paradiſo*. Eſta arvore pois daquelle incanſavel Prégador, q̃ ſó morto naõ prégou: & daquelle Confeſſor taõ exacto, que ainda morrendo confeſſou; ha de ſer a accuſadora daquellas arvores (dos

Luc. 23. 42. & 43.

Pré-

Prégadores, & Confeſſores nellas ſignificados, dizemos) que o naõ imitàraõ: & aſſim crucificados com elle o naõ ſeguiraõ, dãdo os ſeus frutos até a hora em que morrèraõ: *uſque ad mortem.*

14 Tambem ſerve para outra repreſentaçaõ da ſentença final, que ſe ha de ouvir no meſmo dia do Juizo (& he mais outra ſua circunſtancia) o mao fim, que teve aquella figueira, ſem o terem ſemelhante as outras mais arvores do mundo, depois de morrerẽ as que afogou o dilúvio: de nenhũa outra ſe diz, que foſſe aſſim amaldiçoada: *arefacta eſt.* Bem podemos cõſiderar neſte exemplo aquella ſeparaçaõ de maos, & bons, que ha de preceder à ſentença univerſal daquelle dia: *Separabunt malos de medio juſtorum.* As màs arvores (os repreſentados nellas, queremos dizer) ſe naõ derem o ſeu fruto: *juxta genus ſuum*: virãõ a ſer ſeparadas das arvores boas, que naõ faltaõ com elle. E aſſim como eſtas haõ de ſer abẽdiçoadas: *Venite benedicti*; poderãõ ſer amaldiçoadas as outras: *ite maledicti.* Eſta maldiçaõ podemos dizer, q̃ eſtà prognoſticada na maldiçaõ da figueira, ſeparada das outras arvores, que a naõ levàraõ: ficàraõ todas, & ſó eſta acabou: *arefacta eſt.* E cõ eſta advertencia mais,

Matth. 13. 49.

Matth. 25. 34.

ſe fizermos agora lembrança daquella arvore, que no Paraiſo deo o fruto da noſſa perdiçaõ univerſal. Amaldiçoou Deos a ſerpente, que induzio a Heva a comer eſte fruto: *Quia feciſti hoc, maledictus es inter omnia animantia, & beſtias terræ, &c.* Condenou a Heva pelo haver comido, & fazer comer a Adam: *Multiplicabo ærumnas tuas: in dolore paries, &c.* Decretou a morte de Adam por ter conſentido com Heva no goſto daquelle bocado: *Quia audiſti voce uxoris tuæ, &c. in pulverem revertêris.* E ſó a arvore, que deo o fruto, & por ſeu modo foy tambem cauſa de ſe naõ obedecer ao ſeu preceito, naõ amaldiçoou Deos, amaldiçoando no meſmo tẽpo tambem a terra, que foſſe lavoura de Adam: *Maledicta terra in opere tuo.* E parece, que ſe foſſem a juizo a arvore daquelle fruto, & a terra deſta lavoura; mais deſculpa teria a terra, pois naõ havia produzido aquella arvore; do que teria a arvore, que havia produzido aquelle fruto. Nòs porèm naõ damos aqui a razaõ deſta differença, nem pomos em queſtaõ eſta duvida; porque para o noſſo diſcurſo naõ he neceſſaria a ſua deciſaõ: nem fazemos myſterio, onde o naõ ha. Só tiramos deſte noſſo reparo a conſideraçaõ,

Gen. 3. 14.

Ibid. 6.

Ibid. 17 & 19.

Ibid. 17.

que

que devem fazer, os q̃ saõ como arvores productivas do fruto espiritual. Devem entender, que se em vida naõ forem amaldiçoadas, ainda que vejaõ amaldiçoadas outras de igual, ou de nenhũa omissaõ: ou taõ culpadas, como a Serpente, Adam, & Heva pela comida daquelle fruto: ou taõ sem culpa, como a terra da cultura de Adam; saibaõ, que no dia ultimo do mundo, se em vida naõ derem o seu fruto, os poderà comprehender a separaçaõ: *Separabunt malos:* & depois a sentença: *Ite maledicti.* Para se deixarem penetrar deste temor as arvores, de que imos fallando: & por naõ darem o seu fruto, ainda se naõ vem separadas, nem amaldiçoadas; tomem o fundamento da outra arvore, & tambem figueira: *arborem fici plantatam:* & tambem sem fruto, como a achou seu dono: *Veni quærens fructum in illa, & non invenit.* Entendaõ, que se lhe dà de espera mais hum anno: *Dimitte illã hoc anno;* para que faltando ainda com o seu fruto depois desta espera; entaõ ser cortada, & queimada: *Si nõ fecerit fructum, &c.* E poderà ter jà passado, ou faltarà ainda muito tempo para passar a espera, que Deos terà dado às arvores a esta semelhantes? Poderá executarse logo aquel-

Luc. 13. 6. Ibid. Ibid. 8. Ibid. 9.

la ſentença: *Si non fecerit fructum, &c?*

Filhos.

§. VII.

15 SAõ os melhores, os parecidos com os melhores pays: aſſim como o melhor exemplo com o melhor exemplar. E ſe os filhos naõ tomaõ dos pays o bom exemplo: ou nos pays naõ ha exemplo bom, que tomar; nem pays, nem filhos fazem o que devem: & faltando qualquer delles á ſua obrigaçaõ, ambos faltaõ a ella. Iſto tem todo o pezo, que igualmente carrega ſobre dous, q̃ o ſuſtentaõ (ſupponhamos hum edificio ſuſtentado ſobre duas columnas iguaes) para que deixando hũa de o ter maõ, a outra logo o naõ ſuſtente, & venha o edificio abaixo. Eſta verdade deo a entender S. Gregorio com grande energia em hũa ſentença ſua, q̃ achamos eſcrita. *Omnis filius tacita patris ſui definitio eſt.* Em todo o bom filho ha de verſe toda a bondade, que ha no pay: aſſim como a definiçaõ diz tudo o q̃ eſtá no definido. E funda-ſe eſta correſpondencia entre o pay, & o filho, em hũa natural obrigaçaõ, que ambos tem de ſe correſponderem. Se o pay he bom, & o filho naõ imita a ſua bondade, falta a obrigaçaõ da parte do D. Greg.

filho;

filho ; & jà a definiçaõ naõ diz com o definido. E ſe o filho quer ſer bom, & no pay naõ ha a bondade, que imitada por elle o faça ſer, falta aquella obrigaçaõ da parte do pay; & jà o definido deſdiz da definiçaõ. Tanto como iſto haõ de proceder iguaes o pay, & mais o filho, para ſer hum a definiçaõ do outro : ha de ſer ſempre a meſma a ſemelhança de ambos, para ter maõ hum na obrigaçaõ do outro. Ha de ſer a que lemos naquella eſcritura do Eccleſiaſtico : de tal ſorte parecidos pay, & filho, que viſto hum, ainda depois do outro morto, venha tambem eſte a ficar viſto: *Mortuus eſt pater ejus, & quaſi non eſt mortuus; ſimilem enim reliquit ſibi poſt ſe.* De maneira, que a repoſta para o q̃ perguntar quem foy ſeu pay ; ha de moſtrar o filho : & de quẽ quizer dizer, o que he o filho ; ha de apontar para o pay. Por iſſo *Si omnis filius eſt definitio patris*, do meſmo modo *Omnis pater filij eſt definitio.* Deixando porèm agora a parte, que neſta definiçaõ tẽ o pay ; digamos a que tem o filho, & o mal q̃ faz a ſeu pay a ſua maldade delle. He eſte cõtagio, o que mais ſe deve temer, & o de que nenhum pay póde fugir. O deſar, & a deſhonra do filho, naõ ſẽdo mal hereditario por

Eccli. 30. 4.

deſcendencia, porque o naõ herdou de ſeu pay; ſobe a inficionar a ſua aſcendencia; porque o bom nome do pay fica deſluſtrado pelo mao
Eccli. 3 13. nome do filho: *Dedecus filij, pater ſine honore.* O meſmo he apagarſe o eſplendor com que naſceo o filho, que ficar ſem luz a fonte original, donde elle o herdou. E he evidente argumento, que prova o que diziamos; que moſtra deſcaida (tomemos por exemplo a obſervancia de dous igualmente a ella obrigados) ſe cahio da parte de hum delles. Se o filho degenerou de quẽ era: *dedecus filii*, naõ fica qual era a geraçaõ do pay: *pater ſine honore.*

16 Parece naõ haver duvida, que encontre o que até aqui temos dito; & he a razão, porque accommodamos a nòs meſmos tudo o que jà fica diſcorrido. Aſſim como cada hum de nòs he o progenitor de ſuas obras; & por eſta razão ellas ſaõ os filhos, & nòs os pays: tambem ellas ſaõ os pays, & nòs os filhos; por ſer cada hum filho de ſuas obras. E quando ellas como filhos naõ ſaõ boas, nòs, que ſomos os pays, ficamos infectos por ellas. Como tambem nòs ſe ſomos maos, em quanto filhos; ellas, que então ſaõ os pays, ficão infectas por nòs. Entendida pois eſta cauſalidade

de na fórma aſſim propoſta, póde cada hum de nòs olhando para ſi, & para as ſuas obras: conſiderando-ſe pay, & filho dellas; ver quãtas vezes a vileza da obra: *dedecus filij*, he deshonra do pay: *pater ſine honore*. Ver quanto a fealdade das obras, quando ellas ſaõ os filhos, fazem enormes os pays: ou quãto, ſendo ellas os pays, ficão enormes pelos filhos. Sempre: *dedecus filij*: ou a minha obra, quando eu ſou o pay; ou eu, quando ella o he: *pater ſine honore*. Tiremos dentro de nòs a conſideração deſta experiencia, & a ponhamos fóra de nòs por exemplo. Conſideremos a venda de Chriſto, obra a mais execranda, que vio o mundo; & a Judas, que a fez, o mais abominavel obrador em todo o univerſo. Em quanto aquella enorme obra he filho de Judas, & por iſſo ella *dedecus filij*; vemos ao pay infamado pelo filho: *pater ſine honore*. E em quanto Judas he filho daquella obra, & por iſſo elle *dedecus filij*, vemos no filho infamado o pay: *pater ſine honore*. Em hũa conſideraçaõ he o traidor pay, & a traição filho; & em outra he filho o traidor, & pay a traiçaõ. E ſempre o pay, ou o traidor progenitor da traiçaõ; ou a traiçaõ generante do traidor: ſẽpre infames pelos filhos:

lhos : *dedecus filij, pater ſine honore.* Aſſim tambem, aindaque não para credito, mas para deshonra deſtes pays, & deſtes filhos: *Omnis filius tacita patris ſui definitio eſt.* A traiçaõ de Judas, a ſua definiçaõ, & elle o ſeu definido; quando elle he o pay da traição,& quãdo elle he o filho da traição,por ſer filho da ſua obra; elle he a definição,& a traição he o definido. E por conſequencia ſempre eſtes filhos ſemelhantes aos pays: Judas pay da ſua obra ſacrilega, ainda hoje: *quaſi non eſt mortuus;* porque nella ainda hoje eſcrita : *ſimilem ſibi reliquit poſt ſe.* E a ſua infame obra, como pay delle ſeu filho tãbem : *quaſi opus non eſt mortuum*; porq̃ nelle ainda hoje lembrado : *ſimilem ſibi reliquit poſt ſe.* Para tirarmos agora o fruto da arvore de tão infecta genealogia, entendamos, que entre nòs tãbem haverà geração deſtes deſcendentes, & aſcendentes ; não faltaráõ eſtes pays, & eſtes filhos, obras màs, & ſeus progenitores tambem maos. E que eſta póde ſer aquella geração, *Quæ patri ſuo maledicit* ; geração daquelles filhos, q̃ amaldiçoão aos pays. Por iſſo vertem huns : *Filius malus* ; & outros commentão: *Soboles, proleſque mala patri maledicit.* O que aſſim entendido, ha de ſer eſtimulo,

Prov. 30. 11.

Sept. Auct.

Caten. Græ. apud Cornhîc.

mulo, para que pelas noſſas obras, como por filhos noſſos, não ſejão os pays amaldiçoados; nem como elles, ou por elles amaldiçoadas ellas: *Ne fiant ſicut patres eorum generatio prava, & exaſperans.*

Pſ. 77. 8.

Fermoſura.

§. VIII.

17 NAõ he a mayor, a de mais agrado: he a de mais duração. De mais agrado ſeria a viſta do campo matizado com toda a variedade de flores, do que he o Ceo eſtrellado com a meſma luz ſó em todas as eſtrellas. E por iſſo ſe entende, que os Anjos ſaõ todos de eſpecie diverſa, & não de hum ſó eſplendor, para ſer muito mayor a fermoſura dos ſeus nove Córos; & aquella ſuprema Corte de mayor gloria para quem os creou. Mas ſendo aſſim para mais agrado o campo florido, do que o Ceo eſtrellado; naõ he por eſſa razaõ mayor a fermoſura do campo, do que a do Ceo. A do campo acaba; porque as flores murchão, as flores ſeccaõ, & as flores morrem: & a fermoſura, q̃ daõ ao Ceo as eſtrellas nunca mortas, & ſempre vivas, ainda hoje dura, & ha de durar até o fim do mundo. Até Santo Agoſtinho, depois de convertido, dizia a Deos, quando o elevava a conſideraçaõ da ſua

S. Aug. in Job. ſua fermoſura: *Serò te cognovi, pulchritudo tam antiqua.* A duraçaõ daquella fermoſura: *pulchritudo antiqua*: lhe arguhia a ſua tardança: *ſerò te cognovi.* Se por impoſſivel a meſma fermoſura de Deos naõ fora eterna, naõ ſeria taõ grande a ſua fermoſura. Nem a dos Anjos, & a de hũa alma em graça ſeriaõ as fermoſuras, que ſaõ, ſe naõ foſſem immortaes. Eſſa he a ſingular, & ſuperior ventagem, q̃ ellas levaõ a todas as fermoſuras do mundo. Ainda a do meſmo Sol ha de acabar: *Sol obſcurabitur*; a das eſtrellas ha de apagarſe: *ſtellæ cadent*; & a dos homens ſe ha de desfazer: *in pulverem reverteris.* E que por hũa fermoſura, que morre, ſe matem os homens, deſprezando a fermoſura da ſua alma, que nunca ha de morrer! Eſte he o alvo do preſente diſcurſo: & para lhe encaminharmos a pontaria, fazemos eſta advertencia: propomos para abono da mayor fermoſura a ſua mayor duraçaõ. Propomos o que ſuccedeo ao primeiro homem cõ a primeira fermoſura do mundo: a do fruto, pela qual ſe perdeo Adam: *Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile.* Eu ſe o como, dizia elle, acabo a vida; deixar de o comer, eſtou vendo, que naõ poſſo; porque me cativa a ſua fermoſura: a ſentença

Matth. 24. 29.

Gen. 3. 19.

Ibid. 6.

he

he de morte, me diz Deos: & o goſto he de breve tempo, me eſtà intimando a infallibilidade da ſentença. Mas, antes eu privado da duraçaõ daquella vida, q̃ do bem deſta fermoſura: *comêdit.* No Paraiſo não havia arvore, q̃ não foſſe fermoſa: *Produxit Deus omne lignũ pulchrum.* E tão fermoſa era a arvore da vida, da qual Adam tãbem podia comer: *Ex omni ligno Paradiſi comede*; como a arvore da cienſia, da qual (dizia a ſẽtença) ſe comeſſe haria de morrer: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* E havendo de renderſe Adam a algũa fermoſura daquellas arvores; ou a que lhe eſtendia a vida, ou a q̃ lhe apreſſava a morte: a que menos havia de durar, deſſa ſe deixou vencer: *comêdit.* Aſſim ſaõ todas as fermoſuras do mundo: o ſeu agradar, he attrahir, para acabar. E aſſim ſaõ todos os que ſe deixão prender das ſuas fermoſuras: elevados nellas, ſim; mas por muito tempo aſſim elevados, não. A fermoſura das riquezas tambem he hũa das do ſeu agrado: a dos palacios ſũptuoſos, outra: hũa a do luſtre das honras, outra a do eſplendor das ciencias. Mas quanto duraõ eſtas fermoſuras? Quanto tempo duràraõ, as que jà acabàraõ? Todos o digão. Nòs ſó diremos,

Ibid.

Gen. 2. 9.

Ibid 6.

Ibid. 17.

que

que por ſerem fermoſuras do mundo, aſſim havião de acabar: o ſeu peyor mal havia de ſer o que he o mayor bem das outras fermoſuras. O mayor bem das fermoſuras, que não ſaõ do mundo, he a ſua muita duração; & a muita duração he o peyor mal das fermoſuras do mundo. Todo o tempo que vão durando, vão acabando: quando começàrão a durar, então tinhão algum bem; porque então tinhão para durar todo o tempo, que durárão. E aſſim como hião deixando o principio da ſua duração, apreſſava-ſe o fim da ſua fermoſura. De maneira, que ſe eſtas fermoſuras acabão logo em começando, não tem de fermoſura mais que o principio: & ſe paſſão de começadas, todos os paſſos da ſua duração ſaõ os do ſeu fim. E iſto não tem a fermoſura de hũa alma em graça; quanto mais eſta dura, mais fermoſa eſtà a alma. Como a fermoſura da graça não dura para acabar; & as outras fermoſuras acabão, porq̃ tem durado a alma, que ſe reveſte de tal fermoſura, logra hum bem, q̃ não acaba, porq̃ dura; mas antes vive de ſua duração. De não nos termos nòs cativado ha mais tempo deſta fermoſura, devemos ter o mayor pezar; & nenhum do tempo em que traziamos os olhos em

em todas as outras. Sãto Agoſtinho, quando ſe voltou para a fermoſura de Deos, tambem conheceo todas as do mundo. Mas a dor do ſeu coração não foy da tardança de conhecer as fermoſuras temporaes do mundo; toda foy de não conhecer a eterna de Deos: *Serò te cognovi, pulchritudo tam antiqua.* Não, porque tambem lhe não pezaſſe conhecer tarde fermoſuras tão caducas; mas porque o conhecimento até alli de fermoſura, que nunca acaba, eſſe he, o de que mais ſe doe hum coração, como o de Agoſtinho: *Serò te cognovi.*

Furto.

§. IX.

18 MAis ſaõ os ladrões do prohibido, que do licito. E chamamos furto licito, a toda a imitação da virtude: quẽ melhor a imitou, eſſe a furtou melhor. Por iſſo o hypocrita, que tambem a furta, quãdo a quer imitar, não faz bem o ſeu furto; porque furta por arremedo, & não por imitação: porque da virtude ſó lhe toma a capa, para ſe cobrir; & não a alma, para viver. Nẽ ſe repare chamarmos nòs furtos a eſtas imitações; porque por ſeu modo bem lhes podemos

mos accommodar parte da definição do furto : *Ablatio rei alienæ ;* ainda que não ſeja , *invito domino* . E S. Paulo fallando en nome de Chriſto , & proteſtando, que a igualdade , q̃ elle tem com o ſeu Eterno Pay : *Eſſe ſe æqualem Deo :* he naturalmente ſua , & não alhea ; tambem ſe explica com fraſe de furtar : *Non rapinam arbitratus eſt.* Sabendo q̃ he Deos, como o Pay : *Ego, & Pater unum ſumus ;* não entendeo, q̃ fazia furto : *Non rapinam arbitratus eſt ſe facere , eſſe ſe æqualem Deo.* Já deſde a eternidade , ſeguindo nòs o eſtylo da eloquencia de S. Paulo, vem parecendo furto a imitação da virtude : fazerſe o ſeu imitador igual ao imitado , o que aſſim o toma , & por eſte modo a furta. E mudando nòs o ſentido a eſta fraſe do Apoſtolo : de negativo em affirmativo ; bem póde cuidar o verdadeiro imitador da virtude (aquelle , q̃ por imitação empareſhou com o imitado) bem póde cuidar, dizemos, que faz furto. Diga ſeguramente : *Rapinam arbitratus ſum facere , eſſe me æqualem viro ſancto.* E eſtes ſaõ os ladrões , dos quaes nòs dizemos ſer o numero muito menor ; ſendo dos outros muito mais numeroſa a multidão. De dous, que ſe achàrão junto a Chriſto no dia da ſua morte,

Ad Philip. 2. 6.

Vide Corn. hic.

Joan. 10. 30.

morte, hum ſó, & naõ ambos, ſoube roubar o Ceo: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Aquelle, que por ſeu modo fez furto, & como pode lhe imitou a ſua paciencia: *Nos digna factis recipimus.* Sendo dous aquelles ladrões: & ſendo tambem para ladrões o Ceo: *Violenti rapiunt illud*, ainda hum numero tão limitado não foy todo de roubadores do furto licito: de roubadores do Ceo: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* E ſe fizermos aqui lembrança do outro Paraiſo; veremos, que hum ſó homem, & o primeiro homem logo foy dos ladrões do illicito: do fruto que lhe prohibiraõ naõ comeſſe: *Ne comedas.* Nẽ lhe accommodamos o nome de ladrão ſem muita propriedade; porque a elle comprehende toda a definiçaõ do furto: *Ablatio rei alienæ, invito domino.* Mas antes por elle intentar ſer tãbem igual a Deos: *Eritis ſicut dii*; tambem por penſamento foy ladraõ da ſua divindade. Delle bẽ podemos dizer com S. Paulo: *Rapinam fecit, velle eſſe æqualem Deo.* E ainda que hũa eſcritura authoriza muito aquella vulgar propoſição: livre eſtà o Ceo de que là cheguem ladrões: *Quò fur non appropiat*: falla dos ladrões do prohibido; dos que *effodiunt, & furantur.*

Luc 23 43. Ibid 41. Matth. 11.12. Gen. 2. 17. Gen. 3. 5. Luc. 12. 33. Matth. 6.19.

Dos outros eſtà o Ceo cheyo: *Inſurgunt indocti, & rapiunt Regnũ Dei.*

Fim.

§. X.

19 O Noſſo melhor, fez Deos: & nòs fazemos o noſſo peyor. Vermos nòs a Deos, & gozarmos do ſeu Reyno, he o noſſo melhor fim: & eſſe fello Deos. Para eſſe fim nos creou: para nòs ſermos ſeus, & na ſua gloria termos a noſſa. E o noſſo peyor fim, que he naõ vermos a Deos; eſſe fazemos nòs: os noſſos peccados nos levaõ a eſſe fim. O peccado dos Anjos os levou ao fim, que ainda hoje tẽ; & o de Adam, ao que elle levou, & os ſeus filhos vaõ tendo. Elles o fizeraõ; porque para taõ mao fim naõ os fez Deos. Neſtes exẽplos taõ antigos: nos maos fins, que fizeraõ para ſi os Anjos, & os homens; podemos nòs ir vendo os noſſos fins maos: aſſim como Judas vio o ſeu. Eſte Apoſtolo foy eſcolhido por Chriſto juntamẽte com os outros ſeus diſcipulos, para elle os amar, não como ſervos, mas como amigos: *Non dicam vos ſervos, ſed amicos.* Joan 15 15. E por iſſo os amou aſſim ſempre, & amou até o fim: *Cùm dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos.* Joan. 13. 1 E Judas por ſe deſviar do

do fim deſte amor, foy acabar no fim do ſeu odio. Chriſto com os olhos ſempre no fim daquelle amor de amigo; como o moſtrou no fim de ſua vida, chamandolhe ainda amigo: *Amice, ad quid veniſti?* & Judas com os olhos ſempre no fim, a que o levava o ſeu odio; como o deo a ver: *Tradens ſanguinem juſtum.* O fim para que o chamou Chriſto, era fim, que lhe fazia Deos. E o que lhe deo o demonio: *Cùm diabolus jam miſiſſet in cor*: foy o fim, que elle para ſi fez: *Laqueo ſe ſuſpendit.* Iſto meſmo he o que a cada hũ de nòs ſuccede. Deos pedindo-nos o noſſo coraçaõ, que he o fim, porque nos ama: *Præbe cor tuum mihi;* & nòs divertindo o coraçaõ do ſeu amor, deſencaminhando-o para o noſſo fim: *Cor ejus lõgè eſt à me.* Deos a querernos perto de ſi, por ſer o fim, para que nos creou: & nòs por corrermos para o fim que buſcamos, afaſtandonos delle: *longè à me.* E he o que Santo Thomàs diſcorre ſobre o fim, que cada hum faz para ſi meſmo, quando das culpas veniaes vay a cair nas mortaes: elle meſmo faz o ſeu fim: *finem ſuum conſtituit.* Para os que ſeguem a Chriſto, ſervindo-o mais de perto, he muito propria eſta advertencia: poderà ſer, que lhe faltem à fidelida-

Prov. 23. 26.

Iſai. 29. 13.

Matth. 26. 50.

Matth. 27. 4.

Joan. 13. 2.

Matth. 27. 5.

de de ſervo ſeu, que he o fim, porque o ſeguẽ; porque, como S. Pedro, o ſeguem algũas
Matth. 26 58. vezes de longe: *Sequebatur eum à longè.* Chriſto indo a morrer por Pedro, que era o fim da Redempçaõ; & Pedro negãdo a Chriſto, pouco depois de levado por hum fim
Ibid. ſeu: *ut videret finem.* E como andavaõ naquelle tempo deſencõtrados os fins de Deos, & os fins dos homens, & de homens tanto de dentro do ſerviço de Deos! Deos apurando o ſeu amor, que era entaõ o ſeu fim: *Cùm dilexiſſet, dilexit*; & os homens, & taes homens; hum afinando o ſeu odio, para o entre-
Ibid. 15. gar à prizaõ: *Ego vobis eũ tradã*; & outro faltando à ſua fidelidade, depois de o ver prezo: *Non novi hominem.* Ibid. 72. O deſencontro de fins taõ oppoſtos, nẽ ſe póde pezar, nẽ ſe póde medir, nem ſe póde diſcorrer; & ſó ſe póde admirar. O amor de Deos levãdo-nos para elle até o ſeu fim: *in finem dilexit*; & o noſſo deſamor alongando-nos delle para algum fim noſſo: *ſequebatur à lõgè.* Retrato vivo deſta differença de fins ainda o temos, & teremos até o fim do mundo no Santiſſimo Sacramẽto, & na ſua communhaõ. Para a ſua meſa nos eſtà ſempre chamando Chriſto, que foy, & he o fim, para que ſe deixou ſacramentado. E

por

por ſer eſte fim ſeu, & para nòs; por iſſo naõ tem acabado: & o noſſo, que havia de ſer a frequencia daquella ſagrada meſa, infinitas vezes falta, por ſermos divertidos por noſſos fins. A huns diſtrahe o fim de augmentar os
Luc. 14 18. & 19. bens da vida: *Villam emi: juga boum emi*; & a outros leva o cuidado da ſucceſſaõ da ca-
Ibid. 20 ſa: *Uxorem duxi.* E por ſerem eſtes fins os que nòs fazemos, por iſſo elles acabaõ, & nos afaſtaõ de Deos. A divina meſa do Sacramento, que he para hũ fim feito por Deos, ahi eſtâ: Deos ſempre chamando-nos para ella, & nòs fugindo della. Deos com os olhos no fim, q̃ fez para nòs; & nòs attrahidos pelo fim, que cada hum para ſi meſmo faz: *Villã emi, &c.*

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

G.

Guerra.

§. I.

1 MAyor he a do inimigo, que ouve a murmuraçaõ, do que a do inimigo murmurador. Se o murmurador naõ tiver quem lhe ouça a murmuraçaõ, o veneno deſte mal naõ paſſarà do murmurador. Naõ terà os dous correlativos da murmuraçaõ, lingua, & ouvido; por faltar hum extremo, o dos ouvidos; & ſó haver outro, o das linguas. Se Adam naõ comèra do fruto offerecido por Heva: *Cõêdit, deditque viroſuo, qui comêdit:* ſó a Heva, & naõ a Adam havia de morder a Serpente. Mordeo porèm a ambos: porque depois de Heva Gen. 3. 6.

Heva comer do fruto vedado, & ficar mordida; ficou tambem mordido Adam, comẽdo do meſmo fruto: houve alli quem comeo, & goſtou do fruto; & depois o deo a quem tambem goſtou delle, & comeo. E a cauſa de ſerem tantos os mordidos da murmuraçaõ, he, porque os ſeus cultivadores achaõ goſtoſos, que lhes aceitaõ o fruto nella offerecido. He, porque entaõ naõ ſe dà hum extremo ſem o outro: naõ ſe dà o extremo das linguas ſem o extremo dos ouvidos. Se os murmuradores ſó fallaſſem com ſurdos, nenhum mal faria a murmuraçaõ aos murmuradores: naõ have. ria murmuraçaõ ouvida; ſeria ſó dita. Aſſim como, quando Deos impedio a fabrica da torre de Babel, havia a torre fallada, mas naõ a ouvida. Hia por diante a obra nas linguas; porque ainda influhia nellas a reſoluçaõ do *faciamus turrim.* Mas parava nos ouvidos; por querer Deos, que naõ ſe entẽdeſſe o que ſe fallava: *ut non audiat unuſquiſque vocem proximi ſui.* Tambem com a ſua detracçaõ pretendem os murmuradores levantar torres chimericas, para chegarem a fazer guerra aos que vivem limpos de manchas; & tal vez como as eſtrellas do Ceo. Do meſmo modo, que até o Ceo Gen. 11. 4. Ibid. 7.

queriaõ chegar os de Babel com a ſua torre: Ibid. 1. *Faciamus turrim, cujus culmẽ pertingat ad Cælũ.* Porẽ ſe a ſua murmuraçaõ naõ for ouvida: ſe naõ houver quẽ ouça ao proximo murmurador, ou a murmuraçaõ do proximo: *você proximi ſui:* naõ haverà torre, q̃ chegue a fazer guerra a eſtes Ceos: haverà detracçaõ nos falladores; mas naõ nos ouvintes. Naõ faltarà quẽ procure levar adiãte a torre, fallãdo; mas pararà a fabrica, por naõ haver quẽ coopere para ella, ouvindo. Aſſim como paràraõ cõ a ſua torre os edificadores de Babel, por naõ entenderẽ hũs o q̃ ouviaõ dizer a outros: & por naõ cooperarem os ouvidos cõ as linguas, parou o edificio: *ceſſaverunt ædificare.* Ibid. 8.

2 Naõ aconſelhamos neſta doutrina, q̃ ſe façaõ ſurdos, os que ouvem a murmuradores. Mas que de tal ſorte os ouçaõ deſcontentes, & violentados, que elles ſe confundaõ por ſerem ouvidos: tenhaõ os ouvidos aſſim abertos, para elles ficarem confuſos nas linguas. E iſto foy o que Deos fez aos trabalhadores da torre de Babel: para os confundir nas linguas, lhes deixou os ouvidos abertos: ſe lhes tapàra os ouvidos, nada aproveitaria a diverſidade das linguas. Aſſim ſe oppoz Deos à ouſadia deſtes fabricadores, metendolhes pelos

pelos ſeus meſmos ouvidos a ſua propria cõfuſaõ. E por imitaçaõ do que fez Deos, aſſim devem fazer todos: devem fazer toda a oppoſiçaõ aos ouvintes da murmuraçaõ, por ſerem mayores inimigos, que os murmuradores: por depender deſtes, haver, ou naõ haver murmurados. Hũa murmuraçaõ he o meſmo que hũa venda, ou compra: o que murmura he inimigo, que vende: o que ouve a murmuraçaõ, he inimigo, que compra: & o que ſe vende, & compra, he o amigo murmurado. Por iſſo S. Bernardo chama à lingua do murmurador: *Gladius triceps*: eſpada, que no meſmo tẽpo fere a tres: ao que falla, ao que ouve, & àquelle, de quem ſe falla: *tres penetrat ictu uno.* Para ſe impedir pois eſta venda, ha de fazerſe a oppoſiçaõ aõde ella faz a mayor guerra: mais aos inimigos ouvintes, que aos falladores. Taõ inimigo era de Chriſto Judas, que o vendeo, como os outros, que o compràraõ; mas os que o cõpràraõ, foraõ os q̃ lhe tiràraõ a vida; & naõ o que o vendeo. Das mãos do vendedor ſahio Chriſto vivo; nas dos compradores foy morto. Se naõ houvera quem cõpraſſe a Chriſto, naõ o vendèra Judas. Se naõ houveſſe ouvintes da murmuraçaõ, naõ haveria innocentes

S. Bern. Serm. de triplici cuſtod.

centes vendidos. Taõ terrivel he como iſto, a guerra que ſazem ao innocente os que ouvem com goſto a murmuraçaõ. Naõ livraõ das ſuas armas, nem ainda os que vivem no Ceo da quietaçaõ: *Beati pacifici:* ou na Bemaventurança dos Juſtos: *Beati mundo corde:* porque em dar ouvidos à murmuraçaõ, fazem q̃ a torre chegue até aos Ceos deſtes Bemaventurados: *ut culmen ad Cælum pertingat.*

Matth. 5.9.

Ibid 8.

Governador.

§. II.

3 HA de ſer o ſeu governo para bem dos que governa. Reger a outros, & naõ ſer para ſeu bẽ, he mais mandar, que governar: he attender mais ao bem proprio, que ao alheyo. Os primeiros governadores do mũdo foraõ Adam, Heva, Sol, & Lua: & na eleiçaõ de todos, logo Deos attendeo ao bem, de que haviaõ ſervir os ſeus governos. Logo diſſe a Adam, & a Heva, que por elles lograſſe o mundo a felicidade da propagaçaõ: *Creſcite, & multiplicamini.* E logo deſtinou o Sol para as luzes do dia: *ut præeſſet diei*: & a Lua para as da noite: *ut præeſſet nocti.* Quiz que huns attendeſſem ao bem da progenitura humana; & outros ao eſplendor do mundo. Naõ, porq̃

Gen. 1. 28.

Ibid. 16.

Deos

Deos deſcreveſſe eſtas ſuas eleições pelos termos, com que nòs as explicamos; mas porque com moralidade bem fundada aſſim as diſcorremos. Conſiderando pois o que dizemos deſtes primeiros governadores do mundo; pede a razaõ, que os retratemos pelo que fez o ſupremo Governador de todos na ſua creaçaõ. Naõ os governou a elles, ſem que elles intereſſaſſem grãde bem no ſeu governo. Adam, & Heva viraõ-ſe ſemelhantes a
Ibid.26. Deos: *ad imaginem, & ſimilitudinem noſtrã:* & naõ podiaõ intereſſar mayor bem. Ser grande hum governador, porque os ſeus governados ſaõ ſeus ſemelhantes; naõ póde haver melhor governo. Correſponde entaõ o extremo, onde eſtà o mando, com o extremo, onde eſtà a ſujeiçaõ: & eſte he o mayor bem dos q̃ ſaõ mandados, ſerem parecidos com quem os manda: *ad imaginem noſtram.* Por iſſo quando Adam afeou em ſi a imagem de Deos com o peccado da ſua deſobediencia, comendo o fruto prohibido: *comêdit*; logo foy lançado do Paraiſo: *emiſit eum Dominus de Paradiſo.* Como entaõ, o que era governado, tinha perdido a graça, & fermoſura da ſemelhança cõ o divino, & ſupremo Governador; jà naõ ficou gozando, como
Idem v.6.
Ibid.23.

antes

antes gozava, o melhor bem interessado no seu governo. He verdade, q̃ naõ para de todo o perder: ainda o veyo a recuperar, morrendo por elle o mesmo amãte Governador; para naõ deixar de ser para seu bem, hum governo de Governador taõ bõ, que por amor do bem de Adam quiz sacrificar a sua vida: *Incarnatus: crucifixus: passus.*

4 He o fundamento destas nossas considerações o nome de Deos creando o mundo: *Elohim*: que juntamente quer dizer Creador, & Governador. *Quà Creator, Gubernator:* expõem Cornelio: *ut sciant, quòd uti à Deo creatus est mundus, ita ab eodem conservetur, & regatur.* E sendo Deos Governador do mundo, deste modo havia de governar ao homem; tanto para seu bem, que ainda depois delle o ter perdido, lho havia de recuperar: *crucifixus: passus.* Taõ empenhado em o conservar no bem que lhe fez, que considerado elle como ovelha perdida, & Deos como seu Pastor, & por isso como seu Governador; a buscou, & trouxe sobre seus hombros, fazendo o q̃ faz o bom pastor governãdo os seus rebanhos: *Vadit, quærit, & imposuit eam super humeros suos.* Assim se pareceo Adam o governador creado, com Deos o Go-

Corn. in Gen. 1.

Luc. 15. 4. & 5.

Governador Creador: governando ambos para bem dos ſubditos do ſeu governo. Se Deos: *qua Creator, Gubernator*: dando a Adam a ſua ſemelhança: *ad ſimilitudinem noſtram*: Adam: *quà gubernator creatus*: dando ao mũdo a ſucceſſaõ humana: *multiplicamini*. Iſto que vimos em Deos creando, & governando o mundo; he tambem o q̃ ſe vio, quando Deos veyo ao mundo, antes, & depois de ter vindo a elle. Tambem naceo logo ſeu Governador: Matth. 2.6. *Et tu Bethlehem nequaquam minima es: ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Iſrael*: & foy deſejado para bem do mundo, que vinha governar: *Rorate Cæli deſuper, nubes pluant juſtum: aperiatur terra, & germinet Salvatorem*. Eſſe Governador, que nos eſtà promettido: *exiet dux, qui regat populum*: venha como orvalho, ou como chuva: *Rorate Cæli*: *nubes pluant*: para ſer bem recebido da terra, que vem governar; & intereſſar ella o bem do ſeu governo: *aperiatur terra, & germinet*. Jà que do Ceo nos ha de vir Governador taõ ſanto: *nubes pluant juſtum*: ſeja a fecundar a terra, para onde vem: *terra germinet*. E diga-ſe, que veyo para tanto bem da terra; que foy o meſmo bem, que ella pedio ao Ceo, & q̃ ella tambem deo: *terra* Iſai. 45. 8.

ger-

germinet Salvatorem. O Ceo dando-o, como chuva: *nubes pluant*; & a terra, como planta: *ego ſum vitis*; ou como flor: *ego flos campi.* E tal deve ſer o governador da melhor aceitaçaõ: haõ de dizer os q̃ elle governa, que lhes veyo do Ceo: *deſuper*: que com elle abundou de bens a terra: *germinavit*; & que a enriqueceo do meſmo bẽ, que ella queria; & lhe veyo ao pedir de boca: *Nubes pluant juſtum: terra germinet Salvatorem.*

Joan. 15. 1. Cant. 2. 1.

5 Eſte foy o governo de Deos para exemplar do governo de Adam: agora digamos, qual foy tambem o ſeu governo para exẽplar do governo do Sol, & da Lua. Tambem elles intereſſáraõ grande bẽ ſendo governados por Deos: aſſim como foy para bem do dia, & da noite, ſerem governados pelo Sol, & pela Lua: *luminare maius, ut præeſſet diei: & luminare minus, ut præeſſet nocti.* O que intereſſáraõ Sol, & Lua no governo de Deos, foy o luzirem no mundo: *ut lucerent ſuper terram.* Eſte foy o ſeu primeiro intereſſe: luzirem: *ut lucerent.* O das ſuas preſidencias *ut præeſſent*, foy depois; & ainda depois diſto, o da diviſaõ da luz, & trevas: *ut dividerent lucem à tenebris.* Grande Governador, & grande Prelado, os que influẽ nos, que governaõ, primeiro

Gen. 1. 16. Ibid 17. Ibid. 18.

meiro a obrigaçaõ de luzirem, & depois as outras obrigações. Primeiro luzirem em ſi: *ut luceant*, & depois o luzimento do ſeu governo: *ut præſint diei, ac nocti.* Primeiro ver, ſe ha em ſi ſombras, q̃ eſcureçaõ a ſua luz: *ut luceant*; & depois purificar a luz dos ſeus luzidos, havendo nelles algũas ſombras, que ſeparar: *ut dividant lucem à tenebris.* E iſto meſmo eſtaõ ſignificãdo os Cherubins do Propiciatorio, ou Oraculo do Templo: primeiro olhando elles para ſi, & depois para elle: *ſe mutuò, & illud reſpicientes.* Primeiro, naõ ſó cada hum com os olhos ſobre a ſua poſtura; mas tambem ſobre a poſtura de cada hum: *ſe mutuò reſpicientes*; & depois com os meſmos ſobre o Propiciatorio: *& illud.* E ſe quizermos repreſentar em pintura o penſamento, que aquí ſe diſcorre; havemos de retratar naquelles Cherubins os Governadores, os Prelados, & todos os q̃ no mundo tem algum mando. Tinhaõ elles azas abertas: *extendentes alas,* que ſignificavaõ o deſvelo contra o ocio nos que governaõ. E ſe eſtas azas caem, ainda que ſejaõ de Governadores Cherubins, o governo naõ vay por diãte. Quando voavaõ os Cherubins, que tinhaõ o governo da carroça de Ezechiel: *Cùm elevarent*

Exod. 37.9.

Ibid.

Ezech. 10.16.

varent Cherubim alas ; as rodas, q̃ elles governavaõ, tambem hiaõ voando : *rotæ ipſæ juxta erant.* Mas ſe deixavaõ de voar : *ſtantibus illis*, tambem as rodas paravaõ : *ſtabant.* Tinhaõ mais aquelles Cherubins a mutua correſpondẽcia do ſeu deſvelo : *ſe mutuò reſpiciẽtes*, que moſtrava a imitaçaõ de huns Prelados dos outros, quando ſe deſvelaõ nos ſeus governos. E eſta imitaçaõ, ou exemplo, tanto devemos conſiderar nos Cherubins do Propiciatorio, como nos Cherubins da carroça. Os Cherubins do Propiciatorio com as primeiras atenções em ſi, & com as ſegundas nelle : *ſe, & illud reſpicientes.* Os Cherubins da carroça voando elles primeiro, & as rodas depois : *cùm elevarent alas, rotæ ipſæ juxta.* Os Prelados da Igreja repreſentados nos Cherubins do Propiciatorio do Templo, deſvelados ſempre no ſeu governo, eſtendidas as azas : *extendentes alas.* Os Governadores das Reſpublicas, ſignificados nos Cherubins da carroça ; parando as rodas todas as vezes, q̃ a elles lhes cahem as azas : *ſtantibus illis*, *ſtant.* E huns, & outros Cherubins : huns, & outros Governadores, aſſim os da Igreja, como os da Corte, governando ſempre para bem dos ſeus governados.

Ibid. 17

dos. Advertindo os da Igreja, que os Cherubins do Propiciatorio com as meſmas azas, que eſtendiaõ, o guardavaõ. Naõ ſe repreſentavaõ deſvelados a ſi, ſem que o ſeu deſvelo foſſe para bem delle: *Extendentes alas, & tegentes propitiatorium.* E entendendo os Governadores da Corte, que os Cherubins da carroça cõ os meſmos voos, com que ſe elevavaõ a ſi, hiaõ elevadas as rodas: naõ ſe exaltavaõ elles os Governadores, & ficavaõ as rodas as governadas ſem o bem da exaltaçaõ: *Ut exaltarentur de terra, non reſidebant rotæ: cum elevatis elevabantur.*

Exod. 37 9.

Ezech. 10. 6. & 17.

Graça.

§. III.

6 A De Deos, he para os que a buſcaõ de muito preço; & muitas vezes de nenhum, para os q̃ ella buſca. Entaõ buſcamos a graça de Deos, quando pretendemos a ſua amizade; & deſta he que fallamos. E entaõ a ſua graça nos buſca, quando da noſſa amizade elle he o pretendente. Para os q̃ buſcaõ a graça de Deos, he ella taõ precioſa, quanto cuſtoſa: & para os que ella buſca, he muitas vezes de taõ pouco preço, que nẽ ainda dada ſem cuſto, lhe eſtimaõ o ſeu mui-

to valor. Enſina Chriſto, como ſe ha de buſcar a ſua graça; & diz que os ſeus pretendẽtes a devem tomar pelo que péza a cruz de cada hum: *Qui vult venire poſt me, tollat crucem ſuam*: Quẽ quizer a minha amizade, & com ella a minha graça, carregue a ſua cruz. E quanto mais a cruz lhe pezar, tanto mais bem pezada levarà a graça; ou tanto mais graça levarà, que vem a ſer o meſmo. Eſte modo de nos chamar Deos para ſi, he o que o faz parecer intereſſado negociante cõnoſco. Recuperou primeiro a graça que tinhamos perdido, pelo pezo da ſua Cruz: *crucifixus pro nobis*; & depois a dà a quẽ a quer pelo pezo da ſua: *qui vult, tollat crucem ſuã.* E naõ faz iſto ſem a principal clauſula de negocio, que he dar tanto por tanto. Como a Cruz de Chriſto he balança: *Beata, cujus brachijs pretium pependit ſæculi, ſtatêra facta corporis*: poſta neſta balança a graça, que Chriſto nos grangeou, & tambem o pezo da noſſa cruz, q̃ pela graça lhe damos, fica ſendo a noſſa cruz moeda (& naõ moeda ſem Cruz) com que nòs a compramos. Quanto pois for mayor o valor deſta moeda, tanto melhor mercado ſe nos darà de graça. Quanto mayor perſeguiçaõ, quanto mayor tribulaçaõ,

Matth. 16. 24.

Hymn. Eccleſ.

láçaõ, & quanto mayor abnegaçaõ; porque eſta he a noſſa cruz, diz S. Jeronymo: *Hæc crux, eſt perſecutio, & martyrium: eſt afflictio, & tribulatio: eſt abnegatio ſui, & cupiditatũ mortificatio*: tãto mais pezo de cruz, & mayor augmento de graça. Nem pareça novidade, conſiderarmos a Chriſto negociante, quando na balãça da ſua Cruz, pelo que péza a noſſa, nos dà a ſua graça. Cõmutaçaõ tambem he negocio; & eſte nos propõem elle meſmo, quando nos pergunta: *Quam dabit homo commutationem pro anima ſua?* Dando eu a minha graça, para ſalvar hũa alma; que ha de dar aquelle, que a quizer ſalvar? E ſuppondo nòs que iſto nos diz eſtando na Cruz, & nos braços da ſua balança; bem podemos conſiderar, que pondo elle da parte de hum deſtes braços a graça, que nos offerece pelo pezo da ſua Cruz; quer que nòs ponhamos da outra parte o pezo da noſſa, para ſe ajuſtar eſta commutaçaõ entre nòs, & mais elle. Quer que todos cooperemos para eſte negocio da graça: elle cõ a ſua Cruz, & nòs cõ a noſſa. Digo que bem póde ſer eſta a noſſa conſideraçaõ; porque naõ ſó depois de eſtar Chriſto na Cruz; mas tambem antes de ſubir a ella, iſto foy o q̃ ſempre nos diſſe: *Venite*

S. Hier. apud Corn. hic.

Matth. 16. 25.

Marc. 1. 17.

poſt me. Aſſim como eu coopero, carregando a minha Cruz, para vos recuperar a graça; cooperay vòs tambem, carregando a voſſa, para haver commutação com intereſſe de ambos: eu cõ o das voſſas almas, & vòs com o da minha graça. E he o que em ſubſtancia diz hũa expoſição deſte ſeu conſelho. *Ego vobis præibo, ſi me dũtaxat ſequi, & gratiæ meæ ſtrenuè cooperari velitis.* Carreguemos todos, cada hum a ſua cruz; eu a minha, & vòs as voſſas: *ego dux præibo.* E ſendo a minha graça o que eu vos dou; a voſſa vinda comigo, he o que vòs me dais: *Si me ſequi velitis.*

Corn. hic.

7 Eſte he o cuſto da graça em quanto pezada; & em quanto medida, não cuſta menos aos que a buſcão. Bem puderamos nòs dizer, que a Cruz de Chriſto, aſſim como he balança, em que a graça ſe péza; tambem era vara, com que ella ſe mede; & por conſequencia tão cuſtoſa a graça tomada por pezo, como por medida. Porque ſe a Cruz de Chriſto nos recuperou a graça, & como balança a pezou com o cuſto; tambem como vara medio o cuſto, & mais a graça. E para aſſim o entendermos, fundamento nos dà Iſaías, quando por elle nos diz Deos, que o ſeu pezar não eſtà

ſem

Isai 28. 17. ſem o ſeu medir : *Ponam in pondere judiciũ, & juſtitiam in menſura.* Mas outra he a vara para ſe medir a graça, quando tambem nòs a buſcamos : & he a juſtiça commutativa de Deos, que jà o Profeta a dà a conhecer como medida : *juſtitiam in menſura* : no meſmo tempo, em que o ſeu juizo he pezo : *ponam judicium in pondere.* Eſta juſtiça he a q̃ reſpeitando nòs, como vara da mayor rectidão, & inteyreza, nos mede a graça, q̃ demandamos pelo cuſto q̃ fazemos. Tudo iſto nos faz crer S. Paulo, ſingular pretendente da graça ; & mediante ella, tambem da gloria : & tãto hũa, como outra, medidas por juſtiça. *Curſum conſummavi*, diz elle, depois de chegar ao fim do ſeu caminho, demandando ſempre nelle a graça à cuſta dos ſeus muitos trabalhos: *Abundantius omnibus laboravi.* E porq̃ Deos (vay proſeguindo a ſua ſentença) jà me tem medido por eſte cuſto a graça, que me deo ; eſpero da ſua juſtiça o premio, q̃ me ha de dar : *Repoſita eſt mihi corona juſtitiæ.* Quanto eu puz de cuſto, tanto me tem dado de graça, & me ha de repor de coroa : *repoſita mihi corona.* Naõ ſó em quanto zelador da honra de Deos, mas tãbem em quanto penitente das ſuas culpas, devia eſperar elle da

2. ad Timot. 4. 7.

1. ad Cor. 15. 10.

2. ad Timot. 4. 8.

vara deſta juſtiça de Deos a medida da reſtituiçaõ da graça, & remuneraçaõ da gloria. Tambem quem muito chora, por ter offendido a Deos, a quẽ deve amar muito, póde ter eſperança de tãta graça, quanto foy o ſeu arrependimento. A Magdalena aſſim o experimentou: tantos peccados levou perdoados: *Remittuntur peccata multa*, quãtos o ſeu amor poz diante de Deos chorados: *quoniam dilexit multùm.* E porque entaõ acrecentou Chriſto: *cui minùs dimittitur, minùs diligit*; o que menos tem deſte amor, menos leva da minha graça; razaõ temos para dizer, que por attentar Deos a eſte tanto por tanto; tambem he negociante da ſua graça com os arrependidos das ſuas culpas: aos de menor amor na contriçaõ, menor medida de graça: *cui minùs, minùs.*

Luc. 7. 47.

Ibid.

8 Até aqui os cuſtos, & intereſſes da graça, quando a buſcaõ os que lhe avaliaõ o preço. Agora, (& que dor eſta!) agora, quanto he deſprezado o ſeu valor dos que a naõ querem, ainda offerecida ſem cuſto algum. Ouçaõ eſta importãte advertencia, os que por naõ perdoarem os ſeus aggravos, antes querem viver ſem a graça, & amizade de Deos, do que reporſe na dos homẽs. Offerece Deos a ſua graça ſem pedir

por

por ella mais que hum acto de amor aos ini-
Luc 6. 27. migos: *Diligite inimicos veſtros*; & nòs nem aos inimigos, nem a Deos, que aſſim nos aconſelha, queremos amar, ſem nos doer a perda da ſua graça. Tornemos outra vez à balança da Cruz de Chriſto, pondo a ſua graça de hũa parte, & hum acto de amor aos noſſos inimigos da outra; & veremos qual péza mais. O pezo da graça he o da Cruz de Chriſto, onde ella ſe recuperou, & donde elle a pedio para ſeus
Luc. 23. 34. inimigos: *Pater, dimitte illis.* O pezo daquelle acto de amor, naõ péza nada; porque nada tem de cruz, & he ſó hum acto da vontade, ſem derramar ſangue, nem dar a vida. E que dando-nos Deos a ſua graça, que péza quanto lhe cuſtou, por hum acto da noſſa vontade, que nem péza, nem cuſta; por eſte nada q̃ ſe nos pede, naõ queiramos nòs aquelle tanto que ſe nos offerece! E naõ he iſto aſſim? Cuſta, ou péza algũa couſa o amor de hum perdaõ? Quãtos actos de amor eſperdiça a noſſa vontade? No exercicio das mais virtudes: *In reliquis operibus bonis*, diz S. Jeronymo, poderà haver alguma difficuldade, que cuſte: *Poteſt aliquis qualemcumque excuſationem prætendere*; porèm para amar: *ad habendam verò dilectionem*, nin-

S. Hier. lib. 1. comm. in c. 5. Matth.

guem ſe póde eſcuſar: *nullus ſe poterit excuſare.* Dirà alguem: eu naõ poſſo amar: *non poſſum diligere?* Taõ pouco como iſto, eſtimamos o incomparavel preço da graça; nẽ por hum nada a queremos, ou por hũ nada a deixamos. E ſe nẽ iſto podemos fazer, querendo o Author da graça, como divino negociante, intereſſar com-noſco eſte bem noſſo, & ſem noſſo cuſto; como poderemos contratar a noſſa ſalvaçaõ: *Quam commutationem dabimus pro anima noſtra?* Pois nòs bem puderamos entrar taõ ſeguros no noſſo lucro, que a cõmutaçaõ para o bem da noſſa alma, foſſe obrigando nòs a Deos, do modo que póde ſer, a nos naõ faltar com a graça, ainda dãdo nòs por ella aquelle noſſo nada. E em hũa eſcritura podemos fundar eſta obrigaçaõ, como em hũa medida, & eſſa tambem, como de vara de juſtiça, pela qual demandemos tãta graça, quanto for o perdaõ, que por ella commutarmos. A eſcritura he bem antiga, & ditada pelo meſmo Author da graça, na qual todos eſtamos obrigados: nòs pelo amor aos inimigos, & Deos pela graça promettida por eſſe amor. *Dimitte nobis, ſicut nos dimittimus*, diz a Eſcritura: tenhamos tanta graça no voſſo perdaõ: *Dimitte* Matth. 6. 12.

mitte nobis, quanta os noſſos inimigos tẽ no noſſo: *ſicut nos dimittimus*. E para ſe acertar com eſte tanto, & quãto; aquelle *ſicut* he a medida do tanto da voſſa graça para nòs; & do quanto do noſſo perdaõ para os noſſos inimigos. Logo, ſe nòs perdoamos obrigados por eſta eſcritura a admittir na noſſa graça aos noſſos inimigos; eſtais vòs por ella tambem obrigado a nos perdoar, & reſtituirnos a voſſa graça, ainda ſendo nòs inimigos voſſos: *dimitte*, *ſicut dimittimus*. Aſſim havemos de ſuppor, que dizemos nòs a Deos, tomada eſta vara, ou eſte *ſicut*, pelo perdão que ſe deo. Mas ſe por eſſa meſma vara, *ſicut*, for medido o perdaõ, q̃ ſe negou; eſtà Deos deſobrigado de nos dar o perdaõ, que lhe pedimos; & tambem por conſequencia a graça, ou amizade, que lhe demandamos. Horrivel concluſaõ! E haverà quem convencido della, podendo fazer a Deos ſeu devedor, queira antes ſer elle devedor a Deos? Podendo fazer, que aquelle *ſicut*, ſeja vara de juſtiça, tomada de nòs para Deos, obrigãdo-o pela graça promettida; fazermos, q̃ ella ſe volte em vara de juſtiça tomada de Deos para nòs, condenãdo-nos pelo perdaõ negado? Neſta myſterioſa demanda he Deos o Au-

o Author da graça, & tãbem como Author nos póde demãdar pela negativa do perdaõ. E ſe nòs o temos dado, ſomos nòs os Authores, diz S. Pedro Chryſologo, demandando a Deos pela graça devida. *Homo, penes te eſt poteſtas veniæ; in te eſt indulgentiæ jus; tu tibi remiſſionis author es conſtitutus.* Deos ſempre he o Author da graça; mas author neſta demanda; ſó quando nòs naõ perdoamos. E quãdo damos o perdaõ, nòs ſomos os Authores: *tu author eſt conſtitutus*: porque o direito deſſe perdaõ eſtà em nòs: *in te eſt indulgentiæ jus.*

Chryſ. 5. Serm. 71.

9 Para conſeguirmos nòs, como authores, o importante fim deſta demandada graça, temos as medidas de caſa, temos a do noſſo cuſto; porque a podemos encher como quizermos: & temos a da graça por elle merecida; porque mediante hũa, temos direito à outra: *in te eſt indulgentiæ jus.* O que nòs pretendemos no perdaõ de Deos, he a graça da ſua amizade: & porque o fundamẽto, que nos faz authores neſta demanda, he o noſſo perdaõ, & com elle a amizade do inimigo; na noſſa maõ eſtà o termos tanto do perdaõ de Deos, quanto os noſſos inimigos tiverem do noſſo: *Tu tibi miſericordiæ factus es ipſe menſura*, diz Chry-

Ibid.

Chryſologo: *quantum quæris miſericordiæ, fac tantum.* E naõ ſem myſterio mede o ſagrado Expoſitor hum perdaõ pelo outro: o perdaõ de Deos pelo noſſo perdaõ: *quantum quæris, fac tantum.* Porque ſuppondo elle (& com razaõ) que no noſſo perdaõ ha mais, & menos cuſto, medido pela noſſa mayor ou menor repugnancia, quãdo o damos; no perdaõ de Deos tambem ha mayor, & menor medida da ſua amizade; mais, & menos da ſua graça. E a quẽ naõ fere o coraçaõ a differença deſtas medidas? Quem podendo medir por ſi meſmo a amizade, & graça de Deos, como quizer; pois elle meſmo he a medida: *tu tibi factus eſt menſura*: a naõ medirà pela eternidade: & ſe contentarà com a de algũ tempo, ſe ſó por algũ tempo quizer a amizade do ſeu inimigo? Se tomar taõ curta, & eſtreita eſſa medida, que naõ paſſe do limitado termo do naõ querer mal, & deixe de chegar ao do querer bem; do termo do naõ ter odio, ao termo do ter amor? Pois entendaõ os que aſſim medem o perdaõ dos ſeus inimigos com as limitações do tempo, ou do affecto; que tambem Deos lhes ha de medir o ſeu perdaõ aſſim limitado, & aſſim coartado. Da parte de Deos a medida, *quantum*, ha de correſpõder à me-

à medida da parte dos homens, *tantum: quãtum quæris, fac tantum.* Reſolvamo-nos finalmẽte a crer, que ſe naõ ajuſtarmos a força toda daquella eſcritura, que nos conſtitue authores da demanda da graça, & amizade de Deos: *dimitte, ſicut dimittimus*, que temos contra nòs o demonio demandando-nos com outra eſcritura, & ſendo contra nòs author, ſenaõ abraçamos, & offerecemos a amiſade reciproca de huns para outros, aindaque inimigos: ſe naõ ſeguimos o conſelho: *diligite inimicos.* A eſcritura eſtâ deſcuberta por S. Paulo, quando diz fallando de Chriſto na Cruz: *Delens quod adverſùs nos erat chirographum decreti: & ipſum tulit de medio, affigens illud cruci.* E os commentos explicaõ: *Delevit chirographum, debita noſtra: delevit chirographum debiti noſtri.* De maneira, que as noſſas dividas eſcritas, ou a eſcritura das noſſas dividas, apagou Chriſto com o ſangue que derramou crucificado: & eſtas ſaõ aquellas dividas, q̃ nòs lhe pedimos, as apague elle, aſſim como nòs apagamos outras: *Dimitte debita noſtra, ſicut nos dimittimus debitoribus noſtris.* E ſe nòs naõ apagamos as dos outros, tambem as noſſas ficaõ por apagar: tanto vivem as noſſas na lembrãça de Deos,

Ad Col. 2.14.

Irenæ. lib. 5. cap. 17.

Matth. 6.12.

Deos, quanto as de noſſos inimigos vivem na noſſa lembrança. O demonio, aſſim como he o author deſte odio, tambem he ſua a eſcritura, com a qual viva, & naõ apagada nos demãda diãte de Deos, & accuſa das dividas, que naõ perdoamos. He o que tambem diſſeraõ Theodoreto, & Origenes diſcorrendo a profunda ſentẽça do Apoſtolo. Entendendo ambos, que cada hũ de nòs he aquella eſcritura, quando obramos mal: *Chirographum eſſe corpus noſtrũ, in quo litteras flagitiorum noſtrorum ſcribimus: ſi delinquas, ipſe tibi conſcribis peccati chirographum*: o primeiro acrecenta, que o demonio he o author deſta eſcritura: *Dictãte, & ſuadente dæmone, litteras flagitiorum ſcribimus.* Fechemos agora a concluſaõ. Cada hum de nòs he a medida da amizade de Deos, que demandamos com a ſua meſma eſcritura: *Tu tibi miſericordiæ factus es ipſe menſura.* Cada hum de nòs he a eſcritura do odio, que temos a noſſos inimigos: *ipſe tibi conſcribis peccati chirographum.* E he bem, q̃ eſtando na noſſa maõ a medida da graça, & amizade, que pedimos a Deos; queiramos antes eſcrever com a meſma maõ a eſcritura, em que o demonio nos demande pela inimizade dos homens:

Theod. apud Guevar in Matt. 1. obſervat 1. pag. 11. Origen. hom 13 in Gen.

Sua-

Suadente dæmone, ipſe tibi cõſcribis peccati chirographum?

Goſtos.

§. IV.

10 NAõ havendo na vida hum ſó, que ſeja perfeito; na morte podemos conſiderar haver muitos: & para ſe naõ duvidar deſta verdade, primeiro ſe haõ de advertir outras. O goſto conſiderado pelo que he, ſempre he goſto: aſſim como ſempre he pena, tomada ella como he. De outra ſorte, nem o goſto, nem a pena ſeraõ o que ſaõ; ſe, conſiderada a ſua natureza, naõ foſſem pena, nem goſto. E ſó quando ao goſto preſente ſuccede a pena ſubſequente, naõ he entaõ o goſto perfeito: quando a hũa fortuna ſuccede hũa deſgraça. Aſſim entendemos aquella ſentença dos Proverbios: *Extrema gaudij luctus occupat*: o fim do goſto he o principio da pena: ou entra o pezar da pena pelo prazer do goſto: *extrema gaudii occupat*. Depois de tudo iſto advertido, dizemos agora por concluſaõ inferida deſtas premiſſas; que na morte ſim ha goſtos perfeitos, naõ os havendo na vida. Aſſim como o goſto deixa de ſer perfeito, pela pena, que lhe ſuccede; & por iſſo naõ he goſto, mas antes Prov. 14 13.

tes he pena: tambem deixa a pena de ſer cõpleta, pela gloria, que ſe lhe ſegue; & tambem aſſim naõ he pena, mas he goſto. Porque do meſmo modo, que dizemos: *Extrema gaudij luctus occupat*, devemos dizer: *extrema luctûs occupat gaudium*. Se o goſto deſte inſtante preſente naõ he goſto perfeito, por lhe ſobrevir o pezar no inſtante ſubſequente: a pena de agora naõ he pena completa, & ſe ha de conſiderar goſto, por lhe ſucceder o goſto depois. De maneira, que o meſmo vem a ſer goſto imperfeito, q̃ pena: porque *extrema gaudij luctus occupat*. E tanto monta pena incompleta, como goſto: porque *extrema luctûs gaudium occupat*. Quãdo Chriſto ſe auſentava dos ſeus diſcipulos deixando os ſem a ſua preſença; dizialhes, q̃ a triſteza lhes enchia o coraçaõ até alli cheyo de goſto: *Quia hæc locutus ſum vobis, triſtitia implevit cor veſtrum*. E era o meſmo, que dizer por ſynonymo accommodado: *triſtitia occupavit cor, quod antea erat locus gaudij*. Semelhantes ſaõ a eſtas noſſas conſiderações, as que vemos em hum commento da ſentẽça, que diſcorremos, diſtinguindo os goſtos deſta vida dos goſtos da outra. Diz que os goſtos da outra vida ſaõ verdadeiros goſtos; Joan. 16.6.

porque

porque os naõ altera pena algũa: *Plenæ lætitiæ nullus admiſcetur mœror*: & que os goſtos deſta naõ ſaõ goſtos perfeitos; porque a pena que lhes ſuccede, os priva da perfeiçaõ do goſto: *Extrema autem gaudij luctus excipit.* Por eſta razaõ, que nos confirma o q̃ dizemos, o goſto perfeito, ou inteiro: *eſt plena lætitia*: & faz o goſto imperfeito, ou incompleto: *luctus excipiens.* Aſſim tambem a pena inteira, ou pena chea, *eſt luctus plenus*: & faz a pena naõ chea, ou naõ inteira, *gaudium implens.* No goſto toma lugar a pena: *luctus occupat*: & na pena o toma o goſto: *occupat gaudium.* E porque na vida não ha goſto ſem pena ſubſequente; por iſſo não ha goſto perfeito na vida. Na morte porèm, como à ſua pena ſuccedem muitos goſtos; muitos vem a ſer os goſtos perfeitos da morte: *extrema luctûs gaudia occupant.* Nos goſtos da vida, pena, que os diminue, ou lhos tira: *luctus excipiens*: & nas penas da morte, goſto, que ſe naõ tira, ou ſem diminuiçaõ: *gaudium implens.*

Auct. Caten. Græc.

11 Vamos jà moſtrando iſto: & juntamente a huns naõ temendo as penas da morte; & a outros ſim temendo os goſtos da vida. Ouçamos o que dizem os q̃ já paſſáraõ

pela

pela pena da morte, depois de lograrem os goſtos da vida: & eſtes nos diráõ, quando achàraõ penas, & logràraõ goſtos. Santo Agoſtinho entre os goſtos da ſua vida, cõſiderava-ſe ſemelhante aos brutos, q̃ mais propriamente lhe repreſentavaõ a ſua vida, & os ſeus goſtos: *Ah quoties, ut canis, redij ad vomitum; & quaſi ſus, repetij volutabrũ*: dizia a ſi meſmo, & nos deixou dito a nòs. Para elle experimentar o que nòs imos ponderando: naõ achava aquelles goſtos ſó imperfeitos, mas indignos: nem os conſiderava no fim: *extrema gaudia*, com a ſucceſſaõ de algũa pena em principio: *luctus occupat*. Todos elles eraõ em ſi meſmos: *ut canis, & quaſi ſus*; & ſuccedẽdo huns aos outros: *redij: repetij*. E ſaõ por ventura diverſos os goſtos daquelles, que vivem, como elle vivia? He algum delles ſó imperfeito goſto: ou póde haver algũ de mais completa pena? Digaõ, ou reſpõdaõ elles meſmos: & vejaõ, ſe algũ dos ſeus goſtos tira o lugar à pena, ou o enche de goſto: ſe algũ: *eſt gaudium luctum occupans; aut implens luctum*. Ou ſe em algum delles deixa de haver pena, que tire todo o lugar ao goſto, ou o encha de pena: ſe eſſa pena deixa de ſer, *luctus gaudium occupans*;

S. Aug. in Soliloq.

aut excipiens gaudium. Se Nabuco reſpondeſſe agora a eſtas pergũtas: & déſſe a repoſta, apontando para o ſeu exemplo; bem lhe poderiamos authorizar o que diſſeſſe, com o que Santo Agoſtinho nos tem dito. Diria, q̃ elle depois de todos os goſtos da ſua vida: depois de ſe ver arvore ſuprema: *Arbor ſublimis*: Rey ſoberano: *Rex magnificatus*: de alteza a mais levantada: *magnitudo uſque ad Cælũ*: & de poder o mais extenſo: *poteſtas in terminos univerſæ terræ*: gozando ſempre o mais delicioſo da vida, veyo a goſtar o mantimento de brutos, & a parecer como hũ delles: *ut bos*. Bem ſe verificou nelle a ſentença, que nos deo eſte diſcurſo: *extrema gaudij luctus occupat*. Depois de tantos goſtos na vida: *quietus in domo*: *florens in palatio*: na meſma vida tantos pezares: *cum beſtijs erat habitatio ejus*: *fœnum, ut bos, comedebat*.

Dan 4. 17.

Dan.5. 21.

Dan. 4. 1.

12 Temos ouvido a Santo Agoſtinho o que nos diz dos goſtos da vida: ouçamos agora o que diſcorre ſobre os goſtos da morte. Põem os olhos nos goſtos, que ſuccedem àquellas penas: & acha, que eſtes goſtos ſublequẽtes tomaõ, ou tiraõ o lugar das penas preſentes: *luctus occupant*. Entende, que ſaõ aquelles goſtos para encher: *gaudia implẽtia*;

&

& que naõ ha nelles pezares, para diminuir: *luctus excipientes*. Vendo q̃ na hora da morte acabaõ os annos da vida; jà eſta pena ſe lhe repreſenta goſto, olhãdo para a patria dos Bemaventurados, onde a primeira idade nunca acaba. O *Regnum beatitudinis ſempiternæ, ubi juventus nunquàm ſeneſcit*. Vendo q̃ naquella hora perde a fermoſura a cor; jà eſta pena ſe lhe repreſenta goſto, olhando para outra fermoſura, que nunca ſe perde: *ubi decor nunquam palleſcit*. Vendo que naquella hora eſtà ſem alentos o amor; jà eſta pena ſe lhe repreſenta goſto, olhando para o amor, que nunca enfraquece: *ubi amor nunquàm tepeſcit*. Vendo que naquella hora eſtà attenuada hũa ſaude; jà eſta pena ſe lhe repreſenta goſto, olhando para a outra, que nunca murcha: *ubi ſanitas nunquàm marceſcit*. Vẽdo que naquella hora vay perecendo o goſto; jà eſta pena ſe lhe repreſenta goſtoſa, olhando para o goſto, q̃ nunca diminue: *ubi gaudium nunquàm decreſcit*. Vendo finalmẽte que naquella hora faz a ultima pauſa a vida; jà eſta pena ſe lhe repreſenta goſto, olhãdo para a vida, q̃ nunca tem termo: *ubi vita terminum neſcit*. E deſte modo achava Sãto Agoſtinho, que todas as penas da morte

S. Aug. in Soliloq.

eraõ os ſeus mayores goſtos; porque àquellas penas ſuccediaõ todas eſtas glorias: *extrema luctûs gaudia occupabant.* Naõ haverà quem obſte a eſtas razões com o fundamẽto da principal, que ſe poderà offerecer contra ellas. Naõ digaõ q̃ o mal das penas da morte, he mal que ſe vè, & ſe experimenta: & que o bem das glorias, do modo que dizemos as fazem ſer goſtos, naõ ſó naõ ſe vem, nem ſe experimentaõ naquella hora; mas que nem ainda ſe diz o bem, que ſaõ: & que Santo Agoſtinho ſó diz o mal, que naõ tem: *nunquam ſeneſcit: nunquam palleſcit, &c.* Não argumente aſſim os enganados com os goſtos da vida; porque por iſſo meſmo he o mal das penas da morte de medida limitada; porque ſe vè, & porque ſe experimẽta, & ſe póde dizer o que he. E por razão em cõtrario, he o bẽ das glorias, que ſuccedem a eſſas penas, de pezo ſem termo; porque ſó dizendo-ſe o mal, q̃ naõ he, ſe fica dizendo o ſeu bem: ſó com ſe dizer, que *non ſeneſcit: non palleſcit, &c.* Aquelle he o mayor bẽ, que ſe não ſabe dizer o que he: que ſó ſe explica por termos negativos. E por eſtes termos nos explicamos, & entendemos nós meſmos, quando para encarecermos hum bem, dize-

dizemos, que he tal, como naõ ſabemos que. 1. ad Cor 2. 9. *Oculus non vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis aſcendit*, diſſe S. Paulo, querendo explicar o que era o meſmo bem, que Santo Agoſtinho tambem explica por termos do q̃ naõ he. Diſſe, que era hum bem, que naõ ſe vio: *oculus non vidit*: que era hum bem, que ſe naõ ouvio: *nec auris audivit*: & que era hũ bem, que ſe naõ conhecia: *nec in cor hominis aſcendit*. E ſe ſuccedẽdo a hum goſto da vida qualquer mal ſabido, jà naõ he goſto perfeito: *extrema gaudia luctus occupat*: ſuccedendo ao mal da morte ſabido hum immenſo bem, que ſe naõ póde ſaber, he perfeito goſto. *Extrema luctûs hoc gaudium occupat.*

Guia.

§. V.

13 NAõ póde ſer boa, a que naõ he bem guiada: ſerà como a de hum cego, guiando a outro cego: *ambo in foveam cadunt*. Matth. 15. 14. Cae o guiado, & mais o guia; porque eſte naõ tem viſta, que primeiro o guie a elle, para elle poder guiar o outro. Guiar, he dar luz ao que ha de ſer guiado: & o ſer guiado, he tomar a luz do q̃ guia: & ſe os olhos de hum cego naõ tem luz que dar; & os olhos do outro naõ pódem tomar

luz; nem hum póde ſer guia, nem o outro ſer guiado. Iſto he o que ſuccede ao que quer ſer guia do outro,& a elle tãbem lhe falta a guia: ſe elle naõ tem luz para ver por onde põem os pés, mal póde alumiar a outro, paraque veja por onde os ha de pòr. Quem quer guiar a outro, que he o meſmo que querer encaminhar; primeiro ſe ha de guiar a ſi,& porſe primeiro a caminho, & entaõ meterà a caminho os outros,& poderà ſer o ſeu guia. No tempo do eclipſe dos ſeus olhos, em quanto nelles tiver trave, naõ póde tirar dos olhos do outro o argueiro. Và primeiro a trave fóra de huns olhos: *Ejice primùm trabem de oculo tuo*, & entaõ ſe tirarà o argueiro dos outros olhos: *& tunc videbis ejicere feſtucam de oculo fratris tui.* Tirada a ſua trave: *ejice trabem*, entaõ terà viſta, para tirar o argueiro do outro: *tunc videbis ejicere feſtucam.* O conſelho de Chriſto: *Si oculus ſcandalizat, erue eum*, naõ he para os olhos do argueiro; he para os olhos da trave. Hum argueiro naõ eſcandaliza tanto, que hajaõ de ir fóra olhos, para ſe tirar eſcandalo. Hũa trave, ſim: para ſe tirar o eſcandalo q̃ he a trave dos olhos, haõ de ir fóra os olhos da trave: *erue.* E deſta ſorte, o que tiver jà tirado a trave, ou o eſcan-

Matth. 7.5.

Ibid.

Matth. 18 9.

candalo dos ſeus olhos, entaõ poderà ſer guia, do que nos ſeus tiver o argueiro: entaõ o guiarà ſeguro, ſe o quizer encaminhar. Jà entaõ aquella luz de todo o corpo, que he a luz dos olhos: *Lucerna corporis tui eſt oculus tuus*: o guiarà a elle, & elle aos outros. Se todo o corpo eſtà alumiado por aquella luz: *ſi totum corpus lucidũ erit*, póde ſer guia, ſem tropeçar nos pés; & tambem ſem cair póde levar a outros pela mão. *Prævià oculi ſui luce, & directione, omnes actiones ſuas rectè obibit*, commenta Cornelio. O que naõ farà, ſe o corpo não for alumiado *Si totum corpus tenebroſum erit*; porq̃ faltando aquella luz, deixarà de ſer guia: *carebit luce, & duce.* Paſſando agora das cõſiderações dos olhos do corpo às que ſe fazem dos olhos da alma; dizemos o meſmo: como por aquellas explicaõ muitos eſtas; tambem o entendimento, que he *oculus animæ*, naõ póde ſer guiado interior da alma, ſe elle naõ for primeiro guiado por outra luz ſuperior. *Si oculus tuus fuerit ſimplex; totũ corpus tuum lucidũ erit: ſi autem fuerit nequam; totum corpus tuum tenebroſum erit*: he o que lemos neſta doutrina de Chriſto. E o que dizem os Commẽtarios, he: Se o entendimento for illuſtrado, tam-

Matth 6.22. Ibid. Cornel. hîc. Ibid. 23. S. Hier. S. Chryſoſtom. Mald. Tolet. apud Cornel. hîc. Matth. 6.22. & 23.

bem o ſerà toda a alma: *Si mens hominis ſit pura, illuminabit totam animam.* Mas ſe for cego: *ſin autem pravo affectu occæcata*, aſſim o ſerà a alma toda: *eodem afficiet totam animam.* O que poſto, naõ póde o entendimento cego ſer guia da vontade tambem cega: elle ſendo guia ſem luz, & ſem luz ella, que ha de ſer a guiada: *ambo in foveam cadent.* E he a razaõ, porque não póde governar bem o Prelado Eccleſiaſtico, ſe elle naõ he bom governador domeſtico. Como ha de ſer bom guia na caſa alhea, ſe elle não póde guiar bem a ſua? *Si quis domui ſuæ præeſſe neſcit, quomodò Eccleſiæ Dei diligentiam habebit?* O entendimẽto na alma, he o que guia a todos os mais movimentos interiores, como ſuperior em ſua caſa: & mal poderà elle guiar as outras acções da meſma alma a elle ſubordenadas, ſe por cego não ſe puder guiar a ſi: *ſi ſibi præeſſe neſcit.* E ſe por cego tambem no entendimento do guia houver trave; como guiarà aos outros, para que tirem do ſeu entẽdimento as cegueiras? Ou eſta trave ſeja eclipſe da ciẽcia, ou da luz do eſpirito; ſempre lhe dirão bẽ os q̃ elle quizer guiar como Meſtre de letras, ou de virtudes: *Ejice priùs trabem propriã; & tũc videbis ejicere feſtucas alienas.*

Corn. hîc.

1. ad Timot. 3. 5.

Guarda.

Guarda.

§. VI.

14 DE ſi meſmo tambem cada hum o póde ſer: & ſe o naõ for, tambem ſe póde guardar de ſi meſmo. Guardarſe a ſi, & guardarſe de ſi, ſaõ diverſos cuidados: hũ, he deſvelo, para ſe deſpertar a ſi meſmo: & o outro, para de ſi meſmo ſe não fiar. De todas as virtudes, a que mais neceſſita de guarda, he a Caſtidade; & por iſſo, ſe lhe quizermos dar figura, ha de ſer a roſa cõ a ſua guarda de eſpinhos: *armat ſpina roſam.* E como o amador deſta virtude, he o que guardandoſe a ſi, a guarda a ella: quanto elle ſe armar, para naõ cair, tanto ella ficarà armada, para ſe não tocar, nem colher. Aſſim a guardava S. Paulo: guardando-ſe a ſi, & com guarda de eſpinhos: *Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ, qui me colaphizet.* O meſmo eſtimulo da tentaçaõ, era eſpinho para a guarda: era arma, que o acometia, & deſpertador, que o armava. Que foſſe tentação, he ſentido mais ajuſtado cõ a Eſcritura: & q̃ foſſe deſpertador para a guarda, o moſtra a admiravel cõſervaçaõ da ſua continencia. Puzemos o exẽplo do noſſo aſſumpto na guarda deſta virtude; porque tendo cada hum de nòs em

2. ad Cor. 12. 7.

vide Corn. Ic.

em ſi meſmo o ſeu mayor inimigo : tendo aquelle eſtimulo de S. Paulo ; o que delle ſe defende , he o que a ſi meſmo ſe guarda. E naõ o fazendo aſſim , então he,que dizemos, que ſe guarde de ſi meſmo. Ficarà dando armas contra ſi , não ſe armando contra eſte inimigo ; & para ſe defender , não ſó o ha de temer a elle, mas tambem a ſi ſe ha de temer. Nem delle , nem de ſi meſmo ſe ha de fiar: & ſe diſſermos, que ainda ha de deſconfiar mais de ſi meſmo, do q̃ delle ; moſtraremos o fũdamento em S. Pedro, poſto que não com a ſemelhãça da materia ; mas com a do ſucceſſo. Hũa confiança , & hũa deſconfiança o levàraõ ſeguindo a Chriſto na noite da ſua priſzão : no meſmo tẽpo acautelado , & confiado. A deſconfiança era dos inimigos de Chriſto , que havia pouco os vira armados no horto , & tinha ferido a hum delles : & eſte temor o fazia ir de lõge : *ſequebatur a longè.* Matth. 26.58. A confiança,era a que de ſi meſmo teve , ſegurando-ſe, que nunca negaria a Chriſto, ainda perdendo a vida : *etiãſi oportuerit me mori tecum , non te negabo.* Ibid.35. E porque confiou mais de ſi, do que deſcõfiou dos q̃ levàraõ a Chriſto prezo,cahio na tentação , & temeroſo delles negou a Chriſto : *Non novi hominem.* Ibi! 72

A=

Aquella medida, que elle tomou para a diſtãcia entre ſi, & aquelles inimigos de Chriſto, que tambem eraõ ſeus inimigos: *ſequebatur a longè*: eſſa havia elle de tomar de ſi para ſi: outro tanto havia elle de diſtar da ſua confiança: entre ſi, & ella tambem havia de haver outro *longè*. A diſtancia, que elle levava, o guardava a ſi; mas eſſa não baſtou: havia de ter a outra diſtancia, que o guardava de ſi; & eſſa era a neceſſaria. Bem podemos dizer, que então era a occaſião, em q̃ havia de ir muito de Pedro a Pedro: muito lõge o Pedro animado a ir, do meſmo Pedro cõfiado na ida. Certamẽte ſe guardaria a ſi, ſe entre elle, & ſi meſmo houveſſe eſte *longè*.

Governos.

§. VII.

15 OS do mundo nem ſaõ cruz, nem ſaõ pezo, nẽ ſaõ jugo; ſaõ enganos. Porque ſendo tudo iſto, como o confeſſaõ os meſmos, que ſe queixão do que elles ſaõ; ainda aſſim deſejão elles ſujeitarſe a eſte jujo, tomar ſobre os hõbros eſte pezo, & levar às coſtas eſta cruz. E não póde eſtar toda eſta oppoſição entre taes deſejos, & tão carregadas penſões, ſem haver engano, q̃ adoce eſtas penſões, & excite aquel-

aquelles deſejos. Não foy penſaõ, mas foy pena de morte, a que Deos impoz a Adam, para que não comeſſe do fruto, que lhe pro-
Gen. 2. 17. hibia: *In quocũque die comédéris ex eo, morte morieris.* E fez o enga-
Gen. 3. 13. no do demonio: *ſerpẽs decepit*, parecer a Adam, & mais a Heva, que a pena intimada por Deos, naõ era ſen-
Ibid. 4. tença de morte: *nequaquã moriemini*; mas prohibição de divinda-
Ibid. 5. de: *eritis ſicut dii.* Aſpirar a ſer como Deos, era deſejar o ſupremo dominio do mundo: & deſejallo hum homem, era appetecer hum incomparavel pezo de cuidados, muito mayor que as ſuas forças. Alivioufe porèm todo eſte pezo ſó com aquelle engano: jà deſde o principio do mundo começàrão a não parecer pezados aos homens os deſejos, que os elevavão a ſerem deoſes: *eritis ſicut dii.* E digo deoſes, quando quero entender Superiores; porque não he a primeira vez, que elles ſe chamáraõ deoſes: na auſencia de Moyſes aſſim os acclamou a voz do povo, q̃ elle governava: *Fac nobis deos, qui nos præcedant.* Exod. 32. 1. Tão antigo he, como iſto, parecer leve a cruz, aliviado o pezo, & ſuave o jugo dos governos do mundo por ſecretos feitiços do engano: *ſerpens decepit me.* Naõ ſaõ porèm aſſim os governos do

do Reyno de Deos: naõ ſaõ hũa couſa, & parecem outra. Sim ſaõ cruz, ſim ſaõ pezo, & ſim ſaõ jugo; porque ſaõ deſenganos. Logo Chriſto diſſe aos que nelle pretendiaõ aſſen-
Matth. 19.28. tos, & mandos: *Sedebitis judicantes*: que o haviaõ de ſeguir cruci-
Matth 16.24. ficados: *Si quis vult poſt me venire, tollat crucem ſuam, & ſequatur me*, carregando pezo, & ſujeitando-ſe a
Matth. 11.30. jugo: *Onus meum: jugum meum.* E aos dous, que claramente lhe pediraõ os primeiros lu-
Matth. 20.21. gares do ſeu lado: *Unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram*, tambem claramente reſpondeo, q̃ a elles naõ ſe ſubia, ſe naõ bebido o caliz da
Ibid. 22. morte: *Calicem meum bibetis.* Eſta he a differença, q̃ ha entre pretendentes, & pretendentes de governos: dos que aſpiraõ a ter mando no mundo, & dos que o deſejaõ no Reyno de Deos. A hũs encobre o engano o pezo deſejado: ſendo pena mortal: *morte moriêris*, faz parecer gloria eterna: *eritis dii.* E a outros, tudo quanto péza o jugo pretendido, deſcobre o deſengano: logo moſtra q̃ leva a morrer: *calicem bibetis*, o deſejo que encaminha a ſubir: *dic, ut ſedeant.* Ha mais Ibid. 21. outra differença entre eſtas pretenções. Deos, aſſim como deſengana, dizendo aos que pretendem os mandos do ſeu Reyno, o muito q̃

elles

elles cuſtão : *tollat crucem* ; tambem diz, que elle lhes ha de ſuavizar o pezo : *jugum meum ſuave eſt, & onus meũ leve.* E o demonio enganando com a ambiçaõ dos governos do mundo, não receita aos ſeus pretendentes algũ antidoto, ainda q̃ foſſe fingido, para ſe deſẽderem do ſeu mal no tempo, em que elle mata. Diz a Adam, que ha de ſer deos : *Eritis dii*, & deixa-o elevar neſta ſubida, ſem o prevenir de algum esforço, ao menos ſuppoſto, para o tempo da ſua morte : *in pulverem revertêris.* Pudera fazer entaõ o que depois fez, quando tentou a Chriſto no deſerto, diſpondolhe o ſeguro do devido reconhecimento de Filho de Deos : *Si Filius Dei es*, ſem perigar no precipicio do monte : *mitte te deorſum.* Repreſentãdolhe, que para o tempo, em que houveſſe de morrer precipitado, ſeria ſoccorrido de Anjos, que o livraſſem de toda a leſaõ, ainda na minima parte do corpo : *ne offendas ad lapidem pedem tuum.* Mas naõ faz iſto o demonio : como nos governos, com que tenta aos ambicioſos deſta honra, lhes encobre os precipicios, & nelles quer q̃ periguem ; naõ lhes promette os deſvios das ruinas : *ne ſe offendant ad lapidem.*

Mat h. 11 30.

Gen 3. 19.

Matth. 4. 6.

Ibid.

16 No que naõ falta Deos, quando perſuade

ſuade a ſujeição do ſeu jugo, & pezo da ſua cruz aos que encamiſnha para os ſuperiores aſſentos do ſeu Reyno: *Vos, qui ſecuti eſtis me, ſedebitis.* E ainda q̃ não a todos cõ o mando de juizes: *judicantes*; ſempre com eminentes lugares, para premio dos trabalhos do jugo, como conſidera S. Bernardo: *Ut pro laboribus ſeſſio, pro contemptu celſitudo tantæ poteſtatis redderetur.* E aſſim, dizendo Chriſto aos que promette eſtes ſoberanos aſſentos, que o jugo, porque haõ de paſſar, & cruz que haõ de carregar, os ha de obrigar a ſofrer odios, & tolerar afrontas: *Si me perſecuti ſunt, & vos perſequentur*: tambem ſe moſtra obrigado, daquelle modo, que ſe póde obrigar, & por eſcrituras infalliveis, a lhes aſſiſtir cõ os ſoccorros, para o jugo ſer ſuave, & a cruz naõ pezar tanto *jugum meum ſuave, & onus meum leve.* Se o odio dos voſſos inimigos vos perſeguir a vòs; ſabei, que tambem me perſeguio a mim o odio dos meus: & que a eſta odioſa perſeguiçaõ eſtava eu obrigado por aquella eſcritura: *Odio iniquo oderunt me.* E bem ſe vio o deſempenho deſta eſcritura: bem vimos, como o odio lhe cuſpio no roſto: *expuerunt in faciem ejus*: como o afrontou: *colaphis eum cæciderunt*: & como

Matth. 19.28.

vide Corn. hic.

S. Bern. Ser. 8. in Pſ. Qui habitat.

Joan. 15.20.

Palm. 24.19.

Matth. 26.67.

Ibid.

como o blaſfemou : *blaſphemabant eũ.* Hũa blaſfemia foy a que o odio lhe fez ouvir ; & elle naõ diſſe : *audiſtis blaſphemiam.* Outra foy contra a ſua divindade: *dæmonium habes* E foraõ muitas cõtra a ſua infinita ſabedoria : jà quando o murmuràraõ, vendo a Magdalena ungirlhe os pés : *Hic, ſi eſſet Propheta, ſciret utique, quæ, & qualis eſt mulier, quæ tangit eum : quia peccatrix eſt* : jà quando lhe diſſeraõ, q̃ ſe era Profeta, moſtraſſe que ſabia quem o afrontava : *Prophetiza, quis eſt, qui te percuſſit* ; & jà quando o quizeraõ enſinar a fallar, & a reſponder: *Sic reſpondes Pontifici.* Para nos animarmos ao ſofrimento das noſſas injurias, lemos nòs a eſcritura da obrigação da ſua paciencia : *Quaſi agnus coram tondente ſe obmuteſcet, & non aperiet os ſuum* ; & em tudo ſe comprio aquella eſcritura. Hũs o calumniàraõ de enganador publico : *Seductor ille dixit* ; outros de perturbador dos animos : *commovet populum* ; outros por inſtrumento do poder diabolico : *In principe dæmoniorum ejicit dæmonia* ; & outros por intemperado na meſa : *Homo vorax.* E Chriſto eſtando ſempre mais que mudo, & mais q̃ naõ abrindo boca: mais que mudo ; porque os mudos, ainda que ſe não entendem, ouvem-ſe:

Matth 27.39.
Matth. 26.65.
Joan. 8. 52.
Luc. 7. 39.
Matth. 26.68.
Joan. 18.22.
Iſai. 53. 7.
Matth. 27.63.
Luc. 23. 5.
Luc. 11. 18.
Matth. 11.19.

ſe : & mais que não abrindo boca ; porque elles abrem a boca, ainda que naõ fallaõ. E o Filho de Deos, em todas eſtas injurias mudo, ſem fazer que o entendeſſem : *Obmuteſcens* ; & ſem abrir boca, para que o ouviſſem : *Non aperiens os.* Para reſiſtirmos aos deſprezos do mundo ; ahi eſtà a eſcritura dos ſeus deſprezos reſiſtidos : *Cum ſceleratis reputatus eſt* ; & eſtaõ os exemplos com que a deſempenhou. Foy menos eſtimado que hum vil criminoſo : *Dimitte nobis Barabbam* ; foy morto entre dous ladrões : *Crucifixi ſunt cum eo duo latrones* ; zombàraõ dos ſeus milagres : *Vah qui deſtruis Templum Dei, & in triduo illud reædificas* ; & muito mais da ſua divina filiaçaõ : *Si Filius Dei es, deſcende de Cruce.* Por eſtas, & por outras eſcrituras empenhado veyo Chriſto ao mundo, para nos levar a ſer grandes no ſeu Reyno : *Qui ſic fecerit, magnus in Regno Cælorum* ; & para nos ajudar a levar o pezo da cruz, ou jugo, q̃ elle nos diz ſaõ os ſeus mãdos, & os aſſentos da ſua Corte : *Venite qui onerati eſtis, & ego reficiam vos.*

Iſai. 53. 12.

Luc. 13. 18.

Matth. 27. 38.

Ibid. 40

Ibid.

Matth. 11. 28.

Geraçaõ.

§. VIII.

17 NAõ eſtà ſem ella o pec=

cado; & ſem ter raiz a ſua arvore, naõ deixa de ter fruto. O ſeu primeiro tronco genealogico na creaçaõ do mũdo, foy o peccado de Adam: & aſſim como aquelle peccado ſe diz original; havemos de entender, que delle trazem a ſua origem os outros peccados. E naõ ſem conceiçaõ, & parto de todos, como cõſidera o Apoſtolo Sãtiago: *Concupiſcentia cùm conceperit, parit peccatum.* E he a razaõ, porque logo deſte trõco vem aos deſcendentes de Adam aquella univerſal deſculpa, cõ que naõ querendo cõfeſſarſe authores dos ſeus peccados, daõ a outros por authores. Imitaõ o q̃ fez Adam arguido do ſeu peccado, & culpando a Heva: *Mulier dedit mihi de ligno, & comêdi*: & tambem o que fez Heva deſculpando-ſe com a ſerpente: *Serpens decepit me.* Por iſſo huns, como Adam, dizem q̃ Heva tem a culpa; & outros, como Heva, dizem que a tem a ſerpente. Aquelle reſponde: eu fuy induzido por outro: *Mulier*; & eſte: tentoume o demonio: *Serpens.* E nẽ hũs, nem outros fallão verdade: todos, como deſcendentes daquelles tranſgreſſores dos preceitos de Deos, & do trõco original dos ſeus peccados, a ſi meſmos ſe induzem, & a ſi meſmos ſe tentão: *Unuſquiſque tentatur à concupiſ-*

Iacob 1. 15.

Gen. 3. 12.

Ibid. 13.

Iac. 1. 14.

cupiſcentia ſua abſtractus, & illectus. Nem ainda livrão de cõtrahirem eſte mal hereditario, os q̃ não ſe podendo negar de culpados por inducção ſua propria, buſcão dẽtro em ſi meſmos as deſculpas. Não negão o mal do ſeu peccado; mas no meſmo tempo põem a culpa a outro peccado tambem ſeu, cuidando que aſſim ficão deſculpados. Como, ſe por ſaber a mão eſquerda o ſegredo da mão direita contra o conſelho de Chriſto: *Neſciat ſiniſtra tua, quid faciat dextera tua*, deixaſſe de ſe deſvanecer o que fez a eſmola; ſe tão ſua he hũa mão, como he a outra. Se arguido eſte da ſua vaidade, ſe deſculpaſſe com a mão eſquerda: como ſe aquella mão foſſe de outro deſvanecido, q̃ naõ foſſe elle. Tal he o homicida, diſcorre S. João Chryſoſtomo, pondo a culpa à ſua ira: *Homicida, qui confert culpã in iram*; parecendolhe q̃ fica deſculpado, como ſe a ira não foſſe tãbem ſua, aſſim como he ſeu o homicidio. E tal he tambem o ladraõ, quãdo toma o alheyo com pretexto de pobreza: *Qui confert culpam in paupertatem*: como ſe livraſſe de cair na tẽtação do furto por lhe faltar em hũa hora o paõ. Depois de muitos dias de fome, nos enſinou Chriſto a não tomar o paõ offerecido pelo demonio; qual he

Matth. 6. 3.

S. Chryſoſt. in Pſ. 140.

o do furto, & era o do milagre das pedras nelle convertidas: *Dic, ut lapides iſti panes fiant.* Nem com pretextos milagroſos ſe deſculpaõ as quedas dos peccados: ſempre ſaõ partos de malicia concebida, ſe a neceſſidade naõ livra de furto. E naõ ſaõ a ira, nem a pobreza as que fazem aquelles peccados, conclue a ſentẽça de Chryſoſtomo: *Illa enim non faciunt peccatum*: elles, o matador, & o roubador, ſaõ os q̃ os fazem: *Sed ipſi eorum, qui peccant, animi*: & nòs acrecentamos: *Ipſi ſunt, qui ea concipiunt, & pariunt.*

Matth. 4. 3.

18 Temos moſtrado o tronco da geneologia do peccado: agora a ſua arvore E ſejaõ logo os ſeus primeiros ramos a inveja, & a ira de Caim, o primeiro filho de Adam; os quaes como taõ vizinhos ao ſeu tronco, eſtão no primeiro grao com a ſoberba, que foy o ſeu peccado. E por ſer a deſcendencia deſtes dous a mais antiga, & a mais chegada à origem de todos, ficaõ ſendo mayores os peccados dos invejoſos, & dos irados. Se a mayor antiguidade do ſãgue dà mais nobreza; a do peccado communica mais maldade. Por iſſo a inveja, & mais a ira a trazem do meſmo demonio, & com elle tem a mais eſtreita affinidade os que invejaõ, & os q̃ ſe iraõ.

It. communiter.

O

O demonio foy o que na ſerpente invejando a fortuna de Adam (he ſentido commum) o
Gen. 3. 19. fez cair, & morrer: *in pulverem revertêris.* Aſſim como fez, que Caim invejando a felicidade de Abel, ſe iraſſe contra elle, & o
Gen. 4. 5. & 8. mataſſe: *Iratus interfecit eum.* Da inveja do demonio cõtra Adam, & da inveja de Caim contra Abel, bem podemos dizer o meſmo, que David dizia da inveja de Saul contra elle: a ambos eſtes peccados de inveja podemos dar aquella conceiçaõ, & parto, que David dava à inveja de
Pſal. 7. 15. Saul. *Concepit dolorem, & peperit iniquitatem,* dizia David de Saul. E ajuſtados nòs ao commento de Genebrardo, podemos dizer: *Concepit afflictionẽ de alieno bono*: & deſta conceiçaõ veyo o parto daquelle peccado: *& parturiit iniquitatem*; do peccado de querer matar a David: *niſus configere David lanceâ.* A dor do bem alheyo em hum invejoſo, he hũa dor de parto; & o parto, que ſe ſegue a eſta conceiçaõ; ao mal da inveja concebida, he o mal da ira a elle conſequente. Ou a do demonio contra Adam, ou a de Caim contra Abel, ou a de Saul cõtra David. A inveja do demonio diſpondo a morte de Adam: *in pulverem revertêris.* A inveja de Caim matando a Abel: *interfecit eũ.*

Genebr. hic.

1. Reg. 19. 10.

E a inveja de Saul querendo tirar a vida a David: *configere David lanceâ.* Todos elles, *concipiendo afflictionem de alieno bono: & parturiendo iniquitatem.*

19 Do meſmo modo, por ſemelhantes conceições, & partos ſemelhantes brotaõ os mais peccados, ou ramos deſta fatal arvore. Brota o ramo da injuſtiça, que logo havemos de chamar mõſtro dos peccados: aquella, que falſamente impoz o demonio a Deos no Paraiſo, quãdo diſſe a Heva, & fez ſaber a Adam, que naõ
Gen. 3. 4 haviaõ de morrer: *Nequaquam moriemini*, ſe lhe naõ guardaſſem o ſeu preceito. Naõ he de morte, diſſe, a ſentença, com que Deos vos tem intimidado, ſe comeres deſte fruto: *morte morieris.* O que elle intenta, & vos encobre, he, com eſſa ſuppoſta ſentença de morte, tirarvos a divindade, que logo ha de ſer voſſa; & elle naõ quer que vòs ſejais deoſes: *Scit Deus, quòd in quocumque die comederitis ex eo, eritis ſicut dii.* Taõ injuſta, como iſto, propoz o demonio a Adam, & mais a Heva a primeira ſentença intimada no Tribunal divino logo no principio do mundo aos que foſſem tranſgreſſores dos ſeus preceitos. Fez que naõ temeſſem elles a dor, & trabalho da morte: *nequaquam moriemini*: a dòr, & pena da

Gen. 2. 17.

Gen. 3. 5.

da privaçaõ da divindade, iſſo ſim; iſſo he o que Deos vos quer tirar: *ſcit, quòd eritis ſicut dii.* Eſta injuſtiça aſſim fingida, forjada, & concebida pelo demonio para mal, & o mayor mal de Adam, reo no Tribunal divino, he a que prognoſticou Iſaías, conſiderando-a naquelles, q̃ julgaõ contra a verdade: *Non eſt qui judicet verè*; nos que concebendo trabalho, qual o demonio concebia cõtra Adam, parem o ſeu peccado: *conceperunt laborem, & pepererunt iniquitatem.* E naõ fallamos aqui do trabalho, que o peccado cauſa no peccador que o faz; porque eſſe trabalho he de todos os peccadores, & he effeito de qualquer peccado. Entendemos por eſte trabalho: *conceperunt laborem*, o q̃ cauſa o peccado da injuſtiça no mal ſentenceado; aquella pena, q̃ o Julgador mal affeiçoado faz padecer o reo innocente: *qui proximũ:* explicaõ S Cyrillo, & Santo Thomàs: *laborare, gemere, & dolere facit.* E a conceiçaõ deſte trabalho he verdadeiramente monſtruoſa, por ſer contra a ordem da natureza em todas as conceições, & tambem em todos os partos. Porque na natureza, ſe a conceiçaõ he de homem, eſtà o homem concebido da parte do ventre, que o concebeo; & de là vẽ o

Iſai 59 4

S. Cyril. S. Tho. apud Corn. hic.

ſeu parto. Se a conceiçaõ he de leaõ, eſtà o leaõ concebido da parte do ventre, que o cõcebeo; & o ſeu parto de là vem. E naõ he aſſim na conceiçaõ da injuſtiça: o cõcebido, que he o trabalho daquelle, que ſe ha de ſentencear, eſtà da parte do meſmo ſentẽceado; nelle o concebe o Julgador, & nelle vem a ter a injuſtiça o ſeu parto: *quem laborare facit.* A dor do parto, q̃ he o meſmo que o ſeu trabalho, ſempre eſtà da parte de quem concebeo. E aquelle trabalho do parto da injuſtiça, que agora diſcorremos, & tambem he dòr, eſtá da parte do mal julgado: *quem genere facit.* Finalmẽte, para ſer monſtro dos peccados; a injuſtiça, baſta naõ ſer commum eſte peccado, como tambem todos os mõſtros naõ ſaõ cõmuns. Injuſtiça de tal natureza, que faz ao Julgador conceber o trabalho do julgado: *concepit laborem*, ſó a fim delle padecer: *quem dolere facit*, ou nunca, ou rara vez ſe acharà tal injuſtiça. E deſta he, q̃ fallamos, na ſuppoſiçaõ de a haver, como profetiza Iſaias; & a que dizemos ſer propriamente monſtro, por ſer raro. O monſtro, ou chimera monſtruoſa, q̃ algũa vez ſe tem viſto nos partos da natureza, he hum compoſto de dous meyos corpos, que em hum vivente vieraõ

vieraõ ambos de hum meſmo parto. E a injuſtiça, q̃ temos chamado mõſtro, no meſmo parto vem cõ duas dores, ou dous trabalhos. Hum trabalho da parte do Julgador, q̃ he o ſeu peccado: outro trabalho da parte do julgado, que he a ſua pena. O peccado, trabalho do Julgador, concebido no Julgador: a pena, trabalho do julgado, concebido tambem pelo meſmo Julgador, mas no julgado. *Conceperunt dolorem*, cõmentaõ muitos: *conceperunt peccatum*: & dizem os meſmos: *pepererunt iniquitatem*: aquelle peccado, que he cauſa de muitos trabalhos: *Peccatũ, quod plurimorum laborum eſt cauſa.* E todos eſtes trabalhos cauſados do meſmo parto em ſujeitos diſtintos: no Julgador, o trabalho do ſeu peccado: *concepit peccatum*; & no julgado o trabalho da ſua pena: *quem ille laborare facit.* Eſta foy a injuſtiça de Pilatos ſentenceando a Chriſto à morte; fazendo o mayor peccado, que no mundo ſe vio, & por iſſo raro, ou monſtro de injuſtiça. Elle bem tinha conhecido os trabalhos, q̃ Chriſto havia de padecer, ſe o condenaſſe; & tambem entendia, que ſem culpa algũa provada na cauſa do innocentiſſimo Reo: *Nullã invenio in eo cauſam.* E eſtando nelle a conceiçaõ

Vide Corn. Iic.

Joan 18 38.

çaõ deſtes trabalhos previſtos, quiz o trabalho do ſeu peccado: *concepit peccatum*; & no meſmo parto conſequente a eſta conceiçaõ quiz tambem os trabalhos de Chriſto: *peccatum plurimorũ laborum cauſa.*

20 Brota tambem deſta arvore, & no Paraiſo começou jà a brotar, o peccado da infidelidade, quãdo alli Adam, & Heva mais crèraõ ao demonio, do que a Deos: *Quaſi Deus mortem figuratè, vel comminatoriè, non autem abſolutè intentaſſet violanti legem:* como ſe foſſe ſó ameaçada, & naõ intimada aquella ſua ſentença de morte: *In quocumque die comẽderis ex eo, morte morieris.* Brotàraõ o peccado da intemperança, & logo o ſubſequẽte da incontinencia: a intemperança, como mãy libidinoſa; aſſim como a abſtinencia he mãy caſta. *Adam, non niſi intemperantiâ provocatâ, Hevam cognovit: quamdiù enim in illis manſit temperata parcitas, manſit & impolluta virginitas.* E q̃ tragedias naõ trouxeraõ ao mundo os partos deſtes peccados, & as conceiçõeſ deſtes partos? O eſpectaculo menos horrivel, que ſe vio nas ſucceſſivas ſcenas do tempo, & continuada carreira dos annos, foy o horror das mortes violentas, que enſangoentàraõ o univerſal theatro

Peterius hîc

Gen. 2 17.

S Aug. Ser. 77. de Tẽp.

tro deſta vida. Foy o eſtrago, que nelle fez a formidavel eſpada da infidelidade ſacrilega. Foy a degollaçaõ do grande Bautiſta no dia da feſtival intemperãça de Herodes; & eſſa no meſmo tempo ſacrificada à incontinencia de Herodias. A viſta mais funeſta, a mais lamentavel, & a mais horrenda que todos eſtes tragicos ſucceſſos, foy a adoração, q̃ nelles ſe deo, & ainda hoje ſe dà ao demonio nos partos deſtes peccados. Alli eſtaõ quebradas as Taboas da ley de Deos no monte, por ſe haver idolatrado ao demonio no deſerto: & eis-ahi triunfante a infidelidade. Alli nos apparece no banquete nocturno de Balthaſar profanado o mais rico ornato do Templo de Deos: & eis-ahi prevalecendo a intemperança. Alli ſe vem adorados no Palacio de Salamão os idolos inanimados, ou demonios vivos, em obſequio dos idolos viventes: & eis-ahi vencedora a incontinẽcia. Eſtas ſaõ as repreſentações dos partos, que jà foraõ, & das cõceições, que lhes precedèrão. E das conceições, & partos, que ainda ſaõ; que he o que ſe vè, ou o que ſe não vè? Não ſe quebrão tambem os preceitos das Taboas, por ſe idolatrarem idolos? Não ſerão os fabricados por arte em fundições de ouro,

ouro, qual era o da idolatria do deſerto: mas os dados pela natureza, & os de ouro a elles offertado, não ſe vem ainda ſer? Pois eſſes ſaõ ainda hoje os partos da infidelidade: & ſenaõ he a que faz naõ crer em Deos; he a que faz naõ lhe obedecer: he a dos infieis da ſua ley; ſe naõ he a dos infieis da ſua divindade. Naõ ſe eſtendem abundantiſſimas meſas, & vem a ellas deliciosiſſimos pratos receitados pela gula, & eſcolhidos pelo appetite, tudo emulativo do eſplendido, & demaſiado de Balthaſar? Pois eſſes ſaõ hoje os partos da intemperança: & quando naõ à viſta logo da indignaçaõ divina eſcrita por viſivel maõ nas paredes do apoſento; ouvida no interior da alma por brados da conſciencia. Naõ ſe imitaõ os extremos de Salamaõ nas adorações de idolos animados? Quantos ſabios, & quantos opulẽtos, como aquelle Rey, eclipſaõ o que ſabem, & conſomem o q̃ tem no agrado deſtes idolos? Pois eſſes ſaõ hoje os partos da incontinencia: aquella, que faz voltar as coſtas a Deos, & empregar os olhos nas creaturas: a que dà goſtoſa vida aos enganos, & mata com os goſtos. Naõ ſingularizamos mais partos de ramos, ou peccados produzidos do ſeu trõco neſta arvore da ſua ge-

geraçaõ: porque não ſe póde eſcrever, quãto ella crece; & quanto jà tem crecido, bem ſe deixa ver. E ſe temos dito, que ſem eſta arvore ter raizes, naõ deixa de dar eſtes frutos; he por ſer a conceiçaõ de todos a ſua meſma producçaõ: no meſmo tempo que ſe concebem: *Concupiſcentia cũ conceperit*: logo brotaõ: *parit peccatum.* O ſeu conceber, he o ſeu nacer: não eſperão os frutos deſta arvore por vagares de raizes; nem dependem de cultura regulada por tempos. Tanto que a concupiſcencia concebeo: *cùm conceperit*, veyo logo com parto: *parit.*



PA-

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

H.

Honras.

§. I.

1 SAõ para mais eſtimadas, as acquiridas, & naõ as herdadas. A hõra acquirida deve-ſe a quem a mereceo; a herdada, a quem a communicou. Hũa he premio do braço proprio; a outra do alheyo. Nẽ David naceo com as honras, que o acreditaõ; nem Joſeph com os eſplendores, que o illuſtraõ: as ſuas proprias virtudes fizeraõ Rey a hũ, & Vice-Rey ao outro. E em Moyſes ſe achàraõ juntas eſtas meſmas differẽças de honras: teve as acquiridas no governo do

do povo de Deos: teve, como herdadas, as que por filho adoptivo lhe fizeraõ na Corte de Faraò; mas para mais eſtimadas hũas, q̃ outras. Excedeo tanto a eſtimaçaõ das acquiridas à das herdadas; quanto vay de huma adopção da Princeſa de Faraò: *Quem illa adoptavit in locũ filij*, a hũa eleição de Deos para libertador do ſeu povo: *Mittam te ad Pharaonem, ut educas populum meũ de Ægypto.* As ſuas honras acquiridas, medio-as a mão de Deos: & as herdadas, a dos homẽs. E a principal medida da eſtimação da honra toma-ſe pela peſſoa, q̃ a faz: *Honor eſt in honorante*, diz a eſpecu-

Exod. 2. 10.

Ibid. 3. 10.

Proloq. Philoſ.

laçaõ eſtudioſa. Não nos valemos porèm deſta razão, para dizermos, que mayor foy a honra, q̃ a Chriſto fez o Preſidente de Jeruſalem, gravando-lhe na Cruz o titulo de Rey: *Hic eſt Jeſus Rex Judæorum*, do que ſeria a do meſmo titulo dado pelas turbas de Galilea, da qual elle fugio: *Cùm cognoviſſet, quia venturi eſſent, ut facerent eum Regem, fugit*: por ſer acclamação feita por hum Grande da Republica; & outra a faria a plebe vulgar. Nem grandes, nem pequenos do mundo honrão mais, ou menos a Deos; ſenão os que mais, ou menos o amão. Nem tambem diremos, que Chriſto

Matth. 27. 37.

Joan 6. 15.

Chriſto aceitou hũa, & não conſentio na outra, por virem de ſujeitos, que ſe deſigualavão na nobreza; pois viera ao mundo para deſtas honras deſprezar todas. O que podemos conſiderar, he o meſmo que imos diſcorrendo: he para cõfirmação do muito q ſe devem eſtimar as honras acquiridas: as de Rey na Cruz preferidas às de Rey no deſerto. E poſtoque tãbem era acquirida a honra do reynado das turbas; ainda a excedia muito a do reynado da Cruz. Permittio pois Chriſto mais a hõra de Rey na Cruz, do que no deſerto; por ſer hũa mais generoſamente acquirida, que outra. Por acquirir a da Cruz com o ſangue de ſeus braços, que nella tinha encravados: & a do deſerto ſó pela liberalidade das ſuas mãos, que então acabavão de repartir o pão às turbas. Na Cruz era Rey; porque padecia: & no deſerto o ſeria, porque dava: *Ut facerent Regem*: pondéra quem commenta eſta acclamação das turbas: *Quem putabãt ſibi daturum copiam frumenti.* E ainda entre as honras acquiridas, ſaõ hũas para mais eſtimadas que outras. As de mais cuſto ſaõ de mayor eſtimaçaõ: cedem as merecidas pela liberalidade, às q ſe merecem na Cruz: *Hic eſt Jeſus Rex.* Cyra. hic.

2 De

2 De hũas, & outras honras foy divino Acredor Chriſto Redemptor noſſo: das herdadas, em quanto Deos: & das acquiridas, em quanto Homẽ. E do modo, que podia ſer, deixou hũas por outras: as herdadas: Philip 2.7. *Semetipſum exinanivit*: pelas acquiridas: *Formam ſervi accipiẽs*. Aſſim o explica cõ muitos Tertulliano: Tertul. S. Chryſoſtom. apud Corn. hic. *Qui erat plenus maieſtate, eâ ſe evacuavit, factus ex Domino ſervus*. He verdade, que naõ era ſervo no officio: mas ſó Ibid. *habitu inventus, ut homo*, como diz o Apoſtolo, & acrecenta S. Joaõ Chryſoſtomo. Iſto fez Chriſto vindo do Ceo à terra: & indo da terra para o Ceo, fez o meſmo. Tãbem levou comſigo os ſinaes das acquiridas, como honras, de q̃ mais ſe prezou o ſeu amor: *His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me*. Zachar. 13.6. E quando outra vez vier, diz que haõ de ſer as honras, que acquirio em quanto homem, o throno da ſua Mageſtade: *Cùm ſederit Filius hominis in ſede maieſtatis ſuæ*. Matth. 19.28. Para aquelle ſingular dia da ſua Mageſtade, naõ ſe nomea Deos, ſenaõ Homem: naõ faz mẽçaõ da ſua divindade, principio das honras herdadas; mas da ſua humanidade, fundamento das acquiridas: *Filius hominis in ſede maieſtatis*. Eſta meſma eſtimaçaõ de honras

acquiridas por Chriſto, imitàraõ todos os enriquecidos das herdadas, deſprezando eſtas por aquellas. E por iſſo as honras, que acquiriraõ em vida, haõ de ſer depois os aſſentos da ſua gloria: as honras da vida, & naõ as do nacimento, lhes haõ de grangear, como a Reys, as mageſtoſas coroas do Reyno, de que tomaràõ poſſe: *Poſſidete paratum vobis Regnum.* Matth. 25. 34.

Homem.

§. II.

3 HA de ſer mais, & naõ menos, para ſer homem perfeito. Então he hum mais que homem, quãdo faz mais do q̃ deve; & quando faz menos do que póde, entaõ he menos homem. Jà ſe vè, que não fallo do homem pelo que he; ſenaõ pelo que obra: fallo da cõpoſiçaõ dos ſeus coſtumes; & naõ das partes, que o compõem. Para que os diſcipulos de Chriſto foſſem peſcadores mais perfeitos, levantoulhes de ponto a peſcaria: ſendo eſta primeiro de peixes, ſubio depois a ſer de homens: *Faciam vos fieri piſcatores hominum.* Matth. 4. 19. E como dizem Santo Agoſtinho, & outros; naõ ſó de quaeſquer homens, mas dos mayores do mundo: *De piſcatore lucratus eſt Chriſtus Imperatorem: per piſcatores* Corn. hic.

res

res convertit omnes mũdi Principes. Porque fizeraõ mais do que deviaõ fazer, peſcando homens, & deixando de peſcar peixes, paſſáraõ a ſer mais do q̃ erão. E ficou menos do que era, aquelle a quem Chriſto aconſelhava que ſe deſpojaſſe do que tinha: *Si vis perfectus eſſe, vade, vẽde quæ habes, & da pauperibus*; porque naõ obrou quanto podia obrar. Era hũ homem, que deſejava ſalvarſe: *Quid boni faciam, ut habeam vitam æternam?* Mas porque depois de ouvir aquelle ſanto cõſelho, nem o aceitou, nem ſeguio; já não ficou o homem q̃ era. Até alli era hum homem com deſejos de ſalvarſe; & por iſſo homem da perfeição, que podia ter. Porèm deſprezando o conſelho, que bem podia tomar, para conſeguir os ſeus deſejos; já ficou menos homem do que era, pois já naõ era homem dos deſejos que tinha: pois deixou de ſe deſpojar dos ſeus bens, que era a obra, q̃ ainda podia fazer. De maneira, que os diſcipulos de Chriſto pela mayor obra das ſuas mãos, peſcadores mayores: *Piſcatores hominum.* E eſte pretendente da ſua ſalvaçaõ já menos homem; por lhe faltarem os deſejos do bem, que era o mayor: *Vitam æternam.* Os Apoſtolos mais do que eraõ, pelos ſeus

Matth. 19.21.

Ibid. 16

exercicios exteriores: pelo illuſtre das ſuas peſcarias, jà de homẽs, & naõ de peixes. E o eſtudioſo da ſua ſalvaçaõ, menos homem do que era, pela omiſſaõ interior dos ſeus bons deſejos: jà mais amãte dos bens temporaes, que dos eternos. Grande confirmaçaõ deſta verdade temos no Bautiſta, & em S. Paulo: ambos homens grãdes, & de vida, & perfeiçaõ inteira. E ao primeiro tanto fizeraõ crecer as ſuas maravilhas: aquellas, que ſe viaõ com os olhos; que naõ ſó no juizo dos homens chegou a ſer reputado como os mais perfeitos do mundo: como Elias: *Elias es tu*: & como hum dos mayores Profetas: *Propheta es tu*; mas por ſentença do meſmo Deos ficou dado a conhecer pelo mayor de todos os homens: *Non ſurrexit maior*. E do ſegundo, diſſe elle, fallãdo de ſi meſmo, que tanto o faria menos homem a falta da caridade: daquella virtude, que toda he do interior do coraçaõ, que ſem ella ficaria ſendo nada: *Si charitatem non habuero, nihil ſum*. Hum homem o Bautiſta; nas acçõeſ exteriores, dado a ver com mayorias de homem: *Non ſurrexit maior*. Outro homem S. Paulo; pela falta, q̃ ſuppunha em ſi dos actos da virtude interior, deſcrevendo-ſe elle meſmo, como nada

Joan. 1. 21.

Ibi I.

Matth. 11. 11.

1. ad Cor. 13. 2.

de

de homem : *nihil ſum.*

4 Quando lemos, que ninguem póde acrecentar a medida da ſua eſtatura : *Quis veſtrûm poteſt adjicere ad ſtaturam ſuam cubitum unum* : naõ entendemos eſte impoſſivel da eſtatura interior : eſta ſempre póde ir crecendo. Explicamos o texto da exterior; & he a que naõ póde crecer mais. Fallamos daquella eſtatura, que o divino Eſpoſo louvando a alma digna de ſer Eſpoſa ſua; deſcreve taõ crecida por dentro, como vemos crecer a palma de fóra : *Statura tua aſſimilata eſt palmæ.* O que crece a palma à viſta dos noſſos olhos, crece a perfeiçaõ de hũa alma ſanta diante dos olhos de Deos. O contrario ſuccede àquella alma, que ſe acha deſpida de eſpirito : tambem ſem diminuir a eſtatura de fóra, diminue a de dẽtro. Nada tinha abatido do homem de fóra el-Rey Balthaſar : & mais eſtava muito menor que elle, o homem de dentro : *minus habens.* Já quando Deos diſſe a Adam o barro que havia de ſer, o deſcreveo inteiro, & diminuido : inteiro; porque lhe naõ tirava nada do homem : *Memento homo* : & diminuido; porque lhe deſfazia o homem em pò : *In pulverem revertêris.* Logo aquelle grande homem trouxe cõſigo a lembrança, de

Matth. 6.27.

Cant. 7. 7.

Dan. 5. 27.

Gen. 3. 19.

que havia de ſer menos que homem: ou q̃ do homem, que era, lhe havia de ficar nada: *Memento homo, quia in pulverem revertêris.* Houve quem diſſe: *que todas as vezes, que converſava com os homens, ſahia da ſua cõpanhia menos homem, do que havia chegado a elles.* Sahia com a memoria chea de repreſentações deſordenadas: com o entendimẽto applicado às vaidades do mundo: & cõ a vontade affeiçoada ao lembrado da memoria, & ao impreſſo no entendimẽto. E como deſtas tres potencias ſe cõpõem a imagem inteira do homẽ; viciadas ellas, jà deſcahia da ſua inteireza o homem, & a imagem. Pelo que Chriſto mãdou fazer aos olhos, pés, & mãos, que eſcandalizaõ, & ſaõ partes da imagem corporea do homem: podemos nòs entender como fica a imagem do homem eſpiritual, quãdo as ſuas potencias tãbem eſcandalizaõ. Fica a imagem eſpiritual menos homem; aſſim como fica menos homem a imagem corporea. A imagem eſpiritual diminuida nas perfeições das potencias da alma: & a imagem corporea ſẽ muitas partes integrantes do corpo: ſem olhos: *Si oculus ſcandalizat, erue:* ſẽ mãos, & ſẽ pés: *ſi manus, vel pes ſcãdalizat, abſcide, & projice.* Matth. 18. 9. Ibid. 8.

Hy=

Hypocriſia.

§. III.

5 AInda ſendo taõ grande mal, póde ſer cauſa de muito bem. Sendo mal para o ſeu author, póde ſer bem para quem o naõ conhece. Como eſte tem para ſi, que he virtude o que he hypocriſia; olha para ella edificado, & tal vez a ſegue encaminhado. E naõ ſuccede aſſim aos hypocritas; quanto fingem, tanto perdem: com o ornato apparente das virtudes de fóra, andaõ deſpidos de todas por dentro. Mortificaõſe affectando abſtinencias: Matth. 6. 16. *Exterminãt facies ſuas, ut appareant jejunãtes;* & depois do trabalhoſo eſtudo das ſuas auſteridades, naõ tem que eſperar premio por ellas: *Quia receperunt* Ibid. *mercedem ſuam*: jà a ſua vaidade foy a ſua bemaventurança; porque a ſua meſma hypocriſia jà foy a ſua gloria: *quia receperunt.* A certeza deſte mal, & deſte bem: do mal do hypocrita, & do bẽ do que o naõ conhece, temos diante dos olhos no Apoſtolado de Chriſto. Em Judas o mal interior da ambiçaõ do poſſuir; & nos mais Apoſtolos o bem do exemplo exterior do meſmo Judas, de tudo deſapoſſado, aſſim como elles: *Reliquimus* Matth. 19 27. *omnia.* Em Judas o mal in-

interior da ſua traiçaõ; & nos mais Apoſtolos o bem do ſeu exemplo exterior, ſeguindo a Chriſto com os outros: *Secuti ſumus te.* De ſorte que no meſmo tempo, em que Judas tinha deixado tudo, queria ter: & quãdo ſeguia a Chriſto, o queria deixar. Por dẽtro ambicioſo de bẽs, pedindo os que naõ tinha: *Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam?* E por fóra deſpido delles, allegando a deixa dos que havia tido: *Reliquimus omnia.* Por dentro o animo de deixar a Chriſto nas mãos de ſeus inimigos: *Tenete eum*; & por fóra a profiſſaõ de o ſeguir: *Secuti ſumus te.* O interior deſtes dous actos era o mal de Judas: era o veneno da ſua hypocriſia; & por iſſo mal todo ſeu. E o exterior de ambos era o bem do ſeu exemplo; & por iſſo para bem dos outros Apoſtolos. O dito de S. Pedro: *Reliquimus omnia: ſecuti ſumus te*; tambem era dito de Judas: tanto hum dito, como o outro, eraõ exemplos de S. Pedro para Judas, & de Judas para S. Pedro. Ambos deixàraõ tudo: ambos o deixàraõ por ſeguir a Chriſto; & em ambos o exemplo de cada hum, era bem de hum para outro. Nem niſto poderà haver duvida: naõ he novidade, ſer o bom exemplo de hum para bem de outro, ainda

Ibid.

Matth. 20.25

Ibid. 48.

ainda que só na apparencia bom, quando naõ he conhecido como mao. Muito mais he ser o exemplo de hũ conhecidamente mao; & ainda para outro ser cauſa de muito bem. Tal foy o mao exemplo do que naõ quiz ſeguir o conſelho de Chriſto, deixando os bens temporaes pelos eternos: *Vade, vende omnia, quæ habes*; & mais vendo S. Pedro eſte tal exemplo, logo ſe reſolveo a deixar tudo por ſeguir a Chriſto: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te.*

Matth. 19.21.

6 A duvida ſingular, que agora ſe póde diſcorrer, he ſabermos, ſe o exemplo apparentemente bom, & affectado, ou fingido, poderà ſer para bem de algum, ou cauſa de algum bem? E havemos de reſolver a propoſta com diſtinçaõ advertida: dizendo q̃ naõ; tomado o mal deſte exemplo viſto, junto com o ſeu mal encuberto: & dizendo q̃ ſim; ſeparado hũ mal do outro. Se o que ſe finge Santo, quer que o conheçaõ Santo fingido, dando a ver a ſua ficçaõ; eſte de nenhũ modo póde ſer bom para outro: ajunta o mal da ſantidade fingida, que ſe dà a ver a todos, & o mal do animo com que de todos quer ſer aſſim conhecido; & naõ póde ſer cauſa de algum bem, exemplo taõ mao. Porèm

rèm ſe o que ſe finge Santo, naõ quer ſer aſſim conhecido; & ſó pretende encobrir com o bem da capa da ſantidade que anda à viſta, o mal da ſua hypocriſia que eſtà encuberto; eſte de algum modo póde ſer cauſa de algum bem; porq̃ ſepàra hum mal do outro: o mal da hypocriſia, do mal de a fazer conhecida. Hum naõ quer a virtude, nem a ſua capa: nem ſer Santo, nem parecello. O outro, poſto que naõ eſtuda ſer virtuoſo, he diligente em o parecer: ſe naõ tem a ſubſtancia da ſantidade, tẽ os accidentes da ſua capa. O primeiro he hypocrita, & naõ ſe peja, de que o conheçaõ: padece o mal daquelle vicio, & deſcobrelhe a cara. O ſegundo he tal, como o primeiro, por dentro; mas por fóra naõ he como elle: enfermando ambos do meſmo mal da hypocriſia; aquelle, q̃ o dà a ver, eſcandaliza com a ſua viſta: & aquelle, que o encobre, tira da viſta o eſcandalo. E todas eſtas razões, que naõ perſuadem a hypocriſia; mas ſó cõdenaõ aos que da virtude naõ querem, nem ainda a ſua apparẽcia; bem moſtraõ, como menos mal he, naõ ſer Santo, & parecello; do que naõ ter da ſantidade, nem ainda as ſuas ſombras. E muito menos mal ainda, encobrir o vicio com a capa

da

da virtude; do que ſer vicioſo deſcuberto ſem capa algũa. Se a Gitana ſe callaſſe cuberta com a capa de Joſeph, que toda effundia a virtude, que ella naõ tinha; naõ faria patente a ſua culpa. E ſendo vicioſa por dentro, naõ o pareceria por fóra: ſe affectaſſe algum pretexto de hypocriſia diante dos que a viaõ com aquella capa nas mãos; aſſim como moſtrando a todos a meſma capa fingio o da falſidade. Encobriria entaõ as deſordens do appetite proprio com a virtude alhea: com a pureza de Joſeph conſiderada por Ruperto, quando o vè deixar a capa nas mãos da provocante: *Temperantiam, & continentiam juvenis*: a ſua vehemente payxaõ: *Furias inſanæ amaſiæ*. Mas como daquella virtude naõ quiz nem ainda ſó a capa, deſcobrio a todos o ſeu peccado: *Cùm vidiſſet veſtem in manibus ſuis, & ſe eſſe contemptam, vocavit ad ſe homines domûs ſuæ, & ait ad eos, &c.* Se agora a condenamos, porque naõ ſoube diſſimular a tentaçaõ com hũa hypocriſia; tambem a louvariamos, ſe ao menos a capeaſſe com eſta diſſimulaçaõ: ſe a meſma capa, que dizia era argumento da traiçaõ de Joſeph; fingiſſe antes que era ſua reliquia, dandolhe nella a ſua merecida veneraçaõ. Fariamos hoje todos o

Gen. 39. 13. 14.

Rupert. apud Corn. hic.

que

que fez o ſenhor daquella herdade da Parabola, quando louvou a induſtria do rendeiro dos ſeus bens; ainda que no meſmo tempo em que os arrecadava, os furtava: *Laudavit Dominus villicum iniquitatis, quia prudẽter feciſſet.* Aquella fingida arrecadaçaõ, toda era hypocriſia; & louvouſe prudencia: era de furtos por dentro, & exacçaõ de lucros por fóra; & ainda aſſim louvada: *Laudavit Dominus.* Cõ eſta advertencia porèm: naõ ſe louvou aqui a hypocriſia; mas o hypocrita. Naõ ſe diſſe: *Laudavit iniquitatem villici*; mas: *Laudavit villicũ iniquitatis.* Naõ o dolo das obrigações, que o rendeiro fazia paſſar aos devedores: aos que deviaõ cem, q̃ ſe obrigaſſem a cincoenta, & oytenta: *Scribe quinquaginta: ſcribe octoginta.* Mas ao author deſtas induſtriolas cautelas: ao que eſtudou como pareceria exacto arrecadador dos meſmos bens, de que era diſſipador. Quando elle dizia: *Accipe cautionem tuam*; bem poderia dizer: *meam*: cauçaõ do furto, & cautela do engano. Eſte he o louvado: & ainda pelo meſmo roubado: *Laudavit Dominus villicũ*; naõ por furtar, mas por encobrir o furto. *Laudavit non factum injuſtum*, diz Cornelio, *ſed ingenium ſubtile villici: ſicuti cum ingenioſum*

Luc. 16. 8.

Ibid. 6. & 7.

Ibid. 6.

Corn. hic.

ſum audimus facinus, damnamus ſcelus: laudamus ingenium. Fundamento temos logo, para acharmos no mal da hypocriſia algum bem para louvar: ſe não o que ella he em ſi; o que o ſeu author nella nos moſtra a nòs. Não o vicio, mas a cautela: *Non ſcelus, ſed ingenium.*

Honra.

§. IV.

7 FUgir della, he ir para ella. Como eſte fugir he merecer, quem mais foge da honra, mais a merece, & a ſegura mais. Por iſſo o q̃ mais ſe abate, mais ſe levanta: *Qui ſe humiliat, exaltabitur*; porq̃ aquelle abater, he fugir da honra; & aquelle exaltar, he ir a honra para o que foge della; ou com quem della foge. E he o que vemos por exemplo no fugir do Divino Eſpoſo da Eſpoſa, quando ella lhe diz: *Fuge dilecte mi.* O fugir elle della, he ir ella para elle, ou com elle: a eſte *fuge*, lemos em hum commento, ſegue-ſe aquelle *trahe me.* O meſmo he fugir o Eſpoſo da Eſpoſa, q̃ ir a Eſpoſa com o Eſpoſo: *Proripe te, & me tecum trahe.* E a razão de concordarem entre ſi extremos tão oppoſtos, he, porque todo o que foge das honras, as leva cõſigo. Como pelo caminho,

Luc. 14. 11.

Cant. 8. 14.

Martin. del Rio in Cant. 8 ſect. 10. pag. 665.

por

por onde ſe foge das honras, vão as honras com quem foge dellas; a ſua fugida he o ſeu achado. He como ſeguirſe ao fugir o Eſpoſo da Eſpoſa: *Proripete*, o ir a Eſpoſa com o Eſpoſo: *Me tecum rape*. E conſiderando nòs outro colloquio do Eſpoſo com a Eſpoſa, q̃ ſuppomos ſer Deos cõ hũa Alma juſta; tambem o podemos accõmodar ao q̃ imos diſcorrendo. *Veni de Libano coronaberis*: he o texto, em que advertimos: & conſtruido elle em ſentido myſtico, vem a dizer: Decey humilde deſſe monte ſoberbo: *Veni de Libano*; & ſerà coroada a voſſa virtude: *coronaberis*. Faremos ambos o meſmo caminho: *Mecum viam inibis*, diz hũa expoſição; & achareis ſingularmente louvado o voſſo merecimento: *& confecto itinere, beata eris*. Que eſte chamado do Eſpoſo ſeja para decer a Eſpoſa por humildade daquelle levãtado mõte; he conſideração de Hugo com muitos, q̃ concordão ſer eſta vocação da alma de hum juſto pelo exercicio de todas as virtudes: *Veni de Libano in hac vita præſenti per incrementa virtutum*. E que eſpecialmente ſeja a decida deſte monte por actos de abatimento, he advertencia bem fundada. Porque o Libano por ſer monte, & ſer creador dos ſeus ſoberbos

Cant 4. 8.

Idem in Cant. 5 lect. 4. pag. 266.

Hugo in Cant. 4 pag. 125.

berbos cedros, he repreſentação (como cõmenta outro Expoſitor) da altiveza, & aſſẽto da ſoberanîa humana: *Libanus ſignificat ſuperbiam vitæ, quæ humanum appetit ſplendorem.* E por iſſo ſe diz delle: *Confringet Dominus cedros Libani: vidi impium ſuperexaltatum, & elevatum ſicut cedros Libani.* E aquella alma, que abatendo deſtes eſpiritos ſe faz digna Eſpoſa de quem ſó lhe póde coroar a ſua virtude; no decer deſte monte: *Veni de Libano*: tem o ſubir à ſua coroa: *coronaberis.* Tẽ o meſmo que teve o Eſpoſo, que aſſim a hõra: quanto deceo, tanto ſubio. Do ceo ao abatido da noſſa humanidade; & logo em nacendo ſubio ao alto das adorações de Rey *Ubi eſt, qui natus eſt Rex?* Fugio das honras do mundo até chegar ao abatimento mais infimo; & quando aſſim morreo, as meſmas hõras de que fugia, o foraõ a coroar entre as ſuas afrontas: *Jeſus Nazarenus Rex.* Tanto como iſto ſegura as honras, o que foge dellas; & coroa a ſua virtude, o que a não quer ver coroada. Por força as leva comſigo, ou vão ellas para elle, ainda fugindo dellas. Se ha algũa violencia parecida com a que fazẽ as virtudes ao Ceo: *Regnum Cælorum vim patitur*, he a que faz m as honras à virtude.

P. Pont. in Cant. lib. 7. exort. 21. pag. 231.

Iſ. 28. 5 & 36. 35.

Matth. 2. 2.

Joan. 19. 19.

M 13

Aſſim

Assim como se não pódem fechar as portas do Ceo ao merecimẽto das virtudes; tambem se não pódem fechar ao merecimento das honras: ellas hão de ir com o seu merecedor, ainda que elle *Vim patiatur.*

Horas.

§. V.

8 TOdos temos as nossas; & muitas das q̃ saõ boas, saõ màs; & das q̃ saõ màs, saõ boas, depois dellas passadas. Assim como os bons sonhos saõ maos, & os maos saõ bons, depois de nòs acordados. Para quem sonhou, que abundava de bens, & acordado se achou sem elles, deixou de ser bom o seu sonho. E para quem sonhou que morria precipitado, & acordando se achou vivo, deixou o seu sonho de ser mao. Taes saõ muitas das nossas boas, & màs horas; as do gosto presente deixaõ de ser boas pelo pezar seguinte: & pelo gosto, que se seguio, deixão de ser màs as do pezar, que passou. E para esta alternativa de horas não corre muito o tempo; muitas vezes o fim de hũas he logo o principio de outras. Ainda estava nas do gosto do seu banquete el-Rey Balthasar, quando lhe chegàraõ as da sua condenação: *Mane, Thecel, Phares.* Ainda esta- Dan. 5. 25.

va

vá nas do ſeu pezar Daniel metido no lago dos leões, quando lhe chegàraõ as da ſua ſaida: *Eductus eſt Daniel de lacu.* Depois de paſſadas as horas do goſto de Balthaſar, ficàraõ ſendo màs, as q̃ havião ſido boas. E ficàrão ſendo boas, as q̃ havião ſido màs, depois de paſſadas as do pezar de Daniel. E não he iſto muito: ſeguirſe a hora infeliz à ditoſa, & a do riſo à do choro, ficando por iſſo boa a que era mà, & mà a q̃ era boa, naõ he para admirar: jà em muitos mais exemplos, que o de Balthaſar, & de Daniel, ſe tem viſto eſta ſucceſſaõ de ſcenas. O que he para advertir, & para muito ſe temer, he ſer a meſma hora boa, & mà: he ſer o meſmo tempo de pezar, & de goſto. Eſte foy o de Herodes, depois de ter promettido degollar ao Bautiſta: continuando cõ o goſto do dia em que feſtejava os ſeus annos, teve juntamente o pezar da ſua promeſſa feita em tal dia: *Contriſtatus eſt.* A meſma hora era do goſto dos dias da ſua vida, & do ſentimento de haver de cortar os da vida do Bautiſta. E haverà quẽ no mundo não tenha ſemelhãtes horas, boas, & màs no meſmo tempo? Só ſeraõ aquelles, que naõ ſentirem os reclamos da ſua conſciencia, quando ella os argùe por dentro no Marc. 6 26.

meſmo tempo, em que elles o eſtão paſſando feſtival por fóra. Mas quem ſerà eſte? Por ventura o imitador daquelle rico, que no caminho que levava depois de ſair da preſença de Chriſto, deſeſperado da ſua ſalvaçaõ, não dava paſſo, ainda que opulento, ſẽ ir triſte: *Abijt triſtis?* Matth. 19. 22. O imitador daquelle invejoſo, a quem no meſmo tempo de vingado do innocente irmão, atormentava a pena de ſe poderem outros vingar delle: *Omnis qui invenerit me, occîdet mè?* Gen. 4. 14. O imitador daquelle filho, que por ſeu goſto não quiz a companhia de ſeu pay, por ir a gozar das ſolturas de moço: & as meſmas horas da auſencia da ſua caſa, eraõ as da pena pela meſma auſencia: *Quãti mercenarij in domo patris mei abundant panibus?* Luc. 15. 17. Vejão os imitadores deſtes exemplos, ſe quando mais levados da ambição das ſuas riquezas; quando mais ſatisfeitos das ſuas vinganças; & quando mais ſenhores das ſuas liberdades, poderáõ neſſe meſmo tempo ter horas, que juntamente ſejão boas, & màs. Olhem para dentro de ſi no meſmo inſtante da ſua hora boa; & verão, como eſſe meſmo he de mà hora. O rico ſe ha de achar triſte; porque as ſuas riquezas lhe arriſcão a ſua ſalvação: *Abijt triſtis.* O vingativo

vo ha de andar ſem ſoſſego; porque ſe teme de outra morte, como a que elle fez: *Occîdent me.* E o livre da ſujeição obrigada ſe ha de lamentar; porque ſe não vè tão deſcançado, como os que vivẽ ſujeitos: *Quanti mercenarij in domo patris mei!* Muito he para ſentir, que no meſmo tempo ſejaõ algũas das noſſas horas boas, & màs. Porèm mayor ſẽtimento he, q̃ aquellas que de todo ſaõ horas màs, eſſas ſejão as noſſas horas. Aſſim o entendemos daquella eſcritura: *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem*: as horas das trevas mais noſſas, que as da luz: *Dilexerunt magis tenebras.* E por iſſo cada hum de nòs he o moſtrador deſtas ſuas horas: porque taõ tenebroſos ſomos nòs, como ellas. Taes eraõ (dizem muitos com Sylveira, fallando em nome de Chriſto) os q̃ o afrontàraõ na hora da ſua prizaõ: *Vos, qui toti tenebroſi eſtis, idcircò in tenebris me comprehenditis: hanc horam obſervatis, quæ convenit vobis, & operi, quo me invaſiſtis.* Porque todos ſois tenebroſos; por iſſo as voſſas obras ſaõ indices de horas taes, como vòs. E he o que lemos na ſentença de Chriſto, quando diſſe aos que o prendèraõ: *Hæc eſt hora veſtra, & poteſtas tenebrarum*: apontoulhes a hora, q̃

Joan. 3. 19.

Euthy. S. Aſſig. Theop. apud Sylv. t. 5. lib. 8. in Euãg. pag. 426. q. 24.

Luc. 22. 53.

moſtravaõ as ſuas obras: *Hæc eſt hora veſtra.* E ſemelhantes àquelles homens, ſaõ os homens hoje: as horas, de q̃ ſaõ ſenhores: *hora veſtra*: ſaõ as tenebroſas: *tenebrarum.* A hora da morte de Chriſto foy hora de trevas: *Tenebræ factæ ſunt ſuper univerſam terram*; & foy hora tanto dos homens, & de tantos homens; que ſó para Dimas foy hora da luz, que o ſalvou: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Para os mais, & dos mais de taõ numeroſo concurſo daquella hora, foy tenebroſa: *Hora veſtra, & poteſtas tenebrarũ.* A melhor hora, para ſer luz de todos, era aquella hora: era a hora da redempçaõ de todos; & naõ podia ſer melhor hora. Mas como as horas, que ſaõ mais noſſas, ſaõ as tenebroſas; para os mais dos que ſe achàraõ em tal hora, foy hora de trevas: *Tenebræ factæ ſunt ſuper univerſam terram.* E taõ moſtradores ſaõ hoje os homens das ſuas horas, como aquelles eraõ das ſuas: *Idcircò toti tenebroſi, quia horam obſervant, quæ illis convenit:* olhando para as ſuas obras, apontaõ a hora, que he ſua: *Horã, quæ convenit operi.*

Matth. 27. 45.

Luc. 23. 43.

Herança.

§. VI.

9 A Dos bens tẽporaes he o me-

melhor bem, & o peyor mal: tanto tem de grande deſcanço, como de mayor trabalho. He o melhor bem; porq̃ ſe logra ſem o cuſto do ſuor do roſto. E he o peyor mal; porque naõ vem ſem o da morte: ou ha de morrer, quem a deixa; ou a quem vier, lhe haõ de entrar em caſa riſcos proximos de morrer. He como o fruto prohibido a Adam no Paraiſo; muito ſaboroſo: *Bonũ ad veſcendum*; & mortalmente venenoſo: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.* Já deſde entaõ aquelle bom bocado, parecido tambem com a herança, porque havido em hum Paraiſo ſem ſuor, era mortalmente trabalhoſo. Havia de morrer, quem o comeſſe: *Morte morieris*; & para comer, havia de trabalhar: *In laboribus cõedes.* Se o fruto todo foſſe veneno, ſem liſõja algũa para o goſto, morreria Adam do ſeu mal, ſem o enganar algũa porçaõ de bẽ. Mas naõ ſó com hũa parte de bem para o goſto: *bonum ad veſcendum*; & com outra para a viſta: *pulchrum oculis*; & com outra para o entendimento: *lignum ſcientiæ boni, & mali*; foy entaõ o mayor mal para elle; & he hoje todo o mal da ſua deſcendencia: vem a deſfazerſe ella por culpa delle: *Donec revertaris in terram, de qua ſumptus es.* Taes ſaõ neſte

Gen 3. 6.

Ger. 2. 17.

Gen. 3. 17.

Gen. 3. 6.

Gen 2. 9.

Gen. 3. 19.

mundo os bens herdados: ſe trazem comſigo o grande bem do goſto, ſem o trabalho do ſuor; he com taõ pezadas penſões, que fazem ao meſmo ſeu grande bem ſer grande mal. E ainda com notavel diſparidade entre o bem da herança, & o bem do pomo trazido aqui por exemplo. Porque o pomo prohibido tinha hum mal cõ tres porções de bem: tinha o mal da morte com o bem da viſta, com o bem do goſto, & com o bem da ciencia. E a herança tem hum bem com muitas partes de mal: tem o bem de o lograr o herdeiro ſem o ſuar; & cõ eſte bem tem os muitos adjuntamentos de mal, q̃ o diſcurſo moſtrarà. E ſeja logo o primeiro mal, o da morte do melhor herdeiro, & pela melhor herãça: a morte do Filho de Deos, o herdeiro; & a noſſa ſalvaçaõ, a herança. Do herdeiro, & da herança fallou David, quando diſſe: *Poſtula à me,* Pſ. 2. 8. *& dabo tibi gentes hæreditatem tuam, & poſſeſſionem tuam terminos terræ.* Aquella herança, diz hum commẽto, he a noſſa Redẽpçaõ, lẽbrada a Chriſto por ſeu Eterno Pay: *Ut oſtendat, quàm cuperet humani generis inſtaurationem.* E o meſmo vem a entender todos os q̃ diſcorrem eſte texto, comprehendendo na herança de Chriſto toda a terra, & todos os nacidos

Euthy. Monac. in Pſal.

Bellarmin. hîc & communiter

nacidos nella: *Omnia regna mundi: etiam infideles.* E da morte do herdeiro falla o meſmo Filho de Deos na parabola da vinha: *Homo erat paterfamilias, qui plantavit vineam, &c.* Eſte homem he Deos mandando a Chriſto ſeu Filho a colher os frutos da vinha, que era a noſſa Redempçaõ, & a ſua herança. E os trabalhadores, que a tinhaõ por arrendamento, eraõ os que ingratos o matàraõ, ſendo elle o herdeiro. *Agricolæ videntes filium, dixerunt intra ſe: hic eſt hæres, venite, occidamus eum. Et apprehenſum occiderunt.*

Matth. 21. 33.

Vide Cern. hîc.

Ibid. 38. & 39.

10 Eſte exemplo baſtava, para ſe entender, como ſe correſpondem herança, & morte: ſe o Filho de Deos veyo ao mundo a herdar; tambem veyo por iſſo meſmo a morrer: *Eſt hæres: occidamus eum.* Porèm muito menor, & ſem cõparaçaõ muito menor foy o bem da herança dos primeiros dous filhos de Adam, Caim, & Abel: & tãbem entre elles naõ houve herança ſem morte. Chamolhes herdeiros, & herdeiros em vida; porque ainda vivendo o pay, & a mãy de ambos, q̃ eraõ os ſenhores, & os primeiros poſſuidores dos bens do mundo, como Deos lhes diſſe: *Replete terram, & ſubjicite eam, & dominamini univerſis animantibus:*

Gen. 1. 28.

lográraõ as ſuas legitimas, que tambem as nomeamos aſſim, para fallarmos em termos coherentes ao q̃ imos dizendo. Abel paſtoreou gados: *Fuit Abel paſtor ovium;* & Caim lavrou terras: *& Cain agricola.* E que mal lhes veyo a hum, & mais ao outro pelas ſuas heranças? O que temos já ponderado: a morte de Abel pelas mãos de Caim: *Conſurrexit Cain adverſùs fratrem ſuum Abel, & interfecit eum.* A ambos fez mal a meſma morte: a Abel, porque foy o morto; & a Caim, porque foy o matador: hum perdendo a vida, ſem lograr o ſeu gado; & o outro amaldiçoado por Deos, ſem colher os frutos da ſua terra: *Maledictus eris ſuper terram: cùm operatus fueris eam, non dabit tibi fructus ſuos.* Se Abel naõ herdára, & naõ tivera que offertar: *De primogenitis gregis ſui:* naõ teria Caim, que lhe invejar: a ſua herança lhe trouxe a ſua morte. E ſe Caim naõ herdára o q̃ offereceo: *De fructibus terræ:* naõ ſe iràra contra Abel por ſe ver menos olhado por Deos, do que elle: a ſua herança lhe grangeou a ſua maldiçaõ. Exemplo temos ſemelhãte em hũa das mais nobres familias daquelle tempo: naõ ſe ſeguio a morte com effeito; mas naõ correo menos riſco hũa vida:

Gen. 4. 2.

Ibid. 8.

Ibid. 11. & 12.

Ibid. 4

Ibid. 3.

vida: a vida de Jacob ameaçado de morte por ſeu irmaõ Eſaù:
Gen 27. 41. *Occîdam fratrem meũ*: em ſatisfaçaõ de lhe haver roubado a herãça da ſua bençaõ:
Ibid. 36. *Surripuit benedictionẽ meã.* E poſtoque em effeito tambem naõ houve maldiçaõ; temeo Jacob incorrer neſſe mal, quando diſſe à mãy:
Ibid. 12. *Timeo, inducam ſuper me maledictionem pro benedictione.* Eſtes foraõ os ſucceſſos dos herdeiros em vida: & ſe fallarmos dos herdeiros por morte; ſem nos valermos dos exẽplos antigos, tambem veremos o meſmo nos modernos: tãbem entre elles naõ ha herdar, ſem morrer. Primeiro ha de morrer o teſtador, para lhe ſucceder o herdeiro, ainda precindindo do deſejo delle morrer, ou do goſto occulto delle ſer morto. E muitas vezes, nẽ da praga da maldiçaõ livraõ muitos: ou ella và ſobre quem deixou a herança, por ſe deſcontentarem della os herdeiros; ou venha a cair ſobre os herdeiros, ſe elles doloſamente fizeraõ que ella lhes vieſſe. E quantos deſtes amaldiçoados teraõ partido deſta vida, & ficado neſte mũdo? Eſta he a razaõ, porque dizemos que a maldiçaõ he outro mal dos adjuntos ao bẽ da herança: ou ha de ficar amaldiçoado Caim: *Maledictus eris:* ou Jacob ſe ha de arriſcar

riſcar a trazer a maldiçaõ : *maledictionem pro benedictione.* E a eſtes ſegundos amaldiçoados, aos que por induſtria, & engano ſe fizeraõ herdeiros, podemos accommodar o texto de David: *Induit maledictionem, ſicut veſtimentum.* Aquelle, que na herança havida cõ dolo teve de que fazer veſtido; lançou ſobre ſi a praga de amaldiçoado: cobrio-ſe com a maldiçaõ, como o q̃ ſe cobre cõ o veſtido. Como outro Jacob, quando quiz roubar a bençaõ a ſeu irmaõ Eſaù: no veſtido do irmaõ, que levava ſobre ſi : *Induebat maledictionem, ſicut veſtimentum.* A meſma veſtidura, que lhe grangeava a bençaõ, lhe accõmodava a maldiçaõ, como veſtido : *ſicut veſtimentum.* E tambem a mãy, que o veſtia a elle, ſe amaldiçoava a ſi : naõ ſó elle veſtido, mas tambem ella veſtindo-o : *Induebat maledictionem, ſicut veſtimentum*; porque para lhe divertir o temor de ficar amaldiçoado, tomava ſobre ſi a maldiçaõ : *In me ſit iſta maledictio.* Era mãy: & naõ ſeria a primeira vez, q̃ os pays, para deixarem os filhos herdados, naõ cuidaõ, que poderáõ ficar amaldiçoados: *In me ſit maledictio.*

Pſ. 108. 18.

Gen. 27. 13.

11 Ainda naõ temos dito todo o mal do grande bem da herança : naõ he ſó mal eſte bem, pelo q̃ traz com-

comſigo: tambem he o mayor mal, pelo que em ſi he. Naõ ſó, porq̃ traz morte, & maldiçaõ: he tambem o mayor mal, pela meſma razaõ, porque he bem. O grande bem, que ſe lhe conſidera, he, por naõ cuſtar o ſuor do roſto ao herdeiro; & eſſe he o mayor mal da herança. Tal foy o mal da herança em vida no filho prodigo: naõ ſuou, para haver os ſeus bens; porque ſó com os pedir os teve: Luc. 15. 12. *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit.* Porèm o meſmo dominio de todos ſem cuſto algum ſeu, nem trabalho do ſeu braço, o levou a conſumir todos: Ibid. 13. *Diſſipavit ſubſtãtiam ſuam:* a viver deſordenado: *luxuriosè;* & a experimentar foome de morte: *fame* Ibid. 17 *pereo.* Se elle trabalhaſſe para haver aquelles bens; advertîra, q̃ eraõ o ſangue, de que ſe havia de ſuſtentar, por lhe haver cuſtado o das veas, de que vivia: entaõ os conſervàra, & naõ conſumira: *Poſt-* Ibid. 14. *quàm omnia cõſummaſſet.* Faria, como os trabalhadores daquella vinha, que por haverem cavado o que haviaõ de comer, & de q̃ ſe haviaõ de veſtir, reparàraõ, em naõ correſponder o ſeu lucro ao ſeu trabalho: ſentiraõ perder hũa pequena porçaõ do ſangue acquirido cõ o ſeu ſuor; vendo dar tanto aos outros, que naõ tinhaõ

nhaõ ſuado tanto como elles: *Portavimus pondus diei, & æſtus: pares illos nobis feciſti.* E he aquella parte de mais, que levavaõ os q̃ naõ ſuàraõ tanto; hũa ſemelhança do que lograõ os herdeiros, ſem o haverem ſuado. E por iſſo he tambem huma confirmaçaõ do que imos dizendo: do mal que tem o meſmo bem da herança, ainda conſiderado, como bem. O bem da herança no prodigo, a occaſiaõ do mal da ſua fome: *fame pereo.* E o bem daquella porçaõ do lucro mal levado nos jornaleiros da vinha, a cauſa do mal da murmuraçaõ, que veyo ſobre quem o mandou dar: *Murmurabant adverſùs patremfamilias*; & ſobre os que o tinhaõ levado: *Hi noviſſimi unâ horâ fecerunt: nos portavimus pondus diei.* Naõ paſſamos do material propoſto neſta parabola aos myſterios do moral, que nella ſe entendem; porque iſſo reſervamos para outro lugar: por agora ſó moſtramos na ſua introducçaõ o que nos ſerve, para ſe ver, que ainda o meſmo bem da herãça he para os herdeiros o ſeu mal. E mal taõ certo, que até ſem haver herança, & ſó conſiderando-ſe que a póde haver; baſta para fazer dano aos que ſó por cõſideraçaõ poderaõ ſer os herdeiros. Para ſair deſterrado da caſa

Matth. 20. 12. Ibid. 11. Ibid. 12.

caſa de Abraham o innocente Iſmael filho de Agar; naõ foy neceſſario mais, que advertir Sara, poderia elle vir a herdar os ſeus bens junto com ſeu filho Iſaac: *Ejice ancillam hanc, & filiũ ejus: non enim erit hæres filius ancillæ cũ filio meo.* Iſmael naõ cuidava, nẽ tinha idade para cuidar em heranças: & muito menos, para elle ſer herdeiro. E baſtou ſó apprehender Sara eſta herança de Iſmael, para logo deſterrar a elle, & mais a mãy: *Ejice ancillam, & filiũ ejus.* Como tambem baſtou ſó a Herodes temer que outro innocente de poucos dias nacido lhe ſuccederia nos bens da coroa; q̃ mandar tirar a vida a muitos mil, cõ menos capacidade, & menos annos, que Iſmael, para attenderem a herãças: *Occîdit omnes pueros, qui erant in Bethlehem.* Naõ diremos ſem fundamento, conſiderado o mal do bem da herança; ſe nos parecer ſemelhante ao dãno do peccado original, em quanto a vemos fazer tanto mal a tantos innocentes, como faz aquelle peccado. Porque aſſim como o mal deſta culpa logo condena à morte aos filhos de Adam, ſem conhecimento algum delles, quando a contrahem; aquelle mal da herança tambem he origem do dãno, q̃ padecem os ſeus meimos

Gen. 21 10.

Matth. 2. 16.

mos filhos, ſem elles o conhecerem, baſtando ſó que o apprehendaõ outros, ainda naõ ſendo ſeus pays: baſtãdo que o conſidere Sara, & que o tema Heroades; para deſterrarem huns innocentes, & morrerem outros. E tambem poderemos achar alguma differença entre hum, & outro mal: entre o mal da culpa original, & o da herança aſſim conſiderada; para ſingularizarmos mais eſte, que aquelle; mas naõ por mayor, que elle. O peccado original não tem porção algũa de bem: todo he mal, & o mayor mal; & naõ he muito, que tudo ſeja mal, o que nelle ſe contrahe. Na herança porèm ha muita parte de bem; mas antes he o mais appetecido bẽ. E he tanto mais communicado o mal, que encobre, do que he o ſeu bem deſcuberto; q̃ a muitos vem ſó o ſeu mal, & não o ſeu bem. A Iſmael, ſó o deſterro por ſua cauſa, & não a ſua herança: *Ejice ancillam, & filium ejus:* & aos innocentes de Belèm, tãbem por ſua cauſa, ſó a ſua morte, & naõ a ſua riqueza: *Occîdit omnes pueros.*

12 Com ſer taõ grande o mal deſte bẽ da herança temporal: & taõ ſuperior o bem da eterna; ſaõ mais os herdeiros daquella, do que os deſta. Naõ trazendo eſta comſigo morte; porque para ſer-

ſermos nòs os herdeiros, a ſepultou Chriſto: *Deglutiens mortem, ut vitæ æternæ hæredes efficeremur.* Naõ trazẽdo comſigo maldiçaõ; porque nos ſeus herdeiros naõ ha eſte mal: *Non reddentes maledictum pro maledicto;* mas antes ha o bem a elle oppoſto: *Sed è contrario benedicentes, ut benedictionem hæreditate poſſideatis.* Naõ ſendo ella em ſi, o que a outra he, toda de bens, q̃ perecem; porque na ſua eternidade toda, he Deos a ſua principal parte: *Ego pars, & hæreditas tua.* Naõ ſendo finalmente de prejuizo, ou dãno algum aos filhos de Adam; porque juntamente he herança de Chriſto Filho de Deos natural, & com elle he tambem dos adoptivos: *Hæredes Dei, cohæredes Chriſti.* Para haverem, digo, eſta herança do ſummo Bem; vindo todos chamados a ella, como em teſtamento: *Multi vocati*; os menos ſaõ os que a logra̅õ: *pauci electi.* Naõ, porque deixe Deos de ſe querer dar a todos: *Deus vult omnes homines ſalvos fieri*; mas, porque ſó aos juſtos acha Deos, que a merecem: *Invenit illos dignos ſe.* Por eſta herança, q̃ de cada hum de nòs naõ paſſa a outros: em nòs começa a ſer poſſuida, & com-noſco ſe eterniza. Por eſta, q̃ ſendo toda de hum, he tambem de todos: aſſim como

1. Petr 3. 22.
Ibid. 9.
Ibid.
Num. 18. 20.
Ad Roman. 8. 17.
Matth. 20. 16.
1. ad Tim. 2. 4
Sap. 3. 5

como Deos, que he todo o bem deſta herança, he de todos, & he de hum. Por eſta herãça pois (he dor incomparavel) ver o pouco que nos deſvelamos, & trabalhamos! todo o noſſo cuidado, & todos os noſſos deſejos nos leva a outra. Aquella, q̃ naõ permanece; porq̃ acaba com os herdeiros: aquella, que naõ ſatisfaz; porque quanto elles mais tem, mais deſejaõ haver, & herdar: aquella, que naõ he de todos; porque toda a controverſia he, para que ella ſeja de huns, & naõ de outros: he a que move aquelle *frigidum verbum meũ, ac tuum.* Na herança eterna, que em ſumma he a noſſa ſalvaçaõ, naõ he iſto aſſim: trabalhando nòs todos para havermos eſta herança; todos eſtaremos contentes, & ſatisfeitos com a meſma, quando nos vier. E para o eſtarmos, nos faz Chriſto aquella doutrina da parabola jà inſinuada, tomando argumento dos operarios da vinha, que vindo huns mais tarde que os outros para o trabalho; o jornal ſe pagou por inteiro a todos, tanto aos ultimos, como aos primeiros: *Incipiens a noviſſimis uſque ad primos.* Aos que trabalhaõ por haverẽ eſta herança, havemos dizer com Origenes o que imos ponderando. *Amice, tolle, quod tuum eſt: tuum, eſt ſalus; volo*

S. Chryſoſt. in Orat. de S. Philo tom 3.

Matth. 20. 8.

Origen. apud Corn. hic.

volo & huic noviſſimo dare, ſicut & tibi. Dos que herdaõ a ſalvação, tãto levaõ os ultimos, como os primeiros: tanto S.Paulo, que veyo chamado a eſta herança muito depois; como o Bautiſta chamado muito antes. Nẽ o Bautiſta ſe queixa, por ſe ver igualado cõ S.Paulo; nem S. Paulo, quando vir igualados a ſi aos que ainda hoje entrarem ao trabalho da vinha, & depois na herança, que he a ſalvaçaõ. E ſe entre aquelles jornaleiros houve eſta queixa, foy em quanto Chriſto a propunha com aluſaõ aos bens havidos neſte mundo, onde ſẽpre inquieta a todos: *Verbum illud meum, ac tuum.* Mas depois de moralizada com accõmodaçaõ aos bens, que havemos de haver no outro; então não póde haver queixoſos: a cada hum delles ſe dirà: *Tolle, quod tuum eſt.* E agora façamos nòs eſta propoſta a todos os que iſto lerem: dirſeha a cada hum, quãdo ſe der a cada hum o que he ſeu: *Tolle, quod tuum eſt? Tuum, eſt ſalus?*

Habitos.

§. VII.

13 OS da virtude ſaõ menos pezados que os do vicio: & os do vicio mais facilitados que os da virtude. O pezo dos habitos

bitos da virtude toma-se pelos seus actos: assim como pelos seus se mede a facilidade dos habitos do vicio. E porque os actos da virtude (sirvaõnos de exemplo os da caridade) saõ de menos custo, que os actos do vicio; por isso os seus habitos pezaõ menos. Mas, porque os actos do vicio (tomemos tãbem por exemplo os do odio) ainda sendo de mayor pezo, saõ mais exercitados que os actos da virtude; por isso os seus habitos facilitaõ mais. No amor de Deos, & no amor do proximo consiste toda a observancia da ley: Matth. 22. 40. *In his duobus mandatis universa lex pendet*: estes dous preceitos tãto tem de ley, quanto tem de amor: *Diliges Deũ:* Ibid. 37. & 39. *diliges proximum*. E que cousa menos custosa, & de menos pezo, que hum acto de amor de Deos, ou do proximo? Que montes sobe, ou que penhas rompe aquelle que ama? Pois assim saõ os habitos do seu amor: nem elles, nem os seus actos custão mais que hũ querer da vontade. Quem quer amar, não faz mais que querer: não sua, porque quer; nem se cança, porque ama. Nem basta q̃ os actos do odio dependão tãbem de hum não querer da mesma vontade; para se dizerem de tão pouco custo, & por cõsequencia tambem os seus habitos de tão leve

ve pezo, como os actos, & habitos do amor. Porque ainda que tanto ſaõ actos da vontade os do amor, como os do odio; eſtes cuſtão mais que aquelles: mais o não querer bẽ, que o bem querer. O bem querer, he inclinar a vontade para o bem: & o não querer bem, he encontrar a vontade o bem, que he para ſe querer. E eſte encontrar, he de algum modo violentar: ainda que he acto livre, he oppoſto a hũa propẽſaõ natural: he, pedindo o bem ſer amado, impedir que ſe ame. E ſe ajuntarmos a eſta força, que faz o naõ querer bem, o peccado, que com elle poderà ir; ainda os actos deſſe naõ querer bem, fazem mayor pezo na vontade: & a ella lhe cuſtão mais os actos, & ficão mais impedidos os habitos do bem querer. E não ha habito, ainda dos naturaes, & dos mais exercitados, que o não difficulte, ou o pezo do peccado; ou ainda ſem ſer peccado, qualquer outro pezo. Do pezo do peccado jà o diſſe Santo Ambroſio, vendo afogarſe S. Pedro: *Cùm cœpiſſet mergi*: que por ſer peſcador havia de andar muito exercitado em ſe ter ſobre as ondas; & Chriſto o reprehendeo, por naõ confiar entaõ em quẽ o mandava andar ſobre ellas. *Qui priùs ambulabat ſuper aquas,* Matth. 14. 30. S. Amb. in Luc.

deinde pondere infidelitatis oppreſſus in profundum demergebatur. Naõ lhe valeo a habitual deſtreza do nadar, para ſe naõ ſumergir; porque o pezo da ſua culpa o fazia afogar: *infidelitatis pondere demergebatur.* E do pezo, que naõ he peccado, diremos nòs; & ſerà o q̃ fizeraõ as armas de Saul ſobre os hombros de David. Tendo elle taõ habituadas as forças em lutar com feras, aquelle pezo o embaraçava, & impedia de tal ſorte, q̃ naõ podia ſair a campo a contender com hum homem. *Non poſſum ſic incedere*, diſſe elle, depois de ſe ver debaixo do pezo daquellas armas: não o expediaõ os habitos acquiridos em deſpedaçar leões, para triunfar de Filiſteos; porque o oppri-mia hum pezo nunca delle uſado: *Quia non uſum habeo.* Aquelle eſforço de David tãbem era virtude: & naõ pezando nada, mas antes aligeirando-a cada vez mais os habitos do ſeu exercicio; baſtou o pezo naõ uſado, & que naõ era de ſoccorrer virtudes, para lhe embaraçar as forças: *Non poſſum ſic incedere.*

14 Bem dizemos logo, que o impedimẽto dos actos, ou habitos da vontade inclinada ao bem que quer; he pezo, que a difficulta, & por eſte modo lhe reprime o ſeu querer bem. Se o pezo he

de

de peccado na vontade do que ama a Deos, como em S. Pedro amando a Chriſto; naõ pódem os habitos de ſurgir ſobre as ondas fazer que as ondas naõ poſſaõ mais que os habitos: *Pondere infidelitatis demergebatur.* O bem querer deſte amãte de Deos ficou com aquelle pezo impedido; & por iſſo do modo, que dizemos, violentado: *pondere oppreſſus.* E ſe o pezo naõ for de peccado; ainda querendo hum David o bem, que queria em triunfar da ſoberba de Goliath; não o poderáõ facilitar os habitos de animado, ſe os impedir, como a David, algum pezo não experimentado: *Non uſum habeo.* Se ainda diſpoſta jà hũa vontade a querer o bem; a ſua generoſa virtude ſempre habituada em vencer, naõ ſe achar impedida para naõ obrar: *Non poſſum incedere.* Temos viſto o impedimento, que faz aos habitos da virtude de ſua natureza ſem pezo, o pezar do peccado, como em S. Pedro: & o pezar das armas de Saul, ſem ſer pezo do peccado, em David. Demos agora a ver o que fez aos habitos do vicio de ſua natureza pezados, hum ſó acto de virtude em Dimas; & como foy cauſa de ſe naõ ver iſto meſmo em ſemelhantes habitos, a falta de outro acto em Geſtas. Ambos

por muito habituados nas ſuas culpas, tinhão nos ſeus habitos muito pezo : porèm Dimas ſe aliviou tanto deſte pezo com o acto do ſeu arrependimento : Luc. 23. 42. *Memento mei, cùm veneris in Regnum tuum*, que logo voou para o Ibid. 43. Paraiſo : *Hodie mecum eris in Paradiſo.* E Geſtas naõ ſe aliviou do pezo das ſuas culpas, nem voou como elle ao Paraiſo ; porq̃ como elle ſe naõ arrepẽdeo, nem como elle temeo a Deos. Mas antes, porque o blasfemava, & o naõ temia, o reprehendeo Dimas : Ibid 40. *Neque tu times Deum.* Aſſim pézaõ os maos habitos do peccado ; & naõ pézaõ aſſim os bõs habitos da virtude : ſe os habitos, por ſerẽ da virtude, naõ pézaõ, o peccado os faz pezar : & ſe pézaõ, porq̃ ſaõ habitos do peccado, a virtude faz, que não pezem. Arrepende-ſe Dimas : & de taõ habituado em peccar, & em pezar, paſſa a aliviarſe do peccado, & a ſubir para o Ceo : *Hodie eris in Paradiſo.* Naõ ſe arrepende Geſtas : & do pezo das ſuas culpas habituadas dece ao abiſmo de todas, blasfemando, & naõ temendo a Deos : *Neque times Deum.*

15 Até aqui quanto os habitos da virtude pézaõ menos que os do vicio : agora, quãto ſe facilitaõ mais os habitos do vicio, ainda pezando mais

que

que os da virtude. E do exemplo do meſmo Geſtas podemos fazer o primeiro argumento: tão opprimido do pezo dos ſeus maos habitos do peccado; & taõ facil com elles, em tomar ſobre ſi mais pezos: o pezo da blaſfemia contra Deos: Ibid. 39. *blaſphemabat eum*: & o do deſprezo do ſeu temor: *Neque tu times Deum*. Eſte he o caſtigo dos habituados em o offender; pezando-lhes tanto os habitos de hũas culpas, naõ deixaõ de os augmẽtar com outras. Sobre o pezo do ſangue, que tãtas vezes tiràraõ das veas de Chriſto ſeus inimigos, quantas foraõ as feridas, que lhe abrîraõ no corpo: Zach. 13 6. *His plagatus ſum*: tornarem ainda a pedir, & a tomar ſobre ſi o meſmo pezo: *Sanguis ejus ſuper nos*. Matth. 27. 25. Aquelle ſangue de immenſo pezo, porque de preço infinito, jà tinha cahido ſobre as culpas dos q̃ lhe haviaõ aberto as chagas: jà com mais vozes, que as do ſangue de Abel, *Clamabat ad Deum ſuper illos*. E como o odio era o primeiro movel, que lhes arrebatava os animos contra o ſeu, & noſſo Redemptor: tãbem por ſemelhança com as rodas, que ſe movem, & gyraõ com o pezo da agua, os facilitava a andar debaixo de taõ pezado ſangue: *Sanguis ejus ſuper nos*. Delles ſe podia en-

taõ dizer com bem accommodada alluſaõ: Ps.11.9 *In circuitu impij ambulant.* Quaes as voltas da roda movida por pezos, eraõ as que faziaõ as ſucceſſivas culpas daquelles inimigos de Chriſto facilitadas por habitos. O odio a moverlhes os animos; & elles a andar movidos pelos habitos do odio: *in circuitu.* Suppomos ſabido, como muitas vezes hũa culpa ſubſequente he pena da antecedente: a comida do fruto prohibido, pena da conferencia de Heva com o demonio, que a perſuadio a comer. E indo neſta fórma ſuccedendo hũas culpas às outras: as q̃ ſaõ caſtigo às caſtigadas; tambem fazem circulo, quando vem a ſer caſtigadas as meſmas, que foraõ caſtigo. No circulo pois dos habitos, que de ſua natureza haõ de pezar mais, ou menos: aſſim como os ſeus actos foraõ mais, ou menos graves; andaõ os habituados na reincidencia das ſuas culpas: *in circuitu ambulant.* E entaõ ſe entende com eſpeculaçaõ, ou reflexaõ mais clara, como eſte circulo, ou roda anda movida por pezos de habitos; aſſim como andaõ muitas por pezo de agua: & andavaõ os inimigos de Chriſto: *in circuitu*: por pezo do ſeu ſangue: ſuccedendo ao q̃ lhe tinha ſahido do corpo, & jà pezava ſobre

bre elles ao tirar, o q̃ pediraõ lhes cahiſſe, para outra vez pezar ſobre os meſmos ao vir: *Sanguis ejus ſuper nos*. Deſta ſorte ſe facilitaõ os peccados pelo pezo dos ſeus habitos: nem por muito pezados deixaõ de ſer facilmente repetidos. E he o que experimentava Santo Agoſtinho antes da ſua converſaõ: hum tal pezo das ſuas culpas habituadas, que no meſmo tempo, em q̃ ſe queria livrar dellas, ſe via nas ſuas prizões: via-as ſobre ſi, quando as deſejava ter debaixo dos pés. Eſtas deliberações encõtradas o faziaõ jà cuidar, que em algum tempo lançaria de ſi o pezo das culpas: *aliquando*; & tambem o faziaõ duvidar, ſe elle havia de aliviarſe dellas em algum tempo; porque naõ logo: *Si aliquãdo, cur non modò?* E reſpõdendo elle meſmo a eſta pergunta, achou, q̃ o habito de as renovar, era a cauſa de reincidir: *Ah quoties redij ad vomitum!* S. Aug. in Cõfeſſion. Idem in Soliloq.

Hora.

§. VIII.

16 TAmbem a tentaçaõ tẽ a ſua; como tem a ſua, a morte: aſſim como ha horas de morrer, tãbem ha horas de tentar. E ſe he horrivel a hora da morte; porq̃ naõ ſabemos quando ſerà: naõ he de menos horror

horror a hora da tentaçaõ ; porque naõ ſabemos, quãdo ella vier, ſe havemos de cair. Mas antes por outras duas razões ainda póde ſer mais temida a hora da tẽtaçaõ, q̃ a hora da morte. A ignorancia da hora da morte, he o ſeu mayor terror : he naõ ſaber eu, quando ha de ſer eſta hora. E a hora da tentaçaõ tem duas ignorãcias de mais : naõ ſó tem a ignorancia de naõ ſaber eu, quando a tentaçaõ ha de vir ; mas tambem tẽ a ignorancia de naõ ſaber eu, ſe nella hey de cair ; & a ignorancia de eu naõ ſaber, ſe eſtà decretado por Deos, que o demonio cõ ella me naõ ha de vencer. O fundamento, que temos, para conſiderarmos na hora da tentaçaõ eſta ſegũda ignorancia : naõ ſabermos nòs, ſe haverà algũ decreto de Deos, para nos naõ rendermos às tentações do demonio ; tomamos do q̃ Chriſto lhe reſpondeo, quando o tẽtou no deſerto : *Scriptum eſt : Non tentabis.* Tu não me has de tẽtar ; nem a tua tentação fazer cair : *non tentabis* ; porque aſſim eſtà eſcrito : *ſcriptum eſt.* E eſtas duas ignorancias não conſideramos, nem temos nòs na hora da morte : naõ temos a ignorancia de morrermos, nẽ a ignorancia da izençaõ da morte ; porque hum meſmo decreto nos tira eſtas duas ignorancias : Matth. 4 7.

Ad Hebr. 9 27. cias: *Statutum eſt mori.* Por eſte decreto nos conſta, que havemos de ter hora da morte; & que Deos nos naõ ha de privilegiar deſta hora: *Statutum eſt hominibus mori.* Eſte vem a ſer pois o mayor horror da hora da tentação: não ſabermos, ſe nella havemos de cair; nem ſabermos, ſe ha algũa eſcritura nos livros de Deos, para o demonio nos não tentar. E por não haver na hora da morte eſtas duas ignorancias, he ella menos horrivel q̃ a hora da tentação. De muito terror he a ignorancia de naõ ſabermos, quando ſerà a hora de morrer; mas, para não perigarmos neſſa ignorancia, nos aconſelha Chriſto: *Vigilate, quia neſcitis horam.* Quem não ſabe, quando ſerà a hora da ſua morte: *neſcitis horam*: deſvele-ſe ſobre eſſa ignorancia: *Vigilet, quia neſcit.* E para a ignorancia de não ſabermos, ſe na hora da tentação havemos de cair, não nos dà algũ eſpecial conſelho, & ſemelhante ao outro: não nos diz outro *Vigilate, quia neſcitis.* No conſelho para a hora da morte, vay o deſvelo ſobre a ignorãcia da ſua hora: *Quia neſcitis horam mortis.* E no conſelho, que nos falta, & ſe havia de parecer com eſte, havia de vir o deſvelo ſobre a ignorancia da tentação: *Vigilate, quia neſcitis* Matth. 25. 13.

ſcitis horam tentationis. He verdade, que nos
Matth. 26. 41. diz: *Vigilate, ut non intretis in tentationem;* mas eſte conſelho he para nos deſvelarmos ſobre a hora da vinda da tentaçaõ: *ut non intretis in tentationem:* naõ he do deſvelo, para não cairmos nella, quãdo vier; porque entaõ havia dizernos: *Vigilate, ne in tentationem incidatis.* Havia de ſer hum conſelho, ou advertencia, como a que Chriſto fez a S Pedro, quando lhe diſſe, que naquella noite o havia de negar. Diſſe-lhe
Ibid 34. a hora da tentaçaõ: *In hac nocte, antequam gallus cantet;* & diſſe-lhe a cahida nella: *me negabis.* E niſto o deſpertou, para ſe deſvelar ſobre a hora da tentação vir: *antequam gallus cantet;* & tambem ſobre a deſgraça de cair na tentaçaõ: *negabis.*

17 O meſmo dizemos da outra ignorancia que temos, de eſcritura, ou decreto algũ, que nos livre de cairmos tentados: tãbem eſta ignorãcia faz mais terrivel a hora da tentaçaõ pela infallibilidade, que ſe ſuppõem em ſemelhantes decretos. Se eſtà eſcrito que naõ havemos de cair; temos contra o tentador, hum *ſcriptũ eſt: non tentabis.* E ſe eſtiver eſcrito, q̃ nos havemos de render à tentação; temos contra os tentados, hum *me negabis.* Naõ, porq̃

hũa

hũa eſcritura ſeja a q̃ nos livra de cairmos: nem a outra, a que faz que cayamos. Mas, porque hũa, & mais outra moſtrão q̃ Deos tem já previſto, quando a tentação nos ha de render; & quando nòs havemos de vẽcer a tentação: quando a eſcritura diz, que a tentaçaõ do demonio não ha de prevalecer: *non tentabis*; & quando Deos diz que a tentação ha de vencer a S. Pedro: *negabis*. Sobre a ignorancia deſtas eſcrituras hão de ſer os noſſos deſvelos, para não perigarmos nas tẽtações do demonio; viſto ſer tão horrivel a hora da tentação por cauſa deſta ignorãcia. Se Job ſoubera que o demonio o não havia de vẽcer nas tentações em que o meteo; por q̃ Deos lhe tinha mandado que o naõ tentaſſe na alma: *Animam illius ſerva*: muito mais ſeguro lhe reſiſtiria às ſuas tentações. Bem lhe poderia entaõ dizer: *Non tentabis, quia dictum eſt: animã illius ſerva*. E ſe Adam ſoubera, quando o demonio o tentou no Paraiſo, que Deos lhe não tinha dito outro tanto: *animam illius ſerva*; entenderia que aquella tẽtação de comer o fruto prohibido o havia de vencer, como venceo: *comẽdit*. Pois, porque nòs não ſabemos, ſe temos nos livros de Deos a noſſo favor hum *animam illius*

Job 2. 6.

Gen 3. 6.

illius ſerva, ou algum *ſcriptum eſt: non tentabis*; por iſſo havemos de ter eſte deſvelo de mais ſobre a hora da tentaçaõ; porque a faz mais horrivel a ignorancia deſtas eſcrituras, ou decretos nelles inſinuados. Por iſſo nos devemos dizer cada hum de nòs a nòs meſmos: *Vigilemus, quia neſcimus, an ſcriptum ſit: non tentabis: aut animã illius ſerva.*

18 Ah quantos perigaõ neſta ignorãcia, porque naõ ſe deſvelàraõ ſobre ella! Saõ todos aquelles, que Chriſto vigilantiſſimo Meſtre deſtes deſvelos comprehendeo na parabola das Virgẽs prudentes, & imprudẽtes. A eſtas diſſe jà depois de perdidas, & fechadas jà para ellas as portas do Ceo: *Neſcio vos*: Matth. 25 12. que tanto monta, como ſe diſſeſſe: Naõ vos conheço: ou não vos tenho eſcritas no livro da vida. *Vos pro meis non cognoſco*, diz hũa expoſição; porque *Novit Dominus, qui ſunt ejus*, diz outra. Os que eſtão eſcritos naquelle livro, ſaõ os que Deos conhece. E por conſequencia havemos de ſuppor, que às outras Virgens prudentes: às que ſe não perdèrão, & entràrão das portas do Ceo para dentro, não diſſe: *Neſcio vos*; porq̃ nos ſeus livros as achou eſcritas. Havemos de ſuppor todas eſtas cõſiderações; porque as parabolas daõ fundamento

Cornel. S. Hier. hic.

mento para ſemelhantes moralidades, & accommodações doutrinaes. E neſta, de q̃ agora fallamos, vemos em hũas Virgens o deſvelo, que naõ vemos nas outras. Vemos q̃ nas prudentes tudo foy advertida vigilancia, & inteira prevenção: *Acceperunt oleum in vaſis ſuis cum lampadibus: ſurrexerunt, ornaverũt*; & nas imprudentes foy notavel a deſattençaõ, & deſcuido culpavel: *non ſumpſerunt oleum ſecum.* E vemos tambem que em ſe dizer a eſſas: *Vigilate, quia neſcitis*, ſe lhes advertio a falta da vigilancia ſobre aquelle *neſcio vos*: ſobre naõ ſe terẽ ellas deſvelado com os olhos na ignorancia de as ter Deos eſcritas entre os ſeus eſcolhidos. Nem faz contra eſtas noſſas conſiderações, vir o conſelho daquella vigilancia a eſtas Virgens, jà depois de terem impoſſibilitada a ſua pretençaõ: depois de prohibida a entrada nas vodas com o Eſpoſo: *Clauſa eſt janua.* Porq̃ aquelle deſvelo aconſelhado: *Vigilate, quia neſcitis*, naõ foy para ellas, he para nòs. He para nòs fazermos o que ellas naõ fizeraõ: para nos deſvelarmos ſobre a ignorancia de hũ *neſcio vos.*

Matth. 25. 4. & 7.

Ibid. 3.

Hoſpital.

§. IX.

19 NAõ he ſó o dos corpos enfer-

enfermos, o que ſe ha de viſitar pela caridade dos ſãos: tambem deve ſer aſſim viſitado o hoſpital da enfermidade das almas. Hũa, & outra couſa fez Chriſto divino Medico de almas, & corpos: veyo ao mundo, que he o hoſpital commum de todos, a dar ambas as ſaudes; porque ambas ſignifica a dicçaõ *ſalus*: ſignifica a ſaude do corpo, & ſignifica a ſaude da alma, que he a ſalvaçaõ. *Propior eſt noſtra ſalus*, diz S Paulo fallando da vinda do Salvador: & do Salvador dando hũa, & outra ſaude, fallaõ as eſcrituras. He Salvador, que dà ſaude, quãdo cura: *Sana me Domine, & ſanabor*; & he Salvador, que dà ſaude, quando ſalva: *Salvum me fac, & ſalvus ero.* Sigamos agora a Chriſto viſitando neſte hoſpital do mundo os enfermos do corpo; & depois oſeguiremos, viſitando aos enfermos da alma: imitemoslhe os exemplos, & aprendamos delle a applicar as medicinas. Hum dos enfermos do corpo, q̃ Chriſto viſitou neſte mundo, foy a ſogra de S. Pedro: *Introivit in domum Simonis: ſocrus autem Simonis tenebatur magnis febribus*: para curar a eſta enferma entrou Chriſto na ſua pobre caſa. E he a ſingular advertencia, q̃ logo fazemos neſta viſita: a da caſa, donde Chriſto ſahio, para a caſa

Ad Roman. 13. 11.

Jerem. 17. 14.

Ibid.

Luc. 4. 38.

caſa, onde entrou. Sahio do Templo, caſa de Deos: *Surgens de Synagoga*: & entrou na caſa de hũ pobre peſcador: *in domum Simonis*. Os principaes extremos da caridade chriſtãa, quando eſta ſe emprega na cura de enfermos; he hum, o que tem eſte cuidado, & he outro o que com elle he aſſiſtido: he o que viſita, & he o viſitado. E quanto de mais nobre caſa for o que faz a viſita, & o viſitado for de caſa mais humilde; tanto a caridade he mais illuſtre, & a viſita he de mayor exemplo. He como a do Filho de Deos vindo de caſa tão elevada, q̃ naõ deſcende de outra; ao hoſpital deſte mundo, caſa taõ inferior, q̃ toda he de deſcendentes. E vindo, como imos dizendo, a curar enfermos do corpo: a curar a todos os deſcendentes de Adam, por cuja culpa naõ ſó na alma, mas tambem no corpo toda a natureza humana ficou enferma. O Sol naõ deixa de ſer o Principe dos Planetas, nem abate do ſeu ſolar ſupremo (pintemos eſta figura emblematica ao noſſo diſcurſo) por elle viſitar as caſas dos doze Signos, que naõ ſaõ taõ illuſtres, como elle. E poſto que os naõ viſita, como a enfermos: porque nos corpos celeſtes, ainda q̃ de materia corruptivel, como os ſublunares, naõ

Ibid.

entraõ enfermidades; viſita-os, como a dependentes da ſua luz, ſem cujos alentos ſe pódem julgar enfermos; & ſe a perdeſſem de todo, como ſem a ſua alma, ſe acharião mortos. Quanto mais, que preſcindindo nòs da conſideraçaõ, q̃ nos repreſẽta ao Sol, como viſitando a enfermos, para nos ſervir de emblema ao noſſo aſſumpto; baſta ſer elle o Planeta mayor, & entrar a repartir a ſua luz (que tambem he hum modo de ſervir) pelas caſas dos menores. Quando Chriſto diz, que ha de premiar aos que o viſitàraõ a elle, porque naquella viſita elle foy o viſitado: *Viſitaſtis me*: naõ toma as medidas deſta obra pia pelo emprego da ſaude na aſſiſtencia da enfermidade: méde-a pelo ſerviço, que fez o mayor ao menor: *Quamdiù feciſtis uni ex his minimis, mihi feciſtis.* Ainda que o premio, que ſe ha de dar aos que o merecerem, reſpeitarà aos actos da caridade de quem ſervio, ou viſitou aos enfermos: *Infirmus eram, & viſitaſtis me*: o preço principal deſte merecimẽto, he ſer feita aquella viſita, & empregado aquelle ſerviço em obſequio dos menores: *his minimis.*

Matth. 25 36.

Ibid. 40.

Ibid 36.

20 Bem ſe deixa ver, q̃ naõ falla Chriſto dos que no mundo ſaõ grandes, & tambem enfermos: porq̃ nem eſſes

eſtes vaõ para os hoſpitaes; nem os que os vaõ ver, os viſitaõ, como a pequenos. Todos elles ſaõ mayores: os viſitados, & os viſitadores; & naquellas viſitas naõ ha minimos. Naõ ha o q̃ houve na viſita, q̃ Chriſto fez ao Bautiſta, viſitãdo a Mãy do que viſitava, a Mãy do q̃ foy viſitado. Porq̃ do Bautiſta ſe diz, ou diſſe elle meſmo, que ſe fez a ſi menor, para ſer mayor Chriſto: *Illum oportet creſcere, me autem minui.* Aindaque havia de nacer para mayor dos nacidos: *Non ſurrexit maior*: havia de ſer o menor dos viſitados: *me autem minui.* Se Chriſto lavàra os pés a Reys, aſſim como os lavou a peſcadores, naõ ſeria tão illuſtre o acto daquella humildade: a ſua mayor nobreza veyo de decer o elevado das mãos do Divino Meſtre ao abatido dos pés dos diſcipulos. Veyo daquelle *tu*, & daquelle *mihi*, que formàraõ a balança, em q̃ S. Pedro lhe tomou o pezo: *Tu mihi lavas pedes.* Sirvaõ os q̃ ſaõ mayores aos menores: & tanto ſeraõ admirados os obſequios dos ſerventes, quanto forẽ humildes os ſervidos: quanto deſigualarem entre elles o *tu*, & o *mihi*. Toda a ſemelhãça, que houver entre eſtes extremos, farà diminuir a admiraçaõ das ſuas finezas: naõ

Joan. 3. 30.

Matth. 11. 11.

Joan. 13. 6.

haverà Pedro, que diga a Chriſto: *Vòs a mim.* Como naõ houve, quãdo Chriſto deo em Cõmunhaõ o ſeu Corpo ao meſmo Pedro na meſa do diviniſſimo Sacramento: *Comedite: hoc eſt Corpus meũ.* S. Pedro, que ſe confundio de ver a Chriſto lavarlhe os pés, naõ ſe confundia de o ver darlhe em manjar o corpo. Neſta fineza eſtava S. Pedro levãtado a ſer por reciproca uniaõ o que era quem ſe lhe dava naquella Cõmunhaõ: o amor o emparelhava, & fazia, q̃ Deos feito homem fizeſſe alli ao homem Deos: *In me manet, & ego in illo.* E as finezas de hum igual para o outro, naõ ſaõ admirações: as do q̃ he mayor, para o menor; eſſas ſaõ as que admiraõ, eſſas fazem dizer a Pedro: *Tu mihi lavas pedes*; & naõ: *tu mihi das corpus.* He verdade, que naõ foy eſta a cõſideraçaõ, que fez a S. Pedro repugnante de hũa fineza, & naõ de outra: naõ foy, porque elle ſe conſideraſſe Deos. Mas nòs, que o vemos callado, quando cõmunga o Corpo de Chriſto, & naõ quando Chriſto lhe lava os pés; temos fundamento para deſcobrirmos eſta differença entre hũa, & outra fineza: entre a fineza de decer Chriſto aos pés de Pedro, & de ſubir Pedro a commungar o Corpo de Chriſto. Por eſte meſ-

Matth. 20. 26.

Joan. 6. 57.

meſmo fundamento, mayor foy a admiração de S. Chryſoſtomo, cõſiderando a decida do Filho de Deos a fazerſe homem; do q a ſubida do homem ſendo aſſumpto por Deos: *Auditu quidem mirabile eſt, quod ineffabilis Deus per Virginis ad nos venit uterũ, & fieri ex muliere dignatus eſt.* Muito admira ſubir o homem da terra a buſcar a Deos no Ceo; mas decer Deos do Ceo a buſcar ao homem na terra, ainda admira mais. Muito foy ſubir Pedro a commungar o Corpo de Chriſto; mas decer Chriſto a lavar os pés a Pedro: *Auditu quidem mirabile eſt*, eſta foy a fineza, q o fez admirar: *tu mihi.* Por iſſo, quanto mais humilde, & abatido for o enfermo viſitado, & exaltada a nobreza de quem o viſita; tanto he para mais admirado eſte decer taõ baixo: *auditu mirabile eſt.* E he para mayor admiraçaõ, ver o muito que ſobe, quem tanto dece: & não he menos, que a fazer por imitaçaõ, abatendo-ſe a ſervir ao enfermo; o que Chriſto faz por realidade, decendo a eſtar com-noſco no Sacramento. Aſſim como por virtude da conſagração do Sacerdote dece Chriſto a eſtar com-noſco por preſença real: *Hoc eſt Corpus meum: vobiſcũ ſum:* tambem por virtude

S. Chryſoſtom. hom 2. in Mat.

Matth. 26. 26. & 28. 20.

da visita feita ao enfermo, dece a estar no enfermo por presẽça moral: *Infirmus eram, & visitastis me: quamdiù fecistis uni ex his minimis, mihi fecistis.* E se Christo vem a estar no enfermo visitado, quãdo ha quem visita ao enfermo; por consequencia vem, para estar no enfermo, & o enfermo nelle: assim como vem ao Sacramento, para nòs estarmos nelle, & elle em nòs: *In me manet, & ego in illo.* A mesma força (por semelhãça entendemos) que tem aquellas palavras, tem estas obras: as palavras da cõsagração, & as obras da visita ao enfermo queremos dizer. Se aquellas palavras fazem haver união real entre Christo, & o que dignamente o recebe no Sacramento; estas obras fazẽ haver união moral entre o enfermo, & Christo, quando ha quem visita ao enfermo. Sempre hum està no outro: Christo no enfermo: *in me*, & o enfermo em Christo: *in illo.* E he o mesmo, que lemos nas suas doutrinas Euangelicas: lemos esta união reciproca entre o enfermo, & Christo, havendo quem visita ao enfermo. Na parabola, em que Christo nos mostra o enfermo Lazaro no seyo de Abraham: & nòs podemos accõmodar: como se fosse no seu seyo: *in sinu Abrahæ*, està o enfermo

Luc. 16. 23 mo em Chriſto: *in me manet.* E no Euangelho, onde nos diz, que viſitado o enfermo, elle he o viſitado: *viſitaſtis me*, eſtà Chriſto no enfermo: *ego in illo.*

21 Tudo iſto fazẽ os que viſitão os hoſpitaes de enfermos do corpo: entremos agora a viſitar os de enfermos da alma. E o exẽplo mais admiravel deſtas viſitas, foy quando Chriſto viſitou ao Bautiſta, viſitando ſua ſãtiſſima Mãy a do ſeu Luc. 1. 40. Precurſor: *Intravit in domum Zachariæ, & ſalutavit Eliſabeth.* Neſta viſita o enfermo viſitado, era o Bautiſta; por ter contrahido a enfermidade do peccado original; & por iſſo o enfermo da alma. E a ſaude, que lhe foy a dar Chriſto neſta viſita, foy a ſantificação da graça, para o curar daquella enfermidade. *Ieſus, qui in utero Virginis erat, Ioannem adhuc in ventre matris poſitum ſanctificare feſtinabat*, diz Origenes: *ut Ioannem à peccato originali expiaret*, diz Cornelio, & he o q̃ dizem todos. Aſſim ficão viſitados os enfermos da alma, ſe quem os viſita, os livra da enfermidade da culpa. Se fazẽ o que o Filho de Deos veyo fazer ao mundo; & o Anjo Embayxador annunciou a todos os enfermos da alma: *Natus eſt vobis Salvator.* E foy o meſmo que dizernos: Quem vos ha de purificar da culpa. Orig. Corn. hic. Luc. 2. 11.

original, que tendes cõtrahido : *vobis Salvator* : jà hoje eſtà no mundo nacido : *natus eſt*. Os que pois fazem iſto meſmo : aquelles, que com a prégaçaõ, com o conſelho, & cõ a adminiſtração dos Sacramentos lavaõ a hũa alma das ſuas culpas, tambem ſaõ ſeus viſitadores : *illam ſalvando, & à culpis expiando*. Nem ſe duvide, ou repare na fraſe de curar almas em hoſpital ; com o fundamento de que ſeja mais propria a de as ſalvar por todo o mundo: por ſe dizer, que na alma não ha indicantes das ſuas enfermidades, que ſirvão de pulſo para a ſua cura; como ha manifeſtos principios, q̃ encaminhão para a ſua ſalvação. Porq̃ ainda q̃ para ſe ſalvar hũa alma, baſta ſó ſaberſe q̃ lhe falta a doutrina do Euangelho : & para ſe curar, he neceſſario verſe de que modo ; & eſte nem ſe ſabe, nem ſe vé : cõ tudo aquelle meſmo, que prégа o Euangelho para a ſalvar, tambem ſabe como a ha de curar : cõ tanta propriedade ſe póde dizer, que elle a cura, como q̃ elle a ſalva. *Euntes in mundum univerſum, prædicate Euangelium omni creaturæ*, diſſe Chriſto a ſeus diſcipulos ; & tãbem nos diz a nòs : Ide, & ſalvay as almas de todo o mundo. E porq̃ os meſmos Prégadores da ſua ſalvação, tãbem Marc. 16. 15.

ſaõ

saõ Medicos das suas enfermidades ; ajuntou logo Christo na receita de as salvar, o remedio para as curar:

Ibid 18. *Super ægros manus imponent, & benè habebũt.* Naõ haverà enfermidade, não só corporal, mas tãbem espiritual, que não cureis : das corporaes he o literal do texto : das espirituaes, q̃ he o mesmo, que das enfermidades da alma, he o mysterioso do literal. *Super ægros manus imponent:* entende S. Bernardo: *Ægras affectiones bonis operibus operient, & hoc remedio curabuntur.* Obrando bem, curaráõ nas almas todo o mal: com a virtude das boas obras, significadas nas mãos: *super ægros manus* : mortificaráõ as payxões desordenadas da alma: *ægras affectiones operient.* O mesmo, & ainda mais que o mesmo discorre S. Gregorio. Todas as vezes, que estes bons Medicos vem a algũa alma enferma: *Quoties proximos suos in bono opere infirmari conspiciunt:* & com o seu exemplo lhe emendaõ, & alentão a vida: *exemplo suæ operationis vitam roborant*; que outra cousa fazem, senão darlhe a mão, para que se levante: *Quid faciunt, nisi, super ægros manus imponunt, ut benè habeãt?*

S. Bern. Serm. 1. de Ascens.

S. Greg. hom. 19. in Euãg.

22 E se as almas adoecem, & tambem se curão; hospital he logo o mundo todo: & os Prégadores, que

por

por mandado de Deos *ſuper ægros manus imponunt*, eſſes ſaõ os que as viſitão : *prædicate omni creaturæ* : & não he impropria a fraſe de adoecer, & curar, para ſe attender ao mal das ſuas doenças, & ao bem dos ſeus remedios. Muito primeiro que nòs, aſſim ſe explicou Santo Ambroſio, & ainda muito melhor; porque paſſou a deſcobrir os pulſos, para por elles ſe conhecerem as enfermidades. Diz que os noſſos vicios ſão as noſſas febres : *Febris noſtra, avaritia eſt : febris noſtra, libido eſt : febris noſtra, luxuria eſt : febris noſtra, ambitio eſt : febris noſtra, iracundia eſt.* E porque nem eſtas febres, nem eſtes vicios ſaõ enfermidades do corpo; do mal, de que adoecem as almas, vem elle a fallar; & nòs, aſſim como elle, vimos a diſcorrer. Cõ ſua differença porèm entre o adoecer do corpo, & o adoecer da alma : nas doenças do corpo, hũa couſa he o pulſo, & outra couſa he o mal indicado pelo pulſo : & nas doenças da alma, o pulſo he o meſmo mal, porque o meſmo vicio he a febre : *febris noſtra, avaritia eſt, libido eſt, &c.*

S. Amb. lib. 4. in Luc.

23 E deſta differẽça das enfermidades do corpo, & das enfermidades da alma, vem tambem a ſer differentes a morte da alma, & a morte

a morte do corpo. As enfermidades do corpo saõ huns correyos, diz S.Gregorio, que o aviſaõ da vinda da morte: *Dominus per ægritudinis moleſtias eſſe mortem vicinam deſignat*: & a alma não tem aviſos da ſua morte nas ſuas enfermidades. Se eſta he mortal: aſſim como a alma adoece deſta enfermidade, logo morre deſte mal: o ſeu adoecer he morrer. Não lhe diz a ſua doença, que vem chegando a morte: *Eſſe mortem vicinam deſignat*; dizlhe, que jà eſtà morta no meſmo tempo, que ſe vè enferma: *Febris noſtra, avaritia eſt, &c.* Eſtas advertencias tão importantes não ſervem ſó para as almas não adoecerem; tãbem ſaõ neceſſarias para os viſitadores das ſuas enfermarias as curarem. Se hão de ſer mayores as cautelas de hũa alma, para não adoecer daquelle mal, que logo he morte, & que não manda aviſos, que vem a matar; tambem hão de ſer ſemelhantes os deſvelos dos Medicos, que as curão, para as prevenirem de remedios, que as não deixem chegar a morrer. Não ſe hajão com tal deſcuido, & as curem tanto de paſſagem (como muitas vezes ſe curão as enfermidades do corpo) q as deixẽ quaſi mortas, entendendo que ficão de todo vivas: *Pertranſeunt, ſe-*

S Greg hom. 13. in Euãg.

Luc. 10. 3.

mivivis

mi vivis relictis. Advirtão, que não fazem o que devem à obrigação de caritativos enfermeiros (como a não fazem os Medicos menos applicados ao estudo da sua) se vendo enferma a hũa alma, não se detem com ella: *appropiantes, & vulnera ejus alligantes.* E só desta sorte *super ægros manus imponunt, ut benè habeant.* Ibid. 34.



PA-

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

I.

Inimigos.

§. I.

1 SAõ para mais temidos, os encubertos: os que ſó ſe conhecẽ, quando o ſeu dãno ſe deſcobre. Eſtes ſaõ como a ſizania occultamente ſemeada entre o trigo: não ſe deſcobrio o ſeu dãno, ſenão depois de crecida: *Cùm creviſſet herba, & fructum feciſſet, tunc apparuerunt & zizania.* Matth. 13.26. No meſmo tempo, em que ſe não via inimigo algum do dono da ſeàra, então a eſtava deſtruindo hum ſeu inimigo: *Inimicus homo hoc fecit.* Ibid 28. E para não ſer viſto, era hũ inimigo, que

que veyo de noite, & quando dormião todos · *Cùm dormirent homines, venit inimicus.* O coraçaõ da terra, he o seu interior, como lemos na Escritura: *in corde terræ:* o q̃ tem de encuberto, tem de coraçaõ; & chamamos ventre seu ao que he seu centro. E nacendo a sizania junto com o trigo no coraçaõ, & no mesmo ventre desta mãy commua de todas as plantas; logo pelo coraçaõ, & no ventre da mesma mãy começou este inimigo occulto a fazer mal ao trigo. Mãy he tambem commua toda a Republica, & toda a Communidade: assim hũa, como outra mãy, concebem, & alimentão filhos. E se por caso, junto com huns representados no trigo se cõcebèrão alguns significados na sizania; logo no tempo da conceição dos filhos começou o veneno escondido de huns a cõtaminar os outros. E aquelle inimigo, que sem ser sentido, faz os tiros encubertos ao coraçaõ, & no lugar, onde se concebe a vida, faz cõpanhia de morte, he o mayor inimigo. Se a sizania fosse vista ao tempo de semeada, com algũa industria dos trabalhadores livraria o trigo deste dãno occulto, tirando-se da terra a sizania, & deixando-se nella o trigo. Assim como havia de livrar

Ibid. 25.

Matth. 12.40

do

do outro manifeſto ao tempo de crecida, ſeparando-ſe a ſizania para o fogo: *Colligite in* Matth. 13 30 *faſciculos ad comburendum*; & o trigo para o celleiro: *triticum autem congregate in horreum meum.* Ibid. Porèm como ſe naõ vio, quando ſe ſemeou, logrou o melhor tempo de prejudicar; porque era a hora de ſe naõ ſentir: *cum dormirent homines.*

2 O mayor mal, & o mayor inimigo da alma, he o peccado: & quando elle ſe naõ ſente, entaõ he, que mais ſe deve temer: entaõ, por ſer inimigo encuberto, faz o mayor dãno. Em tres tempos conſiderou o Apoſtolo Santiago o mal do peccado: no tempo da conceiçaõ: *Concupiſcentia cùm conceperit*: Jac. 1. 15. ou, como diz Caſſiano: *cum concepta fuerit*; no Caſſian. Collat. 5. cap. 4. tempo do parto: *parit peccatum*; & no tempo da morte: *cùm conſummatum fuerit, generat mortem.* E eſtes meſmos tempos foraõ tãbem os da ſizania ſemeada: concebeo-ſe, teve parto, & trazia comſigo morte. Concebeo-ſe, quando ſe ſemeou: *Venit inimicus* Matth. 13 25. *ejus, & ſuperſeminavit zizania.* Teve parto, quando deo fruto: *cùm* Ibid. 26. *fructum feciſſet.* E trazia comſigo morte, quando o trigo ſe havia de cortar junto cõ a ſizania; & por ſe naõ fazer eſte mal a hũa planta, deixàraõ viver ambas juntas: *Ne era-* Ibid. 29. & 30. *dicetis*

dicetis ſimul triticum, ſinite utraque creſcere. Por iſſo S. Jeronymo, fallando da conceiçaõ, & parto do peccado, ſe explicou pela conceiçaõ, & parto da ſizania: *Nequitia, ne zizania creſcant, elidatur in ſemine.* E aſſim como o mayor mal da ſizania, foy o do tempo da conceiçaõ; porque ſe naõ ſentio, nem deſcobrio: & o mayor mal do peccado, he o do tempo de concebido; quando ſe naõ deſcobre, nem ſe ſente: o mayor inimigo he o encuberto; por naõ ſer viſto, nem ſentido. O mal do parto, he grande mal; porque he o peccado; mas, como entaõ jà he mal viſto de quem o commetteo, & tambem deſcuberto, ſe o confeſſou; deixa logo de fazer dãno, & chega a ter perdaõ. O mal da morte, tambem he grãde mal; porque he o mal conſeguinte ao peccado: porẽ, como deſcuberto & viſto o peccado, tãbẽ ſe deixa ver, & deſcobrir a ſua morte, que he a eterna; hũ, & outro mal ficaõ tambem evitados, porque ſaõ deſcubertos, & pelo arrependimento, & penitencia ſe achaõ remediados. E iſto naõ tem o mal da conceiçaõ do peccado, quando ſe naõ ſente; aſſim como o naõ teve o da conceiçaõ da ſizania, porque ſe naõ ſentio. Tal he pois o inimigo occulto: he o inimigo, que deve ſer mais temido;

S. Hier. epiſt ad Euſtoch. de cuſt. Virgin.

temido ; porque faz o dãno encuberto : porque ſe naõ vè , nem ſe ſente o mal que faz , ſenaõ depois de crecido : *cùm creviſſet , & fructum feciſſet.*

Juſtiça.

§. II.

3 DA Divina ſẽpre ſe ha de ter todo o temor , aindaque os ſeus ameaços a naõ moſtrem toda. Com bem carregada maõ queria Deos caſtigar a el-Rey Balthaſar;& mais o ameaço parecia menor q̃ o caſtigo. Era ſó de poucos dedos : *Apparuerunt digiti* ; & nem de toda a maõ era : *Aſpiciebat Rex articulos manûs* ; ou , como alguns entendem , era maõ ſẽ braço : *manus truncata à brachio* : para parecer o caſtigo ainda menos pezado. E ſe advertirmos no tempo , em que ſe movia , & levantava a maõ ; & nas poucas palavras cõ que ſe intimava o ameaço ; veremos , que o tempo foy de noite, quando não avultava tanto : & as palavras foraõ ſó tres, q̃ o naõ moſtravaõ claro: *Mane, Thecel, Phares.* Cõ eſtas tres palavras eſcuras , eſcritas de noite, & por maõ , q̃ naõ era maõ inteira,& ainda eſſa ſem as forças do braço , ameaçou Deos a Balthaſar,pouco antes do ultimo golpe da divina ira. E

Dan. 5. & ulteriùs.

Pagnin. Vatab. apud Corn. hic.

poſtoque o ameaçado Rey mudou de cores: *facies Regis commutata eſt*, todo ſe perturbou: *cogitationes ejus conturbabant eum*; temeo, & tremeo: *genua ejus ad invicem collidebantur*: naõ temeo o imminente caſtigo, quanto devia temer: naõ o temeo com temor inteiro. Ainda eſte lhe dava tempo, para procurar, & ouvir a ſignificaçaõ da eſcritura, que o intimava: *Exclamavit, ut introducerent magos, Chaldæos, & aruſpices*; promettendo ſer grandemente premiado: *Quicumque legerit ſcripturam hanc, & interpretationẽ ejus manifeſtam fecerit.* Ainda ouvio a larga vida, que lhe prognoſticava a Rainha: *Rex in æternum vive: non te conturbent cogitationes tuæ.* Venha Daniel, lhe dizia, que he hũ dos Santos deſta Corte: *Qui ſpiritum deorum ſanctorum habet*; & elle nos tirará de toda eſta afflicçaõ: *Daniel vocetur, & interpretationem narrabit.* De maneira, que na intelligencia da eſcritura, & eſperança de ſua boa interpretaçaõ ſe empregavaõ todos os cuidados: os do Rey temendo; & os da Rainha aliviandolhe o temor. E no meſmo tempo dos cuidados, & eſperanças de ambos, deſcarregou o caſtigo ameaçado: perdeo o Rey a vida, & a Rainha o Rey: *Eâdem nocte*

nocte interfectus eſt Balthaſſar.

4 E a quantos tem levado à morte com mayor caſtigo, do que cuidavaõ; porque o mediaõ ſó pelo ſeu ameaço! Quantos perdèrão a vida não crêdo que a perdiaõ, ainda vendo preſentes os ſinaes da morte! Vião a mão de Deos eſcrevendo a ultima ſentença na ſua enfermidade mortal; & o cuidado de conſultar os Medicos com a eſperança da ſaude do corpo, lhes embaraçava o que devião ter da ſalvação da alma. Toda a ancia era inquirir, perguntar, & ſaber a interpretação da ſua enfermidade: aſſim como Balthaſar a tinha de ſaber a da eſcritura, & ameaço de Deos, que era toda a ſua doença. Tambem, como elle, conſultavão os Profetas da ſaude: *Aruſpices*; & os cientes da cura: *Magos*; repreſentados nos que podião acõſelhar, & applicar os ſeus remedios. Só ſe deſcuidavão, de que dos ſervos de Deos: *qui ſpiritum Sanctorũ habent*; lhes chamaſſem algum Daniel, para lhes dar a interpretação mais importante: *Vocetur Daniel, & interpretationem narrabit.* E entre eſtas ondas do mar de cuidados, que levantão os temores da morte, acabàrão a vida: *eâdem nocte.* Qualquer enfermidade mortal, he amargoſa eſcritura

da maõ de Deos contra nòs. He como a q̃ lia Job 13. 26. Job: *Scribis contra me amaritudines*; & o ſeu Expoſitor commenta: Pined. Paraph. in Job hîc. *ægritudinis acerbitate, & ardore peruror.* As eſcrituras da voſſa mão contra mim, ſaõ as enfermidades, que me vẽ da meſma mão; o meſmo amargor de hũa eſcritura voſſa: *Scribis amaritudines*, he o de hũa enfermidade minha: *ægritudinis acerbitate peruror.* E tãbem nòs nas noſſas enfermidades mortaes poderemos ler eſcrituras tão amargoſas, como as de Job; porque tãbem poderemos ler outras, como as de Balthaſar. Poderemos tãbẽ ler para nòs o meſmo *Mane.* Porque ſe explicado eſte a Balthaſar, queria dizer: *Numeravit Deus Regnum tuum, & complevit illud*: conſtruido para nòs, poderà dizernos: Já ſaõ contadas, & eſtà cheyo o numero das payxões todas, que até agora reynavão na tua alma. Poderemos tãbem ler para nòs o meſmo *Thecel.* Porque ſe elle em romance queria dizer a Balthaſar: *Appenſus es in ſtatera, & inventus es minus habens*; a nòs nos dirà: Já tens entrado na balança da conta; & nella ſe tem viſto, que todas as tuas vaidades pézão o nada que erão. Poderemos tambem ler para nòs o meſmo *Phares.* Porque ſe aquella eſcritura Dan. 5. 26. Ibid. 27.

que-

queria dizer a Balthaſar: *Diviſum eſt Regnũ tuum, & datũ eſt Medis, & Perſis*; dirà a cada hum de nòs: Já ſe acabou o dominio dos teus appetites deſordenados; & iràs ſujeito ao dos teus mayores, & eternos inimigos. Iſto, que póde acontecer a todos os deſcuidados do temor inteiro da divina Juſtiça, foy o que ſe vio neſte deſgraçado Rey, porque a não temeo toda: porque no breve eſpaço de tempo, q̃ correo deſde o ameaço de Deos até o ſeu caſtigo, temeo mais perder a vida, que a conta das culpas. E finalmente porque não perdeo de todo o divino ameaço: *apparuerunt digiti* Ibid. 28. *ſcribentis, &c.* Porque não temeo de todo a primeira explicação do *Mane*: *numeravit Deus Regnum tuũ, &c.* Porque não temeo de todo a ſegunda do *Thecel*: *appenſus es in ſtatera, &c.* Porque não temeo de todo a terceira do *Phares*: *diviſum eſt Regnum tuum, &c.* Vio ſobre ſi na execução da ſentença de morte, o que ſignificava a eſcritura temida: *interfectus eſt Balthaſſar.*

Injuſtiça.

§. III.

5 AInda os que a não conhecẽ, a ſentem: he como o veneno, que ſem ſer ſẽtido,

tido, mata. Os dous irmãos, Jacob, & Eſaù, no ventre de Rebecca, ſem ſaberem que contendião, *collidebantur in utero ejus.* E perguntado pela mãy a cauſa daquella contenda dos filhos no lugar onde eſtavão concebidos; lhe diſſe Deos, que jà alli ſe via repreſentada a deſigualdade, que depois os havia de fazer differentes: *Maior ſerviet minori.* O que explicando Cornelio, diz: *Lucta parvulorum Dei nutu facta eſt ad præſagium, quod Jacob & Eſau nati inter ſe colluctarentur de primogenitura, & primatu.* Mais, & menos: mayor, & menor nos que nacèrão iguaes; he injuſtiça, que ſente a meſma natureza, ſem eſperar pela luz da razão. Não ſabião eſtes dous irmãos, que couſa era deſigualdade, & jà ſe alteravão por ſua cauſa. Ignoravão o mal da injuſtiça, & jà os feria o ſeu mal. E do que então era profecia do futuro, fazemos nòs agora emblema do preſẽte: inferimos por ſemelhança o que ſe vè onde ha mãy, & filhos na realidade: ella inquieta, ſe elles ſendo irmãos contendẽ queixoſos. De começar a contenda deſtes dous logo no ventre da mãy, entendemos por argumento, que neſte mũdo a injuſtiça nace; a juſtiça faz-ſe. Eſta ordena-ſe por leys, aquella brota deſordenada.

Gen 25 22.

Ibid 23.

Corn. hic cum Rupert.

Se

Se naõ houveſſe no mundo ley, que déſſe a cada hũ o que era ſeu; por influxos da natureza, havia de haver quem lho tiraſſe. Sem haver tribunal da juſtiça, havião de verſe no mundo queixoſos da deſigualdade. Deſde o ventre das mãys, ou naturaes, ou myſticas, haviaõ de começar os ſeus pleiteantes: *collidebantur in utero.* He a morte o contrario da vida: aſſim como entre ſi o ſaõ os extremos, mayor, & menor; mais, & menos. E ſe Job ſentia a preſſa de ſair do ventre onde começàra a viver, para a ſepultura em que ſe havia de enterrar: do lugar do extremo da vida ao lugar do extremo da morte: *de utero translatus ad tumulum*: mayor ſentimento he o que cauſaõ as deſigualdades no meſmo lugar. Aquelle, que no meſmo ventre ſe gera dos extremos juntos mais, & menos: mayor, & menor: *in utero: maior ſerviet minori.* Job 10. 19.

6 Mas naõ he ſó eſta a deſigualdade nociva por ſer parto da natureza, ſem depẽder da razaõ, por começar jà do ventre: *in utero.* Ha tambem outra taõ nociva como ella, pela antiguidade do ſeu parto: por começar logo com a creaçaõ dos Anjos; & pouco depois com a dos homens. E o mal quanto mais antigo, mayor mal: a medida do ſeu dãno, he o

da sua duraçaõ. E naõ se dà esta desigualdade só quando se abate o mayor ao menor, como Esaù a Jacob. Mas tambem quando o menor quer emparelhar com o mayor. Como quiz o Anjo cõ Deos: Isai.14. 14. *Similis ero Altissimo*; & chegou a intẽtar o homem: Gen.3. 5. *eritis sicut dii.* Tãta desordem he decer o que he mais a ser como o que he menos: *maior serviet minori*; como he subir o que he menos a ser como o que he mais: *Similis ero Altissimo: eritis sicut dii.* A primeira desigualdade he sorte, que vem da maõ alhea, & faz differentes aos que saõ iguaes; faz servir Esaù a Jacob. A segunda he presumpçaõ propria, que quer fazer iguaes aos que saõ differentes; quer emparelhar a creatura com o Creador. E de qualquer modo que se considere a desigualdade, se encontra com a injustiça. Ou abatendo-se o que he mais: ou elevando-se o que he menos. Nos primeiros dous Luminosos do mundo temos a confirmação do que discorremos. No Sol Luminoso mayor com a presidencia do dia: *Luminare maius, ut præesset diei*; & na Lua Luminoso menor com a presidencia da noite: *Luminare minus, ut præesset nocti.* E em quanto elles fazem o seu curso assim desiguaes; hum mayor que outro; o com- Gen.1. 16. Ibid.

compaſſo do Ceo, & terra vay na ſua conta ſem deſordem, nem deſconcerto. No ponto porèm, em q̃ a Lua chega a emparelhar cõ o Sol: o menor Luminoſo com o mayor; tudo ſe deſcompõem. A fermoſura dos hemiſferios, que ſe conſervava na deſigualdade deſtes dous Planetas, fica manchada, eſcurecida, & morta. Iſto meſmo ſe deixa tãbem ver nas ſuas preſidencias do dia, & da noite. He muito breve o tẽpo (eſcaçamente chega a ſer de vinte & quatro horas) em que na roda do anno tem elles igual duraçaõ; em que dias, & noites ſaõ da meſma medida. Logo paſſaõ a correr deſiguaes: em huns tempos os dias mayores que as noites; & em outros as noites mayores que os dias: repartindo o Author, q̃ os fez, o bem das ſuas influencias, jà cõ mais dia, jà com mais noite. Se foſſe de mais tẽpo eſta igualdade; de outro tanto ſeria o ſeu dãno. Deixe-ſe pois ir o que he menor luminoſo, aſſim como vay, com menos luz; & naõ aſpire a ir com a luz, q̃ leva o mayor. Cada hum na ſua eſfera juntamente deſiguaes, & conformes, ſem que o menor: *lumen minus*: provoque contra ſi o deſagrado cõmum, por querer ſubir a eclipſar o mayor: *lumen maius*. Por iſſo quanto o menor

nor luminoſo ſe deſiguala mais do mayor: quanto ainda na ſua luz ſe faz menos que menor, tanto luzem entaõ ambos mais. O menor, nos eſplendores da ſua humildade; & o mayor no crecimento da ſua luz. Faz o que ouvimos dizer ao Bautiſta, luminoſo menor, olhando para Chriſto mayor luminoſo. Quero luzir, dizia elle, menos do que luzo; para que o divino Sol ainda luza mais: *Illũ oportet creſcere, me autẽ minui.* Se na noſſa deſigualdade conſiſte a melhor harmonia das noſſas luzes; convem-me deſigualar mais a minha luz da ſua: *me oportet minui.*

Joan 3. 30.

Intereſſe.

§. IV.

7 MAis appetecido he o dos bens, que o das hõras: ſem o das honras pódem paſſar muitos; & ſem o dos bens muito poucos. Aquelle Rico do Euangelho, que pretendia as mayores honras, & as que ſó ſaõ honras, por ſerem as q̃ duraõ eternamente: *Quid boni faciam, ut habeam vitam æternam;* tudo moſtrava q̃ faria, ſó para as conſeguir: *quid faciam: ut habeã.* Mas em ouvindo dizer a Chriſto, que havia de vender, & dar tudo o que tinha: *Vade, vẽde quæ habes, & da pauperibus:*

Matth. 19. 16.

Ibid. 21.

peribus : logo voltou as coſtas àquellas honras, por naõ deixar eſtes bens. Eu triſte, (vinha elle a dizer no que fez) eu triſte ſem taõ grandes honras, ou triſte ſem os meus bẽs; antes ſem todas as hõ-
Ibid.22. ras triſte : *abijt triſtis.* Deixou de fazer o menos, tendo feito até alli o mais, ſó por naõ ficar ſem os bens que tinha. Até alli conſervava elle a honra de obſervante da ley de Deos, que era o mais : aquella honra, que nos divinos olhos antepõem huns Santos a outros Santos : hum Abraham a todos os
Eccli. 44 20. ſeus imitadores : *Non eſt inventus ſimilis illi : qui conſervavit legem Excelſi.* Foy confiſſaõ do meſmo Rico, quando Chriſto lhe diſſe que guardaſſe os ſeus preceitos : *Serva mandata : diliges proximũ.* Iſſo, Senhor, reſpondeo elle, faço eu ſempre, & até aqui o tenho feito: *Omnia hæc cuſtodivi à juventute mea.* Porèm, ſe para eu aperfeiçoar a honra de obſervador dos voſſos preceitos, hey de abraçar agora a honra deſſe voſſo conſelho, que he menos, do que a guarda de toda a ley : *omnia cuſtodivi:* antes quero deixar eſſa honra, que a poſſe do que tenho. Apontado eu com o dedo, diga-ſe embora, q̃ naõ tomey o voſſo conſelho ; mas naõ que deixei as minhas riquezas : *Erat enim habens multas*

Matth. 19 17. 19.

Ibid.20.

Ibid.22.

multas possessiones. Havendo eu de deixar hũ dos dous interesses: ou o da honra de seguir o vosso conselho; ou o da posse dos bens, que possuo; muito mais me custa perder este esplẽdor, que aquelle. Và eu da vossa presença para luzir, como até agora, com a minha riqueza; ainda que daqui por diante viva sem o luzimento dessa honra: *tristis.* De maneira, que bem podia deixar de luzir por falta da honra; mas não por falta dos bens. Podia fazer, o que nòs por accommodaçaõ podemos cõsiderar nos dous sonhos de Joseph, vẽdose seus irmãos em ambos os sonhos ajoelhados diante delle, ainda que por representação. *Putabam vestros manipulos adorare manipulũ meum*, no primeiro: Gen 37 7. *Vidi quasi stellas undecim adorare me*, no segundo. Só vemos, que se indignàrão com o sonho dos manipulos, & naõ com o das estrellas: *Visum somnium causa maioris odij seminarium fuit.* Não disserão palavra, em quãto estrellas adorando: só o pay foy o que reparou neste sonho. E em quanto manipulos ajoelhando, disserão muito, & concluirão: *Nũquid subjiciemur dicioni tuæ?* Toda a indignação, & odio foy contra aquelle sonho, que Theodoreto diz era indicio profetico do tempo em que elles

Ibid. 9.

Ibid 5.

Ibi l. 8.

se

ſe haviaõ de ver dependentes do paõ de Joſeph : *Præſignat ſomnium fratrum frumenti gratiâ in Ægypto adorationem.* Sonho, que prognoſtica adoraçõnes de neceſſitados, ainda ſendo ſonho, naõ he bem ouvido : *ſeminarium odii.* Adorar, para pedir paõ,& moſtrar ſer menos rico, naõ he facil ſofrimento : & adorar, ainda aquelles, que por illuſtres ſe conſideraõ eſtrellas, póde ſer conveniẽcia. Herodes moſtrou que a tinha, prometendo ſacrificar as ſuas adoraçõnes juntamente com as dos Santos Magos ao Rey nacido em Belem : *Renuntiate mihi,ut & ego veniens adorem eum.*

Theod apud Aloyſ. Alv. in ſuo Joſ. illuſtr. hic.

Matth. 2.8.

Com menos luz bem ſe póde viver ; mas não com menos paõ : cerceado o eſplẽdor da honra, mas naõ o eſplendido da meſa. E naõ foy iſto o q̃ Deos louvou a Abraham ennobrecendo a ſua deſcendencia. Naõ lhe fez promeſſa de muitos bens ; mas antes, porq̃ ſe deſpojava do ſeu mayor bem, que era a ſucceſſaõ da ſua caſa, ſacrificandolhe o ſeu filho Iſaac, & com elle todos os bens hereditarios : *Quia feciſti hanc rem :* lhe prometteo illuſtrar mais a meſma caſa, & levantar toda a ſucceſſaõ até as eſtrellas: *Multiplicabo ſemen tuum ſicut ſtellas.* Naõ quer adoraçõnes de opulẽto,quem aſpira

Gen.22 16.

Ibid.17.

aſpira às de luzido: quẽ antes quer ficar ſem os bens que enchem a caſa, que ſem os do eſplendor da honra. Aſſim ſaõ encontrados os affectos humanos: hũs, mais inclinados a ter, que luzir; & eſtes, os mais: outros, nada para o ter, & tudo para o luzir; & eſtes, os menos. Os irmãos de Joſeph ſendo luzidas eſtrellas do Ceo, poſto q̃ ſonhadas, naõ reparaõ verſe ajoelhando: & vendo-ſe abundantes manipulos do campo, aindaque por ſonhos, repàraõ eſtar adorãdo. Se por ſonhos ſe conſente ſer menos eſtrella; ſer menos abundãte, nem por ſonhos ſe conſente: *Nũquid ſubjiciemur ditioni tuæ?* E Abraham, naõ ſonhãdo, mas muito acordado, cortava pelos intereſſes todos da ſua poſteridade, por naõ desluzir a ſua obediẽcia: mais amador deſta honra, que daquelles bens. E por iſſo, ſe com menos bens do que lhe podia dar o mundo; com outros mais honorificos, & copiados pelos luminoſos do Ceo: *ſicut ſtellas Cæli.*

Inſpiraçõeſ.

§. V.

8 TAmbem os homens pódem ſer authores das ſuas; aſſim como das ſuas o he Deos. Chamo inſpiraçõeſ aos bons exemplos; porque cõ vozes

vozes mudas perſuadem a ſua imitaçaõ. A natureza deſtes aviſos occultos, he levar adiante o que dizem; he aviſar, & naõ parar. E niſto differem dos cõſelhos: porque depois de dados, pàraõ; & os ſeus authores ſe deſobrigão de os adiantar. A eſtrella, que viraõ os Magos; porque era inſpiraçaõ, como a podemos conſiderar com os que chamaõ eſtrellas as inſpiraçoens de Deos: *Sanctæ inſpirationes à Deo menti immiſſæ, quibus vocat*; foy tambem guia, que os encaminhava, & levava a Belèm: *antecedebat eos.* Por iſſo no tẽpo, em que elles ſe detiveraõ com Herodes; aſſim como a eſtrella parou, naõ aviſou: o meſmo foy naõ ir por diante, que naõ inſpirar, & ignorarem os Magos por onde haviaõ de ir: *Ubi eſt qui natus eſt?* E quando tambem parou, depois de entrarem elles em Belèm, foy, porque jà então ſe via o que ella inſpirava: porque era inſpiraçaõ deſtinada, para acharem o Rey nacido; & jà o tinhão achado: *invenerunt puerum.* Eſta he a força da inſpiraçaõ: ſempre eſtar intimando o que aviſa; & ſó deixa de intimar, depois da couſa inſpirada ſe conſeguir: depois de chegados ao ſeu fim os guiados por ella: *invenerunt.* E naõ he aſſim a natureza do conſelho: depois

Barrad. Adam. in Mat. 2.2 propè finẽ.

Ibid. 2.

Ibid. 11

depois que ſe ouvio, & ſe não guardou, acabou: não perſiſte ſempre quem o deo, em aconſelhar; como faz a inſpiração em perſuadir. No meſmo tẽpo, em q̃ Chriſto aconſelhava ao Rico do Euangelho o deſpojo de
Matth 19.21 ſeus bens: *Vade, vende omnia, quæ habes*; inſpirava a S. Pedro a deixa dos ſeus: tanto a hum, como a outro propunha Deos a deſaffeição de tudo o que poſſuhião: *omnia*. E ao conſelho de Chriſto, aſſim como ſe lhe deo, voltou eſte Rico as
Ibid 22. coſtas: *abijt*; porèm à ſua inſpiração, que não acabava de aviſar, rendeo-ſe S. Pedro a ſi, & ſacrificou a poſſe de
Ibid. 27. quanto tinha: *Ecce reliquimus omnia*. Iſto meſmo pódem fazer os homens entre a ſua eſfera: tambem pódem com os bons exemplos da ſua vida encaminhar a vida dos outros. Aſſim como a eſtrella guiou aos Magos, & os levou a Deos; pódem levar elles a Deos, & guiar a muitos. Neſte ſentido não deſdiz de inſpiração o bom exẽplo; nem elle he como o conſelho, que acaba; nem o ſeu author falla como conſelheiro, que naõ leva adiante o que diz. Em quanto naõ he imitado, ſempre o bom exemplo eſtà perſuadindo, & o exemplar vay guiando. Copioſa he a multidaõ de cõſelhos, & razões authorizadas, com que o

Pré-

Prégador Euangelico quer guiar, & perſuadir aos que o ouvem. E ſe elle no Sermaõ prégou juntamente cõ o exemplo; depois de pararem os conſelhos, o exemplo ainda vay por diãte; ainda como a eſtrella dos Magos encaminha, & guia para Deos: *antecedit.* A virtude, em quanto aconſelhada, he virtude ouvida; & em quãto exercitada, he virtude viſta: & melhor encaminha dando-ſe a ver, que fazendo-ſe ouvir. A eſtrella dos Santos Magos, q̃ como inſpiração os guiou, não lhes fallou aos ouvidos, moſtrouſe-
Matth. 2.2. lhes aos olhos: *Vidimus ſtellam.* Os conſelhos, porque não tem a força de inſpirações, ficão com os conſelheiros: & porq̃ fallão como inſpirações os exemplos, vão com os inſpirados. A eſtrella dos Santos Reys, que como inſpiraçaõ lhes fallou, naõ ſe ficou no Oriente, onde lhes appareceo: foy cõ elles até Belèm, para onde os guiou: *uſque dum veniens ſtaret ſupra, ubi erat puer.* E ſe do conſelho, depois de ſeguido, reſulta para o conſelheiro a gloria de o ter dado; naõ menos reſulta para o exemplar a gloria de haver dado o bom exemplo, & tambem para Deos a de ſer o ſeu exemplo imitado. Tudo ſe vio na inſpiraçaõ da eſtrella, que encaminhou Ibid. 9.

para Deos aos Magos do Oriente. Naõ ſó ella, ſe foſſe capaz de gloria, a teria muito grande, de os levar a Deos; mas tãbem Deos a teve muito ſingular de os ver ajoelhados
Ibid. 11 diante de ſi: *Procidentes adoraverunt eum*; & de lograr juntamente com as ſuas adorações a riqueza dos ſeus theſouros offerecidos:
Ibid. *Obtulerunt munera.* Entendaõ pois todos os exẽplares da virtude, q̃ com o ſeu exemplo, como eſtrellas, ou como inſpirações, naõ ſó intereſſaõ para ſi o bem de guiarem almas para Deos; mas tambem neſſas almas com o ſeu exemplo guiadas, offerecem a Deos os ſeus mais prezados theſouros: as almas que remio: *Offerunt munera.* Digo, que o ſeu bom exemplo póde fazer o meſmo, que fazia a eſtrella dos Reys Magos, & faz a inſpiraçaõ de Deos; porque aſſim como a eſtrella era luz, que encaminhava, & he luz, q̃ encaminha, a inſpiraçaõ; para encaminharem como luzes, quer Chriſto, que ſe vejaõ os bons exemplos: *Luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona*; & quer, que a luz do bom exemplo và diãte dos q̃ a haõ de ſeguir: *coram hominibus.* E he o que commenta Cornelio, reconhecendo luz no bom exemplo: *Monentur à Chriſto Apoſtoli, & eorum aſſeclæ,*

Matth. 5. 16.

Corn. hic.

clæ, ut ſatagant tam verbo, quàm exemplo virtutis alijs prælucere.

Inimigo.

§. VI.

9 QUanto for mayor o da virtude, tãto melhor a póde elle meſmo julgar: ainda que a examine quem mais a aborrece, ſempre ha de ſer a que he. Naõ porque a queira approvar, mas porque a naõ póde eſcurecer. Aſſim o podemos affirmar, vendo a Deos cõmetter ao demonio o exame das virtudes de Job: vendo medidos os merecimentos de hũ Santo pela conſideraçaõ do mayor inimigo da ſantidade. *Conſideraſti ſervum meum Job, quòd non ſit ei ſimilis in terra*: foy a commiſſaõ do exame dada por Deos ao demonio. *Extende paululùm manum tuam, & tange cuncta quæ poſſidet, niſi in faciẽ benedixerit tibi*: foy a aceitaçaõ do examinador. Deixay vòs, diſſe o demonio, de conſervar a Job no que lhe déſtes; & entaõ vereis a ſua virtude. Mais certas ſeriaõ na ſua boca as blaſfemias, do que o agradecimento, & o louvor (commentaõ alguns) *blaſphemaret: ſi non benedixerit.* Eſte he o texto; & boa he eſta advertencia para os ricos do mũdo. Para entenderem como perigaõ as ſuas almas cõ

Job 1.8

Ibid. 11.

Didym. apud Pined. hic.

as ſuas riquezas. Se as que dà Deos, ainda pódem arriſcar a cair; as que dà o demonio por induſtrias illicitas, poderáõ ſalvar? Naõ o experimentou aſſim aquelle Rico do Euangelho, quando entendeo, que eraõ muitas as que poſſuhia: *Anima mea, habes multa bona*; entaõ perigou na poſſe de todas: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* E com hũa differença mais entre as riquezas dadas por Deos, & as q̃ ſaõ dadas pelo demonio. As que Deos dà (diz o meſmo demonio) arriſcaõ a cair, depois de tiradas a hum Job: *Tange quæ poſſidet: & blaſphemaret.* E as que dà o demonio, fazem cair no meſmo tempo de poſſuidas por hum Avarento: *Anima, habes bona: repetunt animã.* E taõ ſeguro eſteve Job, & livre de cair, ou perigar, depois de lhe ſerem tirados os bens, de que vivia; q̃ neſte primeiro exame das ſuas virtudes, foy elle o vencedor no juizo do meſmo demonio. *Jobũ victorem evaſiſſe cognoverat*, diz Guevara cõ outros. Naõ poderemos nòs dizer outro tanto dos que enriquecem com os bẽs dados pelo demonio nos contratos uſurarios, nos lucros injuſtos, nas ambições palliadas, nas ganancias prohibidas, & em todos os intereſſes deſordenados. Se Deos os der a examinar

Luc. 12. 19.

Ibid. 20.

Julian. Olymp. Chryſ apud Guevar in Mar. cap. 1. obſerv. 5 pag. 707

nar ao demonio, a quẽ, como a preſidente deſtas meſas de avanços, tocaõ os aſſentos de ſemelhantes agencias; naõ dirà de cada hum delles, que ſe ſahio bẽ do exame: *Hunc victorem evaſiſſe non cognoſcet.* O contrario porẽ dizemos com certeza dos enriquecidos por Deos, & tambem por Deos pobres. Do meſmo Job tomamos o exemplo. Em hũ tẽpo abundante de bens: *Poſſeſſio ejus crevit in terra*: em outro por permiſſaõ de Deos: *Nudus egreſſus de utero: & nudus revertar illuc*: & quando aſſim deſpido, vencedor da fortuna contraria: *Victor evadens.* E taõ victorioſo, que ainda metẽdo o demonio a maõ nos ſeus bens, quando Deos lhe diſſe: *Ecce, univerſa quæ habet, in manu tua ſũt*: naõ cahio Job, intereſſando com elles o demonio a ſua queda: naõ blaſfemou, como o demonio cuidava: *blaſphemaret.* Mas antes abraçado com a divina vontade, achou que naõ tinha perdido, ainda vendo os ſeus bens na maõ de quem com elles queria gananciar a ſua perdiçaõ. Diſſe, ſem dar ganhos alguns ao demonio: *Dominus dedit, Dominus abſtulit.* Como os bens de Job ſó eraõ para viver, & não para intereſſar; ainda paſſados para a maõ do demonio, nem a elle o fizeraõ perder, nem ao

Job 1. 10.

Ibid. 22.

Ibid. 12.

Ibid 21

demonio ganhar. Aſſim ſahio Job vitorioſo deſte ſeu primeiro exame commettido por Deos ao demonio: taõ ſanto ſahio, como havia entrado no juizo, ou conſideraçaõ daquelle ſeu mayor inimigo: *Conſideraſti Iob.*

10 E do ſegundo naõ ſahio menos glorioſo, dando-o Deos outra vez a ſer pezado nas conſiderações do meſmo inimigo, & cõa meſma propoſta: *Conſideraſti ſervum meum Job?* E tendo elle jà conſiderado quanto ſe empenhava Job nos preſidios da alma: *Cũcta, quæ habet, dabit pro anima ſua:* veremos, diſſe, ſe elle he o meſmo ſendo ferido no corpo. *Mitte manum tuam, & tange os ejus, & carnem*: venha a exame a ſua paciencia, & entaõ ſe verà: *Si ſit ei ſimilis in terra.* Vòs meſmo vereis como em preſença voſſa o moſtra diverſo a falta do ſofrimento: *Et tũc videbis quòd in faciem benedicat tibi.* E foy o meſmo que dizer, explicaõ eſta ironia do demonio Tirino, & outros: vereis quanto entaõ ſe anîma a dizer mal de vòs: *Quòd palàm impudenter in tua præſentia maledicet tibi.* Mas naõ ſuccedeo aſſim, aindaque o demonio lhe deixou o corpo, ſobre ficar no primeiro exame deſpido, neſte ſegundo todo chagado: *Percuſſit ulcere peſſimo, a planta pedis*

Job 2.3. Ibid. 4. Ibid. 5. Ibid. 5. Job 2 7.

Chryſ. Olymp. apud Tiria. hic.

pedis uſque ad verticem ejus. E porque ? Por entrar jà o demonio neſte ſegundo exame, depois de vencido no primeiro : por temer outro triunfo de Job jà exercitado em o vẽcer. Da primeira vez, diz Guevara, contendeo o demonio com Job, naõ havendo precedido exercicio algum de duello entre os dous : *Diabolus nullam expeditionem adornaverat, nullos tentârat adortus.* Na ſegunda porèm, jà a experiẽcia lhe tinha moſtrado, como Job devia ſer temido : *Jam ex impugnationibus, quibus in illum inſurrexerat, dolorem ſuum, & jacturam didicerat.* Eſte he o eſtylo do demonio na campanha dos vicios contra as virtudes : temer ſempre as mais exercitadas. Em Saul, taõ temeroſo de David, quãdo tantas vezes ſe via refreado : *Recedebat Spiritus malus*, por virtude do ſeu inſtrumento : *Tollebat David citharam* : nunca o provocou a certame, ou levou a exame algum, q̃ he o meſmo. E no Filiſteo ſua figura, animoſamente o deſafiou, ſem temer os tiros da ſua funda : *Veni ad me, & dabo carnes tuas volatilibus Cæli.* De maneira, que em Saul temia o demonio a David exercitado em o vencer com a virtude do ſeu inſtrumento. E naõ o temia no Filiſteo, vendo que o naõ

Guevara ſup. citatus.

1 Reg. 16. 23.

Ibid.

1. Reg. 17. 44.

tinha experimentado, nem delle fora vencido no jogo das armas de paſtor. Hũa virtude exercitada, ou ſeja a deſtreza de rodear hũa funda : ou a graça de tocar hũ inſtrumento : repreſentações do muito que pódem, ainda as que ſaõ pequenas; derriba gigantes : *Prævalet adverſũ Philiſthæũ*: & refrea demonios : *recedit ſpiritus malus.* Por iſſo diſcorria bem o demonio, naõ querendo mais exames cõ Job experimentado jà em vencer. *Quaſi qui renueret ſui rurſùs machinationibus ſubſterni*, conclue o meſmo Expoſitor : *Confuſus comparare cũctabatur.* Naõ temaõ pois os que deixàraõ o mundo, & ſaõ exercitados nas virtudes, entrar no exame dellas com os ſeus mayores inimigos. Elles ſaõ os que melhor as haõ de approvar ; & dos quaes poderàõ dizer com verdade : *Saſ lutem ex inimicis noſtris.* Luc. 1. 71.

Aſſim approvàraõ os leões as virtudes de Daniel, depois de lançado no lago : naõ puderaõ abrir as bocas para o tragarem : *Concluſit Deus ora leonum.* E he Dan. 6. 21. o que tambem fez o demonio, entregandolhe Deos para examinar as virtudes de Job; nem mais abrio boca, nem ſe atreveo a apparecer mais : *Confuſus renuit apparere.* Haõ de ſer porèm as virtudes, ou como as de Daniel, para enfrearem a vo-

Ibid. 50.

a voracidade dos leões, que as detrahirem ; ou como as de Job , para convencerem a aſtucia do demonio, quando as examinar : *Conſideraſti ſervum meum Job.*

Juizes.

§. VII.

11 HAõ de poder, & temer : naõ haõ de enganar, nem intereſſar. O poder para os outros, & o temer para ſi: animados pela juſtiça, para naõ enganar ; & da meſma juſtiça temeroſos, para naõ intereſſar. Eſte foy em ſubſtancia o conſelho , que Jethro deo a Moyſes para regra , & direcçaõ de Julgador ; & ainda que abbreviado , muito importante. *Provide de omni plebe viros potentes, & timentes Deũ, in quibus ſit veritas, & qui oderint avaritiam.* Quando para julgar bem , homens de valor : *potentes.* Quando para naõ haver mal julgado , homens de temor : *timentes Deum.* Quando empenhados pela juſtiça , homens ſem enganos na boca : *in quibus ſit veritas.* E quando a juſtiça empenhada por elles, homens com limpeza de mãos : *qui oderint avaritiam.* Naõ ſerà poſſivel haver ſentença juſta , ſe naõ foy regulada por eſta ſentença : porque ou faltando algũa das condições acõſelhadas , ou por falta Exod. 18 21.

de

de todas, neceſſariamente ſe ha de faltar à juſtiça. Se o julgador temeo aos homens, & deixou de temer a Deos: já porque ſe naõ ajuſtàraõ duas das cõdições aſſinadas, a ſentença ha de ſer injuſta. Se naõ reparou no mal do engano, & attendeo ao bem do intereſſe: tambem por falta de outras duas condições a juſtiça ha de faltar. E ſe por temer aos homẽs, naõ temeo a Deos, & por iſſo abrio a boca para enganar, & as mãos para intereſſar, todas as quatro condições da juſtiça faltàraõ, & o Julgador foy injuſto por falta de todas. Porque Pilatos temeo a Ceſar, & naõ a Deos: porque lhe faltou o valor, para naõ attender aos reſpeitos humanos, & ſó julgar com as attenções nos divinos, deo a mais injuſta ſentença, que vio o mundo: he verdade de Fé, que todos cremos. Tinha elle poder para livrar a Chriſto, como conſtou por ſua propria confiſſão: *Poteſtatem habeo dimittere te.* Joan. 19. 10. Mas porque o intimidàrão com o nome de Ceſar: *Non habemus Regem, niſi Cæſarem*: Ibid. 15. temendo mais ſer accuſado no ſeu tribunal, por não ſentencear a Chriſto; do que no tribunal de Deos, pelo haver ſenteneado; o condenou à morte: *Tradidit eum voluntati eorum.* Luc. 23. 25. Até aqui o que ſabemos: agora o que de-

devemos ſaber; & todo o Julgador temer. Quãto melhor fora para Pilatos, não ter elle o poder, que tinha: *Poteſtatem habeo dimittere te*! Que melhor foſſe para Judas não ter nacido, do que vendido a Chriſto: *Melius illi eſſet, ſi natus non fuiſſet*: já ſe deixa entender. E ſer melhor não poder Pilatos livrar a Chriſto da morte, do q̃ ter na ſua mão eſſe poder; iſto he o que agora queremos que ſe entenda. Iſto he o que todo o Julgador deve dizer de ſi meſmo: quanto mais poderoſo ſe vir, mais deve temer. O mayor mal de Pilatos, foy o ſeu muito poder: foy o ter por reo no ſeu tribunal ao Filho de Deos. Foy mais que o poder de todos os Julgadores do mundo ſobre honras, ſobre vidas, ſobre fazendas. E que tirou Pilatos deſte ſeu grande poder? Sabem o que tirou? O contrario do poder, q̃ tinha: podia livrar a Chriſto: *Poteſtatem habeo dimittere te*: & naõ fez o que podia; porq̃ cõdenou a quem podia livrar: *Tradidit eum*. O Julgador, que não julga com a inteireza que póde, perde o poder, que tem; porque temeo quanto não podia temer; deixou de poder, quãto podia. Quando Pilatos entregou a Chriſto à morte: *tradidit eum*: já não podia dizer: *poteſtatem habeo dimittere te*; já aquelle

Matth. 26.24.

aquelle ſeu poder tinha cedido a eſte ſeu condenar; & por iſſo *melius illi fuiſſet, ſi hanc poteſtatem non habuiſſet.* E ainda não diſſemos tudo: ainda os Julgadores mais poderoſos: *potentes viri*, tem mais que temer, ouvindo o que Chriſto reſpondeo a Pilatos. Naõ ſó *poteſtatem habeo dimittere te*; mas tambem: *crucifigere te*, tinha Pilatos dito a Chriſto: Aſſim como eu te poſſo livrar, tambem te poſſo crucificar. E a repoſta de Chriſto (advirtamos bem nella) foy: *Non haberes poteſtatem adverſùm me ullam, niſi tibi datum eſſet deſuper:* Eſſe poder, que tu tens agora em mim, he o q̃ te deo meu Eterno Pay. Muitas vezes foy deſgraçado Pilatos; & muitas vezes ſeria deſgraçado aquelle Julgador, a quem *datum foret deſuper* ſentencear, como elle ſentẽceou. A quem Deos por ſeus altiſſimos juizos tomaſſe por inſtrumento, como tomou a Judas para a execução da venda de Chriſto, quando elle meſmo lhe diſſe: *Quod facis, fac citiùs*: Já que eſtàs deliberado a venderme, vendeme logo. E o meſmo que iſto, & que jà foy então, não ſerà para poſſivel agora? Sabe eſte, ou aquelle Julgador, ſe quando julga ſem juſtiça, haverà para ſua condenação, algũa permiſſaõ divina: *datũ deſuper?*

Joan. 19. 11.

Id m 13. 27.

12 Taõ

12 Taõ grande como eſta, póde ſer a deſgraça de hũ Julgador, ſe não for, como deve ſer: *Potens vir, timens Deum*: ſe lhe faltar o temor por lhe fraquear o valor. E naõ julgaria menos injuſto aquelle que uſaſſe do engano: *in quo non ſit veritas*: com os olhos no intereſſe: *& non oderit avaritiam.* Fatal he a combinação da boca com as mãos, quando o animo diſpõem para intereſſes. O meſmo foy animar Rebecca a Jacob para uſurpar a bençaõ a Eſaù, que inſtruillo no que havia dizer, & no que havia de obrar: aſſim como para o intereſſe lhe armou as mãos, lhe poz o engano na boca. E cõ tal correſpondẽcia entre boca, & mãos, que no meſmo tempo, em que mentia a boca, dizendo Jacob, que elle era Eſaù: *Ego ſum primogenitus tuus Eſau*: Gen 27 19. tambem mentiaõ as mãos, fazendo parecer mãos de Eſaù, as mãos que eraõ de Jacob: *Manus ſunt Eſau.* E Ibid. 22. naõ ſe davaõ a tocar as mãos, para ſe roubar aquella bençaõ; ſem q̃, para ſe fazer o meſmo roubo, ſe abriſſe a boca. De maneira, que tanto nas mãos, como na boca, *non erat veritas*; & tanto na boca, como nas mãos, *erat avaritia.* Suppoſta pois eſta alternada cõbinaçaõ: ſe por caſo a boca do Julgador encaminhou para o intereſſe;

tereſſe ; o meſmo caminho fazem tambem as mãos. Roubaõ a hũ Eſaù, fallando por elle a boca de Jacob : *Ego ſum Eſau* ; & obrando as mãos de Jacob,como mãos de Eſau : *manus ſunt Eſau.* Para hum Juiz recto no ſeu tribunal não arriſcar a ſua alma , ha de attender ao que reſponde David àquella ſua meſma pergunta : *Quis aſcendet in montem Domini?* Quem merecerà ſubir ao gozo da viſta de Deos ? E a ſua repoſta não differe da noſſa ponderaçaõ : diz, que lograrà eſta bemaventurança : *Innocens manibus,& mundo corde : qui nec juravit in dolo proximo ſuo*:aquelle, que naõ viciar o ſeu animo,as ſuas mãos,& a ſua boca : o que nem tiver appetencias deſordenadas , nem palavras enganadoras, nem mãos peccaminoſas. He commento muito commum ; & de Bellarmino muito ajuſtado ànoſſa cõſideraçaõ: *Qui neque corde, neque voce,neque opere unquã deliquit.* Aquelle Julgador (accommodamos nòs) que naõ imitar as induſtrias de Iacob , & naõ quizer , q̃ por ſentença ſua ſe lamente roubado algum Eſaù , & diga : *Iacob ſurripuit benedictionem meam : & cùm ejulatu magno fleret , dixit in corde ſuo : occîdam fratrem meum.*

Pſ.23.3.

Ibid. 4.

Bellarmin. hic

Gen.27 36 38. 41.

Inveja.

Inveja.

§. VIII.

13 TAnto póde matar, cõmo morrer: ſe tem venenos contra a vida, tambem ha virtudes, q̃ lhe pódem dar a morte. Mais he matar a morte, que matar a inveja: & com tudo jà houve quem matou a morte. *Ero mors tua, ô mors*, diz Oſeas fallando em nome de Chriſto: & dizem os que commentaõ a ſua profecia: *Chriſtus mori fecit mortem, eamque moriendo occîdit.* E porque eſta morte, q̃ matou Chriſto, he aquella, que introduzio no mundo a inveja do demonio, como lemos em outro texto: *Invidiâ diaboli mors introivit in orbem terrarum*; morrendo aſſim a morte, do meſmo modo morreo a inveja. Eſtas ſaõ as eſcrituras entẽdidas naquelle ſentido, em que por metafora podemos dizer, que morreo a inveja, & mais a morte: ſendo q̃ nem a morte, nem a inveja tinhaõ alma, que primeiro as fizeſſe viver; & por cuja ſeparaçaõ vieſſem depois a morrer. Ouçamos agora a Santo Agoſtinho, & cõ elle a S. Gregorio, ambos dizendo, como foraõ aquellas mortes; & nòs aprendendo de ambos, como pódem ſer outras. Porque deixou de ſer a que era, a inveja do demonio,

Oſeæ 13.14.

PP. cõmunit. apud Corn. hic.

Sap. 2. 24.

nio, pela qual a morte tinha entrado no mundo, dizem elles, morreo a morte, & mais a inveja: & tambem póde morrer tudo aquillo que póde deixar de ſer. *Nam id, quod occidimus, agimus, quòd penitùs non ſit*: quando fazemos, que os vicios naõ ſejaõ o que eraõ, bem diremos, ſe diſſermos, q̃ os matamos. Aſſim o fez, & aſſim o diz Chriſto: fez, que a inveja do demonio jà naõ levaſſe ao inferno a tãtos deſcendentes de Adam, ſeu primeiro morto, como antes levava: & por iſſo ſe diz, que matou a morte: *Mori fecit mortem.* Boa liçaõ, para nella aprendermos a fazer muitas mortes, como eſtas: a matarmos a murmuraçaõ, a matarmos o odio, & a matarmos a vingança de noſſos inimigos. Mas ha de ſer, matando-nos primeiro a nòs, aſſim como Chriſto matou a inveja mortal do demonio, ſendo elle primeiro morto: *Eam moriendo occîdit.*

S. Aug. Serm. 137. de Temp. S. Greg. Homil. 22. in Euang.

14 Para fazermos que morra a murmuração, que morra o odio, & que morra a vingança do que nos quer matar com eſtes venenos; primeiro nos havemos de haver, como mortos para nòs meſmos. Entaõ he, que eſtes venenos morrem: porque entaõ fazemos nòs, que elles naõ ſejaõ: *Quod occidimus, agimus, quòd non ſit.*

Como

Como as ſuas vidas eſtaõ na noſſa maõ; tambẽ eſtaõ na noſſa maõ as ſuas mortes. Na maõ de David eſteve a morte da inveja de Saul; quando a morte de Saul eſteve na ſua maõ: *Non mittam manum meam in eum.* Aquella inveja provocava a David a matar a Saul: eſte era o ſeu veneno: fazer, que David ſe vingaſſe de Saul. E porque David primeiro ſe mortificou a ſi, naõ tomando eſta vingança; fez, que a mortal inveja de Saul deixaſſe de ſer a q̃ era: *& illam, ſe mortificãdo, occîdit.* Eſtas vidas tiraõ, ou eſtas mortes daõ os que por terem jà deixado o mundo, ſe conſideraõ mortos: morrem elles primeiro, deixando de ſer o q̃ eraõ no mundo; & deixando de ſer o q̃ eraõ os vicios do mundo, morrem eſtes depois: *moriendo occîdunt.* E ainda póde fazer mais hum deſtes mortos: naõ ſó póde matar a inveja, ou o odio dos ſeus inimigos, fazendo que elles deixem de ſer o que ſaõ: *occidendo*: quando *agunt, quòd non ſint*: mas tambem paſſarà a fazer bem aos q̃ lhe querem mal: & ainda iſto he mais. He fazer o que fez Chriſto a quem jà depois de morto lhe meteo a lança: *Unus militûm lanceâ latus ejus aperuit.* Naõ ſó ſe naõ vingou deſte odio, fazendo q̃ elle naõ foſſe o q̃ era;

1. Reg. 24. 7.

Joan. 19 34.

mas he tradiçaõ com grande authoridade, que ſendo cego o que lhe quiz tanto mal, quando meteo a lança; cobrou a viſta dos olhos, & tambem a da alma, quando a tirou. *Eum fuiſſe cæcum inſinuat Nazianzenus, & à Chriſto fuiſſe illuminatum.* Deixemſe pois alancear dos cegos do odio os mortos para o mundo; & o ſofrimẽto das ſuas lançadas lhes farà abrir os olhos. Dirà entaõ cada hum delles, que pelo mal da cegueira do ſeu odio: *eum fuiſſe cæcũ*; recebeo o bem da luz no conhecimento da ſua culpa: *fuiſſe illuminatum.*

S. Greg. Naz. de Chriſto patiẽte, apud Cornel. hic.

Inimigos.

§. IX.

15 O Meſmo tempo do ſeu odio, ha de ſer o do noſſo amor: naõ havemos de ter horas limitadas, para amar a quem em todas as horas nos naõ ama. He concluſaõ tirada do conſelho de Chriſto: *Diligite inimicos veſtros.* Nem o amor da noſſa parte tem termo algum: *diligite*: amay, ſem dizer até quando. Nem da outra parte ha mais q̃ odio, & tambem ſem termo: *inimicos*; ſem haver mais a quem amar. E he o que nos repreſenta a Parabola da ſeàra, onde a ſizania con-

Matth. 5. 44.

conſiderada, como inimigo do trigo, tem cõtra ſi aos trabalhadores da lavoura naquella ſua propoſta : *Vis imus, & colligimus ea?* E o trigo na conſideraçaõ de amigo da ſizania tem por ſi ao dono da herdade, reſpondẽdo: *Sinite utraque creſcere.* Eſtas duas reſoluções encontradas : *ſeja logo ſeparada a ſizania do trigo : deixay crecer o trigo com a ſizania* ; nos daõ materia para as diſcorrermos ajuſtadas ao noſſo intento. Por parte de hũa deſtas reſoluções ſupponhamos, que ſe diz o que nella ſe póde entender: & por parte da outra tambem havemos de ſuppor, que ſe reſponde o que della ſe póde inferir. Por hũa perſuade o odio : *colligimus*; & por outra manda o amor : *ſinite.*

Idem 13.28.

Ibid 30.

16 A companhia de taõ mà planta (dizem os jornaleiros da ſeàra) neceſſariamente ha de fazer muito mal a hũa planta taõ boa : a ſizania ao trigo. E o remedio unico dos contagios, he ſeparar do corpo ſaõ o corpo enfermo : do trigo a ſizania: *Vis imus, & colligimus ea?* Reſponde o ſenhor do prazo (& aſſim vaõ alternadas as razões de hũa, & outra parte) eſſe beneficio, que ſe intenta fazer ao trigo, ſeparando delle a ſizania, naõ ſerà ſem dãno do meſmo trigo. Como eſtaõ jũtas ambas as plantas; a meſma

maõ, que levar hũa, levarà tambem a outra. E naõ ſe ha de fazer mal ao inimigo, quando tambem ao amigo ſe faz o meſmo mal: naõ ſe ha de cortar a vida da ſizania, ſe tambem ha de ſer cortada a do trigo: *Sinite utraque creſcere.* Ainda que agora ſe naõ colha o trigo com a ſizania, ſe mõdarmos logo a ſeàra; quando depois a ſegarmos, junto com o trigo ha de ir tambem a ſizania. E ſe o inimigo ſempre ha de prejudicar ao amigo: ſe ſempre o trigo ha de ficar inficionado com a ſizania, ou ſeja logo, ou depois; a ſua ſeparaçaõ melhor he mais cedo, que mais tarde: *Vis imus, & colligimus ea?* Bom fora eſſe zelo, ſe o naõ modificàra hum exemplo, que todos vemos: ſe a terra, em que nacèraõ a ſizania, & o trigo, lhes negaſſe o alimento, & o Ceo lhes naõ déſſe o rocio, por obſtar eſſe prejuizo. E à viſta de nacer o Sol igualmente para os bons, & para os maos; para o trigo, & para a ſizania; deixemos lograr os bẽs da natureza tanto à ſizania, como ao trigo: *Sinite utraque creſcere.* A indifferença da meſma natureza em ſuſtentar bons, & maos, tambem eſtà conforme com a determinaçaõ dos que naõ conſẽtem, que as arvores infructuoſas occupem a terra das que daõ fruto. E ſe

da

da ſizania ſemeada não ha fruto, que eſperar, mas antes dãno, que temer; ſeja a terra ſó do trigo, & não da ſizania: *Vis imus, & colligimus ea?* Jà agora eſſa terra, depois de terem nacido della a ſizania, & o trigo, he como mãy, de cujas entranhas nacèrão eſſes dous filhos. E ſeria argumento de eſcandalo, ſe houveſſe mãy, que occupaſſe os ſeus braços mais no abrigo de hum filho, que no do outro, aindaque hum foſſe ſizania, & outro trigo: *Sinite utraque creſcere.* Quando os filhos de hũa mãy ſaõ verdadeiros filhos; tem elles eſſe direito na igualdade do amor, mas não, quando hũ delles he legitimo, & o outro he ſuppoſto. E ſe jà cõſta, que eſta ſizania he parto do odio daquelle inimigo, q̃ a ſemeou: não he contra a razão ſeparalla do trigo, parto legitimo do amor de quem a gérou: *Vis imus, & colligimus ea?* Não ſó ſe ha de attender ao amor entre mãy, & filhos: tambem o amor deſſes filhos entre ſi, por ſer amor de irmãos, pede as meſmas attenções. E eſtando jà a ſizania, & o trigo abraçados como irmãos, ſeria imprudencia deſcobrir algũ odio entre elles, & parecer a ſua irmandade fingida, & não verdadeira: *Sinite utraque creſcere.* Por mais, que ſe diſſimule com o odio do

inimigo, ſempre fica ſendo o que he: ſempre, como veneno eſcondido, leva adiante o mal começado. E ſe a ſizania ſempre ha de ſer ſizania, por mais q̃ ſe conſinta, & encubra com o trigo; he malogrado zelo conſervar a ſua união: *Vis imus, & colligimus ea?* Para o tempo de ter o bom animo premio, & caſtigo o mao animo, fica juſtamente reſervada a ſeparação de ambos: do premio para huns, & do caſtigo para outros. E ſe para então ſe dà a cada hum o merecido de ſuas obras, não ſe devem anticipar os ſeus juizos. Guarde-ſe pois para quando vier eſſe tempo, a ſeparação da ſizania do trigo: *Sinite utraque creſcere.*

17 Aprendão agora nas conſiderações deſta cõtroverſia, qual deve ſer a fidalguia do amor dos inimigos, todos os que eſtudão as lições do amor. Todos os Meſtres de eſpirito, todos os pays de familias, todos os amigos, & inimigos do mundo, todos os amãtes, todos os Superiores, todos os ſubditos, todos os filhos & todos os irmãos. Verão os Meſtres de eſpirito, q̃ he procurar hũ bẽ, fazẽdo hũ mal, querer com deſunião conciliar amor; pretender com a diviſão da ſizania a amizade do trigo. Eſperem cõ as mudanças dos tempos, as dos affectos. Verão os pays de familias, que a preſſa

preſſa do caſtigo não he o melhor eſtimulo da emenda: que póde o trigo ter perda na acceleração da pena da ſizania. Melhor he eſperar pela ſaude, do q̃ com o cauterio apreſſado de hum dedo perder dous, & tal vez a mão toda. Verão os amigos,& os inimigos, que as oppoſições humanas poderão ſer dilatadas, mas não eternas; que ſe hoje o trigo não póde ſofrer a companhia da ſizania, à manhãa a ſizania não dará que ſofrer ao trigo. De hũa hora para a outra vão, & vem os motivos de querer mal, & querer bem. Verão os amantes, q̃ he amar contra a natureza, querer como bem particular, o que he bem commum: que as influencias celeſtes ſejão ſó para o trigo,& não para a ſizania. Entendão, que ſe deſejão para ſi o bem, que he igualmẽte dos outros, não pódem com a grandeza de todo o bem, que deſejão. Verão os Superiores, q̃ não he deixar de ſer grande, ter mando ſobre os pequenos: que não abate a natureza do muito que póde, occuparſe na creação da ſizania fruto tão vil, juntamente com a do trigo, tão prezado fruto. Não ſerá o ſeu amor correſpondido, ſe os que elle manda, o conhecerem com differẽça empregado. Verão os ſubditos, que a ſujeição volũtaria não

faz a humas vontades mais benemeritas que outras : que não provoca contra elles deſaffeição em quem os governa, a ſorte de nacer hum trigo , & outro ſizania. Aſſim como deve ſer a meſma a promptidão do ſeu obedecer ; não hão de experimentar de mais, ou menos amor a eleição de os mandar. Verão os filhos , que ter algũa differença de inclinações , não he ſeguir todas : que bem pòde eſtar ſem diſcordia a filiação adoptiva da ſizania com a natural do trigo. Deixemſe amar da mãy, que os vè ; & não eſperẽ menos affabilidade do ſeu amor , que dos ſeus olhos. Verão os irmãos ; que não diz o nome publico de irmandade com o deſamor occulto da averſão: que ha de ſer abraço leal de trigo , o que chegou a parecer dado à ſizania. Tão unidos eſtão na meſma arvore o tronco, que ha de ſer imagem para o altar, como o que ha de ſervir de pavimento para os pés. E finalmente verão outra vez todos juntos , que, ſendo deſprezadas eſtas advertencias , o verdadeiro amor eſcolhe o trigo para o celleiro : *Congregate triticum in horreum meum* ; & o fingido leva a ſizania para o fogo : *Colligite in faſciculos ad comburendum.* Matth. 13. 30. Ibid.

Juſtiça.

§. X.

18 HE arriſcada a do Julgador, que mais a quer ouvir, do que ver: aſſim como he a cura, ſe o Medico attende mais à enfermidade, que ao livro. O Medico naõ ha de andar menos ſobre os livros, que ſobre as enfermidades, para acertar com os ſeus remedios. E nem o Julgador ha de olhar mais para as partes, que para os autos da cauſa, ſe quer achar a verdade. Se o Medico, que he obrigado a cõferir a ſua ciencia com o mal, q̃ cura, ſe deſcuida do eſtudo da medicina, falta ao ajuſtamento deſta conferencia, & periga o enfermo. E ſe o Julgador, que ha de ver nos autos a juſtiça da cauſa, mais a quer ouvir da boca das partes, arriſca a ſua obrigação, & o acerto do ſeu juizo. A elle não lhe mandão dar a ouvida das partes, ſenão a viſta dos autos: não lhe dizem, que ouça, ſenão que veja. Nem faz cõtra o que dizemos, o texto ſabido: *Contra inauditam partem ſententia non proferatur.* Porque, para inteira obſervancia deſta regra, mais ſe hão de ouvir as partes nos autos, que fóra delles: mais na eſcritura, que na pratica. Nos autos falla a verdade mais deſpida

De reg. jur. in 6

despida dos enfeites, q̃ lhe accõmodão as vozes, & sem o estrondo dos brados, com que a intîma, & persuade a payxão. Para a prizão de Christo não se fez auto algum do crime, que lhe impunhão, por se fazer Rey, sem o ser: & só depois de morto appareceo na Cruz hũa escritura, ou como auto da sua culpa: *Imposuerunt super caput ejus causam ipsius scriptam: Jesus Nazarenus Rex Judæorum.* E considerada bem a materia deste brevissimo auto, hũa só palavra do que nelle lemos, dizia todo o seu delito: *Rex.* Sendo pois hũa só a clausula da sua culpa escrita naquelle auto: *Rex*: as vozes cõ que as partes accusadoras fóra delle a encarecião, & o estrondo de argumentos exaggerava, forão as que se dão a ler no sagrado Texto, & ainda parece q̃ hoje não deixão de atroar. Vinhão elles a dizer, explicado o sentido da sua accusação, o q̃ agora expomos para o nosso intento. Em hum Reyno não póde haver dous Reys: & se este homem se faz Rey dos mesmos vassallos, que jà o tem, incorreo em crime capital: porque nòs não reconhecemos por Rey, mais que a Cesar: *Non habemus Regem, nisi Cæsarem.* Quẽ aspira a ser Rey, sem ter direito à coroa, usurpa o dominio Real, & offende esta Magestade

Matth. 27.37. Joan.19 19. Joan.19 15.

tade humana. E eſte homem tudo iſto intẽtava fazer, porque ſe
Ibid 21. conſtituhia Rey: *Rex ſum Iudæorum.* A confiſſão do reo he a mayor prova da ſua culpa, principalmente ſe conſtou della em juizo. E bem ſe ſabe, que perguntado eſte homem por Miniſtro competente, ſe era Rey: *Ergo Rex es tu:* elle o não negou: *Tu, dicis, quia Rex ſum ego.* O Julgador recto não ſó ha de attender a que ſe guarde o reſpeito devido à juſtiça; mas tambem ao que elle meſmo intereſſa, ſe o zela: & aquelle, que abſolver do crime a eſte homem, fará deſprezar o temor da pena, & provocará contra ſi a amizade del-Rey: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæſaris.* Os dãnos publicos pedem publica ſatisfação, porque a todos ſaõ nocivos: & como eſte homem não ſó aggrava a ſoberanîa de Ceſar, mas perturba a paz dos ſeus vaſſallos, ſe o naõ condenão; por iſto, & pelo mais, em que elle tem incorrido, deve morrer: *crucifigatur.*

Idem 18.37.

Idem 19.12.

19 Eſte he o ſignificado do muito que diziaõ contra Chriſto os ſeus accuſadores, quando ſe ouviaõ; havendo-ſe ſó eſcrito naquelle como auto poſthumo hũa ſó palavra, que era o corpo todo do delito: *Rex.* Aſſim o quizemos advertir, para ſe ver,

quanto

quanto as partes acre=centaõ às ſuas cauſas, fóra do que dizem nos autos, para mais criminarem os reos, quãdo nellas influe o odio, & a payxaõ. E na attençaõ do Julgador mais para as partes, q̃ para a cauſa, eſtà o perigo todo do que ha de ſer julgado. Della de=pendeo a cauſa movida contra Chriſto no tri=bunal de Pilatos, onde ſobre o crime de ſe ha=ver feito Rey, & do qual por eſcritura ſó o publicàraõ reo depois de morto; diſſeraõ o que ſabemos, ſem au=tuarem couſa algũa, ſó a fim de aggravarem o unico delito, de q̃ cui=davaõ elles o tinhaõ convencido por ſua confiſſaõ: *Rex ſum ego.* E porque Pilatos attẽ=deo mais às accuſações das partes, que à juſti=ça da cauſa; deo a mais iniqua ſentença contra o reo mais innocente, & mais juſtificado, que vio o mundo. As par=tes, que eraõ os ſeus ac=cuſadores, naõ deixa=vão de allegar contra Chriſto tudo o q̃ po=dia parecer prova da cauſa, para eſta o ſer da ſua morte. E todas as vezes, que Pilatos ſe applicava para nella deſcobrir a juſtiça, a=chava a Chriſto inno=cente. Porèm o meſmo era deixar elle de ver a cauſa, & attender às partes accuſantes, que ſair Chriſto culpado. Dizião pois os autores da cauſa, que elles ha=vião feito apprehẽſaõ na-

naquelle homem em
Luc 23. 2. flagrante delito: *Hunc invenimus ſubvertẽtem gentem noſtram, & prohibentem tributa dare Cæſari:* & ouvindo-os a elles, via Pilatos a Chriſto criminoſo. Deixava de os ouvir, para ver ſe achava na materia da cauſa a prova do que allegavão; & via a Chriſto innocente:
Ibid 4. *Nihil invenio cauſæ in hoc homine.* Voltava-ſe para os accuſadores, & tornava a ouvir novos crimes cõtra Chriſto:
Ibid. 5. *Commovet populũ:* he hum perturbador: & não ſó em hũa povoação, acrecentavão; mas pelo Reyno todo: *Per univerſam Iudæã.* Repetia as attenções da cauſa, para lhe deſcobrir a verdade; & apparecia Chriſto outra vez innocẽte: *Nullam cauſam invenio in homine iſto.* Mas, por haver jà attendido tanto às vozes dos delatores; depois de achar a Chriſto ſem culpa:
Ibid 14.
Ibid 16. *Nullam cauſam invenio: nihil cauſæ invenio:* não o queria mandar ſem emenda: *emendatum illum dimittam.* Cõ os olhos na cauſa, naõ tinha Chriſto que arguir: & com os ouvidos nas accuſações, jà achava que emendar. (Ah Julgador! Naõ te divirtas do eſtudo da cauſa, para attenderes às partes, q̃ a movẽ: olha, que fazem condenar a hũa innocencia.) Inſtavaõ os clamores do tumulto das turbas, querendo antes ver a Bar-

Barrabàs ſolto, do que a Chriſto emendado, ſe havia de ſair vivo; & Ibid. 18. bradavaõ: *Tolle hunc, & dimitte nobis Barabbam.* Acabava Pilatos de ouvir nas vozes deſte tumulto taõ gravemẽte accuſado a Chriſto, que ſe lhe preferia no livramento hũ homicida, & ladraõ publico. E inclinado terceira vez à conſideraçaõ da cauſa, lhes di- Ib. d. 22. zia: *Nullã cauſam mortis invenio in eo*: Eſtà innocente eſte homem. Serà porèm aſperamẽte reprehendido, & o mandarei livre: *Corripiam illum, & dimittã.* Ainda agora, Pilatos, o que vès neſta cauſa, he innocencia; & no meſmo tempo achas materia de reprehenſaõ? (Ah Juiz, como te vàs precipitando, aſſim como das attenções da cauſa te vàs eſquecẽdo! Naõ tires os olhos do que vès: tapa os ouvidos ao q̃ ouves.) Succediaõ a huns accuſadores outros; & clamavaõ todos pela ſentença de morte contra Chriſto: *Poſtulantes, ut crucifigeretur.* Ibid. 23. E como taõ levado Pilatos do que ouvia aos motores da accuſaçaõ de Chriſto, & taõ divertido do que lhe dizia a juſtiça da ſua cauſa; que ſentença daria cõtra elle? Aquella, para a qual o hiaõ já diſpõdo as attenções, que fazia às partes a Chriſto contrarias. Começou por emenda: *Emẽdatum illum dimittam*; paſſou

paſſou à correcçaõ: *corripiam illum*; & logo à condenaçaõ de açoutes: *flagellavit*; & finalmente à ſentença de morte: *accipite eũ vos, & crucifigite.* Digaõ agora todos os Julgadores: condenaria Pilatos a Chriſto à morte, ſe naõ attendeſſe mais à ſua accuſaçaõ, do que à cauſa, em que via a ſua innocencia: *Nullam invenio cauſam in homine iſto?*

Joan. 19. 1.

Ibid 6.

Injuria.

§. XI.

20 QUanto o ſeu perdaõ lhe tarda, tanto ella mais crece: como entaõ ſe eſtende por mais tempo, vay crecendo na medida, & creando mais vulto. E perdoada logo, naõ tẽ tempo para crecer, nẽ materia com q̃ avultar. Se a mayorîa da pena ſe mede pelo tamanho do peccado: *Pro menſura peccati erit plagarũ modus*; a medida da duraçaõ da injuria tomaſe pela detença do perdaõ. He doutrina de Chriſto dada na Cruz por exemplo; quando depois de afrontado cõ as injurias dos dous ladrões dos lados: *Improperabant ei*; logo ao pedir do perdaõ de hũ delles: *Memento mei*: reſpondeo Chriſto cõ a ſua abſolvição: *Hodie mecum eris in Paradiſo.* Entre o pedir, & o dar deſte perdão, não houve mais tempo, q̃ o

Deut. 25. 2.

Matth. 27. 44.

Luc. 23. 42.

Ibid. 43.

das

das palavras, com que ſe pedio, & ſe deo. E ainda tardou muito menos tempo o perdão das culpas de S. Pedro, quando desleal, & perjuro negou a Chriſto: *Neſcio hominem.* Em hũ ſó abrir de olhos ſe deo, conſiderão muitos, ou quaſi todos os que logo depois do *reſpexit Petrum*, vem ſeguirſe o *flevit amarè*. Aquella viſta compadecida do divino Meſtre (dizem elles) foy para abſolver dos peccados ao diſcipulo: *Reſpexit Ieſus Petrum ob ſummam ſuam miſericordiam, ut pietatis intuitu eum abſolveret à catena peccatorum.* E S. Maximo conferindo a culpa de Pedro com a culpa de Adam: *Cur Petrus citò reſurgit; Adamus verò morosè*; introduz nas ſuas conſiderações perdoado a S. Pedro por aquella viſta dos olhos de Chriſto: *Facilior negatio, quàm Adæ prævaricatio, impetravit, ſcilicet veniam.* Foy tãta a preſſa deſte perdão, que nem ainda tinha chegado a ſer pedido: & baſtou ſó pòr Chriſto os olhos em quem o devia pedir, ou ſem abrir boca o pedio: *Reſpexit Petrum.* Deſta ſorte ſe não deixão crecer as injurias, quãdo os injuriados imitão eſtes exemplos: ou reſpondendo logo com o perdão no meſmo tẽpo, que o pede hum Dimas: *Hodie mecum eris in Paradiſo:* ou ainda antes de ſe pedir, pondo

Marc. 247.

Luc. 22. 61. & 62

D Chryſoſtom. Theop. D. Hier. D. Bern. D Aug. apud Sylveir. in Euãg. Mt.

Ibid.

pondo ſó os olhos em Pedro, que ſó viſto o eſtá pedindo: *Reſpexit Petrum: flevit amarè.*

21 E aſſim o ſazem os injuriados do mũdo? Apagaõ deſte modo as ſuas injurias, dãdo logo o perdaõ dellas, quãdo lho pedem: ou baſtãdo ſó entenderem, que lho eſtaõ pedindo? O q̃ nòs ſabemos, he, que Deos iſſo quer: & q̃ poſto da parte dos que ſofrèraõ algũa injuria, & ouviraõ dizer contra ſi algum *Fatue*, naõ aceita os ſacrificios de quem o diſſe, ſem primeiro ir elle apagar no roſto do que o ouvio a injuria, que lhe fez: *Vade priùs reconciliari fratri.* Eſta afronta era no meſmo tempo offẽſa de Deos, & do proximo afrontado: aſſim como era deſamor do proximo, tambem naõ era amor de Deos. E zela Deos tanto o deſaggravo do noſſo proximo deſte modo offendido; que para ſer ſatisfeita a ſua offenſa, quer primeiro ver apagada a offenſa do aggravado: *Vade priùs reconciliari fratri: & tunc veniens offeres munus tuum.* Que coraçaõ de pedra ſerà logo o daquelle injuriado, que pedindolhe o aggreſſor o perdaõ de hum *Fatue*; & ſabendo, que em quãto Deos o manda a elle a pedir o perdaõ para ſi, tambem parece que o pede para o meſmo; ſeja taõ obſtinado, q̃ ao proximo negue o perdão, & a Deos não faça a von-

Matth. 5. 22.

Ibid. 24.

tade ? Pois isto he o q̃ faz, quem retarda o perdão das suas injurias : fecha as portas do coração a quem lho pede,& as dos ouvidos a Deos,que manda lho và pedir : *Vade reconciliari fratri.* No mesmo tempo , em que diz ao seu proximo, q̃ lhe naõ quer perdoar , tãbem fica dizendo o mesmo a Deos,q̃ por seu mandado vay elle a pedir o perdaõ. No mesmo tẽpo,em que Deos quer, que o injuriado veja primeiro a sua satisfação no aggressor ajoelhado aos seus pés: *Vade priùs reconciliari ;* & depois prostrado diãte dos seus altares sacrificandolhe a sua : *Tunc veniens offeres munus tuum ;* elle não quer hũa satisfação , ainda sendo a primeira ; nem tem respeito à outra , que para seu bem,quer Deos q̃ seja a segunda : *Vade priùs reconciliari: & tunc veniens offeres munus tuum.*

22 As nodoas das injurias tanto tempo durão no rosto dos injuriados , quanto elles detem o perdão dellas aos que lho pedem. Podendo com a sua propria mão apagar , ou matar aquelles borrões,que lhe manchão a face ; porque querẽ, a deixão ficar afrontada ; conservando antes o aggravo , do q̃ franqueando o perdão. Cõ hum só acto de misericordia humana poderião elles imitar o que David pedia à Misericordia

cordia divina. Já ſuppomos, que do modo q̃ póde ſer, afrontão as noſſas culpas ao roſto de Deos. He conſideração da piedade chriſtãa, & hum contẽplativo a inſinuou vẽdo cuberto o roſto de Chriſto pelos meſmos, que o afrontavão: *Cœperunt velare faciem ejus.* Diz pois, que por não verẽ nelle as ſuas culpas como ſeus accuſadores, a ſua perfidia lhe corria aquelle veo: *Veſanus furor accuſatorem turpitudinis ſuæ ſpeculum velo interpoſito tegit.* Repreſentavão-ſe no roſto de Chriſto, como em eſpelho, as meſmas culpas dos que o afrõtavão: *Turpitudinis ſuæ ſpeculum;* & para as não verem os ſeus olhos, cobrião o eſpelho, que lhas moſtrava: *Velo interpoſito tegunt.* E admittida eſta ſuppoſição, podião imitar ao q̃ pedia David a Deos, todos os afrõtados dos homẽs. Pedindolhe elle, que lhe perdoaſſe as ſuas culpas, lhe vinha a dizer, que ſendo por ſua miſericordia perdoadas, divertiſſe da divina face as afrontas, q̃ nella reſultavaõ, quãdo cõmettidas: *Averte faciem tuã à peccatis meis.* Se naõ quereis vervos afrontado por mim, perdoaime vòs. Na propria voſſa maõ eſtà apagar, & lavar eſtas afrontas em vòs, lavãdo, & apagando as minhas culpas em mim: *Dele iniquitatem meam: lava me ab iniquitate mea.*

Marc. 14. 65.

Aloyſ. Juglar. in Elog. Chriſt.

Pſalm. 50. 11.

Ibid. 3. & 4.

mea. Pois, porque naõ faremos nòs, quando nos afrontarem as injurias dos homens, o que David eſperava de Deos, quando elle o afrontava com as ſuas culpas? Ou ſeja, divertindo nòs o noſſo roſto das injurias, naõ olhando mais para os noſſos aggravos: *Averte faciem?* Ou ſeja, apagando as afrontas do roſto, perdoando as noſſas injurias: *Dele iniquitatem?* Porèm imitando elles eſte exẽplo, naõ haõ de ſeguir o que davaõ os deſprezadores de Chriſto na noite das ſuas injurias: naõ as haõ de diſſimular, aſſim como aquelles ſó as encobriaõ: *Cœperunt velare faciẽ.* Iſſo entaõ ſerà conſervar ainda as afrontas no roſto dos afrontados, & naõ apagarlhes as nodoas: ſerà diſſimulallas com hũ veo: *Velo interpoſito.*

Inferno.

§. XII.

23 SEr a elle condenado, antes do juizo, póde ſer para bem, ou para mal do condenado. De dous modos póde haver cõdenaçaõ do inferno, ſẽ lhe preceder juizo: ou quando hum conhecẽdo a deformidade de ſuas culpas, elle meſmo ſe condena àquella pena: ou quando, ſem preceder aquelle conhecimẽto, as ſuas meſmas culpas o cõdenaõ a elle.

elle. O primeiro modo, he para bem do condenado; porq̃ humilde, confuſo, & arrepẽdido diante de Deos, elle ſe dà a ſi meſmo eſta ſentença, & confeſſa indigno da ſua viſta. Faz eſte o que fazem todos aq̃uelles, que na ſua cõſideraçaõ acabaõ a vida antes de morrer: tambem eſtes anticipando aſſim a ſua morte, melhorão a vida. O ſegundo modo da condenação ao inferno, he o dos arguidos por ſuas culpas, quando ellas meſmas os ſentenceão, ou lembradas, ou repetidas. E he eſte modo para mal dos taes condenados; porque ouvindo aquella ſentença dada pelos ſeus meſmos peccados; ou a deſprezão, ou nem cõ ella ſe emendão: & não póde ſer mayor o ſeu mal. Ninguem duvîda, que andão entre nòs eſtas duas claſſes de cõdenados ao inferno: os condenados por ſi meſmos; & cõ a fortuna, q̃ lhes grangea a ſua humildade: & os condenados por ſuas proprias culpas; & por deſgraça ſua, ſẽ os intimidar aquella ſentença. Entre vòs eſtà o Reyno de Deos: *Regnum Dei intra vos eſt*, diſſe Chriſto aos que por elle lhe perguntàrão: *Quando venit Regnum Dei?* E ſem accommodação noſſa violenta, podemos dizer, que tãbem entre nòs tem o demonio o ſeu reyno. O Reyno de Deos, de q̃ falla Luc. 17. 21. Ibid 20

Chriſto, he a ſua graça, ſe quizermos cooperar com ella: na noſſa võtade eſtà reynarmos cõ Deos, diz hum dos cõmentos deſta Eſcritura. *In voluntatis arbitrio poſitum eſt accipere Regnum Dei.* E aquelles, q̃ voluntariamente por confuſaõ das ſuas culpas ſe reputão condenados ao inferno, cooperando aſſim com a divina graça; eſſes ſaõ do numero dos q̃ reynão com Deos neſte mundo: dos q̃ *Voluntatis arbitrio accipiunt Regnũ Dei.* E pelo contrario: os que accuſados por ſentença das ſuas meſmas culpas ſe conſiderão convencidos, & por conſequencia ao inferno condenados; eſtes ſaõ dos q̃ ſe póde dizer: *Regnum dæmonis intra vos eſt.* Como não cooperão com a divina graça, no que conſiſte o reynar com Deos: *Si videlicet Chriſti gratiam amplecti, illique cooperari velitis*; pertencem ao reynado do demonio: *Regnum dæmonis eſt intra illos.* Nem ſeja reparo, haver entre nòs reynados tão oppoſtos: o de Deos, & o do demonio; ſendo o dominio todo de Deos, & elle o ſupremo, & abſoluto Senhor de tudo. Como ſẽpre eſtamos na noſſa liberdade, & o Reyno de Deos, de q̃ fallamos: *in voluntatis arbitrio poſitum eſt*; aſſim como podemos cooperar cõ a graça, & reynar com Deos; podemos reynar com

Tit. ap. Cornel. hic.

Cornel. hic.

cõ o demonio, por não querermos *Gratiam amplecti, illique cooperari.* Expreſſa temos eſta verdade nas dez Virgẽs da Parabola, prudẽtes, & imprudentes; & em todas o Reyno de Deos
Matth. 25. 1. repreſẽtado: *Simile erit Regnum Cælorũ decem virginibus.* Cinco deſtas entràrão no Reyno do
Ibid. 10. Ceo, como ſe infere do *intraverunt ad nuptias*; & as outras cinco ficàrão fóra delle, & tanto monta como no do inferno, porq̃ iſſo ſe entende no
Ibid. *Clauſa eſt janua.* Aſſim meſmo reſponde S. Gregorio ao reparo, que podia fazer duvidoſa a doutrina deſta Parabola; & faz eſta pergũta. Como na ſemelhança do Reyno do Ceo ſe conſiderão huns eſcolhidos ſignificados nas cinco Virgens prudentes, & outros reprovados nas cinco imprudentes; cõſtando que no Reyno do Ceo nenhum deſtes tem aſſento: *Reproborũ nullus ingreditur?* E porque o Reyno do Ceo, de que falla o Euangelho, he a Igreja de Chriſto: *Regnum Cælorum præſentis temporis Eccleſia dicitur*; nella ſe achão, & neſte Reyno de Deos vivem juntos eſcolhidos, & reprovados, conclue, & reſponde o meſmo Sãto: *Mali cum bonis, & reprobi cum electis admixti ſunt.*

S. Greg. hom 12 in Euãg.

Idem S. Greg.

24 Dos reprovados imos nòs entendendo o noſſo diſcurſo, & fazẽdo a diſtinção jà inſi-

nuada entre reprovados por ſi meſmos, & reprovados pelas ſuas culpas: entre aquelles, que por virtude ſua ſe condenão,& ſentẽceão ao inferno; & os outros, aos quaes condenão,& dão a meſma ſẽtença os ſeus peccados. E não diſcorremos aſſim, para pararmos ſó neſtas eſpeculações: paſſamos a ver, quaes ſaõ eſtes condenados, & o que devem fazer outros,para o não ſerẽ. Os que olhando para os ſeus peccados imitão ao Publicano,hum daquelles dous,que foraõ a orar ao Templo; & que nem para o Ceo ſe atrevia abrir os olhos:*Nec oculos ad Cælum levare*; eſtes ſaõ do numero dos que humilhados,& confuſos por ſeus peccados, ſe condenaõ, & reputaõ indignos do Reyno de Deos. Juſtamente ſe acha merecedor do inferno, quem nẽ olhos tem, para olhar para o Ceo:*Nec oculos ad Cælum levat.* E ſeraõ muitos os deſte numero? Reſpõdaõ primeiro os que ouvem eſta pergunta, & digaõ, ſe olhãdo para os ſeus peccados tem animo para ſe ſentenciarem, como o outro dos condenados por ſi meſmos, q̃ dizia: *Non ſum dignus vocari filius tuus.* Deſmerecida tenho a graça de Deos(q̃ na uniaõ daquelle filho com ſeu pay reconhecem os q̃ diſcorrem eſta confiſſaõ)& por iſſo dizia, q̃ da

Luc.18. 13.

Luc.15. 21.

da ſua viſta, & companhia não era merecedor: *Non ſum dignus.* E reſpondendo nòs à pergunta já feita (ſeraõ muitos os do numero dos que ſe condenaõ a ſi meſmos) dizemos, q̃ mayor he o numero dos que ſe naõ condenaõ: dos que fogem à condenaçaõ dos ſeus peccados. E he o q̃ vemos, quando metendo Chriſto neſte exame aos muitos, que accuſavaõ a adultera: *Qui ſine peccato eſt veſtrûm, primus in illam lapidem mittat:* naõ houve hum ſó, que olhaſſe para a fealdade dos ſeus peccados, & ſe condenaſſe a ſi meſmo, depois delles viſtos: todos, em chegando aos ver eſcritos, lhes deraõ as coſtas: *Unus poſt unum exibant,* como ſe commenta aquelle *Digito ſcribebat in terra*, com que Chriſto os queria confundir. De maneira, que do numero dos condenados por ſi meſmos; hum Publicano humilde, *nec oculos ad Cælum levando:* hum Prodigo arrependido, *Non ſum dignus vocari filius tuus.* E dos condenados por ſuas culpas, huns apos de outros: *Unus poſt unum.*

Joan. 8. 7.

Ibid. 9.

Ibid. 6.

25 Até aqui aquelle inferno, que he condenaçaõ: ou o inferno, a que livremente ſe cõdenaõ huns por ſua humildade, & conhecimento proprio: ou o inferno dos que violentados por força das ſuas culpas ſaõ a elle con-

cõdenados. Agora tratamos de outro inferno, ſem lhe preceder condenaçaõ algũa, nem a voluntaria dos humildes, nem a violenta dos culpados: aquelle inferno, queremos dizer, que muitos para ſi meſmos fazem, & ſẽ antes advertirem, nelle ſe achaõ. E tambem a eſte, como aos outros dous, naõ precede juizo: & ſempre he para mal dos que ſe achão nelle. Taes ſaõ, os que como Job (aindaque em diverſo ſentido) tẽ o inferno de caſa: *Infernus, domus mea eſt*: ſem ſe accõmodar cõ ſemelhança forçada hũ inferno a outro inferno; o dos tormẽtos da caſa de Job ao da caſa deſtes atormentados.

Job 17. 13.

Porque ſe Job achou, que viveria em hũ inferno, conſiderando ſofrer elle as ſuas penas no exercicio da paciẽcia: *Si ſuſtinuero, infernus domus mea eſt*; quãto ſe pareceráõ aquellas penas às fomentadas por outras payxões humanas mais proprias do inferno, que o ſofrimento de Job: *Si ſuſtinuero?* Tomemos hũa para medida das mais; & todas ficaráõ medidas: tomemos a payxaõ ſenſual, q̃ tãto he mais de caſa, mais atormenta. Quem haverà, que a ſofra: *Qui ſuſtineat*; & lhe naõ pareça hum inferno a ſua caſa: *Domus infernus?* Faça elle o exame, que fazia Job: dè hũa volta à ſua caſa, & logo

logo verà o inferno, em que vive, ſem até alli ter advertido em taõ tormentoſa vida. Logo verà, que aquella diabolica payxaõ o traz taõ inquieto, q̃ as horas da noite tomadas para o ſeu deſordenado deſcanço; eſſas lhe dobraõ o tormento. *Cogitationes meæ noctẽ verterunt in diem*, dizia Job: & o commento deſta ſua dor, que neceſſita de explicaçaõ, para moſtrar, como os cuidados, que fazẽ da noite dia, ainda ſaõ cuidados, que atormẽtão: *Torquentes cor*; diz que de tal modo eraõ pezados, que tanto deſvelavaõ a Job de noite, como de dia: *Faciunt me noctu æquè, ac die vigilare*. E que mayor inferno para eſta vida, q̃ ſer pena o cuidado, q̃ havia de dar alivio? Atormentar aquelle cuidado, que faz da noite dia: *Noctem verterunt in diem?* Mas eſtes ſaõ os dias do inferno, taõ atormentadores, como as ſuas noites: *noctu æquè, ac die vigilare*. E eſtes dias noites: ou noites, ainda quãdo ſaõ dias; ſaõ os da vida daquelles, que tem o inferno em ſua caſa. Job o entendia aſſim, moleſtado ſó dos cuidados da ſua paciencia: *Si ſuſtinuero*. E iſto meſmo, & ainda com mais pezado ſofrimento, experimẽtaõ todos os atormentados da ſenſualidade caſeira; he para elles a ſua caſa hum inferno: *domus, infernus*; ſe

Ibid. 11. & 12.

Tirin. in lib. Job hic.

ſe tem maõ nos deſordenados deſvelos, que lha inquietaõ: *ſi ſuſtineant.* E paſſando do tormento deſtes cuidados aos dos pays, & parentes da meſma caſa: à podridaõ, quero dizer, que os repreſenta: Prov. 17. 14. *Putredini dixi: pater meus es: mater mea, & ſoror mea, vermibus;* perguntemos, que caſa he eſta taõ parecida cõ o inferno? Ou que inferno tanto de caſa, como eſte? Jà, ſe aos taes parentes ajuntarmos os que Job naõ individuou; ſe ajuntarmos a mulher, & mais os filhos; ainda o inferno he mayor, porq̃ entaõ he mayor a caſa. Tambem entaõ podemos accommodar com Job ao dono, & ſenhor deſta caſa, o que elle conſiderou na ſua: *Putredini dicens, uxor mea es: & nati mei, vermibus.* E ainda com mais propriedade ſe póde dizer da caſa de hum deſtes, o que nòs imos dizendo da caſa de Job. Elle foy accommodãdo ao inferno a ſua caſa: *Infernus, domus mea: putredini dixi &c.* E nòs accommodamos a caſa ao inferno: achamos primeiro a caſa arruinada, & tambem acrecentada com mulher, & filhos; & entaõ a todos chamamos podridaõ: *Putredini diximus.* Job em ſua caſa ſubſtituhia no lugar dos conſanguineos, que o haviaõ deixado: *Pro parentibus, & cognatis, qui me deſerunt;* os que Idem Trin. ibid.

hia

hia nomeando: *Alij me propinqui excipient, putredo, & vermes.* E nòs naquella caſa, que por imitaçaõ da ſua temos arruinado, naõ lhe conſideramos huns parentes ſubſtitutos de outros; os da podridaõ pelos da geraçaõ. Toda a parentela he a meſma: *putredo*; & o inferno he toda a caſa: *domus, infernus.*

Juizo.

§. XIII.

26 O Que cada hũ faz de ſi meſmo acrecenta o temor ao juizo, que Deos delle faz. Iſto he em ſumma o que podemos entender daquella ſentẽça: *De ore tuo te judico.* Luc. 19. 22. Eu jà ſey (diz Deos a cada hũ de nòs, & nos ha de dizer no dia do Juizo) tudo o que tens commettido contra a minha ley. E ſobre o temor do que eu ſey, & do meu juizo, deves tu tambem temer o teu juizo, & o que tu ſabes. He doutrina, que tiramos da Parabola daquelle Servo, que offendeo ao Senhor por lhe naõ grangear mais moedas, com a que elle lhe deu para negociar. *Ecce mna tua* (ou tambem *talentum tuũ*: eis-ahi o voſſo dinheiro, diſſe eſte Servo, deſculpando ſe com o Senhor, de naõ haver lucrado com elle couſa algũa) *quam habui repoſitam in ſudario.* E naõ negociey cõ ella, porq̃ Luc 19. 20 Corn. hic.

temi

temi a voſſa condiçaõ, ꝙ ſey he de intereſſar,
Ibid. 21. ſem arriſcar : *Timui te, quia homo auſterus es: tolis quod non poſuiſti, & metis quod non ſeminaſti.* Pois mais me devias temer, reſpondeo o Senhor, por iſſo meſmo, que tu dizes foy o motivo de me temeres. Porque acrecentando tu ao que eu ſey de ti:
Ibid. 22. *Serve nequam*, o que tu de mim ſabes: *Sciebas quòd ego homo auſterus ſum*; devias temer o meu juizo, & mais o teu: a ſentença da minha boca, & mais a da tua: *de ore tuo.* E he o meſmo, que por boa accommodaçaõ podemos dizer com Job, quando nos quizeſſemos deſculpar a Deos
Job 9. 20. das noſſas omiſſões: *Si juſtificare me voluero, os meum condemnabit me.* Havemos de temer a Deos, & mais a nòs: a Deos, condenando a cada hum de nòs pelo que de nòs elle ſabe: *Serve nequam*; & a nòs pelo que cada hum diz contra ſi, quando quer deſculpar o que de ſi ſabe: *Condemnando ſe, quando juſtificat ſe.* Tenho dito, que iſto meſmo havemos de ouvir a Deos no dia do Juizo; porque tãbem naquelle dia devemos temer a ſua ſentença, & mais a noſſa: o noſſo juizo, & mais o ſeu. Naquelle dia ha de verſe a Cruz de Chriſto, na qual todos foraõ remidos: *Parebit ſignũ Filij hominis.* Matth. 24. 30. E ſendo entaõ aquelle final formidavel

midavel a todos os homens; ainda o ha de ſer mais aos que nelle (aos que na Cruz de Chriſto, quero dizer) vivèrão crucificados com S. Paulo: *confixus Cruci*: entendendo, que aſſim como he Cruz, foy tãbem balança: *Statera facta corporis Eccleſiæ.* Põdo entaõ os outros os olhos na Cruz de Chriſto, haõ de temella, como balança poſta na maõ de Deos; & os ſeus crucificados tambem a haõ de temer, como balança poſta nas ſuas mãos. Todos os que ſe abraçàraõ em vida cõ aquella Cruz, vivèraõ dẽtro dos braços da balança: & porque vivèraõ taõ chegados ao ſeu fiel, naõ commettiaõ culpa algũa, que naõ foſſe logo pezo da balança, aſſim como era aggravo da Cruz. E por iſſo naõ ſó Deos os ha de pezar a elles; mas tambem elles haõ de ir de cà por ſi meſmos jà pezados: & poderà entaõ dizer Deos a cada hum: *Ex pondere tuo*: aſſim como jà nos tem dito: *De ore tuo te judico.*

Ad Gal. 2. 19.

PA=

PALAVRA DE DEOS Deſatada.

L.

Luminoſos.

§. I.

1 OS que melhor luzem em ſi, eſſes attendem mais às luzes dos outros. E quanto mayor he a ſua luz propria, tanto mais eſtimaõ o eſplendor da alhea. Chriſto, luz puriſſima, & o mayor Luminoſo do mundo: *Sol Juſtitiæ*: vendo ao diſcipulo, que o negou, & tãbem era hũa das luzes do mũdo: *Vos eſtis lux mundi*, desluſtrado com as ſombras da culpa, logo poz nelle os olhos: *Reſpexit Petrũ*: & fez que pelo arrepẽdimento da negaçaõ luziſſe de novo eſta luz jà apagada: *Egreſſus flevit*. Sendo olhado por

Malach. 4. 2.

Matth. 5. 14.

Luc. 22. 61.

Ibid. 62

por quem era luz, naõ podia perſeverar em trevas, diſſe S. Jeronymo: *Fieri non poterat, ut in negationis tenebris permaneret, quẽ lux reſpexerat mundo.* Todo o luminoſo, ou luzido do mundo, q̃ naõ faz iſto meſmo, moſtra q̃ em ſi naõ he grãde luz; porq̃ o naõ he para as luzes dos outros. Naõ he como o Sol: em ſi o mayor luminoſo: *luminare maius*, & creado para fazer luzir o dia: *ut præeſſet diei.* Quem ſe agrada de ver apagadas as luzes alheas, aſſõbra as ſuas proprias. Aſſim o moſtra a differẽça, q̃ ha entre a luz dos olhos humanos, & a dos olhos divinos. Os olhos humanos, quando os perturba algũ mao affecto, agradaõſe de ver ſem luzimẽto ao inimigo, & eſcurece-os a vingança: a meſma ſõbra, q̃ he eſcuro véo para a luz do inimigo; tãbem o fica ſendo para a ſua luz. E naõ ſaõ aſſim os olhos divinos: ainda depois de ter Pedro aggravado cõ a negaçaõ a Chriſto: *Nõ novi hominẽ*, naõ conſentio a luz do divino Meſtre ver eſcurecida a luz do diſcipulo: *reſpexit Petrũ.*

S. Hier. apud Corn. hic.

Gen. 1. 16.

Matth. 26. 72.

2 Por iſſo Job ſe admirava, de q̃ os olhos de Deos ſe pareceſſẽ cõ os dos homẽs; pois o deixavaõ padecer os eclipſes da ſua fortuna. *Nũquid oculi carnei tibi ſũt: aut ſicut videt homo, & tu videbis*, lhe dizia, quando ſe conſiderava ſem luz no mundo, vi-

Job 10. 4.

vendo nelle antes taõ luzido. Como cria, q̃ a luz de taõ benignos olhos lhe naõ podia faltar; no meſmo tẽpo, em q̃ via eſcurecido o eſplendor de ſua caſa, eſperava a reſtituiçaõ de
Job 17. 12. ſua luz: *Poſt tenebras ſpero lucem.* Grãde conſolaçaõ eſta para o vaſſallo, & para o ſubdito, q̃ olhando para o ſeu Rey, & para o ſeu Prelado, os virem luminoſos purificados de ſombras. Seguramente pódẽ eſperar pela ſua luz reſtituida, aindaq̃ por algũ tẽpo a tenhaõ mortificada. A reflexaõ, q̃ fazemos ſobre os grãdes luminoſos Secular, & Eccleſiaſtico, eſtà confirmada com o oleo da unçaõ antiga dos Reys, q̃ da cabeça lhes cahia nos olhos. Como o oleo ſerve para haver luz; devẽ ſempre andar alumiados os olhos dos luminoſos Superiores, para tambem o andarẽ os dos Subditos. Paraq̃ os experimentados como Job, & os cahidos como Pedro, entendaõ, q̃ tem Superior para os tirar das trevas: *poſt tenebras lucem*; & para lhes pòr os olhos: *Converſus Dñus reſpexit.*

Lucro.

§. II.

3 PAra ſer grãde o noſſo, ha de entrar Deos com o ſeu; o noſſo no intereſſe, & o de Deos na honra. Aſſim podemos conſiderar, q̃ o vinha a dizer S. Pedro a Chriſto, diſpõdo

do em hũa occaſiaõ os lãços da ſua rede, & os lucros do ſeu trabalho.
Luc.5.5. *In verbo tuo laxabo rete*, diſſe o diſcipulo ao Divino Meſtre. Ha de ſer para gloria voſſa : *in verbo tuo*, o q̃ eu intereſſar neſte lanço: *laxabo rete*. Ambos entravaõ no meſmo partido, Deos,& Pedro; Deos a ſair glorioſo, & Pedro a ficar rico. Aſſim como, ſe a rede ſe recolheſſe ſem peixe,ambos hiaõ a perder ; Deos a falta da ſua palavra,em q̃ confiava Pedro : *in verbo tuo* ; & Pedro a falta da peſcaria,q̃ Deos promettia à ſua rede : *laxabo rete*. O q̃ S. Pedro fez naquella occaſiaõ, fazemos nòs em muitas : a noſſa meſma attençaõ da honra de Deos,he tãbem eſtimulo do noſſo proveito. Nòs, & mais Deos lucramos juntamẽte: nòs, em gozarmos o bem,q̃ elle nos dà;& Deos em ſe agradar de nòs lhe pedirmos eſſe bem. Por iſſo nos diz : *Petite, & accipietis : pulſate, & aperietur vobis*. Se Deos dà,porq̃ lhe pedimos,a noſſa petiçaõ he o que elle quer ; a ſua liberalidade he o q̃ nòs queremos. E ſe abre, porq̃ nòs batemos ; o noſſo bater he o ſeu agradar; &o ſeu abrir he o noſſo gozar. Sẽpre temos lucro,porq̃ Deos o tem : nòs no gozo do q̃ pedimos, & Deos na gloria do q̃ dà. Tudo cõprehendeo S. Agoſtinho em duas palavras : *Aſcendit precatio : deſcendit*

Joan. 16.24. Matth. 7.7.

S. Aug. lib. de ſalutaribus monitis,ap. Corn.hic

ſcendit miſeratio. O que vay de nòs para Deos, he para vir de Deos para nòs; & o q̃ vem de Deos para nòs, he noſſo bẽ, & gloria ſua. No dia do ſeu nacimento, quando o bem da paz vinha, & era para os homens: *In terra pax hominibus*, o bẽ da gloria era para Deos, & eſtava em Deos: *Gloria in altiſſimis Deo.* Naõ gozavaõ os homens hum bẽ, ſem Deos gozar outro: a noſſa paz era o motivo da ſua gloria; & a ſua gloria o agrado da noſſa paz. E eſte bẽ havia jà ſubido da terra nos noſſos deſejos: *Aſcendit precatio*, quando do Ceo nos veyo na cõmiſeraçaõ de Deos: *Deſcendit miſeratio.* Bẽ eſtava Jacob neſtes lucros reciprocos entre Deos, & os homẽs, quãdo dizia: *Si Deus dederit mihi panem, erit mihi Dominus in Deum.* Se Deos me der o paõ para minha caſa, ella o reconhecerà por ſeu Deos. Deſta ſorte ambos lucravaõ: Jacob o paõ, q̃ Deos lhe havia de dar; & Deos a adoraçaõ, q̃ Jacob lhe promettia. Naõ intereſſava Deos ſem Jacob, nẽ Jacob ſem Deos. Jacob em Deos lhe dar de comer: *Si dederit panem*, & Deos em Jacob o adorar: *Erit mihi in Deũ.* Nem ſaõ ſó os homẽs os q̃ chamaõ a Deos para lucrarẽ cõ elle, como fez Jacob: tambem Deos chama aos homẽs para com elles lucrar, como diz Zacarias:

Luc. 2. 14.

Ibid.

Gen. 28 20. & 21.

Con-

Zach. 1.3. *Convertimini ad me, & cõvertar ad vos*, nos diz Deos por eſte Profeta. Aſſim como a averſaõ do peccado faz perder a Deos as noſſas almas, q̃ quer para ſi; & que percamos nòs a Deos, a quem queremos para nòs: a cõverſaõ da graça faz recuperar para Deos a noſſa viſta, & para nòs a viſta de Deos. Lucra Deos a viſta dos noſſos olhos: *Convertimini ad me*; porq̃ no meſmo tẽpo lucramos nòs a viſta dos ſeus: *Convertar ad vos*. Tudo o q̃ a incredulidade de Thomè teve de averſaõ do divino Meſtre, teve tambem de deſuniaõ de ambos os corações: do ſeu coraçaõ, & do coraçaõ de Chriſto. E como o que Deos nos pede, he o noſſo coraçaõ: *Præbe fili mi cor tuum mihi*: na hora, em que Thomè ſe voltou para Chriſto, crendo o que naõ queria crer, ficàraõ outra vez unidos os dous corações. O de Chriſto entregue a Thomè: *Mitte manum tuam in latus meũ*; & o de Thomè entregue a Chriſto: *Præbe mihi cor tuum*. No meſmo tempo lucravaõ ambos o coraçaõ de cada hum: o Meſtre o coraçaõ do diſcipulo: *Præbe mihi cor*; & o diſcipulo o coraçaõ do Meſtre: *Mitte manum in latus*.

Prov. 23.26.

Joan. 20.27.

(?)

Lingua.

§. III.

4 SE he mà, ou a havemos de temer, como a morte, ou nos havemos de valer da morte, para a naõ temer. Para a temermos como a morte, temos hũa ſentença dos Proverbios, que naõ ſó a faz temida, porque mata; mas tãbem porque para matar, tem maõ: *Mors in manu linguæ.* Nunca matàra a eſpada, ſe a naõ moveſſe a maõ: & a lingua ſempre mata; porque ſempre tem maõ, que a mova: *Mors in manu linguæ.* Quando David ſe conſiderava vingado de ſeus inimigos pela maõ da eſpada: *Tradentur in manus gladij;* naõ era, porque a eſpada tiveſſe maõ, ou houveſſe maõ, que foſſe eſpada. Era, porque Deos, que vingava a David de ſeus perſeguidores, movia as mãos dos que tomava por inſtrumentos para o vingar. A mà lingua porèm, naõ neceſſita de maõ alhea, nẽ de que lhe metaõ a eſpada na maõ, para fazer a ſua morte. A ſua eſpada eſtà na ſua maõ: & ella meſma he a ſua eſpada. A ſua maõ, diz o melhor cõmento, he aquella faculdade, ou liberdade, de q uſa, quando quer, para cortar, ferir, & matar. *In poteſtate, & arbitrio linguæ eſt, mortem, prout illi*

Pſalm. 62. 11.

Prov. 18. 21.

Auct. Caten. Græc. apud Corn. hic.

illi libuerit, afferre. E por iſſo o meſmo he dizer: *Mors in manu linguæ*, que entender: *Mors in poteſtate linguæ ſita eſt.* E a ſua eſpada, conſidera Santo Agoſtinho, he a meſma lingua: com eſta eſpada, diz elle, tiràraõ a vida a Chriſto os ſeus inimigos: *Vos, ô Judæi, eum occidiſtis gladio linguæ.* E ſe quereis ſaber, quãdo lhe déſtes a morte: foy, quãdo *Acuiſtis linguas veſtras, & clamaſtis: crucifige, crucifige.* Cõ razaõ pois ſe ha de temer a mà lingua, como a morte; ſe a ſua eſpada he a meſma lingua, & ella meſma he a maõ da eſpada. Se eſtà na ſua maõ a eſpada para matar: *Mors in poteſtate linguæ ſita eſt.*

S. Aug. tract. ſuper Pſalm.

Ibid.

5 Hũa das razões, que fazem horrivel a morte, de que morrẽ os corpos; he ſer aquella morte por huma ſó vez: *Statutum eſt ſemel mori*; he, por naõ morrermos ſegunda vez, para emendarmos os erros, com que nos achamos na primeira. E por eſta razaõ, he para ſer muito mais temida a morte dos que mata a lingua. Como eſta eſpada mata quando quer: *prout illi libet:* não ſó mata muitas vezes; mas ainda aos que jà matou, torna a matar. Os ſeus mortos não eſtão livres de tornarem a morrer: & nem os meſmos defuntos da morte do corpo deixão de ſer outras vezes mortos da

Ad Heb. 9. 27.

lingua. E iſſo, ainda depois de emendados os que hũa vez jà matou. Poſtoque os mortos da lingua emendem aquelles erros, que ella jà apontou com a ſua mão; & ſarem das feridas, que a primeira vez deo eſta eſpada; não lhes val a emenda dos erros, nem a cura das feridas da primeira morte, para deixarem de ſer notados da meſma mão, & cortados pela meſma eſpada em mais outras mortes. Finalmente os mortos do corpo poderião emendarſe, ſe morreſſem ſegunda vez; porque a emenda dos erros paſſados eſtava na ſua mão. E os mortos pela lingua não deixão de morrer muitas vezes, ainda depois de emendados; porque a ſua morte eſtà na mão da lingua: *Mors in manu linguæ.* Outra razão, com que muito nos intimida a morte do corpo, he a incerteza do ſeu tempo; he não ſabermos, quando ſerà a ſua hora. E por eſta circunſtancia ainda he para temermos mais a hora da morte da lingua: a hora em que nos fere, & mata eſta eſpada. A incerteza da morte do corpo não eſtà ſem hũa certeza: poſtoque nòs não ſabemos, quãdo ſerà a hora da morte; ſabemos comtudo, que ha de chegar eſta hora. A incerteza porèm da morte da lingua nenhuma certeza tem;

tem ; nem ſabemos quando nos ha de matar eſta eſpada ; nem ſabemos ſe nos mata, ou quando nos mata. No meſmo tempo, em que a lingua louvava a Chriſto, & dizia naõ haver verdade como a ſua : *Scimus quia verax es, & in veritate doces:* com a meſma verdade queria depois provar que elle condenava a impoſiçaõ do tributo de Ceſar : era tramoya, & parecia louvor. No meſmo tempo, em que zelava a obſervancia da ley contra os adulteros : *Hæc mulier modò deprehenſa eſt in adulterio ; & lex jubet hujuſmodi lapidare* ; tentava a clemencia, & juſtiça de Chriſto : era laço, & parecia zelo.

Matth. 22. 16.

Joan. 8. 4. & 5.

No meſmo tempo, em que promettia adoraçõens ao novo Rey nacido em Belèm : *Ite, interrogate diligenter de puero ; & renuntiate mihi, ut & ego veniens adorem eum* : diſpunha a morte do meſmo Rey ; era engano, & parecia culto. E haverà quem naõ tema a morte dada pelà maõ da lingua : *Mors in manu linguæ ?*

Matth. 28.

6 Só para ſe naõ temer eſta morte, ſe ha de morrer de outra : daquella que faz acabar a vida antes de morrer. Os que morrem ao mundo, & tratãõ de viver para Deos, eſſes ſaõ os que antes da morte acabaõ a vida, & os que naõ devem temer a morte da lingua.

lingua. Como vivem no Paraiſo da Religiaõ, onde ſe recolhem; naõ tem que temer, nem o pezo da maõ da lingua, nem os fios deſta eſpada. O mayor exemplar dos que acabaõ a vida antes de morrer, foy o grande Elias; ainda hoje vivo, & deſapparecido, como morto. E ſe ainda agora houveſſe algũa lingua, que lidas as ſuas reſoluções com a ignorancia de ſerem ordenadas por Deos, o murmuraſſe de arrogante, quando diſſe em Galaad, que por largos annos naõ havia de dar o Ceo agua, como elle o tinha dito: 3. Reg. 17.1. *Vivit Dominus, ſi erit annis his ros & pluvia, niſi juxta oris mei verba.* Se houveſſe lingua, que o julgaſſe mais amigo das commodidades proprias, que das alheyas; quando mandou à viuva de Sarephta, que primeiro lhe déſſe a elle do pouco paõ, que tinha para comer, do que o repartiſſe entre ſi, & ſeu filho: *Primùm panem parvulum affer ad me: tibi autem, & filio tuo facies poſteà.* Ibid. 13. Se houveſſe lingua, que o publicaſſe cruel, quando com a ſua propria maõ tirou a vida a hũ grande numero dos profetas de Baal: *Duxit eos ad torrentem Ciſon, & interfecit eos.* 3. Reg. 18 40. E na conſideraçaõ de S. Chryſoſtomo aſſim o pareceo, dizendo que com o medo, que depois

pois teve da morte, lhe caſtigàra Deos a crueldade, com que a dera a oitocentos profetas: *Deum voluiſſe hoc metu punire crudelitatem Eliæ, quâ octingentos pſeudoprophetas occiderat.* Se houveſſe lingua, que lhe cenſuraſſe os receyos da morte, que temia ameaçado de hũa mulher, depois de elle a ter dado a tantos homens; & taõ temeroſo, que chegou a ſe querer ver morto: *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur.* E ſe houveſſe lingua, que lhe condenaſſe o zelo, quando por duas vezes fez vir fogo do Ceo para abrazar a comitiva inteira de dous Principes da Corte de Ochozias: *Deſcendit ignis, & devoravit eum, & quinquaginta, qui erant cum eo: deſcendit ignis, & devoravit illum, & quinquaginta ejus.* Se todas eſtas linguas, digo, aſſim cortaſſem pela virtude do incõparavel Elias, (& bem podemos conſiderar, que naõ faltarião, quãdo ellas ſobejàraõ para calumniarẽ a Chriſto) que mal lhe poderião fazer eſtas detracções, eſtando elle vivendo para Deos, & morto ao mundo, & là muito deſcançado no ſeu Paraiſo? Pois eſte meſmo ſeguro pódem ter os ſeus imitadores: os que morrèrão ao mundo, & vivem para Deos. Naõ temão a mão da lingua.

S. Chryſoſt. ap. Corn. in 3. Reg. 19 4.

3. Reg. 19. 4.

4 Reg 1 10 & 12

gua: digão com o San-
Job 17. 3. to Job: *Pone me juxta te, & cujuſvis manus pugnet contra me.* Vivendo eu ao lado de Deos; ou tendo Deos ao meu lado: *juxta te*, digão o que quizerem todas as linguas: *cujuſvis manus pugnet.*

7 Mas ha de ſer cõ a condição propoſta: hão de viver verdadeiramente mortos ao mundo. Se viverem algũa parte deſta vida, jà ficão debaixo da mão da lingua, & pódem temer as ſuas feridas. Hão de viver como vivia S. Paulo, que depoisque morreo para
Ad Gal. 6.14. o mundo: *Crucifixus ſum mundo*, jà não vivia para elle, & ſó vi-
Ibid. 2. 20. via para Deos: *Vivo jam non ego: vivit verò in me Chriſtus.* Aſſim como o corpo morto não ſente que o mordão; o Religioſo morto ao mundo, não ſente, ſe o murmurão. Quanto tiver de vivo, tanto ſe ha de ſentir murmurado, & mordido. No melhor corpo do mundo, que foy o de Chriſto, deſcobrimos hũa repreſentação deſtas advertencias. Naõ porque ella foſſe myſterioſa: mas porque as noſſas reflexões fazem, que a vejamos ſignificada. Unigio a Magdalena a cabeça de Chriſto ainda vivendo: *Fracto alabaſtro unguenti pretioſi, effudit ſuper caput ejus*; & forão muitos os que diſto murmuràrão: *Quidam indignè ferẽtes* Marc. 14.6. Ibid. 4.

intra

intra ſemetipſos, & dicentes: ut quid perditio iſta unguenti? Tambem
Luc. 7 38. lhe ungio os pés: *Oſculabatur pedes ejus, & unguento ungebat*; & o Fariſeo, que era o dono da caſa, aggravou mais
Ibid 39. a murmuração. *Hic ſi eſſet Propheta, ſciret, qualis eſt mulier, quæ tãgit eum: quia peccatrix eſt.* Foy depois com as outras Marias para lhe ungirem o corpo todo,
Marc. 16. 1. quando jà morto: *Emerunt aromata, ut venientes ungerent Jeſum*; & não houve quem abriſſe a boca, nem fallaſſe palavra. Em quanto corpo vivo, baſtou deſcobrirſe algũa parte, em que pudeſſe a lingua meter a ſua mão, para logo ferir: baſtou a unção da cabeça: *Unguentum effudit ſuper caput*; & baſtou a unção dos pés: *pedes ungebat.* Mas depois de corpo morto, não foy baſtante a unção intentada de todo elle inteiro com o emprego de tantos oleos aromaticos, para que ſe ouviſſe ao menos hũa ſó voz de murmuração. Se o corpo de Chriſto morto ainda eſtiveſſe na ſepultura, todo o havião de ungir ſem contradição algũa: *Emerunt aromata, ut ungerent Jeſũ.* Viva o Religioſo, como morto inteiro ao mundo, ſem parte de vivo para elle, & não morrerà nas mãos da lingua: *Mors in manu linguæ.*

Livro.

§. IV.

8 HE hum mudo, que falla, & naõ ſe ouve: aſſim como o eſpelho naõ he ouvido, & tambem falla. Darſe a entender ſem articular voz, iſſo faz o mudo; & tambem o livro faz o meſmo. Ouvir, & naõ entender o que ſe ouve, iſſo faz o ſurdo; & tãbem faz o meſmo o q̃ naõ attende ao que diz o livro. E o eſpelho faz tudo iſto: quando, ſem ter vozes, accuſa as vaidades dos que ſe vem nelle, entaõ he o eſpelho mudo, & falla. E quando, depois de fallar, as vaidades ſe naõ emendaõ, entaõ ſaõ ſurdos os que fazem que naõ entẽdem ao eſpelho. A primeira couſa, que diz o livro a quem o quer ler, he o que jà temos lido em hum livro: *Qui legit, intelligat*: Lea para entender, aquelle que me eſtà lendo. Não, porque haverà, quem naõ entendẽdo o q̃ lè, ainda lea; mas porque póde haver quem depois de entender o que leo, ainda lhe falte muito para entender. Os que foraõ perguntados por Chriſto, de quem era a eſcritura, que ſe lia na moeda do tributo de Ceſar: *Cujus eſt hæc ſuperſcriptio*; bem entendiaõ, que dizendo elles ſer de Ceſar a eſcritura, tambem diziaõ

Matth. 24. 15.

Idem 22. 20.

diziaõ ſer o tributo de Ceſar. E por iſſo reſpondèraõ: Eſſa eſcritura he de Ceſar; & o que ella diz, quando a lemos, he o que vos
Ibid. 2. reſpondemos: *Dicunt ei: Cæſaris.* Porèm como lhes faltava ainda mais para entender: diſſe Chriſto aos que duvidavaõ da impoſtura do tributo; que naõ ſó déſſem a Ceſar o que era de Ceſar, como elles entendiaõ:
Ibid. *Reddite, quæ ſunt Cæſaris, Cæſari;* mas q̃ tãbem déſſem a Deos, o que era de Deos, como elle os fazia entender: *& quæ ſunt Dei, Deo.* Quem depois de ler a letra deſta moeda, entende, que ſe deve aos homens, o que he dos homens; ainda lhe falta entender, que cõ mayor razaõ ſe deve dar a Deos, o que he de Deos. Sempre entendemos mais tarde, o que he de Deos; & o que he noſſo, ſempre entendemos primeiro. A eſcritura deſta moeda, aindaque he muda, tudo iſto diz a quẽ quer entender; & não a quem como ſurdo faz que a não entende. Aſſim como deſta eſcritura ſe entende a obrigação de ſe dar a Ceſar o tributo impoſto; porque tanto a imagem de Ceſar, como a eſcritura da imagem: *Cujus eſt imago hæc, & ſuperſcriptio,* eſtão dizendo, que o tributo he de Ceſar: *Cæſaris*: ainda ha mais que entender na meſma

ma eſcritura. Tambem ſe deve entender a obrigação de ſe dar a Deos a alma, que nos deo; porque tanto a imagem de Deos, que he a noſſa alma, como a eſcritura, que comſigo traz eſta imagem: *Homo factus ad imaginem noſtram*, eſtão dizendo, que a alma he de Deos: *Dei*, como já conſiderou Tertulliano: *Reddite imaginem Cæſaris Cæſari, quæ eſt in nummo: & imaginem Dei Deo, quæ eſt in homine.* E eſta obrigação não entendião os q̃ propuzeraõ a Chriſto a ſua fingida duvida: *Licet cenſum dare Cæſari, an non.* Bem fóra eſtava de dar a Deos o que era de Deos; pois reconhecẽdo em Chriſto a mayor verdade: *Scimus quia verax es, & viam Dei in veritate doces:* o conſultavaõ, para o accuſarẽ a Ceſar: *ut caperent eum in ſermone.* O menos de q̃ cuidavaõ, era da pureza das ſuas almas, & fermoſura da imagem de Deos, que nellas lhes tinha dado; pois a trazião tão afeada, quãto lha deo a ver Chriſto na reprehenſaõ que lhe ouvirão: *Cognitâ nequitiâ eorum, ait: quid me tentatis hypocritæ?* Tambem aqui lhes faltava entenderem elles mais iſto, depois de terem entendido, que Chriſto em tudo dizia a verdade: *Scimus quia verax es.* Faltavalhes entender, q̃ era Chriſto tão verdadeiro, que

Tertul. lib. de Idolol. cap. 15.

Matth. 22. 17.

Ibid. 16

Ibid. 15.

Ibid. 13.

não

não ſó dizia de quem era o tributo duvidado; mas tambem a maldade dos que o duvidavaõ: *cognitâ nequitiâ eorum.* Entendaõ pois todos, que não entendem tudo, ainda depois de entenderem o que nos livros tem lido. E entendão tambem que os entende Deos, quando elles fazem que não entendem o q̃ os livros lhes dizem. Hũa vez, quando lhes diz, que não ſó ſaõ devedores aos homens: *Cæſari;* mas tãbem a Deos: *Deo.* E outras vezes dizendo, que não he Deos verdadeiro ſó para dar a cada hum o que he ſeu; mas tambem para dizer a cada hum, quem elle he: *cognitâ nequitiâ eorum, ait.*

9 Diz mais o livro a quem o ler, que não ſó ha de entender o q̃ lè; mas tambem, que ha de ſaber o que entende. Hũa couſa he ler para entender o livro; & he o que jà diſcorremos. E outra couſa he ſaber o que ſe entende, depois do livro lido; & he o que agora põderamos. Tudo diz a lição daquelle livro: *qui legit, intelligat:* entenda o que lè; & ſaiba o que entende, quem abre o livro para ler. E não ficarà lendo bem, entendendo ſó o que lè; & não ſabendo o que entende. Iſto ſe vio claramente, quando hum dos doutos da ley perguntou a Chriſto, qual era o ſeu mayor preceito:

Matth. 22. 36. ceito : *Quod eſt mandatum magnum in lege :* & Chriſto lhe reſpondeo, que o preceito de amar a Deos era de todos o mayor: *Mandatum maximum : diliges Deum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua* O que fez a pergunta, lendo os preceitos da ley, bem entendia, que eſte era o primeiro preceito. E Chriſto na ſua repoſta lhe fez ſaber, o que elle devia entender no meſmo preceito de amar a Deos : hũa intelligencia foy luz para a outra : a intelligencia de quem reſpõdeo, para a intelligencia do que perguntou. Quem ſabe, que o primeiro preceito da ley he amar a Deos ; entende o que lè : & quẽ ſabe que o ha de amar com todo o coraçaõ : *ex toto corde*, com toda a alma : *in tota anima*, & com todo o entendimento : *& in tota mente*, fica ſabendo o que entende. E deſta grande verdade ſe ſegue outra igualmente grande: ſegue-ſe, que naõ ſó ſe ha de ſaber o que ſe entende, quando ſe lè para entender ; mas q̃ tambem ſe ha de ſaber como ſe ama, quando ſe lè para amar. Quem lè o preceito de amar a Deos, como Chriſto o dá para ſe ler : *ex toto corde, in tota anima, in tota mente* ; ſabe como Deos ha de ſer amado, quando para o amar eſtà lendo : *Diligas Deum.* Levantemos

Ibid. 38. & 37.

mais

mais as conſideraçõeſ deſta lição, que Chriſto nos dà para amarmos a Deos; & vejamos o que poderà ſer tenha myſterio. Ao preceito que jà temos lido de amarmos a Deos, & de como o havemos de amar: *Hoc eſt maximum, & primum mandatum: diliges Deum in tota anima*: ajũtou logo Chriſto o preceito de ſe amarem entre ſi os homens, & de como haviaõ de ſer amados: *Secundum autem ſimile eſt huic: diliges proximum, ſicut teipſum.* Tambem os que lemos eſta eſcritura ficamos ſabendo, como entre nòs havemos de ſer amados, quando lemos para amar: ficamos ſabendo, que ha de ſer amor para cada hum o amor de todos: *Sicut teipſum.* E aſſim em hũa liçaõ, como em outra: aſſim quando Chriſto diz, como Deos ha de ſer amado: como dizendo, quanto nòs nos devemos de amar; nos dà a ler a obrigação dos que verdadeiramente amão. Não ſó nos enſina como havemos de zelar as finezas do amor; mas tambem como havemos de apurar o amor das finezas. Explicando neſtas liçõeſ, como Deos ha de ſer amado, & ſe devem amar entre ſi os homens; attende às finezas do amor. Ha de amarſe a Deos com toda a alma: *in tota anima*; & os homens

Ibid. 39.

ſe devem amar huns aos outros, como a ſi meſmos: *ſicut teipſum.* E dizendo nas meſmas lições, que o primeiro preceito he do mayor amor: *maximum mandatum;* & que tão grãde he eſte ſegundo, como aquelle primeiro: *ſecundum ſimile eſt huic:* attende ao amor das finezas. A primeira attençaõ he das finezas do amor; porque toda ſe emprega como devem ſer amados Deos, & homẽs: Deos: *in tota anima,* homens: *ſicut teipſum.* E a ſegunda attenção he do amor das finezas; porque toda he das medidas do meſmo amor. *Primum mandatum, maximum,* eis-ahi a medida do amor de Deos: *Secundum, ſimile eſt huic,* eis-ahi a medida do amor dos homens. Não, por ſe haver de amar aos homens, como ſe ama a Deos: *Deus enim longè magis diligendus eſt, quàm omnes Angeli, & homines, & creaturæ univerſæ.* Vide Corn. & alios hic. Mas porque depois de Deos, entre as couſas creadas: *præ omnibus diligendus eſt proximus.* E então aquelle *magis diligendus eſt Deus*; & eſte *præ omnibus diligendus eſt proximus*, cada hum na ſua ordem de ſer amado, fazem entre ſi a medida da ſemelhança: *ſecundum ſimile eſt huic.* E deſta ſorte havemos de ſaber o que amamos, olhando no meſmo tempo para as fine-

finezas do amor, & para o amor das finezas. Aſſim o eſtamos entendendo, quando lemos como Chriſto attendia às finezas do ſeu amor, & ao amor das ſuas finezas: naquella hora, em que hia para Deos, & deixava aos homens, tambem diſſe, que ſabia como o levava o ſeu amor para hum amado: *Sciens, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem;* & como o meſmo amor o deixava amando a outros, ainda quando delles ſe auſentava: *Cùm dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, dilexit.* As finezas do amor erão o ir para hum amado, & ficar amando aos outros. E o amor das finezas era o que o deixava ficar, & mais ir. Deſte modo havemos de ler, & entender o que lemos: havemos de ſaber o que amamos, quando lemos para amar; aſſim como havemos de ſaber o que entendemos, quando lemos para entender: *qui legit, intelligat.*

Joan. 13. 1.

10 E ainda temos que entẽder neſta meſma lição: *qui legit, intelligat:* não ſó havemos de ler para entender: nem ſó havemos de ſaber o que entendemos; mas tambem havemos de entender, & ſaber, que o livro, que lemos, ſó comnoſco falla, quando o eſtamos lendo. Aquelle, que agora lè: *qui legit,* entenda que com elle fallo, diz o livro:

intelligat. Não fallo com os mais, que me tem lido, nem poderáõ ainda ler: com elle entendo neſta hora, & elle he o que me ha de entender a mim. Não o que jà leo, ou ha de ler, ſenaõ o que lè: *qui legit.* Se entender, que eu agora fallo com outros, malogrouſe o fruto da lição; porque não tomou por ſuas as advertencias, que entaõ não eraõ para outros. A fatal eſcritura, que a inviſivel maõ de Deos eſcreveo contra Balthaſar: *Mane, Thecel, Phares*: naõ ſó o Rey, mas tambem os mais que a ouviraõ explicar a Daniel, a ficàraõ entendendo. Porèm os outros, como entendèraõ, que a eſcritura naõ fallava com elles, naõ temèraõ, nem tremèraõ, como Balthaſar, com quem a eſcritura fallava. Ainda que antes da interpretaçaõ da eſcritura todos a temèraõ; ſó Balthaſar a ficou temendo ſempre, até morrer depois do ſeu temor: *Eàdem nocte interfectus eſt Balthaſar.* Taõ muda era a parede, ondé ſe leo eſcrita aquella tremenda ſentença, como he o livro, onde tambem eſtarà eſcrito o que póde ſer faça temer, & tremer a quem o ler. E ſe eſte entender que ſó para os outros, & naõ para elle tem lingua a mudez do livro, que lhe falla: aſſim como ſó para Balthaſar a teve a

Dan 5. 25.

Ibid. 30.

mudez

mudez da parede, que lhe fallou; o livro ficarà lido; mas quem o leo, naõ ficarà aproveitado. E o meſmo ſe entende, quando o livro falla para encaminhar; & naõ ſó quando falla para ſentenciar. Tambem quem ler eſte mudo, ha de entender, que com elle, & naõ com outros falla a ſua lingua: entenda tambem iſto o que lè: *qui legit, intelligat.* As linguas, que ſe viraõ nas cabeças dos ſagrados Apoſtolos, quando ſobre elles deceo o Eſpirito Act. 2. 3 Santo: *Diſpertitæ linguæ ſupra ſingulos eorum;* de tal modo, que ſobre a cabeça de cada hum aſſentava a ſua: Corn. & cõm. PP. hîc. *Ita ut quiſque ſuam haberet partialem linguam capiti ſuo inſidentem;* todas diziaõ o meſmo. Todas vinhaõ a dizer: *Prædicate Euangelium omni creaturæ*: porque aſſim o tinha jà mandado Chriſto: & era o que jà eſtava profetizado: *In omnem terram exivit ſonus eorum.* De maneira, que todos os que viaõ aquellas linguas, bem deviaõ entender a obrigaçaõ de converter o mundo todo: aindaque cada hum naõ via a ſua lingua, & nella a ſua obrigaçaõ; & ſó via as linguas dos outros, & nellas a obrigaçaõ de cada hum. E ſe cada hum delles, por naõ ver a lingua imminente ſobre a ſua propria cabeça, & ſó ver a que

Marc. 16. 15.

Pſalm. 18. 5.

eſtava ſobre as cabecas dos outros, diſſeſſe: *Naõ falla comigo a lingua, que vejo*: naõ ſeriaõ elles os da prégaçaõ do Euangelho, nẽ os da converſaõ do mundo. O que lhes deo a entender o Eſpirito Santo na repartiçaõ daquellas linguas, foy o que elles fizeraõ prégando por todo o mũdo a luz Euangelica: Ibid. *In fines orbis terræ verba eorum*; ſem algum ſe eximir deſta obrigaçaõ, por naõ ver a lingua, que particularmente fallava com elle. Se quando eu ouço a palavra de Deos, naõ entender, que falla comigo a ſua palavra; ella ficarà dita, mas naõ ſerà proveitoſa. Serà como a ſemente, que a repreſenta; & que caindo em terra, que a naõ recebeo, ſeccou: *Aruit.* Quem pois lendo o livro ſentir, que interiormente lhe fallaõ ao eſpirito, entenda, que o Eſpirito Santo falla com elle pela lingua do livro, aindaque naõ veja a lingua, que lhe falla. Naõ diga, ſe o intimidar algum caſtigo da maõ de Deos: eſte ameaço naõ falla comigo; falla com Balthaſar: *Mane, Thecel, Phares.* E ſe ſentir, que pela liçaõ do livro lhe vem algũa inſpiraçaõ divina, não diga: Eſta inſpiraçaõ naõ falla comigo; falla com os q̃ ſaõ obrigados ao que ella diz: *Prædicate Euangelium.* Luc. 8. 6.

Letras.

Letras.

§. V.

11 MAis risco ha com ellas, que sem ellas. A sede do saber logo no Paraiso começou a matar, & ainda hoje mata. Logo os primeiros ambiciosos de ciencias Adam, & Heva: *Eritis scientes*: foraõ sentenciados a morrer, & os seus descendentes ainda hoje do mesmo mal morrem: *morte morieris*: *in pulverem revertêris*. E assim havia de ser; porq̃ preferîrão elles o doce da ciencia à observancia do preceito. Ouvio Adam dizer a Deos, que não guardando elle o seu preceito, morreria: *morieris*; ouvio tambem dizer ao demonio, que deixando de o guardar, saberia tanto como Deos: *sicut dii scientes*. E sendo aquella a vez primeira, em que contendião entre si ciencia, & observancia; prevaleceo o saber contra o observar, ainda sendo à custa do morrer: *morte morieris*. Ciencia sem observancia, letras sem virtudes, não fazem o verdadeiro ciente, nem o melhor letrado. S. Joaõ, o Apostolo, que podemos chamar das ciencias, dictou aquellas postillas, que a Fé nos manda crer, & saõ as luzes da Igreja, como lemos no seu Euangelho, nas suas Epistolas,

Gen. 3. 5.

Gen 2. 17 & 3. 19.

&

& no seu Apocalypse: tudo alto, tudo profundo, & tudo sagrado. No Euangelho a Theologia Escolastica da Trindade, nas Epistolas a Theologia moral das virtudes, & no Apocalypse a Theologia mystica das revelações. Mas tambem dictou do amor de Deos, dizendo, como Deos o amava: *Discipulus, quem diligebat Jesus*: dictou do amor do proximo, persuadindo, como nos deviamos amar: *ut diligatis alterutrum*. E como destes dous preceitos, amar a Deos, & amar ao proximo, depende toda a observancia: *universa lex pendet*; estamos vendo no exemplo de S. Joaõ, que os estudiosos da ciencia tambem o devem ser da observancia; que haõ de ter em si unidas como irmãas, observancia, & ciencia. Chamolhes irmãas; porque assim o faz o Espirito Santo, que tambem he Mestre, & tem discipulos: *Ille vos docebit omnia*; quando os quer instruir no saber. Primeiro diz: *Serva legem meam, quasi pupillam oculi tui*: Guarda a minha ley, como aos teus olhos: *Liga eam in digitis tuis*: naõ deixes cair por entre os dedos os seus preceitos: *Scribe illam in tabulis cordis tui*; ama de coração tudo o q̃ nella se manda. E depois de ter assim intimada a observancia da ley, então diz, que ha de ser cha-

Joan 11 7.

1. Joan. 3.11.

Matth. 22.40.

Joan. 14.26.

Prov.7. 2.

Ibid.3.

chamada a ciẽcia para irmãa da obſervancia: Ibid.4. *Dic ſapientiæ ſoror mea es.* Primeiro o amor dos preceitos, depois o amor das letras, & logo o amor de irmandade entre letras, & preceitos. E naõ ſendo aſſim, haverà em todo o ciente, & não obſervante, o que houve no primeiro não obſervante, & ciente; o q̃ houve em Adam. Neſte inſtante ciente: *Eritis ſcientes*; & pouco depois em pò deſfeito: *in pulverem revertêris.*

12 E aqui vem a parar todas as letras do mundo, ao pò da ſepultura. Depois de ſe revolverem tantos volumes, & tantos cõmentarios em vida; naõ ſe ouvir no fim della, mais que a triſtiſſima liçaõ de dous livros, ambos grandes, & ambos pequenos: hum pouco antes da morte, & outro pouco depois. Saõ eſtes dous livros ambos grandes; porque em cada hum delles ſe cõtèm toda a noſſa vida. E ſaõ ambos pequenos; porque hum a faz lembrada em breves regras, & o outro em hum inſtante. O primeiro livro, & he o que ſe lè antes da morte, he aquelle, que por concluſões ſem argumentos vay inſinuando a vida de todos em recopilados compendios dos vicios paſſados: & comprehendendo tambem os da vai-

vaidade das ciencias, exprime todos neſte breviſſimo periodo: *Quidquid vitio deliqui-ſti.* He aquelle, donde ſe vaõ tirando os aſſentos ſummarios de todas as culpas, & entre ellas as da preferencia das letras à importancia das virtudes; & com a mais deſenganada penna ſe vaõ eſcrevendo no corpo do moribundo, para as levar eſtampadas à ſepultura, como abbreviado epitafio de tudo o que fez: *quidquid deliquiſti.* O ſegundo livro, & he o que ſe ha de ler depois da morte, he aquelle, que jà entaõ ſe ha de moſtrar impreſſo: *Liber ſcriptus proferetur.* He aquelle, que por clauſulas ja julgadas contèm tudo o que ha de ſer, & jà foy ſentenciado: todos os deſvanecimentos da ciencia propria, todos os deſprezos da ignorancia alheya, toda a preſumpçaõ dos talentos, toda a appetencia dos applauſos, das eſtimações, & dos reſpeitos: *in quo totum continetur.* Neſtes dous livros pois ſe veraõ os perigos, em que naufragàraõ as letras de muitos, que póde ſer tomaſſem o porto da verdadeira ciencia, ſe naõ tiveſſẽ navegado pelo mar, que ellas levãtaõ. Taes livros, que depois de abertos, daõ a ler a differẽte ſorte daquelles ignorantes: *Quos habuimus aliquando in de-*

Hymn. Eccleſ.

Sap. 5. 3

derisum, & *in similitudinem improperij*; & no fim ſem as letras, & ſem a ciencia deſte mundo: *inter Sanctos sors illorum eſt.* Daquelles, que navegando pelo mar pacifico da ſimplicidade: *ad tranquillam omniſque perturbationis expertem vitam tranſierunt*; & foraõ a tomar aquelle porto: *eò navigium appulerũt*, onde nunca pudèraõ, nem poderáõ perigar: *ubi deinceps non potuerint metuere naufragium.*

Ibid. §.

S. Chryſoſt. t. 3. in Orat. S. Philog.

Liberdade.

§. VI.

13 TAmbem ha tempo, em que atormenta: aſſim como a prizaõ tambem alivia em algum tempo. Tudo eſtà na diverſidade das vidas do que vive livre, & do que eſtà prezo: padecendo o que vive em liberdade; & o que eſtà em prizaõ vivendo contente. Taes Herodes, & o Bautiſta. Herodes no ſeu Palacio livre, padecendo a dor de ſe obrigar com juramento a cortar a cabeça ao Bautiſta: *Contriſtatus propter jusjurandum.* E o Bautiſta com a gloria de morrer pela hõra de Deos, contente na ſua prizaõ: *Joannes in vinculis.* Em Herodes conſideramos repreſentado a todo o peccador padecendo na liberdade do peccado hum mal ſobre outro

Marc. 6. 26.

Matth. 11. 2.

tro mal : ſobre a deſgraça de peccador, tãbem a de prezo. E he o que de ſi meſmo diſſe David : *Comprehenderunt me iniquitates meæ.* Livre, quãdo peccou : *iniquitates meæ ;* ſe naõ obràra com liberdade, naõ peccàra. E pelos meſmos peccados prezo : *comprehenderunt me :* ſe elles naõ foſſem grilhões, naõ o prendèraõ. Agora veja todo o peccador, ouvindo a David o mal, que lhe faz a ſua liberdade, naõ ſó eſtar atormentado, porque peccador; mas ficar prezo, ſobre atormentado. Quando obra ſolto, entaõ ſe mete em prizões : o ſeu peccado o condena, & a ſua liberdade o prende : *iniquitates comprehendunt.* E dizemos ao peccador, que veja eſtas deſgraças ; porque o carcere das culpas, em q̃ elle ſe prende, he taõ eſcuro, que lhe naõ deixa ver o que padece. He o meſmo, que tambem experimẽtou David : *Comprehenderunt me iniquitates meæ* : a liberdade dos meus peccados me enlaçou : *& non potui, ut viderem;* & eſſa meſma me cegou : ſobre peccador, prezo ; & ſobre prezo, cego : *non potui, ut viderem.* E iſto, que nos diz David, nos dà a ver Samſaõ depois de rendido ao amor de Dalila : aſſim como quiz o ſeu peccado, tambem quiz a ſua prizaõ, & por conſequencia

Pſalm. 39. 13.

Ibid.

cia quiz a ſua cegueira. Revelou o ſegredo da ſua fortaleza : *Si raſum fuerit caput meũ, recedet à me fortitudo mea, & deficiam*; logo o pudèrão prender : *quem cùm apprehendiſſent*; & depois de prezo, o chegàraõ a cegar: *eruerunt oculos ejus*. Eſte he o peccador atormentado, quando livre; no meſmo tempo ſolto, & prezo; qual aquella ave, que eſtiveſſe preza por hũ dos pés, & com ambas as azas ſoltas; parada, & voando. Voltemos agora o roſto para o juſto quando prezo, & então glorioſo; antes por iſſo em gloria, porque em prizão. *Mihi abſit gloriari, miſi in cruce*, dizia S. Paulo, depois de paſſar da vida, em que elle vivia em ſi, à outra vida, em que Chriſto vivia nelle : *Vivo jam non ego : vivit in me Chriſtus*. Jà não parecia ave ſolta nos voos, & preza nos paſſos ; mas muito mais deſembaraçado nos paſſos, quãdo prezo nos voos : *confixus ſum cruci*. Fallo dos voos da vida, que mudou, & dos paſſos da vida mudada : com aquella liberdade preza: *confixus cruci*, andou toda a ſua carreira ſolto : *curſum conſũmavi*. Hũa das prizões deſta vida he a enfermidade : todo o tempo que temos de enfermos, eſſe temos tambem de prezos. Paulo na vida, que mudou, buſcava os

Judic. 16. 17.

Ibid. 21.

Ad Gal. 6. 14.

Ad Gal. 2. 20.

Ibid. 19.

2. Tim. 4. 7.

gri-

grilhões, para prender os outros: *Petijt epiſtolas, ut vinctos perduceret in Jeruſalem.* E na vida mudada buſcava nas enfermidades dos outros prizões para ſi: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Eſtas prizões erão a ſua gloria; & deſta o não ha de privar Deos no dia do Juizo, como ha de privar aos que ſe não prendèrão com eſtes prezos: *Infirmus eram, & non viſitaſtis me.* Finalmente quiz Chriſto, que mudaſſe Paulo de vida, para lhe levar, & fazer glorioſo o ſeu nome por todo o mundo: *Ut portet nomen meum coram gentibus.* E quem ler com attenção a ſua vida, achará, que eſte ſagrado inſtrumento da gloria de Deos, & acquirente da ſua gloria: *Repoſita eſt mihi corona juſtitiæ*, a prégou ſempre prezo: não ſó com as prizões da alma: *confixus cruci;* mas tambem com as do corpo: *in carceribus abundantiùs.* He o fundamẽto principal deſta liberdade preza, ou prizão livre; de padecer o peccador, quando obra ſolto, & gloriarſe o juſto, quando padece prezo: trazermos nòs logo quando nacemos, a alma em prizão, & ſer o corpo o carcere da alma. Por iſſo dizia, & deſejava S. Paulo verſe deſatado deſte grilhão: *Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.* Vindo pois a noſſa alma, que

Actor. Apoſt. 9. 2.

2. Cor. 11. 29.

Matth. 25. 43.

Actor. Apoſt. 9. 15.

2. Tim. 4. 8.

2. Cor. 11. 13.

Ad Philip. 1. 23.

he

he a livre, logo no corpo preza, por ſer o ſeu carcere: quando o peccador obra, como lhe pede o corpo; ainda ſendo o acto livre, elle obra prezo. E tal vez não obra nada, ainda depois de muita obra feita; porque privado da divina graça não deixa de eſtar prezo, poſto que ſe mova ſolto. Como a vontade, que eſtà na alma, obra nella dentro do carcere, que he o corpo; ainda uſando da ſua liberdade, faz os ſeus actos preza. Santo Agoſtinho muitas vezes aſſim livre, & prezo no meſmo tempo, ſentia de ſi, o que depois entendeo dos outros. Diz, como experimentado, que no peccador o ſeu obrar, he parar: *In peccatore culpis obnoxio quò ad æternam ſalutem idem eſt operari, ac otiari.* Obra livre, porque pecca: *operatur*; & porque naõ anda no caminho da graça, eſtà prezo: *otiatur*. Querem pois ſaber, como eſtà Balthaſar no dilatado do ſeu palacio, no inchado da ſua ſoberba, & no regalado do ſeu banquete? Eſtà em prizaõ muito aliviada; porq̃ o ſeu corpo, que he carcere da ſua alma, eſtà folgado, eſtà enthronizado, & eſtà deliciado; & elle deſte modo, & neſta prizaõ, naõ deixa de ſe mover: *operatur*. E querem ſaber, como eſtà a ſua alma neſſe meſmo tẽ-

S. Aug. in Mat. 4. 16.

po, em que o ſeu corpo eſtà taõ ſolto ? Eſtà na ſua prizaõ mais apertada ; porque o corpo de Balthaſar, que he o ſeu carcere, a tem mais apertada, mais atada, & mais retardada ; & entaõ ella no caminho da ſua ſalvaçaõ naõ dà hũ paſſo : *otiatur.* Eſte he o tormento da liberdade no peccador ; & o alivio da prizaõ no juſto ; tambem he o meſmo. Tambem, porque a ſua alma eſtà encarcerada no corpo ; quanto ella tem alli a ſua prizão mais eſtreita, o ſeu alivio he mais largo. E accommodando nòs a ſentença de Santo Agoſtinho em ſentido contrario, havemos dizer : *In juſto non culpis obnoxio quò ad æternam ſalutem idem eſt otiari, ac operari* ; o ſeu parar he obrar. Em quanto o conſideramos no carcere do ſeu corpo, obra prezo : *otiatur.* E porque ainda então ſe não tira do caminho meritorio da virtude, faz os ſeus actos livre : *operatur.* Querem agora ſaber, como eſtà Daniel no lago dos leões fechado de fóra, cercado dentro de feras, & ameaçado da morte ? Eſtà em prizão muito eſtreita ; porque no corpo, que he o ſeu carcere, eſtà para ſer deſpedaçado, para ſer deſfeito, & para ſer engolido : & deſte modo não ſe move : *otiatur.* E querem ſaber, como eſtà

eſtà a ſua alma no meſmo tempo, em q̃ o ſeu corpo eſtà taõ apertado? Eſtà em prizão mais larga; porque o corpo de Daniel, que he o ſeu carcere, a tem mais deſembaraçada, mais deſimpedida, & mais prompta, para no caminho da ſalvação eterna: *quò ad æternã ſalutem*: não parar: *operatur*. Eſtes ſaõ os peccadores em peccado, & os juſtos em graça: os Balthaſares, & os Danieis. Huns mais atormentados, quando livres; outros, quando prezos, mais aliviados. Os imitadores de Balthaſar na ſua mayor liberdade; para a ſua ſalvação movendo-ſe, não ſe movem: *otiantur*. E os parecidos com Daniel na ſua mais eſtreita prizão; para a ſalvação da ſua alma eſtando encarcerados, não eſtão prezos: *operantur*.

Louvores.

§. VII.

14 ANtes comprados, que empreſtados. Chamo louvores comprados, aos merecidos: tudo o que elles tem de devidos, iſſo meſmo tem de comprados. E ſaõ louvores empreſtados, os fingidos; porque, ſe os não confeſſaõ dever, & ſaõ por fingimento dados, não os tem o ſujeito, a quem louvão, ſenão em quãto lhos dão. Quem

mereceo o louvor, cõ-
prou-o; & não ſe lhe
póde tirar, ſem haver
furto, pois lhe roubão
o que he ſeu, & deve
ſer reſtituido. Aquelle
louvor, que deraõ a
Chriſto os ſeus diſci-
pulos, quando depois
de livrar a S. Pedro das
ondas, que o afogavaõ,
entrou com elle no
ſeu barco, onde o ado-
ràraõ, & louvàraõ, co-
mo a Filho de Deos:
Matth. 14.33. *Verè Filius Dei es*; &
o outro louvor ſeme-
lhante a eſte, ou o meſ-
mo que eſte, quando
Chriſto quiz ſaber o
Marth 16.13. q̃ delle ſe dizia: *Quem*
dicunt homines eſſe Fi-
lium hominis; & S. Pe-
Ibid. 16 dro reſpondeo: *Tu es*
Chriſtus Filius Dei vi-
vi: ſendo eſtes louvo-
res juſtamente mere-
cidos, foraõ tambem
negados, quando ſeus
inimigos o blasfemà-
raõ, & diſſeraõ: *Dæ-* Joan 8.
monium habes: *in prin-* 52. Luc. 11.
cipe dæmoniorum ejicit 15.
dæmonia. Mas como
eraõ louvores compra-
dos pelos merecimen-
tos de ſuas admiraveis
virtudes, & prodigio-
ſos milagres; os meſ-
mos, que lhe haviaõ
roubado em ſua vida
aquelles louvores, de-
pois lhos reſtituiraõ na
morte, confeſſando de
publico, que era Filho
de Deos: *Verè Filius* Matth.
Dei erat iſte. Aſſim co- 27.54.
mo a couſa furtada,
ſempre eſtà chamando
por ſeu dono; ſempre
chama ao ſeu merece-
dor o louvor roubado:
por iſſo devem deſcan-
çar, os q̃ neſte mundo
compraõ

compraõ o ſeu louvor por moeda taõ fina, & de valor taõ legitimo, como he o ſeu merecimento. Se por algum motivo (que certamẽte naõ he juſto) diſſerem, que elles naõ ſaõ, como os louvaõ; là virà tempo, em que ainda ſem vontade ſua digaõ, que ſim eraõ os que louvavaõ: *verè erant.* Digo, que ſem vontade os haõ de entaõ louvar; porque ſe o louvor merecido, por mà vontade de alguns ſe calla; por outros, ainda que ſejaõ mudos, & ſem vontade algũa, ſe publîca. *Si hi tacuerint*: ſe eſtes emudecerem, diſſe Chriſto aos que naõ queriaõ que os ſeus diſcipulos o louvaſſem: as pedras, ſem quererem, porque naõ tem vontade para querer, publicamente me haõ de louvar: *lapides clamabunt.* Fariaõ o que fizeraõ os da reſtituiçaõ do louvor de Chriſto, quando o viraõ morto na Cruz: muito contra ſua vontade, ou ſem vontade alguma (pois de corações mais duros que pedras, ardendo entaõ no odio de lhe tirarem a vida, naõ ſe ha de preſumir vontade algũa boa) louvàraõ a quem naõ queriaõ louvar: *Verè Filius Dei erat.* E fariaõ aquellas pedras mudas: *lapides clamabunt*, o que tambem por accommodaçaõ noſſa ſe póde dizer dos innocentes balbuciantes: naõ entendẽdo

Luc. 19 40.

elles o que fazem, tãbem louvariaõ a Chriſto, ſem a vontade os mover a louvar; como jà delles cantou David: Pſ.8.3. *Ex ore infantium, & lactentium perfeciſti laudem.* E he a razaõ, porque naõ haverà quem nos emende a fraſe de que uſamos, moſtrando nella ao louvor cõprado, naõ podendo elle ſer vendido. Como naõ fallamos do que ſe compra por vẽda, ſenaõ por merecimento; quem merece ſer louvado, naõ neceſſita de que lhe vendaõ o louvor: haõ de louvallo as pedras incapazes de dar louvores vendidos: *lapides clamabunt.* Quando o comprar he o meſmo que o merecer, & naõ ſe faz precedendo o vender; naõ ha incapacidade algũa, tal como a das pedras, em que deſte modo naõ aſſente o louvor ſem venda, ſe o louvor he divida. Aſſim louva o Sol, aſſim louva a Lua, aſſim louvaõ as Eſtrellas: *Laudate eum Sol,* Pſalm. *& Luna: laudate eum* 148. *omnes Stellæ.* Aſſim louvaõ o fogo, a neve, os montes, as arvores, & as aves: a todos, & a tudo diz David: *laudate Dominum.* Ibid. 7. Daõ a Deos o louvor ſem venda; porque lhe devem o louvor, que lhe daõ: & deſte modo bẽ podemos dizer, que Deos lhes compra o louvor, pelo dominio, que tem em todas as creaturas, para de todas

das ſer louvado. Como naõ compra com venda, nem ainda aſſim nos comprou pelo merecimento da redempçaõ: *Empti eſtis pretio magno*; naõ compra por dependencia. Cõprou-nos, ſem lhe fermos vendidos: & tem direito ao ſeu louvor; naõ contratado, mas devido: *Laudate Dominum Sol, & Luna, &c.*

1.Cor. 6. 20.

15 E ainda que naõ he taõ nobre a compra do louvor, que accommodamos aos homẽs, como a que accommodamos a Deos; porque a do louvor dos homens he por merecimento, & a do louvor de Deos he por dominio; comtudo naõ deixaõ os homens de ſer bons compradores; porque tambem o ſeu merecimẽto lhes dà jus ao ſeu louvor. O ponto eſtà, em ſer o louvor verdadeiro, & naõ falſo; em fallar verdade, & naõ mentir o louvador. Se o ſujeito louvado verdadeiramente mereceo o louvor; pelo ſeu merecimento chegou a comprar o louvor, & mais a ſer a verdade comprada. *Veritatem eme*, aconſelha o Eſpirito Santo nas eſcrituras dos Proverbios; & os ſeus commentos dizem: *Veritatem acquire: da operam, ut tibi compares veritatem*: grangeay a verdade, & fazey pela acquirir: *veritatem eme.* E poſto que eſta verdade naõ

Prov. 23. 23.

Septuagint. cũ plurib.

he a de que nòs fallamos: por ſer a verdade das ciencias, & a noſſa verdade he a dos louvores; aſſim o conſelho, como a ſua interpretaçaõ, bem ſe accommodaõ ao noſſo diſcurſo. *Veritatem eme*: compremos por noſſo merecimento louvores verdadeiros; & façamos pelos grangear, & acquirir: *Da operam, ut tibi compares veritatem.* Sempre entaõ ficamos compradores da verdade do louvor, ſe o louvor he com verdade comprado. E ſe acaſo o louvor he por ciencias acquirido, ainda o texto allegado nos vem mais natural, entendendo nòs por verdade do noſſo louvor a verdade daquelle conſelho: *veritatem eme.* Nem ſe eſtranhe fallarmos nòs em verdade comprada; porq̃ hũa couſa he a noſſa verdade, & outra couſa he a verdade do noſſo louvor. A noſſa verdade, que he o noſſo juizo, naõ ſe compra, nem ſe vende: a verdade porèm do noſſo louvor, que he devida ao noſſo merecimento; ſem ſer vendida, bem ſe póde dizer cõprada. Mereçamos nòs ſer louvados: & ſejaõ verdadeiros os noſſos louvores; & logo ficaremos compradores dos noſſos louvores, & mais da ſua verdade: *veritatem ememus.*

16 Naõ diremos nòs outro tanto dos louvados por empreſtimo:

timo: daquelles, a quem ſe empreſtaõ os louvores. Eſtes bem pódem entrar naquella profundiſſima conſideraçaõ de S. Paulo, quando deſcobre a hũs compradores ſem poſſe do que compraõ: 1.Cor. 7.30. *Qui emunt, tamquam non poſſidentes.* Taes ſaõ os que ſe vem louvados, ſem o merecerem: tambem por ſeu modo compraõ; porque ao menos, em quanto os louvaõ, tem o louvor, que lhes daõ. Mas, como compraõ ſem merecimento, no meſmo tempo, em que lhes eſtaõ dando o louvor, neſſe tambem lho tomaõ. Naõ compraõ entaõ o louvor; ſó o tomaõ empreſtado, que he o modo de tomar, para naõ ter: *emunt, non poſſidentes.* E para accommodarmos toda eſta conſideraçaõ do Apoſtolo, havemos de tomarlhe o principio, & mais o fim: começa: *Tempus breve eſt:* Ibid. 29. & acaba: *præterit enim figura hujus mundi.* Ibid. 31. Deſcreve pois a breviſſima duraçaõ dos bens deſta vida, & em todos vay achando, ou aconſelhando hum gozar ſem gozar delles: os deſpoſados, como ſem deſpoſorios: *Qui habent uxores, tamquam non habentes:* Ibid. 29. os contentes, como ſem contentamento: *qui gaudent, tamquam non gaudentes;* Ibid. 30. os compradores das riquezas, como ſem ouro, ou prata:

Qui

Senſus PP. cómun. *Qui emunt, tamquam non poſſidentes*; & a eſtes podemos nòs ajuntar muitos compradores de louvores, como ſem louvor: *qui laudantur, tamquam non laudati.* E ſe o mundo he o theatro univerſal, aonde todos eſtes ſeus amadores: *Qui utuntur hoc mundo, tamquam non utantur*, ſaõ figuras, que vaõ repreſentando, & vaõ paſſando; aſſim como o meſmo mundo he tambem figura, que paſſa, & deſapparece, como elles: *Præterit figura huius mundi*: *ſpecies ſtatûs mundi fugax*: huns ſendo figuras de deſpoſados, outros de contentes, & outros de ricos; tambem eſtes compradores de ſeus louvores, porq̃ *emunt, tamquam non poſſidentes*, ſaõ no mundo hũas figuras de louvados: *figura huius mundi.* Eſta parece, que naõ queria repreſentar Saul, quando ſe ouvio menos louvado, que David, depois de vencido o Filiſteo, no canto, & coro triunfal, que celebrava taõ glorioſa vitoria: *Percuſſit Saul mille, & David decem millia.* Parecendolhe, que tantos eraõ os louvores entoados naquelle verſo, quantos haviaõ ſido os mortos naquella campanha; deſcontentouſe, de que delles foſſem para David dez mil, & ſó mil para elle: *Dederunt David decem millia*,

Ibid. 3.

1. Reg. 18. 7.

S. Amb. S. Anſ. & plur. apud Corn. hîc.

Ibid. 8.

&

& mihi mille dederunt. Iſto foy o que deſagradou muito a Saul: *diſplicuit in oculis ejus ſermo iſte*; & teve razaõ. Sẽdo elle o Rey, & David vaſſallo, parecia merce, que ſe lhe fazia a elle daquelles mil louvores: *dederunt mihi mille*; & que era divida ſatisfeita a David o numero dos dez mil: *David decem millia.* E por iſſo diz Cornelio com muito juizo, que o odio de Saul contra David fora entaõ concebido: *odium lethale concepit*; porque aquelles mil louvores lhos davaõ a elle por favor, como entendia os davaõ a David: *Quia videbat populum magis favere Davidi, quam ſibi.* E ſer louvado neſte mundo ou por empreſtimo, ou por merce, ou por favor; he ſer louvado, como ſe o naõ foſſe: *Laudati, tamquam non laudentur*; & he fazer figura de louvado, que ſe repreſenta, & paſſa: *Præterit hæc figura mũdi.* He verdade, que os mil louvores dados a Saul naõ eraõ empreſtados; elle entaõ era o Rey vitorioſo, & tambem merecia ſer louvado. Mas como aquella poeſia, ou muſica moſtrava, que no exercito triunfante havia quem merecia mais louvores que Saul; elle naõ goſtou de ſe ver alli fazendo a figura de menos louvado: *diſplicuit ſermo iſte.* Nem com louvores em-

Ibid.

Corn. hîc.

empreſtados, nem com menos numero dos merecidos, querem os ambicioſos deſtes applauſos verſe no mundo nomeados. Ou ſe haõ de dar a Saul dez mil louvores, como a David; ou os mil, que lhe daõ, porque ſe parecem com os que ſe empreſtaõ, nem os ha de querer ouvir: *diſplicuit ſermo iſte*; nem ainda ver: *diſplicuit in oculis ejus.*

Liberal.

§. VIII.

17 NAõ he o mayor, o que dà tudo; porque iſſo he ſer prodigo, & naõ liberal. Naõ he o mayor, o que dà a todos; porque ſe arriſca a naõ ſer para todos igual. Naõ he o mayor, o que dà ſempre; porque nem ſempre ſe ha de dar. E ſó he o mayor, o que ſabe dar; porque ſó eſte ſabe dar tudo, ſabe dar a todos, & ſabe dar ſempre. Só eſte ſabe dar tudo, porque ſabe o que dà; ſó eſte ſabe dar a todos, porque ſabe a quem dà; & ſó eſte ſabe dar ſempre, porque ſabe quando ha de dar. O mayor liberal, & a mayor liberalidade, que vio o mundo, foy Chriſto Redemptor noſſo, & a conſagraçaõ do ſeu Corpo: naõ podia haver quem mais déſſe, nem liberalidade, que mayor foſſe. E dando tudo o que

que podia dar eſte Divino liberal, pois ſe deo a ſi meſmo ſacramentado, naõ foy prodigo; porque ſabia o que dava: ſabia, que ainda dando-ſe todo, lhe ficava muito nas mãos, para dar: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.* Nem perigou a ſua liberalidade, dando-ſe a todos; porque ſabia, q̃ aquelles, a quem ſe dava, eraõ os que elle amava: *Sciens, quia venit hora ejus: cùm dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos.* E naõ ſe deſdiſſe de liberal, em ſe dar aſſim ſempre; porque ſabia, que dava, para ainda ſe deixar, quando ſe auſentava: *Sciens, quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem.* Neſte tempo pois das ſuas mayores liberalidades naõ foy Chriſto prodigo, em ſe dar todo no Sacramento; porque ainda que ſe deo todo, naõ deo tudo. Ainda depois de ſe dar todo por Communhaõ, nos deo todos os merecimentos da ſua Payxaõ, & nella conſummou a noſſa Redempçaõ: *Conſummatum eſt.* Ainda em S. Joaõ deo por ſi hum Filho a ſua ſantiſſima Mãy, & nelle a nòs todos por filhos ſeus: *Ecce filius tuus.* E ainda deo a Dimas o Ceo: *Hodie mecum eris in Paradiſo;* & a ſeus inimigos o perdaõ: *Pater, dimitte illis.* Darſe todo, & dar tudo, tem ſua differença:

Joan. 13. 3.

Ibid. 1.

Joan. 19. 30.

Ibid 26.

Luc. 23. 43.

Ibid 34.

ça: darſe todo, he dar hum quanto he: & dar tudo, he dar hũ quanto póde dar. Aſſim ſe nos dá Deos deſde a creaçaõ do mundo: dá-ſe-nos todo; porque para ſer todo noſſo, nos creou: & ainda nos naõ deo tudo; porque as mãos da ſua Omnipotencia ainda hoje nos eſtaõ dando. E do meſmo modo Chriſto: tambem ſe nos deo todo, & ainda nos naõ deo tudo: deo-ſe-nos todo quanto he; & ainda nos eſtá dando quanto dá. Deo-ſe-nos todo no divinîſſimo Sacramento: *Accipite, & comedite: hoc eſt corpus meum*: & taõ todo, que em qualquer pequena parte da ſagrada Hoſtia ſe dá inteiro: *integer accipitur.* E ainda nos naõ deo tudo; porque àlem de ter ainda nas mãos tudo o que nos vay dando no mundo: *Omnia dedit ei Pater in manus*; depois do mundo acabado, tem na ſua maõ direita o Ceo para ainda entaõ nos dar: *Dicet his, qui à dextris ejus erunt: Venite, poſſidete paratum vobis Regnum.* De maneira, que naõ foy prodigo: porque ainda tem o muito que dá, depois de ſe dar todo; & ſó o poderemos conſiderar prodigo do coraçaõ; mas naõ das mãos. Prodigo do coraçaõ, em quanto por amante noſſo ſe nos deo todo; mas naõ prodigo das mãos, em quanto

Matth. 26.26.

Matth. 25.34.

por

por liberal nos eſtà enriquecendo de tudo o que nos vay dando. Diſcorrer agora, quando he mais liberal, ſe quando ſe dà todo, ſe quando nos dà tudo; he aſſumpto para grãdes argumentos, q̃ naõ tem todo o lugar neſtes noſſos compẽdios da Palavra de Deos deſatada. Quem o emprender, a poderà ir atando, & tambem advertindo: que eſte ſoberano liberal tanto ſoube dando-ſe-nos todo, como dando-nos tudo: tanto amando: *Sciens: cùm dilexiſſet, dilexit*, como diſpendendo: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus.*

18 Naõ perigou tambem a ſua liberalidade em dar a todos; porque ſabia a quem dava: ſabia, que as ſuas liberaes mãos cheas de infinitos bens: *Sciẽs, quia omnia dedit ei Pater in manus*: as abria, & offerecia aos pés de Pedro, aos pés de Joaõ, & aos pés de Judas. Igualmente a hum diſcipulo, que ſabia o havia de negar: *In hac nocte me negabis*: a outro, que ſabia era o amado: *Diſcipulus, quem diligebat*: & a outro, que ſabia lhe era traidor: *Sciebat, quis traditurus eſſet eũ.* Naõ ſe argùe ao liberal, por dar a todos; ſabendo elle, que dà a huns, porque quer; & a outros, porque deve. Tanto ao que ha de faltar na fidelidade, & ao

Matth. 26. 34.

Joan. 21. 7.

Joan 6. 65.

ao criminoſo por traiçaõ; como ao preferido a todos no amor: a meſma fineza igual para todos: *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus: cœpit lavare pedes diſcipulorũ.* A inteireza da juſtiça naõ eſtreita as medidas da liberalidade: a meſma maõ bem póde ſer no meſmo tempo liberal, & mais juſta. Eſta foy em ſubſtancia a ſatisfaçaõ, que deo o dono daquella vinha aos ſeus trabalhadores, dando a todos *ſingulos denarios*; ſendo, que allegàraõ huns mais ſerviço, que os outros: *Pares illos nobis feciſti, qui portavimus pondus diei, & æſtus.* Diſſe, que pagando a huns, como lhes devia pagar; podia ſem offenſa da ſua juſtiça, & por ſua liberalidade dar a outros o que lhes quizeſſe dar: *Non facio tibi injuriam; tolle, quod tuum eſt.* Se o pagador daquelles jornaes naõ ſoubeſſe a quaes pagava, como liberal, & porque queria: & a quaes como juſto, & porque devia; entaõ desluſtràra a ſua liberalidade, porque aggravava a juſtiça: entaõ pareceria tudo divida ſua, naõ ſendo elle devedor a todos. Mas ſabendo elle com eſta diſtinçaõ de huns a outros a quem dava, & a quem pagava; a todos podia dar: *ſingulos denarios.* Bem cõcordava deſta ſorte, como cõcordou, aquella

Joan. 13. 3. & 5.

Matth. 20. 9. & 10.

Ibid. 12

Ibid. 13. & 14.

la queixa com a juſtiça ; dando do ſeu a quem quiz, & dando o ſeu a ſeu dono : *Tolle, quod tuum eſt.* Fazẽdo o que nòs lhe podemos accommodar, lida aquella eſcritura de David: *Juſtitia & pax oſculatæ ſunt* : no tribunal da juſtiça teve ſeu lugar a paz. No tribunal daquella juſtiça, que dá a cada hum o que he ſeu, dizem os commentarios deſte Pſalmo : *Juſtitia, quæ oſculatur pacem, eſt quæ reddit unicuique ſuum, ex cujus obſervatione pax oritur.* E eſta he a meſma juſtiça do liberal da Parabola ; porque tambem deo a cada hum o que era ſeu : *Tolle, quod tuum eſt.* Tambem eſta juſtiça *Oſculata fuit pacem* ; porque *ex ejus obſervatione*, ceſſou a queixa contra a liberalidade : *pax orta fuit.* Sabendo pois o liberal a quem dà o que quer dar, tem da ſua parte a liberalidade, ainda que lhe argumentem por parte da juſtiça. Seguramente póde entaõ dar a todos ; tanto aos jornaleiros do dia inteiro, como aos de poucas horas do dia ; porque da liberalidade feita com juſtiça : *quæ reddit unicuique ſuum*, ninguem ſe póde queixar : *nemini fit injuria.*

Pſalm. 84. 11.

Bellarmin. in Pſal. 84. ex D. Aug.

19 Foy finalmente Chriſto, & he tambem o mayor liberal, dando ſempre ; porque tãbem ſoube, & ſabe, quando ſe ha de dar.

Soube, que ſe nos havia de dar, quando ſe auſentava, para ainda nos ficar; & fez hum Sacramento, para ainda depois de auſente ſe nos dar ſempre: *Vobiſcum ſum uſque ad cõſummationem ſæculi.* E por ſaber, que o liberal ha de dar ſempre, ſabendo quando ha de dar; nos deixou elle regras certas deſta liberalidade: & todas ſaõ, paraque ſe naõ duvide, quando ſe ha de dar. Diz, que quando pede o faminto, quando pede o ſequioſo, quando pede o deſpido, quando pede o enfermo, & quando pede o encarcerado, ſempre ſe ha de dar a eſtes; porque todos eſtes ſẽpre pedem a tempo de ſe dar. E a quem deixar paſſar eſte tempo, ſem dar aos que lhe pedem, ha de pedir eſtreita conta o Author das mayores liberalidades: *Quia non dediſtis manducare: quia nõ dediſtis bibere, &c.* Eſta liçaõ de ſe dar ſempre, ſabendo o liberal quãdo ha de dar; ſuppõem tambem conſelho, para quando ſe ha de pedir: para ſegurar o ſeu deſpacho quem ſabe o tempo de ſe meter a petiçaõ. Se os dous diſcipulos de Chriſto Joaõ, & Diogo, attendeſſem a eſte tempo; a petiçaõ dos dous lugares: *Dic, ut ſedeant hi duo, unus ad dexteram tuam, & unus ad ſiniſtram in Regno tuo,* naõ ſahiria taõ mal deſpachada:

Matth. 28. 20.

Matth. 25. 42.

Matth. 20. 21.

Ibid.21. chada : *neſcitis quid petatis.* A hora, quando elles pediraõ, era quando Chriſto fallava da morte, que havia de Ibid.18 padecer : *Ecce aſcendimus Jeroſolymam, & Filius hominis tradetur.* E neſſa meſma hora tratàraõ elles de aſſentos, para reynar: *Dic, ut ſedeant in Regno tuo*; & naõ acertàraõ o tẽpo de pedir. Corn. hîc. *Incongruo tempore id petebant, imminente ſcilicèt Paſſione Chriſti, quando lugendum*, diz hum cõmento. Deviaõ primeiro offerecerſe a morrer com Chriſto, vendo que a conferencia daquella hora era da morte, que Chriſto havia de padecer por elles. Entaõ hia a bom tempo a ſua petiçaõ: levava logo no principio o que Chriſto lhes naõ ouvio, & os fez dizer: queremos morrer com=voſco : *poſſumus* Ibid.22 *bibere calicem.* Requerer, & naõ reſpeitar primeiro a vontade de quem ha de deſpachar, he naõ ſaber o tempo de pedir. E iſto meſmo deſcobrimos nòs, & tambem aqui accommodamos, conſiderada aquella liçaõ do pedir, que Chriſto nos enſinou, & deo primeiro aos ſeus diſcipulos. Quando pedires a meu Eterno Pay, attendey primeiro à ſua vontade : *Pater, fiat voluntas tua* ; & entaõ con= Matth. 6.9 & ulteriùs tinuay : *panem noſtrum da nobis : dimitte nobis debita noſtra : ne nos inducas in tentationem* :

libera nos à malo. Pòr os olhos primeiro na vontade de quem ha de dar o deſpacho: *fiat voluntas tua*; & logo vay a tempo toda a petiçaõ: *panem noſtrum da nobis, &c.* E naõ ſó quãdo pedimos a Deos, o ſupremo liberal; mas tambem, quando pedimos aos homens os lãços da ſua liberalidade, ainda que inferior; as petições ſe haõ de fazer na meſma fórma: tambem haõ de levar no principio o querer de quem dà, & depois o querer de quem pede; para ſe pedir a tẽpo, & eſſe ſer o tempo para ſempre ſe dar. Haõ de pedir de dous modos: ou, para fallarmos em termos proprios, haõ de fazer dous *pedes*, os mais advertidos pretendentes. No primeiro modo de pedir, ou no primeiro *pede*, que logo ha de ir no roſto da petiçaõ, haõ de olhar para a vontade de quem dà: haõ de pedirlhe taciſtamente o ſeu querer. E no ſegundo *pede*, que ſe coſtuma pòr ao pè da petiçaõ, vay entaõ explicado o merecimento do deſpacho. O primeiro pedir, entendido; & o ſegundo declarado. Com hũa advertencia porèm muito importante, para que as petições feitas aos homens ſe pareçaõ com as que ſe fazem a Deos. A vontade de quem ha de dar, naõ deve ir na petiçaõ jà como comprada: ha

de

de ſupporſe livre. Naõ ha de ir vontade já feita: ha de ir vontade, para ſe fazer: *Fiat voluntas.* Se no primeiro *pede*, ou no roſto da petiçaõ vay já entendido o que ſe ha de deſpachar pelo que ſe tem dado; iſſo naõ he pedir, que ſe faça a võtade do liberal: he tella já feito ſua o pretendente. Aſſim nos póde parecer, q̃ faziaõ Joaõ, & Diogo, cõ os olhos naquelles dous lugares: *unus ad dexterã, & unus ad ſiniſtram.* Punhaõ logo no principio da ſua petiçaõ a vontade de quem os havia deſpachar: ou queriaõ diſpor della, como ſe foſſe já vontade ſua. Naõ pediaõ; mandavaõ, que elles foſſem aſſentados, como queriaõ: *Dic, ut ſedeant (præcipe, ſtatue, ordina, decerne.)* Corn. hic.

Lagrimas.

§. IX.

20 TIraõ hũa viſta, & daõ outra; & mais eſtimada he a que tiraõ, que a que dão. A viſta, que tiraõ, he a dos olhos do corpo: quanto mais choraõ, menos vem; porque o chuveiro das lagrimas lhes eclipſa a claridade da luz. E a viſta, que dão, he a dos olhos da alma: aſſim como ellas vão correndo por fóra, vaõ afugentando a cegueira de dentro. No meſmo tempo, em que os

olhos choraõ, & não vem tão desembaraçados, como vião; a alma atè alli cega, vay vendo o que não via, & sem embaraço algũ nas suas vistas. Deixão então os olhos de ser os espelhos do corpo; porque nesse tempo nada se póde ver nelles: & as lagrimas vão sendo espelhos da alma; porque nellas se vay então vendo. Ou digamos, que nas horas do choro saõ os olhos espelhos voltados para dentro com a luz para a alma: & para fóra cõ as sombras para o corpo. Assim como, se voltassemos para nós as costas do espelho, a luz do seu cristal ficaria para outros, & as sombras do seu aço para nós. E do mesmo modo, que os olhos, ou estes espelhos vão dando volta às suas vistas: a clara para a alma dentro, & a escura para o corpo fóra; vay tambem a alma dando volta às vidas, deixando de fóra a tenebrosa da culpa, & vivendo dentro a illustrada da graça. Vejamos jà a verdade destas especulações nos olhos de Pedro; & depois as veremos nos olhos da Magdalena: em hũas lagrimas tirando hũa vista, & dando outra: em outras lagrimas fazendo dar volta a duas vidas. As lagrimas choradas por culpas considerou Nazianzeno, como diluvio: *Peccati diluvium, & mundi pia-*

S. Nazianzen. Orat. 3.

piamentum. Porque aſſim como o diluvio purificou a terra dos peccados daquelle tẽpo; em todo o tempo as lagrimas lavão as culpas, & alimpão as maculas da alma. A Jeremias ſe lhe repreſentárão as lagrimas, como mar: *Magna eſt velut mare contritio tua.* Porque ſendo hũ mar de dores a pena, quando he grande; quando he grande a dor dos peccados, manda aos olhos hum mar de lagrimas. E não he muito, que nòs agora as deſcrevamos chuveiros, menos que diluvio, & muito menos que mar; quando dizemos, que vindo ellas aos olhos lhes encobrem a luz, & perturbão a viſta. E ſe as lagrimas, ou ſaõ chuveiros, ou ſaõ diluvio, ou ſaõ mar; os olhos, que as chorão, ou eclipſados, ou afogados, ficão ſem a viſta do corpo. Nem a ſi meſmo ſe podia ver S. Pedro, quando chorava: tendo aſſim perdida a viſta dos olhos, a ſi meſmo ſe perdia de viſta. Quem o vio a elle, foy Chriſto: *Reſpexit Petrum*; & como a perdido da ſua viſta o vio: *Reſpexit Petrum, ut eum quaſi ovem perditam revocaret.* Se elle diſſeſſe de ſi meſmo, quando chorava, o que diſſe de Chriſto, quando o negou; diria então verdade. Pedro então ſeria aquelle homem, que elle naõ co-

Thren. 2. 13.

Luc. 22. 61.

Corn. hic.

nhecia : de todo me deſconheço , poderia dizer ; & com razão diria : *Non noſco hominem.* Eu não me vejo agora , como era ha pouco tempo : não vejo aquellas mãos tão favorecidas de meu divino Meſtre , quando me livrárão do mar , que me afogava ; porque o mar das lagrimas, em que tenho afogados os olhos , as não deixa ver : *Non noſco manus.* Tambem não poſſo ver aquelles pés banhados na agua , cõ que os cobrio o amoroſo Jeſus ; porq̃ mos tira de viſta o diluvio das que inundão neſtes olhos : *Non noſco pedes.* Deſtas viſtas me vejo agora privado : & as lagrimas , que as tirão , me fazẽ de mim meſmo deſconhecido : *Non noſco hominem.*

21 Fazião naquella hora as lagrimas de S. Pedro , tirandolhe eſtas viſtas do corpo ; o que naõ faziaõ, nem as lagrimas de Jacob choradas pelo deſterro de ſeu filho Joſeph ; nem as que chorou na auſencia do ſeu a mãy de Tobias. Como não eraõ lagrimas por peccados , naõ eraõ diluvio , nem mar para os olhos , que as choravão. Naõ viaõ aos ſeus filhos aquelle pay , & aquella mãy ; he verdade : mas não afogados , nem ſumergidos os olhos em lagrimas de culpas. E poſtoque não vião aos ſeus filhos ; vião-ſe elles a ſi meſmos ;

meſmos ; & ainda chegàraõ a ver os filhos , como antes os viaõ. E naõ aſſim Pedro : naõ ſó, quando os ſeus olhos choravaõ , naõ ſe via a ſi ; mas ainda depois naõ ſe via,como ſe tinha viſto. Antes da culpa , via-ſe Pedro , que proteſtava fidelidade a Chriſto : *Etiãſi oportuerit me mori tecum , non te negabo* ; & que o defendia com a eſpada na prizaõ do Horto : *Exemit gladiũ, & percuſſit ſervũ Principis Sacerdotum.* E depois da culpa , via-ſe Pedro, que o havia negado : *Negavit cum juramento* ; & que o tinha deixado nas mãos dos que o prendiaõ : *Omnes fugerunt.* Ter ſido aſſim desleal a ſeu Meſtre , jà naõ podia deixar de ſer,ainda depois de ter ceſſado o diluvio das ſuas lagrimas, & eſtar ſoſſegado o ſeu mar. E como naõ ceſſava de lhe atormẽtar ao coraçaõ eſta dor,(a dòr,digo,de naõ poder deixar de ter negado a Chriſto) deixando de chorar os olhos, o coraçaõ naõ deixava de chorar. O diluvio, & o mar das lagrimas de fóra , paſſáraõ ; mas nem o mar, nem o diluvio das lagrimas de dentro , tinhaõ paſſado : as lagrimas , que eraõ agua , corrèraõ ; mas naõ as que haviaõ ſido màgoa. Toda eſta diffe-rença havia entre Pedro , & Pedro : entre Pedro,vendo-ſe quãdo cho-

Matth. 26. 35.
Ibid. 51.
Ibid. 72.
Ibid. 56.

chorava; & Pedro vis-
to depois de ter chora-
do. Quando chorava,
naõ se via a si de fóra;
porque as lagrimas dos
olhos lhe tiravaõ a vis-
ta do corpo. E depois
de ter chorado, ainda
se naõ via a si por den-
tro; porque ainda a
sua dor lhe cobria a vi-
sta do coraçaõ. E naõ
experimentàraõ estes
mares, nem viraõ so-
bre si estes diluvios os
olhos, & corações de
Jacob, & de Anna: ain-
da estando sem ver os
filhos, & chorando as
suas ausencias; os olhos
de Jacob viaõ o cami-
nho, para ir elle a ver a
Gen 37. 35. seu filho: *Descendam ad filium meum lugens in infernum*; & os olhos de Anna ainda olha-
vaõ para o caminho,
por onde o seu a podia
vir ver a ella: *Circuibat* Tob. 10. 7.
vias omnes, per quas
Ipes remeãdi videbatur.
Naõ choravaõ lagri-
mas, que lhes afoga-
sem os olhos, como
afogàraõ aos olhos de
Pedro as lagrimas, que
elles choràraõ. Ainda
depois de castigada, &
perdoada a sua culpa:
& com taõ brando ca-
stigo, & apressado per-
daõ; que dizem com
Santo Agostinho, naõ
foy mais que hũ abrir
dos olhos de Christo:
Benigno oculorum suo- Corn. ex D. Aug. hic.
rum nutu verberans eũ;
nem se desafogàraõ lo-
go os olhos de Pedro
do diluvio das suas la-
grimas, nem surgîraõ
sobre as ondas do seu
mar. Era este diluvio
para satisfaçaõ da sua
culpa;

culpa; & aſſim havia de durar: ainda depois de perdoada, havião de inundar as lagrimas. Quaes as aguas do diluvio univerſal do mũdo: ainda depois delle remido, haviaõ de correr do coração de ſeu Redemptor: *Exivit aqua*: que nas allegorias deſte myſterio ſe acha ſer a agua daquelle diluvio: por haver elle ſido o caſtigo, que vingou os peccados do mundo; & doerſe Deos de ter dado aquelle caſtigo: *Tactus dolore cordis intrinſecùs.* Erão tambem aquellas lagrimas o mar, que levantou a infidelidade de Pedro; & aſſim havião de afogar: não ſe havia de ſerenar, ſem o ſumergir. Qual o mar dos peccados de todos os homens; que não ſe ſoſſegou, ſem ſumergir a quem delle os ſalvava: *Tempeſtas demerſit me.* Sem morrer Chriſto no mar da ſua Payxão: *Paſſio Chriſti per ſimilitudinem demerſionis in aquas profundiſſimas*; levantando eſſe mar os noſſos peccados: *Peccata totius generis humani.*

Joan. 19. 34. Barth. Eſcob. de teſt. & Cod. Chriſti.

Geneſ. 6. 6.

Pſalm. 68. 3.

Belarmin in Pſal 68 & cóm. PP.

22 Aſſim tiravão a viſta dos olhos do corpo as lagrimas de S. Pedro, & no meſmo tempo lhe hião dando a viſta dos olhos da alma as meſmas lagrimas. Eraõ aguas, que o Sol da divina graça mandava diante, para lhe renacer na alma, & a illuſtrar com os rayos da ſua luz. E verdadei-

dadeiramente Sol era então a graça, que amanhecia ao ſanto Penitente: porque ſepultado antes no horizõte daquelle mar de lagrimas pelo occaſo da culpa; depois lhe renacia na alma com as luzes reſuſcitadas pelo arrependimẽto. E quãto mais cubertos de agua aquelles olhos do corpo; mais claros os olhos da ſua alma: mais deſembaraçada hũa viſta, quanto mais perturbada a outra. Repreſentação muito propria daquella viſta milagroſa, que Chriſto deo ao cego de nacimento: cobriolhe os olhos de lodo, & mandoulhe, que tambem os foſſe cobrir de agua. Erão dous impedimẽtos, que fazião ver menos, lodo, & agua; & ambos erão para o cego ver mais, ou para de todo ver. A cegueira deſte cego, aſſim como em ſentido myſtico repreſentava a de Adam o primeiro cego do peccado original, tambem podia ſer hum ſignificativo de qualquer cegueira moral de ſeus deſcendentes. Se por iſſo eſte cego era figura do genero humano: *Cæcus a nativitate, eſt genus humanum Adæ peccato originali obcæcatum*: todos os homens por algum peccado ſeu myſticamente cegos, como elle, forão, ſaõ, & irão ſendo os ſeus figurados. E por agora neſte noſſo diſcurſo he S. Pe-

S. Aug. Beda apud orn. hic.

Pedro, depois de cahido na ſua culpa, hum deſtes cegos. E admittida eſta conſideração, dizemos por ſemelhãça accommodada, que curou elle a ſua ceguei-ra, aſſim como Chriſto curou a do cego. Chriſto curou a ceguei-ra do cego, pondolhe ſobre os olhos hum véo de lodo: *Linivit lutum ſuper oculos ejus*; & mandandolhe lançar ſobre eſte o outro, que faz a agua, em quanto cobre os olhos: *Vade, lava in natatoria Siloë*. E aſſim como o cego com multiplicação dos impedimẽtos da viſta, hia vendo menos; era para ver mais, como vio: *Lavit, & venit videns*. E todo o peccador nelle repreſentado (o noſſo Santo Penitente ſupponhamos) multiplicadas as inundações das ſuas lagrimas já como diluvio, já como mar: aſſim como ſe hião cobrindo mais os olhos do corpo, mais ſe hiaõ aclarando os da alma, até que de todo vio: *Lavit, & vidit*. E que differentes deſte cego myſtico ſaõ todos os outros, que no meſmo ſentido tambem ſaõ cegos! Eſte não via, porque chorava: as ſuas lagrimas lhe tiravão a viſta. E os outros, quando chorão, he porque vem. Não choràra Adão do modo, que chorou, & nos faz chorar a nòs, ſe elle não vira o fruto, que comeo: *Pulchrum oculis*,

Joan. 9. 6.

Ibid. 7.

Ibid.

Gen. 3.

lis, aſpectuque delectabile. Os outros culpados do mundo não chorão, como S. Pedro; porque ſe deixão eſtar no lugar da ſua culpa. E S. Pedro ſahio do lugar, onde commetteo a ſua culpa, para chorar fóra delle: *Egreſſus foras,* Marth. 26.75. *flevit.* Os outros cegos, como ficão para verẽ, não deixão de ver, porque choren. E S. Pedro ſahio para não ver, porque ſahio a chorar: *Egreſſus flevit.* Ainda eſtamos no milagre do cego de nacimento; & tambem nos cegos nelle repreſentados. Aquelle cego vio, pondolhe Chriſto o lodo nos olhos: & os outros cegos não vem; porque põem os olhos no lodo. Naquelle lodo, que antes de ſe emendar Santo Agoſtinho, tanto lhe levava os olhos: *Ah quoties repetij volutabrum.* S. Aug. in Soliloq. No lodo do cego, dizem, q̃ lhe deo Chriſto a ver o barro vil, de que era compoſto: *Cogitatio ſuæ vilitatis, quòd ex luto factus ſit,* Gloſſ. Interl. apud Corn. hîc. para cobrar a viſta dos olhos: *ut curetur.* E o lodo dos outros cegos, digamos nòs, q̃ ſe lhes dà a ver na vileza do q̃ fazem, ficando cegos como dantes por eſtas viſtas: *Quod in luto faciunt, & non curantur.*

23 Até aqui as lagrimas tirando hũa viſta, para darem outra: tirando a do corpo, para darem a da alma. Agora as meſmas lagrimas fazendo voltar duas

duas vidas : a errada, que levava a Magdalena, quando a guiavão os ſeus appetites deſordenados: & a emendada, q̃ depois a trouxe aos pés de Chriſto, quãdo ſobre elles chorou os ſeus peccados arrependida. Na vida errada eraõ os ſeus olhos eſpelhos voltados para o mundo, nos quaes elle ſe via; & ella andava cega. E na vida emendada foraõ eſpelhos voltados para ella; & ſó entaõ ſe via a ſi. Quando eraõ eſpelhos voltados para o mundo, trazia ella o mundo nos ſeus olhos, ou os olhos no mundo, ficando-ſe de hum, ou outro modo nas coſtas dos eſpelhos : para o mũdo a luz dos olhos; qual a do vidro do eſpelho para quem elle eſtà virado. E as ſombras dos olhos para ſi; qual o aço do meſmo eſpelho para quem lhe fica nas coſtas. Neſtas voltas de olhos, & de viſtas, foraõ as ſuas lagrimas as que fizeraõ mudança nas vidas, & purificar os eſpelhos. Em quanto cahiaõ dos olhos, eraõ corrẽtes, q̃ lavavaõ, & levavão as mãchas dos eſpelhos, & alimpavaõ as maculas da vida. E por iſſo depois que ſe vio nelles aſſim purificados, nunca *Oblita eſt, qualis fuerit*; ſempre chorando as ſuas culpas; porque ſempre vendo-ſe a eſtes eſpelhos. Cõ a vida paſſada pelas coſtas, & com a preſente diante

Luc 1. 24.

dos

Luc. 7. 37. dos olhos; jà naõ *mulier peccatrix*; mas *mulier, cui remiſſa peccata.* Aſſim como S. Paulo, depois de convertido, AdGal. 2. 19. *confixus cruci*; ella depois da ſua converſaõ, *Confixa pedibus Chriſti.* E depois de cahidas as lagrimas aos pés de ſeu Redemptor, tinha nellas novo eſpelho, para novas viſtas. Depois de ſe ter viſto a ſi, olhando arrependida para os ſeus peccados; via-ſe a ſi meſma defronte de ſi, & contra ſi nas lagrimas por elles choradas. Como os de David, quando os chorava, aſſim ſe lhe davaõ a Pſalm. 50. 5. ver: *Peccatum meum contra me eſt ſemper*; do meſmo modo haviaõ de ſer viſtos os da Magdalena, quando os confeſſava chorando: havia de os ver *ſemper contra.* No ſangue do corpo de Chriſto, que nos ficou retratado na ſepultura, tambem ſe nos moſtraõ os peccados, que lho tiràraõ das veas. E ſe as lagrimas (como jà houve quem o diſſe) ſaõ o ſangue da alma; neſte ſangue, q̃ lhe corria dos olhos, via tambem a Magdalena copiadas as ſuas culpas. E bem podia entaõ dizer fallando cõ a ſua alma; que do ſeu ſangue fazia para ſi eſpelho: aſſim como ſe conſiderou, que do ſeu corpo chagado fizera Chriſto eſpelho para nòs: *Feciſti nobis Do-* Prog. Offienſ. *mine de corpore tuo ſpeculum.* Neſta diverſa poſtura de eſpelhos, o

do

do ſangue do corpo de Chriſto, & o das lagrimas, que eraõ o ſangue da alma da Magdalena, via ella de dous modos os ſeus peccados. No eſpelho do corpo de Chriſto enſangoentado, viſtos cõ miſericordia para ſi: *Feciſti nobis ſpeculum.* E no eſpelho do ſangue da ſua alma, moſtrados pela juſtiça cõtra ſi: *Contra me ſemper.* E ſaõ por ventura eſtes os eſpelhos, em que vòs, ô homens mortaes, vedes os voſſos peccados? He hum eſpelho o corpo de Chriſto enſangoentado? Saõ outro eſpelho as voſſas lagrimas, como ſangue eſtillado da alma? Vedeſvos perdoados por Chriſto no ſeu corpo: ou accuſados nas voſſas lagrimas? Day hũa volta a eſtes eſpelhos: pondevos nas coſtas do corpo de Chriſto, por vos naõ accuſar a luz dos ſeus olhos; & vereis no ſeu ſangue contra vòs os voſſos peccados: *Supra dorſum meũ fabricaverunt peccatores.* Diverti da voſſa viſta o ſangue das voſſas lagrimas, dandolhe as coſtas; & vereis ſobre vòs o voſſo ſangue: vereis, que vos diz elle: *Sanguis tuus ſuper te.* Em quanto naõ deres volta às duas vidas, q̃ vos ficaõ lembradas: à errada que viveis, & à emendada, de que fugîs; ſempre haveis de ter por voſſos accuſadores eſtes eſpelhos: Pſalm. 128. 3.

no ſangue do corpo de Chriſto os voſſos peccados : *ſupra dorſum ejus* ; & nas voſſas lagrimas o ſangue da voſſa alma : *contra vos.*

24 Jà agora naõ ſe duvidarà, que as lagrimas tirem hũa viſta, & dem outra : & muito menos haverà duvida de ſer mais eſtimada a que tiraõ, que a q̃ daõ: mais a dos olhos do corpo, que a dos olhos da alma. Naõ, porque ella ſeja para que mais a eſtimem ; mas porq̃ a eſtimaõ mais. A viſta dos olhos da alma naõ lhe importa menos, q̃ a ſua ſalvaçaõ : olhar, ou naõ olhar para ella, he ſalvarſe, ou naõ ſalvarſe a alma. E quãtas vezes ſe perde eſta pelas viſtas dos olhos do corpo: ou quaes ſaõ as almas jà perdidas, q̃ ſe naõ perdeſſem por eſtas viſtas? Por olharem os avarentos para o luſtre das riquezas, os ſoberbos para o eſplendor das honras, & os ſẽſuaes para o agrado libidinoſo das preſenças ? Todas eſtas viſtas deſordenadas, immoderadas, & deſencaminhadas, excitàraõ nos olhos aquellas tẽpeſtades, em que tem naufragado a mayor parte do mundo. Digo, a mayor parte; porque a menor, & a muito menor, he a que emprega as viſtas na ſalvaçaõ da alma. A buſcar a viſta dos olhos, foraõ a Chriſto muitos cegos ; a ver reſtituida a ſaude do corpo,

foraõ

foraõ innumeraveis enfermos; & a tirar a cegueira da alma, quantos foraõ os que o buſcàraõ? Dos ricos do mundo, ſoy ſó hum; dos ambicioſos de hõras, nem hum ſó; & dos amadores da ſenſualidade, hũa ſó Magdalena. Horrivel conſideração! E ainda dos dous cegos, que buſcàrão ao divino Medico; o que parece queria abrir os olhos da alma, dizendo a Chriſto: Matth. 19. 16. *Quid boni faciam, ut habeam vitam æternam*; voltou tão cego, como Ibid. 22. fora: *abijt triſtis*; por não ſe ver deſpojado dos bens, que tinha: *Erat enim habẽs multas poſſeſſiones*. Só a Magdalena ſahio dos ſeus pés cõ a viſta, que lhe derão as ſuas lagrimas; afogados nellas primeiro os olhos do corpo: *Lacrymis rigavit pedes meos*; depois abertos os da alma, & perdoadas todas as ſuas culpas: *Remittuntur ei peccata multa*. Abrão pois os olhos os que entendem eſtas verdades; & não ſó vejão como olhão, mas tãbem como chorão. Vejão, ſe chorão, porque virão; ou ſe jà vem, porque choràrão. Se chorão, porque virão, não vejão mais, para chorar: & ſe jà vem, porque chorárão, não tornem outra vez a ver. E para ſegurarem o effeito deſta receita, exemplos tem nas lagrimas de Pedro, & da Magdalena, ſem mais

Luc. 7. 44.

Ibid. 74.

outro ingrediente, nem estenderem muito as suas petições, para haverem a vista, que pretenderẽ. As mesmas lagrimas saõ as que pedem, quando saõ lagrimas para perdaõ; & só ellas saõ as despachadas, sem preceder perdaõ pedido, nem ouvido. Nem S. Pedro, nem a Santa Magdalena fallàraõ: bastou chorarem huns olhos: *Flevit amarè*; & bastou chorarem outros: *Lacrymis rigavit.*

March. 26. 75.

Lembrança.

§. X.

25 A Melhor representação do Sol; & então, a peyor lembrança. A melhor representação do Sol; porque como o Sol, vay, & vem: ou como elle, nace, & morre. E então he a peyor lembrança; porque sendo de algũa pena (como havemos de suppor) não se vay, sẽ voltar: & não tem occaso sem oriente. Neste seu circulo, assim como o Sol no seu anda sempre por ser lẽbrança: não se esconde agora nas sombras do esquecimento, sem que logo depois appareça despida dessas sombras. E se tem algũa differença do Sol, he, para ella atormentar mais. O Sol, quando deixa o seu occaso, nace festival, & applaudido: & a lembrança da pena traz tão triste oriente, como

como foy o ſeu occidẽte. A melhor couſa, q̃ tem o Sol, he ir para voltar: não nos deixa ſaudades, ſem tambem na eſperança nos deixar o alivio. E iſto não tem a lembrança, de q̃ fallamos: a peyor couſa, que tem, he tornar a vir: não deixa remedio para a pena na ſua ida; porque a meſma ha de trazer na volta. O Sol anda em dous hemiſferios; & ſe deixa a hum a noite, ao outro dà o dia. E a lẽbrança, que atormẽta, ſe lhe quizermos conſiderar os meſmos hemiſferios do Sol, ambos ſaõ de noites: tãto nos anoytece, quando ſe vay, como quando vem. Nos dias, que faz o Sol, ha bons, & maos dias: boas, & màs noytes: & a lembrança, nem por imitação ao Sol faz dias: & ſaõ màs as noytes, que faz. E he a razão, porq̃ aos ſeus atormentados nũca ſe lhes póde dar bõs dias, porque todas as ſuas horas ſão de noytes. Sem a luz do Sol ſer boa para muitos, porque aos cegos não faz bem algum; o tenebroſo de hũa lembrança triſte, até aos cegos faz mal. Como a pena lhes não entra pelos olhos, não livrão della, porque não vem, baſta ſó que ouçáo. E por algũas razões, ainda a pena lẽbrada moleſta mais, do q̃ recrea a luz viſta: não he tão grande o bem daquella viſta, como o mal deſta

pena. A luz viſta não paſſa dos olhos, & a pena lembrada traſpaſſa ao coração. Com hũ divertir de olhos ſe perde a luz de viſta: & não deſapparece a pena, ainda fechados os olhos. Quem não quer que o cegue a luz do Sol, pódelhe fechar a porta: & não tem portas que fechar, o q̃ não quizer que lhe chegue a pena à alma. O Sol em algũas horas póde ſer nocivo: a pena lẽbrada, em todas. O que no Sol ſão influencias, com que nos ſeus gyros anîma a todos os viventes; na roda viva da pena lembrada ſão eſtimulos, que atormentão a todo o penalizado. Não he ſó parecida com o Sol a lẽbrança da pena em ter nacimento, & occaſo, como o Sol: em fazer o ſeu curſo circular, como o Sol o faz; & em influir, como o Sol influe. No que ainda ſe parece mais, & tãbem por iſſo mais atormẽta, he em communicarſe o Sol a todos os aſtros do Ceo; & a lẽbrança da pena a todos os ſentidos do homẽ. Aſſim como o Sol he alma dos luminoſos celeſtes; a lembrança da pena anîma, & dà vida (faz mayores, queremos dizer) aos pezares humanos. Levanta-ſe do horizonte das ſombras, como o Sol das trevas do ſeu occaſo, a lembrança de hũa pena; & dominando a hum coração ma-

magoado, vay dando alentos ao ſeu pezar, como ſe o fizeſſe viver. Eſte ſe deixa logo ver nos olhos cahidos, no ſemblante triſte, nas vozes quebradas, & na ſuſpẽſão profunda. Iſto he no homem de fóra: & no homem de dentro, vive a pena na memoria, diſcorre-a o entendimento, ſofre-a violentada a vontade: & deſta ſorte entrando no Zodiaco deſtas potencias, & ſentidos, os vay cobrindo de ſombras, aſſim como o Sol no Zodiaco dos Signos os reveſte de luzes. Tẽ mais a lembrança da pena ſobre toda eſta ſemelhança cõ o Sol, aſſim em ſentido contrario, como temos moſtrado; ſer hũ eclipſe continuado: naõ o padecendo o Sol, ſenaõ por breves tempos, & tal vez de annos a annos. E dado caſo, que duraſſe tanto tempo o eclipſe do Sol, como dura eclipſando a pena lembrada; as ſombras do Sol eclipſado ſó ofenderiaõ a viſta dos olhos, & ao homem exterior: & eclipſando a pena lembrada ao homem interior, as ſuas nuvens aſſombraõ ao coraçaõ. Os eclipſes do Sol, póde-os prever a ciencia humana; & naõ os que faz a lembrança da pena. Como eſta vem muitas vezes da parte, donde ſe naõ eſperava, & ſe levanta debaixo dos pés, naõ póde ſer previſta: eclipſes improviſos naõ

ſaõ

ſaõ prognoſticados. E ſobre eſte mal, ainda os eclipſes da pena excedem aos do Sol: eſtes paſſaõ, & naõ tornaõ: os que jà foraõ, naõ vieraõ. E os eclipſes da pena naõ paſſaõ, quando por algum eſquecimento ſe divertiraõ, ſem voltarem os meſmos. He a lembrãça a ſua cauſa: & porque eſta he effeito da memoria, que traz revocado o que jà paſſou; os ſeus eclipſes vaõ, para tornarem. Se a eſte Sol repreſentado (à lembrança da pena, dizemos) lhe quizermos dar dias, para delles ſe numerarem mezes, & annos; ainda aſſim naõ haveria ciencia algũa, que lhe calculaſſe os ſeus eclipſes. Poderia o coraçaõ, como unico profeta das penas futuras, preſentir approximaçaõ de alguns: mas naõ individuarlhe o anno, nem o dia. Finalmente depois de paſſados os eclipſes do Sol, torna a vir a ſua luz: o que ſe naõ póde ver nos eclipſes da pena lembrada. Como eſta ſempre vem, naõ ſaõ as ſuas ſombras, das quaes poſſamos dizer cõ Job: *Poſt tenebras ſpero lucẽ.* Job 17. 12.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

LAUS DEO.

IN-

INDEX LOCORVM SACRÆ SCRIPTURÆ.

Prima nota oſtendit literam Alphabeti, ſecunda numerum.

Ex Libro Geneſis.

Cap.1.1. CReavit Deus Cælũ.B.18.
2. *Tenebræ erant ſuper faciem abyſſi.E.13.*
3. *Fiat lux. ibid.*
5. *Veſpere, & manè dies unus.D.18.*
11. *Juxta genus ſuum.F.12.*
16. *Luminare maius.L.1.*
Luminare maius, ut præeſſet diei.I.5
Luminare minus, ut præeſſet nocti. I.6.
Ut præeſset diei.G.3 L.1.
Luminare maius, ut præeſſet diei: & luminare minus, ut præeſſet nocti. G.5.
Ut præeſſet nocti.G.3.
17. *Ut lucerent ſuper terrãm.G.5.*
18. *Ut dividerent lucem à tenebris. ibid.*
26. *Faciamus hominem, &c.B.18. E.5.*
Faciamus hominem ad imaginem noſtram.A.4.D.3.
Ad imaginem, & ſimilitudinem noſtram.D.16.G.3.
28. *Creſcite, & multiplicamini.G.3.*
Replete terram, & dominamini univerſis animantibus.H.10.
Dominamini piſcibus maris, & volatilibus cæli, & univerſis animantibus, quæ moventur ſuper terram. D.3.
Dominamini univerſis animãtibus, quæ moventur ſuper terram.C.15.
31. *Cuncta, quæ fecerat, erant valdè bona.B.14.D.16.*
Cap.2.2. *Requievit ab univerſo opere.B.14.*
9. *Produxit Deus omne lignum pulchrum.F.17.*
Lignum ſcientiæ boni, & mali.H.9.

15. *In paradiſo voluptatis.C.15.*
16. *Ex omni ligno paradiſi comede. F.17.*
17. *Ne comedas.F.6.& 18.*
In quocumque die comederis ex eo, morte morieris.C.15.F.17.G.15.& 20.H.9.
Morte morieris.G.19.L.11.
21.& 22. *Immiſit Dominus ſopore in Adam; & ædificavit coſtam in mulierem.D.3.*
24. *Duo in carne una.C.35.*
Cap.3.1. *Præcepit vobis Deus, ut non comederetis de omni ligno Paradiſi.F.6.*
4. *Nequaquam morte moriemini. D.29.F.6.G.15.& 19.*
5. *Scit Deus, quod in quocũque die comederitis ex eo, eritis ſicut dij. D.29.G.19*
Eritis ſicut dij.A.4.D.29.E.5.& 11.F.18.G.15.I.6.
Sicut dij.B.20.
Eritis ſicut dij ſcientes.D.11.
Eritis ſcientes.F.6.L.11.
6. *Bonum ad veſcendum.H.9.*
Pulchrum oculis. ibid.
Bonum ad veſcẽdum, pulchrum oculis, aſpectuque delectabile.D.3.
Pulchrum oculis, aſpectuque delectabile,C.36.D.9.F.17.L.22.
Tulit.D.29.
Tulit, comẽdit, dedit que viro ſuo. A.17.
Comẽdit.D.11.& 29.
Comẽdit, deditque viro ſuo, qui comẽdit.G.1.
Dedit viro ſuo, qui comẽdit.C.36. D.29.
Comẽdit.G.3.H.17.
8. *Abſcõdit ſe à facie Domini.D.11*
12. *Mulier, quam dediſti mihi ſociam, dedit mihi de ligno, & comẽdi.C.10.D.37.*
Mulier dedit mihi de ligno, & comẽdi.G.17.
13. *Serpens decepit me.B.16.G.15. & 17.*
Serpens decepit me,& comẽdi.C.10.
14. *Quia feciſti hoc, maledictus es inter omnia animantia,& beſtias terræ.C.10.F.14.*
16. *Multiplicabo ærumnas tuas: in dolore paries, &c.F.14.*
17.& 19. *Quia audiſti vocem uxoris tuæ, &c. in pulverem revertêris F.14.*
17. *Maledicta terra in opere tuo. ibid.*
In laboribus comedes.H.9.
17.& 18. *Maledicta terra in opere tuo: in laboribus comedes ex ea: ſpinas, & tribulos germinabit tibi. D.3.*
18. *Comedes herbam terræ. ibid.*
19. *Donec revertaris in terram, de qua ſumptus es.H.9.*
Pulvis es.A.17.
Pulvis es,& in pulverem revertêris. C.8.
In pulverem revertêris. C.3.D.9. E.11.F.17.G.15.& 18.H.4.L.11.
23. *Emiſit eum de paradiſo.C.15.G.3.*
Cap.4. 2. *Fuit Abel paſtor ovium. H.10.*
Et Cain agricola. ibid.
3. *De fructibus terræ. ibid.*
4. *De primogenitis gregis ſui. ibid.*
5. *Ad*

5. *Ad munera illius non reſpexit. F.10.*

5. & 8. *Iratus interfecit eum. G.18.*

6. *Cur concidit facies tua? A.24.*

7. *Nonne, ſi malè egeris, ſtatim in foribus peccatum aderit? ibid.*

8. *Conſurrexit Cain adverſus fratrem ſuum Abel, & interfecit eum. H.10.*

10. *Vox ſanguinis clamat. F.8.*

11. & 12. *Maledictus eris ſuper terram: cùm operatus fueris eam, non dabit tibi fructus ſuos. H.10.*

14. *Omnis, qui invenerit me, occîdet me. D.33. H.8.*

Cap.6.6. *Tactus dolore cordis intrinſecùs. L.21.*

Cap.7.17. & 18. *Multiplicatæ aquæ vehementer inundaverunt. B.17. Ferebatur ſuper aquas. ibid.*

Cap.8.4. *Requievit ſuper montes Armeniæ. ibid.*

11. *Portans ramum olivæ in ore ſuo. A 19.*

Cap.11.4. *Faciamus turrim. G.1. Cujus culmen pertingat ad cælum. E.22. G.1.*

7. *Ut non audiat unuſquiſque vocem proximi ſui. E.22. G.1.*

8. *Ceſſaverunt ædificare. E.22. G.1.*

Cap.18.27. *Loquar ad Dominum, cùm ſim pulvis, & cinis. C.28.*

Cap.21.10. *Ejice ancillam hanc, & filium ejus: non enim erit hæres filius ancillæ cum filio meo. H.11.*

Cap.22.16. *Quia feciſti hanc rem. I.7.*

16. & 17. *Quia feciſti hanc rem, multiplicabo ſemen tuũ, ſicut ſtellas cæli. A.2.*

17. *Multiplicabo ſemen tuum, ſicut ſtellas cæli. I.7.*

Cap.25.22. *Collidebantur in utero ejus. I.5.*

23. *Maior ſerviet minori. ibid.*

Cap.27.12. *Timeo, inducam ſuper me maledictionem pro benedictione. H.10.*

13. *In me ſit iſta maledictio. ibid.*

19. *Ego ſum primogenitus tuus Eſau. I.12.*

22. *Manus ſunt Eſau. ibid.*

36. *Surripuit benedictionem meam. H.10.*

36. 38. & 41. *Jacob ſurripuit benedictionem meam: & cùm ejulatu magno fleret, dixit in corde ſuo: occidam fratrem meum. I.12.*

41. *Occîdam fratrem meum. H.10.*

Cap.28.20. & 21. *Si dederit mihi panem ad veſcendum, erit mihi Dominus in Deum. B.8.*

Cap.29.18. *Serviam tibi pro Rachel. B.18. D.13. & 25.*

Cap.32.26. *Dimitte me. A.14.*

Cap.37.5. *Viſum ſomnium, maioris odij ſeminarium fuit. I.7.*

7. *Putabam nos ligare manipulos in agro. E.6.*

Vidi conſurgere manipulum meum, & ſtare; veſtroſque manipulos circumſtãtes adorare manipulum meũ. E.5.

Putabam manipulos veſtros adorare manipulum meum. E.5. I.7.

7. & 9. *Vidi veſtros manipulos circumſtãtes adorare manipulum meũ. Vidi quaſi ſtellas undecim adorare me. F.4.*

8. *Numquid Rex noſter eris? E.5.*
Numquid ſubjiciemur? ibid.
Numquid ſubjiciemur ditioni tuæ? I.7.
Cauſa ſomniorum, atque ſermonum, invidiæ, & odij fomitem miniſtravit.E.6.
Cauſa invidiæ, & odij.E.5.
9 *Vidi quaſi ſtellas undecim adorare me.E.5.I.7.*
11. *Invidebant igitur fratres.F.4.*
19 & 20. *Ecce ſomniator venit, venite, occidamus eum.ibid.*
28. *Vendiderunt eum Iſmaelitis. ibid.*
35. *Deſcendam ad filium meum lugens in infernum.D.38.L.21.*
Cap.38.27. *Ligavit coccinum.B.7.*
Cap.39.10. *Per ſingulos dies mulier moleſta erat adoleſcenti, & ille recuſabat ſtuprum.B.2.*
12. *Relicto pallio.B.16.*
Relicto in manu ejus pallio, fugit, & egreſſus eſt foràs.B.2.
13. & 14. *Cùm vidiſſet veſtem in manibus ſuis, & ſe eſſe contemptam, vocavit ad ſe homines domûs ſuæ, & ait ad eos, &c.H.6.*
Cap.40.16. *Vidi, quòd tria canistra farinæ haberem ſuper caput meum.B.8*
21. *Suſpendit in patibulo. ibid.*
Cap.41.5.6. & 7. *Septem ſpicæ pullulabant plenæ: aliæ quoque totidem tenues devorantes priorum pulchritudinem.ibid.*
23. & 24. *Septem ſpicæ tenues priorum pulchritudinem devoraverunt. D.8.*
26. & 27. *Septem ſpicæ plenæ; ſeptem ubertatis anni ſunt: & ſeptem ſpicæ tenues, & vento urente percuſſæ; ſeptem anni venturæ ſunt famis. ibid.*
Cap.45.3. & 4. *Ego ſum Joſeph: ego ſum Joſeph frater veſter.F.4.*
4. *Quem vendidiſtis in Ægyptum. ibid.*
12. *En oculi veſtri vident, quod os meum loquatur ad vos. ibid.*
Cap.47.9. *Dies peregrinationis meæ parvi, & mali.D.22.*

Ex Libro Exodi.

Cap.2.10. *Quem illa adoptavit in locum filij.H.1.*
Cap.3.10. *Mittam te ad Pharaonem, ut educas populum meum de Ægypto.ibid.*
14. *Ego ſum, qui ſum.D.39.*
Cap.4.1. *Non audient vocem meam. A.11.*
10. *Non ſum eloquens.ibid.*
12. *Perge: ego ero in ore tuo.ibid.*
Cap.7.12. *Devoravit virga Aaron virgas eorum.D.2.*
22. *Induratum cor Pharaonis.C.13.*
Cap.18.21. *Provide de omni plebe viros potentes, & timentes Deum, in quibus ſit veritas, & qui oderint avaritiam.I.11.*
Cap.20.19. *Loquere tu nobis, & audiemus: non loquatur nobis Dominus, ne forte moriamur.D.11.*
Cap.32.1. *Fac nobis deos, qui nos præcedant.A.15.G.15.*
4. *Formavit opere fuſorio, & fecit vitulum conflatilem.A.15.*
8. *Adoraverunt, & dixerunt: iſti ſunt*

ſunt dij tui Iſrael.ibid.

17. *Vlulatus pugnæ auditur in caſtris.E.1.*

18. *Vocem cantantium ego audio. ibid.*

19. *Cùm appropinquaſſet ad caſtra, vidit vitulum, & choros.ibid.*

Cap.34.29. *Ignorabat, quòd cornuta eſſet facies ſua.E.6.*

Cap.37.9. *Extendentes alas, & tegentes propitiatorium.ibid.*

Se mutuò, & illud reſpicientes.ibid.

Ex Libro Numerorum.

Cap.18.20. EGo pars, & hæreditas tua.H.12.

Cap.20.13. *Aqua contradictionis. F.7.*

Ex Libro Deuteronomij.

Cap.25.2. PRo menſura peccati erit plagarum modus.I.20.

Ex Libro Joſue.

Cap.10.13. STetit Sol in medio cæli.D.18.

Sol non feſtinavit occumbere.ibid.

Stetit Sol ſpatio unius diei.ibid.

14. *Non fuit antea, nec poſtea tam longa dies.ibid.*

Ex Libro Judicum.

Cap.7.5. QUi linguâ lambuerint aquas.B.13.

Separabis eos ſeorſum.ibid.

Qui curvatis genibus biberint.ibid.

In altera parte erunt.ibid.

6. *Manu ad os proiiciente lambuerant aquas.ibid.*

Flexo poplite.ibid.

Cap.9.8. *Ierunt ligna, ut ungerent ſuper ſe regem.E.5.*

14. *Dixerunt omnia ligna ad rhamnum: veni, & impera ſuper nos.ibid.*

Cap.13.24.& 25. *Crevit puer: cœpitque Spiritus Domini eſſe cum eo. C.11.*

Cap.16.6. *Dic mihi, obſecro, in quo ſit tua maxima fortitudo? ibid.*

7. *Si ſeptem nerviceis funibus ligatus fuero.ibid.*

11. *Si ligatus fuero novis funibus. ibid.*

12. *Rupit vincula, quaſi fila telarum.ibid.*

13. *Si ſeptem crines capitis mei cum licio plexueris.ibid.*

17. *Si raſum fuerit caput meũ.ibid.*

Si raſum fuerit caput meum, recedet à me fortitudo mea, & deficiam. L.13.

19. *Vocavit tonſorem, & raſit ſeptẽ crines ejus: & ſtatim ab eo fortitudo diſceſſit.C.11.*

20. *Egrediar.ibid.*

Sicut antè feci.ibid.

Neſciens, quòd receſſiſſet ab eo Dominus.ibid.

21. *Quem cùm apprehendiſſent.L.13.*

Eruerunt oculos ejus.A.18.L.13.

Quem cùm apprehendiſſent Philiſthiim, duxerunt Gazam vinctum catenis.C.11.

30. *Concuſſis fortiter columnis, cecidit domus ſuper omnes principes, & cæteram multitudinem, quæ ibi erat.C.2.*

Ex Libro 1. Regum.

Cap. 1. 8. CUr flet? Numquid non ego melior tibi ſum, quàm decem filij? A. 5.

Cap. 10. 24. Vivat Rex. C. 15.

Cap. 16. 23. Spiritus malus arripiebat Saul. E. 4.

Tollebat David citharam. I. 10.

David tollebat citharam, & percutiebat manu ſuâ. E. 4.

Reſocillabatur, & levius habebat. ibid.

Recedebat ſpiritus malus. I. 10.

Cap. 17. 4. Altitudinis ſex cubitorũ, & palmi. C. 7.

10. Date mihi virum, & ineat mecum ſingulare certamen. B. 2.

39. Non poſſum ſic incedere. H. 13.

Quia non uſum habeo. ibid.

44. Veni ad me, & dabo carnes tuas volatilibus cæli. I. 10.

50. Prævalet adverſum Philiſthæum. ibid.

51. Tulit gladium, eduxit eum de vagina ſua, & interfecit eum. ibid.

Tulit gladium ejus, & interfecit eum, præciditque caput ejus. B. 3.

Tulit gladium, præciditque caput ejus. D. 14.

57. Caput Philiſthæi in manu. F. 5.

Cap. 18. 1. Anima Jonathæ conglutinata eſt animæ David. B. 9.

7. Præcinebant dicentes: David percuſſit decem millia. F. 5.

Percuſſit Saul mille, & David decẽ millia. I. 16.

8. Diſplicuit in oculis ejus ſermo iſte. ibid.

Dederunt David decem millia, & mihi mille dederunt. ibid.

11. Putans eum configere cum pariete. F. 5.

Cap. 19. 10. Niſus configere David lanceâ. G. 18.

Cap. 24. 7. Non mittam manum meã in eum. I. 14.

Ex Libro 2. Regum.

Cap. 6. 7. IRatus Dominus contra Ozam, percuſſit eum ſuper temeritate. F. 12.

Mortuus eſt juxta arcam. ibid.

Cap. 11. 15. Ponite Uriam ex adverſa belli, ubi fortiſſimum eſt prælium: & derelinquite eum, ut percuſſus intereat. D. 16.

27. Introduxit eam in domum ſuam, & facta eſt ei uxor. ibid.

Cap. 12. 13. Tranſtulit Deus peccatum tuum. E. 7.

Cap. 14. 32. obſecro, ut videam faciem regis. B. 9.

Quod ſi memor eſt iniquitatis meæ, interficiat me. ibid.

Cap. 15. 13. Toto corde univerſus Iſraël ſequitur Abſalom. B. 11.

Cap. 18. 5. Servate mihi puerum Abſalom. C. 15.

Ex Libro 3. Regum.

Cap. 1. 25. 34. & 39. VIvat Rex. C. 15.

Cap. 3. 25. Dividite infantem. A. 2.

26. Dividatur. ibid.

Cap. 4. 7. Habebat duodecim Præfectos, qui præbebant annonam Regi, & domui ejus. B. 10.

Per ſingulos menſes, ſinguli neceſſa-

via miniſtrabant.ibid.

Cap.17.1. *Vivit Dominus, ſi erit annis his ros, & pluvia, niſi juxta oris mei verba.L.6.*

13. *Primùm panem parvulum affer ad me: tibi autem, & filio tuo facies poſteà.ibid.*

Cap.18.21. *Uſquequò claudicatis? .A.17.*

Uſquequò claudicatis in duas partes? C.26.

40. *Duxit eos ad torrentem Ciſon, & interfecit eos.L.6.*

Cap.19.4. *Petivit animæ ſuæ, ut moreretur.D.9.L.6.*

Ex Libro 4. Regum.

Cap.1.10.&12. *Deſcendit ignis, & devoravit eum, & quinquaginta, qui erat cum eo: deſcendit ignis, & devoravit illum, & quinquaginta ejus.L.6.*

Cap.3.22. *Viderunt aquas rubras quaſi ſanguinem.E.2.*

23. *Sanguis gladij eſt.ibid.*

Cap.4.31. *Non ſurrexit puer.A.12.*

34. *Incubuit ſuper puerum.E.10.*

Poſuit os ſuum ſuper os ejus.A.12.

Poſuit oculos ſuos ſuper oculos ejus. E.10.

Et manus ſuas ſuper manus ejus. ibid.

36. *Tolle filium tuum.A.12.E.10.*

Cap.11.12. *Vivat Rex.C.15.*

Ex Lib.2. Paralipomenon.

Cap.3.11. *Ita ut una ala tangeret parietem domûs; & altera alam tangeret alterius Cherub. C.4.*

12. *Cherub alterius ala tangebat parietem; & altera alam Cherub alterius contingebat.C.4.*

Cap.23.11. *Vivat Rex.C.15.*

Ex Libro Tobiæ.

Cap.10.4. *Irremediabilibus lacrymis.D.38.*

7. *Circuibat vias omnes, per quas ſpes remeandi videbatur.L.21.*

Cap.11.11. *Oſculatus eſt eum.E.9.*

13. *De felle piſcis linivit oculos patris.ibid.*

Ex Libro Job.

Cap.1.8. *Conſideraſti ſervum meum Iob, quòd non ſit ei ſimilis in terra? I.9.*

10. *Poſſeſſio ejus crevit in terra.ibid.*

11. *Extende paululùm manum tuam, & tange cuncta quæ poſſidet, niſi in faciem benedixerit tibi.ibid.*

Tange cuncta quæ poſſidet, niſi in faciem benedixerit tibi.B.16.

12. *Ecce, univerſa quæ habet, in manu tua ſunt.B.16.I.9.*

21. *Nudus egreſſus de utero: & nudus revertar illuc.I.9.*

Dominus dedit, Dominus abſtulit. ibid.

Cap.2.3. *Conſideraſti ſervum meum Iob? I.10.*

4. *Cuncta quæ habet, dabit pro anima ſua.ibid.*

5. *Mitte manum tuam, & tange os ejus, & carnem.ibid.*

Et tunc videbis, quòd in faciem benedicat tibi.ibid.

6. *Animam illius ſerva.H.17.*

7. *Percuſſit ulcere peſſimo, à planta*

pedis uſque ad verticem ejus.I.10.
Cap.3.4. *Dies ille vertatur in tenebras.D.8.*
Cap.9.20. *Si juſtificare me voluero, os meum condemnabit me I.26.*
Cap.10.4. *Numquid oculi carnei tibi ſunt: aut ſicut videt homo, & tu videbis? L.2.*
9. *Memento, quòd ſicut lutum feceris me.B.20.*
19. *Utinam fuiſſem de utero translatus ad tumulum.D.9.*
De utero translatus ad tumulum.D. 22.I.5.
Cap.13.26. *Scribis contra me amaritudines.I.4.*
27. *Veſtigia pedum meorum conſideraſti.C.30.*
Cap.14.7. *Lignum habet ſpem, ſi præciſum fuerit.E.9.*
Vireſcit ibid.
Et rami ejus pullulant. ibid.
16. *Greſſus meos dinumeraſti.C.26.*
Cap.17.3. *Pone me juxta te, & cujuſvis manus pugnet contra me.L.6.*
11.& 12. *Cogitationes meæ noctem verterunt in diem.I.25.*
Torquentes cor. ibid.
12. *Poſt tenebras ſpero lucē.L.2.& 25.*
13. *Si ſuſtinuero, inferus domus mea eſt. I.25.*
14. *Putredini dixi, pater meus es: mater mea, & ſoror mea, vermibus. ibid.*
Cap.19.21. *Manus Domini tetigit me.C.30.*

Ex Libro Pſalmorum.

Pſal.1.1. *Beatus vir, qui non abiit in conſilio impiorum.B.8.*
3. *Lignum plantatum.C.29.*
Secus decurſus aquarum. ibid.
Tamquam lignum, quod fructum ſuum dabit in tempore ſuo.C.28.
4. *Impij tamquam pulvis, quem projicit ventus.C.29.*
5. *Non reſurgunt impij in judicio juſtorum. ibid.*
6. *Novit Dominus viam juſtorū. ibid.*
Iter impiorum peribit. ibid.
Pſal.2.8. *Poſtula à me, & dabo tibi gentes hæreditatem tuam, & poſſeſſionem tuam terminos terræ.H.9.*
9. *Reges eos in virga ferrea: & tamquam vas figuli confringes eos.C.30.*
Pſal.4.9. *In idipſum dormiam, & requieſcam.D.1.& 16.*
Pſal.6.7. *Lacrymis meis ſtratum meum rigabo.D.41.*
Pſal.7.15. *Concepit dolorem, & peperit iniquitatem.G.18.*
Pſal.8.3. *Ex ore infantium, & lactentium perfeciſti laudem.L.14.*
Pſal.11.2. *Diminutæ ſunt veritates à filijs hominum.D.28.*
9. *In circuitu impij ambulāt.A.22. D.12.H.15.*
Pſal.17.12. *Tenebroſa aqua in nubibus aëris.F.2.*
Pſal.18.5. *In omnem terram exivit ſonus eorum.L.10.*
In fines orbis terræ verba eorum. ibid
6. *Exultavit ut gigas ad currendam viam.A.14.*
Pſal.21.15. *Factum eſt cor meū tamquam cera liqueſcens.C.13.*
Pſal.23.3. *Quis aſcendet in montem Domini? I.12.*
4. *Innocens manibus, & mundo corde:*

de: qui nec juravit in dolo proximo ſuo. ibid.

Pſal. 24. 19. *Odio iniquo oderunt me. G. 16.*

Pſal. 25. 11. *In innocentia mea ingreſſus ſum. A. 17.*

12. *Pes meus ſtetit in directo. ibid.*

Pſal. 27. 3. *Qui loquuntur pacem cum proximo ſuo, mala autem in cordibus eorum. A. 28.*

4. *Secundùm nequitiam adinventionum ipſorum. ibid.*

Pſal. 28. 5. *Confringet Dominus cedros Libani. H. 7.*

Pſal. 30. 13. *Oblivioni datus ſum, tamquam mortuus à corde. B. 9.*

Pſal. 33. 13. *Quis eſt homo, qui vult vitam: diligit dies videre bonos? D. 21.*

Pſal. 36. 31. *Lex Dei in corde. C. 26.*
Lex Dei ejus in corde ipſius. A. 17.
Non ſupplantantur greſſus. C. 26.
Et non ſupplantabuntur greſſus ejus. A. 17.

35. *Vidi impium ſuperexaltatum, & elevatum ſicut cedros Libani. H. 7.*

35. & 36. *Vidi impium: quæſivi eum, & non eſt inventus locus ejus. E. 7.*

Pſal. 37. 18. *Dolor meus in conſpectu meo. D. 41.*

Pſal. 39. 7. *Sacrificium, & oblationem noluiſti. E. 14.*

13. *Comprehenderunt me iniquitates meæ. L. 13.*
Et non potui, ut viderem. ibid.

Pſal. 43. 16. *Confuſio faciei meæ cooperuit me. D. 41.*

23. *Exurge, quare obdormis Domine? E. 15.*

Pſal. 45. 3. *Non timebimus, dum transferentur montes in cor maris. C. 13.*

Pſal. 50. 3. & 4. *Dele iniquitatem meam: lava me ab iniquitate mea. I. 22.*

5. *Peccatum meum contra me eſt ſemper. D. 15. 17. 41. L. 23.*

11. *Averte faciem tuam à peccatis meis. I. 22.*

Pſal. 54. 7. *Quis dabit mihi pennas ſicut columbæ; & volabo, & requieſcam? C. 5.*

Pſal. 62. 11. *Tradentur in manus gladij. L. 4.*

Pſal. 68. 3. *Tempeſtas demerſit me. L. 21.*

Pſal. 75. 11. *Reliquiæ cogitationis diē feſtum agent tibi. D. 34.*

Pſal. 77. 8. *Ne ſiam ſicut patres eorū generatio prava, & exaſperās. F. 16.*

Pſal. 80. 13. *Dimiſi eos ſecundùm deſideria cordis eorum. D. 15.*
Ibunt in adinventionibus ſuis. ibid.

P. ſal. 81. 6. *Ego dixi: Dij eſtis. D. 30.*

Pſal. 82. 14. *Deus meus, pone illos ut rotam. D. 12.*
Deus meus, pone illos ut rotam: & ſicut ſtipulam ante faciem venti. A. 22.

Pſal. 84. 11. *Juſtitia, & pax oſculatæ ſunt L. 18.*

Pſal. 87. 3. *Intret in conſpectu tuo Domine oratio mea. E. 15.*

Pſal. 90. 12. *In manibus portabunt te, ne forte offendas ad lapidem pedem tuum. D. 35.*

Pſal.

Pſal.91.13. *Juſtus, ut palma florebit.D.36.*
Pſal. 104. 21. & 22 *Conſtituit eum Principem, ut erudiret Principes ſicut ſemetipſum.C.3.*
Pſal.108.18. *Induit maledictionem, ſicut veſtimentum.H.10.*
Pſal.114.2. *Inclinavit aurem ſuam. A.27.*
Pſal.118.1. *Beati immaculati in via. C.31.*
120. *Confige timore tuo carnes meas. D 41.*
170. *Intret poſtulatio mea in conſpectu tuo.D.6.*
Pſal.123.7. *Anima noſtra ſicut paſſer erepta eſt.F.11.*
Laqueus contritus eſt, & nos liberati ſumus.ibid.
Pſal.126.5. *Beatus vir, qui implevit deſiderium ſuum.B.8.*
Pſal.128.3. *Supra dorſum meum fabricaverunt peccatores. C.19.L.23.*
Pſal.134.15. *Simulacra gentium argentum, & aurum, opera manuum hominum.D.30.*
18. *Similes illis fiant, qui faciunt ea. ibid.*
Pſal.138.12. *Nox, ſicut dies illuminabitur.D.19.*
Sicut tenebræ ejus, ita & lumen ejus.ibid.
Pſal.140.3. *Pone Domine cuſtodiam ori meo, & oſtium circumſtantiæ labiis meis.C.36.*
Pſal. 148.3. *Laudate eum ſol, & luna: laudate eum omnes ſtellæ.L.14.*
7. *Laudate Dominum.ibid.*

Ex Libro Proverbiorum.

Cap.3.13. *Beatus homo, qui invenit ſapientiam, & qui aſſluit prudentia.B.8.*
Cap.7.2. *Serva legem meam, quaſi pupillam oculi tui.L.11.*
3. *Liga eam in digitis tuis.ibid.*
Scribe illam in tabulis cordis tui. ibid.
4. *Dic ſapientiæ: ſoror mea es.ibid.*
Cap. 10. 12. *Odium ſuſcitat rixas. A.25.*
Cap.14.12. *Ex via, quæ videtur homini juſta: noviſſima autem ejus deducunt ad mortem.C.26.*
13. *Extrema gaudii luctus occupat. G.10.*
Cap.16.2. *Spirituum ponderator Dominus.B.12.*
11. *Pondus, & ſtatera judicia Domini. A.28.D.10.E.11.*
Cap.18.21. *Mors, & vita in manu linguæ.C.12.*
Mors in manu linguæ.L.4.
Cap.23.12. *Ingrediatur ad doctrinam cor tuum; & aures tuæ ad verba ſcientiæ.D.27.*
23. *Veritatem eme.L.15.*
26. *Præbe, fili mi, cor tuum mihi.F.19.L.3.*
Præbe, fili mi, cor tuum mihi: & oculi tui vias meas cuſtodiant.A.11.
Cap.30.11. *Quæ patri ſuo maledicit. F.16.*
Cap.31.13. *Operata eſt conſilio manuum ſuarum.E.8.*

Ex Libro Eccleſiaſtæ.

Cap. 3. 15. QUæ futura ſunt, jam fuerunt. *D.* 12.

Ex Cantico Canticorum.

Cap. 2. 1. EGo flos campi. *G.* 4.

Cap. 3. 11. *In quo diademate coronatus. C.* 34.

Dies deſponſationis illius. ibid.

Cap. 4. 7. *Tota pulchra es, amica mea. D.* 36.

8. *Veni de Libano, coronaberis. H.* 7.

Cap. 6. 2. *Ego dilecto meo. C.* 17.

Dilectus meus mihi. ibid.

9. *Terribilis, ut caſtrorum acies ordinata. E.* 1.

Cap. 7. 7. *Statura tua. A.* 17.

Statura tua aſſimilata eſt palmæ. D. 36. *H.* 4.

Cap. 8. 1. *Quis mihi det te fratrem meum ſugentem ubera matris meæ? A.* 21.

5. *Sub arbore malo ſuſcitavi te. C.* 34.

6. *Pone me, ut ſignaculum ſuper cor tuum. D.* 36.

Pone me, ut ſignaculum ſuper brachium tuum. C. 35. *D.* 36.

14. *Fuge dilecte mi. H.* 7.

Ex Libro Sapientiæ.

Cap. 2. 24. INvidiâ diaboli mors introivit in orbem terrarum. *I.* 13.

Cap. 3. 5. *Invenit illos dignos ſe. H.* 12.

Cap. 5. 3. *Quos habuimus aliquando in deriſum, & in ſimilitudinem improperij. L.* 12.

5. *Inter Sanctos ſors illorum eſt. ibid.*

6. *Ergo erravimus à via veritatis. D.* 15.

Cap. 9. 15. *Corpus, quod corrumpitur, aggravat animam. A.* 23. *D.* 12.

Cap. 15. 4. *Non in errorem induxit nos hominum malæ artis excogitatio. A.* 28.

Ex Libro Eccleſiaſtici.

Cap. 2. 2. INclina aurem tuam. *A.* 27.

Cap. 3. 13. *Dedecus filij, pater ſine honore. F.* 15.

27. *Qui amat periculum, in illo peribit. B.* 2.

Cap. 4. 12. *Sapientia filijs ſuis vitam inſpirat. A.* 9.

Cap. 6. 34. *Si inclinaveris aurem tuam. A.* 27.

Cap. 21. 2. *Quaſi à facie colubri, fuge peccata. B.* 2.

Cap. 30. 4. *Mortuus eſt pater ejus, & quaſi non eſt mortuus; ſimilem enim reliquit ſibi poſt ſe. F.* 15.

Cap. 33. 29. *Multam malitiam docuit otioſitas. D.* 37.

Cap. 38. 28. *Cor ſuum dabit in ſimilitudinem picturæ. D.* 36.

Cap. 44. 20. *Non eſt inventus ſimilis illi: qui conſervavit legē excelſi. I.* 7.

Cap. 51. 21. *Inclinavi modicè aurem. A.* 27.

Ex Prophetia Iſaiæ.

Cap. 6. 2. DUabus velabant faciem. *A.* 13.

Duabus velabant pedes. ibid.

Duabus volabant. ibid.

Cap. 14. 13. *Super aſtra Dei exaltabo*

*tabo ſolium meum.B.*11.*C.*7.*E.*12.
14. *Aſcendam ſuper altitudinem nubium.E.*11.
*Similis ero Altiſſimo.I.*6.
15. *Ad infernum in profundum laci. E.*11.
*In profundum laci.B.*11.*C.*7.
Cap.28.17. *Ponam in pondere judicium, & juſtitiam in menſura.G.*7.
Cap.29.13. *Cor ejus longè eſt à me. F.*19.
Cap.45.8. *Rorate cæli deſuper, nubes pluant juſtum : aperiatur terra, & germinet Salvatorem.G.*4.
Cap.51.23. *Incurvare, ut tranſeamus.D.*35.
Cap.53.6. *Unuſquiſque in viam ſuam declinavit.C.*26.
7. *Oblatus, quia voluit.C.*16.32. *F.*9.
*Quaſi agnus coram tondente ſe obmutescet, & non aperiet os ſuũ.G.*16.
12. *Cum ſceleratis reputatus eſt.ibid.*
Cap.55.3. *Inclinate aurem veſtram. A.*27.
Cap.59.4. *Non eſt qui judicet verè. G.*19.

Ex Prophetia Jeremiæ.

Cap.7.24. *Nec inclinaverũt aurem ſuam.A.*27.
Cap.17.14. *Sana me Domine, & ſanabor.H.*19.
Salvum me fac, & ſalvus ero. ibid.
Cap.35.15. *Non inclinaſtis aurem veſtram.A.*27.
Cap.48.10. *Maledictus, qui facit opus Domini fraudulenter. F.*12. *&* 13.

Ex Threnis Jeremiæ.

Cap.1.12. *Videte, ſi eſt dolor, ſicut dolor meus. D.*38.
Cap.2.13. *Magna eſt velut mare contritio tua.L.*20.

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap.10.16. *Cùm ambulavent Cherubim, ibant rotæ. A.*23.
*Cùm elevarent Cherubim alas.G.*5.
Rotæ ipſæ juxta erant.ibid.
17. *Stantibus illis.ibid.*
Stabant.ibid.
16. *&* 17. *Ut exaltarentur de terra, non reſidebãt rotæ: cum elevatis elevabantur.ibid.*
Cap.37.4. *Oſſa arida audite.C.*19.

Ex Prophetia Danielis.

Cap.2.32. *Caput ex auro.A.*17.
Pectus, & brachia de argento.ibid.
32. *&* 33. *Venter, & femora ex ære: tibiæ ferreæ.ibid.*
33. *Quædam pars ferrea, quædam fictilis.C.*30.
*Pars quædam fictilis.A.*17.*B.*20.
34. *Abſciſſus lapis ſine manibus.C.*30.
*Lapis ſine manibus.B.*20.
35. *Redacta in favillam.B.*20.*C.*30.
Cap. 3.57. *Benedicite omnia opera Domini Domino.B.*14.
Cap.4.1. *Quietus in domo: florens in palatio.G.*11.
1. *&* 2. *Ego Nabuchodonoſor quietus eram in domo mea, & florens in palatio*

latio meo: ſomnium vidi, quod perterruit me: & cogitationes meæ in ſtrato meo conturbaverunt me. D. 3.
7. Arbor erat in medio terræ. B. 11.
8. Magna arbor, & proceritas ejus contingens cælum. D. 3.
Proceritas ejus contingens cælum. B. 11.
Aſpectus illius erat uſque ad terminos univerſæ terræ. ibid.
9. Folia ejus pulcherrima, & fructus ejus nimius, & eſca univerſorum in ea. D. 3.
Subter eam habitabant animalia, & beſtiæ, & in ramis ejus converſabantur volucres cæli, & ex ea veſcebatur omnis caro. ibid.
Ex ea veſcebatur omnis caro. B. 11.
11. Succidite arborem, excutite folia ejus. ibid.
Succidite arborem, excutite folia ejus, & diſpergite fructus ejus. D. 3.
17. Arbor ſublimis. G. 11.
19. Rex magnificatus. ibid.
Magnitudo tua crevit, & pervênit uſque ad cælum. B. 11.
Magnitudo uſque ad cælum. G. 11.
Poteſtas in terminos univerſæ terræ. ibid.
17. 19. & 22. Arborem quam vidiſti ſublimem, tu rex es, qui magnificatus es, & invaluiſti: & magnitudo tua crevit, & pervênit uſque ad cælum, & poteſtas tua in terminos univerſæ terræ. Ejicient te ab hominibus, & cum beſtiis feriſque erit habitatio tua: & fœnum ut bos comedes. D. 1.
22. Ejicient te ab hominibus. B. 11.
Fœnum ut bos comedes. ibid.
Fœnum comedes. D. 3.
Ut bos. ibid.
Cap. 5. 5. Apparuerunt digiti. I. 3. & 4.
Aſpiciebat rex articulos manus. I. 3.
6. Facies regis commutata eſt. ibid.
Cogitationes ejus conturbabant eum. ibid.
Genua ejus ad invicem collidebantur. ibid.
7. Exclamavit, ut introducerent magos, Chaldæos, & aruſpices. ibid.
Quicumque legerit ſcripturam hanc, & interpretationem ejus manifeſtam fecerit. ibid.
10. Rex, in æternum vive: non te conturbent cogitationes tuæ. ibid.
11. Qui ſpiritum deorum ſanctorum habet. ibid.
12. Daniel vocetur, & interpretationem narrabit. ibid.
21. Cum beſtiis erat habitatio ejus: fœnum ut bos comedebat. G. 11.
Ut bos. ibid.
25. Mane, Thecel, Phares. H. 8. I. 3. L. 10.
26. Numeravit Deus regnum tuum, & complevit illud. I. 4.
27. Appenſus es. E. 11.
Appenſus es in ſtatera, & inventus es minùs habens. D. 10. I. 4.
Inventus minùs habens. E. 11.
Minùs habens. H. 4.
28. Diviſum eſt regnum tuum, & datum eſt Medis, & Perſis. I. 4.
30. Eâdem nocte interfectus eſt Balthaſſar. I. 3. L. 10.
Cap. 6. 22. Concluſit Deus ora leonum. I. 10.

23. *Eductus eſt Daniel de lacu. H. 8.*
Cap. 14. 5. *Non videtur tibi eſſe Bel vivens deus? An non vides quanta comedat? C. 30.*
13. *Attulerunt cinerem, & cribravit per totum templum. ibid.*
18. *Ecce pavimentum: animadverte, cujus veſtigia ſint hæc. ibid.*

Ex Prophetia Oſeæ.

Cap. 9. 4. *Sacrificia eorum, quaſi panis lugentiũ L. 14.*
Cap. 13. 14. *Ero mors tua, ô mors. I. 13.*

Ex Prophetia Jonæ.

Cap. 1. 5. *Dormiebat ſopore gravi. D. 2.*
15. *Tulerunt Jonam, & miſerunt in mare. B. 17.*
Cap. 2. 1. *Præparavit Dominus piſcem grandem, ut deglutiret Jonam. ibid.*
3. *De ventre inferi clamavi, & exaudiſti vocem meam. C. 1.*
Cap. 3. 4. *Adhuc quadraginta diès, & Ninive ſubvertetur. A. 9. C. 1.*
5. *Veſtiti ſunt ſaccis à maiore uſque ad minorem. A. 9.*
6. *Et pervênit verbum ad regem. ibid.*
Cap. 4. 1. *Afflictus eſt Jonas afflictione magnâ, & iratus eſt. C. 1.*
4. *Putaſne benè iraceris tu? ibid.*

Ex Prophetia Michææ.

Cap. 1. 8. *Plangam, & ululabo: faciam planctum velut draconum. A. 10.*

Ex Prophetia Zachariæ.

Cap. 1. 3. *Convertimini ad me, & convertar ad vos. L. 3.*
Cap. 13. 6. *His plagatus ſum. C. 32. H. 15.*
His plagatus ſum in domo eorum, qui diligebant me. D. 41. H. 2.

Ex Prophetia Malachiæ.

Cap. 4. 2. *Orietur Sol, & ſanitas in pennis ejus. A. 14.*
Sol juſtitiæ. L. 1.
3. *Calcabitis impios, cùm fuerint cinis ſub planta pedũ veſtrorum. C. 29.*

Ex Libro 1. Machabæorum.

Cap. 6. 8. *Decidit in lectum; incidit in languorẽ præ triſtitia. C. 9.*
10. *Concidi, corrui corde præ ſolicitudine. ibid.*
12. *Nunc reminiſcor malorum, quæ feci in Jeruſalem. C. 7.*
13. *Cognovi, quia propterea invenerunt me mala iſta. C. 9.*
Et ecce pereo. ibid.
16. *Mortuus eſt Antiochus. ibid.*

Ex Euangelio D. Matthæi.

Cap. 1. 18. *Cum eſſet deſponſata Maria Joſeph. B. 7.*
20. *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam. ibid.*
Quod in ea natum eſt, de Spiritu Sancto eſt. ibid.
Cap. 2. 2. *Ubi eſt, qui natus eſt Rex? H. 7. I. 8.*
Vidimus ſtellam. I. 8.
2. & 3. *Audiens Herodes: ubi eſt, qui natus eſt Rex? C. 15.*
3. *Turbatus eſt. ibid.*
6. *Et tu Bethlehem nequaquàm minima es: ex te enim exiet dux, qui regat populum meum Israël. G*

8. *Ite, interrogate diligenter de puero: & renuntiate mihi, ut & ego veniens adorem eum. L. 5.*
Renuntiate mihi, ut & ego veniens adorem eum. I. 7.
9. *Antecedebat eos. I. 8.*
Usque dum veniens ſtaret ſupra, ubi erat puer. ibid.
11. *Invenerunt puerum. ibid.*
Procidentes adoraverunt eum. ibid.
Obtulerunt munera. ibid.
12. *Per aliam viam reverſi ſunt in regionem ſuam. C. 25.*
16. *Mittens occîdit omnes pueros. C. 15.*
Occîdit omnes pueros, qui erant in Bethlehem. H. 11.
Mittens occîdit omnes pueros à bimatu, & infrà. B. 11.
Cap. 4. 2. *Eſurijt. B. 4.*
3. *Dic, ut lapides iſti panes fiant. B. 4. G. 17.*
4. *Non in ſolo pane vivit homo. B. 4.*
6. *Si Filius Dei es. G. 15.*
Mitte te deorſum. B. 4. D. 35. G. 15.
Ne offendas ad lapidem pedem tuũ. G. 15.
7. *Scriptum eſt: non tentabis. H. 16.*
8. *Oſtendit ei omnia regna mundi. D. 25.*
9. *Hæc omnia tibi dabo. B. 4.*
Hæc omnia tibi dabo, ſi cadens adoraveris me. A. 15. B. 16. D. 25. & 35.
10. *Vade retro. C. 25.*
Vade ſatana: ſcriptum eſt enim: Dominum Deum tuum adorabis. A. 15. D. 25.
19. *Faciam vos fieri piſcatores hominum. H. 3.*
Cap. 5. 6. *Qui eſuriunt juſtitiam. F. 13.*
8. *Beati mundo corde. G. 2.*
9. *Beati pacifici. ibid.*
11. *Beati eſtis, cùm maledixerint vobis homines. B. 11.*
13. *Si evanuerit. B. 19.*
Ad nihilum valet. ibid.
14. *Vos eſtis lux mundi. F. 7. L. 1.*
16. *Luceat lux veſtra. F. 1.*
Luceat lux veſtra coram hominibus, ut videant opera veſtra bona. I. 8.
Ut videant opera veſtra. F. 1.
22. *Qui iraſcitur fratri ſuo, reus erit judicio. F. 10.*
Fatue. I. 21.
Qui dixerit, fatue; reus erit gehennæ ignis. A. 25. B. 3.
23. *Si recordatus fueris, quia frater tuus habet aliquid adverſum te. A. 20.*
24. *Relinque munus. E. 14.*
Vade priùs. ibid.
Vade priùs reconciliari fratri: & tunc veniens offeres munus tuum. A. 20. I. 21.
44. *Diligite inimicos veſtros. A. 6. I. 15.*
Cap. 6. 2. *Quia receperunt mercedem ſuam. H. 5.*
3. *Neſciat ſiniſtra tua, quid faciat dextera tua. A. 17. B. 18. E. 23. G. 17.*
9. & 10. *Pater, fiat voluntas tua. L. 19.*
9. & 12. *Pater, dimitte debita noſtra. D. 42.*
11. 12. & 13. *Panem noſtrum da nobis: dimitte nobis debita noſtra: ne*

nos.

nos inducas in tentationem : libera nos à malo.L.19.

12. *Dimitte nobis, ſicut nos dimittimus.G.8.*

Dimitte nobis debita noſtra, ſicut nos dimittimus debitoribus noſtris. G.9.

13 *Ne nos inducas in tentationem. B.2.*

16. *Exterminant facies ſuas, ut appareant jejunantes.H.5.*

19. *Effodiunt,& furantur.F.18.*

21. *Ubi theſaurus, ibi cor.A.6.*

22. *Lucerna corporis tui eſt oculus tuus.G.13.*

22.& 23. *Si oculus tuus fuerit ſimplex; totum corpus tuum lucidum erit: ſi autem fuerit nequam; totum corpus tenebroſum erit.ibid.*

24. *Nemo poteſt duobus dominis ſervire.E.19.*

Aut enim unum odio habet : aut alterum diligit.ibid.

27. *Quis veſtrûm poteſt adjicere ad ſtaturam ſuam cubitum unum?H.4.*

28. *Conſiderate lilia agri quomodò creſcunt : non laborant, neque nent. B.10.*

29. *Salomon in omni gloria ſua.ibid.*

34. *Nolite ſoliciti eſſe in craſtinum. D.20.*

Craſtinus dies ſolicitus erit ſibi ipſi. ibid.

Sufficit diei malitia ſua. D.18.& 20.

Cap.7.5. *Ejice primùm trabem de oculo tuo.G.13.*

Et tunc videbis ejicere feſtucam de oculo fratris tui.ibid.

7. *Pulſate,& aperietur vobis.B.14. L.3.*

13. *Lata via, quæ ducit ad perditionem.A.25.C.25.*

Ducit ad perditionem.A.8.

13.& 14. *Lata via: arcta via.ibid.*

14. *Arcta via, quæ ducit ad vitam.A.25.C.25.*

Ducit ad vitam.A.8.

19. *In ignem mittetur.F.13.*

21. *Domine, Domine.E.15.*

Sed qui faciunt voluntatem Patris. ibid.

Intrabunt in regnum cælorum.ibid.

Cap.8.2.& 3. *Si vis: volo.D.37.*

12. *Ejicientur in tenebras.D.5.*

Cap.9.1. *Aſcendens in naviculam, transfretavit,& venit in civitatem. D.13.*

9. *Vidit hominem ſedentem in telonio.E.9.*

Secutus eſt eum. ibid.

13. *Non veni vocare juſtos.D.42.*

Veni vocare peccatores.ibid.

21. *Si tetigero tantùm veſtimentum ejus, ſalva ero.E.18.*

38. *Rogate dominum meſſis, ut mittat operarios in meſſem ſuam.B.14.*

Cap.10.24. *Non eſt diſcipulus ſuper magiſtrum.D.29.*

Cap.11.2. *Joannes in vinculis.L.13.*

3. *Tu es, qui venturus es? B.1.*

4.& 5. *Renuntiate Joanni, quæ audiſtis,& vidiſtis: cæci vident, claudi ambulant, leproſi mundantur, ſurdi audiunt, mortui reſurgunt.ibid.*

11. *Inter natos mulierum non ſurrexit major.B.19.*

Non ſurrexit major.H.3.& 20.

12. *Regnum cælorũ vim patitur.H.7.*
Regnum cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.E.18.
Violenti rapiunt illud.F.18.
19. *Homo vorax.G.16.*
23. *Vſque in infernum deſcendes.C.7.*
28. *Venite qui onerati eſtis, & ego reficiam vos G.16.*
29. *Tollite jugum meum ſuper vos. C.32.*
Diſcite à me, quia mitis ſum, & humilis corde.E.8.F.1.
Mitis ſum.E.1.
30. *Jugum meum.C.33.D.33.*
Iugum meum ſuave eſt.C.32.
Iugum meum ſuave eſt, & onus meũ leve.G.15.& 16.
Cap.12.10. *Manum habens aridam. E.9.*
13. *Extende manum tuam.ibid.*
Reſtituta eſt ſanitati.ibid.
34. *Ex abundantia cordis, os loquitur.A.27.*
35. *Bonus homo de bono theſauro profert bona, & malus homo de malo theſauro profert mala.C.12.*
In corde terræ.I.1.
Cap.13.25. *Cùm dormirent homines, venit inimicus.ibid.*
Venit inimicus ejus, & ſuperſeminavit zizania.I.2.
26. *Cùm creviſſet herba.C.24.*
Cùm fructum feciſſet.I.2.
Cùm creviſſet herba, & fructum feciſſet, tunc apparuerunt & zizania. I.1.
28. *Inimicus homo hoc fecit.ibid.*
Vis imus, & colligimus ea? I.15.
29. & 30. *Ne eradicetis ſimul & triticum, ſinite utraque creſcere.I.2.*
30. *Sinite utraque creſcere.C.24. I.15.*
Colligite in faſciculos ad comburendum.I.1.& 17.
Ad comburendum.C.24.
Triticum autem congregate in horreum meum.I.1.&.17.
49. *Separabunt malos de medio juſtorum.F.14.*
Cap.14.28.&.29. *Domine, jube me ad te venire ſuper aquas: veni.B.7.*
29. *Ambulabat ſuper aquam. ibid.*
30. *Cùm cœpiſſet mergi.B.17.H.13.*
Cùm cœpiſſet mergi, clamavit.B.7.
33. *Verè Filius Dei es.L.14.*
Cap.15.14. *Si cæcus cæco ducatum præſtet.D.37.*
Ambo in foveam cadunt. D.37. G.13.
Cap.16.13. *Quem dicunt homines eſſe Filium hominis? L.14.*
16. *Tu es Chriſtus Filius Dei vivi. ibid.*
18. *Super hanc petram ædificabo Eccleſiam meam.C.2.E.20.*
Portæ inferi non prævalebunt.E.21.
19. *Tibi dabo claves regni cælorum. C.18.*
Quodcumque ligaveris, erit ligatum.E.20.
24. *Qui vult venire poſt me.E.18.*
Abneget ſemetipſum.ibid.
Abneget ſemetipſum, ut ſequatur. D.33.
Tollat crucem ſuam.C.32.E.18.
Qui vult venire poſt me, tollat crucem ſuam.G.6.
Siquis vult poſt me venire, tollat cru-

crucem suam, & sequatur me.G.15.
26 Quam dabit homo commutationem pro anima sua? G.6.
Cap.17 5. Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi benè complacui. A.3.
Cap.18.3. Nisi efficiamini sicut parvulus iste, non intrabitis in regnum cælorum.F 5.
7. Væ illi, per quem scandalum venit.E.7.
8. Si manus tua, vel pes tuus scandalizat te.E.3.
Si manus, vel pes scandalizat, abscide, & projice. A.22.H.4.
Si pes scandalizat, abscide eum.E.7.
Abscide, & projice.E.3.
9. Si oculus tuus scandalizat te.ibid.
Si oculus scandalizat, erue eum.A. 22.D.33.E.7.& 24.G.13.H.4.
Erue, & projice.E.3.
32. Omne debitum dimisi tibi.D.33.
33. Nonne ergo oportuit & te misereri conservi tui, sicut & ego tui misertus sum? ibid.
34. Iratus dominus ejus tradidit eum tortoribus.ibid.
Cap.19.16. Magister bone, quid boni faciam, ut habeam vitam æternam? D.4.
Quid boni faciam, ut habeam vitam æternam? F.10.H.3.I.7.L.14.
17. Si vis ad vitam ingredi, serva mandata.D.4.
Serva mandata.I.7.
19. Diliges proximum.F.10.I.7.
Diliges proximum, sicut te ipsum. C.17.F.10.
20. Omnia hæc custodivi à juventute mea.D 4.I.7.
21. Si vis perfectus esse, vade, vende quæ habes, & da pauperibus.D. 4.F.10.H.3.
Vade, vende quæ habes.H.5.I.8.
Vade, vende quæ habes, & da pauperibus.I.7.
22. Cùm audißet verbum, abijt tristis.D.4.
Abijt.I.8.
Abijt tristis H.8.I.7.L.24.
Erat enim habens multas poßessiones.D.4 I.7.L.24.
27. Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.H.5.
Reliquimus omnia.C.4.I.8.
28. Vos, qui secuti estis me, sedebitis. G.16.
Cùm sederit Filius hominis in sede maiestatis suæ.H.2.
Sedebitis judicantes.G.15.
Cap.20.6. Quid hic statis totâ die otiosi? B.14.
7. Ite in vineam meam.ibid.
8. Incipiens à novissimis usque ad primos.H.12.
9.& 10. Singulos denarios.L.18.
11. Murmurabant adversùs patremfamilias.H 11.
12. Hi novissimi unâ horâ fecerunt: nos portavimus pondus diei.ibid.
Pares illos nobis fecisti, qui portavimus pondus diei, & æstus.H.11. L.18.
13.& 14. Non facio tibi injuriam: tolle, quod tuum est.L.18.
16. Multi vocati.H.12.
Pauci electi.ibid.
18. Ecce ascendimus Ierosolymam, &

& Filius hominis tradetur.L.19.

21. *Dic, ut ſedeant.G.15.*
Dic, ut ſedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad ſiniſtram in regno tuo.F.4.L.19.
Unus ad dexteram, & unus ad ſiniſtram.G.15.

22. *Neſcitis quid petatis.L.19.*
Poſſumus bibere calicem.ibid.

23. *Calicem meum bibetis.G.15.*

24. *Audientes indignati ſunt de duobus fratribus.F.4.*

Cap.21.18.& 19. *Eſuriit, & videns ſici arborem, venit ad eam, & nihil invenit.F.13.*

19. *Nihil invenit, niſi folia tantùm.F.12.*
Numquàm ex te fructus naſcatur in ſempiternum.ibid.
Aresacta eſt ſiculnea.ibid.

33. *Homo erat paterfamilias, qui plantavit vineam, &c.H.9.*

37. *Verebuntur filium meum.A.3.*

38.& 39. *Agricolæ videntes filiũ, dixerunt intra ſe: hic eſt hæres, venite, occidamus eum. Et apprehenſum occiderunt.H.9.*

39. *Apprehenſum ejecerunt eum.A.3.*

Cap.22.9. *Quoſcumque inveneritis, vocate ad nuptias.E.21.*

12. *Amice, quomodò huc intraſti? A.6.*
Non habens veſtem nuptialem.A.6.E.21.

13. *Ligatis pedibus, & manibus.E.22.*
Mittite eum in tenebras.D.5.& 8.
In tenebras exteriores.E.22.

15. *Ut caperent eum in ſermone.L.8.*

16. *Scimus, quia verax es, & in veritate doces.L.5.& 8.*

17. *Licet cenſum dare Cæſari, an non? L.8.*

18. *Cognitâ nequitiâ eorum, ait: quid me tentatis hypocritæ? ibid.*

20. *Cujus eſt hæc ſuperſcriptio? ibid.*

21. *Dicunt ei: Cæſaris. ibid.*
Reddite quæ ſunt Cæſaris, Cæſari. ibid.
Quæ ſunt Dei, Deo. ibid.

36. *Quod eſt mandatum magnum in lege? L.9.*

37. *Diliges Deum.A.25.H.13.*
Diliges Deum tuum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua.A.8.

38.& 37. *Mandatum maximum: diliges Deum ex toto corde tuo, & in tota anima tua, & in tota mente tua.L.9.*

39. *Secundum autem ſimile eſt huic: diliges proximũ, ſicut te ipſum. ibid.*
Diliges proximum.A.25.H.13.
Diliges proximum, ſicut te ipſum.A.8.F.10.

40. *In his duobus mandatis univerſa lex pendet.H.13.*
Univerſa lex pendet.L.11.

Cap.23.27. *Væ vobis: quia ſimiles eſtis ſepulchris dealbatis, quæ à foris parent hominibus ſpecioſa, intus verò plena ſunt oſſibus mortuorum.C.29.*

Cap.24.7. *Terræmotus per loca.D.8.*

15. *Qui legit, intelligat.L.8.*

21. *Tribulatio magna, qualis non fuit ab initio mundi uſque modò,*

neque fiet.D.8.
22. *Propter electos.ibid.*
Breviabuntur dies illi.ibid.
27. *Sicut fulgur exit ab Oriente, & paret uſque ad Occidentem: ita erit adventus Filij hominis.ibid.*
29. *Sol obſcurabitur.D.8.F.17.*
Luna non dabit lumen ſuum: ſtellæ cadent de cælo.D.8.
Stellæ cadent de cælo.C.2.F.17.
Virtutes cælorum commovebuntur. D.8.
30. *Parebit ſignum Filij hominis. B.12.F.13.I.26.*
Et tunc plangent omnes tribus terræ.C.2.
36. *De die illa nemo ſcit, niſi ſolus Pater.D.10.*
Cap.25 1. *Simile erit regnum cælorum decem virginibus.I.23.*
2. *Quinque virgines.E.21.*
3. *Non ſumpſerunt oleum ſecum. H. 18.*
4.& 7. *Acceperunt oleum in vaſis ſuis cum lampadibus: ſurrexerunt, ornaverunt.ibid.*
7. *Surrexerunt.E.21.*
Ornaverunt lampades ſuas.ibid.
10. *Intraverunt ad nuptias.I.23.*
Clauſa eſt janua.E.15.H.18.I.23.
11. *Noviſſimè veniunt.E.22.*
Domine, Domine, aperi nobis.E.15. & 21.
12. *Neſcio vos.H.18.*
13. *Vigilate, quia neſcitis horam. H.16.& 18.*
14.& 15. *Homo peregrè proficiſcens, tradidit bona ſua: dedit talenta.B.7.*
19. *Venit, & ponit rationem cum ſervis ſuis.ibid.*
34. *Dicet his, qui à dextris ejus erunt: Venite, poſſidete paratum vobis regnum.L.17.*
Venite benedicti.D.10.F.14.
Poſſidete paratum vobis regnum. H.2.
35. *Eſurivi, & dediſtis mihi manducare: ſitivi, & dediſtis mihi bibere.D.13.*
Hoſpes eram, & collegiſtis me.ibid.
35.& 36. *Dediſtis manducare: dediſtis bibere: cooperuiſtis.E.23.*
36. *Nudus eram, & cooperuiſtis me.D.13.*
Infirmus eram, & viſitaſtis me.H. 19.
Infirmus eram, & viſitaſtis me: in carcere eram, & veniſtis ad me.D.13.
In carcere eram, & veniſtis ad me. A.14.
37.& 38. *Quando vidimus eſurientem, & pavimus: ſitientem, & dedimus potum: nudum, & cooperuimus? E.23.*
40. *Quandiù feciſtis uni ex his minimis, mihi feciſtis.D.32.H.19.*
41. *Diſcedite maledicti.D.10.*
Ite in ignem æternum.F.13.
42. *Eſurivi, & non dediſtis mihi manducare.ibid.*
Non dediſtis manducare.E.23.
Quia non dediſtis manducare: quia non dediſtis bibere, &c.L.19.
Non dediſtis potum.E.23.
43. *Non cooperuiſtis.ibid.*
Infirmus eram, & non viſitaſtis me. L.13.
Quia non viſitaſtis: quia non veniſtis.A.27.
44. *Quan-*

44. *Quando te vidimus eſurientem, & non pavimus te? F.13.*
Quando vidimus eſurientem, aut ſitientem, aut nudum, & non miniſtravimus? E.23.

Cap.26. 8. *Ut quid perditio hæc? B.15.*

10. *Quid moleſti eſtis huic mulieri? B.9.*
Bonum opus operata eſt in me.B.15.

14. *Tunc abiit unus de duodecim, qui dicebatur Iudas, ad Principes ſacerdotum.B.9.*

15. *Quid vultis mihi dare? C.12.*
Quid vultis mihi dare, & ego vobis eum tradam? A.16.F.7.H.5.
Ego vobis eum tradam.F.19.
Quid vultis mihi dare: conſtituerunt ei triginta argenteos.C.4.

24. *Melius illi eſſet, ſi natus non fuiſſet.I.11.*

26. *Accipite, & comedite: hoc eſt corpus meum.H.20.L.17.*

34. *In hac nocte, antequàm gallus cantet.H.16.*
Me negabis.ibid.
In hac nocte me negabis.L.18.
Antequàm gallus cantet, ter me negabis.D.23.

35. *Etiamſi oportuerit me mori tecum, non te negabo.D.23.G.14. L.21.*
Similiter & omnes diſcipuli dixerunt.C.36.

41. *Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem.E.13.H.16.*

47. *Ecce Iudas, & cum eo turba multa.A.16.*

48. *Quemcũque oſculatus fuero, ipſe eſt, tenete eum.A.16.C.12.F.9.*
Tenete eum.A.25.H.5.

49. *Ave Rabbi.A.16.*

50. *Amice.A.25.*
Amice, ad quid veniſti? A.6.F.19.

51. *Exemit gladium, & percuſſit ſervum principis ſacerdotum.L.21.*

52. *Qui acceperit gladium, gladio peribit.B.3.*

56. *Omnes fugerunt.L.21,*

58. *Sequebatur eum a longè.F.19. G.14.*
Sequebatur.C.36.
A longè.ibid.
Ut videret finem.F.19.

59. & 60. *Quærebant falſum teſtimonium contra Ieſum, & non invenerunt.F.6.*

65. *Audiſtis blaſphemiam.G.16.*

66. *Reus eſt mortis.F.9.*

67. *Expuerunt in faciem ejus.A.4. G.16.*
Colaphis eum cæciderunt.G.16.

68. *Prophetiza, quis eſt, qui te percuſſit? ibid.*

72. *Negavit cum juramento.L.21.*
Non novi hominem.A.4.F.19.G. 14.L.1.

75. *Egreſſus foràs, flevit.L.22.*
Flevit amarè.A.7.L.24.

Cap.27.4. *Tradens ſanguinem juſtum. F.19.*

5. *Laqueo ſe ſuſpendit.A.7.C.4. F.19.*

23. *Crucifigatur.F.9.I.18.*

25. *Sanguis ejus ſuper nos.H.15.*

32. *Hunc angariaverunt, ut tolleret crucem ejus.E.21.*

37. *Impoſuerunt ſuper caput ejus*

cauſam ipſius ſcriptam. I. 18.
Hic eſt Ieſus Rex Iudeorum. H. 1.
38. Crucifixi ſunt cum eo duo latrones. 16.
39. Blaſphemabant eum. ibid.
40. Vah qui deſtruis templum Dei, & in triduo illud reædificas. ibid.
Si Filius Dei es, deſcende de cruce. ibid.
40. & 42. Si Filius Dei es: deſcendat de cruce, & credimus ei. B. 13.
44. Improperabant ei. I. 20.
45. Tenebræ factæ ſunt ſuper univerſam terram. H. 8.
46. Deus meus, ut quid dereliquiſti me? C. 32.
54. Verè Filius Dei erat iſte. B. 21. L. 14.
63. Seductor ille dixit. G. 16.
Cap. 28. 19. & 20. Euntes docete omnes ſervare omnia, quæcunque mandavi vobis. D. 32.
20. Et ego vobiſcum ſum omnibus diebus. ibid.
Vobiſcum ſum. H. 20.
Vobiſcum ſum uſque ad conſummationem ſæculi. A. 14. & 18. L. 19.
Omnibus diebus uſque ad conſummationem ſæculi. D. 32.

Ex Euangelio D. Marci.

Cap. 1. 17. Venite poſt me. G. 6.
24. Ieſu Nazarene: ſcio quis ſis, Sanctus Dei. F. 2.
25. Obmutesce. ibid.
34. Dæmonia multa ejiciebat. ibid.
Non ſinebat ea loqui. ibid.
Quoniam ſciebant eum. ibid.
Cap. 6. 18. Non licet tibi habere uxorem fratris tui. D. 14.
20. Herodes metuebat Ioannem. ibid.
26. Contriſtatus eſt rex. D. 5. H. 8.
Contriſtatus propter juſjurandum. L. 13.
Contriſtatus propter juſjurãdum, & propter ſimul diſcumbentes. D. 5.
Noluit eam contriſtare. ibid.
Cap. 7. 6. Labijs me honorant. F. 2.
Cor autem eorum longè eſt à me. ibid.
37. Hos mutos fecit loqui. B. 21.
Cap. 8. 24. Video homines velut arbores ambulantes. E. 2.
Cap. 11. 13. Non erat tempus fi corum. C. 28. F. 12.
14. Iam non amplius in æternum ex te fructũ quiſquam manducet. C. 28.
Cap. 14. 3. Fracto alabaſtro unguentũ pretioſi, effudit ſuper caput ejus. L. 7.
4. Quidam indignè ferentes intra ſemetipſos, & dicentes: ut quid perditio iſta unguenti? ibid.
38. Vigilate, & orate, ut non intretis in tentationem. B. 2.
65. Cœperunt velare faciem ejus. A. 4. I. 22.
71. Neſcio hominem. I. 20.
Cap. 16. 1. Emerunt aromata, ut venientes ungerent Ieſum. L. 7.
15. Euntes in mundum univerſum, prædicate euangelium omni creaturæ. H. 21.
Prædicate evangelium omni creaturæ. L. 10.
18. Super ægros manus imponent, & bene habebunt. H. 21.

Ex Euangelio D. Lucæ.

Cap. 1. 40. INtravit in domũ Zachariæ, & ſalutavit Eliſabeth. H. 21.
42. *Benedictus fructus.* F. 12.
71. *Salutem ex inimicis noſtris.* I. 10.
Cap. 2. 11. *Natus eſt vobis Salvator.* H. 21.
14. *Gloria in altiſſimis Deo.* L. 3.
In terra pax hominibus. ibid.
Cap. 4. 38. *Surgens de ſynagoga.* H. 19.
Introivit in domum Simonis : ſocrus autem Simonis tenebatur magnis febribus. ibid.
Cap. 5. 5. *In verbo tuo laxabo rete.* L. 3.
Cap. 6. 19. *Virtus de illo exibat, & ſanabat omnes.* E. 18.
27. *Diligite inimicos veſtros.* G. 8.
38. *Eâdem menſurâ, quâ menſi fueritis.* A. 28.
Cap. 7. 37. *Mulier peccatrix.* L. 23.
38. *Oſculabatur pedes ejus, & unguento ungebat.* L. 7.
39. *Hic, ſi eſſet propheta, ſciret utique, quæ, & qualis eſt mulier, quæ tangit eum : quia peccatrix eſt.* G. 16. L. 7.
44. *Lacrymis rigavit pedes meos.* L. 24.
47. *Remittuntur ei peccata multa,* ibid.
Remittuntur ei peccata multa, quoniam dilexit multùm. D. 40. G. 7.
Cap. 8. 5. *Exiit qui ſeminat.* E. 8.
6. *Aruit.* L. 10.
8. *Qui habet aures audiendi, audiat.* E. 21.
11. *Semen eſt verbum Dei.* B. 21. D. 30.
15. *Qui in corde audientes verbum retinent.* B. 21.
Cap. 10. 18. *Videbam ſatanam ſicut fulgur de cælo cadentem.* L. 12.
29. *Quis eſt meus proximus?* E. 8.
30. *Pertranſeunt, ſemivivis relictis.* H. 23.
33. *Miſericordiâ motus.* E. 8.
34. *Appropiantes, & vulnera ejus alligantes.* H. 23.
Alligavit vulnera ejus. E. 8.
Infundens oleum. ibid.
Duxit in ſtabulum. ibid.
Curam ejus egit. ibid.
35. *Protulit duos denarios, dedit ſtabulario.* ibid.
Curam illius habe. ibid.
Et quodcumque ſupererogaveris, ego cùm rediero, reddam tibi. ibid.
Cap. 11. 15. *In principe dæmoniorum ejicit dæmonia.* B. 6. G. 16. L. 14.
27. *Extollens vocem quædam mulier.* B. 6.
Beatus venter, qui te portavit. ibid.
28. *Beati, qui audiunt verbum Dei.* D. 30.
Cap. 12. 19. *Anima mea habes multa bona.* A. 7. I. 9.
Anima mea, habes multa bona poſita in annos plurimos. D. 22.
Comede, bibe, epulare. A. 22. B. 17. D. 22.
20. *Hac nocte animam tuam repetunt à te.* A. 7. & 22. B. 17. I. 9.
Repetunt animam à te. E. 3.
33. *Quò fur non appropiat.* F. 18.
35. *Lucernæ ardentes in manibus.* E.

Cap.13.6. *Arborem ficí plantatam. F.14.*
Venit quærens fructum in illa, & non invenit. ibid.
8. *Dimitte illam & hoc anno. E.10. F.14.*
Vſque dum fodiã circa illam. E.10.
9. *Et ſiquidem fecerit fructum. ibid.*
Sin autem, in futurum ſuccides eam. ibid.
Si non fecerit fructum, &c. F.14.
Cap.14.11. *Qui ſe humiliat, exaltabitur. H.7.*
18. & 19. *Villam emi: juga boum emi. F.19.*
18. & 19. *Habe me excuſatum. C.24.*
20. *Uxorem duxi. F.19.*
24. *Non guſtabunt cœnam meã. C.24.*
Cap.15.4. & 5. *Qui vadit ad illam, & imponit in humeros ſuos. E.8.*
4. & 5. *Vadit, quærit, & imponit eam ſuper humeros ſuos. G.4.*
7. *Super uno peccatore pœnitentiam agente. D.40.*
Quàm ſuper nonaginta novem juſtis, quí non indigent pœnitentiâ. ibid.
8. *Accendit lucernam, everrit domum, quærit. E 8.*
12. *Da mihi portionem ſubſtantiæ, quæ me contingit. B.16. H.11.*
13. *Peregrè profectus eſt in regionem longinquam. B.9.*
Diſſipavit ſubſtantiam ſuam. H.11.
Diſſipavit ſubſtantiam ſuam viven-do luxuriosè. B.16.
Luxuriosè. H.11.
14. *Poſtquàm omnia conſummaſſet. ibid.*
15. *Adhæſit uni civium regionis illius. B.8.*
17. *Quanti mercenarij in domo patris mei abundant panibus! H.8.*
Fame pereo. B.9. & 16. H.11.
18. & 21. *Peccavi in cœlum, & coram te. C.7.*
21. *Non ſum dignus vocari filius tuus. I.24.*
Cap.16.2. *Redde rationem. A.28.*
6. *Accipe cautionem tuam. H.6.*
Scribe quinquaginta. ibid.
7. *Scribe octoginta. ibid.*
8. *Laudavit Dominus villicum iniquitatis, quia prudenter feciſſet. ibid.*
23. *In ſinu Abrahæ. H.20.*
28. *Habeo enim quinque fratres. C.11.*
Ne & ipſi veniant in hunc locum tormentorum. ibid.
Cap.17.20. *Quando venit regnum Dei? I.23.*
21. *Regnum Dei intra vos eſt. ibid.*
Cap.18.11. *Non ſũ ſicut cæteri. E.13.*
13. *Nec oculos ad cœlum levare. I.24.*
14. *Juſtificatus ab illo. E.13.*
Cap.19.20. *Ecce mna tua. I.26.*
Quam habui repoſitam in ſudario. ibid.
21. *Timui te, quia homo auſterus es: tollis quod non poſuiſti, & metis quod non ſeminaſti. ibid.*
22. *De ore tuo te judico. ibid.*
Serve nequam. ibid.
Sciebas quòd ego homo auſterus ſum. ibid.
37. *Super omnibus, quas viderant, virtutibus. F.3.*
40. *Si hi tacuerint. L.14.*
Si hi tacuerint, lapides clamabunt. F.3.

Lapides clamabunt.L.14.
41. *Videns civitatem, flevit ſuper illam.A.10.*
Cap.21.9. *Nondum ſtatim finis.B.17.*
11. *Terræmotus magni: terrores de cælo.ibid.*
Cap.22.19. *In ejus commemorationem.D.32.*
24. *Facta eſt contentio inter eos, quis eorum videretur eſſe maior.B.8.*
43. *Angelus confortans eum. C.32.*
53. *Hæc eſt hora veſtra, & poteſtas tenebrarum.H.8.*
57. *Non novi illum.E.21.*
61. *Converſus Dominus.L.2.*
Converſus Dominus reſpexit Petrum. A.4.
Reſpexit Petrum.E.21.I.20.L.1.2. & 20.
62. *Egreſſus flevit.L.1.*
Flevit amarè.E.21.I.10.
Cap.23.2. *Hunc invenimus ſubvertentem gentem noſtram, & prohibentem tributa dare Cæſari.I.19.*
4. *Nihil invenio cauſæ in hoc homine.ibid.*
5. *Cõmovet populum.E.1.G.16.I.19.*
Per univerſam Iudæam.I.19.
14. *Nullam cauſam invenio in homine iſto.ibid.*
16. *Emendatum illum dimittam. ibid.*
18. *Tolle hunc, & dimitte nobis Barabbam.ibid.*
Dimitte nobis Barabbam.G.16.
22. *Nullam cauſam mortis invenio in eo.I.19.*
Corripiam illum, & dimittam.ibid.
23. *Poſtulantes, ut crucifigeretur. ibid.*
25. *Tradidit eum voluntati eorum. F.9.I.11.*
34. *Pater, dimitte illis.A.21.G.8. L.17.*
39. *Unus de his blaſphemabat.B.6.*
Blaſphemabat eum. B.6. & 12.D. 31.H.15.
Si tu es Chriſtus, ſalvum fac temetipſum, & nos.D.31.
40. & 41. *Alter dicens: hic nihil mali geſſit.B.6.*
40. *Neque tu times Deum.D.24. H.14.*
41. *Nos juſtè, nam digna factis recipimus.D.31.*
Nos digna factis recipimus. B.12. F.18.
42. *Memento mei.D.31.F.13.I.20.*
Memento mei, cùm veneris in regnũ tuum.H.14.
Dum veneris in regnum tuũ.D.31.
43. *Hodie mecum eris in paradiſo. D.31.F.13. & 18.H.8. & 14.I.20. L.17.*
Cap.24.16. *Oculi illorum tenebantur, ne eum agnoſcerent.A.18.*
29. *Mane nobiſcum.A.13.*
32. *Cor noſtrum ardens erat, dum loqueretur.A.13. & 18.*

Ex Euangelio D. Joannis.

Cap.1.4. *Vita erat lux hominũ. B.6.*
5. *Lux in tenebris lucet.D.19.*
9. *Lux vera, quæ illuminat omnem hominem.B.6.*
14. *Verbum caro.C.12.*
Caro factum.A.4.
17. *Gratia, & veritas per Jeſum Chriſtum*

Chriſtum facta eſt. D.28.
21. *Elias es tu?* H.3.
Propheta es tu? *ibid.*
Non ſum Elias : non ſum propheta. B.19.
23. *Ego ſum vox.* B.1.
Cap.3.16. *Sic dilexit.* F.9.
Sic Deus dilexit mundum, ut Filiũ ſuum unigenitum daret. A.1.B.18. D.13.
Ut Filium ſuum daret. F.9.
19. *Dilexerunt homines magis tenebras, quàm lucem.* B.6.H.18.
20. *Qui malè agit, odit lucem.* D.33.
30. *Illum oportet creſcere, me autem minui.* H.20.I.6.
Cap.5.8. *Tolle grabatum tuum, & ambula.* E.7.
14. *Ecce ſanus factus es : jam noli peccare.* E.16.
Jam noli peccare ; ne deterius tibi aliquid contingat. *ibid.*
Cap.6.15. *Cùm cognoviſſet, quia venturi eſſent ut facerent eum Regem, fugit.* H.1.
37. *Eum, qui venerit ad me, non ejiciam foràs.* D.6.
38. *Quia deſcendi de cælo, ut faciã voluntatem ejus, qui me miſit.* D.6.
56. *Caro mea.* C.13.
57. *Qui manducat meam carnem, in eo maneo.* F.10.
In me manet, & ego in illo. A.19. B.15.C.16.& 35.H.20.
59. *Hic eſt panis.* C.13.
65. *Sciebat, quis traditurus eſſet eum.* L.18.
Cap.8.4.& 5. *Hæc mulier modò deprehenſa eſt in adulterio, & lex jubet hujuſmodi lapidare.* L.5.
6. *Digito ſcribebat in terra.* B.20. I.24.
7. *Qui ſine peccato eſt veſtrûm, primus in illam lapidem mittat.* I.24.
9. *Unus poſt unum.* B.20.
Unus poſt unum exibant. I.24.
33. *Semen Abrahæ ſumus, & nemini ſervivimus unquam.* E.19.
34. *Omnis, qui facit peccatum, ſervus eſt peccati.* *ibid.*
46. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* B.21.
52. *Dæmonium habes.* G.16 L.14.
Cap.9.1. *Præteriens Jeſus vidit hominem cæcum à nativitate.* E.9.
Cæcus à nativitate. D.8.
2. *Quis peccavit, hic, aut parentes ejus?* E.16.
3. *Ut manifeſtentur opera Dei in illo.* *ibid.*
6. *Expuit in terram, fecit lutum, linivit ſuper oculos ejus.* E.9.
Linivit lutum ſuper oculos ejus. B.20.L.22.
7. *Vade, lava in natatoria Siloê.* L.22.
Abiit, lavit, & venit videns. E.9.
Lavit, & venit videns. L.22.
Cap.10.4. *Illum ſequuntur, quia ſciunt vocem ejus.* A.12.
5. *Alienum autem non ſequuntur, quia non noverunt vocẽ alienorum.* *ibid.*
30. *Ego, & Pater unum ſumus.* F.18.
35. *Si illos dixi deos, ad quos ſermo Dei factus eſt.* D.30.
36. *Quem Pater ſanctificavit, & miſit in mundum.* *ibid.*

Vos

Vos dicitis: quia blaſphemas: quia dixi, Filius Dei ſum? ibid.

Cap. 11. 21. *Si fuiſſes hic, frater meus non fuiſſet mortuus. E. 10.*

39. *Tollite lapidem. ibid.*

Cap. 12. 25. *Qui amat animam ſuam, perdet eam: & qui odit animam ſuam in hoc mundo, in vitam æternam cuſtodit eam. A. 26.*

Cap. 13. 1. *Sciens, quia venit hora ejus, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem. L. 17.*

Sciens, ut tranſeat ex hoc mundo ad Patrem. L. 9

Sciens, quia venit hora ejus: cùm dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos. L. 17.

Cùm dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo. A. 6. & 18.

Cùm dilexiſſet ſuos, in finem dilexit eos. F. 19. L. 9.

In finem dilexit. A. 18.

2. *Cùm diabolus jam miſiſſet in cor. F. 19.*

Cùm diabolus jam miſiſſet in cor, ut traderet eum Judas. A. 15.

3. *Sciens, quia omnia dedit ei Pater in manus. A. 5. L. 17. & 18.*

5. *Cœpit lavare pedes diſcipulorum. A. 5. B. 15. C. 18. L. 18.*

6. *Tu mihi lavas pedes? H. 20.*

8. *Non lavabis mihi pedes. B. 15.*

Si non lavero te, non habebis partem mecum. ibid.

9. *Non tantùm pedes, ſed & caput. ibid.*

13. *Vos vocatis me magiſter: & benè dicitis: ſum etenim. D. 28.*

15. *Exemplum enim dedi vobis, ut quemadmodum ego feci vobis, ita & vos faciatis. D. 31.*

Quemadmodum ego feci. E. 8.

Quemadmodum ego feci, ita & vos faciatis. F. 10.

27. *Quod facis, fac citiùs. I. 11.*

Cap. 14. 6. *Et via. D. 28.*

Ego ſum veritas. ibid.

9. *Qui videt me, videt & Patrem. A. 1.*

26. *Ille vos docebit omnia. L. 11.*

Cap. 15. 1. *Ego ſum vitis. G. 4.*

13. *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam ſuam ponat quis pro amicis ſuis. E. 18. F. 9.*

Qui animam ſuam ponit pro amicis ſuis. D. 39.

15. *Jam non dico vos ſervos, ſed amicos. B. 9. F. 19.*

19. *Odit vos mundus. C. 25.*

20. *Si me perſecuti ſunt, & vos perſequentur. G. 16.*

24. *Oderunt me, & Patrem meum. F. 9.*

Cap. 16. 6. *Quia hæc locutus ſum vobis, triſtitia implevit cor veſtrum. G. 10.*

24. *Petite, & accipietis. B. 14.*

Cap. 17. 21. *Ut Pater in me. C. 34.*

Ego in te. ibid.

Ipſi in nobis. ibid.

22. *Ut ſint unum, ſicut & nos unum ſumus. ibid.*

23. *Ego in eis. ibid.*

Cap. 18. 22. *Sic reſpondes Pontifici? G. 16.*

37. *Ergo Rex es tu. I. 18.*

Tu dicis, quia Rex ſum ego. ibid.

38. *Nullam invenio in eo cauſam. G. 19.*

Cap.

Cap. 19. 1. *Flagellavit. I. 19.*
3. *Dabant ei alapas. A. 4.*
6. *Crucifige. F. 9.*
Accipite eũ vos, & crucifigite. I. 19.
10. *Poteſtatem habeo dimittere te. I. 11.*
11. *Non haberes poteſtatem adverſum me ullam, niſi tibi datum eſſet deſuper. ibid.*
12. *Si hunc dimittis, non es amicus Cæſaris. I. 18.*
15. *Non habemus Regem, niſi Cæſarem. I. 11. & 18.*
19. *Jeſus Nazarenus Rex. A. 6. B. 5. H. 7. I. 18.*
21. *Noli ſcribere, Rex Judæorum. B. 5.*
Sed quia ipſe dixit: Rex ſum Iudæorum. ibid.
Rex ſum Iudæorum. I. 18.
22. *Quod ſcripſi, ſcripſi. B. 5. C. 15.*
26. *Ecce filius tuus. A. 21. L. 17.*
27. *Ecce mater tua. A. 21.*
30. *Conſummatum eſt. L. 17.*
34. *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit. I. 14.*
Exivit aqua. L. 21.
Cap. 20. 11. *Stabat ad monumentum foris plorans. A. 13.*
14. *Vidit Ieſum ſtantem, & non ſciebat quia Ieſus eſſet. A. 18.*
27. *Mitte manum tuam in latus meum. L. 3.*
Cap. 21. 7. *Diſcipulus, quem diligebat Ieſus. C. 18. L. 11. & 18.*
16. *Petre, amas me? C. 17.*
Scis Domine, quia amo te. ibid.
17. *Paſce oves meas. ibid.*
20. *Recubuit ſuper pectus. C. 18.*

Ex Libro Actuum Apoſtolorum.

Cap. 1. 26. *Dederunt ſortes, & cecidit ſors ſuper Mathiam. C. 24.*
Cecidit ſors ſuper Mathiam. E. 21.
Cap. 2. 3. *Diſpertitæ linguæ ſupra ſingulos eorum. L. 10.*
Cap. 5. 15. *Ut, veniente Petro, ſaltem umbra illius obumbraret quęquam illorum. B. 1.*
Et liberarentur ab infirmitatibus ſuis. ibid.
Cap. 9. 1. *Spirans minarum, & cædis in diſcipulos Domini. D. 40.*
2. *Petjit epiſtolas, ut vinctos perduceret in Ieruſalem. L. 13.*
3. & 8. *Circumfulſit eum lux de cælo: apertis oculis nihil videbat. A. 18.*
4. *Cadens in terram. B. 11.*
Saule, quid me perſequeris? A. 9.
6. *Domine, quid me vis facere? A. 9. C. 32.*
14. *Hic habet poteſtatem à principibus ſacerdotum alligandi omnes, qui invocant nomen tuum. D. 40.*
15. *Vas mihi iſte, ut portet nomen meum coram gentibus. ibid.*
Ut portet nomen meum coram gentibus. C. 33. L. 13.
Cap. 10. 13. *Occide, & manduca. A. 19.*
Cap. 20. 18. & 19. *Vos ſcitis, qualiter vobiſcum fuerim ſerviens Domino. B. 18.*
33. *Argentum, & aurum nullius cõcupivi. ibid.*
35. *Beatius eſt magis dare, quàm acci-*

accipere. B. 18. *D.* 26.
Cap. 26. 24. *Inſanis Paule. D.* 11.

Ex Epiſtola ad Romanos.

Cap. 1. 22. *Dicentes ſe eſſe ſapientes, ſtulti facti ſunt. D.* 15.
Cap. 8. 17. *Hæredes Chriſti. H.* 12.
32. *Proprio Filio ſuo non pepercit. F.* 9.
Cap. 13. 11. *Propior eſt noſtra ſalus. H.* 19.

Ex Epiſtola 1. ad Corinthios.

Cap. 1. 23. *Prædicamus Chriſtum crucifixum. C.* 32. *D.* 36.
Cap 2. 2. *Non judicavi me ſcire aliquid, niſi Ieſum Chriſtum, hunc crucifixum. C.* 32.
9. *Oculus non vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis aſcendit. G.* 12.
Cap. 4. 3. *Mihi pro minimo eſt, ut judicer ab humano die. D.* 11.
Cap. 6. 20. *Empti eſtis pretio magno. L.* 14.
Cap. 7. 29. *Tempus breve eſt. L.* 16.
Qui habent uxores, tamquam non habentes. ibid.
30. *Qui gaudent, tamquam non gaudentes. ibid.*
Qui emunt, tamquam non poſſidentes. ibid.
31. *Qui utuntur hoc mundo, tamquã non utantur. ibid.*
Præterit enim figura hujus mundi. ibid.
Cap. 9. 22. *Omnibus omnia factus. E.* 8.
Cap. 10. 12. *Qui ſe exiſtimat ſtare. A.* 17.
Videat, ne cadat. ibid.
Cap. 11. 29. *Iudicium ſibi manducat. D.* 10.
Non dijudicans corpus Domini. ibid.
Cap. 13. 2. *Si charitatem non habuero, nihil ſum. F.* 10. *H.* 3.
3. *Si charitatem autem non habuero, nihil mihi prodeſt. A.* 25.
5. *Charitas non quærit quæ ſua ſunt. C.* 17.
12. *In ænigmate. B.* 9.
Facie ad faciem. ibid.
Cap. 15. 10. *Abundantiùs omnibus laboravi. G.* 7.
52. *In momento, in ictu oculi, in noviſſima tuba. D.* 8.

Ex Epiſtola 2. ad Corinthios.

Cap. 4. 4. *Imago Dei A.* 1.
Cap. 11. 23. *In carceribus abundantiùs. L.* 13.
29. *Quis infirmatur, & ego non infirmor? E.* 16. *L.* 13.
Cap. 12. 2. *Uſque ad tertium cælum. B.* 11.
7. *Datus eſt mihi ſtimulus carnis meæ, qui me colaphizet. G.* 14.

Ex Epiſtola ad Galatas.

Cap. 2. 19. *Chriſto conſixus ſum cruci. C.* 32.
Conſixus ſum cruci. B. 13. *C.* 33. *D.* 36. *I.* 26. *L.* 13. *&* 23.
20. *Vivo ego jam non ego. C.* 25. *&* 32. *E.* 3.
Vivo jam non ego: vivit verò in me Chriſtus. L. 7. *&* 13.
Vivit in me Chriſtus. C. 32. *D.* 36. *E.* 3.

Cap.

Cap.3.1. *O inſenſati, quis vos faſcinavit? C.10.*

Cap.5.17. *Caro, & ſpiritus ſibi invicem adverſantur.B.2.*

Cap.6.14. *Mihi abſit gloriari, niſi in cruce.C.32.L.13.*

Mihi mundus crucifixus eſt.C.25.

Crucifixus ſum mundo.C.25.& 32. L.7.

Stigmata Domini Ieſu in corpore meo porto.D.36.

Ex Epiſtola ad Epheſios.

Cap.4.22. *Deponere vos ſecundùm priſtinam converſationem veterẽ hominem. C.10.*

Veterem hominem, qui corrumpitur. ibid.

24. *Induite novum hominem. ibid.*

Novum hominem, qui creatus eſt in juſtitia. ibid.

Cap.5.1. *Eſtote imitatores Dei.D.36.*

Ex Epiſtola ad Philippenſes.

Cap.1.23. *Cupio diſſolvi. D.9.*

Deſiderium habens diſſolvi, & eſſe cum Chriſto.L.13.

Cap.2.6. *Non rapinam arbitratus eſt. F.18.*

Eſſe ſe æqualem Deo.ibid.

7. *Semetipſum exinanivit.H.2.*

Formam ſervi accipiens.C.16.& 17. H.2.

Habitu inventus ut homo.H.2.

Cap.3.19. *Quorum Deus venter eſt. A.15.D.35.*

Ex Epiſtola ad Coloſſenſes.

Cap.2.14. *Delens quod adverſùs nos erat chirographum decreti: & ipſum tulit de medio, affigens illud cruci.G.9.*

Ex Epiſtola 1. ad Timotheum.

Cap.2.4. *Deus vult omnes homines ſalvos fieri.H. 12.*

Cap.3.5. *Si quis domui ſuæ præeſſe neſcit; quomodò Eccleſiæ Dei diligẽtiam habebit? G.13.*

Cap.6.9. *Mergunt in interitum.C.6.*

Ex Epiſtola 2. ad Timotheum.

Cap.4.7. *Curſum conſũmavi.C. 33.G.7.L.13.*

Curſum conſummavi, fidem ſervavi. C.33.

8. *Repoſita eſt mihi corona juſtitiæ. C.33.G.7.L.13.*

Ex Epiſtola ad Hebræos.

Cap.1.3. *Figura ſubſtantiæ ejus. A.1.*

Cap.9.27. *Statutum eſt mori.H.16. L.5.*

Ex Epiſtola B. Jacobi Apoſtoli.

Cap.1.12. *Unuſquiſque tentatur à concupiſcentia ſua abſtractus, & illectus.B.3. C.33.G.17.*

15. *Concupiſcentia cùm conceperit. G.17.I.2.*

Parit peccatum.G.17.I.2.

Cùm conſummatum fuerit, generat mortem.I.2.

23. *Con-*

23. *Conſiderans vultum nativitatis ſuæ in ſpeculo.B.19.*
24. *Conſideravit ſe, & abiit, & ſtatim oblitus eſt qualis fuerit.D.34. Statim oblitus eſt qualis fuerit.B. 19.L.23.*

Ex Epiſtola 1.B. Petri Apoſtoli.

Cap.2.5. *TAmquam lapides vivi ſuperædificamini domus ſpiritualis.C.5.E.20.*
20. *Vobis relinquens exemplum, ut ſequamini veſtigia ejus.D.31.*
Cap.3.9. *Non reddentes maledictum pro maledicto.H.12. Sed è contrario benedicentes, ut benedictionem hæreditate poſſideatis. ibid.*
22. *Deglutiens mortem, ut vitæ æternæ hæredes efficeremur.ibid.*

Ex Epiſtola 2. B. Petri Apoſtoli.

Cap.2.19. *AQuo quis ſuperatus eſt, hujus & ſervus eſt.E.19.*

Ex Epiſtola 1.B. Joannis Apoſtoli.

Cap.3.11. *VT diligatis alterutrum.A.8.L.11.*
15. *Qui iraſcitur fratri ſuo, homicida eſt.A.25.*
Cap.5.16. *Si peccatum eſt ad mortẽ, non roget quis.C.24.*

Ex Epiſtola B. Judæ Apoſtoli.

16.& 18. *SEcundùm deſideria ſua ambulantes. C. 26.*

Ex Libro Apocalypſis.

Cap.7.17. *ABſterget Deus omnem lacrymam ab oculis eorum.D.5.*

INDICE
DOS PENSAMENTOS.

A primeyra nota he da letra do Alfabeto: a ſegunda he dos numeros.

A

Abraço. SEndo grande a fineza do que toma a Cruz de Chriſto aos ſeus hombros; ainda he muito mayor a do que nella ſe crucifica cõ dous abraços. C.32.

Abundancia. A do amor do coraçaõ ha de verſe na das palavras da boca. A.27. A do paõ para a vida, he huma das falſas bemaventuranças do mundo. B.8.

Acçoens. Saõ menos arriſcadas a ſe viciarem pelas obras das maõs, do que pelos paſſos dos pès. A.17. & deinceps. Naõ anima as elevadas, o que he eſpirito bayxo. E.5. & ulteriùs.

Açoute. Se o de Deos for neceſſario ſer de ferro, naõ o ſuſpenderà elle, por ſermos nòs de barro. C.30.

Adoraçoens. As compradas, ainda por repreſentaçaõ, tanto tem de abominaçaõ, como de compra. A. 15. & ulteriùs. Quando as divindades do mundo ſe vem adoradas, entaõ he, que as dadivas quebrantaõ penhas. D.26.

Affrontas. Quanto forem eſtas mais pezadas, tanto do ſeu perdaõ leva a balança dos merecimentos mais pezo. A.21. & deinceps. O que devem pedir a Deos os affrontados dos homens. I.22.

Aggravos. Os da imagem de Deos feytos pelos homens. A.4.

Agua. Achaſe no amante para refrigerio; aſſim como nelle ſe acha fogo para chamas. A.13.

Alma. Tanto perde muitas vezes amãdo, como ſem ſer amada. A.7. Tambem he eſtatua. A.17. Naõ hade andar menos cõpaſſada com o corpo; nem tanto como elle. A. 22. & ulteriùs. He coroa da alma deſ-

deſpoſada com Chriſto a meſma de Chriſto deſpoſado na Cruz. C. 34. Qual he a alma, que ſe ſepara dos olhos, quando elles morrem. C. 37. Tambem periga entre triſtezas. D. 5. Naõ deixa de decer, ainda que por ſer eſpirito naõ tem pezo. D. 12. Todo he luz, & naõ tem eceſſo o dia, em que vencemos aos inimigos da alma. D. 19. & ulteriùs. Nem a nobreza da alma livra da vileza da ſervidaõ. E. 19. & ulteriùs. Tambem ha famintos do ſuſtento da alma, aſſim como os ha do ſuſtento do corpo. F. 13. A fermoſura da alma em graça, naõ dura para acabar: & as outras fermoſuras acabam, porque tem durado. F. 17.

Amado. Saõ tres os modos de o ſer. A. 7. E como ſe póde perder, ou naõ perder em qualquer delles. ibid. Mal póde ſer ſervo do amado, o que for ſervo de ſi. C. 16.

Amadores. Os da Cruz de Chriſto haõ de apparecer, quando della ſe deſcarregaõ no fim da vida; como erão, quando com ella ſe abraçàraõ no principio. C. 33. Os da caſtidade, quanto mais ſe armarem para naõ cairem, tanto ella ficarà armada, para ſe naõ tocar, nem colher. G. 14.

Amantes. Os do mais fino amor, mais attendem ao bem dos amados, que ao ſeu bem. A. 5. & ulteriùs. Mais voaõ, para ſe prenderem, que para ſe libertarem. A. 13. Tambem cegaõ, para amarem. A. 18. Quando amaõ com hum amor, & quando com dous? C. 13. O ſeu amor naõ hade acabar nelles, mas nos amados. C. 16. Naõ ſe acredita de amãte da Cruz de Chriſto, o que ſó a leva, & naõ ſe crucifica nella. C. 32.

Amigos. Tambem o podem ſer os inimigos. A. 6. A ſua companhia he huma das apparentes bemaventuranças do mundo. B. 9. A medida do mayor amor naõ he ainda a do amor dos amigos. D. 39. Tambem como o mayor amor dos amigos tem ſuas finezas o mayor odio. F. 9.

Amizade. Na preſente reconciliada naõ ha de haver lembrança da inimizade paſſada. A. 19. & ulteriùs. Quãdo pretẽdemos a amizade de Deos, buſcamos aſſua graça. G. 6.

Amor. He prova das ſuas finezas a ſua liberalidade. A. 1. Como ſem amizade ſe póde dar amor. A. 6. E como faz elle perder, & naõ perder. A. 7. & 8. As ſuas azas ſaõ para trazer à prizaõ. A. 13. & deinceps. Tambem o divino faz cegos. A. 18. & ulteriùs. Com o verdadeyro amor do proximo naõ cõcorda bem a conveniencia propria. A. 27. A repartiçaõ do amor de Deos com tanto para o amado, como para o amante. B. 15. Amando muito quem ama com o que he; ama ainda muito mais querendo ſer o que não he, para tambem amar. C. 13. O verdadeyro amor bem póde começar por ſi, & naõ

buſcar para ſi. C. 17. O da vida naõ póde eſtar ſem o dos dias. D. 21. & 22. O muito amor tambem cega. D. 24. Por ſuas induſtrias tambem os amantes pintaõ. D. 36. Ainda naõ eſtà tomada a medida do mayor amor. D 39. Tambem como elle, tem ſuas finezas o odio. F. 9. & deinceps. Tanto quiz Deos dar por amor, quanto por odio deraõ os homens. F. 9. Larga controverſia de razoens entre amor, & odio I. 16 & deinceps.

Arte. Tambem a tem o odio, como o amor a tem. A. 25. & deinceps. E tambem a tem a pintura da boa, ou da mà doutrina. D. 36.

Arvore. Na que repreſenta o juſto, duas ſaõ as ſortes de fruto, que nella ſe dà. C. 28. As más arvores, que por repreſentaçaõ naõ derem o ſeu fruto; no dia do juizo haõ de ſer ſeparadas das boas, que o tiverem dado. F. 14. A arvore da genealogia do peccado, ſem ter raiz, tem fruto. G. 17. & deinceps.

Aviſos. Os que ſaõ conſelhos, tem mais ſeguro ſucceſſo feytos pelo Superior, que mandados fazer por outro. A. 9. & ulteriùs.

Azas. Saõ as virtudes, & como edificaõ humas, & outras. C 4. & 5. Nos ſeus edificios caem as virtudes, caindo as azas. C. 6. As virtudes imperfeytas naõ ſaõ azas, que façaõ edificio, nem dem edificaçaõ. E. 21.

B

Balança. A da conta da vida, aſſim como péza ao eſpirito, péza tambem ao corpo. B. 12. & deinceps. Como em balança ſe péza a pena da companhia perdida. C. 37. Tambem ha balança, para pezar eſpirito. E. 11. & ulteriùs. Como ſe péza em balança a graça de Deos. G. 6.

Barro. O de Adam tanto ha de ſer lembrado pelo que foy, como pelo que he, & pelo que ha de ſer. B. 19. & ulteriùs. Ainda he menos do que foy, quando barro desfeyto. C. 8. A conſideraçaõ de ſerem os noſſos pès de barro, nos poderà meter a caminho. C. 30.

Batalha. A dos vicios buſcados, he mais perigoſa, que a dos que buſcão. B. 2. & ulteriùs.

Bem. Não o póde querer, quem com a ſua capacidade a quer mal. A. 26. O da virtude ha de ſer como o da luz. B. 1. & ulteriùs. Nem ſempre he o mais defendido: & muitas vezes he o menos amado. B. 5. & deinceps. Atè o que he verdadeyro, ſaõ mais os que o perſeguẽ, que os que o amaõ. B. 6. Ha de fazerſe o bem ſó com os olhos no bẽ, que ſe faz. B. 18. Qual he o bem, que nòs damos aos noſſos dias. D. 21. O peyor mal das fermoſuras do mundo, he o mayor bem das fermoſuras que naõ ſaõ do mundo. F. 17. O apparente bem póde ſer cauſa do verdadeiro. H. 6. Quãto

to importa fazer bem a quẽ quer mal. I. 14.

Bemaventuranças. Saõ menos amadas as verdadeyras, que as apparentes. B 8. & ulteriùs. Huma das do mundo, he a viſta da boa companhia. C. 37. Se ſaõ mais bemaventuradas os que daõ; tambem o naõ deixaõ de ſer os que recebẽ. D 26.

Beneficios. Ainda quando poſſuidos, ſaõ arriſcados. B. 7. & ulteriùs. As mãos de quem os faz, naõ haõ de olhar para as mãos de quem os recebe. B. 18. & deinceps. Qual de todos he o mayor. ibid.

Bens. O verdadeyro amante mais os quer para o amado, que para ſi. A. 5. E bem os póde querer todos para o amado; & mais perder o amado, & o amante A. 7. Os do mundo, atè os que de bens não tem mais que o nome, ſaõ mais perſeguidos, q̃ eſtimados. B. 5. Os bens, que ſe conſideraõ na morte, naõ deyxaõ de ſer grandes, porque ſe naõ vem. G. 12. A herança dos bens do mundo he o melhor bem, & o peyor mal. H. 9. & ulteriùs. Gozaõſe ſem ſe gozar: ou como ſe naõ ſe gozaſſem. L. 16.

Boca. Na que leva o aviſo, naõ he elle tam efficaz, como na boca, que o dà. A. 11. Aberta a ſua porta, paſſaõ os olhos a examinar a alma. A. 24. Se ella naõ falla ao inimigo perdoado; o amor, que perdoa, naõ ajuſta a medida do perdaõ. A. 27. Como a inveja tapa a boca aos invejoſos. E. 6. O conſelho de mãos melhor encaminha, que o de boca. E 8. & ulteriùs. He fatal a ſua combinaçaõ com as mãos, quando o animo diſpoem para intereſſes. I. 12.

Bonança. Mais tormentoſa he a do mar das culpas, do que he a tempeſtade do mar das ondas. B. 17. & deinceps.

Bondade. Na das noſſas obras quer Deos tambem ter parte: & que nòs tenhamos parte na bondade das ſuas. B. 14. & deinceps.

Braços. Aſſim como a Cruz os tem, tambem os tem a Religiaõ, em quanto he Cruz. A. 21. Naõ ſuſtenta hum ſó o verdadeyro vinculo da charidade: haõ de ſuſtentallo ambos. A. 27. Fazendo muito o que toma ſobre ſeus hombros a Cruz de Chriſto; faz muito mais, quando nella crucificado, vive nos ſeus braços ſuſtentado. C. 32.

Brado. Nem por ſer o mayor, mais ouvido. B. 21. & deinceps.

C

Caminho. Pelo que leva para Deos, nam póde ir o que he levado pelo do mundo. C. 25. & ulteriùs. Qual he o caminho mais proprio, por onde o Demonio leva aos que tenta. D. 35. Quem quer encaminhar aos outros, primeyro ſe ha de pòr a ſi em caminho. G. 13

Carcere. Quando começou o amor a meter nelle amantes, & amados. A. 14.

Caſtigos. Quem jà lhes tomou o pezo, naõ ha de querer, que o tomem outros. C. 1. & ulteriùs. Muitos dos q̃ ſaõ da maõ de Deos parecem huns, & ſaõ outros. C. 19 & ulteriùs. E quantos ſe veriaõ mais caſtigados, do que ſe vião ameaçados do caſtigo. I. 4.

Cautela. Não ha de ſer huma ſó, para ſer a neceſſaria. C. 36. & ulteriùs.

Caza. Como pòde ver hum em ſua caſa o inferno, em que nella vive. I. 25.

Cegos. Tambem os faz o amor divino. A. 17. O muito amor tambem cega. D. 24. Ha cegos com alguma deſculpa nas ſuas quedas: mas outros com nenhũa nas ſuas. D. 37. Ainda aos que jà não eſperão ter viſta, ſe lhes pòde fazer eſperança de a terem. E. 9. & ulteriùs.

Charidade. Poſto que comece por ſi, não ha de acabar em ſi, a que he perfeyta charidade. C. 16. & ulteriùs. Não he ſó o hoſpital dos corpos enfermos, o que deve ſer viſitado pela charidade dos ſaõs. H. 19. & ulteriùs.

Chriſto. São com elle deſpoſados, os que ſe crucificão na ſua Cruz. C. 34. Quanto ſe moſtrou mais dependente, tanto foy mais amante. D. 13. Quando o tentou o Demonio, não o ſoube tentar. D. 26. Como moſtrou, que era Deos. D. 30. Como ſe conſidera Teſtador na Cruz. D. 31. Como ſe entende o ſeu conſelho, quando manda cortar mãos, & pés, & tirar os olhos. E. 3. Aſſim como ſe repreſenta faminto do pão, tambem ſe pòde achar repreſentado faminto do eſpirito. F. 13. Como deſempenhou as eſcrituras, a que ſe obrigou. G. 16. Como foy acredor de honras. H. 2. Como viſita o hoſpital dos corpos, & o das almas. H. 19. & 20. E como ſe conſidera no enfermo ſacramentado. ibid. 20. Como attẽdia ás finezas do amor, & ao amor das finezas. L. 13. Como foy o mayor liberal. L. 17.

Cinzas. As dos bons ainda ſaõ vivas, depois delles mortos. C. 28. & ulteriùs.

Circulo. Qual he o que fazem as vaidades. D. 12. E como o fazem as culpas. H. 15.

Colunas. Tambem arruinão as repreſentadas, aſſim como as verdadeyras. C. 2. & ulteriùs.

Companhia. A dos Reys he huma das apparentes bemaventuranças do mundo. B. 9. E a dos amigos he outra. B. 10. A dor da perdida, he a melhor prova do preço da lograda. C. 37. & ulteriùs.

Compra. A das adoraçoens, ainda ſó repreſentadas, tanto tem de abominação, como de compra. A. 15. Tambem os louvores ſe comprão. L. 14.

Conceyçaõ. A do peccado he mayor mal, que o do ſeu parto. I. 2.

Conferencia. Do que fazemos com o que ſomos. D. 16. & 17.

Confiança. A demaſiada de quem confia muito de ſi, quanto mais promette, mais falta. C. 11. & ulteriùs.

Conſciencia. Faz o meſmo, que a lembrança. C. 9.

Conſelheyros. Os ſeus principaes diſcipulos ſaõ aquelles, a quem enſinaõ elles a aconſelhar, & não os q̃ lhes ouvem os cõſelhos. D. 29. Como ſe ha de aconſelhar a ſaber pedir. L. 19.

Conſelho. Melhor aconſelha o de mãos, que o de boca. E. 8. & deinceps. Como ſe diſtingue a inſpiração, do conſelho. I. 8.

Conſideraçaõ. Baſta ſó a do grande bem da herança, para fazer grande mal. H. 11.

Conta. A da vida tambem ſe pèza em balança. B. 12. & ulteriùs.

Contenda. A dos inimigos deſafiados he mais perigoſa, que a daquelles, que deſafião. B. 2. Tambem a tem na balança o pezo com o pezado. B. 12. & 13.

Conveniencia. A do amor proprio não póde eſtar com verdadeyro amor do proximo. A. 27. A dos que ſe amão, he de cada hum delles, & de ambos. C. 17.

Coraçaõ. O que he bom, he o mayor bem: & o mayor mal, o que he mao. C. 12. & ulteriùs. Quando he ſepulcro. C. 39. Prodigo do coração, bem ſe póde dizer que foy Chriſto: mas nam prodigo das mãos. L. 17.

Coroa. Tanto honra, quanto pèza: & nem por ſer tam pezada, menos appetecida. C. 15. & ulteriùs. Merecẽ a de deſpoſados com Chriſto, os q̃ ſe crucificaõ na ſua Cruz. C. 34. Quem não quer a ſua virtude coroada, eſſe he o que a coroa. H. 7.

Corpo. Não ha de andar a alma, nem menos, nem tanto compaſſada como elle. A. 22. O ſeu pezo contende com o pezo do eſpirito. B. 13. Não adoecer o corpo, he naõ enfermar a alma. E. 16.

Correcçaõ. Obra como inſpiraçaõ, a que faz o pay aos filhos. A. 9. Sendo merecida de muitos, naõ ſe deixa de dar a todos. C. 10.

Cruz. Não ſe ha de fiar do mundo, ainda que poſto na ſua Cruz. C. 25. A que ſe parecer com a de Chriſto, ha de ſuſtentar nos ſeus braços ao que a leva; aſſim como o que a leva a ſuſtenta nos ſeus. C. 32. & ulteriùs. A amizade de Chriſto, he a ſua Cruz. G. 6.

Culpa. Quem a commetteo, não lhe deſcobrio a ſua fealdade, ſenaõ depois q̃ cahio. C. 7. & ulteriùs. Tambem as culpas animão. D. 15. No dia, em que as culpas rendem a alma; a humas trevas ſuccedem outras. D. 20. Não he a mayor culpa a que mais avulta, ſenaõ a que mais pèza. E. 11. As culpas de cada hum lhe fazem o ſeu fim. F. 19. Ha condenados por ſi, aſſim como os ha por ſuas culpas. I. 24.

Cura. Quem lhe applica os meyos, não ha de aggravar a enfermidade, que cura. E. 9.

D

Dadivas. Primeyro ſe vè o ſeu effeyto no que as offerece, do que no que as recebe. D. 25. & ulteriùs. Não ſe argúe ao liberal, por dar a todos, ſe elle ſabe a quem dá. L. 18.

Defeytos. O ſeu mayor mal, he a ſua repetição. D. 12. & ulteriùs.

Defenſa. Não a temos contra as noſſas culpas, quando ellas ſe armão contra nòs. D. 14. & deinceps.

Definiçaõ. A do mayor amor, & a do mayor odio. F. 9. Todo o filho he a melhor definição do pay. F. 15. & 16.

Demonio. Tambem compra adoraçoens, ainda que ſó repreſentadas. A. 15. Cada hum de nós he o de ſi meſmo: & quando. B. 3. Quando foy vencido pelo mayor tentado. B. 4. Tem ſua parte nas màs obras. B. 16. & ulteriùs. O que elle aconſelha enganando, faz o bom conſelheiro, ſem enganar. D. 30. Tambem he Anjo, que ſe offerece a livrar a quem tenta, para não cair tentado. D. 35. Qual ſeria a ſua reposta, ſe lhe foſſe perguntado: o que fará huma alma, para morrer eternamente? F. 10. Quando tenta, não engana com remedios para a queda, aſſim como engana com ſubidas para a tentação. G. 15. Como he examinador dos homens dado por Deos. I. 9. E como joga com elles. ibid.

Deos. Tanto ſe deo para ſer amado, como para ſer viſto. A. 1. Quãto lhe deſagradão as noſſas obras. A. 3. E lhe aggravaõ os homens a ſua imagem. A. 4. Quanto deo por ſeus amados. A. 6. Offendeſe de nòs, quando de nòs ſe offende o noſſo proximo. A. 20. Quer tambem ter parte da bondade de noſſas obras. B. 14. E que nòs a tenhamos na bondade das ſuas. ibid. & ulteriùs. Quem o deſejar ver, ha de ter deſejos, que ſejão azas. C. 5. Qual he o mayor caſtigo da ſua mão. C. 24. Quem melhor ſerve a Deos, mais teme deyxar de o amar, do que ſer caſtigado, porque o não ama. D. 23. & ulteriùs. Medeſe a ſua muyta gloria pelos ſeus muitos devedores. D. 41. O que Deos quiz dar por amor, iſſo derão os homens por odio. F. 9. Quando andârão deſencontrados os fins de Deos dos fins dos homens. F. 19. Sempre entendemos mais tarde o que he de Deos: & primeyro, o que he noſſo. L. 8.

Dependencia. Quando he demonſtração do amor, he mayor que a fineza da ſua liberalidade. D. 13. & ulteriùs.

Deſaffeyçaõ. Não ſe livra de poder ſer odio; ainda que ſeja o não querer bem, que he o não querer mal. A. 25.

Deſafio. Temor deſafiado, não he o mais temido. D. 9.

Deſcanço. No que for mayor, ſe ha de temer o mayor trabalho. D. 1. & ulteriùs. Não ſe ha de ter no que ſe obra; ſenão quando o que ſe

vè jà feyto se parece com quem o faz. D. 16. & deinceps.

Desigualdade. Quanto he nociva por natureza, por antiguidade, & por razaõ l. 5. & 6.

Desprezo. Qual deve ser o do mao coração. C. 14. He mais estranhado nos que saõ de mayor nobreza. D. 6. Quanto he o desprezo do valor, & preço da graça. G. 8.

Desejo. O bom não cumprido, tanto dano faz, como o mao executado. D. 4. & ulteriùs. Hum desejo persuadindo culpas, he hum Mestre ditando opinioens. D. 15. Não parecem pezados no desejo os governos do mundo, por feytiços do engano. G. 15.

Dias. Ha dia de juizo, que não he para tam temido, como o juizo do dia: & ha dia de juizo, que nem o juizo, nem o dia devem ser temidos. D. 7. & ulteriùs. Melhores saõ pelo que nós lhes damos, do que pelo que elles tem. D. 18. & ulteriùs.

Differença. Qual he a do amado, & tambem amante: & do amante, & não amado. A. 6. E qual a do relogio representado na alma, & do relogio, que a representa. A. 22. Qual a que ha entre o ir, & o vir da tentação. B. 2. E qual entre o edificar por edificio, & edificar por edificação. C. 4. Qual he a de cinzas mortas, & de cinzas vivas. C. 28. Qual he a que dà a doutrina do exemplo, & dà o livro. D. 34. Qual he a que vay da dor, que se não pòde dizer qual he; à dor, que se não sabe dizer o que he. D. 38. Qual he a que se dà entre espera, & esperança. E. 10. Qual he a que se dà entre a fortuna ouvida, & vista. F. 4. Qual he a que ha entre o mayor amor, & o mayor odio. F. 9. Qual a que se dà entre os pretendentes do governo do mundo, & do reyno de Deos. G. 15. Qual he a que ha entre o adoecer do corpo, & o adoecer da alma. H. 22.

Discurso. Dos gostos da vida, & da morte. G. 11. 12.

Dividas. Das que se devem a Deos se seguem muitos bens: & não das que se devem aos homens. D. 40. & deinceps. Se nós não apagamos as dividas dos outros; tambem as nossas ficaõ por apagar. G. 9. Não implica haver compra sem venda; se o que se compra he louvor devido. L. 14.

Dor. He a mayor, a que se não sabe qual he. D. 38. & deinceps.

Doutrina. Tem o seu fruto a que he boa, ainda sem brados, & sem vozes. B. 21. Tantos Mestres tem a que he boa, como a que o não he. D. 27. & deinceps. Ou seja Mestre o Prégador. D. 28. Ou o conselheiro. D. 29. & 30. Ou o exẽplo. D. 31. 32. & 33. Ou o livro. D. 34. & 35. Ou a pintura. D. 36. & 37.

Duraçaõ. He o mayor abono da mayor fermosura. F. 17. & deinceps.

E

Edificação. Quando a daõ os Exemplares da virtude; fazem, q̃ a dem os que imitaõ os ſeus exemplos. C. 3. Os que a daõ, nunca hão de deixar de ligar no edificio, em que edificaõ. E. 21.

Edificios. Arruinados os das virtudes; até as colunas, que os ſuſtentão, ficaõ debayxo das ruinas. C. 2. Aſſim como ligaõ no material as pedras, ligaõ no eſpiritual as virtudes. E. 20. & ulteriùs.

Emenda. Para ſer firme, naõ baſta que o ſeja dos actos da culpa; ſe o não for da ſua cauſa. E. 3. & ulteriùs.

Empenho. He muyto o que ſe faz para haver o mayor amor: & para haver o mayor odio, nenhum. F. 10.

Empreſtimo. Tambem ha louvores empreſtados. L. 16.

Enfermidade. Curaſe com anticipado remedio. E. 16. & ulteriùs. Como he ſingular a ſua preſervação. ibid. 18. Quaes ſaõ os viſitadores dos corpos, & das almas enfermas. H. 19 20. & 21.

Engano. Qual he o dos que cuidão, que o não querer bem, não chega a ſer querer mal. A. 25.

Enſino. Mais aproveita o obrado, q̃ o dado. E. 8. & ulteriùs.

Entendimento. Ha de lerſe, para ſe entender; & ſaberſe o que ſe entende: & não ſó, quando ſe lê, para entender; mas tambem, quando ſe lê para amar. L. 9.

Eſcandalo. Tanto ſe ha de zelar, que ſe não veja; como que não pareça, que foy viſto. E. 7. & ulteriùs.

Eſcravos. A vida, que vivem, não he a que parece, depois que morrem. C. 22. & 23. Não ha quem não poſſa ſer eſcravo: nem quem iſto meſmo não deva temer. E. 19. & deinceps.

Eſcrituras. Sobre as que ignoramos devem ſer os noſſos deſvelos. H. 17. Qualquer infermidade mortal, he eſcritura da mão de Deos contra nòs. I. 4.

Eſcrupulo. Quando ſe encontrou o da ambição com o do amor. B. 15.

Eſfera. A do corpo arrebata, & leva com ſigo a da alma. A. 23.

Eſmola. Como ſe ha de guardar o ſegredo, quando ſe fizer. E. 22. & ulteriùs.

Eſpada. He a lingua do murmurador, & eſta fere a tres. G. 2.

Eſpelho. Tambem o he o livro. D. 34. Huma virtude viſta, he hum eſpelho ſem cortina. F. 1. Como falla o eſpelho, & como o ouvem, ou não ouvem. L. 8. Tambem as lagrimas ſaõ eſpelho. L. 23.

Eſperança. Nas cinzas do juſto, tambem elle dá o ſeu fruto. C. 28. A da emenda, ainda quando a não ha, ſe póde fazer: & a quem a não tem, ſe lhe póde dar. E. 9. & deinceps.

Eſpirito. Tambem tem pezo, que ſe pèza com o do corpo. B. 13. O que he levantado, não influe em acções

acçoens bayxas.E.5. & ulteriùs. Tambem tem pezo, & balança, em que ſe pèza. E.11. & deinceps.

Eſpoſo. Humas vezes o he Chriſto, & a alma he a eſpoſa: & outras, a eſpoſa he a ſua Cruz; & o crucificado nella, o eſpoſo.C.34.

Eſquecimento. Não o tenhão do que forão, os que ſe vem hoje diverſos do que tem ſido.B.20.

Eſtatua. He o meſmo que eſtatura. A.17. Como podem os homens acreſcentar as ſuas eſtaturas.H.4. E como as pòdem diminuir. ibid.

Eſtrellas. Saõ os bons exemplos: & os bons conſelheyros.I.8.& 9.

Exame. Tam neceſſario he, para ſe fugir do mal, como para ſe lhe applicar o remedio.E.1.& deinceps. Como he vencido o Demonio no exame, que faz aos homens.I.10.

Exemplo. Como ſe diſtingue do Exéplar. D.31. Como eſtam os bons exemplos nos que os tomaõ.D.32. Não ſó os bons, mas tambem os maos, ſe achaõ por ſeu modo ſacramentados.D.33.

Exercicio. O das virtudes, não ha de ſer hum,& parecer outro.E.13. & ulteriùs.

F

Falſidade. Não ſe prova melhor com as teſtemunhas mais falſas.F.6.& ulteriùs.

Fama. Tambem a noſſa he neceſſaria para as dos outros.F.1. & ulteriùs. Nem por mais illuſtre, menos expoſta a ſer eclipſada.F.7. & deinceps.

Fermoſura. Não he a mayor, a de mais agrado: he a de mais duração.F.17. & ulteriùs.

Figuras. Quantas ſaõ as que entraõ, & ſaem, no theatro deſte mundo. L.16.

Filhos. Tambem ſaõ noſſos as noſſas obras. A.2. Atè os ſeus olhos ouvem, ſendo do pay os aviſos, que lhes daõ. A.11.& 12. Degenerão do amor da mãy, não amando aos filhos deſſa mãy, como a ſeus irmãos. A.21. Saõ os melhores, os parecidos com os melhores pays.F.15.& ulteriùs.

Fim. O do amor ha de eſtar no amado, poſto que o ſeu principio eſteja no amante.C.17. Sò no fim do caminho errado, acha quem o andou, que foy enganado.C.26. Nos que ſe abraçàraõ com a Cruz de Chriſto, ſempre ſe ha de ver a meſma, tanto no fim, como no principio. C.33. O noſſo melhor fim, fez Deos: & nòs fazemos o noſſo peyor. F.19. Quaes ſaõ os dous livros, que ſe lem no fim da vida: ambos grandes, & pequenos ambos.L.12.

Fineza. Qual foy em Deos a mayor: ſe darſe, para ſer de nòs amado: ſe para ſer viſto.A.1. Como deyxa de correſponder a noſſa à de Deos. A.3.& ulteriùs. Quando ſe iguala com o mayor amor, a que he mayor fineza.A.18. Paſſa de lanço de liberalidade a ſer fineza de amor, repartir Deos com-noſco daquillo, que nos perſuade a lhe pedir-

pedirmos a elle.B.14.O argumento da mayor fineza, he a mayor dependencia do amor.D.13. Não ſaõ para menos abominadas as do odio, que para mais celebradas as do amor. F.9. & ulteriùs. As de hum igual para outro, não ſaõ admiraçoens.H.20. Como ſe ha de attender ás finezas do amor, & ao amor das finezas.L.9.

Fortuna. Não a póde haver ſem perigo.B.8. Os que gozaõ a mais deſcançada, bem podem temer o mayor trabalho.D.1.Como queré parecer, que a tem, os que naceraõ ſem ella.E.5. He mais arriſcada quando dita, que quando lograda.F.4. & ulteriùs.

Fruto. Quando o dà o juſto no ſeu tempo.C.28. Do ſeu meſmo pò o póde tirar muyto grande cada hũ de nòs.C.31. Hum ſó, foy o verdadeyramente bemdito : & os malditos ſaõ muytos. F. 12. & ulteriùs.

Fugida. Para hum ſe não abrazar, primeyro ha de fugir do fugir, do que fugir do queymar.C.36.

Furto. Mais ſaõ os ladroens do prohibido, que do licito.F.18.& deinceps. Aſſim como a couſa furtada chama ſempre por ſeu dono; tambem chama ao ſeu merecedor, o louvor roubado.L.14.

G

Geraçaõ. Naõ eſtà ſem ella o peccado : & ſem ter raiz a ſua arvore, não deyxa de ter fruto.G.17. & deinceps. Qual he a ſua arvore,& quaes os ſeus ramos.G.18.

Goſto. Tam antigo he o do mando, como he o ſeu pezo.C.15. Com o do prato ſe tragaõ amarguras de fel.C.31. Não havendo na vida hum ſó perfeyto; na morte pódem conſiderarſe muytos. G 10. & ulteriùs.

Governador. Ha de ſer o ſeu governo para bem dos que governa.G. 3.& ulteriùs.

*Governos.*Os do mundo não ſaõ cruz, nem pezo, nem jugo: ſaõ enganos. G.15.& ulteriùs. E os de Deos tudo iſto ſaõ : mas ſempre ajudados por elle, os que os tomão.G.16.

Graça. A de Deos, he para os que a buſcão, de muyto preço : & de nenhum para os que ella buſca.G.6. & deinceps.

Grandeza. A da veneração, & reverencia do mundo, he huma das ſuas falſas bemaventuranças.B.8. Como , & quando ſe mede a do peccado. C. 7. A de hum grande amor , he fundamento de outro mayor.C.18. Ser hum grande, & deſprezar aos pequenos,he deyxar de ſer quem he. D.6. Quando ſe engrandece ao invejoſo, deixa de matar a inveja: & como.E.6.Quãto he mais proveytoſo o obſequio feyto a pequenos, & não a grandes.H.20.

Guarda. De ſi meſmo, tambem cada hum o póde ſer : & ſe o não for, póde guardarſe de ſi meſmo.G.14. & ulteriùs.

Guerra. Mayor he á do inimigo, que ouve a murmuração; do que a do inimigo murmurador. G. 1. & ulteriùs.

Guia. Não póde ſer boa, a que não he bem guiada. G. 13. & ulteriùs.

H

Habitos. Os da virtude ſaõ menos pezados, que os do vicio, & os do vicio mais facilitados, que os da virtude. H. 13. & deinceps.

Herança. A que ſe herdou de Chriſto na Cruz. D. 31. A dos bens temporaes, he o melhor bem, & peyor mal. H. 9. & ulteriùs. Qual he o mayor mal do grande bem da herança. H. 11.

Homem. Da inimizade cõ elle ſe eſquece Deos no Sacramento. A. 19. Qual he, o q̃ ſempre anda em roda. A. 22. Como de hum ſe fazem dous. C. 10. Como pòdem os homens ſer mortos eſtando vivos. C. 29. O dia do juizo dos homens naõ ſe ha de temer, nem emquanto juizo, nem em quanto dia. D. 11. Naõ deſcança no que faz, ſenaõ quando obra, como quem he. D. 16. & deinceps. Bem podem os homẽs ſer Autores, que demádem a Deos pela ſua graça. G. 9. Ha de ſer mais, & naõ menos, para ſer homem perfeyto. H. 3. & deinceps. Como podem os homens acrecentar as ſuas eſtaturas. H. 4. E como ſaõ mais os herdeyros dos bens tẽporaes, que dos eternos. H. 12.

Honras. Saõ para mais eſtimadas as acquiridas, & naõ as herdadas. H. 1. & ulteriùs. De humas, & outras foy Chriſto acredor. H. 2. Fugir dellas, he ir para ellas. H. 7. & deinceps. Mais appetecido he o intereſſe dos bens, que o das honras. I. 7. & ulteriùs.

Hora. Quanto nos importa não faltarmos à noſſa obrigação agora neſta hora. F. 12. Todos temos as noſſas horas. H. 8. & ulteriùs. E muytas das que ſaõ boas, ſaõ màs; & das que ſaõ màs, ſaõ boas. ibid. Tambem a tentação tem a ſua; aſſim como tem a ſua a morte. H. 16. & deinceps. Quanto ſe ha de temer a hora da morte, q̃ faz a lingua. L. 5. Na hora, em que ſe eſtà lẽdo; ha de entender o que lè, que o livro com elle entende. L. 10.

Horror. Naõ ha de ſer o mais temido, o do dia do juizo. D. 8.

Hoſpital. Não he lé o dos corpos enfermos, o que ſe ha de viſitar pela charidade dos ſaõs. H. 19. & ulteriùs. Tambem deve ſer aſſim viſitado o hoſpital da enfermidade das almas. ibid.

Humildade. Medida com o tempo de huma eternidade, & com o de hum inſtante de tempo. B. 15. Naõ he neceſſario encomendalla a quẽ della naõ tira a lembrança. B. 20. Tanto mais illuſtre fica a charidade, quanto o ſujeyto, a quem ella ſe faz, for mais humilde. H. 19.

Hypocriſia. Ainda ſendo tam grande mal, pòde ſer cauſa de muyto bem. H. 5. & ulteriùs. Como póde o fin-

o fingido exemplo do hypocrita cauſar, ou naõ cauſar mal. H. 6. Bem ſe póde condenar a hypocriſia, & louvar o hypocrita. ibid.

I

Idolatria. Tambem ſe dà ao Demonio, ou como adorado no ouro, ou na meſa. A. 15.

Idolos. Os animados, tanto andaõ retratados nos quadros, como nos coraçoens. D. 37.

Ignorancias. Tambem ſobre ellas ſaõ neceſſarios os noſſos deſvelos. H. 16. & 17.

Igualdade. Ha de ſer a meſma, a que he correcçaõ commua. C. 10. & ulteriùs. O mais fino amor faz iguaes os amantes, & os amados. C. 18.

Imagens. Tambem as noſſas obras ſaõ imagens noſſas. A. 3. Os noſſos olhos aggravaõ os da imagem de Deos. A. 4. Como chega a ſer nada a grande imagem do homẽ, começando a diminuir do muito, que he. H. 4.

Inferno. Ser a elle condenado, antes do juizo, póde ſer para bem, ou para mal do condenado. I. 23. & deinceps. Quaes ſaõ os infernos, a que naõ precede juizo. I. 25.

Infidelidade Quando, & como brotou da arvore do peccado. G. 20.

Inimigos. Tambem os ama Deos, ſem elles o amarem. A. 6. Naõ ſe perde porque ſe amaõ. A. 7. E ſe elles naõ amaõ, elles ſaõ os que perdem. ibid. Sempre devem ſer communicados, ainda depois de perdoados. A. 27. A contenda dos deſafiados, he mais perigoſa, que a daquelles, que deſafiaõ. B. 2. Como medirmos o perdaõ de noſſos inimigos, ha de medirnos Deos o noſſo perdaõ. G. 9. Saõ para mais temidos os encubertos. I. 1. & deinceps. Quanto for mayor o inimigo da virtude; tanto melhor a póde elle meſmo julgar. I. 9. & ulteriùs. O meſmo tempo do odio de noſſos inimigos, ha de ſer o do noſſo amor. I. 15. & ulteriùs.

Injuria. Quanto o ſeu perdaõ lhe tarda, tanto ella mais crece. I. 20. & ulteriùs. Como ſe poem Deos da parte dos injuriados. I. 21.

Injuſtiça. Qual he, a que ſe póde chamar monſtro. G. 19. Ainda os que a naõ conhecem, a ſentem. I. 5. & ulteriùs.

Innocentes. A ſua mayor gloria, quãdo ſaõ invejados, he a ignorancia do q̃ nelles deſcobre a inveja. F. 5.

Inſpiraçoens. Obraõ como taes, os aviſos dados com amor de pay. A. 9. Tambem os homens podem ſer Authores das ſuas inſpiraçoẽs; aſſim como Deos o he das ſuas. I. 8. & ulteriùs.

Intereſſe. Qual he o que ſe tira, depois de conhecidas as finezas, que ſe achaõ no odio. F. 11. O que intereſſaõ os governados por Deos. G. 4. & 5. Quaes ſaõ os cuſtos, & os intereſſes da graça. G. 8. Mais appetecido he o intereſſe dos bens, que o das honras. I. 7. & deinceps.

Inveja. Quam mal ſofre as mayorias alheyas nos que as não tem proprias.E.6. O invejoſo mais ſofre ver o bem alheyo poſſuido, do que ouvillo declamado.F.4. A inveja, & mais a ira, por deſcenderem de mayor antiguidade, communicaõ mayor maldade. G.18. Tanto póde matar, como morrer. I.13.& ulterius.

Invenção. Tanto monta como arte nos que daõ regras de querer mal, parecendo que as não daõ.A.28.

Irmãos. Naõ ſe amando huns aos outros, degeneraõ do amor da mãy.A.21.

Juizes. Haõ de poder, & temer: & naõ enganar, nem intereſſar.I.11. & ulterius. Qual ſerà a ſua deſgraça, ſe lhes faltar o valor.ibid.E quanto lhes ſeria muito melhor, naõ ter tanto poder.ibid. Naõ haõ de olhar mais para as partes, que para os autos, ſe quizerem achar a juſtiça das cauſas.I.18.& 19.

Juizo. Por juſtos juizos de Deos, nos póde elle deyxar, vendonos ſem eſperãça de darmos o noſſo fruto. C.29. Qual he o mayor temor do juizo do dia.D.10. Como ſe ha de olhar para o juizo do que fazemos conferindo o que ſomos.D.16. Tambem o Demonio tem juizo, em que pèza, & julga.I.10. O que cada hum faz de ſi meſmo, acrecenta o temor ao juizo, que Deos delle faz.I.26. & deinceps.

Juſtiça. Tanto riſco corre com a prova do que ſe ouvio, como do que ſe vio.E.1.& ulterius. Da divina ſempre ſe ha de ter todo o temor, ainda que os ſeus ameaços a naõ moſtrem toda.I.3.&ulterius.Quantas ſaõ as condiçoẽs da juſtiça, para ſe naõ fallar com ella aos julgados.I. 11. He muito arriſcada no julgador, que naõ ſe applica quanto póde, para a fazer.I.18. & ulterius. Como ſe naõ póde queyxar a juſtiça da liberalidade.L.18.

Juſtos. Qual he o pò, que elles metem debayxo dos pès.C.29.

L

Laços. Quanto naõ devem ſer temidos os do mao coraçaõ.C.14.

Ladrões. Mais ſaõ os do furto prohibido, que os do licito.F.15. & deinceps.

Lagrimas. Mais obraõ as derramadas em ſegredo, que no publico.A. 10. Tiraõ huma viſta, & daõ outra.L.20.& ulterius. Tiraõ a viſta do corpo,& daõ a viſta da alma. ibid. Fazem dar volta a duas vidas.L.23.& ulterius.

Ley. A de Deos mais riſcos tem de ſe não guardar por erros dos noſſos paſſos, que por deſcuidos das mãos.A.17. Ha de guardarſe por regras da razão, & não por arte.A.28.

Lembrança. A da amizade perdida, pela reconciliação ha de ſer deyxada.A.20. A mais neceſſaria para o homem.B.19. Fica a culpa medida, quando he lembrada.C.7. 8.& 9.

8. & 9. O temor do juizo ultimo nos deſperta mais a noſſa lembrãça D. 10. A melhor repreſentação do Sol: & então a peyor lembrança. L. 25. & ulterius.

Letras. Mais riſco ha com ellas, que ſem ellas. L. 11. & ulterius. Aonde vão a parar todas as letras do mũdo. L. 12.

Liberal. Naõ he o mayor, o que dà tudo: nem o que dà a todos: nem o que dà ſempre: he ſó o que ſabe dar. L. 17. & ulterius.

Liberalidade. Naõ correſponde a noſſa para com Deos, à que Deos tem para com noſco. A. 2. He argumento da de Deos, perſuadirnos elle a lhe pedirmos nòs. B. 14. Se foy mais liberal em ſe dar todo, ou em nos dar tudo. L. 17.

Liberdade. Tambem ha tempo, em que atormenta; aſſim como a prizaõ tambẽ alivia em algum tempo. L. 13. & ulterius.

Liçaõ. Para naõ cairmos nós, como outros caíraõ. C. 8. Para naõ confiarem de ſi, os que de ſi tem demaſiada confiança. C. 11. Qual he reliquia da virtude, & qual do vicio. D. 34. Boa liçaõ, para ſe aprender a matar, ſem peccar. L. 13. Os que eſtudaõ as liçoens do amor, aprendaõ a amar aos q̃ lhes tiverem odio. L. 17. Naõ ſó ſe ha de entender o q̃ ſe lé; mas tambẽ ſabe ſe o q̃ ſe entende. L. 9. E tambem q̃ o livro entende com quem o lè, quando o eſtà lendo. L. 10. Liçoens para ſe ſaber dar. L. 14. & deinceps.

Lingua. He a mão, que tira do coraçaõ o mal, que tem. C. 12. Della ſe pòde dizer tudo o que ſe diz das maõs, pès, & olhos. E. 4. Como ſe confundem as linguas murmuradoras. G. 1. Se he mà, ou a havemos de temer como a morte: ou nos havemos de valer da morte, para a naõ temermos. L. 4. & ulterius. Naõ ſó mata muytas vezes: mas tambem mata aos que jà matou. L. 5.

Livro. Naõ he menos meſtre, que o exemplo. D. 34. He hum mudo, que falla, & naõ ſe ouve. L. 8. & ulterius. E o que elle diz a quem o lè. L. 9.

Louvores. Antes comprados, que empreſtados. L. 14. & deinceps. A eſtimação do verdadeyro louvor, toda eſtá em fallar verdade o louvador. L. 15. Naõ ſó por grandes em ſi, mas tambem por muytos em numero, ſaõ os louvores mais eſtimados, ou invejados. L. 16.

Lucro. Para ſer grande o noſſo, ha de entrar Deos com o ſeu. L. 3. & deinceps. E naõ ſó os homens chamaõ para iſſo a Deos: tambem Deos os chama a elles para iſſo meſmo. ibid.

Lugar. Nenhum dos goſtos da vida tira o lugar à pena, nem enche de goſto. G. 11. & deinceps. Que ſẽtimento cauſaõ as deſigualdades no meſmo lugar. I. 5.

Luminoſos. Os que melhor luzem em ſi, eſſes attendem mais às luzes dos outros. L. 1. & ulterius. Principalmente

cipalmente ſendo Reys, & Prelados os luminoſos. L. 2.

Luz. A ſua falta não he o mayor aumento da pena. D. 8. Todo he luz, & não tem occaſo o dia, em que ſaõ vencidos os inimigos da alma. D. 19. & ulterius. Mais depreſſa ſe deyxa de luzir por falta de honra, que por falta de bens. I. 7.

M

Mãy. Naõ tem filhos legitimos, a que não he mãy legitima. A. 2. Como ſaõ Mãys a Republica, & a Cõmunidade. I. 1.

Mal. Sempre o vem a querer, quem cuida que o não quer, ſe enſina a querer mal com capa de bem. A. 26. Tal he a ſua repartição das màs obras, como he a do bem das boas. B. 16. O mal do peccado, como ſe lhe toma a medida. C. 7. Quando, & como damos nòs o mal aos noſſos dias. D. 21. E quam perniciofo he, o que tem feyto as reliquias das liçoens profanas. D. 34. Nunca ſe cura bem nos effeytos, ſe o não he na cauſa. E. 4. O mal da morte não he o mayor; porque ſe experimenta. G. 12. Como he certo o mal do hypocrita, & o bem do que o não he. H. 5.

Maldiçaõ. Tambem he mal da herança. H. 10.

Mãos. Menos por ellas, que pelos pès ſe vicião as noſſas acçoens. A. 17. A mão do relogio vay a caminho por fóra, ſe por dentro não ſe deſordenão primeyro as rodas. A. 22. Mas na alma, emquanto relogio por repreſentação, primeiro ſe deſordena a mão por fóra, & então ſe deſécaminhão as ſuas rodas por dentro. ibid. As mãos do liberal, que faz o beneficio, não hão de olhar para as mãos do ſujeyto da liberalidade, que o recebe. B. 18. Primeyro ha de ter mão em ſi, para ter mão no edificio do eſpirito, aquelle, de quem o hárão. C. 3. Quem tem mão para fazer mal por bem: & o que a tem para fazer bem, dà bem por mal. C. 13. Muytos caſtigos da mão de Deos, não parecendo caſtigos, não ſaõ outra couſa. C. 19. & ulterius. Como guarda a mão eſquerda o ſegredo da direyta. E. 22. E como tem as mãos olhos, que poſſaõ ſer olhados. E. 24. Como eſtá na noſſa mão termos o perdaõ de Deos. G. 9. Quando fazem as mãos o meſmo caminho, que faz a boca. I. 12. Tambem a lingua tem mão. L. 4. A meſma mão bem póde no meſmo tempo ſer liberal, & mais juſta. L. 18.

Mar. He como o ſeu coraçaõ, o coração mao. C. 13.

Medicina. Como cura a eſpiritual as enfermidades de pès, & mãos. E. 9. & 10.

Medida. A do amor de Deos he a ſua liberalidade. A. 1. Naõ he certa a q̃ ſe dá da averſaõ com excluſiva do odio. A. 25. Arriſcaſe a virtude, ſe o zelador não toma por ſi meſmo as medidas do zelo. C. 1.

Quaes

Quaes ſaõ as medidas da mayor dor. D. 38. Qual he o cuſto da graça emquanto peza da, & medida. G. 7.

Memoria. Quando faz ſuſpeytoſo ao amor. A. 19. A da diſcordia não póde eſtar com o final da paz. ibid. He a memoria balança da pena, havendo companhia perdida. C. 37. Quando poem a morte diante dos olhos. C. 38.

Mercador. O das ſuas adoraçoens, tanto as quer grandes, como apreſſadas. A. 16.

Merecimentos. Tanto mais pezaõ na balança da conta; quanto as affrontas, que os grangeaõ, tem mais pezo. A. 21.

Meſtres. Aſſim como ha meſtres inteyros, tambem ha meyos meſtres. D. 28.

Miſſa. O ſeu ſacrificio póde parecer hum, & ſer outro. E. 14.

Morte. Quando he caſtigo dos pays, ſendo dos filhos. C. 20. & 21. Qual he a dos olhos. C. 37. Morrer por amar, & ſó por amar querer morrer, he fineza ſem igual. F. 9. Quaes ſaõ os goſtos perfeytos da morte. G. 10. & ulterius. Não ha herança ſem morte. H. 9. & 10. Aſſim como ha horas de morrer, tambem ha horas de tentar. H. 16. & ulterius. Ha de temerſe a mà lingua, como a morte: ou ſe ha de morrer, para não ſer temida. L. 4. & ulterius. E mata aos q̃ jà matou. L. 5.

Mortos. Tambem parece, que ouvé, quando os mandam levantar os milagroſos. A. 12. Ninguem ſe fie do mundo crucificado, & não morto. C. 25. As cinzas dos bons ainda ſão vivas, depois delles mortos. C. 28. & ulterius. He hum morto reſuſcitado hũ peccador emendado. C. 31. São como mortos de veneno, os que morrem por auſencia da companhia, que perderão. C. 38. Quando, & quanto importa, que nos hajamos como mortos. I. 14.

Mudo. Não o ha de ſer, quem dà o aviſo; nem ſurdo, quem o ouve. A. 11. Deixa mudo, & ſurdo o perdão, que não he inteyro. A. 27. He o livro, hum mudo, que falla. L. 8. & ulteriùs. E entende com quem o lè, na hora, em que o eſtà lendo. L. 10. Atè os mudos publicam o louvor merecido. L. 14.

Mundo. Os ſeus ditoſos devem de aprender a não ſe fiarem das ſuas felicidades. B. 7. Eſtas ſam as ſuas bemavẽturanças, & todas falliveis. B. 8. & ulterius. Como de hum mundo ſe fazem dous. C. 10. Quẽ o deyxou, ha de andar afaſtado delle. C. 25. Qual he o caminho dos q̃ nelle vivẽ. C. 27. Os grandes do mundo não ham de franquear a ſua preſença mais a huns, que a outros. D. 6. Nas fermoſuras do mundo, o ſeu agradar, he attrahir, para acabar. F. 17. Naõ ha quẽ nelle não poſſa ter horas boas, & màs no meſmo tempo. H. 8. He o mundo hoſpital de corpos, & almas. H. 22. Os que deyxàrão o mũdo, não temem entrar em exame com

com os ſeus inimigos. I. 10. Como ſe ha de morrer ao mundo, para ſe não morrer da mão da lingua. L. 7.

Murmuraçaõ. Faz o que faz a agua. F. 7. E ainda melhor a que ſae clara da fonte, ſe de fóra lhe impoem a murmuraçaõ. ibid. & ulterius. Mayor guerra he a do inimigo, q̃ ouve a murmuraçaõ; do que a do inimigo murmurador. G. 1. & ulterius.

N

Nada. Do que Deos fez o barro de Adam, he bem que ſe lembre o homem. B. 19. Como ſe póde ſer duas vezes nada. ibidem. Tambẽ o nada ſe pèza. E. 11. Como ſe obriga Deos a dar-nos a ſua graça, dando nós hum noſſo nada. G. 8. Como chega o homem a ſer nada. H. 4.

Nauſragio. O da bonança do mar das culpas he mais certo, que o da tormenta do mar das ondas. B. 17.

Neceſſidade. He preciſa a de hum de tres modos de ſer amado. A. 7. & 8.

Negocio. Tambem o podemos fazer com Deos. G. 6.

Nodoas. Quanto tempo duraõ as das injurias no roſto dos injuriados. I. 22.

Nome. Para o bom ſe eclipſar, baſta que as ſombras lhe venhaõ de fóra. F. 7. O bom nome do pay deſluſtraſe pelo mao nome do filho. F. 15.

Numero. Quam limitado he o numero dos condenados ao inferno por ſi meſmos. I. 24. E qual he o inferno a que ſe condenaõ os deſte pequeno numero. I 25.

O

Obras. Tambem as noſſas ſaõ noſſos filhos. A. 2. E tambem noſſas imagens. A. 3. Para não perigarem as boas eſtà nas mãos o remedio. A. 17. Nas do verdadeyro amor, tanta parte tem o amado, como o amante. B. 15. Na repartição das mas, melhor he que o Demonio leve antes todas, que parte dellas. B. 16. Naõ he o meſmo obrar ſempre bem, que deſobrigarſe de obrar cada vez melhor. D. 16. Aſſim como as noſſas obras ſaõ filhos, & nòs os ſeus pays; tambẽ ellas ſaõ pays, & nós os filhos. F. 15

Obrigaçaõ. A que depende de dous obrigados, faltando da parte de hum, falta da parte de ambos. F. 15. Como por hum noſſo nada ſe obriga Deos a dar-nos a ſua graça. G. 8.

Obſervancia. Os eſtudioſos da ciencia, tambem o devem ſer da obſervancia. L. 11.

Odio. Naõ deyxa de o ſer, a averſaõ, que parece que o exclue. A. 25. Como ſe póde dizer, que a alma o tem a ſi meſma. E. 19. Tambem tem ſuas finezas. F. 9. & ulteriùs. Ainda ſẽdo mais pezados os ſeus habitos, q̃ os do amor; facilitaõ mais os ſeus actos. H. 13. Larga controverſia de razoens en-

tre amor,& odio.I.16.& ulterius.
Offertas. Quem as faz, he o que primeyro ſe rende, & não quem as recebe.D.25.
Olhos. Os dos homens aggravaõ os de Deos.A.4. Ha tempos, em que não ſaõ para ver, & ſaõ para abrir. A.18. Naõ livraõ do ſeu exame os ſegredos da alma. A.24. Naõ baſta lembrar que ſaõ barro, aos que trazem os olhos no barro, que ſaõ os outros. B.20. Vivem os olhos do ſeu ſuſtento, aſſim como nós vivemos do noſſo.C.37.Ainda o que ſe vè com os olhos, neceſſita de exame, para ſe acertar a juſtiça. E.2. & deinceps. Naõ baſta obrar com os olhos em Deos, ſe as mãos não dizem com os olhos.E.21.Como olhão os olhos de Deos, & os dos homens.L.1. No meſmo tempo, em que ſe perdem as viſtas dos olhos do corpo, ſe vaõ dando as viſtas dos olhos da alma.L.22. E quanto ſe eſtimaõ mais as viſtas, que o corpo perde, que as que a alma lucra.L.24.
Opiniaõ. Naõ he a que deve ſer,ſem tres circunſtancias, para que o ſeja.F.2. & 3. Naõ livraõ de mal opinados,ainda os mais puros.F.8.
Oppreſſaõ. Nas ruinas do edificio eſpiritual, os primeyros opprimidos ſaõ os mayores: os pequenos depois.C.2.
Oraçaõ.Qual fica,a que naõ for luz. E.13.
Ouvidos. Tanto delles, como dos olhos dependem os bons ſucceſſos dos aviſos.A.11. Se elles naõ ouvem ao inimigo perdoado; naõ ajuſtou o amor a medida do perdaõ. A.27. Aſſim como ha ouvidos de ouvir, tambem ha olhos de ver.B. 21. Nos amadores da coroa, melhor ſe ouve o mais mando, que a mais vida.C.15. Mais provoca aos invejoſos a fortuna alhea ouvida, do que viſta F.4. Com os ouvidos abertos tambem ſe confundem as linguas murmuradoras.G.2.

P

Pay. O enſino, com que corrige aos filhos, he vida, que inſpira. A.9. A ſua companhia he huma das apparentes bemaventuranças do mundo.B.9 A ſua definiçaõ he o ſeu filho.F.15.& 16.
Palavras. As do mao conſelheyro, ainda quando encaminhaõ para Deos, levaõ para o Demonio.D. 30.
Paõ. A ſua abundancia, he huma das fallivei bemaventuranças do mundo. B. 8. Com m nos luz bem ſe póde viver, mas não com menos paõ.I.7.
Paraiſo. Logo lá começàraõ os aggravos da imagem de Deos feytos pelos homens.A 4. E tambem começou o mal da inveja, & mais da ira.G.18.
Parte. Ao Demonio, antes todo, do que parte do mal das màs obras. B.16.
Partos. Quaes ſaõ os dos peccados, & tambem as ſuas conceyçoens.

G.17.& deinceps.

Paz. O abraço da preſente não póde eſtar com a lembrança do aggravo paſſado.A.19.

Peccado. Como ſe lhe toma a medida.C.7. Tanto monta não querer peccar, como não querer adoecer.E.17. As deſculpas ſem deſculpa dos peccados.G. 17. Como ſe parece a herança com o peccado original.H.11. E como he repreſentaçaõ do mal do mayor inimigo. H. 12. O que fazem as lagrimas choradas por peccados,& deyxaõ de fazer as outras lagrimas. L. 21.

Pena. Quem a não teve, quando cahio na culpa, teve-a, quando ſe lembrou, que cahio.C.9. Qual he a pena inteyra, ou cheа.G.10.& 11.

Perda. Nenhũa tem o amante não amado. A. 7. E muyta o amado não amante.ibid. E muytas vezes tanta tem hum como outro.ibid. Póde-a ter quem mal ama: aſſim como a não terà, quem bem aborrece.A.26. Os hypocritas quanto fingem, tanto perdem.H. 5.

Perdaõ. Naõ baſta eſtar dado, para o inimigo não ſer communicado. A.27. Quando he inteyro,& quãdo não. ibid. Como eſtá na noſſa mão termos o perdaõ de Deos.G.9.

Perigo. Naõ livraõ delle os beneficios, nem ainda depois de poſſuidos.B.7. Quantos perigaõ na ignorancia, ſobre a qual ſe não deſvelaõ. H.18.

Perſeguiçaõ. Saõ perſeguidos os afortunados, ainda ſem ſaberem que o ſaõ.F.5.

Pès. Mais nos ſeus torcidos paſſos, que nas obras das mãos, ſe vicião as noſſas acçoens.A.17. Se nos levantarmos ſobre os noſſos pès de barro, poderà quebrallos Deos com inſtrumento de ferro. C. 30. Crucificado de pès, & mãos ha de ſer viſto na Cruz de Chriſto, o que nella for crucificado.C.33. Como tem pès o eſcandalo. E.7. Como ſe hão de curar os paſſos dos pés torcidos.E.10.

Petiçaõ. Para ir em fórma, primeyro ha de levar no principio o querer de quem dà, & depois o querer de quem pede. L.19.

Pezo. O do premio ha de ſer, como tiver ſido o do perdaõ.A.21. O do corpo he oppreſſaõ da alma. A.23. Contenda do pezo na balança cõ o pezado.B.12. Quem jà o tomou ao caſtigo, não ha de querer, que o tomem outros. C. 1. & ulterius. Não he o mayor, o que mais avulta. E.11. Como ſe pèza a graça de Deos.G.6.

Pintura. Tambẽ he meſtre de boa,& de má doutrina.D.36.& deinceps. Como ſe póde moſtrar em pintura o governo, que devem fazer os que tem mando no mundo.G.5.

Pò. Tanto nos devemos lembrar do pò, que ſomos, & havemos de ſer, como do que fomos antes de ſer barro, & depois de o termos ſido. B.19.E menos pò ſomos depois, do

que eramos antes, conſiderando o barro, que ſomos. C. 8. Quando nos diz a Igreja, que ſomos pò, lébranos que ſomos cinza. C. 28. Do ſeu meſmo pò pòde cada hum tirar muyto fruto. C. 31.

Portas. Quando ſe abrem aos olhos, fica examinada a alma. A. 22.

Prègador. Para ſer bom Meſtre, não baſta que os ouvintes o digaõ: he neceſſario, que elle o ſeja. D. 28. Saõ os Prégadores os que viſitaõ os hoſpitaes de almas enfermas. H. 21. & 22.

Prelados. Os ſeus mãdos não ſaõ verdadeyras bemaventuranças. B. 11.

Preſença. A ſua falta he a cauſa de não obratem os aviſos. A. 11. A que Chriſto tem nos enfermos ſemelhante á que tem no Sacramẽto. H. 20.

Preſervaçaõ. O ſeu bem, he o que aperfeyçoa os bens todos. E. 17.

Preſſa. He notavel a do Demonio, quando para ſer adorado, quer ſer mercante. A. 16.

Priſoens. Eſtando nellas o amado, ha de ir a meterſe nas meſmas o amante. A. 13. Só no mayor amante ſe tem viſto ir para as priſoens do amado. A. 14. Quando eſtà o peccador no meſmo tempo preſo, & ſolto: & o juſto glorioſo, & preſo no meſmo tempo. L. 13.

Proximo. Qual he o verdadeyro. E. 8. & deinceps.

Q

Quedas. Tanto montaõ como culpas: & porque ſe chamaõ as culpas quedas. A. 17. Depois do peccador cair, entam ſe lhe medem as quedas. C. 7. E como reſuſcitaõ as paſſadas. C. 9. Antes da cautela da queda, ha de haver cautela da ida para ella. C. 36. Qual he a queda dos que ſe elevaõ nas liçoens de livros profanos. D. 35. Ha quedas de alguns cegos com deſculpa, & de outros com nenhuma. D. 37. Como fazem cair as riquezas. I. 9.

R

Raizes. Saõ de arvore, que as tem, as cinzas, que ſaõ do juſto. C. 29.

Reconciliação. A do homem com Deos, faz eſquecidas as culpas, & lembradas as finezas. A. 20.

Regras. As do Demonio ſaõ as da arte do querer mal. A. 25. Regras da liberalidade, para que ſe não duvide, quando ſe ha de dar. L. 19.

Reynado. Atè o que ſó tem delle o nome, he perſeguido. B. 5. Quanto deve ſer mais eſtimado o viver, q̃ o reynar. C. 15. Como ha entre nòs reynado de Deos, & reynado do Demonio. I. 23.

Reys. Os ſeus mandos não ſaõ verdadeyra bemaventurança. B. 11. Quanto pèza a ſua coroa. C. 15. Reger a outros, & não ſer para ſeu bem, he mais mandar, que governar. G. 3. & deinceps.

Relampago. A melhor ſemelhança da vaidade. E. 12.

Religiaõ. Degeneraõ do ſeu amor de Máy, não ſe amando como irmãos

mãos os ſeus filhos. A. 21.

Relogio. Repreſentaçaõ da alma, tanto por dentro, como por fóra, A. 22.

Remedio. Eſtà nas noſſas mãos, para ſe não viciarem as noſſas obras: & não nos pès, para ſe não viciarẽ os noſſos paſſos. A. 17. Como ſe entende o que Chriſto aconſelha, para ſe tirar o eſcandalo. E. 3. Quẽ applica o da enfermidade, tambem ha de fazer a eſperança da ſaude. E. 9. Qual he o anticipado para a enfermidade. E. 16. & ulterius. Tambem pòde aproveytar, ainda vindo fóra de tempo. H. 18.

Repartiçaõ. A do amor de Deos com tanto para o amado, como para o amante. B. 15. E na das màs obras, melhor he que o Demonio antes leve todas, que parte dellas. B. 16.

Reprehenſoens. As que ſaõ conſelhos tem mais ſeguro effeyto, ſe as dá o Superior, do que ſe outros as daõ. A. 9.

Retrato. O de Deos he a ſua imagẽ: & como. A. 1. Como retrata o amor. D. 36. E como enſinaõ a retratar as imagẽs dos Santos. ibid. Qual he o retrato de Governadores. G. 3. & 4. E quaes os retratos de Prelados. G. 5.

Reverencia. A dos grandes do mundo, he hũa das ſuas falliveis bem-aventuranças. B. 8.

Riqueza. He huma das falſas bem-aventuranças do mundo. B. 10. Como perigaõ as almas dos ricos com as ſuas riquezas I. 9.

Riſcos. Ham de ſer tantos, quantos forem os talentos. B. 7. Vay muyto arriſcado por dous caminhos encontrados. C. 26.

S

Sacramento. Huma ſemelhança da aſſiſtencia de Chriſto no Sacramẽto. D. 32. Mais outra. H. 20. Chriſto no Sacramento o mayor liberal. L. 17.

Salvaçaõ. Como ſe ſalvão, & perdem amantes, & amados. A. 7. & 8. Ainda póde faltar, depois do ſeu ſeguro aconſelhado pelo Salvador. D. 4.

Santo. Sendo grande mal, não ſer, & parecer Santo, ainda he mayor, nem o ſer, nem parecello. H. 6.

Saõ todo. Porque elle falta nos aviſos, que ſe mandam dar por outro, ſaõ mais uteis os aviſos, que o Prelado dà por ſi meſmo. A. 10. Não livrão do exame dos olhos os ſegredos da alma. A. 24. O ſegredo, que com o mao exemplo attrahe, mais eſtá no attrahido, do que nelle. D. 33. Quanto importa aos avarentos a intelligencia dos ſegredos da mão eſquerda acautelados da direyta. E. 22.

Seguimento. Naõ he forçado o do mao exemplo. D. 33.

Sentimento. Melhores lagrimas cauſa o ſentimento proprio, que o delegado. A. 10.

Sepulcro. Tambem o coſtuma ſer o coraçaõ. C. 39.

Serviço. Qual hà de ſer o dos mais finos amantes. C. 16. Mal pòde

ſer

ſer ſervo do amado, o que for ſervo de ſi. ibid.

Sinal. Naõ póde ſer de amizade reconciliada, o que lembra a inimizade antiga. A. 19. O exterior do corpo he imagem do peccado interior da alma. A. 24. Sem haver ſinaes, que moſtrem o mao caminho, elle meſmo ſe dà a conhecer aos que o andaõ. C. 27.

Sofrimento. Se ha de ſer commum, naõ ſe ha de izentar delle algum particular. C. 10.

Sombra. Para eclipſar ao bom nome, baſta que ella lhe venha de fóra. F. 7.

Sono. O ſeu grande deſcanço naõ diſta muyto do mayor trabalho. D. 2. & 3.

Subdito. He hum filho reſuſcitado, depois de emendado. A. 12.

Subida. Ha de eſtar com decida em amados, & amantes. C. 18. Tanta deſordem he decer o que he mais a ſer como o que he menos; como he ſubir o que he menos a ſer como o que he mais. I. 6.

Succeſſos. Muis os ſeguraõ os aviſos feytos pelo Superior, que mandados fazer por outro. A. 9.

Surdos. Tambem como os cegos ſe pòdem converter, ſem huns ouvirem, nem os outros verem. B. 21.

Suſtento. Tambem ha famintos do ſuſtento da alma, aſſim como os ha do ſuſtento do corpo. F. 13. E o Prègador he hum dos que adminiſtraõ eſte ſuſtento. D. 28.

T

Temor. Naõ ha favorecidos que o não devaõ de ter. I. 7. Qual ha de ſer o do mao coraçaõ. C. 13. E qual o mais temido. D. 1. & deinceps. Qual he o menor temor do dia do juizo. D. 7. 8. & 9. O que ſe deve mais temer, he ſer a meſma hora boa, & mà no meſmo tempo. H. 8. Quanto o juiz ſe vir com mais poder, entam deve temer mais. I. 11.

Tempo. Qual he o da medida das quedas, que ſaõ culpas. C. 8. Para não ſer tam horrivel o fim da vida, não nos fiemos nas deſculpas do tempo. F. 12. O meſmo tempo do odio de noſſos inimigos, ha de ſer o do noſſo amor para elles. I. 15. & deinceps.

Tentaçaõ. Quem a vay buſcar, jà vay diſpoſto para ſer della vencido. B. 3. A mayor de todas, he o não ſer tentado. B. 4. Mais temida deve ſer a hora da tentaçaõ, que a hora da morte. H. 16. & deinceps.

Tentados. Saõ mais arriſcados os q̃ buſcaõ a tentaçaõ, do que os buſcados por ella. B. 2. Qual foy o mayor tentado, o mayor tentador, & a mayor tentaçaõ. B. 4. A ſua mayor reſiſtencia he a diſtancia do tentador. C. 25. Mais tem o tentador, que vencer, quando nos tentados acha duas reſiſtencias, & não huma ſó. C. 36. Primeyro os tentados haõ de olhar para ſi, & logo deſpedir a quem os tenta. D. 25.

Naõ

Naõ ſó os tentados tem liçoens para reſiſtir ao tentador: mas tambem as tem o tentador, para fazer cair aos tentados. D. 35.

Teſtemunhas. Tambem as de viſta enganaõ, aſſim como as de ouvida. E. 2. & ulterius. As mais falſas não provaõ melhor a falſidade. F. 6. & deinceps.

Theſouro. Do que tem mao coraçaõ he a mão, com que tira o mal, que tem; a lingua, com q̃ falla. C. 12.

Trabalho. Ainda logradas ſem elle as riquezas do mundo, naõ ſaõ verdadeyras bemaventuranças. B. 10. No das noſſas obras quer Deos tambem ter parte. B. 14. Ha de temerſe o mayor no mayor deſcanço D. 1. & ulterius.

Trevas. Succedem humas a outras, no dia em que huma alma ſe rendeo às ſuas culpas. D. 20.

Triſteza. Para ſe evitar a alhea, faz o mao deſejo padecer a propria. D. 5.

Tumulos. Quaes ſaõ os de cinzas mortas de homens vivos. C. 29.

V

Vaidades. As que eſtaõ para vir de futuro, jà tem vindo de preterito. D. 12. As que pezaõ para bayxo, ſaõ as de mayor mal. E. 12.

Vara. Qual he a q̃ mede a graça. G. 7

Vendas. Tambem ſe fazem de adoraçoẽs, aſſim como dellas ſe fazem compras. A. 16. Huma murmuraçaõ, he o meſmo que huma venda. G. 2. Como póde aver compra ſem venda. L. 14.

Vento. Qual he o pò, que elle leva. C. 29.

Venturas. Quaes ſaõ as que o mundo canoniza por bemaventuranças. B. 8. & ulterius.

Verdade. A prova da falſidade, ha de parecer verdade. F. 6. Tambem a verdade ſe póde comprar. L. 15. E ſempre ſomos compradores da verdade do louvor, ſe o louvor he com merecimento comprado. ibid.

Vicios. Quando elles nos tentaõ, & buſcaõ, jà vem diſpoſtos, para nòs os vencermos. B. 3. Andaõ entre ſi ligados, aſſim como entre ſi andaõ ligadas as virtudes. C. 6. Como ſe haõ de curar os de olhos cegos, os de mãos tolhidas, & os de paſſos deſencaminhados, ou torcidos. E. 10. Os habitos do vicio ſaõ mais pezados, & tambem mais facilitados, que os da virtude. H. 12. & ulterius.

Vida. Qual foy a vida da arvore, taes ſaõ as ſuas cinzas. C. 29. A do deſpoſado com a Cruz de Chriſto, ſe não for a meſma no fim, que no principio, parecerà divorcio. C. 35. O ultimo dia da vida, naõ he o mais temido. D. 9. O que dizem os mortos da pena da morte, depois de lograrem os goſtos da vida. G. 11. Como ſe póde ver em caſa o inferno, em que nella ſe vive. I. 25. Para ſe não temer a morte, que faz a lingua, ha de morrerſe da morte, que faz acabar a vida, antes de morrer. L. 6. Que livros ſaõ os que ſe lem no fim da vida:

vida: ambos grandes, & pequenos ambos. L. 12. Fazem as lagrimas dar volta a duas vidas. L. 23.

Virtude. Por ſi meſma ſe ha de dar a ver, & por ſi meſma ſe ha de cõmunicar. B. 1. & ulterius. Nos edificios das virtudes, haõ ſe de ter mão humas às outras. C. 4. O exercicio das virtudes não ha de ſer hũ, & parecer outro. E. 13. & deinceps. Naõ ſendo perfeytas, não fazem edificio. E. 21. A imitaçaõ da virtude he furto licito. F. 18. & ulterius. Qual das virtudes he a que mais neceſſita de guarda. G. 14. Quanto for mayor o inimigo da virtude, tanto melhor a pòde elle meſmo julgar. I. 9. & deinceps.

Viſaõ. Tambem no mundo a tiveraõ os homens de Deos. A. 1.

Viſtas. Póde tirallas o amor, para inflammar mais o coraçaõ. A. 18. Huns não vem, porque choraõ: outros choraõ, porque vem. L. 22.

Uniaõ. Naõ he impoſſivel entre o ver, & o cegar. A. 18.

Vocaçaõ. A's noſſas dividas devemos a noſſa vocaçaõ. D. 42.

Vontade. Por falta de hũ não querer, chega-ſe a enfermar. E. 18. O impedimento das ſuas inclinaçoens ao bem querer, he pezo, que lhe reprime o ſeu querer bem. H. 14. Requerer ſem reſpeitar primeyro a vontade de quem ha de deſpachar; he não ſaber pedir. L. 19.

Voos. Os do mayor amor nos mayores amantes, mais ſaõ para levar à priſaõ, que para dar liberdade. A. 13.

Z

Zeloſo. Naõ pòde reſponder, quando o convencem com as meſmas razoens do ſeu zelo. C. 1. Tanto ſe ha de zelar, que ſe não veja o eſcandalo, como que não pareça, que foy viſto. E. 7. & ulterius. Os famintos da virtude dependem do zelo de quem a enſina; aſſim como os do ſuſtento, de quem o adminiſtra. F. 13. Quanto zela Deos o deſaggravo do noſſo proximo. L. 21.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

FIM.

FIM.